

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

EDUARDO CESAR RASCOV

Memorial da América Latina 33 anos depois:
da integração sonhada aos dilemas contemporâneos

Versão corrigida

São Paulo
2023

Eduardo Cesar Rascov

Memorial da América Latina 33 anos depois:
da integração sonhada aos dilemas contemporâneos

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Integração da América Latina da
Universidade de São Paulo para obtenção do
Título de Mestre em Ciências

Linha de Pesquisa: Comunicação e Cultura

Orientadora:
Prof^a Dra. Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R222m RASCOV, EDUARDO CESAR
MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA 33 ANOS DEPOIS: DA
INTEGRAÇÃO SONHADA AOS DILEMAS CONTEMPORÂNEOS /
EDUARDO CESAR RASCOV; orientadora LISBETH RUTH
REBOLLO GONÇALVES - São Paulo, 2023.
336 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação
Interunidades em Integração da América Latina. Área
de concentração: Integração da América Latina.

1. HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA ver HISTÓRIA
LATINO-AMERICANA. 2. POLÍTICAS PÚBLICAS. 3.
INSTITUIÇÕES CULTURAIS . 4. MEMÓRIA CULTURAL. 5.
IDENTIDADE CULTURAL. I. GONÇALVES, LISBETH RUTH
REBOLLO , orient. II. Título.



Universidade de São Paulo – PROLAM USP
Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE
Termo de Ciência e Concordância da orientadora

Nome do aluno: EDUARDO CESAR RASCOV

Data da defesa: 8 de maio de 2023.

Nome da orientadora: Profa. Dra. Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

Nos termos da legislação vigente, declaro ESTAR CIENTE do conteúdo deste EXEMPLAR CORRIGIDO elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me plenamente favorável ao seu encaminhamento e publicação no Portal Digital de Teses da USP.

São Paulo, 13 de junho de 2023.

Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

Eduardo Cesar Rascov

Memorial da América Latina 33 anos depois:
da integração sonhada aos dilemas contemporâneos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Integração da América Latina da
Universidade de São Paulo para obtenção do
Título de Mestre em Ciências

Linha de Pesquisa: Comunicação e Cultura

Orientadora:
Prof^a Dra. Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

Aprovado em: 08/05/2023

Banca Examinadora:

Prof^a Dra.(Orientadora) Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves - Prolam/USP

Profa. Dr. Yanet Aguilera Viruez Flanklin de Matos - História da Arte/ Unifesp

Prof. Dr. João Paulo Garrido Pimenta - FFLCH/USP

**AOS FUNCIONÁRIOS DO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
ONTEM, HOJE E AMANHÃ**

Agradecimento

Este trabalho não se realizaria sem o apoio constante e a orientação segura da professora Lisbeth Rebollo. À sua enorme contribuição pela causa latino-americana, se soma esta história do Memorial da América Latina que, sem ela, nem teria nascido. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina por acolher o meu projeto e à Universidade de São Paulo, que me formou na graduação e continua a ser o meu elemento - atmosfera em que melhor respiro e ambiente que enriquece minha vida espiritual. E, claro, ao Memorial da América Latina que, 23 anos depois, permanece me instigando como no primeiro dia em que lá pisei para trabalhar.

Tudo começou naquele dia, inesquecível, em que Ana Maitê Oliveira Lanché me pegou pela mão e me levou à USP. Era o último dia para entregar o projeto de pesquisa e eu estava tomado pela dúvida. Sem o incentivo dela, a aventura não se iniciaria. Nesta jornada tive o apoio de velhos companheiros e de novos amigos. Começo por nomear Cidinha, que como quem revela um segredo-me mostrou as cartas de Darcy e Oscar, guardadas num compartimento secreto da biblioteca (e da Memória). Agradeço também ao trio da Fundação Darcy Ribeiro - Katiane, Janaína e Thiara - que depositava sobre a minha mesa, de modo gentil e eficiente, pastas e mais pastas da correspondência darcyniana com intelectuais latino-americanos. Era setembro e o ar seco de Brasília dava as caras, mas elas me apresentaram a incrível tecnologia natural de resfriamento e umedecimento de ar que só vi no Beijódromo. E, claro, ao José Ronaldo, que dirige com zelo a Fundar. No DF, fui recebido pelo Ari (Aristides), do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), e pelo Antônio de Pádua, gestor público. Em poucos dias, repensamos o Brasil. Como me impressionou a análise afiada, atualizadíssima, e de longo alcance dessa dupla que bem resume a excelência técnica dos funcionários de carreira da burocracia estatal brasileira.

Entre os intelectuais que me incentivaram no início, e me acolheram na precisão, não posso deixar de mencionar Marilene Proença, Márcio Bobik, Yanet Aguilera e Stella Franco. O casal Bia Vidigal e Heitor Frúgoli Jr está comigo desde o início - na mente e no coração. Do Memorial a lista também é longa, começando pelo presidente Jorge Damião e a diretora do CBEAL, Luciana Ginezi, que me apoiaram de várias formas, nunca interferiram e, sei, torceram por mim. Agradeço a Alexandra Barbosa, cuja paixão pela América Latina é contagiante. E à Rai, com quem compartilhei as aflições de pesquisador. Maristela é minha companheira de viagem no Memorial da América Latina. Entramos juntos, por meio do

mesmo concurso público. Algum tempo depois, ela foi para Brasília trabalhar com Gilberto Gil. E voltou ainda melhor para me ajudar a revisar o texto. Rafael Bezerra, mestre das formas e das ideias, me auxiliou na diagramação. Os números, devo ao Hêlvio, ao Irio e ao Gabriel, que também se mostraram prontos para dar uma força. A lista de companheiros que me ajudaram continua com o curioso Sidnei Silva, a atenta Laís Camille, a inquieta Adriana Beretta e o calmo diretor administrativo e financeiro Eduardo Colturato. Foram muito importantes também as informações que me passaram os ex-funcionários Fábio Magalhães, Felipe Macedo, Juçara Carbonaro e Eduardo Farsetti. Quanto a Maureen Bisilliat, o que dizer? Ela me abriu seus arquivos e suas memórias. Juntos, sonhamos um Memorial redivivo.

Por fim, sou muito grato aos meus filhos, que souberam compreender a minha ausência na reta final da redação. Desde a infância, Nicolás e Mari me pediam para levá-los ao “Memorial do papai”. Um obrigado especial ao Davi que, aos 8 anos, acompanhou tudo com seu jeito de ser o que só ele é. E à Rô e à Cris, as mães deles. Por fim, um forte agradecimento à minha irmã, Eliana, que na pior hora, quando o prazo se esgotava, se dispôs a ficar com nosso pai hospitalizado.

Pronto. Acabou. Agora é aguentar o tranco. E ficar feliz.

Resumos

Português

Esta dissertação sobre a Fundação Memorial da América Latina se inicia com uma reflexão sobre o método utilizado. Isso porque se entendia que, sendo o pesquisador funcionário de carreira da Fundação, há mais de 20 anos, esse fator por si só levaria a vantagens e a dificuldades decorrentes da extrema familiaridade com o objeto de estudo. Objeto de estudo, aliás, relacionado à memória e ao tempo, posto que é um “Memorial”. Com efeito, as próprias partes constituintes do seu nome, “Memorial”, “América” e “Latina”, foram problematizadas. Para enfatizar (e não esconder) a complexidade das qualidades e características - difíceis de definir, mensurar e apreender - de algo que se apresenta com um “Memorial da América Latina”, optou-se por escrever de forma memorialista, sem desconsiderar o rigor científico. Verifica-se como o sonho de integração latino-americana, razão de ser do Memorial, permaneceu vivo desde Simón Bolívar. Tendo isso de fundo, este estudo é uma história da criação do Memorial a partir de fontes originais guardadas na Fundação Darcy Ribeiro (Fundar), de Brasília, e na própria biblioteca do Memorial da América Latina. Além dos documentos, analisou-se a bibliografia concernente ao tema, em especial os escritos de Darcy Ribeiro. Foram, ainda, entrevistados personagens-chaves, como os ex-funcionários Felipe Macedo, Jussara Carbonaro, Maureen Bisilliat e Fábio Magalhães. Quais eram os planos, os sonhos e os anseios dos criadores do Memorial - Orestes Quércia, então governador de São Paulo, Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro? Como o projeto de Quércia se relacionava com a atividade de vida inteira do ex-governador Franco Montoro? Como Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro, já no primeiro ano do Memorial, anteviram os riscos que a instituição corria? E o que aconteceu, depois de 33 anos de vida, com o Memorial? Por fim, qual a mensagem que a geração atual enviaria a Darcy Ribeiro, se pudesse, para lhe explicar no que o Memorial se transformou e sugerir formas de ressignificá-lo?

Palavras-chave: Memorial da América Latina; Darcy Ribeiro; Orestes Quércia; Oscar Niemeyer; Franco Montoro; latino-americanismo; programação cultural; autoetnografia

Español

Esta disertación sobre la Fundación Memorial da América Latina comienza con una reflexión sobre el método utilizado. Esto porque se entendió que, siendo el investigador un funcionario de carrera de esa Fundación desde hace más de 20 años, este factor por sí solo traería ventajas y dificultades derivadas de la extrema familiaridad con el objeto de estudio. Objeto de estudio, por cierto, relacionado con la memoria y el tiempo, ya que se trata de un “Memorial”. En efecto, se problematizan las partes constitutivas de su nombre, “Memorial”,

“América” y “Latina”. Para enfatizar (y no ocultar) la complejidad de las cualidades y características -difíciles de definir, medir y aprehender- de algo que se presenta como un "Memorial da América Latina", se decidió escribir en clave memorialista, sin descuidar el rigor científico. Muestra cómo el sueño de la integración latinoamericana, razón de ser del Memorial, se mantiene vivo desde Simón Bolívar. Con eso en mente, este estudio es una historia de la creación del Memorial a partir de fuentes originales conservadas en la Fundação Darcy Ribeiro (Fundar), en Brasilia, y en la biblioteca del Memorial da América Latina. Además de los documentos, se analizó la bibliografía referente al tema, en especial los escritos de Darcy Ribeiro. También fueron entrevistados personajes-claves, como los ex empleados Felipe Macedo, Jussara Carbonaro, Maureen Bisilliat y Fábio Magalhães. ¿Cuáles eran los planes, sueños y aspiraciones de los creadores del Memorial - Orestes Quércia, gobernador de São Paulo en aquel entonces, Oscar Niemeyer y Darcy Ribeiro? ¿Cómo se relacionaba el proyecto de Quércia con la actividad del exgobernador Franco Montoro a lo largo de toda su vida? ¿Cómo previeron Oscar Niemeyer y Darcy Ribeiro, ya en el primer año de vida del Memorial, los riesgos que corría la institución? ¿Y después de 33 años de vida, qué pasó con el Memorial? Finalmente, si lo pudieran, ¿qué mensaje las generaciones actuales le enviaría a Darcy Ribeiro, para explicarle en qué se ha convertido el Memorial y sugerir formas de darle un nuevo significado?

Palabras Clave: Memorial da América Latina; Darcy Ribeiro; Orestes Quércia; Oscar Niemeyer; Franco Montoro; latinoamericanismo; programación cultural; autoetnografía.

English

This dissertation about Fundação Memorial da América Latina begins with a reflection on the method used. This is because it was understood that, as the researcher has been a career employee at this foundation for over 20 years, this factor alone would lead to advantages and difficulties resulting from extreme familiarity with the object of study. Object of study, incidentally, related to memory and time, since it is a “Memorial”. Indeed, all the constituent parts of its name, “Memorial”, “América” and “Latina”, were problematized. To emphasize (and not hide) the complexity of the qualities and characteristics - difficult to define, measure and apprehend - of something that presents itself as a "Memorial da América Latina" (Latin America's Memorial), it was decided to write in a memorialist way, without disregarding the scientific rigor. It shows how the dream of Latin American integration, the reason for the Memorial's existence, has remained alive since Simón Bolívar. With that in mind, this study is a history of the creation of the Memorial from original sources kept at the Fundação Darcy Ribeiro (Fundar), in Brasília, and at the library of the Memorial da América Latina. In addition to the documents, the bibliography concerning the theme was analyzed, especially the writings of Darcy Ribeiro. Key characters were also interviewed, such as former employees Felipe Macedo, Jussara Carbonaro, Maureen Bisilliat and Fábio Magalhães. What were the plans, dreams and aspirations of the creators of the Memorial - Orestes Quércia, then governor of São Paulo, Oscar Niemeyer and Darcy Ribeiro? How was Quércia's project related to the lifelong activity of former governor Franco Montoro? How did Oscar Niemeyer

and Darcy Ribeiro, already in the Memorial's first year of life, foresee the risks that the institution was running? And what happened, after 33 years, to the Memorial's life? Finally, what message would send the current generation to Darcy Ribeiro, if they could, to explain to him what the Memorial has become and suggest ways to give it a new meaning?

Keywords: Memorial da América Latina; Darcy Ribeiro; Orestes Quécia; Oscar Niemeyer; Franco Montoro; Latin Americanism; Cultural Programming; Autoethnography.

SUMÁRIO

1	PROCURA-SE O MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA	
1.1	Prólogo: Perplexidade durante passeio pela esplanada do Memorial	17
1.1.1	Proficiências: Uma questão	20
1.2	Olhando o Memorial de perto e de longe: Introdução	23
1.2.1	“Quem aqui é latino-americano?”	29
1.3	Método: Como investigar as memórias abertas do Memorial da América Latina?	33
1.3.1	Olhando o Memorial de um ponto de vista complexo	36
1.3.2	O que ninguém mais poderia dizer sobre o Memorial: Uma autoetnografia	39
1.4	Estado da arte: Memorial pouco estudado	42
1.4.1	Plataformas SciELO, Redalyc, Latindex e o Memorial: Deserto epistemológico	45
2	SOBRE O TEMPO DA MEMÓRIA E DO MEMORIAL	
2.1	A relação entre mente e matéria se dá por meio da memória	52
2.1.1	O Memorial da América Latina como lugar de memória: o tempo recuperado	60
2.1.2	Mais que um monumento, o Memorial é um documento histórico eloquente	64
2.1.3	Memorial da América Latina ou Memorial de Abya Yala?	67
2.2	O Congresso Anfictiônico do Panamá e o Memorial da América Latina	71
2.2.1	O ideal de integração latino-americano continua vivo após 200 anos	76
3	GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA DO MEMORIAL	
3.1	Orestes Quércia e a origem do Memorial	82
3.1.1	Paulo Mendes da Rocha foi sondado para projetar o Memorial	84
3.1.2	Almino Afonso e o fator Darcy Ribeiro	87
3.1.3	Orestes Quércia, Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro: sonhando o mesmo sonho	90
3.2	Oscar Niemeyer: Entrevista	95
3.3	Franco Montoro: O Memorial quase recebeu o nome dele	101
3.4	Darcy Ribeiro: Um Beijódromo para o antropólogo que concebeu o Memorial	108
4	UM MEMORIAL PARA A AMÉRICA LATINA	
4.1	Projeto para São Paulo ser a capital da integração latino-americana	113
4.1.1	Darcy Ribeiro apresenta o seu Memorial da América Latina	117
4.1.1.1	Salão de Atos: a construção dos painéis gerou polêmica na classe artística	119

4.1.1.2	Darcy Ribeiro usa contatos latino-americanos para suprir a biblioteca	126
4.1.1.3	Maureen Bisilliat e o Pavilhão da Criatividade: a mulher certa no lugar certo	132
4.1.1.4	De Aula Magna a Simón Bolívar: O que mudou no auditório do Memorial?	140
4.1.1.5	Nossa América/Nuestra América: a revista cultural do Memorial	142
4.1.1.6	A difícil relação de Darcy Ribeiro com os intelectuais paulistas	150
4.1.1.6.1	Darcy Ribeiro a Amaral Lapa: “Meu papel no Memorial é leve e vago”	166
4.2	Inauguração do Memorial: “Ato de fé” que esbarra em limites claros	169
4.2.1	O Prêmio Estado de São Paulo teve vida curta	175
4.2.2	Contradições dificultam o processo de consolidação do Memorial	180
4.2.2.1	Niemeyer escreve a Quércia sobre problemas no Memorial	183
4.2.2.2	Darcy escreve a Quércia sobre o perigo da “secura de ideias” no Memorial	190
4.3	O circo descobre as praças do Memorial	194
4.3.1	Teatro na Praça Cívica: O Festival Ibero-Americano de Teatro de São Paulo	197
4.3.2	Cinema na Praça Cívica: O Festival de Cinema Latino-Americano	199
4.4	“Somos o que fazemos para mudar o que somos”	206
5	CONCLUSÃO: EM BUSCA DE UMA UTOPIA LATINO-AMERICANA	
5.1	O Memorial é um alvo fácil de ser atingido	211
5.2	Por um novo regramento para o orçamento do Memorial	214
5.2.1	“Uma fundação de direito público não deveria buscar receita própria”	218
5.3	Último passeio pelo conjunto arquitetônico do Memorial: as questões permanecem	223
5.3.1	As bandeiras da Praça Cívica estão incompletas	226
5.4	Resposta a Darcy: Carta que guia	230
5.5	As Américas para além da latinidade	240
5.6	Epílogo: Você que sabe	246
	APÊNDICE A – Resumo do orçamento do Memorial, de 2001 a 2022	250
	APÊNDICE B – Compilação do relatório de receita própria de 2017 a 2022	254
	APÊNDICE C – Relação de atividades do CBEAL em 1989 e 1990	255
	APÊNDICE D – Atividades do CBEAL no período de 2019 a 2022	257

APÊNDICE E – “O último comunista inglês: Diário de Viagem. Objetivo: Entrevistar Oscar Niemeyer”	258
ANEXO A – Carta de Darcy Ribeiro a Orestes Quércia [1990?]	275
ANEXO B – Carta de Oscar Niemeyer para Maria Angélica Travolo Poputchi, primeira presidenta do Memorial da América Latina com cópia para o governador Quércia	280
ANEXO C – Carta de Carlos Guilherme Mota reclamando da atuação de Darcy Ribeiro no Instituto de Estudos Avançados da USP	284
ANEXO D – Oferta de réplicas de estelas e estátuas mesoamericanas	287
ANEXO E – Tabela de preços para cessão dos espaços – 2022	291
ANEXO F – Regulamento geral de uso dos espaços	292
ANEXO G – Regulamento de autorização de uso do Auditório Simón Bolívar	298
ANEXO H - Carta de Alfredo Bosi, presidente do Conselho Editorial da revista Nossa América, a Darcy Ribeiro, convidando-o a integrar este Conselho	308
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Jan. e Fev.	310
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Mar.	311
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 –Abr.	312
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Maio	313
ANEXO I - Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Junho	314
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Julho	315
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Agosto	316
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Setembro	317
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Outubro	318
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Novembro	320
ANEXO I – Relatório da Diretoria de Atividades Culturais 2022 – Dezembro	321
ANEXO J – Balanço geral e relatórios anexos – Exercício de 2022	322
ANEXO K – Execução orçamentária 2016	341

ANEXO L – Execução orçamentária 2017	343
ANEXO M – Execução orçamentária 2018	345
ANEXO N – Execução orçamentária 2019	347
ANEXO O – Execução orçamentária 2020	350
ANEXO P – Execução orçamentária 2021	353
ANEXO Q - Execução orçamentária 2022	355
Referências bibliográficas	359

1 – PROCURA-SE O MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

1.1 Prólogo: Perplexidade durante passeio pela esplanada do Memorial

Imagem 1 – Busto de Simón Bolívar



Escultura em bronze de Victorio Macho em frente ao Auditório Simón Bolívar
Fonte: Acervo do Memorial [2005]

Já faz um mês que me escondo feito tatu-bola. Enrolar-se em si mesmo não é boa tática de sobrevivência. O tatu-bola, que antes era abundante na caatinga e no cerrado brasileiro, consta no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção¹. O Memorial da América Latina também poderia constar nesta lista. Por ser um organismo vivo, mas não propriamente um animal, o Memorial entraria no Livro Vermelho das Instituições Ameaçadas de Extinção, se houvesse um. É de manhã, faz calor, choveu muito à noite. Assim molhada, a explanada do Memorial resplandece resplendente. A pequena faixa verde no entorno respira alegre². Como faço há pouco mais de vinte anos, entro pelo portão 12 ao lado do Auditório Simón Bolívar e tenho a impressão de que o busto do *Libertador*³ me acompanha com o olhar, enquanto o *Torso Negro*⁴ parece iniciar uma dança. Vejo à minha direita o Pavilhão da Criatividade Darcy

¹ Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, volume 1, Brasília, DF, p 70 e 84. Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/livro_vermelho_2018_vol1.pdf

² Não parece, mas o Memorial tem quase 20% da sua área reservada ao verde. Esse espaço não é coberto por concreto. A vegetação plantada, no início do Memorial, nessa faixa de terra não era originária da Mata Atlântica, mas isso mudou tempos depois. É o que diz trecho de uma matéria do site da Fundação, de novembro de 2010, sobre o então “prefeito do Memorial”, o engenheiro Joaquim da Silva Boaventura: “Em área de aproximadamente 20 mil m², que se esparrama pelas franjas do conjunto arquitetônico, foram plantadas mais de 500 árvores nativas da flora brasileira, incluindo pau-brasil, ipês-rosa, pitangueiras, ameixeiras, cajuzeiros...” Disponível em: <https://memorial.org.br/engenheiro-do-ano-2010-do-abc-e-regiao-e-do-memorial/> Acesso em: 15.dez.2022.

³ *Simón Bolívar, El Genio*, busto em bronze de 220 cm diante do Auditório Simón Bolívar, foi um presente ao Memorial oferecido pelo Estado da Venezuela na segunda presidência (1989 a 1993) de Carlos Andrés Pérez (1922 a 2010). Ele havia sido presidente do país também de 1974 a 1979. O gesto diplomático se deu no início da gestão do governador Luiz Antônio Fleury Filho (1991 a 1994). A obra é do escultor espanhol Victorio Macho Rogado (1887 - 1966) que, após a Guerra Civil Espanhola, e fugindo da ditadura de extrema direita do generalíssimo Franco, viveu na Colômbia e no Peru, antes de voltar à Espanha, em 1952.

⁴ *Torso Negro*, a escultura em bronze de 3 metros de altura criada por Vera Torres, foi colocada por Oscar Niemeyer, originalmente, a meio caminho entre o Auditório Simón Bolívar, o Pavilhão da Criatividade e o prédio do então Parlatino. No final da gestão de Fernando Leça na presidência do Memorial (2005 a 2011), sem consultar o escritório de Niemeyer, a obra foi recuada para perto do auditório, provavelmente para não atrapalhar a montagem de eventos.

Ribeiro⁵. Hoje não andarei embaixo da marquise oscárica⁶. Quero luz. À minha esquerda, está o edifício cilíndrico desenhado por Niemeyer para ser a sede do Parlamento Latino-americano e Caribenho⁷. Visto do alto, o antigo Parlatino parece um espremedor de laranja. As palmeiras jerivás plantadas entre o Pavilhão e o ex-Parlatino são palitos gigantes como que enfiadas no concreto ainda mole. As palmeiras não estão viçosas, sofrem no terreno inadequado. O paliteiro⁸ mal ameniza o sol, por isso é inadequado o nome Praça da Sombra com que batizaram o local. Fábio Magalhães⁹ me disse certa vez que andar pelo Memorial se assemelha à experiência de atravessar o deserto, tão quente, inóspito, vazio e sem vegetação que ele é. Mas não hoje. Não para mim. O conjunto arquitetônico criado por Oscar Niemeyer está em festa enquanto o atravesso neste quase verão. Por contraste, o ambiente resalta o medo, a decepção e a vergonha que viceja em mim. Hoje é 29 de novembro de 2022, uma terça-feira. Não posso mais adiar.

Pergunto-me se avanço pela “Passarela do Amor”¹⁰ em direção à Praça Cívica... Com mais de 30 mil metros quadrados, nela se espriam o Salão de Atos Tiradentes, a Biblioteca da América Latina, a Entrada Monumental e a Galeria Marta Traba. No meio, a famosa *Mão*. Não sei se por ironia, o conjunto é chamado de Praça do Sol. Niemeyer não deixou plantar árvore. “É uma praça, não um parque”, me disse certa vez, como se verás. Decido não atravessar a passarela nesta manhã. A Praça do Sol pode esperar. À minha direita, um pouco recuado, diviso o prédio da administração, que o pessoal terceirizado da limpeza e da manutenção chama de “ADM”, com a letra ‘A’ inaudível. “Vamo na DM”, costume ouvir.

⁵ Originalmente, o local se chamava Pavilhão da Criatividade. Com a morte de Darcy Ribeiro, em 17 de fevereiro de 1997, passou a homenagear aquele que o concebeu.

⁶ “Oscárico”, neologismo criado por Darcy Ribeiro que assim nomeava e adjetivava tudo o que foi projetado por Oscar Niemeyer, como o complexo arquitetônico do Memorial da América Latina, por exemplo.

⁷ Embora existisse desde 1964, o Parlatino não tinha sede fixa até 11 de dezembro de 1992, quando, no complexo arquitetônico do Memorial, foi inaugurado um edifício especialmente projetado para ele por Oscar Niemeyer. O Parlatino ficou no Memorial até 2009. Nesse ano o governo do Estado de São Paulo deixou de bancar sua manutenção e o Parlatino se viu obrigado a transferir sua sede para a cidade do Panamá, na América Central. Acredito que tenha sido um grande erro da gestão José Serra. No âmbito do Memorial, havia uma sinergia em potencial das duas instituições, que se perdeu. Hoje funciona no prédio a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

⁸ O conjunto de palmeiras jerivás do Memorial era chamado de paliteiro pelo poeta Fábio Weintraub - que, assim como eu, entrou na Fundação Memorial por concurso público em maio de 2000. Weintraub pediu para ser desligado do Memorial em 7 de março de 2003. Na gestão Fernando Leça, havia um jardineiro que cultivava mudas de jerivás. Quando uma árvore apodrecia, era trocado por um novo rebento. Com João Batista de Andrade na direção, onze palmeiras doentes foram extirpadas na raiz e não substituídas. Os buracos foram concretados. Os círculos de cimento permanecem até hoje como túmulos de jevirás. Na clareia que se formou sem as árvores, atualmente, são montadas barracas de comida e estandes expositivas de feiras e eventos privados.

⁹ Artista plástico, museólogo, crítico de arte, gestor cultural e curador, Fábio Magalhães foi presidente do Memorial da América Latina de 1995 a 2003.

¹⁰ “Passarela do Amor” ou “Passarela dos Namorados” são apelidos da sinuosa ligação elevada para pedestres entre a Praça da Sombra e a Praça do Sol. Casais costumam namorar ali, encostados no arco de sustentação da passarela, e podem ser vistos através do vidro fumê que envolve o prédio da administração.

Trabalho no segundo andar da ADM ou “Maspinho”, como dizem outros, que se querem mais sofisticados, devido ao aparente “vão livre” semelhante ao do MASP da Avenida Paulista. No entanto, é um equívoco compará-lo ao prédio desenhado por Lina Bo Bardi. O arquiteto Rodrigo Queiroz explica:

O edifício da administração encontra-se fora do trajeto dado pelo percurso da passarela e está resguardado no espaço, em virtude de não possuir o mesmo caráter público pertinente aos demais edifícios. A concepção extremamente racional do prédio contrasta com a sinuosidade dos demais. O grande paralelepípedo suspenso aparenta estar pendurado na viga da cobertura, porém o *hall* de acesso no térreo oculta outros quatro pilares¹¹.

Imagem 2 – Galeria Marta Traba



Vista da entrada da galeria com obra de Tomie Ohtake em primeiro plano e área verde ao fundo
Foto: Aline Iovasso [2019]
Fonte: www.memorial.org.br

¹¹ QUEIROZ, Rodrigo. Memorial da América Latina. **Revista Nossa América**, edição especial de 2012 dedicada a Oscar Niemeyer, p. 106 e 107. Rodrigo Queiroz é professor de Projeto de Edificações da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

1.1.1 Proficiências: Uma questão

Adentro a ADM. Na portaria, vejo os vultos em passeata pintados por Vallandro Keating¹². Eles saltam da parede, parecem vir ao meu encontro. Ou me chupam para o meio deles. No segundo andar do “Maspinho”, a ambientação é *clean*, envidraçada, atravessada pela luz. Blocos de quatro mesas retangulares formam retângulos maiores, onde se instalam as estações de trabalho. Ouço o trem do metrô se enfiando na terra ao lado. Do meu assento, envio um alô desanimado para Maristela Debenest, companheira de viagem no Memorial, que ocupa o posto de trabalho em frente ao meu. Maristela também é funcionária de carreira concursada. Entramos juntos em 2000. Não paro de aprender com ela, maestrina na antiga arte de salvar texto alheio. Mas hoje estou ressabiado e não quero conversa. Tenho meus motivos. Ligo o computador, abro o e-mail institucional e lá está a mensagem que tanto evito:

“É tempo de começar a redação final do seu texto, seja a dissertação seja a tese. O tempo urge”.

É Lisbeth Rebollo, minha orientadora, no seu estilo curto, seguro, preciso, pleno. Tenho me esquivado há semanas. Mas não dá mais para fugir - dela e de mim. Preciso confessar-lhe que, em setembro, não passei no exame de proficiência em língua inglesa, aquele organizado pelo Centro de Línguas da USP. Catástrofe da qual sou o único culpado. Por causa disso, não faço jus à distinção que me foi conferida no exame de qualificação de mestrado. Naquele dia, no início do período infestado pela covid 19, a banca propôs que eu fosse direto para o doutorado, tal era a maturidade do projeto e do pesquisador, me disseram. Que lástima! Como é difícil não honrar o que me foi confiado. Marco uma *live* com a professora Lisbeth para dali dois dias. Preciso de orientação.

Para ingressar no mestrado do Programa de Pós Graduação Integração da América Latina é necessária a certificação de proficiência em língua estrangeira. Ela é concedida pelo Centro de Línguas da USP ou por outra agência certificadora autorizada. Passei no exame de proficiência em espanhol sem problemas. Já o doutorado exige proficiência em uma segunda língua. Pensei em fazer a prova em francês. Havia estudado esse idioma na quinta e na sexta

¹² O painel sem título de Vallandro Keating é formado por quatro telas de 1,88m x 2,5m cada, pintadas em técnica mista com resina acrílica, pastel seco e grafite, em tons de cinza e branco. Segundo o autor, “não se trata de um quadro na parede, nem de um objeto estético a ser contemplado à distância. A obra convida à participação, não se fecha em si nos limites da sua moldura. Não há moldura. Está integrada à bela arquitetura do edifício. O assunto é o homem latino-americano que luta por sua liberdade e autonomia” (**Integração das artes**, p. 69). Foi feito para o local a pedido de Oscar Niemeyer. Luiz Antonio Vallandro Keating nasceu no Rio de Janeiro, em 1940, mas vive em São Paulo, onde atua como arquiteto, professor e artista plástico.

séries do antigo ginásio estadual; fizera Francês Instrumental com a inesquecível professora Diva Damato na Filosofia (USP) e cursara por dois anos a graduação de Francês no Departamento de Letras Modernas, também na FFLCH. Mas escolhi inglês, a língua franca da ciência. Achei que meus anos de Cultura Inglesa na juventude bastariam. Leio textos nessa língua com a ajuda do dicionário e quando preciso recorro ao tradutor digital. Ora, a internet nos envolve, é a atmosfera na qual respiramos os bits e os bytes. Por isso se tornou muito fácil resolver o problema da tradução. Mas a interpretação é outra história. No exame de proficiência me foram apresentados dois textos em inglês, longos e atuais, sobre ciências humanas latino-americanas. As vinte questões, em português, eram de múltipla escolha. Perguntas interpretativas que, desconfio, mesmo os nativos ou fluentes no idioma anglo-saxão precisariam refletir bastante e reler os escritos várias vezes para responder corretamente. Algumas eram capciosas. Duas horas de prova passaram rápido demais. Das vinte acertei apenas onze. O mínimo exigido é 70% ou quatorze acertos.

É choro de perdedor, eu sei, mas desde então me pergunto se não haveria outras formas de demonstrar conhecimento em línguas estrangeiras, nesta época em que a tradução digital, mesmo que imperfeita, está ao alcance do dedo? O Prolam é um programa de estudos sobre a integração latino-americana, subcontinente cujos idiomas mais falados são o espanhol e o português. Na região existem ainda países que falam o inglês, francês e holandês. Há, no entanto, centenas de outras línguas vivas, cujos falantes - ameríndios - são excluídos de cara do mundo da ciência por não dominarem determinados idiomas. “Calcula-se que, à época da tomada pelos portugueses, só no território que hoje constitui o Estado brasileiro eram faladas cerca de 1.100 línguas. Elas viviam nas bocas de seus falantes. Em pouco mais de 500 anos de colonização, restam por volta de 190 línguas originais vivas” (Rascov, 2020, p. 20). Se a decolonização começa por se insurgir contra o pensamento subalterno, não temos que repensar essa submissão às línguas hegemônicas? Conheço algumas iniciativas de cotas para a pós-graduação e ensino instrumental de idiomas europeus, mas será o bastante? Não sou xenófobo nem contra, obviamente, o estudo, a leitura e a publicação em línguas estrangeiras, mas será que a revista interdisciplinar do Prolam precisaria se chamar *Brazilian Journal of Latin American Studies*? Para suscitar uma reflexão, lembro as palavras de Florestan Fernandes¹³ em depoimento ao Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil

¹³ Florestan Fernandes (1920 a 1995) foi um destacado intelectual brasileiro do século XX. Sociólogo, professor, escritor e deputado constituinte pelo PT, publicou estudos seminais como **A função social da guerra na sociedade Tupinambá** (1951), **A integração do negro na sociedade de classes** (1965), **Sociedade de classes e subdesenvolvimento** (1968) e **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina** (1973), entre outros.

(CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas. A entrevista foi conduzida pela antropóloga Mariza Peirano, da Universidade de Brasília, em 1º de dezembro de 1978.

Os países centrais têm uma influência colonial. Ela pode ser visível ou dissimulada. Mas, de qualquer maneira, para manter essa influência, eles precisam eliminar a autonomia do desenvolvimento. E acontece que, na periferia, por vários mecanismos, são absorvidos dinamismos de exibição, de prestígio, de importância e de poder que são convergentes com essa influência. [...] Agora, eu próprio também me preocupei com isso, numa linha diferente. Porque eu não sou xenófobo, e inclusive defendo muito a colaboração com professores estrangeiros, de qualquer nacionalidade. Não se pode dizer que as influências norte-americana, francesa, alemã, aqui no Brasil, foram limitativas. Elas foram criadoras. O limitativo é criar influências que não respondem às exigências da situação. Se responderem às exigências da situação, o salto se dá. E o talento que se cria, ele que vai responder aos problemas; não são os professores estrangeiros. Agora, o importante é manter a tendência de identificação com uma autonomia constante, progressiva, cada vez maior: criar um centro de produção de conhecimentos sociais originais aqui e importarmos, seletivamente, conhecimento de fora.¹⁴

Com uma leve comissura na boca, dou tchauzinho com uma mão e com a outra saio do *google meet*. Durou uns trinta minutos. A *live* com a professora Lisbeth serviu para desatar o nó que me paralisava. Decidimos por um recuo estratégico. Não vou mais fazer um exame de proficiência em inglês neste ano. Não daria tempo. Não vou mais fazer a qualificação para o doutorado, como vinha me preparando. Isso fica para o futuro. Ao invés, prometi entregar a dissertação de mestrado que havia planejado originalmente. Ela se concentra na análise de fontes primárias da Fundação Darcy Ribeiro, nunca antes estudadas, sobre o nascimento do Memorial sob a batuta de Darcy Ribeiro. O diabo é o tempo. Preciso escrevê-la até 30 de janeiro de 2023!

¹⁴ Entrevista disponível em: http://marizapeirano.com.br/entrevistas/florestan_fernandes.html e o pdf em: http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/florestan_fernandes.pdf. Acesso em: 9.jan.2023. Na minha defesa do mestrado, em 8 de maio de 2023, a professora Yanet Aguilera Viruez Flanklin de Matos, que compôs a banca, contou que no seu exame de proficiência da língua alemã, na FFLCH, foi pedido que traduzisse um texto original de Immanuel Kant (1724 – 1804)! Ora, sabe-se que o idioma alemão só seria padronizado décadas depois da morte do filósofo...

1.2 Olhando o Memorial de perto e de longe: uma introdução

Imagem 3 – Praça da Sombra



Palmeiras jervivás próximos da marquise e do antigo Parlatino.

Fonte: www.memorial.org.br

Foto: Marcela Civita [2015]

Tenho o hábito de tomar notas, em um caderno de capa azul, das observações, dúvidas, pensamentos e informações sobre o meu estudo. Os apontamentos sobre as fontes primárias, documentos e textos estão no caderno de capa vermelha. Os resumos bibliográficos e fichamentos foram parar no caderno de capa verde. À noite, quando chego em casa, anoto num caderno de capa preta as indagações mais profundas, as incertezas, as inseguranças e as reflexões que carrego comigo. Mais que diários, são “guias de marcha” para a pesquisa e para fixar minha trajetória no mundo, já que não confio em nada nas minhas lembranças. “Tenho uma memória devastadora, autodestrutiva. Suprimo passo a passo os elementos da minha vida pessoal e profissional. E depois não consigo reconstituir os fatos” (Lévi-Strauss & Eribon, 2005, p. 7), confessa o etnólogo francês Lévi-Strauss¹⁵. Igualmente, agora que preciso dar

¹⁵ Claude Lévi-Strauss (1908 - 2009), filósofo e etnólogo francês que, logo após se formar, veio ao Brasil para ensinar Sociologia na recém-criada Universidade de São Paulo. Chegando a SP em 1935, lecionou três anos letivos completos. Nas férias de julho e entre um ano e outro, e, posteriormente, por um período de seis meses, em 1938, excursionou por rincões brasileiros para estudar povos originários, como os Kadiwéu, os Bororo e os Nambikwara. Desde os anos 1950, sua etnografia impacta profundamente a antropologia e a cultura contemporânea. Publicou, entre outros livros, *As estruturas elementares do parentesco*, *Antropologia estrutural*, *O cru e o cozido* e *Tristes trópicos*.

cabo desta pesquisa, não sei por onde “reconstituir os fatos”. Por isso, faço minha as palavras dele:

“Mas eu me saio bem no trabalho acumulando fichas: um pouco sobre tudo, ideias apanhadas de relance, resumos de leituras, referências de obras, citações... E quando quero fazer alguma coisa, tiro do meu armário um pacote de fichas e as distribuo como num jogo de paciência. Esse tipo de jogo, em que o acaso representa seu papel, ajuda-me a reconstruir uma memória debilitada.”¹⁶

Decido distribuir meus cadernos “como num jogo de paciência” e, a partir deles, dissertar de perto e de longe sobre a Fundação Memorial da América Latina, como “alguém que se desloca em direção a uma fronteira sempre instável. Só conta o trabalho do momento. E muito rapidamente ele desaparece” (Lévi-Strauss & Eribon, 2005, p. 8). Quando me desafiaram a escrever uma história do Memorial da América Latina, desde logo uma questão me invadiu e não saiu mais de mim: afinal, de qual ponto de vista eu deveria falar sobre aquele que era (e é) o meu local de trabalho? E em que tom? Entrei no Memorial em dois de maio de 2000, lá se vão 22 anos. Por ser concursado, sou o que chamam de “funcionário de carreira”. Minha carreira no Memorial começou como jornalista do departamento de Comunicação Social¹⁷, onde, por uma década e meia, fui assessor de imprensa, editor de conteúdo do *site* e colaborador da revista bilíngue Nossa América/Nuestra América¹⁸. Nesse período, também redigia a programação mensal, os folhetos e os programas dos shows e das peças teatrais (tudo isso impresso em papel), bem como fotografava e filmava eventos. Ainda acompanhava as visitas do e ao presidente do Memorial. Ou seja, por dever de ofício, me envolvia em quase tudo o que acontecia no complexo cultural, principalmente no setor artístico. Faltava conhecer melhor a área de fomento à pesquisa e de divulgação do conhecimento latino-americano, que cabe ao Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, o CBEAL¹⁹.

¹⁶ LÉVI-STRAUSS, Claude & ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. São Paulo: Cosacnaify, 2005, p. 8.

¹⁷ No organograma do Memorial, o Departamento de Comunicação Social é ligado diretamente à presidência da Fundação.

¹⁸ Desde o primeiro número, em 1989, a revista *Nossa América/ Nuestra América* vinha sendo publicada em duas versões. Uma em português e outra em espanhol. A revista em espanhol era enviada para uma lista de intelectuais, instituições culturais e representações diplomáticas na América Latina. A em português era distribuída ao leitor brasileiro. Essa era a vontade expressa dos criadores do Memorial (Orestes Quercia, Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro), confirmada pela lei estadual nº 6472, de 28 de junho de 1989, que institui a Fundação Memorial da América Latina. O artigo 4º reza: Para a consecução de seus fins, compete à Fundação (...) promover periodicamente a publicação da "Revista Nossa Nuestra América" (Inciso IV). Essa tradição, porém, foi descontinuada em 2016, sob a gestão do presidente João Batista de Andrade. Por orientação da diretoria, publicou-se uma única edição (nº53), híbrida, na qual apenas alguns artigos foram traduzidos para o espanhol. O número seguinte também seria híbrido. A partir do número 55, a *Nossa América* passou a ser publicada apenas em português.

¹⁹ O CBEAL é uma divisão que goza de certa autonomia, pelo menos teoricamente. Isso porque, assim como o presidente do Memorial, o diretor do CBEAL é escolhido pelo governador de uma lista tríplice indicada pelo

Em 2015, Marília Franco, então diretora do CBEAL, me convidou para ingressar no Departamento de Publicações e editar a *Nossa América/Nuestra América* e os livros, bem como ajudá-la a organizar palestras, debates, seminários, cursos e congressos²⁰. O Departamento de Publicações, assim como a Biblioteca Latino-americana, integram o CBEAL. Era o que faltava para eu mergulhar na área acadêmica do Memorial.²¹ Marília assumiu a direção do CBEAL em 27 de janeiro de 2014, indicada pelo cineasta João Batista de Andrade²², que havia sido empossado na presidência do Memorial um pouco antes. Por que fui transferido do Departamento de Comunicação para o CBEAL? A professora Marília me contou o “causo” que a fez me convocar: certo dia, o jornalista Sérgio Gomes, o Serjão, foi visitá-la no Memorial para lhe pedir uma grande quantidade da revista *Nossa América Hoy* nº 4²³. Serjão alegou que queria distribuí-la aos participantes do Projeto Repórter do Futuro, coordenado por ele na Oboré Editorial²⁴. O que tanto lhe interessava naquela revista era a matéria “O legado da ditadura militar em pele viva”, que escrevi para marcar os 50 anos da ditadura cívico-militar de 1964. Segundo Serjão, aquele era o melhor texto publicado na imprensa brasileira sobre a data redonda de meio século do início do regime autoritário brasileiro. Ele repetia isso aos brados, com gestos largos, para dar ritmo à ênfase que lhe é

Conselho Curador da Fundação. Ou seja, ele não pode ser demitido pelo presidente. Pelos documentos originais de Darcy Ribeiro, percebo que caberia ao diretor do CBEAL efetivar os projetos, prêmios e concursos (editais) nas áreas de ciências, humanidades e arte. Esperava-se que fosse um acadêmico, portanto. O cargo de presidente seria mais administrativo e de representação política. Esse formato nunca se efetivou.

²⁰ A professora Marília Franco é uma das pioneiras do curso de cinema da então Escola de Comunicações Culturais da USP, criada por decreto em junho de 1966. Ela leciona lá desde a primeira turma, de 1967. Hoje o curso se chama Audiovisual e a faculdade, Escola de Comunicação e Artes (ECA). Atualmente, Marília Franco também é professora do Prolam.

²¹ Na tradição ocidental, o termo “acadêmico” está ligado à produção e ensino de Filosofia e, por extensão, do conhecimento em geral. A expressão se originou na famosa Academia de Platão, que surgiu em Atenas no séc. IV a.C, atravessou a Antiguidade e só foi fechada pelo imperador bizantino Justiniano, no séc. VI d.C. Mais recentemente, no campo da Estética, a crítica moderna taxou de acadêmica a arte pré-modernista dos séculos XVIII e XIX, que seguia certos padrões canonizados no Ocidente. Atualmente, a palavra “academicismo” remete ao uso exagerado de regras e formas de escrever rígidas, que tornam o texto de difícil leitura ao leigo. O CBEAL deve fomentar e divulgar o conhecimento para o público amplo, não acadêmico. Suas publicações não são “acadêmicas”, no sentido acima, embora possam se originar em pesquisas universitárias e científicas.

²² Quando assumiu o Memorial (em janeiro de 2013), João Batista de Andrade se dizia um “cineasta de gravata”. Ele deixou a direção do Memorial para aderir ao governo Temer, em novembro de 2016, e aceitar a Secretaria Executiva do Ministério da Cultura na gestão de Roberto Freire. Antes, havia sido Secretário de Cultura do Estado de São Paulo no biênio 2005-2006. Além de gestor cultural, João Batista foi jornalista televisivo, nos anos 1970. A sua obra cinematográfica é expressiva e incontornável na história do cinema brasileiro. Já a sua produção literária é pouco conhecida e valorizada.

²³ *Nossa América Hoy* não deve ser confundida com a revista *Nossa América/Nuestra América*. Essa tem sido publicada ininterruptamente desde a fundação do Memorial, em 1989. *Nossa América Hoy* foi uma publicação bimestral criada por João Batista de Andrade em 2013 e teve somente 5 edições. Impressa em p&b e em papel mais barato, era “uma revista de combate”, como dizia Andrade, “dedicada ao debate atualizado das questões plurais e comuns aos povos latino-americanos”, segundo seu primeiro editorial. Para consultar as duas primeiras edições, disponíveis virtualmente na biblioteca do Memorial, consultar <https://biblioteca.sophia.com.br/6350/>

²⁴ Agência de formação complementar para profissionais de comunicação, entre outras iniciativas. Para saber mais sobre as atividades de formação de jornalistas da Oboré, consultar <https://www.obore.com/projeto-reporter-futuro>.

característica, isso para quem lhe desse ouvidos no Memorial. Mas o que a matéria tinha de especial? Em resumo, dizia que a tortura no Brasil não cessara com a redemocratização de 1985 e apresentava historiadores e cientistas sociais demonstrando essa tese, apoiados por casos rumorosos de tortura que alinharei na imprensa, na internet e em entrevistas²⁵. Tudo isso agradou a Sérgio Gomes. Ele havia sido colega da professora Marília na ECA, de 1986 a 1992, período em que Serjão lecionou as disciplinas Jornalismo sindical, comunitário e popular. E não era segredo para ninguém que em 1975 Serjão fora preso e torturado com extrema crueldade na sala contígua àquela em que a mesma tortura - implacável - levaria à morte Wladimir Herzog, então diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo²⁶.

Foi insuflada por Serjão que a professora Marília Franco me convidou para o CBEAL, no bojo de uma reforma administrativa. Permaneço nele até hoje. Tenho, portanto, experiência e conhecimento nos dois hemisférios do Memorial, o ligado às diversas linguagens artísticas e o relacionado à reflexão e ao fomento do conhecimento. Percebendo, talvez, essa “vantagem”, Lisbeth Rebollo resolveu me desafiar²⁷ a entrar no Prolam. Por que não contar a história do Memorial que é também a sua (minha) história? Era o ano de 2017 e estávamos reunidos para organizar o curso *Miradas sobre a América Latina - Primeiro ciclo sobre Educação e Cultura*²⁸, quando conversamos sobre o mestrado no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina. A professora Lisbeth fez questão de me dizer que o programa tinha interesse num estudo sobre uma entidade criada especificamente para promover a integração do continente latino-americano, como é o caso do Memorial, instituição essa pouco pesquisada até agora²⁹. Por ser um tema geral - o Memorial

²⁵ RASCOV, Eduardo. O legado da ditadura militar em pele viva. **Nossa América Hoy** nº 4. São Paulo: Memorial, 2014. p 38-40.

²⁶ Quem conhece o Serjão sabe. Ele é um homem imenso, de vasta cabeleira negra e bigodão. Enfático, caloroso e afetivo, teve papel importante na geração de jornalistas que peitaram o arbítrio. Para um depoimento vívido sobre a tortura a que ele foi submetido (e que levou Herzog à morte) consultar <https://vladimirherzog.org/prisao-tortura-e-morte-relatos-dos-companheiros-de-vlado-na-prisao-por-sergio-gomes/>

²⁷ Uso a desgastada palavra “desafio”, não no sentido de superar uma prova difícil, mas no de devolver (recuperar) a confiança perdida. A raiz do verbo desafiar é “fiar”, quer dizer, “confiar” em alguém ou em alguma coisa; o prefixo latino “des” significa afastamento ou separação. Ou seja, “desafiado” é aquele de quem se retirou a confiança e precisa recuperá-la. Ora, não foi isso o que aconteceu com o Memorial da América Latina? A partir da fundação, a trajetória do Memorial pode ser resumida como uma progressiva diminuição da confiança em seu próprio projeto integrador, como se verá a seguir. Quem sabe esta dissertação não faça com que a sociedade o problematize e, de alguma forma, confie e sonhe junto o sonho de Darcy Ribeiro?

²⁸ O curso “Miradas sobre a América Latina - Primeiro ciclo sobre Educação e Cultura”, de 2018, ministrado por docentes e egressos do Prolam virou um livro digital homônimo, organizado pelas professoras Lisbeth Rebollo e Marilene Proença, para o qual escrevi o prefácio. A obra pode ser consultada ou baixada pelo link <https://memorial.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Miradas-Sobre-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf>.

²⁹ Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves, que orientou este trabalho, integra o grupo de docentes pioneiros do Prolam/USP, criado em 1988 pelo reitor José Goldemberg, sob instâncias de Franco Montoro, que havia deixado o governo de São Paulo no ano anterior. O Memorial foi inaugurado em 18 de março de 1989. As duas instituições têm uma interface evidente, mas pouco interagiram desde então. O olhar sociológico, crítico e

e a integração latino-americana - não seria preciso fazer um estudo comparativo, como costuma ser no Prolam. Notei então que eu era o homem certo no lugar certo - poderia falar de dentro e com acesso irrestrito a uma organização que conhecia como a minha casa. Bastava estudar para a prova teórica, elaborar um projeto bem amarrado e caprichar no restante do processo seletivo do Prolam, que inclui proficiência em uma língua estrangeira e entrevista. Dito e feito.

Pensei em averiguar se o Memorial da América Latina alcançou, após as três primeiras décadas de vida, o objetivo para o qual fora criado, a saber, incrementar a integração do Brasil aos países hispano-americanos. Integração essa não apenas cultural, mas também política, econômica e social, conforme proclamam os documentos e os textos que lhe deram origem. Não à toa a emblemática *Mão* espalmada - com o mapa da América Latina em vermelho se esvaindo feito sangue - está plantada no centro da Praça Cívica do Memorial. Ela determina o destino e anuncia a vocação do Memorial: lutar pela emancipação dos povos que habitam a América dita Latina, mas fazer isso de maneira unida, pois somente com união será capaz de enfrentar os olhos grandes dos impérios do norte.

Se essa missão foi cumprida ou não é o que poderia avaliar neste estudo. A hipótese principal (um tanto óbvia) é que o Memorial ainda não se realizou nem como entidade multilateral, o que efetivamente ele não é, nem como instituição em prol da integração cultural do subcontinente latino-americano. A história do Memorial seria, portanto, a história de um fracasso, pelo menos até agora. Para piorar, nos últimos anos, tornou-se um espaço de locação de toda sorte de eventos comerciais, não relacionados a temas latino-americanos. Essa realidade poderia torná-lo frágil e irrelevante. Nesse caso, o que o impediria de desaparecer? Essa constatação poderia ser matizada, no entanto, pelo entendimento de que a cultura hispano-americana circula mais facilmente hoje no Brasil do que há 33 anos. Bem como as mercadorias e as pessoas. De alguma forma estaríamos mais próximos de *los hermanos*, que chegaram em grande número nesse período, como imigrantes, e, a seu modo, tentaram se apropriar do espaço do Memorial. Ao mesmo tempo, desde os anos 1980, é inegável um amplo movimento cultural, político e econômico de aumento do interesse e redescoberta dos hispano-americanos pelos brasileiros. Não só o Memorial, mas o Mercosul e o próprio Prolam são exemplos disso.

histórico da professora Lisbeth Rebollo sobre o campo das artes latino-americanas e da recepção estética, bem como a vivência na gestão cultural (dirigiu o MAC-USP, a Associação Brasileira de Críticos de Arte, o próprio Prolam e a Associação Internacional de Críticos de Arte) lhe proporcionam um ponto de vista privilegiado para observar a trajetória do Memorial da América Latina.

No início, a familiaridade parecia facilitar a tarefa de escrever este texto. Uma pessoa próxima a mim chegou a recorrer a um clichê - “você não sairá da sua zona de conforto” - só para desdenhar do meu projeto. Mas logo descobri que não é bem assim: a extrema proximidade do objeto de estudo é como encostar o nariz na parede - posso notar detalhes do reboco ou manchas da pintura, mas não vejo o todo. Mesmo assim fui em frente e, jornalista e escritor que sou, amarrei meu cavaleiro no eixo Comunicação e Cultura do Prolam.

1.2.1 “Quem aqui é latino-americano?”

Após a inquietação mencionada anteriormente, percebi que precisava delimitar melhor o meu objeto de estudo, para não deixá-lo se confundir com a minha história de vida. Bom, o meu objeto de estudo seria, obviamente, a Fundação Memorial da América Latina nos termos em que foi pensada por Darcy Ribeiro. Tentaria escrever uma história do nascimento da instituição, dentre tantas possíveis, comparando-a com a atualidade, tendo como pano de fundo o sonho de integração continental (que já dura cerca de 200 anos). Contaria essa história acochado pela pergunta fundamental: o Memorial deu certo? A minha hipótese é que – até o momento - o Memorial fracassou em cumprir a missão dada por seus fundadores, atravessado que é por uma crise de identidade desde a sua origem - e até hoje não encontrou a sua vocação (Guardando as devidas proporções, não poderíamos falar a mesma coisa da América Latina?³⁰). Mesmo assim, repito, o Memorial cumpre um importante papel ao despertar certa consciência latino-americana no brasileiro. Isso fica evidente ao acompanharmos a visita de uma escola ao conjunto arquitetônico do Memorial. Em certo momento, as crianças se sentam no chão do Salão de Atos para ouvir a preleção do guia, que quase sempre pergunta “quem aqui é latino-americano?” No início do Memorial, lá pela década de 1990, poucos levantavam a mão. Com o passar do tempo, mais braços apareciam. Hoje talvez a maioria dos estudantes brasileiros que visitam o Memorial se reconheça latino-americano. Ou pelo menos saem da visita com essa noção.

Mas é inegável que, depois de pouco mais de três décadas, o Memorial seja um projeto que ainda não tenha se realizado. Como veremos adiante, ele fracassou em alcançar os objetivos para os quais fora concebido. No entanto, se pensarmos a ideia de fracasso de um ponto de vista filosófico (dialético), talvez uma instituição dedicada à memória seja interessante justamente devido a esse fracasso, pois sua jornada de luta e resistência pode ter deixado cicatrizes poderosas³¹ que contariam, por exemplo, um pouco da história da intelectualidade paulista e das tentativas de apropriação popular de um espaço icônico da cidade. Um aspecto a considerar é que, em relação a instituições culturais de outros lugares, algumas centenárias, como as europeias, o Memorial é uma organização jovem (33 anos) que ainda pode (ou não) desenvolver sua potencialidade, encontrar seu caminho e sua identidade.

³⁰ Essa ideia, de que o Memorial reflete a indefinição e as questões de identidade da própria América Latina, surgiu em uma conversa com a professora do curso de História da Arte da Unifesp, Yanet Aguilera.

³¹ Essa é também uma ideia da professora Yanet Aguilera, que me arguiu na defesa do mestrado. Segundo ela, a dicotomia *loser/winner* é a expressão de uma sociedade doente e usada com fins colonizadores.

Isso em si não é uma notícia ruim. Darcy Ribeiro conta que se espantou com um bosque de árvores idênticas, em 1954, logo que chegou a Genebra. Aos 32 anos, era a primeira vez que viajava à Suíça, onde ficaria dois meses trabalhando. “Meu espanto, porém, começou a virar zanga foi quando, andando ali, vi placas de alumínio postas nos troncos das árvores, com números indicativos de quando elas seriam abatidas e serradas”. Ele havia acabado de passar uma temporada enfiado na floresta amazônica. Dá para imaginar o contraste! “O sentimento resultante foi de tolo orgulho por viver num país ainda por fazer. Eu, que vinha da Amazônia, com suas florestas variadíssimas; eu que lá havia pisado, meses antes, nas nascentes nunca mapeadas do rio Maracaçumé, vi ali um país terminal”, (a Suíça), terminal no sentido de terminado, “tamanho é o primor que já se poderiam aposentar todos os suíços, por dispensáveis” (Ribeiro, 2013, p. 148). Compartilho com o autor de *O Brasil como problema o “tolo orgulho”* de refletir sobre uma instituição que amarga certo fracasso, mas “ainda por fazer” - a Fundação Memorial da América Latina, cujo formato, conceito, objetivo e missão original foram dados por Darcy Ribeiro. A realidade é dinâmica e contexto social e político pode mudar, mas, a bem da verdade, não posso fechar os olhos ao fato do Memorial vir progressivamente perdendo a confiança em si mesmo e esquecendo a utopia que o pariu. E deixando-se levar pelo mercado e seus novos modelos de negócios. Atualmente, cada pedacinho do complexo arquitetônico pode ser locado para eventos privados, sejam eles da indústria de entretenimento ou não. Essa realidade será esmiuçada mais à frente. Se nada mudar, é preciso ser peremptório: a Fundação fracassou.

Quando comecei no Memorial, ele era um pré-adolescente de 11 anos. Mas já tinha ares de velho, como se o apogeu tivesse passado e lhe restasse a decadência física, mental e moral. Logo entrei para a resistência e a clandestinidade, no sentido de me opor secretamente ao que testemunhava e sonhar com sua refundação (ou ressignificação, para usar uma expressão valorizada ultimamente). Os anos se passaram e percebi que o fato dele não ter se realizado, de ser uma obra incompleta, incompreendida e desconhecida era, na verdade, uma oportunidade. Tudo precisava ser feito ou refeito. Era preciso reinventá-lo! A minha aposta era que – a partir da ocupação espontânea e uso pela população desse espaço vivo da cidade para além dos condicionantes físicos (a arquitetura árida), políticos (as idiossincrasias da gestão pública) e comerciais (a locação do espaço) – o Memorial pudesse se reinventar.

Dei a meu estudo o título de *Memorial da América Latina trinta e três anos depois: da integração sonhada aos dilemas contemporâneos*. A ideia era entender o sonho sonhado por Darcy Ribeiro, esse sonho que começou muito antes do Memorial, no contato do antropólogo com povos originários de alguns biomas sul-americanos e nas suas andanças por países da

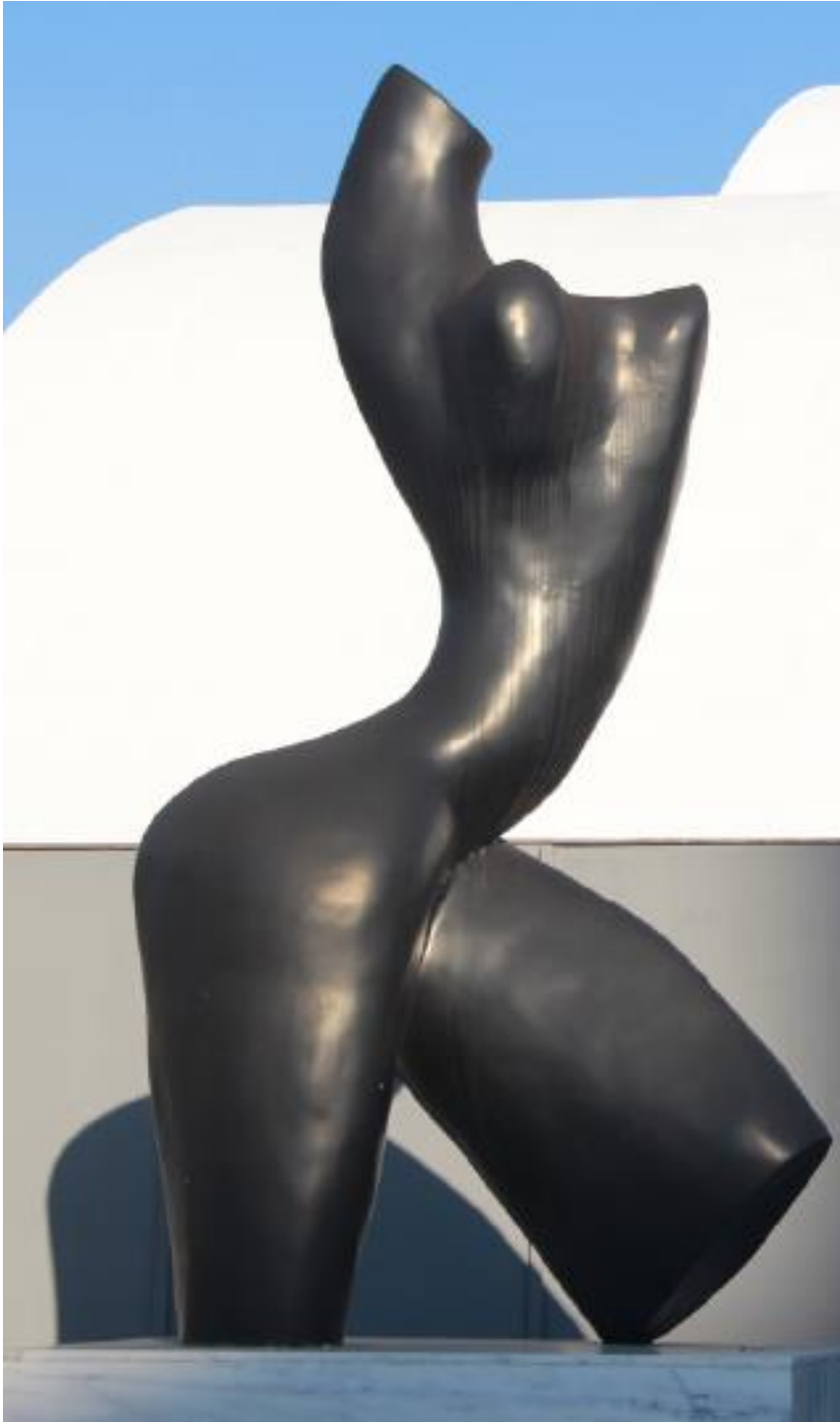
América Latina. E confrontá-lo com os “dilemas contemporâneos”. O projeto concebido por Darcy Ribeiro visava impulsionar a construção da “Nação Latino-Americana”. Essa era a alma do Memorial. Mas não foi o que aconteceu até agora. Seria preciso repensar o longo anoitecer do Memorial - sua trajetória decadente e submissa às forças neoliberais e anti-latino-americanas. Isso porque, como dizia Eduardo Galeano, “a história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será”.³²

Por fim, abordaria a necessidade de o Memorial se reinventar sobre outras bases que não as que prevaleceram nos últimos anos, quando o conjunto arquitetônico criado por Oscar Niemeyer se tornou um espaço disponível para ser alugado a toda sorte de produtores de eventos comerciais. A tal ponto que não sobra tempo para desenvolver programação própria, voltada à divulgação da cultura latino-americana. Sob a égide de Darcy Ribeiro, contudo, acredito ser impossível permanecer insensível ou indiferente às grandes questões atuais que se relacionam à própria razão de existir do Memorial. A maior delas, sem dúvida, é a concernente aos povos originários do continente, com suas etnias, identidades e línguas vivas lutando desesperadamente para sobreviver; e a outra, igualmente importante e relacionada à luta antirracista, é a questão da “categoria político-cultural da amefricanidade”, os “amefricanos” pensados por Lélia Gonzalez³³. Caberia ao Memorial, portanto, dar-lhes protagonismo, aprender com eles, acolhê-los, protegê-los, conhecer e apoiar suas demandas, fortalecer e divulgar suas manifestações culturais. Por um Memorial Ameríndio e Amefricano, em busca da utopia latino-americana sonhada por Darcy Ribeiro para além (e aquém) da latinidade.

³² Máximas e Divagações. Revista *Nossa América*, nº 52, São Paulo: Memorial da América Latina, 2015, p. 30. Número especial, dedicado a Eduardo Galeano (1940 - 2015), publicado logo após a sua morte

³³ MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. O Novo Mundo em Darcy Ribeiro e Lélia Gonzalez: as dores do parto. Revista *Nossa América*, nº 60, São Paulo: Memorial da América Latina, 2022, p.86

Imagem 4: Torso Negro



“...o busto do *Libertador* me acompanha com o olhar, enquanto o *Torso Negro* parece iniciar uma dança”
Escultura em bronze (3 m de altura) de Vera Torres em frente ao Auditório Simón Bolívar
Fonte: www.memorial.org.br [2003]

1.3 Método: Como investigar as memórias abertas do Memorial da América Latina?

*Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: lata
Pode estar querendo dizer o incontível*

*Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: meta
Pode estar querendo dizer o inatingível.*

*Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta, tudo, nada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber o incabível*

*Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora*

Gilberto Gil
Metáfora

A proximidade é enganosa. Com a cabeça encostada no muro você enxerga os detalhes do tijolo, mas não vê o contorno, não vê o entorno, o território que o muro delimita. É preciso distanciamento. Mas, com o coração tomado pelo afeto e a mente preta de vínculos, como encontrar a perspectiva, o caminho, o método para atravessar a floresta da memória inconsciente? A meta na mata da memória? Ainda mais quando se é, para ficar na chave musical, “apenas um rapaz latino-americano/ Sem dinheiro no bolso/ Sem parentes importantes/ E vindo do interior”, como na canção de Belchior? Desde o início soube que não seria fácil investigar o “meu Memorial”. Havia inclusive uma limitação ética: eu não poderia usar falas ou atitudes de colegas do trabalho, que porventura tivesse ouvido ou observado ao longo do tempo - só com a autorização deles, como seria o caso em uma pesquisa clássica, fosse ela qualitativa ou quantitativa³⁴. No entanto, estava disposto a ser um memorialista latino-americano, misturando as minhas memórias pessoais, devidamente anotadas aqui e ali, às memórias documentadas do Memorial. Quem sabe com esse esforço não conseguiria me aproximar um pouco mais das memórias abertas da América Latina, esse continente cuja história soterra incontáveis culturas, línguas e povos?

³⁴ Quem observou isso para mim foi o etnólogo Heitor Frúgoli Jr, professor da FFLCH e coordenador do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP), a quem agradeço.

A primeira questão que se colocava para mim era quando falar do “meu Memorial interior” e quando falar do Memorial exterior e da América Latina. Esse era um problema que precisava enfrentar com arte³⁵. Desde logo percebi que seria falso não escancarar o processo de subjetivação (no sentido de construção do sujeito) e a afetividade da minha fala. O que eu escreveria era uma tese ou um depoimento-confissão? Meu estudo talvez esgarçasse os limites do acadêmico. Afinal, um olhar apaixonado é ainda ciência? Como escrever sobre o ambiente em que atuo há tanto tempo de um modo científico, e ainda assim de uma forma reflexiva, ou pelo menos de uma maneira aceita pela comunidade acadêmica sem cair no academicismo dos textos vazios ou no subjetivismo espontaneísta? Em tese, por conhecer como ninguém o meu objeto de estudo, poderia mirar a meta certa e o método reto para alcançar o inatingível. Formei a convicção de que o estilo ensaístico com toques de crônica literária não comprometeria o rigor científico; ao contrário, o testemunho reforçaria a objetividade porque tudo o que afirmaria como fato seria apoiado por documentos ou outras evidências objetivas. Como valorizo o depoimento biográfico, daria um tom pessoal ao texto, sem deixar de ser rigoroso com as fontes, os autores e os livros citados. Escancaria o sujeito sempre que pudesse. Penso que essa é a melhor maneira de abordar um objeto que me é tão conhecido - o local onde trabalho há pouco mais de duas décadas - que justamente se dedica (ou deveria se dedicar) a cultivar a memória, a integração e o diálogo cultural.

Neste estudo converso com saberes produzidos em diversas áreas do conhecimento, estimulado pela interdisciplinaridade que caracteriza o Prolam. Sempre que possível, deixo o próprio autor falar para que o leitor tenha contato com pontos de vistas e estilos diversos. De fato, o conhecimento novo que o Prolam se propõe a produzir sobre a América Latina pede com naturalidade que o seu objeto de estudo seja olhado de perspectivas diferentes e de uma maneira complexa. Este, aliás, é o espírito do tempo, conforme se pode observar na coletânea digital lançada pelo Clacso³⁶, em 2021, intitulada *Haciendo Histórias. Herramientas para la investigación histórica*, como parte da coleção Memória e Sociedade. De maneira pontual, prática e com exemplos, a publicação é uma espécie de manual de vários autores que procura

³⁵ “Arte” aqui no sentido derivado do latim *ars*, da matriz “articular”. Entre os romanos, as “artes liberais” eram aquela parcela da atividade humana dedicada a comover a alma (como a música, o teatro e a poesia), e eram praticadas pelo homem livre, enquanto as demais, que uniam o belo ao útil, eram as “artes serviles”, praticadas por homens escravizados, servos ou empregados. Neste estudo, tento articular as duas acepções latinas.

³⁶ O Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso) reúne 320 centros de pesquisa e mais de 600 programas de pós-graduação em Ciências Sociais em 25 países da América Latina e Caribe, EUA e Europa. A sede é na cidade de Buenos Aires, Argentina.

extrair as consequências da crítica ao método positivista e propõe caminhos para se pensar as sociedades da América Latina e do Caribe. Vale destacar o que os editores ponderam:

A coleção Memória e Sociedade procura dar respostas a uma tripla mutação que tem ocorrido nas últimas décadas na área das ciências sociais e humanas. Em primeiro lugar, a pesquisa procede cada vez mais através da formulação de problemas, desenvolvendo os métodos necessários à sua elucidação. Paralelamente, põe em causa as condições da sua própria produção e as possibilidades dos discursos com que lida. Este itinerário implica uma ruptura com as barreiras existentes entre disciplinas, emergindo formas interdisciplinares de pensar os problemas que contrariam os simplismos das “escolas”. Nesta perspectiva, tendem a ser superadas as fronteiras entre sociologia, história, geografia, antropologia, psicologia social ou ciências dos textos, surgindo reflexões cruzadas sobre velhos objetos e transferências metodológicas na construção de novos objetos de estudo³⁷.

É o que tento fazer: formular o problema e o método necessário à sua elucidação. E isso de uma maneira simples e direta, por mais complicado que o problema possa parecer. Uma rápida olhada no assim chamado pensamento complexo de Edgar Morin³⁸ ajuda a criticar o método científico moderno, identificado com o positivismo, e aponta para os dilemas e encruzilhadas contemporâneas que impactam na construção do saber, inclusive, sobre o Memorial da América Latina. Tudo é complexo, claro, “mas a complexidade não se reduz à complicação. É qualquer coisa de mais profunda, que emergiu várias vezes na história da filosofia. É o problema da dificuldade de pensar, porque o pensamento é um combate com e contra a lógica, com e contra as palavras, com e contra o conceito” (Morin, 2002, p. 14).

³⁷ POZZI, Pablo et al. **Haciendo Histórias. Herramientas para la investigación histórica**. Buenos Aires: CLACSO, 2021, p. 315.

³⁸ O cientista social Edgar Morin nasceu em Paris, França, em 8 de julho de 1921. Sua longa produção teórica se caracteriza por pensar as condições de produção do conhecimento e da filosofia em face das revoluções científicas modernas e contemporâneas.

1.3.1 Olhando o Memorial de um ponto de vista complexo

Não cabe nos limites deste estudo investigar as causas desse “combate com e contra a lógica”, nem a luta “com e contra o conceito”. Tampouco qualquer explicação que formulasse seria suficiente para diminuir - mais que a angústia - a melancolia e a paralisia que caracterizam a nossa época. É como se o projeto moderno (exploração da natureza, cientificização da existência, tecnologização da vida, desenvolvimento ilimitado, cultura universal) se esgotasse, mas não se interrompesse. Algo se rompeu, mas segue-se adiante.

Não vou mergulhar na teoria da complexidade, mas, a partir de uma observação sobre o autor dos seis volumes denominados “O Método”³⁹, recuar aos princípios do seu pensamento. Nessa série de fôlego, bem como na maior parte da sua obra, parece que Morin está tentando corrigir, ou melhor, atualizar, o que um compatriota seu provocara havia pouco mais de 300 anos. Na segunda das suas “regras para a direção do espírito”, René Descartes⁴⁰ defende que “devemos rejeitar todos os conhecimentos somente prováveis, e declaramos que se deve confiar apenas nas coisas perfeitamente conhecidas e das quais não se pode duvidar” (Descartes, 1985, p. 4), pois o que se quer é alcançar as ideias claras e distintas. Seriam elas que dariam sustentação ao arcabouço do conhecimento. Na primeira metade do século XVII, Descartes estava preocupado com as condições de possibilidade do saber. Isso era muito diferente do que vigorava até então. Na Antiguidade, Aristóteles tinha observado, descrito e classificado o mundo da matéria e do espírito em campos tão distintos quanto os da Biologia, Física, Política e Linguagem. E a Metafísica, que na biblioteca aristotélica ficava depois da Física. Só a Linguagem, Aristóteles subdividiu em Artes, Gramática, Lógica e Retórica. Herdeiros desse pensamento riquíssimo em possibilidades, os filósofos cristãos medievais cultivavam principalmente os três últimos saberes (Gramática, Lógica e Retórica), o que ficou conhecido como escolástica. Durante muito tempo, conhecer era olhar, dividir e classificar (dar nomes). Com o freio de mão puxado no quesito tecnologia, a intervenção sobre o mundo engatinhava.

A força mental aristotélica atravessou a Antiguidade e a Idade Média, até ser questionada no Renascimento. Na primeira metade do século XVII, Descartes escreveu o *Discurso do Método* (publicado pela primeira vez em 1637, na Holanda), no qual ele fundamenta e desenvolve uma linha de raciocínio cujo impacto inicial continuaria irradiando

³⁹ São eles: **O Método I - A natureza da natureza** (1977), **O Método II - A vida da vida** (1980), **O Método III - Conhecimento do conhecimento** (1986), **O Método IV - As ideias** (1991), **O Método V - A humanidade da humanidade** (2001) e, finalmente, **O Método VI - A ética complexa** (2004).

⁴⁰ René Descartes (1596 a 1650). Filósofo, físico e matemático francês, considerado pai da Idade Moderna.

nos próximos três séculos. Se os sentidos não são confiáveis, se um demiurgo enganador estiver me iludindo, se posso duvidar de todas as coisas, só não posso duvidar de que duvido. Se duvido, penso. Se penso, existo. “Penso, logo, existo”, eis a fórmula consagrada, linda na sua simplicidade. Após constatar a existência do homem, Descartes passou a provar a existência de Deus (se sou imperfeito e tenho mesmo assim a ideia inata da perfeição, necessariamente, a perfeição, ou seja, Deus, existe). Por meio de operações mentais semelhantes, a existência de todas as outras coisas do mundo foi fundamentada logicamente. Note que era o homem que provava a existência de Deus e não o contrário. Começava a Idade Moderna, com o homem (e seu *cogito*) no centro do universo.

É claro que a intenção de Descartes ia além de simplesmente “provar” a existência do mundo material e espiritual através de um jogo lógico. À maneira desse raciocínio inicial, o homem deveria ir compartimentando os problemas complexos em temas mais simples até chegar às ideias “claras e distintas”. E fazer o caminho de volta, tomando atalhos se necessário. As consequências que se tiraram daí mudaram a história. O homem poderia não só observar, descrever e classificar o mundo, mas atuar efetivamente sobre ele. Entendendo-o, transformá-lo. É o que se chamou de método dedutivo.

Os métodos dedutivo e indutivo⁴¹ são as formas pelas quais o homem moderno vai dominar a natureza e, por meio do capitalismo, expandir o seu desenvolvimento como jamais visto, colocando em causa a própria sustentação do planeta. Talvez a mecânica de Sir Isaac Newton⁴² seja o auge da soberba humana: por meio de princípios universais e imutáveis, como a Lei da Gravidade, todos os movimentos do universo poderiam, em tese, ser conhecidos, tornando o homem senhor do tempo e do espaço, conhecedor do passado, do presente e do futuro - tudo o que existiu, existe e existirá decorre de leis físicas, o mundo é uma máquina apreensível.⁴³

O método e as técnicas das ciências naturais se transferiram, no século XIX, para as ciências sociais. Como neste caso se mostrou impossível ter o mesmo controle e previsão, as ciências sociais foram consideradas inferiores e deixadas de lado. Por uma série de motivos que não cabe analisar aqui (basta dizer que a natureza e a vida estão sob risco devido à ação humana), tornou-se urgente problematizar os fundamentos epistemológicos da ciência

⁴¹ Deve-se a Francis Bacon (1561 a 1626) - filósofo, cientista e político inglês - a formulação de um método científico que parte das coisas, dos experimentos, para chegar aos princípios - a indução.

⁴² Isaac Newton (1643 a 1727), autor de **Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural)**. Matemático, físico e astrônomo inglês. Desenvolveu o cálculo diferencial, elaborou a “lei da gravitação universal”, estudou os fenômenos ópticos e as leis dos movimentos. Sua contribuição ao desenvolvimento científico é incalculável.

⁴³ Posteriormente, no **Tratado de Mecânica Celeste**, o francês Pierre-Simon Laplace (1749 – 1827) desenvolveu e descreveu essa tese por meio da linguagem matemática.

moderna, que embasam o positivismo até hoje. Essa é a “atividade organizadora, ao mesmo tempo intelectual e crítica, seleções, cortes, extrações”, mencionada por Morin (2002). Essa é a ciência simples, clara, direta, universal, instrumental, tecnológica, compartimentada, solitária e alienada - criticada por vários pensadores contemporâneos. Para ele, ao contrário, “conhecer é uma aventura incerta, frágil, difícil, trágica” (Morin, 2002, p.33). O filósofo francês aponta para os limites do conhecimento - limites biológicos, limites cerebrais, limites sociológicos, limites antropológicos, limites culturais. É isso que nos permite conhecer o conhecimento e “fazê-lo progredir em novos territórios e confrontar-nos com a indizibilidade e indecidibilidade do real” . Isso não é ruim, é apenas complexo. O que se busca desenvolver são competências suficientes “para se articular com outras competências que, ligadas em cadeia formariam o anel completo e dinâmico, o anel do conhecimento do conhecimento” (Morin, 2002, p. 33).

1.3.2 O que ninguém mais poderia dizer sobre o Memorial: Uma autoetnografia

Preciso, pois, construir a Fundação Memorial da América Latina como objeto de estudo a partir de “reflexões cruzadas sobre velhos objetos e transferências metodológicas” (Clacso, 2021, p. 315). Mas cabe aqui a advertência do sociólogo Pierre Bourdieu⁴⁴ quanto ao processo de construção de qualquer objeto de estudo.

A divisão “teoria/metodologia” constitui em oposição epistemológica uma oposição constitutiva da divisão social do trabalho científico num dado momento (como a oposição entre professores e investigadores de gabinetes de estudos). Penso que se deve recusar completamente esta divisão em duas instâncias separadas, pois estou convencido de que não se pode reencontrar o concreto combinando duas abstrações. Com efeito, as opções técnicas mais “empíricas” são inseparáveis das opções mais “teóricas” de construção do objeto. É em função de uma certa construção do objeto que tal método de amostragem, tal técnica de recolha ou análise dos dados etc se impõe. Mais precisamente, é somente em função de um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressuposições teóricas que um dado empírico qualquer pode funcionar como prova ou, como dizem os anglo-saxônicos, como *evidence*.⁴⁵

Quando elejo o Memorial da América Latina como objeto de estudo, naturalmente, só posso olhá-lo a partir de “um conjunto de pressuposições teóricas” que trago comigo e “(...) tentar, em cada caso, mobilizar todas as técnicas que, dada a definição do objeto, possam parecer pertinentes e que, dadas as condições práticas de recolha dos dados, são praticamente utilizáveis” (Bourdieu, 1989, p. 26). No caso do Memorial, testemunhei uma parte relevante da sua história, entrevistei personagens e consultei arquivos públicos e privados. Mais que isso, acessei os documentos guardados na Biblioteca da América Latina e na Fundação Darcy Ribeiro. Eles formam um acervo de fontes primárias jamais estudadas devidamente. E tenho a obra teórica, as reflexões, as experiências, as vivências e confidências de um homem do pensamento e do “fazimento”, como ele gostava de dizer, que foi Darcy Ribeiro.

Em suma, a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina - e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história. Apetecia-me dizer: “É proibido proibir” ou “Livrai-vos dos cães de guarda metodológicos”. Evidentemente, a liberdade extrema que eu prego, e que me parece ser de bom senso, tem como contrapartida uma

⁴⁴ Pierre Bourdieu (1930 a 2002) foi um pensador francês que estudou com perspicácia, entre outros assuntos, as condições de possibilidade do conhecimento sociológico, o campo da educação e o que ele chamou de “economia das trocas simbólicas”.

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel Difusão Editorial Ltda. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989, p.24

extrema vigilância das condições de utilização das técnicas, da sua adequação ao problema posto e às condições do seu emprego.⁴⁶

Sem confundir excesso de rigidez com rigor, lanço mão de tudo o que tenho para pensar o momento em que surgem as condições para a criação do Memorial, as linhas de pensamento que levaram até ele e as personalidades que protagonizaram essa história. E depois presto atenção em episódios emblemáticos do seu desenvolvimento, alguns dos quais testemunhei. E tramo a narrativa em primeira pessoa, de modo reflexivo e sob tom memorialístico para tornar claro a voz única do narrador, pois “deixar em estado impensado o seu próprio pensamento é, para um sociólogo mais ainda que para qualquer outro pensador, ficar condenado a ser apenas *instrumento* daquele que ele quer pensar” (Bourdieu, 1989, p. 36). Ninguém mais poderia dizer o que digo, porque ninguém mais viveu o que eu vivi no Memorial. Por isso me sinto livre para propor, a partir do Memorial e com Darcy Ribeiro, uma utopia latino-americana.

Mas é preciso ser cauteloso. Segundo Justa Ezpeleta e Elsie Rockwee⁴⁷, “construir um objeto de estudo é um problema fundamentalmente teórico”. As autoras definem a essência da tradição etnográfica como sendo “documentar a realidade não documentada”, ou seja, a captação do cotidiano, não da perspectiva colonialista (o europeu olhando o exótico), mas invertendo-a, apropriando-se de seus instrumentos para olhar de baixo para cima.⁴⁸ Elas alertam que, para o observador, alguns elementos podem ter um significado imediato; esses são os mais fáceis de observar, mas é igualmente importante observar o que não é evidentemente significado. No caso do Memorial, tenho a vantagem de enxergar elementos significantes que ficariam apagados para quem não é familiarizado. Mas a observação e a análise devem caminhar inter-relacionadamente com a reflexão e o debate teórico. A questão que se coloca é como fugir do empirismo fácil. Ezpeleta e Rockwell advertem:

⁴⁶ Idem Ibidem, p. 26

⁴⁷ Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell são duas antropólogas radicadas no México que, década de 1980, formularam no Departamento de Investigación Educativa (DIE) do Centro de Investigación y de Estudios Avanzados del Instituto Politécnico Nacional um programa de “etnografía educacional” que repercutiu com força na América Latina. Em face do risco de diluição causada por certo empirismo fácil, as autoras recolocam a necessidade de uma teoria geral por trás das pesquisas etnográficas. Para uma análise do impacto desta proposta, consultar o artigo “Brasil/Argentina: apontamentos sobre uma etnografía para a escola na América Latina”, de Sandra Fátima Pereira Tosta e Wesley Lopes Silva. Nele os autores pontuam que “a maior preocupação do grupo mexicano tem sido ampliar o alcance teórico da construção do conhecimento e da descrição de processos simbólicos que documentem as particularidades locais sem, contudo, desconsiderar sua relação com o marco teórico geral no qual se situam, de modo a integrar o estudo etnográfico a um contexto amplo sem perder de vista a opção histórica a partir da qual o pesquisador analisa a sociedade.” Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/rxBZg598JpFwBmD9JwGPBtf/?lang=pt#> Acesso em: 20 dez. 2022

⁴⁸ EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez Editora e Editora Autores Associados, 1986, p.15

Diversas formas de racionalismo têm chamado a atenção para o perigo de se perder na variedade e heterogeneidade infinita do individual, do cotidiano, do conjuntural. Com isso, tendem a relegar ao campo do “não-investigável” uma boa parte da realidade social, justamente esta que coincide com o não-documentado. O propósito de conhecer esta realidade costuma classificar-se de “empirismo” e “historicismo”, a partir de perspectivas que dicotomizam o real em essência-aparência, estrutura-acontecimento, ordem-acaso⁴⁹.

Quanta riqueza não se esconde nesta “variedade e heterogeneidade infinita do individual, do cotidiano, do conjuntural”? É preciso olhar essa realidade “não-investigável” sob o ponto de vista do relativismo cultural. O centro homogêneo - positivista - vem sendo questionado desde meados do século passado. O Memorial é um bom exemplo. Ele pensa a América Latina, mas corre o risco de ignorar tudo o que vem antes da latinidade, como as infinitas histórias dos povos ameríndios que habitavam o continente antes da chegada dos europeus. E que ainda estão por aqui, cuja cultura permanece viva em muitos casos, em interação com o meio. Mas essa história coletiva parece ser constantemente apagada. É preciso sempre recordá-la. O Memorial tem essa missão a cumprir.

O positivismo inaugurou também uma história de fatos progressivos, que apagou a memória social. Impôs o presente como a dimensão do tempo, implantou o futuro como a medida do progresso, recuperou apenas o “instrumental” do passado e ignorou a memória coletiva e a história viva que os povos produzem. Tempo e espaço do poder congelaram esta história. A atemporalidade e a a-historicidade das categorias herdadas desta ciência não dão resultados funestos se recordarmos suas origens.⁵⁰

Mais que uma autorreflexão - a partir de experiências pessoais, mas anedóticas, relacionando-as a entendimentos culturais, sociais e políticos mais amplos - este estudo é para mim uma espécie de autoetnografia. Chamo de autoetnografia a forma que encontrei para levar em consideração todas essas questões biográficas, metodológicas, empíricas e teóricas. Pedro Mourão Roxo da Motta e Nelson Filice de Barros explicam que a autoetnografia “em linhas gerais tem como objetivo requalificar a relação entre objeto e observador, ressaltando a importância desta interação e da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento”⁵¹. É isso que tento fazer neste estudo.

⁴⁹ Ibidem, p. 14.

⁵⁰ EZPELETA e ROCKWELL, 1986, p. 22.

⁵¹ MOTTA, Pedro Mourão Roxo da; BARROS, Nelson Filice de. **Cafajeste. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 6, p. 1339-1340, junho de 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311XRE020615> Acesso em: 27 jan. 2020.

1.4 Estado da arte: Memorial pouco estudado

Em 2010 foi lançado o livro *Memorial da América Latina 21 anos*, escrito por Shozo Motoyama e Rafael Yamin. Trata-se de uma publicação institucional cujo limite crítico vem do fato de a obra ter sido encomendada pelo próprio presidente do Memorial à época, Fernando Leça⁵². A ideia era falar da “maioridade” da instituição e, claro, das realizações da gestão Leça. Falecido em janeiro de 2021, aos 81 anos, o professor Motoyama, físico de formação, mas vinculado ao Departamento de História da FFLCH-USP, se notabilizou por seus estudos sobre ciência e tecnologia. Rafael Yamin era estudante de história na época. O Memorial contratou-o como estagiário para auxiliar Motoyama. A obra traz análises e comentários sobre o contexto econômico e político, do Brasil e da América Latina, durante os primeiros 21 anos de vida do Memorial. E resume a trajetória do Memorial analisando as gestões dos presidentes. Um dos aspectos abordados é a extrema urgência de apoio ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, para o que o Memorial teria uma contribuição a dar. Os autores não discutem, no entanto, de qual ciência e tecnologia estão falando, como se elas fossem neutras ou um bem em si. Como eles admitem, o livro tem um tom laudatório. O trecho a seguir antecipa as respostas às críticas que ele poderia receber:

Entrementes, a atual diretoria implementou um projeto de importância vital, apesar da sua aparência pouco charmosa. Trata-se daquele referente à recuperação da sua memória e da escrita da sua história ao ensejo da comemoração dos seus vinte anos. À primeira vista, tal ato poderia aparecer como algo visando apenas o encomiástico e a louvação dos feitos da instituição. Evidente que tais aspectos merecem ser contemplados no trabalho. Por que não se louvar o que merece ser louvado? Por que não se elogiar o que vale a pena elogiar? Não podemos ficar à mercê de armadilhas colocadas por alguns intelectuais neuróticos que, para disfarçar a sua falta de capacidade de ação, veem no mundo só dejetos e vilanias passíveis apenas de críticas. A fazer tal afirmação não se quer desprezar aqui o valor da visão crítica sempre necessária para apontar as imperfeições e promover o novo. Muito ao contrário. Quer-se, isto sim, reafirmar a importância da crítica construtiva em oposição àquela destrutiva, originária de pessoas frustradas que nada têm a propor a não ser a terra arrasada, muitas vezes com objetivo de beneficiar a si ou ao grupo que pertencem. Nessa perspectiva, o presente trabalho não deixa de adotar a crítica como o pressuposto da ação construtiva, no entanto, sem deixar de ressaltar e, mesmo, exaltar os sucessos.⁵³

⁵² Fernando Vasco Leça do Nascimento (nascido em 1940) presidiu o Memorial de 2005 a 2011. Como militante do PMDB e, depois, do PSDB, foi deputado estadual e secretário da Casa Civil do governo do Estado de São Paulo.

⁵³ Shozo MOTOYAMA e Rafael YAMIN. *Memorial da América Latina 21 anos*. SP: Fundação Memorial da América Latina, 2010, p. 61.

Encontrei uma única dissertação de mestrado sobre a Fundação de autoria de Luana Nascimento de Lima Souza. Intitulada *Memorial da América Latina: sentidos do discurso de fundação (1987 - 2017)*, ela foi apresentada ao programa de pós-graduação em Culturas e Identidades Brasileiras, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. A pesquisadora faz um bom levantamento, embora resumido, da relação do Brasil com os países hispano-americanos desde o século XIX e apresenta a discussão em torno do pensamento pós-colonial e do chamado giro decolonial, do qual Darcy Ribeiro seria precursor. Para obter dados oficiais do Memorial, Lima Souza relata dificuldades. Viu-se até obrigada a recorrer à Lei de Acesso à Informação para conseguir as atas das reuniões mensais do Conselho Curador da Fundação do ano de 2017. Talvez por isso, o estudo incorra em algumas imprecisões. Vou relatar a seguir as principais apenas para que futuros pesquisadores não se equivoquem. A dissertação diz que “em nenhum momento se levantou a possibilidade de um trabalho conjunto entre arquitetos latino-americanos ou outro nome que não o de Niemeyer” (LIMA SOUZA, 2018, pág. 53). Na verdade, Oscar Niemeyer não foi a primeira opção de Orestes Quércia. O próprio governador conta que fez contato com “arquitetos paulistas” antes de chegar ao carioca. O arquiteto Paulo Mendes da Rocha é um que foi sondado por Radha Abramo, em nome do governador, para projetar o Memorial. Essas informações estão nas páginas da *Nossa América*, revista publicada pelo Memorial ininterruptamente desde a sua fundação, em 1989 (mais à frente, conto como seria o projeto de Paulo Mendes da Rocha, contado pelo próprio). Na página 59 Lima Souza escreve, erroneamente, que “a 1ª edição da *Nossa América* só saiu em 1996”. Talvez a numeração atrapalhada da revista a tenha confundido. Nos primeiros anos, as edições eram numeradas sequencialmente; depois, isso mudou e a cada ano recomeçava do número um, o que devia refletir a indefinição de critérios editoriais e de periodicidade. Na página 90, a autora afirma que a *Nossa América* passou a se chamar *Nossa América Hoje* em 2016 e teve só 4 edições, mas essa afirmação está errada. Conforme explico na nota 22, *Nossa América Hoy* (e não “Hoje”) foi uma publicação bimestral criada por João Batista de Andrade em 2013 que teve somente 5 edições. “A princípio o Memorial não contava com um espaço destinado a exposições rotativas, fato esse que trouxe muitos inconvenientes. A constante demanda por realização de exposições nas dependências do Memorial acabou por gerar montagens improvisadas nos espaços da Biblioteca, do Salão de Atos e do Auditório Simón Bolívar” (LIMA SOUZA, 2018, p. 83). Essa afirmação é imprecisa. Quando o Memorial foi inaugurado, havia as “galerias laterais”, dois espaços expositivos nos corredores que unem o auditório A ao B. É verdade, no entanto, que Oscar Niemeyer detestava que o foyer do auditório fosse ocupado por exposições, como

mostrarei adiante. O Pavilhão da Criatividade também tinha seu espaço de exposições temporárias. Por fim, o hall de entrada da Biblioteca Latino-americana, na área próxima ao painel *Homenagem a Clay Gama de Carvalho*, de Mário Gruber, também recebeu mostras artísticas. Elas repartiam o local com as cabines reservadas aos pesquisadores de vídeo e áudio. Esses espaços não eram “improvisados”, mas destinados desde a origem a receber exposições.

1.4.1 Plataformas SciELO, Redalyc, Latindex e o Memorial: deserto epistemológico

Outro dia entrei no ônibus pela porta de trás todo distraído, absorto em algum pensamento. Quando levanto a cabeça, não vejo o cobrador. O banco está vazio! Essa quebra inesperada da sequência esperada dos acontecimentos provoca uma sensação estranha. Giro a cabeça em busca de reconhecimento. Onde estou? Quem são vocês? E, por um instante, quem sou eu? Pesquisar um lugar tão familiar também tem provocado em mim estranhamentos. Como quando, por exemplo, tentei levantar o estado da arte dos estudos sobre o Memorial em uma longa jornada debruçado sobre o computador. Era noite. Estava em casa. Desanimado, peguei o caderno de capa preta e registrei o seguinte exercício de imaginação:

Se, por acaso, uma nave espacial pousasse na Terra e um marciano escrevesse “Memorial da América Latina” em um motor de busca científica, como o Redalyc ou o SciELO, provavelmente ele descobriria que neste planeta existia um lugar ou uma entidade que publicava livros e revistas sobre diversos assuntos, especialmente os culturais e artísticos; além disso, veria que esse tal de Memorial da América Latina sediava e promovia encontros acadêmicos, mesas redondas, debates e cátedras, tudo tendo como denominador comum certo conceito geopolítico, o enigmático continente latino-americano. Pouco versado nos assuntos terráqueos, o ET perceberia que muitos especialistas em Ciências Humanas apresentaram seus trabalhos nesse Memorial da América Latina e por isso foram citados por outros especialistas, num jogo de espelhos que entretinha a comunidade científica.

O extraterrestre poderia ler nas publicações do Memorial artigos sobre literatura, dança, teatro, cinema e pintura. Poderia conhecer o estado da arte latino-americana em campos tão diversos como a arquitetura, o barroco, o racismo, os desafios colocados pelo avanço científico e a tecnologia, a questão das drogas, os dilemas da Amazônia, da metrópole, da era digital. Se fosse curioso, o homenzinho verde passaria a entender de museologia, povos originários, racismo, linguística, fotografia, religião, feminismo, LGBTQI+, humor, urbanismo, festejos bolivianos. Saberá quem foi Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro, Vilém Flusser, Che Guevara, Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, Candido Portinari e tantos outros. Aprenderia muitas coisas, o etzinho - tudo sobre a América Latina, fosse lá o que isso significasse. Só não encontraria um artigo científico sobre a própria Fundação Memorial da América Latina. Um estudo sequer sobre a sua origem, sobre a sua missão ou mesmo um balanço das suas atividades.

O presidente da Fapesp e os reitores das três universidades públicas de São Paulo (USP, Unicamp e Unesp) são membros natos da instância máxima de poder do Memorial, seu

Conselho Curador. Desde a sua fundação, houve iniciativas do Memorial de parcerias com a Fapesp e as universidades públicas paulistas. O apoio da Fapesp à biblioteca e ao site do Memorial é antigo, bem como ao programa acadêmico denominado Cátedra UNESCO Memorial da América Latina. Em junho de 2015 a biblioteca do Memorial migrou seus dados para a base SophiA⁵⁴, a mesma usada pela Biblioteca Nacional. Lá está à disposição talvez o principal legado ao Memorial do antropólogo Darcy Ribeiro. “No que diz respeito à brasileira, Darcy Ribeiro entrou em contato com colecionadores e livreiros importantes, principalmente do Rio de Janeiro, com o intuito de obter uma relação das principais coleções de obras sobre o Brasil”⁵⁵, explica o site do Memorial. Em correspondência disponível na Fundação Darcy Ribeiro, em Brasília, ele chega a listar algumas obras sugeridas, como as *Falas do Trono*, as *Mensagens Presidenciais*, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e as Coleções Brasileiras das editoras Companhia Editora Nacional, José Olympio, Martins e Itatiaia.⁵⁶

Ainda assim, na base SciELO, não há um único estudo sobre a Fundação Memorial da América Latina, seja sobre sua biblioteca, seja sobre suas iniciativas culturais, educacionais, acadêmicas, científicas, artísticas e humanitárias, nem sobre as suas parcerias com diferentes atores sociais. Nada consta. Fundado em 18 de março de 1989, o Memorial tem quase 34 anos de vida. Mas quem quiser saber mais sobre sua trajetória terá que atravessar um deserto epistemológico. Para não dizer que não há nada na SciELO, sob a palavra-chave “Memorial da América Latina”, encontrei um artigo publicado na Revista Brasileira de Terapia Intensiva com o título *Atendimento às vítimas de lesão inalatória por incêndio em ambiente fechado: o que aprendemos com a tragédia de Santa Maria*. Escrito por vários autores, em português e inglês, o texto cita na introdução os quatro bombeiros que quase morreram sufocados no incêndio do Auditório Simón Bolívar, em 29 de novembro de 2013. E só. Claro, é um artigo da área da saúde, origem da Bireme.⁵⁷

Existente há mais de 20 anos, a *Scientific Electronic Library Online*, SciELO, é uma biblioteca eletrônica de periódicos científicos de origem brasileira. A Fundação Memorial da

⁵⁴ Ver em: <http://biblioteca.sophia.com.br/6350/>

⁵⁵ “Biblioteca do Memorial se renova e usa tecnologia brasileira em seu banco de dados”. Disponível em <https://memorial.org.br/biblioteca-do-memorial-se-renova-e-usa-tecnologia-brasileira-em-seu-banco-de-dados/> Acesso em 20 dez. 2022.

⁵⁶ Idem ibidem.

⁵⁷ BASSI, Estevão; MIRANDA, Leandro Costa; TIerno, Paulo Fernando Guimarães Morando Marzocchi; FERREIRA, César Biselli; CADAMURO, Filipe Matheus; FIGUEIREDO, Viviane Rossi; DAMASCENO, Maria Cecília de Toledo; MALBOUISSON, Luiz Marcelo Sá. Relatório de caso: Atendimento às vítimas de lesão inalatória por incêndio em ambiente fechado: o que aprendemos com a tragédia de Santa Maria. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, Dez 2014, Volume 26, nº 4, p. 421- 429.

América Latina é um pouco mais velha - nasceu há 33 anos. A SciELO surgiu de um projeto de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, a Fapesp, em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, conhecido como Bireme. Segundo o site da SciELO, “o projeto tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico” e para isso busca “implementar uma biblioteca eletrônica que possa proporcionar um amplo acesso a coleções de periódicos como um todo, aos fascículos de cada título de periódico, assim como aos textos completos dos artigos”.⁵⁸ Em suma, depois de passar por um crivo, o conhecimento atualizado estaria aberto e acessível a todos.

O mesmo se pode dizer para uma plataforma semelhante, a Latindex, um *Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal*. Quando se preenche o campo *Busqueda por título, ISSN ou término* se obtém como resposta *No hay resultados*. E ponto final.

Outro banco de dados relevante, que organiza a produção científica do subcontinente latino-americano e da Península Ibérica, é o Redalyc - Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal. Assim como a Latindex, a Redalyc nasceu na UNAM - Universidade Autônoma do Estado do México, em 2002, e conta com a participação de outras instituições de ensino e de pesquisa da macro-região. Desde o início, a ideia é a “construção de um sistema de informação científica composto pelos principais periódicos de todas as áreas de conhecimento editado na e sobre a América Latina” para assim “dar visibilidade à produção científica gerada na Ibero-América”. Os números impressionam: são mais de mil periódicos científicos das áreas de ciências sociais e naturais de 15 países, 450 mil artigos disponíveis, resumos em inglês e espanhol, referências e metadados. Em abril de 2017 o Redalyc recebeu o Prêmio Latinoamericano y Caribeño de Ciencias Sociales CLACSO “50 Años”, durante o colóquio internacional “América Latina: Política, Futuro, Igualdad”, na Cidade do México.

Com toda essa abrangência, o Redalyc não poderia deixar de encontrar algo em seu campo de busca quando se escrevesse “Memorial da América Latina”, certo? Sim, foram 108 ocorrências. Eis abaixo uma amostra dos artigos que encontrei:

⁵⁸ Disponível em: <http://www.scielo.br/?lng=pt> Acesso em: 18 dez. 2022.

- *Psicologia Ciência e Profissão*

Revista publicada pelo Conselho Federal de Psicologia do Brasil (ISSN:1414-9893) 2 artigos (em 2006 e 2010), nos quais apenas citam congressos de psicólogos ocorridos no Memorial.

- *Estudos de Psicologia UFRN*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte ISSN: 1413-294X

1 artigo de 2006 também cita um congresso de psicólogos no Memorial.

- *Boletim Academia Paulista de Psicologia ISSN: 1415-711X*

1 artigo de 2011 cita o XII Congresso Internacional de Brinquedotecas, que iria se realizar no Memorial.

1 artigo de 2018 menciona a Sessão Solene do seu congresso que também ocorreu no Memorial.

- *Tabula Rasa* ISSN: 1794-2489 e ISSN: 2011-2742

Revista publicada pela Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca - Colombia

1 artigo: “El agua es de la gente, no de Belo Monte:. Represas y pérdida de redes de sociabilidad entre las poblaciones afectadas, representadas en arpilleras amazónicas”. Escrito pelas pesquisadoras Marina Ertzogue e Monise Busquets, ambas da Universidade Federal de Tocantins, faz referência a uma exposição de arpilleras (bordadeiras em luta) ocorrida no Memorial em 2015, por um coletivo de mulheres do MAB-Movimento dos Atingidos por Barragens.

- *Afro-Ásia n° 30, 2003, pp. 389-413 ISSN: 0002-0591*

Revista publicada pela Universidade Federal da Bahia.

1 artigo de 2003, “A vista da Bahia por Carybé (1911 - 1997)”, de Matilde Matos, no qual cita o Memorial duas vezes: por ter um mural de Carybé e por ter sediado a exposição Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia, com os originais de Carybé e Pierre Verger que resultaram em livro homônimo.

- *EccoS - Revista Científica*, vol. 6, núm. 1, junho, 2004, p. 1-6, ISSN: 1517-1949

Revista publicada pela Universidade Nove de Julho.

Artigo de 2004, “Escola e futuro social”, de Eduardo Santos e José Rubens L. Jardimino, cita o Memorial.

- *SMAD, Revista Eletrônica em Saúde Mental, Álcool e Drogas*

Artigo de 2016, “Aspectos sociodemográficos dos usuários de crack assistidos pela rede de cuidados psicossociais”, de Aline Teles de Andrade, Thalita Soares Rimes, Lourdes Suelen Pontes Costa, Maria Salete Bessa Jorge, Paulo Henrique Dias Quinderé, cita o livro ***Drogas: a hegemonia do cinismo***, editado pelo Memorial, em 1997.

E assim essa lista poderia seguir até chegar aos 108 artigos. A maioria dessas publicações apenas cita o Memorial e faz isso por dois motivos: ou porque houve um congresso, reunião, debate ou colóquio sediado nas dependências do Memorial sobre o tema do artigo ou o Memorial publicou um livro ou revista que amparou de alguma forma a pesquisa do autor (Um desses livros, muito usado e citado por pesquisadores do continente é

América Latina. Palavra, literatura e cultura, coordenado pela literata chilena Ana Pizarro e editado pelo Memorial em parceria com a Unicamp, em 1993). Nenhum dos artigos no Redalyc, porém, aborda o próprio Memorial da América Latina. Por que essa instituição foi criada, em qual contexto socioeconômico, político e cultural? Quais os obstáculos e desafios que ela tem enfrentado para alcançar seus objetivos? A relação da instituição com a sociedade envolvente e a sua contribuição para a cultura latino-americana ainda não foi minimamente abordada.

O conjunto arquitetônico do Memorial da América Latina, no entanto, sempre inspirou artistas e poetas. Na própria base SciELO encontrei um texto lindo, que fecha a revista *Estudos Avançados*, de agosto de 2003. É um poema de Amélia Império Hamburger,⁵⁹ dedicado a Oscar Niemeyer:

⁵⁹ HAMBURGER, Amélia Império. “A Praça”. *Estudos Avançados*, ago 2003, volume 17, nº 48, p. 338 – 343.

A Praça

O banco, branco cimento.

O sol

As formas

Matéria e luz

Pensamento.

Alma da América Latina.

MEMORIAL

2 - SOBRE O TEMPO DA MEMÓRIA E DO MEMORIAL

2.1 A relação entre mente e matéria se dá por meio da memória

Imagem 5 – Passarela do Amor



A passarela e o prédio da administração.

Foto: Levi Fanan [2007]

Fonte: www.memorial.org.br

Estou no alto da passarela que une a Praça da Sombra à Praça do Sol. Faço lentamente um giro de 360° e observo o conjunto arquitetônico do Memorial. À minha esquerda, os prédios da administração, do Pavilhão da Criatividade Darcy Ribeiro, do antigo Parlatino e do Auditório Simón Bolívar, com seus dois anexos, o dos congressistas e o dos artistas. À minha direita, o Salão de Atos Tiradentes, a Biblioteca da América Latina, a antiga recepção, também chamada de “Queijinho”, a entrada monumental e a Galeria Marta Traba. Essas edificações estão distribuídas em 84 m², num jogo oscárico entre cheios e vazios, já que, como diz seu criador, “o espaço faz parte da arquitetura, então, no caso do Memorial, eu queria o espaço maior, para as peças aparecerem melhor” (Revista Nossa América, 2012, p. 10).

Para enxergar além deles, fecho os olhos. Contemplo os trinta e três anos de vida do complexo arquitetônico da Barra Funda à luz dos dois séculos de existência dos países que vão do Golfo do México ao Cabo Horn. Antes disso, nos tempos coloniais, o que havia? Recuo ainda mais. Agora vejo as “levas e levas de homo sapiens, [que] provavelmente

durante milênios foram chegando ao território, explorando-o como podiam e se estabelecendo onde era bom” (Rascov, 2020, p. 100). Há quanto tempo estão aqui aqueles que nós chamamos de povos originários? No livro **Línguas Ameríndias - ontem, hoje e amanhã**, o início do capítulo 15, denominado “O mundo maia” diz:

Em termos geológicos, não faz muito tempo que terminou a última Era do Gelo: aproximadamente 11 mil anos. Anteriormente, o nível dos oceanos havia rebaixado em média 100 metros - e isso durou milênios - deixando descoberta entre as Américas e a Ásia uma faixa de terra de 1.800 quilômetros de extensão, denominada Beríngia (atual Estreito de Bering). Para a maioria dos cientistas, foi por essa ponte que chegaram os primeiros habitantes do nosso continente. Quando não se sabe ao certo, e as teorias divergem. Há os que, como o bio-antrópologo Walter Neves, do Laboratório de Estudos Evolutivos e Ecológicos Humanos da USP, dizem que foi há 15 mil anos, baseados em estudos genéticos. Já a antropóloga Niède Guidon, da Fundação Museu do Homem Americano, defende que encontrou artefatos humanos de mais de 40 mil anos na Serra da Capivara, no Piauí. Para ela, o homem chegou também pelo mar, vindo da África e da Oceania.⁶⁰

Tantos homens e mulheres perdidos no tempo... Para aonde foram? Tento agarrar alguma lembrança, mas a memória coletiva se esvai pelos vãos dos dedos. Abro os olhos e vejo a *Mão* do Memorial diante de mim. Não é este Memorial que trará de volta a memória perdida, penso. O sangue que escorre da *Mão* é aquele derramado pelo genocídio colonial dos ameríndios e dos afroamericanos. Há que se buscar responsabilidades e reparações. Não é o sangue milenar das priscas eras que está representado ali. Preciso anotar uma pergunta no caderno que só agora ousou fazer: por que chamam este lugar de Memorial? Orestes Quércia jura que sonhou com o nome - Memorial da América Latina - ainda antes da sua eleição a governador do Estado de São Paulo⁶¹. Quem sabe foi um sonho de campanha. “Quando percebi que ia ganhar a eleição, pensei ‘vou fazer o Memorial da América Latina, inclusive com esse nome’. Quando falava o nome me diziam, mas ‘Memorial’ é memória em italiano, coisa do passado... Em resposta, eu pegava o dicionário e mostrava: veja o que é ‘Memorial’ em português, ‘Memorial’ não é só coisa do passado não...” (Quércia, 2006). Pensando no “memorial descritivo” de uma obra, o governador eleito olhava para o futuro, mas o Memorial da América Latina nasceria carregado da memória coletiva. Carregado de passado. Nas famigeradas listas dos dez melhores museus/monumentos do mundo, como as do site

⁶⁰ RASCOV, Eduardo et al. **Línguas Ameríndias - ontem, hoje e amanhã**. São Paulo: Memorial da América Latina, 2020, p. 100.

⁶¹ Depoimento gravado em vídeo em sete de junho de 2006, arquivado na Biblioteca da América Latina. Na ocasião, o ex-governador Orestes Quércia visitou o Memorial depois de longo “esquecimento”. Ele não era recebido na instituição que criara (teve até negado um pedido para gravar imagens próximas à *Mão* início dos anos 2000). O ostracismo de Orestes Quércia no Memorial da América Latina começou quando o PSDB assumiu o governo de São Paulo, em 1995. A partir daquele momento, e até a reabilitação em 2006, no Memorial só se falava em Franco Montoro.

TripAdvisor, invariavelmente, lá estão o *Memorial 11 de Setembro*, de Nova York, e o *Memorial do Holocausto Yad Vashem*, de Jerusalém. São monumentos dedicados às vítimas. É inegável que as populações originais das Américas foram vítimas de um genocídio. É inegável que uma monstruosidade igualmente genocida foi praticada contra os milhões de africanos escravizados. Mas não é isso que o nome - Memorial da América Latina - quer lembrar. Não segundo seu criador, Orestes Quércia.

Em sete de junho de 2006, por iniciativa de Fernando Leça, que presidia a instituição, Quércia foi homenageado solenemente nas dependências do conjunto arquitetônico que tanto amava⁶². Foi nessa ocasião que ele contou ter ficado preocupado, no início, com a palavra “memorial”, pois parecia remeter ao passado. Mas então descobriu a expressão “memorial descritivo”, que “propunha algo voltado para o futuro”, e se tranquilizou. “Memorial descritivo” é um termo técnico usado principalmente nos campos da arquitetura e da engenharia para detalhar tudo o que será executado em uma obra. O que deve ter assustado Quércia eram designações de lugares relacionados aos mortos, como Cemitério Memorial e Crematório Memorial, que a gente encontra por aí.⁶³ Quércia deve ter consultado os dicionários. O Dicionário Aurélio *on line* de Língua Portuguesa define “memorial”, na sua primeira acepção, como “escrita que relata fatos memoráveis, petição escrita, memorial descritivo, memória descritiva”. Se ele consultasse o Dicionário de Língua Espanhola da Real Academia Espanhola⁶⁴, veria que na língua castelhana consagrada em Madri o sentido é ligeiramente diferente: “1. *Libro o cuaderno en que se apunta o anota algo para un fin*. 2. *Papel o escrito en que se pide una merced o gracia, alegando los méritos o motivos en que se funda la solicitud*”. Os sentidos aqui apontam para uma finalidade. Já em francês, o significado para a mesma palavra, no Larousse *on line*, é mais próximo ao português: “1. *Ecrit dans lequel sont consignés certains faits mémorables; titre donné à des Mémoires (avec majuscule): Le Mémorial de Sainte-Hélène*. 2. *Monument commémoratif*. 3. *Mémoire à l’instruction d’une affaire diplomatique*”⁶⁵ (Escrita em que se registram certos fatos memoráveis; título dado às Memórias (com maiúscula): O Memorial de Sainte-Hélène. 2.

⁶² A curadora e conservadora do Pavilhão da Criatividade, Maureen Bisilliat, conta que era comum, nos primórdios do Memorial, receber a visita nos domingos do então governador Orestes Quércia. Ele vinha ao Pavilhão apresentar o projeto a um visitante ilustre, ou mesmo sozinho, e gastava um bom tempo olhando as peças do acervo, uma a uma.

⁶³ Lembro que na gestão do presidente José Henrique Reis Lobo (2003 - 2004), o Departamento de Comunicação Social criou um jornalzinho interno chamado *Memorialito*. O nome teve que ser trocado porque alertaram que essa era a forma pelo qual chamavam os cemitérios de crianças em algum país latino-americano.

⁶⁴ Dicionário de Língua Espanhola da Real Academia Espanhola (dle.rae.es). Em: <https://dle.rae.es/memorial?m=form>

⁶⁵ Dicionário de Língua Francesa (Dictionnaires Larousse). Em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/m%C3%A9morial/50406>

Memorial comemorativo. 3. Memorial de instrução de um assunto diplomático”). Mas, provavelmente, o sentido que prevalece na nossa cultura hoje é o que é dado pelo Cambridge Dictionary: “*an object, often large and made of stone, that has been built to honour a famous person or event * a war memorial * The statue was erected as a memorial to those who died in the war*” (um objeto, geralmente grande e feito de pedra, que foi construído para honrar uma pessoa ou evento famoso * um memorial de guerra * A estátua foi erigida como um memorial para aqueles que morreram na guerra). “Essa é a ideia. Em inglês, Memorial é mais coisa antiga, mas em português não é coisa antiga, está no dicionário, é para o futuro, ele prevê o futuro” (Quércia, 2006).

Erguer um monumento em prol dos heróis latino-americanos - esse seria o significado da palavra Memorial que mais se aproximaria da ideia original de Orestes Quércia (digo isso a partir do depoimento do ex-governador Almino Afonso, que comentarei mais à frente) não fosse a intervenção luminosa de Darcy Ribeiro. Em todo caso, se Orestes Quércia, um dos pais do Memorial, pensava o Memorial voltado para o futuro, não seria essa uma boa razão para ressignificá-lo, especialmente em nossa época em que culturas soterradas ressurgem, pleiteiam um lugar ao sol e contribuem com seus saberes tradicionais para a sobrevivência do planeta?

Os significados da palavra “memorial” nas três línguas neolatinas - português, espanhol e francês - guardam relação com a escrita. A palavra escrita é uma extensão da memória, individual ou coletiva, e preserva um capital simbólico poderoso. Este pode ser usado por gerações posteriores. Espero que esta dissertação - que lembra para não deixar esquecer e, ao fazer isso, escolhe esquecer muita coisa - seja usada um dia para repensar os desígnios da Fundação, pois o texto, dizia Borges, é “extensão da memória e da imaginação”. Sobre isso João Adolfo Hansen escreve:

Borges diz que o homem inventou instrumentos como extensão do corpo - a espada e o arado como extensão do braço, o microscópio e o telescópio como extensão do olho, o telefone como extensão da voz e o livro como extensão da memória e da imaginação. A escrita é poder, vocês sabem, e também poder como memória artificial, guardada em um arquivo ou em uma biblioteca, poder de armazenar capital simbólico para o futuro, resistindo ao tempo que passa e superando a oralidade do presente, em que a informação se esgota no ato da fala e da audição. Sabemos que a memória nunca é lembrança total, pois só é memória porque esquece, ou seja, é memória porque é seleção do que culturalmente se julga significativo e lembrável, condicionada por vários fatores - entre eles, por exemplo, os religiosos e os políticos.⁶⁶

⁶⁶ HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?** Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc, 2019. Coleção Bibliofilia, v. 1, p. 15.

Gravada na pedra ou escrita no papel, a Memória, da qual se servem os historiadores para construir uma versão dos fatos passados e os narradores para contar histórias ficcionais, a Memória tem uma dimensão ontológica assim como a razão e o logos - e deve ser considerada do ponto de vista filosófico. Por isso, farei uma breve reflexão inicial de base filosófica sobre a Memória, conceito do qual deriva a palavra “memorial”. Para tanto, usarei algumas ideias tratadas pelo filósofo francês Henri Bergson (1859 - 1941) sobre a relação espírito/matéria ou corpo/mente que, segundo ele, se dá por meio da Memória no tempo qualitativo, na “duração”. Foi uma maneira encontrada pelo autor para tentar superar o conflito epistemológico provocado pela antiga - desde os primórdios da filosofia pré-socrática - dualidade idealismo/realismo.

No livro *Memória e Matéria*, lançado no final do século XIX, Bergson desenvolve essas ideias sobre a relação corpo e espírito que podem nos ajudar a não nos sentirmos mais tão apartados do nosso passado. Leiamos o filósofo:

Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra. É incontestável que o fundo de intuição real, e por assim dizer instantâneo, sobre o qual se desenvolve nossa percepção do mundo exterior é pouca coisa em comparação com tudo o que nossa memória nele acrescenta. Justamente porque a lembrança de intuições anteriores análogas é mais útil que a própria intuição, estando ligada em nossa memória a toda a série dos acontecimentos subsequentes e podendo por isso esclarecer melhor nossa decisão, ela desloca a intuição real, cujo papel então não é mais - conforme mostraremos adiante - que o de chamar a lembrança, dar-lhe um corpo, torná-la ativa e conseqüentemente atual.⁶⁷

Imagem 6 – Mão



Escultura de Oscar Niemeyer. Foto: Eduardo Rascov, 2020.

Escrevo no caderno apoiado no joelho esquerdo. Estou sentado sobre as pernas na elevação que serve de pedestal para a *Mão* de Oscar Niemeyer. Não sei se posso ficar aqui, mas até agora nenhum segurança veio me pedir para sair. Quando a Praça Cívica é alugada para shows ou eventos comerciais, a “prefeitura” do Memorial coloca um gradil em torno do monumento. Para a montagem e desmontagem de palcos ou estandes de vendas, caminhões circulam por aqui colocando em risco esta que é uma das esculturas mais famosas de São Paulo, do Brasil e da América Latina

⁶⁷ BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990, p. 49.

(sei que escrevendo assim parece a rigor que São Paulo não é no Brasil, e o Brasil não é na América Latina, mas gosto do efeito). A mão esquerda está espalmada, deixando ver o sangue que escorre em direção ao pulso e forma um mapa estilizado do continente latino-americano. Aprecio quando as pessoas sobem no seu suporte de concreto e se apropriam dessa mensagem simbólica poderosa, provavelmente inspirada na obra de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*, lançada em 1970.

Galeano devia estar possuído pela entidade Mnemosine, no sentido apontado por Le Goff⁶⁸, quando escreveu a sua obra literária.

Os gregos da época arcaica fizeram da Memória uma deusa, Mnemosine. É a mãe das nove musas que ela procriou no decurso de nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos, preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho é do futuro. E a testemunha inspirada dos "tempos antigos", da idade heroica e, por isso, da idade das origens. [...] Diz-se que, para Homero, versejar era lembrar.⁶⁹

Quando Eduardo Galeano morreu, em 13 de abril de 2015, aos 74 anos, o Memorial perdia uma personagem importante na sua história e um antigo colaborador. Galeano havia integrado o conselho editorial da revista *Nossa América/Nuestra América* por muitos anos, na qual também publicara artigos ao longo do tempo. Era natural, portanto, que a *Nossa América* lhe fizesse uma homenagem. Ato contínuo, a Fundação iniciou preparativos para lançar uma edição da sua revista totalmente dedicada ao autor uruguaio ainda no primeiro semestre daquele ano. A edição 52 trazia na capa apenas uma foto p&b do escritor em atitude reflexiva e a inscrição *Eduardo Galeano 1940 - 2015*. Não havia qualquer chamada ou título a lhe quebrar a homenagem solene. A revista abria com a republicação de uma entrevista de Galeano dada ao seu amigo Eric Nepomuceno⁷⁰ sob o título “Ser como somos”. O escritor explicava sua obra assim:

De certa forma, o que tentei fazer é conversar com minha memória e com a memória de todos. A fronteira que separa minha memória da memória dos demais costuma ser nebulosa, a tal ponto que muitas vezes, enquanto escrevia *Memória do fogo*, eu sentia que estava escrevendo minha autobiografia. Estava escrevendo coisas que se referiam aos meus amores e às minhas fúrias mais profundas. Ao contrário, muitos textos de *O livro dos*

⁶⁸ Jacques Le Goff (1924 a 2014), historiador francês, membro da corrente *École des Annales*. Sua antropologia histórica da Idade Média implicava no estudo das mentalidades e da “longa duração”, mais do que no estudo de acontecimentos datados e marcantes, “o evento histórico”, protagonizado por heróis ou vilões. É o que se chamou de *Nova História*. Na França, dirigiu a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, no lugar de Fernand Braudel que, curiosamente, havia lecionado na USP (1934 a 1937) tendo como colega Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide, entre outros professores europeus.

⁶⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 438

⁷⁰ Eric Nepomuceno é jornalista, tradutor e escritor. Foi o primeiro editor da revista *Nossa América*

abraços ou de *Dias e noites*, que são textos que nascem como uma espécie de confissão autobiográfica, revelam uma espécie de vocação coletiva que as autobiografias não costumam ter. Isso talvez se deva ao fato de que eu gostaria de merecer, algum dia, o autoelogio que Juan German brindou à poesia de Walt Whitman, dizendo: “O velho fala dele/ mas tem o eu cheio de gente”⁷¹.

Talvez o tema central da produção de Galeano seja a recuperação da memória latino-americana, tendo como ponto alto a trilogia *Memória do fogo* (*Nascimentos*; *Caras e Máscaras*; e *Século do Vento*, publicados entre 1982 e 1986). O cubano Pedro de la Hoz, então vice-presidente da União de Escritores e Artistas de Cuba, diz que “Galeano já era maduro”, quando escreveu a trilogia, “muito mais poético, porém ao mesmo tempo mais incisivo. Esta obra foi elogiada por sua perspectiva americanista e descolonizadora, ao oferecer um muito completo entendimento das *veias abertas* por parte de um escritor crítico, formado e posicionado sempre ao lado dos desfavorecidos” (Nossa América nº 52, p.41). Ou, como sugere Jacques Le Goff, talvez Galeano conversasse com os deuses:

Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do além. A memória aparece então como um dom para iniciados e a anamnesis, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é o antídoto do Esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, pelo contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade.⁷²

Depois dessa digressão sobre um dos intelectuais importante na cultura do Memorial, volto ao filósofo do tempo. Antes de mais nada, é preciso saber que a "intuição" referida acima por Bergson será definida como seu método filosófico por excelência, o que faz um comentador ilustre perguntar “¿cómo puede la intuición formar un método, toda vez que el método implica esencialmente una o varias mediaciones y la intuición designa ante todo un conocimiento inmediato?”⁷³ (Deleuze, 1987, p. 10). A resposta está no cerne da filosofia bergsoniana, mas não é o caso de entrar neste edifício neste estudo. O interessante para nós é conhecer este outro passo do pensamento de Bergson:

Mas a verdade é que nosso presente não deve se definir como o que é mais intenso: ele é o que age sobre nós e o que nos faz agir, ele é sensorial e é motor; - nosso presente é antes de tudo o estado de nosso corpo. Nosso

⁷¹ NEPOMUCENO, Eric. Ser como somos. **Revista Nossa América**, nº 52, São Paulo: Memorial da América Latina, 2015, p. 9

⁷² LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 438

⁷³ “Como pode a intuição formar um método, uma vez que o método implica essencialmente uma ou várias mediações e a intuição se refere antes de tudo a um conhecimento imediato?” (tradução nossa)

passado, ao contrário, é o que não age mais, mas poderia agir, o que agirá ao inserir-se numa sensação presente da qual tomará emprestada a vitalidade.⁷⁴

O potencial de mudança que o passado vitalizado traz é alvissareiro para o Memorial da América Latina. Para Bergson há uma contemporaneidade do passado e do presente, que Deleuze explica assim:

No sólo coexisten el pasado con el presente que ha sido, sino que además, como se conserva en sí (mientras que el presente pasa), es el pasado en su totalidad, el pasado integral, todo nuestro pasado el que coexiste con cada presente. La célebre metáfora del cono representa este estado completo de coexistencia. Pero dicho estado implica finalmente que en el pasado mismo figuren toda suerte de niveles en esta coexistencia.⁷⁵

Bergson usa a “célebre metáfora do cone” para afirmar que os dados da percepção “a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra”, como se o passado (a memória que não passa) empurrasse a ponta do cone. Os conceitos bergsonianos são encadeados e ajustados entre si de tal forma que é praticamente impossível resumir sua teoria. Não é o caso de se estender neles, mas posso, em suma, repetir (correndo o risco de uma simplificação imperdoável), que o espírito e a matéria se relacionam por meio da memória (o cone, do qual o presente é apenas a ponta). E eles se relacionam no tempo, mais que no espaço. Não no tempo quantitativo, espacial, que pode ser medido pelo relógio e o calendário, mas no tempo qualitativo, que Bergson chama de “*la durée*” (a duração). E como acessá-la? Por meio de um “salto súbito” da intuição espontânea. Deleuze tenta explicar esse ponto: “La invocación al recuerdo es ese salto súbito por el que me instalo en lo virtual, en el pasado, en una determinada región del pasado, en tal o cual nivel de contracción. Creemos que esta invocación expresa la dimensión propiamente ontológica del hombre o, más bien, de la memoria.” (Deleuze, 1987, p. 64).

⁷⁴ BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990, p 197

⁷⁵ DELEUZE, Gilles. **El Bergsonismo**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1987, p. 60.

2.1.1 O Memorial da América Latina como lugar de memória: o tempo recuperado

O escritor Marcel Proust (1871 - 1922), contemporâneo de Bergson, é frequentemente apontado como um exemplo literário do que o filósofo quer dizer. Os sete volumes do romance *Em busca do tempo perdido* tratam basicamente de um mesmo grupo de personagens ao longo de décadas, da chamada *Belle Époque* ao período da Primeira Guerra Mundial (os três últimos volumes foram publicados postumamente, entre 1923 e 1927). São aristocratas franceses mais ou menos decadentes - há os engraçados da província, há os charmosos dos salões de Paris, todos atravessados por Swann, um pequeno burguês judeu, muito culto, assolado e assombrado por suas paixões - tudo isso rememorado pelo personagem do eu narrador desde os tempos de menino. É como se Proust, num “salto súbito” (a epifania provocada pela *madeleine* na chávena de chá, no primeiro volume, o tropeço na calçada irregular do sétimo) olhasse “a duração”, o passado que não passa, o “passado puro” de Bergson assim descrito por Deleuze:

El pasado y el presente no designan dos momentos sucesivos, sino dos elementos que coexisten: uno, que es el presente que no cesa de pasar; el otro, que es el pasado y que no cesa de ser, pero mediante el cual todos los presentes pasan. En este sentido hay un pasado puro, una especie de “pasado en general”: el pasado no sigue al presente, sino que es supuesto por él como la condición pura sin la cual no pasaría. Con otras palabras, cada presente remite a sí mismo como pasado.⁷⁶

Se você trocar a palavra “imagem” (em Bergson) pela palavra “ideia” em Platão, será impossível não notar a influência platônica no construto filosófico bergsoniano, como o próprio Deleuze assinala. No entanto, Bergson usa os conhecimentos científicos da época, especialmente os neurológicos, mas também os físicos, naturais e sociais, para construir uma Filosofia do Ser que rebateu com força na Europa a partir do ano 1900. Novamente recorro a Le Goff:

Para voltar à memória social, as convulsões que se vão conhecer no século XX foram, parece, preparadas pela expansão da memória no campo da filosofia e da literatura. Em 1896 Bergson publica **Matière et mémoire**. Considera central a noção de “imagem”, na encruzilhada da memória e da percepção. No termo de uma longa análise das deficiências da memória (amnésia da linguagem ou afasia) descobre, sob uma memória superficial, anônima, assimilável ao hábito, uma memória profunda, pessoal, “pura”, que não é analisável em termos de “coisas” mas de “progresso”. Esta teoria que realça os laços da memória com o espírito, senão com a alma, tem uma grande influência na literatura. Marca o ciclo narrativo de Marcel Proust, *À la recherche du temps perdu* (1913-27). Nasceu uma nova memória romanesca, a recolocar na cadeia “mito-história-romance”⁷⁷.

⁷⁶ DELEUZE, Gilles. **El Bergsonismo**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1987, p 59 e 60

⁷⁷ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 471

Proust, porém, não concorda com essa comparação. Ele prefere dizer que escreve “romances do inconsciente” a partir da “memória involuntária”, conceito que se opõe, evidentemente, à memória-cone bergsoniana que pode ser acessada por um “salto súbito”. Um pouco antes de Proust publicar o primeiro volume da série, *No caminho de Swann*, em novembro de 1913, ele foi entrevistado pelo jornalista Elie-Joseph Bois, do *Le Temps*. Antecipando às aproximações que seriam notórias, Proust esclarece:

Desse ponto de vista, meu livro pode ser encarado como uma tentativa de uma série de “romances do inconsciente”. Eu não ficaria envergonhado de dizer “romances bergsonianos” se acreditasse nisso, pois, em todas as épocas, a literatura tenta encontrar uma ligação - depois do acontecido, naturalmente - com a filosofia reinante. Mas esse termo seria incorreto, pois minha obra se baseia na distinção entre a não memória voluntária e a memória involuntária - distinção que não só não aparece na filosofia do sr. Bergson, mas que até mesmo é contradita por ela.⁷⁸

Os dois autores franceses, no entanto, têm em comum o tempo como tema. Por isso, Proust é tão solicitado e analisado pelos filósofos. É o próprio escritor quem nos mostra essa linha condutora da sua obra:

Muitos jovens escritores, com quem mantenho boas relações de amizade, preferem a direção oposta: ação curta, poucas personagens. Essa não é a minha concepção de romance. Tentarei explicar por quê. Como você sabe, temos a geometria plana e a estereometria - geometria em espaço bidimensional e tridimensional. Bem, para mim, o romance não significa apenas a psicologia comum, mas a psicologia no tempo. É essa substância invisível do tempo que tentei isolar, e isso significou que a experiência tinha de durar um longo período. Espero, que, no fim do meu livro, certos eventos sociais sem importância, como o casamento de duas personagens, no primeiro volume, que pertencem a mundos sociais totalmente diferentes, sugeriram que o tempo passou e cobriu esse tipo de beleza e de pátina que você pode ver nas estátuas de Versailles que o tempo gradualmente revestiu com uma camada de esmeralda.⁷⁹

Semelhantemente a Le Goff, o historiador francês contemporâneo Pierre Nora (1931) evoca Bergson - e também o escritor Marcel Proust - para desenvolver o conceito de “lugar de memória”, que não se confunde com o lugar histórico, mas se contrapõe ao triunfo da história, organizada segundo princípios racionais, sem contato com a “duração” de Bergson.

Pierre Nora nota que a memória coletiva, definida como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”, pode à primeira vista opor-se quase termo a termo à memória histórica como se opunha antes memória afetiva e memória intelectual. Até os nossos dias “história e memória” confundiram-se praticamente e a história parece ter-se

⁷⁸ SHATTUCK, Robert. *As ideias de Proust*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974, p. 160

⁷⁹ Idem *ibidem*

desenvolvido "sobre o modelo da rememoração, da anamnese e da memorização". Os historiadores davam a fórmula das "grandes mitologias coletivas", "ia-se da história à memória coletiva". Mas toda a evolução do mundo contemporâneo, sob a pressão da história imediata, em grande parte fabricada ao acaso pelo media (mídia), caminha na direção de um mundo acrescido de memórias coletivas e a história estaria, muito mais que antes ou recentemente, sob a pressão dessas memórias coletivas.⁸⁰

Os lugares de memória seriam “frestas” por onde a memória coletiva se insinua, memória essa sob turbulência em face das mudanças vertiginosas da modernidade que levaram à compressão espaço-temporal que experimentamos hoje. Sob o subtítulo “O fim da memória-história”, Nora escreve:

Está dada a ordem de se lembrar, mas cabe a mim me lembrar e sou eu que me lembro. O preço da metamorfose histórica da memória foi a conversão definitiva à psicologia individual. Os dois fenômenos estão tão estreitamente ligados que não se pode impedir de salientar até sua exata coincidência cronológica. Não é no fim do século passado, quando se sentem os abalos decisivos dos equilíbrios tradicionais, particularmente o desabamento do mundo rural, que a memória faz sua aparição no centro da reflexão filosófica, com Bergson, no centro da personalidade psíquica, com Freud, no centro da literatura autobiográfica, com Proust? [...] Inaugura-se um novo regime de memória, questão daqui por diante privada. A psicologização integral da memória contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos da memória e da relação com o passado.⁸¹

Até que ponto um monumento como o Memorial da América Latina pode ser, não apenas um documento histórico, mas um lugar de memória coletiva fecundo, com o qual se desenvolvam relações afetivas e simbólicas? A resposta a essa pergunta vai indicar se as pessoas, coletivamente, podem apontar caminhos para os dilemas contemporâneos da América Latina. Sente-se que a memória se perdeu, como se o cone de Bergson tivesse se rompido, mas ainda não é tarde demais:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais⁸².

⁸⁰ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 472, 473

⁸¹ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução Aun Khoury Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, p. 17 e 18 . Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 20 dez 2022.

⁸² Idem, ibidem, p.7

Levanto-me para esticar as pernas e alongar a coluna. Não saio do pedestal. Um casal de quero-quero se diverte no espelho d'água do Salão de Atos. Olho para meus pés e vejo ao lado, no plano inclinado, as palavras gravadas no concreto por Orestes Quércia: “O sentimento da unidade latino-americana é o limiar de um novo tempo. O esforço de organização para eliminar a opressão dos poderosos e construir um destino maior e mais justo é o compromisso solene de todos nós”. Sento-me de novo, encostado no punho da Mão. Coloco o caderno sobre a coxa e escrevo: “A Fundação Memorial da América Latina tem um grande passado pela frente. O Memorial pode se tornar um local em que a memória coletiva seja reativada. O Memorial pode intervir nos novos desafios das sociedades latino-americanas, do Golfo do México ao Cabo Horn”. Pois, se o “passado puro” não passa e está sempre presente na duração (Bergson), e se a “memória involuntária” ativa vívidas lembranças (*O tempo reencontrado*, 7º volume, de *Em busca do tempo perdido*), este Memorial pode se tornar tanto “lugar de memória” (Nora) quanto o é a “pátina que você pode ver nas estátuas de Versailles que o tempo gradualmente revestiu com uma camada de esmeralda” (Proust). De qualquer forma, concordo com Galeano ao confessar, no livro *Dias e noites de amor e guerra* (1978), que confia que “a memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo” (*Nossa América*, 2015, p. 30).

2.1.2 Mais que um monumento, o Memorial é um documento histórico eloquente

No livro **História e memória**, citado anteriormente, Jacques Le Goff apresenta os “materiais da memória” (não confundir com “lugar de memória”) como sendo tradicionalmente divididos em “monumento” (“monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”, “uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco do triunfo, coluna, troféu, pórtico etc”) e “documento”. Escrevendo sobre o primeiro, ou seja, “monumento” (como o Memorial da América Latina, por exemplo), o autor diz que “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (Le Goff, 2003, p. 535). O conjunto arquitetônico do Memorial é um monumento que evoca certo passado do subcontinente latino-americano (“é um legado à memória coletiva”) fruto de uma decisão ou escolha. Essa “escolha” tem que ser levada em consideração pelo historiador porque, o que não foi escolhido, ou seja, o que não sobreviveu, pode ser mais eloquente.

Encontro Aparecida da Graça, a gerente da Biblioteca Latino-Americana. Ela trabalha no Memorial desde a sua fundação. Cidinha me mostra alguns documentos originais do Memorial. Para os historiadores positivistas, “o documento é tido como objetivo, ao contrário do monumento cuja intencionalidade é evidente. Ainda mais porque, preferencialmente, é um testemunho escrito. Os documentos seriam objetivos e o historiador não pode afirmar nada que não esteja neles” (Le Goff, 1990, p.536). Essa visão foi contraposta pelos historiadores reunidos em torno da revista *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, que surgiu em 1929. Le Goff cita um trecho de um artigo de Lucien Febvre, intitulado “Por uma nova história”, de 1949⁸³:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a

⁸³ FEBVRE, Lucien. Vers une autre histoire. **Revue de métaphysique et de morale** (volume LVIII, 1949 pp. 419-38), citado por LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 540

presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreaajuda que supre a ausência do documento escrito?

Essa visão amplia muitíssimo o material histórico e as fontes com as quais o historiador pode trabalhar. E aumenta o interesse pela história de vida do homem comum - não só mais a do líder ou do herói. Com o surgimento dos computadores, na segunda metade do século XX, tornou-se possível, por exemplo, compilar detalhadamente a vida religiosa do camponês tal como ela foi registrada nos velhos cadernos das igrejas medievais. Isso fez com que, a partir dos anos 60, com o aprimoramento das técnicas de classificação e arquivamento digitais, surja novamente a questão da objetividade do documento. Com os bancos de dados muito mais fáceis de serem construídos, houve a quantificação e a formação de séries documentais. Passou a ser mais relevante o número e a repetição do dado. O documento em si não importava mais tanto, mas o lugar que ele ocupava na série e a sua relação com o que vem antes e depois. Era como se antes dos computadores houvesse imprecisão e agora, objetividade. É o que se chamou de História Quantitativa. Paradoxalmente, diante da abundância de dados, e a facilidade não só para classificá-los, mas também para compará-los com o que vem antes e com o que vem depois, a própria ontologia do real se torna mais fugidia. Le Goff argumenta que “não nos devemos contentar com esta constatação da revolução documental e com uma reflexão crítica sobre a história quantitativa de que esta revolução é o aspecto mais espetacular” (Le Goff, 1990, p. 542). Não importa qual método se usa para tratar o documento original, se “recolhido pela memória coletiva e transformado em documento pela história tradicional [...] ou transformado em dado nos novos sistemas de montagem da história serial, o documento deve ser submetido a uma crítica mais radical” (Ibid, p 542, 543), isso porque, seja como for, o “documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder” (Ibid, p. 545). Assim como o monumento, o documento também é usado pelo poder. Nesse sentido, conclui Le Goff, todo documento é monumento igualmente. Para ele, o dever principal do historiador é “a crítica do documento - qualquer que ele seja - enquanto monumento” (Ibid, p. 545), pois,

O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a

urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica.⁸⁴

⁸⁴ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 549

2.1.3 Memorial da América Latina ou Memorial de Abya Yala?

Se é verdade que o Memorial ainda não deu certo, também é preciso admitir que ele não foi um fracasso total. Em pouco mais de três décadas de vida, algo quixotesicamente, lutou para ser legitimado nos meios governamentais, econômicos, jornalísticos, populares, artísticos e intelectuais. Essa necessidade de reconhecimento era debatida internamente. Como se o Memorial não tivesse a sua razão de ser definida por lei, discutia-se a sua identidade e missão. Falava-se sobre tudo. Um dos questionamentos era sobre o próprio conceito de “América Latina”. Como chegamos a ser conhecidos por essa expressão, “América Latina”, se o continente batizado “América” era habitado por incontáveis etnias, povos e civilizações muito antes da chegada dos “latinos” europeus? E quanto aos milhões de africanos capturados e, em seguida, escravizados deste lado do Atlântico, o que têm eles a ver com a “Última flor do Lácio, inculta e bela” cantada por Olavo Bilac?

Carlos Calvo, um jurista argentino radicado na Europa, em 1864 escreveu um livro em homenagem ao imperador Napoleão 3º (chamado de Rei Latino, em oposição ao mundo germânico e anglófilo) no qual usava a expressão “América Latina”. Na época, na França, circulava a revista *Raças Latinas*, que se referia principalmente aos italianos, franceses, portugueses e espanhóis. Raramente falava de algum latino-americano. No ano seguinte, o colombiano José Maria Torres Caicedo lançou a ideia de criar uma liga latino-americana, em contraposição à política pan-americana dos EUA (doutrina Monroe). Mas não foi pra frente. O termo só foi vingar em meados do século XX pela mão de historiadores norte-americanos do pós 2ª Guerra. Seja pela Europa, seja pelos EUA, a designação chegou até nós pelo Norte.

O estranhamento com o nome do continente vai além. No Congresso América 92, realizado na USP e na UFRJ, em agosto de 1992, Luiz Renato Martins (então professor de Estética e História da Arte da Unicamp e hoje docente da ECA-USP) apresentou a palestra *Novo Mundo: a Ideia da Renascença* com grande repercussão. Ele colocou em dúvida as viagens de Amerigo Vespucci. Renato Martins explicou que ao longo do tempo vários historiadores afirmaram que Amerigo Vespucci nunca navegou. Ou pelo menos não fez todas as viagens que diz ter feito. Não haveria registro delas nos arquivos de Portugal, Espanha e Itália. Em 1998 o Memorial publicou esse ensaio como livro de bolso da Coleção Memo. Nele Renato Martins esclarece que

Nada garante as viagens alegadas por Vespucci, duas a serviço de Portugal e outras duas da Espanha, exceto as suas cartas de caráter pessoal, enviadas a Lorenzo di Medici e a Piero Soderini, em Florença, ou seja, a dois

destinatário sem controle direto sobre os fatos. Dessa correspondência têm-se só cópias comercializadas nos círculos literários europeus na época. [...] Neste caso, como o seu nome, à revelia de toda designação oficial, em documentos espanhóis como portugueses, impôs-se entre os europeus como designação do continente recém-descoberto? O que explica tal privilégio ou celebração? Tal é o enigma histórico que os estudiosos trataram de decifrar, sem solução. O dilema não passa por nenhuma deliberação das potências empenhadas nas navegações, Portugal e Espanha, que se viram obrigadas a aceitar pela força dos fatos uma designação espontânea, estranhas às suas nobiliárquicas ou às celebrações de Estado. Até a metade do século XVII, a América é chamada oficialmente pela Espanha de Índias Ocidentais.⁸⁵

Americo Vespucci teria escrito cinco cartas (que depois viraram livros). Mas “as distintas versões existentes não concordam e às vezes são inverossímeis quanto aos itinerários, datas das viagens e às referências geográficas” (Martins, 1998, p. 8). É mais provável que Americo Vespucci tenha comprado os relatos de outros navegadores sobre as descobertas e escrito as cartas que lhe deram fama baseadas neles. O florentino era um grande escritor, soube florear o estilo e acrescentar detalhes fantásticos às informações privilegiadas que chegavam até ele por ser o diretor da filial de Sevilha da casa bancária dos Medici. Seus escritos tiveram “um impacto simbólico, nas esferas das letras e do humanismo” (Martins, 1998, p. 15) É inegável que o autor de **Mundus Novus**, seja quem for, era um homem da Renascença. Nas suas cartas ele admite “a fragilidade e a precariedade das fórmulas conhecidas ante o que descrevia” (Ibid). As “fórmulas conhecidas” eram a linguagem escolástica que caracterizava a “cultura precedente, marcada pela hegemonia dogmática” (Ibid). A publicação desses escritos se tornou best-seller no início do século XVI, principalmente **Mundus Novus**. Vespucci havia captado o espírito da época.

A Renascença comporta um novo estatuto da linguagem, inclusive o plurilinguismo, e a constituição de novas e variadas formas de consciência de si, das quais a glorificação do humano como o cetismo de Montaigne constituem momentos marcantes. A ruptura com a escolástica assinala a emergência da cultura renascentista, na qual, como se mostrará, as cartas de Vespucci se inserem legitimamente.⁸⁶

Um dos seus leitores foi o cartógrafo alemão Martin Waltzemüller. Em 1507 ele estava preparando uma edição crítica da Cosmografia de Ptolomeu para o “círculo de eruditos de Saint-Die, patrocinado pelo duque da Lorena”. Ao lado do primeiro mapa do Novo Mundo, Waltzemüller “atribui pela primeira vez o nome de “América” ou “terra de Americo” para o mundo recém-descoberto - um sinal da influência que o texto da *Mundus Novus*, presumido

⁸⁵ MARTINS, Luiz Renato. *Novo Mundo - A ideia da Renascença*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1998, p. 4 e 5.

⁸⁶ Idem ibidem, p. 13

de Vespucci, passara a exercer entre os letrados europeus” (Martins, 1998, p. 14). Pronto. Sob o signo da dúvida e da vanguarda do conhecimento da época, nascíamos americanos.

Em outubro de 2000 o Memorial recebe a exposição “Américo Vespúcio entre Florença e Brasil”, na Galeria Marta Traba. Ela encerrava em São Paulo uma turnê pelo Brasil. Era uma contribuição italiana para as comemorações dos 500 anos da “descoberta” do Brasil (melhor dizendo, ocupação e destruição de um equilíbrio milenar, seguida de colonização genocida, que incluía extermínio em massa de povos originários e africanos escravizados - tudo em nome do desenvolvimento do capitalismo). A mostra trazia instrumentos náuticos, como um astrolábio e mapa marítimo originais de 1500, gravuras da Florença renascentista, reproduções de pinturas de importantes artistas florentinos, como Sandro Botticelli (1445 - 1510) e Domenico Ghirlandaio (1449 - 1494). Deste, aliás, veio a reprodução de um afresco no qual aparecia o menino Americo Vespucci (1454 - 1512) olhando Jesus Cristo ser retirado da cruz, o que comprova a importância da família. Também veio o retrato original de Vespucci, pintado postumamente pelo também florentino Cristofano dell’Altissimo, que faz parte do acervo da Galeria Uffizi, de Florença.

O release dos organizadores dizia que Americo havia navegado pela primeira vez em 1499 e chegado ao Brasil alguns meses depois de Pedro Álvares Cabral. Era certo que tinha vindo mais uma vez e podia ser que tivesse visitado a nascente colônia portuguesa até quatro vezes. Dizia também que foi ele quem deu o nome ao rio São Francisco. Com um currículo desse, era esperado que atraísse a imprensa. Veio a poderosa Rede Globo. Como precisava de um especialista para ser entrevistado, chamei, claro, o professor Luiz Renato Martins, que havia publicado pelo Memorial o livro **Novo Mundo - A ideia da Renascença**. A entrevista começou e ele foi logo dizendo que, apesar da exposição não tocar no assunto, não era certo que Americo Vespucci tinha vindo ao Brasil ou sequer navegado pelo Atlântico. Essa era uma polêmica histórica antiga e havia historiadores sérios de ambos os lados. Ato contínuo, o repórter mandou desligar a câmera e anunciou que ia embora. Derrubou a matéria. Renato Martins e eu ficamos sem entender. Não era mais interessante contar essa história? Dizer que a força das cartas vespuccianas não vinha do fato dele ter singrado mares ou não, mas por elas terem sido muito bem redigidas em sintonia com o espírito da época?

O livro **América Latina: a Pátria Grande** é uma coletânea de textos de Darcy Ribeiro publicada pela Fundação Darcy Ribeiro e Global Editora em 2013. O primeiro capítulo tem o seguinte título: “A América Latina existe?” O antropólogo não perde tempo com questões filosóficas e especulações históricas. Teórico com a mão na massa, fazedor político audacioso, Darcy responde à pergunta de modo singelo: “Não há dúvida que sim”. E

passa a “aprofundar o significado dessa existência”. Depois de enumerar as “semelhanças e diferenças” e a “uniformidade sem unidade” da região, ele lança perguntas fundamentais:

Por que insistimos que somos brasileiros e não argentinos, que nossa capital é Brasília e não Buenos Aires? Ou que somos chilenos e não venezuelanos, ou que nossos ancestrais indígenas são os incas, porque os astecas são dos mexicanos? O observador distante poderia argumentar: por acaso todos vocês não são os descendentes da matriz indígena? Os resultantes da colonização ibérica? Não se emanciparam todos no curso de um mesmo movimento de descolonização? Ou não são os que, depois de independentes, hipotecaram seus países, sem distinção, aos banqueiros ingleses? Vocês se reconhecem ou não como os que foram e estão sendo colonizados pelas corporações norte-americanas?⁸⁷

Nos últimos anos tem ganhado força um movimento para renomear o continente com uma designação indígena. Mas qual? Há várias sugestões. Uma das mais aceitas é a abordada pela socióloga panamenha Briseida Barrantes Serrano, da Universidade do Panamá, na América Central. Além de docente, ela é presidente do Colégio de Sociologia e Ciências Sociais do Panamá. Em 2021 Serrano escreveu um artigo para a revista Nossa América sobre um pequeno país caribenho. O título era “São Vicente e Granadinas, um olhar do centro de Abya Yala”. Na página 59 a nota nº 5 explica: “Abya Yala significa “terra em plena maturidade” ou “terra de sangue vital” na língua dos povos Kuna, originário do norte da Colômbia, e Guna Yala, no atual Panamá. A expressão vem se firmando entre os povos originários em contraponto ao nome América, dado pelo colonizador, e para fortalecer o sentimento de unidade e pertencimento”. Memorial de Abya Yala?

⁸⁷ RIBEIRO, Darcy. América Latina: a Pátria Grande. São Paulo: Global Editora, 2017, p 25

2.2 O Congresso Anfictiônico do Panamá e o Memorial da América Latina

Um dos prédios mais bonitos do Memorial da América Latina é o Auditório Simón Bolívar. Nele cabem 1800 pessoas sentadas. O Simón Bolívar é uma espécie de grande teatro de arena, formado por um palco no meio de duas plateias, uma de cada lado. Na parede, unindo essas duas plateias, uma gigantesca tapeçaria ondulante pintada nas cores primárias, criada por Tomie Ohtake. O foyer do Auditório é um espetáculo à parte. Dele sobe uma rampa sinuosa que acessa a plateia. Na altura da curva, no alto, pousada estrategicamente, *A Pomba*, de Alfredo Ceschiatti. A escultura em bronze de 200 x 300 cm domina o ambiente do alto do seu pedestal cilíndrico. O pássaro de metal tem o corpo oblongo, embora gordo e arredondado. Di Cavalcanti dizia que para se conhecer uma obra de Ceschiatti é preciso abraçá-la. Quando o Auditório Simón Bolívar começou o processo de restauração das suas obras de arte, alguns meses após o incêndio de 2013, vi que o restaurador César Olandim havia montado um andaime para chegar no Ceschiatti. Pedi a ele que me deixasse subir e abraçar *A Pomba*. Precisava conhecê-la. O site do Memorial assim registra sua restauração:

Já sobre a escultura *A Pomba*, de Alfredo Ceschiatti, o especialista diz que o processo será mais complicado. “Ela pegou uma alteração de pátina decorrente do excesso de calor que recebeu. Será movida a sujidade da obra, porém essa alteração da cor jamais vai ser reversível”. A obra será limpa, estabilizada e polida novamente para ficar o mais próximo possível do original, mas continuará com resquícios do incêndio, diz o perito. As mudanças, explica Olandim, “não degradam e nem desvalorizam. Viraram elementos de composição, que vão fazer parte da história”⁸⁸.

Estou embaixo do Ceschiatti. Apoio o caderno no mural da rampa. Me viro de costas para a entrada do Auditório e me perco no jogo de reflexos na parede espelhada do foyer. Fecho os olhos e vejo a multidão entrando afoita para assistir o Balé Nacional de Cuba. Faltam palavras para descrever a cena. Deixo a tarefa para o arquiteto Fernando Frank Cabral, na Nossa América.

No foyer, os espelhos e os vidros dos caixilhos ampliam, de maneira quase mágica, os espaços externos e internos do edifício. Os vidros escuros refletem, externamente, a paisagem durante o dia. À noite, internamente, refletem o foyer iluminado. Além disso, no foyer, o efeito do reflexo do espelho que ocupa toda a parede que o separa da plateia é surpreendente. Com a “eliminação” da parede e o reflexo do ambiente, o resultado é o rebatimento do espaço de 1400m², duplicado com todos os seus elementos

⁸⁸ Sobre o restauro das obras do Auditório Simón Bolívar, consultar matéria no site do Memorial, disponível em: <https://memorial.org.br/ja-comecou-o-restauro-das-obras-que-estavam-no-auditorio/> Acesso em: 19 de dezembro de 2022

arquitetônicos. Quando o foyer está repleto, cheio de gente caminhando pelas escadas e rampa, o resultado é ainda mais impressionante⁸⁹.

O sonho da América Latina unida é o sonho de Simón Bolívar, cujo busto está guardando o Auditório, ali em frente. O Libertador teve um vislumbre do que isso significa em 1826, no Congresso Anfictiônico do Panamá, de 1826, talvez o momento em que o ideal da integração latino-americana esteve mais próximo de se concretizar. A irradiação desse movimento histórico, de alguma forma, se expande até a fundação do Memorial da América Latina, 163 anos depois.

Os governos da Gran Colômbia, México, Peru, *Centroamérica* e Chile haviam firmado previamente um acordo pelo qual se comprometiam com a “unión, liga e confederación perpetua”. Com o Congresso Anfictiônico do Panamá buscavam criar mecanismos para essa efetivação, através de uma “una asamblea confederal donde se discutan los asuntos corrientes de la Confederación, un tribunal de arbitraje, un ejército confederado, y arreglar el comercio recíproco en términos preferenciales”⁹⁰.

A palavra “anfictiônico” vem do grego e significa “fundação conjunta”, entre outras acepções. As antigas *anfitionias* helênicas, como a de Delfos, eram espécie de ligas religiosas que acabaram tendo grande poder político. O Congresso Anfictiônico do Panamá teve boa divulgação nos jornais daquela época, na América Hispânica, no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. As ex-colônias espanholas tinham acabado de se tornar independentes e, tecnicamente, ainda estavam em guerra com a antiga metrópole. A Espanha, por sua vez, se apegava à Santa Aliança na esperança de recuperar seus domínios americanos. Santa Aliança, essa, criada pelas monarquias vencedoras de Napoleão a fim de restabelecer as antigas casas imperiais aos reinos europeus, inclusive os Bourbons. É claro que Carlos X, um Bourbon, então imperador da França, não aceitaria participar de um arranjo político de cunho liberal em desafio aos reis que lhe sustentavam no poder.

No entanto, o professor Germán A. de la Reza, da Universidad Autónoma Metropolitana (Unidad Xochimilco, México), discute se a França foi convidada ou não a participar do Congresso Anfictiônico do Panamá, de 1826. Se foi, por que não compareceu? Ele demonstra com bastante eruditismo que, ao contrário do que influentes historiadores diziam, foram feitas, sim, gestões diplomáticas para trazer o apoio de Paris à ideia de se criar uma Confederação em nosso continente. Foi um trabalho de detetive, resumido assim pelo

⁸⁹ CABRAL, Fernando Frank. A beleza na síntese - Auditório Simón Bolívar. Revista Nossa América, 2012, p. 37

⁹⁰ Idem ibidem.

autor: “O artigo examina os rastros documentais do possível convite à França para participar do Congresso Anfictiônico do Panamá de 1826, um convite desconhecido pela maioria dos historiadores e que dispõe de evidência documental escassa. Para executar nossa averiguação, apelamos ao conjunto de pistas disponíveis: correspondência diplomática; fontes primárias; obras contemporâneas dos fatos; tipos de operações diplomáticas; identidade do agente colombiano suscetível de haver transmitido o convite e perfil do responsável supostamente proposto para representar o Governo francês.”⁹¹

Além da França, foram convidados países neutros em relação à guerra com a Espanha, como os EUA e a Inglaterra, na condição de observadores. A Holanda enviou um observador por conta própria. A todos esses países interessavam o nascimento de novas repúblicas, futuros parceiros comerciais e mercados consumidores. A expansão capitalista estava por explodir, nas primeiras décadas do século XIX, e não haveria Santa Aliança que a segurasse.

O Brasil também foi convidado a participar do Congresso Anfictiônico do Panamá, de 1826, que se apresentava como um grande experimento geopolítico. Como o Império Brasileiro se relacionava com essa questão? O artigo “O Brasil e o Congresso Anfictiônico do Panamá” - escrito pelo professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, José Carlos Brandi Aleixo, que à época, ano 2000, também era vice-presidente da Sociedade Bolivariana da República Federativa do Brasil - ilumina essa questão.

Com relação ao Brasil, Simón Bolívar era pragmático. O enorme país não era uma república e tinha como rei um parente do imperador da Espanha. Mas era preciso estar de bem com o vizinho gigante, conforme ele aconselhou ao então presidente da Bolívia, José Antonio Sucre, em carta de 15 de outubro de 1827: “Le aconsejo a Ud. por todos los medios decorosos trate de obtener y conservar una buena armonía con el gobierno brasileño. La política lo exige. Y lo exigen los intereses de Bolívia en particular y de la America en general. Nada nos importa su forma de gobierno; lo que nos importa es su amistad. Y esta será más estable cuanto más centrado sea su sistema.”⁹²

Era natural então que, dois anos antes, conforme mostra Brandi Aleixo, em 7 de junho de 1825, o Ministro Plenipotenciário da Colômbia, Manuel José Hurtado, escrevesse ao representante brasileiro em Londres, Ministro Manuel Rodrigues Gameiro, convidando-o para

⁹¹ DE LA REZA, Germán A., ¿Francia fue invitada al Congreso Anfictiónico de Panamá de 1826? Evidencias en el margen de una controversia internacional. **Historia Crítica** n.º 72 (2019): p 27- 44. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=81160490002>. Acesso em 15.12.2022

⁹² ALEIXO, José Carlos Brandi. O Brasil e o Congresso Anfictiônico do Panamá. **Revista Brasileira de Política Internacional**, vol. 43, nº 2, Brasília, jul/dez. 2000. ISBN 0034-73290 on line version ISSN 1983-3121, pág. 10. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/mgNjX3bmRfCGpCdGdjWgyxd/>. Acesso em: 16.12.2022

o encontro histórico:

...Se o Governo de S. M. I. B (Sua Majestade Imperial Brasileira), imbuído destas considerações, acreditasse conveniente associar-se com os de outros estados Americanos à Assembléia, enviando Plenipotenciários que tomassem parte nas deliberações de interesse geral, não incompatíveis com o caráter de neutralidade, o subscrito se acha autorizado para anunciar ao Cavalheiro de Gameiro que o Governo da Colômbia veria com a maior satisfação a consecução dos objetivos de S.M.I. e empregaria toda a sua influência junto a seus aliados para que os representantes de S.M.I. fossem acolhidos com a devida honra e distinção.⁹³

Quase cinco meses depois, o ministro Gameiro responde, revelando a posição de Dom Pedro I. Na ocasião aguardava-se a conclusão das negociações internacionais que levariam ao reconhecimento por parte de Portugal do Brasil como nação independente:

A política do Imperador, tão deferente e generosa como é, estará sempre pronta para contribuir para a paz, felicidade e glória da América, e assim que a negociação relativa ao reconhecimento do Império estiver concluída honrosamente no Rio de Janeiro, enviará um Plenipotenciário ao Congresso para tomar parte nas deliberações de interesse geral, que sejam compatíveis com a estrita neutralidade que guarda entre os estados beligerantes da América e da Espanha.⁹⁴

Apesar disso, o Brasil não foi ao Congresso do Panamá, não se sabe ao certo o motivo. É bem possível que tenha sido devido à “questão cisplatina”. O novo país temia ser condenado num fórum internacional por ter invadido a Banda Oriental. Na época, o império brasileiro disputava o território do atual Uruguai com a Argentina. Desconfiada, a Argentina também resolveu ficar longe daquele movimento anfitriônico. Os Estados Unidos igualmente se ausentaram. Aliás, olhando retrospectivamente, é fácil entender a atitude de Washington: eles não queriam ao sul do Continente uma confederação forte de Estados cujos povos falassem espanhol. Talvez as ausências de EUA, França, Brasil e Argentina tenham colaborado para o projeto de Simón Bolívar de fundar uma confederação americana livre e soberana não ter ido adiante.

Não seria errado dizer que o Memorial da América Latina é um “filho” dos anfitriônicos, seja pelo seu fracasso (o malogro da Federação Americana, devido às desavenças das elites locais, informou a missão do Memorial), seja pelo legado positivo de cooperação, diálogo e solidariedade. Ora, este não é ou deveria ser o espírito do Memorial?

⁹³ MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (Brasil). **Arquivo diplomático da Independência**. Edição facsimilada da edição de 1922.. 1972. vol. II, pp. 280-1. In: ALEIXO, José Carlos Brandi. O Brasil e o Congresso Anfictiônico do Panamá. **Revista Brasileira de Política Internacional**, vol. 43, nº 2, Brasília, jul/dez. 2000. ISBN 0034-73290 on line version ISSN 1983-3121, pág. 4.

⁹⁴ ALEIXO, José Carlos Brandi. O Brasil e o Congresso Anfictiônico do Panamá. **Revista Brasileira de Política Internacional**, vol. 43, nº 2, Brasília, jul/dez. 2000. ISBN 0034-73290 on line version ISSN 1983-3121, pág. 5. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/mgNjX3bmRfCGpCdGdjWgyxd/> . Acesso em: 16.12.2022

Segundo Brandi Aleixo, o “Congresso do Panamá consagrou princípios que seriam aceitos muito mais tarde, no século XX, pelo sistema interamericano e mundial”. Esses princípios são a base do Tratado de União, Liga e Confederação Perpétua do Panamá, no qual “a responsabilidade para a manutenção da paz recaía sobre a Assembleia Geral de Plenipotenciários (artigos XIII, XVI) a se reunir cada dois anos em tempo de paz e anualmente em tempo de guerra (art. XI). Os artigos II e XXI do Tratado do Panamá são antecedentes lógicos do artigo X da Liga das Nações, que trata da garantia da independência política e integridade territorial dos estados. A respeito, o renomado internacionalista francês Albert de la Pradelle dizia que “o artigo X do Pacto da Sociedade das Nações não é mais do que a aplicação ao mundo inteiro das doutrinas de Simón Bolívar”.⁹⁵

A doutrina de Simón Bolívar - soberania, integração política por meio de um arranjo federativo, integridade territorial, independência, paz através do diálogo, cooperação econômica - tornou-se popular na região. Não há um líder da América Latina que não a repita. No entanto, ela nunca se efetivou.

⁹⁵ Idem ibidem, p. 13

2.2.1 O ideal de integração latino-americano continua vivo após 200 anos

Durante o restante do século XIX, e principalmente nas primeiras décadas do XX, as tentativas de integração eram “românticas”, na definição dos professores e pesquisadores Tullo Vigevani, Clodoaldo Bueno e Haroldo Ramanzini, em artigo de 2013 denominado “Uma Perspectiva de Longo Período sobre a Integração Latino-americana vista pelo Brasil”. Em 1890 surgiu a União Pan-Americana. Sob os auspícios do Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores da jovem república brasileira (entre 1902 e 1912), se investiu no Tratado do ABC, que regulava as relações entre a Argentina, o Brasil e o Chile. O projeto de Rio Branco declarava que havia entre os três “a mais perfeita harmonia” e que desejavam “mantê-la e robustecê-la, procurando proceder sempre de acordo entre si em todas as questões que se relacionem com os interesses e aspirações comuns e nas que se encaminhem a assegurar a paz e estimular o progresso da América do Sul.”⁹⁶ A ideia era que outras nações sul-americanas aderissem a ele. Não deu certo.

No imediato pós Segunda Guerra Mundial, em 1947, foi assinado em Petrópolis o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) e no ano seguinte surgiu a Organização dos Estados Americanos (OEA). O ideal de Bolívar se subdividia em diversas entidades, mas na prática, pouco acontecia. “As relações do Brasil com a América Latina voltaram a ganhar ênfase na gestão de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1955 - 60) com o lançamento da Operação Pan-Americana (OPA), em 1958, como proposta de cooperação internacional de âmbito hemisférico com vistas a banir da América Latina a miséria e o subdesenvolvimento, vistos como portas de entrada para ideologias antidemocráticas”⁹⁷. Somente em 1960, já sob a égide da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), seria criada a Aliança Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e vinte anos depois a Associação Latino-Americana de Integração (Aladi), ambas com caráter apenas comercial.

Além das já citadas, a partir dos anos 1960, e especialmente ao longo das últimas décadas, surgiram várias siglas que procuram aglutinar os interesses sociais, políticos e econômicos dos latino-americanos, como o MCCA (Mercado Comum da América Central, 1960), o Parlatino (Parlamento Latino-Americano, 1964), a Comunidade Andina (1969), o

⁹⁶ VIGEUVANI, T, BUENO, C e RAMANZINI, H. Uma Perspectiva de Longo Período sobre a Integração Latino-americana vista pelo Brasil. **Revista Contexto Internacional**, vol.36, julho/dez 2014, p.549-583. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/sBgr58YnH3wwWdvHxZbnfyf/> Acesso em 28.12.2022.

⁹⁷ Idem ibidem, p. 562

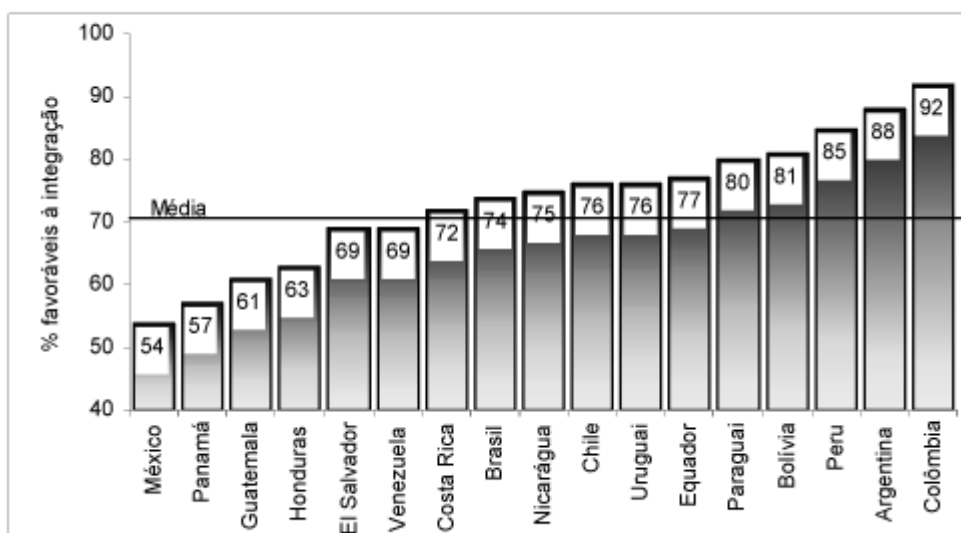
Caricon (Comunidade do Caribe, 1973), o Parlamento Andino (1979), o Mercosul (Mercado Comum do Sul, 1991), o Parlacen (Parlamento Centro-Americano, 1991), a ALBA (Aliança Bolivariana para as Américas, 2004), o Parlamento do Mercosul (2006), a Unasur (União de Nações Sul-Americanas, 2008), a CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos, 2010), a Aliança do Pacífico (2012) e o direitista bloco ProSul (2019). O maior deles é a CELAC, "bloco regional intergovernamental" composto pelos 33 países ao sul do Rio Grande, que surgiu em 2010 como herdeira da Cúpula da Unidade da América Latina e do Caribe (CALC) e do Grupo do Rio. Segundo o Portal do Ministério da Educação, a CELAC "assume duas vocações: a cooperação para o desenvolvimento e a concertação política"⁹⁸. São organizações muito diferentes, arranjos políticos e econômicos de intensidades diversas, mas é inegável que são todos filhos do Congresso Anfictiônico do Panamá, de 1826.

Seria de se perguntar por quais razões os líderes latino-americanos de todas as matizes políticas insistem na integração latino-americana? Outras não são, por certo, as razões que levaram à criação do Memorial da América Latina. A ideia de que a "união faz a força" é muito querida no subcontinente. É o que diz um artigo do ano 2000 intitulado "Apoio popular à integração econômica regional na América Latina", publicado por Mitchell A. Seligson. Ele se baseia em pesquisa do Latinbarômetro, que consultou pelo menos mil pessoas de cada nação latino-americana. "Com exceção de quatro países, dois terços da amostra apóiam a integração, e em nove dos 17 países, três quartos ou mais a apóiam. O padrão emergente mostra que o apoio é mais fraco no México e na América Central, e mais forte na América do Sul, especialmente no Paraguai, Bolívia, Argentina e Colômbia."⁹⁹

⁹⁸ Para se informar mais sobre a Celac, consultar <http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20742-comunidade-dos-estados-latino-americanos-e-caribenhos-celac>

⁹⁹ SELIGSON, Mitchell A. Apoio popular à integração econômica regional na América. **Revista Opinião Pública**, vol.6 n° 2, Campinas Oct. 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/j/op/a/vSn3Fm8kgqQJtGCQKBfmXqC/?lang=pt> . Acesso em 29.12.2022

FIGURA 4
Apoio à Integração na América Latina



Obs.: Inclui apenas os que têm opinião

Fonte: Revista Opinião Pública, vol. 6, nº 2, Campinas, Oct, 2000, p. 234

TABELA 2
Apoio e Oposição à Integração

País	Oposição	Apoio	Total
Argentina	12.2%	77.8%	100.0%
Bolívia	19.5%	80.5%	100.0%
Brasil	26.3%	73.7%	100.0%
Colômbia	8.4%	91.6%	100.0%
Costa Rica	28.4%	71.6%	100.0%
Chile	24.2%	75.8%	100.0%
Equador	22.5%	77.5%	100.0%
El Salvador	30.9%	69.1%	100.0%
Guatemala	38.7%	61.3%	100.0%
Honduras	36.7%	63.3%	100.0%
México	46.4%	53.6%	100.0%
Nicarágua	25.4%	74.6%	100.0%
Panamá	42.6%	57.4%	100.0%
Paraguai	19.5%	80.5%	100.0%
Peru	15.2%	84.8%	100.0%
Uruguai	24.1%	75.9%	100.0%
Venezuela	30.5%	69.5%	100.0%
Total	28.8%	71.2%	100.0%

Fonte: Revista Opinião Pública, vol. 6, nº 2, Campinas, Oct, 2000, p. 235

Seligson, que leciona no Departamento de Ciência Política, da Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, conclui: “Os formadores de políticas que querem a integração econômica regional podem confiar que todos os países a maioria dos que têm opinião a apoiam, e na maioria dos países apenas um quinto da população se opõe à

integração econômica. Apenas no México e no Panamá mais de um terço da população se opõe à integração regional.”¹⁰⁰

Seria o caso de se perguntar qual é, afinal, a razão profunda para essa ideia de integração permanecer tão forte. Qual a razão profunda para, por exemplo, uma instituição como o Memorial da América Latina ser querida pela população, mesmo sem entender bem o que ela significa e para que ela existe? Há um ensaio que olha a questão, não sob o viés histórico, econômico ou sócio-político, mas do ponto de vista do afeto. Intitulado *Social Group Dynamics and Patterns of Latin American Integration Processes* (de Sébastien Dubé e Consuelo Thiers), o estudo procura explicar a resiliência da pauta integracionista apesar de seu histórico de “instabilidade e crise”. Olhando a questão do ponto de vista da Psicologia Social, ele considera a América Latina uma “comunidade” e suas organizações regionais como “grupos sociais”. Segundo os autores, “um grupo é definido como uma coleção de indivíduos que percebem a si mesmos como membros de uma mesma categoria social e compartilham um envolvimento emocional nessa definição conjunta de si mesmo. Além disso, logram alcançar algum grau de consenso social sobre a avaliação de seu grupo e sua vinculação a ele”. Essa vinculação emocional ao grupo leva a um “pensamento grupal” que se reconhece como membro da mesma comunidade afetiva ¹⁰¹.

Quando escrevi o roteiro do documentário institucional sobre o Memorial, que marcou seus primeiros 20 anos de vida, a intenção era chamar a atenção justamente sobre esse aspecto¹⁰². Muitos brasileiros, e especialmente as crianças, chegavam ao complexo arquitetônico da Barra Funda sem a mínima ideia do que iam encontrar. Não sabiam quase nada sobre a riqueza cultural e histórica da hispano-américa. Não se sentiam latino-americanos. Com o banho de arte e história que recebiam no Memorial, saiam de lá diferentes. Começavam a se sentir membros “da mesma comunidade afetiva” dos *hermanos*. A visita guiada oferecida aos visitantes é que faziam esse serviço. Eram duas horas de andanças pelos prédios do Memorial, com preleções na *Mão*, na Biblioteca da América Latina, no Salão de Atos e no Pavilhão da Criatividade. Ao final do primeiro ano de vida do Memorial, o jornalista, escritor e tradutor Eric Nepomuceno escreveu um texto que descreve bem esse fenômeno:

¹⁰⁰ Idem ibidem

¹⁰¹ DUBÉ, Sébastien e THIERS, Consuelo. Social Group Dynamics and Patterns of Latin American Integration Processes. **Revista de Estudos Sociais**, abril de 2017, nº 60, p. 30. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/815/81552695003/> Acesso em 19.12.2022

¹⁰² **Memorial 20 anos**. Roteiro Eduardo Rascov, edição José Legname, locução Mário Lima, imagens Maurício Rahal. Disponível em <https://www.facebook.com/eduardo.rascov/videos/10214564859666873> Acesso em: 22.12.2022

Muitos são os olhos que contemplam o Memorial, muitos são os pés que percorrem seu espaço. Mas de todos eles, existe um tipo para o qual está reservado o que há de melhor na esperança de todos aqueles que idealizaram e ergueram o Memorial: olhos adolescentes, pés juvenis. Os estudantes. Os garotos e garotas que enfim descobrem, quase quinhentos anos depois da chegada do europeu à América, que somos todos filhos de uma mesma terra, frutos de uma mesma história. Cada um com suas características, por certo, como corresponde aos filhos de uma mesma mãe. Mas filhos, enfim. E assim, fraternos, devemos olhar nossos vizinhos.¹⁰³

Não dava para ficar indiferente. Gerações de crianças paulistas passaram por esse processo educacional por meio de suas escolas, que não deixava de trazer a meninada toda semana. Só em 1990 foram cerca de 600 estabelecimentos de ensino, públicos e privados, da capital e do interior, e até de outros estados (Nepomuceno, 1990, p 84). Infelizmente, isso hoje não acontece mais e nem seria possível. Raramente, grupos são agendados porque geralmente as áreas estão alugadas para eventos comerciais e não podem ser visitadas. E quando é possível achar um buraco na agenda comercial do Memorial, as visitas são rápidas e os guias, por falta de formação (são terceirizados), já não proporcionam ao brasileiro aquele mergulho inesquecível na cultura latino-americana.

¹⁰³ NEPOMUCENO, Eric. Crônica de um nascimento IN: **Memorial da América Latina**. São Paulo: Memorial, 1990, p 121

**PARTE 3 – GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA DO
MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA**

3.1 Orestes Quércia e a origem do Memorial

Outubro de 1988. O canteiro de obras do Memorial fervilha. No terreno ao lado tem outro canteiro de obras, o do Terminal Barra Funda. Ambos os projetos são tocados pela mesma construtora, a Mendes Júnior, embora os operários de uma não se misturem aos operários da outra, conforme explica o chefe do departamento administrativo da Mendes Júnior, Geraldo José Soares:

Entre o mês de agosto e novembro de 88 nós chegamos ao número máximo de pessoas envolvidas na obra. As fases de execução das formas, os serviços de armação e preparação do concreto envolvem muita gente - carpinteiros, armadores, pedreiros etc. Somando as duas obras, chegamos a ter uma ordem de 3.800 homens trabalhando, além de 500 subempreiteiros; tendo o Memorial utilizado entre 1.500 a 2.800 operários deste total. Na fase de acabamento estes números caíram para 1.200 homens [...] Do total, 90% vieram do Norte-Nordeste para construir o Memorial.¹⁰⁴

A construção da Estação Barra Funda havia começado em 1985. O projeto é do arquiteto Roberto Mac Fadden “para uma demanda de 60.000 passageiros/hora/pico”¹⁰⁵. Quando pronta, integraria gratuitamente o Metrô Leste - Oeste (Linha 3 - Vermelha) às duas linhas de trens metropolitanos (CPTM e Fepasa). O terminal também receberia ônibus urbanos, intermunicipais, estaduais, interestaduais e até internacionais (para a Bolívia). Em 2006 a estação foi rebatizada de Terminal Intermodal Palmeiras-Barra Funda, em homenagem ao clube que fica a um quilômetro, já que o seu arquirrival nomeia a ponta leste dessa linha: Terminal Intermodal Corinthians-Itaquera. A Estação Barra Funda foi inaugurada em 17 de dezembro de 1988, três meses antes do Memorial. O Terminal Corinthians - Itaquera já tinha ficado pronto em 1º de outubro de 1988. Era o segundo ano de Orestes Quércia no governo de São Paulo (15 de março de 1987 a 15 de março de 1991) e ele acumulava forças para se lançar candidato a presidente da República. Hoje o Terminal Intermodal Palmeiras-Barra Funda recebe 200 mil passageiros nos dias úteis. Provavelmente, o número aumentaria bastante se contássemos os ônibus fretados e de aplicativos, bem como as vans carregadas de pessoas, que saem do lado da calçada que liga a estação ao Memorial. Antes do fechamento das duas unidades adjacentes da Uninove (por causa do covid-19), o meio-fio do Memorial ficava lotado de ônibus fretados aguardando os alunos para levá-los para casa à noite, principalmente

¹⁰⁴ **Revista Módulo**, edição nº 100, especial Memorial da América Latina, março de 1989, p 56

¹⁰⁵ Para mais informações sobre a estação, consultar **Espaço Urbano e as atividades de comércio e serviços varejistas**, no âmbito do III Colóquio (Inter) Nacional sobre o comércio e a cidade: uma relação de origem. Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/3_cincci/048-ligia-fischer.pdf Acesso em 26.12.2022

na região metropolitana. E nos fins de semana, era comum encontrar por ali ônibus clandestinos que transportavam sacoleiros para Foz do Iguaçu.

No DVD não editado “Quércia II - Visita ao Memorial - 07/06/2006”, arquivado na Biblioteca da América Latina, o ex-governador conta como o Memorial foi parar na Barra Funda. No começo do seu governo, Quércia foi procurado pelo dono da Editora Abril, Roberto Civita, para ouvir uma proposta inusitada: o empresário queria que o governador cedesse para ele uma área semi-abandonada de galpões e desvios de trilhos de trens do Pátio da Barra Funda da Fepasa. Levou até uma planta da região cobiçada e uns croquis do que pretendia fazer. “Ele queria este terreno para construir a sede da Veja aqui”, contou Quércia. Como bom político, Quércia não disse nem sim, nem não, ficou de bico calado. Ambos sabiam que o Terminal Barra Funda, em construção, iria alterar radicalmente a região.

Mais ou menos ao mesmo tempo, Orestes Quércia estava procurando um arquiteto para projetar um grande monumento na capital, algo que o imortalizasse feito pirâmide. Consta que “em um de seus primeiros pronunciamentos feitos no Senado, em 1975, Quércia condenava a decisão do governo brasileiro de alinhar-se preferencialmente à Europa e à África, relegando a segundo plano as relações econômicas, políticas e culturais com seu aliado natural, a América Latina” (Nossa América, nº zero, p 3). Até aquele momento, podia-se dizer que o latino-americanismo era uma tendência rara entre os políticos brasileiros, mas Orestes Quércia havia convivido o suficiente com Franco Montoro para se deixar impregnar desse espírito. Logo, seria natural imaginar que o monumento tivesse como tema a integração latino-americana. Quando perguntado como surgiu a iniciativa de criar, em São Paulo, o Memorial da América Latina, Quércia respondeu:

Essa ideia eu trazia há muito tempo, antes mesmo de ser eleito governador de São Paulo. Sempre tive a preocupação de fazer o que estivesse ao meu alcance para integrar o nosso povo aos povos da América Latina, para despertar em nós a consciência de que somos parte da mesma terra, da mesma história. Quando assumi o governo, criei nas escolas públicas o ensino de espanhol, algo que tinha desaparecido há décadas. Quanto ao Memorial, a ideia era exatamente o que está aí: um centro cultural popular, que mostrasse como somos. A obra de arte, o sentido futurista e a beleza disto tudo nasceram do gênio extraordinário de Niemeyer. Minha preocupação é despertar, nos brasileiros de São Paulo, a consciência para a necessidade de integração com o resto do continente. Temos vivido, ao longo dos anos, muito separados. E principalmente nós, brasileiros, dos demais. Em certos setores já existe consciência disso. O que queremos em São Paulo é estender essa consciência para a base, para camadas cada vez mais amplas da população.¹⁰⁶

¹⁰⁶ Revista *Nossa América/Nuestra América*, número zero, 1988, p 11.

3.1.1 Paulo Mendes da Rocha foi sondado para projetar o Memorial

A ideia original do governador Orestes Quércia era contratar um profissional paulista de renome. Depois de algumas consultas, ele pediu a Radha Abramo, conservadora das obras de arte do Palácio dos Bandeirantes, que convidasse extra-oficialmente Paulo Mendes da Rocha. Não era para bater o martelo ainda, mas provavelmente ele seria o homem. Nesse ínterim, por meio de representantes da classe profissional e artística, Quércia notou que havia provocado tensão e ciúmeira no meio arquitetônico de São Paulo. Teve que mudar de ideia, conforme ele conta no depoimento de 2006:

Fiquei com essa coisa na cabeça, de fazer um Memorial da América Latina, e procurei gente aqui de São Paulo para fazer isso, mas não obtive muito sucesso. Aí pensei no Niemeyer. Falei com o doutor Ulisses Guimarães, ele me disse, “eu não conheço o Niemeyer, mas sou muito amigo do José Aparecido que o conhece bem”. O doutor Ulisses falou então com o José Aparecido¹⁰⁷, que trouxe o Niemeyer aqui. Quando falei para ele da ideia, Niemeyer vibrou: “Que maravilha!”. E falou assim: “Só que eu preciso trazer o Darcy Ribeiro... eu preciso do Darcy Ribeiro”. Eu falei, “tudo bem”. Ele achava que teria algum problema por Darcy ser ligado ao Brizola. O Darcy que planejou isso aqui, as ideias em geral eram dele. Esse negócio de artesanato, é tudo coisa do Darcy.¹⁰⁸

Mas Radha Abramo já tinha feito a sondagem e pedido para Paulo Mendes da Rocha aguardar a confirmação do governador. É claro que o arquiteto ficou animado e se pôs a imaginar imediatamente o que faria se realmente fosse o escolhido. Provavelmente, por meio de um telefone pouco tempo depois, o convite foi retirado e praticamente nunca mais se falou no assunto. Em 9 de novembro de 2012 procurei-o para uma entrevista. O tema seria Oscar Niemeyer, que em um mês completaria 105 anos de vida! Sim, Niemeyer ainda vivia quando entrevistei Paulo Mendes da Rocha. A ideia era publicar a matéria no próximo número da revista do Memorial. A entrevista acabou não saindo porque, infelizmente, Niemeyer morreria em 5 de dezembro daquele ano e a Nossa América se transformaria numa edição especial com a participação do próprio Paulo Mendes da Rocha escrevendo sobre Brasília. Fiquei com aquele material inédito até hoje. Chegou a hora de divulgá-lo. Vou publicar a maior parte das

¹⁰⁷ José Aparecido de Oliveira (1929 - 2007) era à época governador de Brasília. Tinha contratado Niemeyer para fazer uns monumentos no DF. O arquiteto mantinha uma sala ao lado do seu gabinete. Em sua gestão foram construídos o Panteão da Pátria, o Teatro Amador, o Espaço Oscar Niemeyer, o Espaço Lucio Costa, a Casa do Cantador (em Ceilândia) e o Museu da Memória dos Povos Indígenas. Mais informações disponíveis em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2019/12/11/internas_opiniao,813141/artigo-obrigado-jose-aparecido.shtml Acesso em 29 de dezembro de 2022.

¹⁰⁸ QUÉRCIA, Orestes. Depoimento gravado em vídeo em sete de junho de 2006. Biblioteca da América Latina. Memorial da América Latina.

declarações sobre o Memorial imaginado por Mendes da Rocha, para o leitor saborear o momento, e depois farei algumas considerações:

Eu vou te contar algo inédito, ninguém sabe disso, mas eu decidi neste momento, eu vou contar: antes do Oscar ser convidado, ou seja, durante uma semana, o governo, através de uma pessoa muito notável, que cuidava do patrimônio e vivia lá dentro do Palácio, a senhora Radhá Abramo, me chamou e pediu sigilo... Ela me falou que [o governo] faria o Memorial da América Latina - e eu é que faria por convite do governador. Com certeza, ela se precipitou, ele estava só pensando e fez muito bem em convidar o Oscar. Eu estou te dizendo isso porque é inédito e mais do que isso, vou te contar o projeto que eu faria, porque assim que me convidaram, em 15 minutos, eu já tinha feito um projeto, não em todos os detalhes, mas com a ideia.

Sabe qual foi a ideia que eu tive? E é interessante porque não é que se opõe ao que o Oscar fez, mas era outra coisa, inclusive o que Oscar fez é muito mais feliz porque tem uma vida diária dentro da cidade. O que eu faria talvez não tivesse essa presença cotidiana no coração da cidade de São Paulo.

Eu imaginei o seguinte: se você olhar a América Latina são 8 mil quilômetros de costa Atlântica no Brasil e não sei se não são o dobro no Pacífico. E por razões até de estupidez do colonialismo, isso está cortado como um presunto. É mais ou menos Tordesilhas, a turma fica pra lá e nós pra cá. Mais do que simplesmente em prédios, eu pensei na dimensão continental da questão.

Imaginei o seguinte: a Serra do Mar está a 15 quilômetros e a 700 metros está o Atlântico. A cidade aqui em cima. Imaginei nessa estrada magnífica, a última que foi feita... [a rodovia Imigrantes], imaginei um certo momento em que você não tem ainda nenhuma noção de que o mar vai aparecer logo adiante. Pois bem, [já pensando no projeto arquitetônico] você estuda a topografia, faz um desvio, para chegar num lugar onde, agora sim, você constrói um espaço público, com ônibus, turismo etc, Você [o visitante] ainda não vê nada, tem uma grande plataforma e um buraco, no bom sentido da palavra, e uma rampa em que você mergulha e há no subsolo um grande espaço, com tudo que deve haver, cinema, teatro etc e chega na borda da falésia. Ali há uma fresta onde pela primeira vez você vê o Atlântico.

Nossos amigos do Peru, da Bolívia, da Venezuela, do Equador, do Chile poderão ver pela primeira vez o Atlântico, inclusive com a configuração de um projeto que deveria ser para nos unir - a ligação do Atlântico ao Pacífico por ferrovia. Romper com o estigma do colonialismo, que nos dividiu dessa maneira. Uma ligação por ferrovia, nos unindo, atravessando os Andes - na Europa há os túneis nos Alpes. Podia ter uma torre, um hotel, cujo acesso seria por baixo, mergulhando para ver mais uma vez, teria que ter transporte público, trem como sempre teve, não é para pensar em automóvel...¹⁰⁹

Essa conversa com Paulo Mendes da Rocha se deu no escritório dele, em um pequeno prédio da rua General Jardim, Vila Buarque, onde também funciona o Instituto de Arquitetos do Brasil (IABsp). O arquiteto contava 84 anos. A ideia de mostrar pela primeira vez o

¹⁰⁹ ROCHA, Paulo Mendes. Entrevista em vídeo ao autor em nove de novembro de 2012. Acervo da Biblioteca da América Latina. Memorial da América Latina.

oceano Atlântico para os hispano-americanos da costa do Pacífico tem grande força simbólica. Ainda mais se pensarmos que esse Memorial imaginado por ele estaria associado à sonhada construção da ligação ferroviária costa a costa, do Atlântico ao Pacífico. Essa seria a contribuição da arquitetura de Mendes da Rocha para a superação do legado colonialista. Dá para imaginar os brasileiros e estrangeiros chegando ao Memorial da América Latina, no cume da Serra do Mar. Eles sairiam do trem ou do ônibus, ainda sem ver o mar, desceriam por uma rampa até a grande plataforma subterrânea cujas frestas revelariam o mar em toda a sua glória mitológica. A forma como Mendes da Rocha imaginou o Memorial tem a ver com o briefing que ele recebeu da enviada do governador. Essa ideia demonstra que Orestes Quécia tinha realmente pensado apenas em um monumento. Isso será confirmado por Almino Afonso a seguir. Como se verá, mais que Oscar Niemeyer, foi Darcy Ribeiro que transformou o Memorial da América Latina real em uma iniciativa que vai muito além do “espetáculo da arquitetura”. Uma iniciativa sintonizada com os tempos de redemocratização dos estados nacionais latino-americanos e de sucesso da engenharia diplomática então chamada de Mercado Comum Europeu.

3.1.2 Almino Afonso e o fator Darcy Ribeiro

Almino Afonso (1929) foi vice-governador do Estado de São Paulo na gestão Quércia. Em entrevista a este pesquisador ele conta uma versão um pouco diferente da origem da ideia do Memorial da América Latina. Segundo ele, após Quércia se eleger governador, ele viajou para a cidade do México. É claro que o futuro mandatário do estado tinha a cabeça fervilhando de projetos e queria conhecer a experiência dos países vizinhos. Não deve ter deixado de pensar que, por sua pujança econômica, quem assume o governo paulista é, quase que automaticamente, candidato a disputar a presidência. Vamos ao depoimento do vice-governador Almino Afonso, tomado no segundo semestre de 2022, no alto dos seus 93 anos:

Fizemos a campanha juntos, com Quércia. Terminada a campanha, Quércia vai ao México e se encanta com aquele pavilhão das entidades, onde estão as estátuas dos presidentes criadores da América Latina¹¹⁰. Se encantou. E se revoltou, coisa que era muito curiosa no Quércia. O Brasil não tinha lugar neste pavilhão! Ora, nem Dom Pedro, nem José Bonifácio, bem ou mal, os dois teriam direito a ter um lugarzinho ali. Ele ficou revoltado com isso. Volta e me convida para um almoço. Fomos almoçar num restaurante na Alameda Santos de dois irmãos italianos. E ele me disse que estava decidido a fazer algo igual...¹¹¹

Ao ganhar o governo do estado de São Paulo, Quércia já pensava no passo seguinte, a presidência da república. Era necessário esboçar uma estratégia internacional para o seu futuro governo. Fez isso copiando Montoro, mas em outros termos. Enquanto Montoro, com seu charme intelectual, criou um instituto de estudos, Quércia pensou em uma obra monumental, que gravasse seu nome na pedra para sempre, algo parecido às pirâmides do Egito.

Almino Afonso resume essa história de forma mais precisa em discurso na tribuna da Câmara dos Deputados, em sessão solene em homenagem a Darcy Ribeiro, logo após a sua morte, em 1997.

Esse desvario pela educação do povo, que marca a personalidade de Darcy Ribeiro, também se projeta em São Paulo, no Memorial da América Latina. O Governador Orestes Quércia, ao assumir o Palácio dos Bandeirantes, trazia consigo a inquietação de fazer construir um espaço cultural onde se erguesse os grandes heróis da América Latina, de José

¹¹⁰ Almino Afonso se refere ao Museu da Independência, conforme escreveu no artigo “Paixão pela leveza”: “Em visita ao México, conheceu o Museu da Independência, onde se enfileiram, em estátuas admiráveis, as grandes figuras que lideraram a Independência dos países da América Latina. Ali estavam, com a significação histórica de cada um, desde Simón Bolívar a San Martín, Bernardo O’Higgins, José Artigas e José Martí. Segundo revelou-me, a ausência de José Bonifácio Andrada e Silva, o Patriarca da nossa Independência, no referido conjunto estatutário, irritou o recém-eleito governador, ferindo-lhe o justificado orgulho nacional.” **Revista Nossa América**, 2012, edição especial, p 78.

¹¹¹ AFONSO, Almino. Entrevista gravada em áudio, concedida ao autor, em setembro de 2022.

Bonifácio a Simón Bolívar, San Martín, O'Higgins e Sucre. Para projetá-lo, convidou Oscar Niemeyer, esse artista sem igual. Talvez, tendo achado pobre a concepção, embora legítimo o objetivo, Niemeyer sugeriu ao Governador de São Paulo que se ouvisse Darcy Ribeiro – o que foi, desde logo, aceito. Nasce da junção desses dois cérebros privilegiados uma das mais belas obras arquitetônicas de Niemeyer e o Memorial, pelos objetivos que lhe deram grandeza, a mais profunda convocação à unidade latino-americana.¹¹²

Intitulado originalmente *Darcy Ribeiro: inteligência e ação*, o discurso do então deputado federal Almino Afonso foi publicado na íntegra pela Coordenação de Publicações, da Câmara Federal, no mesmo ano de 1997. Depois ele fez parte de uma coletânea de textos do autor. Na revista *Nossa América* nº 60, de 2022, ele voltou a ser publicado quase na totalidade. O artigo foi precedido de uma introdução sobre a relação de Almino Afonso, atual presidente do Conselho Curador do Memorial, e o antropólogo que gostaria de reproduzir aqui:

Companheiro de viagem de Darcy Ribeiro no ousado projeto de reforma social pré golpe de 1964, Almino Afonso também compartilhou com ele aventuras e desventuras no exílio latino-americano. Posteriormente, escolheram o mesmo campo político progressista no processo brasileiro de reabertura e consolidação democrática. Durante todo esse tempo, o ex-vice-governador de São Paulo foi um leitor atento da produção escrita do ex-ministro da Educação do Brasil. A afinidade intelectual e a proximidade afetiva dos dois ficou evidente neste discurso - e sabemos que Almino é um dos maiores oradores de sua geração - na Câmara de Deputados, em sessão solene em homenagem ao antropólogo, logo após a sua morte em 1997. Reproduzimos a peça oratória à guisa de introdução, não só por sua beleza e propriedade, mas também por resumir tão bem a trajetória de Darcy Ribeiro.¹¹³

Havia várias razões para Orestes Quécia sonhar em erguer um monumento à América Latina e nele colocar os heróis latino-americanos, incluindo os brasileiros. Aparentemente, sua imaginação não ia além da ideia de criar uma obra de arte pública ou um monumento. Embora precisasse se legitimar como homem de visão ampla e projeto político nacional, para apagar certa imagem de político matreiro da província, ele não tinha a imaginação criativa de um Darcy Ribeiro, evidentemente. Quécia via como principal rival na corrida à presidência justamente alguém que exibía qualidades que ele não tinha: o intelectualizado paulistano, cosmopolita, antigo herdeiro da democracia cristã, André Franco Montoro, um professor universitário elegante, criador do ILAM - Instituto Latino-Americano e autor de vários livros, entre eles, *Integração econômica, social e política da América Latina*, lançado em 1958.

¹¹² AFONSO, Almino. Eu, Darcy e a América Latina. Revista **Nossa América** nº 60, 2022, p 22.

¹¹³ Idem *Ibidem*, p 17

Quércia tinha sido vice de Montoro, quando este governou o Estado de 1983 a 1987. Conhecia sua longa militância em prol da integração latino-americana.

3.1.3 Orestes Quércia, Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro: sonhando o mesmo sonho

Seja como for, depois de dispensar Mendes da Rocha, Orestes Quércia precisava ter um bom início de contato com Oscar Niemeyer. Não queria simplesmente agendar por telefone uma reunião. Mais do que dos serviços profissionais do arquiteto, precisava da sua inspiração, entusiasmo e adesão ao projeto. Perguntou ao deputado federal Ulisses Guimarães - poderoso líder político de muito trânsito em Brasília - se podia ajudá-lo. Ele indicou José Aparecido para fazer a ponte. Almino Afonso, entretanto, tem uma versão ligeiramente diferente, que chama certo protagonismo para si:

Quércia então me dizia que não tinha nenhuma forma de se encontrar com Niemeyer...Você tem? ele me perguntou. Pessoalmente, eu não tenho, disse, mas sou amigo do Aparecido, que é amigo íntimo dele. Liguei ao Aparecido e pedi para ele transmitir ao Niemeyer o convite do Quércia, não foi meu, eu só fiz essa ponte. E o Quércia, por gentileza, me convidou para estar presente. Eu estava presente. O Quércia vendeu a ideia da maneira mais ou menos assim, falou daquele pavilhão... e que queria a contribuição de Niemeyer. Niemeyer o interrompe e diz, Governador, estou muito honrado, mas tomo uma liberdade... Olha quem propôs! Eu estava lá, realmente. O Niemeyer tinha uma relação com Darcy de irmão para irmão. Niemeyer disse, governador, eu tomaria uma liberdade, o senhor, se me autorizar, eu convido o Darcy e marcamos um encontro com Niemeyer, o governador, Darcy e mais uma vez esse cidadão aqui.

Dá para imaginar o efeito que Darcy Ribeiro causou no Orestes Quércia depois do *brainstorm* que foi a reunião deles logo a seguir? “Darcy é essa pessoa que não espera um segundo para propor alguma coisa. No meio da conversa, quando tinha sido feito apenas um convite implícito, ele já estava pensando. E falou isso aqui pode ser o horizonte cultural da América Latina...” (Afonso, 2022). Darcy Ribeiro era múltiplo, pródigo, ousado, sedutor. Havia sido ministro de João Goulart e, após o golpe de 1964, no exílio no Uruguai, Chile, Peru e Venezuela, com passagens pelo México, Cuba, EUA e Europa, cultivou um relacionamento profícuo com alguns dos mais importantes pensadores latino-americanos. Não havia dúvida, Quércia tinha diante de si um homem de muitas leituras, escrituras e fazimentos. Entre seus feitos, estão proezas em conjunto com Niemeyer, como a Universidade de Brasília, o Sambódromo, os Centro Integrados de Educação Pública (CIEPs). “Quércia ficou abobado, literalmente abobado. Ficou certo que seriam os dois, Niemeyer e Darcy. E aí começa a dança dos dois, que continuou de cabo a rabo” (Afonso, 2022). Enquanto Oscar Niemeyer fazia o desenho arquitetônico, Darcy Ribeiro desenvolvia o conceito e o projeto cultural do Memorial. É por causa dele que o Memorial é o que é. Ou pelo menos deveria ter sido. Não só um monumento e um espaço para atividades artísticas, mas uma fundação que

fomenta o estudo sobre o nosso continente e divulga o seu conhecimento. Desde então, a história do Memorial pode ser resumida no eterno retorno da mesma tentativa de, pelo menos em parte, cumprir os desígnios originais dos seus criadores.

Mas era preciso, antes, achar o lugar para viabilizar as ideias dos dois. Quércia conta que marcou com Niemeyer um giro pela cidade em busca do terreno. Não havia muito tempo. Era o segundo semestre de 1987 e o governador queria inaugurar o Memorial em pouco mais de um ano. No dia marcado, quando o arquiteto entrou no gabinete do governador, Quércia se lembrou do mapa do pátio de manobras de trens da Barra Funda esquecido em sua mesa por Roberto Civita. E resolve mostrar a área para Niemeyer. “No começo, antes de escolhermos o local, tinha que percorrer a cidade com o Niemeyer para achar um. E tava em cima da minha mesa o desenho com a ideia do Civita. Então, me lembrei dessa área. E trouxe o Niemeyer aqui. Ele adorou. ‘É aqui mesmo’, me disse” (Quércia, 2006).

Em outubro de 1987 começaram em ritmo acelerado as obras no canteiro da Barra Funda. Pelos seus cálculos políticos, o Memorial deveria ser inaugurado em 25 de janeiro de 1989, quando se comemorava o aniversário de São Paulo; ou em 15 de março, quando Quércia completaria dois anos de mandato. Provavelmente, ele queria que fosse em 1989 para aproveitar a efeméride do centenário da proclamação da República. Político é sempre muito atento à simbologia. E ainda sobriariam dois anos no poder paulista para usufruir do prestígio de ter criado o Memorial. Talvez, mais concretamente, a pressa fosse devido ao contrato do governo com a Construtora Mendes Júnior para a construção do Terminal Barra Funda, que estava prestes a ser concluído. Sim, porque, para agilizar a construção, Quércia tomou uma decisão pela qual seria muito criticado: não haveria licitação, mas um adendo no contrato com a Mendes Júnior para a edificação do Memorial.

Quando a obra estava se aproximando do seu final e Quércia levava uma caravana de personalidades para conhecê-la, o conjunto arquitetônico foi visitado por Hans Hubacher-Constam, “um dos mais importantes arquitetos da Suíça” que “disse ter ficado impressionado com o arrojo da arquitetura e a espessura das cascas, com a imponência da estrutura” e “garantiu não ser possível realizar na Suíça uma obra semelhante em menos de cinco anos” (Revista Módulo 100, p 8). Ou seja, a pressa e a rapidez, ao invés de serem atitudes temerárias, foram transformadas em atributo.

Senão a coisa demoraria. E, se fosse fazer a concorrência, como manda o figurino, não sairia nada [...] Além do mais mandei calcular o custo nos dois casos e verifiquei que como aditamento do Metrô a construção sairia muito mais barata do que abrir concorrência. Evidentemente os meus adversários não deixaram por menos, acusando-me de estar fraudando o negócio. Diziam: onde se viu fazer uma obra sem concorrência pública, deve

ter algo escondido. Todavia, o Tribunal de Contas deu-me razão: com o Metrô o custo saiu por bem menos.¹¹⁴

Seria ingenuidade acreditar piamente na lisura do processo de construção do Memorial, dado o histórico dos políticos brasileiros nesse quesito. Mas também seria leviano acusar sem provas. Deixemos essas questões para os tribunais. Esse aqui é o tribunal da história e nele o Memorial existe concretamente e cabe à sociedade paulista se reapropriar do que é seu, reinventando o seu destino.

O fato é que, no final de 1988, mais de mil trabalhadores, entre peões, operários especializados e engenheiros, trabalhavam a toque de caixa para entregar um novo marco arquitetônico a São Paulo. Todos estavam orgulhosos em levantar do chão um projeto do mundialmente famoso Oscar Niemeyer. No entanto, havia reação. A imprensa dava destaque a políticos da oposição que questionavam o fato de uma obra tão grande não ter sido contratada por meio de licitação. Outra coisa que não ajudava era o bairrismo paulista. Segundo Almino Afonso, “criou-se um caldo de cultura negativo enorme no meio cultural e empresarial, principalmente intelectual, contra essa iniciativa extra São Paulo. Como é que vai fazer uma obra tão significativa com uma figura de fora? Então a obra crescia cercada de má vontade” (Afonso, 2022). De certa maneira, esse mal começo nunca foi contornado. A má vontade permanece.

Mesmo com a obra acelerada, era preciso mostrar à *intelligentsia* brasileira a importância do que se estava edificando na Barra Funda. Neste ambiente feérico, chega para visitar o conjunto em construção um grupo *sui generis* liderado pelo irrequieto Darcy Ribeiro. Eles tomam assento num auditório improvisado no escritório da administração e ouvem: “O Memorial é um ato através do qual todos nós nos identificamos, nos assumimos como latino-americanos. Com o Memorial, São Paulo será a capital cultural da América Latina, com nossa cultura latino-americana olhando para si mesma, com orgulho de si e se cultivando”¹¹⁵, diz Darcy. O primeiro a manifestar seu espanto com o que vê é o dramaturgo Dias Gomes, “isso aqui não é um Memorial, é um Futurial”, profetiza. Ao seu lado, os artistas Poty e

¹¹⁴ Orestes Quércia citado por MOTOYAMA, Shozo e YAMIN, Rafael. **Memorial da América Latina 21 anos**. SP: Fundação Memorial da América Latina, 2010, p. 30

¹¹⁵ “**Acervo Quércia. Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer, Bete Mendes. Anterior a 1989**”. DVD assim intitulado foi entregue à Biblioteca da América Latina pelo ex-governador Orestes Quércia naquela visita mencionada anteriormente, em sete de junho de 2006. Esta e as próximas falas foram retiradas desse arquivo. O material serviu de apoio para a edição de vídeos institucionais do Memorial e também do artigo “Fizemos dele nosso sonho maior”, escrito por mim para a revista Nossa América ° 55, que comemorou os 30 primeiros anos de vida do Memorial

Carybé explicam como dão forma a seis gigantescos painéis em baixo relevo que homenageiam os heróis e os povos fundadores da América Latina.

“É o primeiro gesto brasileiro que realmente chama os latino-americanos a congregarem”, comenta com entusiasmo Darcy Ribeiro. O músico César Camargo Mariano tenta esclarecer o que está por trás desse gesto: “o que a gente está falando é de amor, de carinho, de amizade, de união de povos, de artes, de tudo”. O cantor e compositor Gilberto Gil segue a mesma linha: “Vamos fazer nossa parte, começar a trabalhar, a compreender essa necessidade de todos os lados de estarmos juntos”. Mais comedido, Pietro Maria Bardi reconhece “a importância dessa ideia de união latino-americana”.

É quando chega Oscar Niemeyer, autor do projeto. Ele coloca um bloco de papel imenso num suporte e vai desenhando enquanto fala. Faz um resumo da sua carreira, desde o conjunto da Pampulha. A cada nova obra que aborda, arranca a folha e a joga no chão. Além dos mencionados, faziam parte da plateia Fábio Magalhães, Ferreira Gullar, Jorge Amado, Tomie Ohtake... Almino conta o frisson que não causou os desenhos de Oscar Niemeyer abandonados no chão: “Assim que terminava um setor, Oscar pegava o papel e jogava no chão. Aquela plateia de gente importante corria para pegar o desenho. Corriam. Até hoje eu me arrependo de não ter pego um. Você pode imaginar isso. É o Niemeyer falando, vivo! (Afonso, 2022). Com a simplicidade de sempre, tom baixo de voz, mas algo solene, Niemeyer conclui: “Este Memorial da América Latina é a obra que mais tem aquilo que gosto de fazer: surpresa arquitetural e plástica. É um conjunto arquitetônico bem resolvido. Mas, mais importante do que o desafio da arquitetura, neste caso, é o empreendimento em si, que se coloca a tarefa de congregarem os povos para se prepararem como um monobloco contra a intervenção externa” (Quércia, D15).

Com o mestre ao lado, Darcy Ribeiro passa a explicar aos presentes sua concepção: “O Memorial é uma mão estendida dos brasileiros em direção aos povos vizinhos. Um povo se marca no tempo como civilização através de obras de arte, obras voltadas para a beleza. Isso aqui vai ser a cara da civilização brasileira. Para mim, o Memorial só tem comparação com o conjunto que o Aleijadinho fez em Ouro Preto. Aqui, a técnica de arquitetura mais avançada do mundo alcançou seu limite, aqui a arquitetura melhor do mundo, que é a arquitetura de Oscar Niemeyer, também alcançou o máximo” (Ibid).

Quércia acompanhou de perto o evoluir das obras. Apaixonou-se pelo que estava criando. Não o conjunto de monumentos homenageando os heróis da independência latino-americana, incluindo os brasileiros, como ele havia pensado originalmente, mas os delírios criativos de dois mestres acostumados a trabalhar em conjunto - Oscar Niemeyer, o arquiteto

que havia devolvido as curvas à arquitetura funcionalista moderna, e Darcy Ribeiro, o antropólogo que não se contentava em apenas estudar as diferentes culturas, mas interferia na sociedade com perspicácia e criatividade, especialmente nas áreas do indianismo, da educação e da política.

Levada a rédeas curtas pelo próprio governador do Estado, o que não era pouca coisa, a construção do complexo arquitetônico da Barra Funda iria ficar pronta a tempo. Quércia conhecia a tradição da política nacional de criar órgãos culturais, como museus, institutos e centros culturais e depois, quando muda o governante, abandoná-los. Segundo ele, isso acontece até com hospitais. O desafio seria, disse sem medo de usar uma frase feita, “manter a chama acesa”. Mal sabia ele o que começaria a acontecer no Memorial justamente após a sua saída do comando de São Paulo.

Eu tinha muita preocupação em terminar essa obra, porque essas coisas infelizmente, se você não termina, o outro governo não termina. Acompanhei pessoalmente. Tinha muita gente trabalhando para a Mendes Júnior. Eu ligava para o engenheiro. Foi uma coisa que motivou, todo pessoal que veio trabalhar aqui veio motivado. Isso aqui era a grande obra do governo. Esteve aqui comigo Felipe Gonzalez, que era o primeiro ministro da Espanha, para mostrar o projeto. Tinha o projeto e uma maquete. Eu construí, é importante construir, agora você manter o fogo aceso é que é a ciência. É igual hospital, construir aquilo é mais fácil, o duro é manter o hospital, o custo. Então, uma coisa dessa aqui, manter a chama acesa é o marketing, a natureza do marketing. Manter, chamar a atenção, trazer as pessoas aí, precisa sempre de muita grana.¹¹⁶

¹¹⁶ QUÉRCIA, Orestes. Código D15. Depoimento gravado em vídeo em sete de junho de 2006. Biblioteca da América Latina. Memorial da América Latina

3.2 Oscárico

Imagem 7 – Oscar Niemeyer aos 101 anos

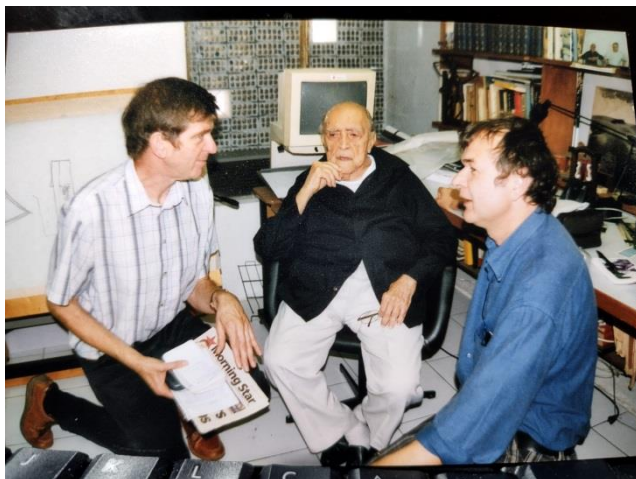


Foto: Eduardo Rascov, 2009 - Acervo pessoal
O arquiteto em seu escritório, em Copacabana, entrevistado por Peter Godfrey e Eduardo Rascov

Desde os anos 1940 Oscar Niemeyer é uma figura proeminente na arquitetura brasileira com repercussão internacional. Nesse período tem sido quase uma unanimidade nacional. “Quase” porque nunca deixou de ser atacado por uma parte de seus pares e por aqueles que não estão no campo da esquerda. Apontam-lhe contradições, como se lhe fosse proibido aceitar encomendas de governos com os quais não tem afinidades ideológicas. Niemeyer se defende dizendo que sempre preferiu trabalhar para o setor público porque nele pode fazer obras majestosas que no fim das contas pertencem ao povo. É melhor do que trabalhar para os muito ricos. Quando lhe acusam de guloso por concentrar as principais encomendas durante décadas, Niemeyer responde que não sai atrás de projetos, não se impõe nem pede nada a ninguém. Mas não pode evitar ser sondado, estudado e escolhido para novos projetos. Nem de viver muito.

Darcy Ribeiro criou o neologismo “oscárico”. A palavra significa, claro, aquilo que é dele ou tem a ver com Oscar Niemeyer. E, por extensão, tudo que é bom e tende ao genial. Oscárico. Como o Memorial da América Latina. Como os prédios da UnB. Como a Praça dos Três Poderes. Conhecendo a lista muito grande de obras de Niemeyer que guardem entre si grande coesão, impressiona constatar como o conjunto arquitetônico do Memorial faz sentido e é uma espécie de resumo dos partidos arquitetônicos tomados por ele ao longo da carreira. Para o bem e para o mal, a Fundação Memorial da América Latina - uma entidade jurídica - é

determinada pela arquitetura que ocupa seu espaço. Essa arquitetura impõe sua realidade no território da cidade. O que seria da Fundação se não tivesse sua sede criada por Niemeyer? Qual seria sua relevância? Mas é preciso escapar desse determinismo arquitetônico. A arquitetura do Memorial, ao mesmo tempo que fascina, afasta as pessoas. Como usar a beleza das formas curvas de concreto para fortalecer a missão integradora do Memorial? Como trazer a população para dentro dele sem ser em eventos comerciais?

Estou em Brasília assolado por esses pensamentos. É inevitável não me lembrar da vez que conversei longamente com o arquiteto oscárico. O homem contava quase 102 anos e foi inspirador. Era o ano de 2009 e tinha viajado ao Rio de Janeiro na companhia do jornalista inglês Peter Godfrey, que sonhava entrevistar o grande arquiteto brasileiro. Na época já cultivava a mania de anotar tudo em um caderninho. Mais tarde, usaria as notas para publicar na revista *Brasileiros* uma reportagem na forma de diário (veja o texto completo no Apêndice E¹¹⁷). Ouvir Oscar Niemeyer é a melhor forma de conhecer a sua generosidade e o cerne do seu pensamento em relação à arquitetura, à vida, e a ideias como solidariedade e revolução. Embora não falem especificamente sobre o Memorial, destaco a seguir alguns trechos daquele depoimento histórico.

A matéria começava assim:

Tocamos o interfone e subimos sem-cerimônia ao provavelmente mais importante escritório da arquitetura mundial. O prédio é discreto, levemente decadente. As poucas pessoas no ambiente fumam sem culpa. A cintilante visão da Baía da Guanabara incomoda, de tão arrebatadora que é. Melhor não olhar para a varanda selada por vidros em curva. O traço de Niemeyer na parede, as estátuas em bronze de Dom Quixote e Sancho Pança, a foto esmaecida de Luís Carlos Prestes, a profusão de livros soltos na mesa central – sim, Peter Godfrey, não há dúvidas, estamos na Iasnaia Poliana do século XXI.

Oscar Niemeyer nasceu em 1907. Um pouco antes, uma personalidade mundialmente famosa recebia peregrinos de diferentes partes do mundo em sua propriedade na Rússia. Eram os primeiros anos do século XX e escritores, intelectuais, filósofos, homens santos, políticos, pessoas comuns, mujiques, todos iam a Iasnaia Poliana conversar com o velho Tolstói. Saíam de lá tocados por sua mensagem cristã-libertária-pacifista-anarquista, que inspirou gente como Hermann Hesse e Mahatma Gandhi, o

¹¹⁷ RASCOV, Eduardo. **O último comunista inglês: Diário de Viagem. Objetivo: entrevistar Oscar Niemeyer.** Texto publicado originalmente na revista *Brasileiros*, publicação que existiu de 2007 a 2017. Disponível em:

<https://eduardorascov.blogspot.com/2011/07/o-ultimo-comunista-ingles-diario-de.html> Acesso em: 23dez.2022.

movimento hippie, a contracultura e os ambientalistas. Algo parecido acontece com o escritório de Niemeyer atualmente, por onde passam militantes da esquerda mundial, comunistas incorrigíveis, artistas, filósofos, cientistas, poetas e políticos de variadas matizes como Fidel Castro, Hugo Chávez, Lula, José Serra, Aécio Neves...

Enquanto esperamos Niemeyer chegar, Peter Godfrey se debruça, sedento, sobre o mais recente lançamento do mestre, uma compilação das suas principais obras e projetos nos últimos dez anos. Destacam-se o projeto de estádio de futebol para a Copa de 2010 (procuram-se interessados em construí-lo), o monumento a Simón Bolívar, em Caracas, Venezuela, o Centro Cultural Internacional Oscar Niemeyer, em Avilés, Espanha, um teatro para a cidade de Rosário, Argentina, com capacidade para 1.500 pessoas – como no Teatro Ibirapuera, em São Paulo, seu palco se abre para uma praça que comporta 30 mil pessoas – e as obras do ciclo de Foz de Iguaçu: a Universidade Federal da Integração Sul-Americana (Unila), as sedes da Itaipu do Brasil e do Paraguai e do Centro Cultural Holoteca (várias coleções).

Converso com o arquiteto Jair Valera, braço direito de Niemeyer, que nos faz sala enquanto o anfitrião não chega: “Vem gente do mundo todo pedir projetos a Oscar. Fizemos recentemente um trabalho para o Casquistão. Uma coisa leva a outra. Fidel, por exemplo, pediu uma escultura, depois uma praça para colocar a escultura, um teatro para a praça e agora mais quatro prédios para colocar em volta...”

[...]

Eduardo Rascov - Venho do Memorial da América Latina e faço minhas as palavras do presidente do Memorial, Fernando Leça, de que a sua presença continua a nos inspirar lá em São Paulo. Meu amigo Peter é um jornalista do Morning Star, antigo tablóide comunista inglês. Ele veio de Londres e percorreu o Brasil, mas não podia ir embora sem antes fazer umas perguntas para o senhor.

Oscar Niemeyer - Estamos trabalhando, procurando sempre a surpresa. Porque aquela ideia do Bauhaus da arquitetura – de máquina de habitar – era a maior bobagem, a arquitetura pode ser útil e ser bonita. Criar espanto. Nossa arquitetura objetiva atender o programa apresentado, mas a gente quer coisa que cria um pouco, que surpreenda quem vê. É aproximar a arquitetura de uma obra de arte, quando a emoção e o espanto representam a característica principal. Isso é o que me dá mais prazer. A gente procura ter uma arquitetura mais leve, mais solta, com poucos apoios, que ela se faça mais audaciosa e o espaço se faça mais generoso – a gente pode atuar de uma forma nova.

E o senhor ainda se surpreende com o resultado de sua criação?

Eu não sou mágico, não. A arquitetura é sempre uma surpresa. O passado acabou. A arquitetura hoje é para você utilizar o concreto em toda a sua possibilidade. Não há mais razão para fazer uma arquitetura simples, retilínea, porque no concreto ficou mais fácil.... Antigamente, por exemplo, na Renascença, eles iam fazer uma cúpula e não passavam de 30, 40 metros. Hoje a gente pode fazer com 200 metros. Eu fiz um trabalho grande na Espanha – museu, auditório. [...] Hoje a gente pode fazer uma cúpula de 40

metros em um dia... Quer dizer, a gente passa pelo terreno de manhã e não tem nada. Quando volta de noite tem uma cúpula. Isso é uma mágica. São tantas as possibilidades do concreto armado – isso é o importante. Eu fiz um estádio agora. São algumas colunas, vigas, que atravessam o estádio, tem quase 200 metros de vão, em cima vidro, embaixo, iluminação.

Onde vai ser feito esse estádio?

Em lugar nenhum. Fiz só para “brincar” na revista. Nós temos uma revista de arquitetura que mostra bem a nossa maneira de trabalhar. Sabemos que a arquitetura é importante, mas a vida é mais importante que a arquitetura. Então, essa revista é para mostrar nossa arquitetura, mas, ao mesmo tempo, levar o conhecimento aos mais jovens.

Em sua obra, pode-se dizer que a surpresa, além de ser uma preocupação estética, é um elemento de alegria vital?

Claro! Fazer uma coisa nova, diferente. O passado já acabou em arquitetura. Tinha um arquiteto que uma vez me disse uma coisa certa: “Não existe arquitetura antiga e moderna, existe boa e má arquitetura”. A antiga também já foi moderna. Se eu vou fazer um projeto, não quero saber nada do que já foi feito para ele. Começo do zero. A nossa preocupação é política também, é mudar o mundo. A arquitetura é o nosso trabalho, a gente tem ficado em cima da prancheta a vida inteira, mas a vida é mais importante do que a arquitetura. Importante é fazer o homem melhor. O homem olhar para o outro sem procurar defeitos, todo mundo tem defeito e qualidades, então a gente tem que viver de maneira mais integrada...

Suas obras surpreendem, deleitam, mas desafiam um pouco a gente...

Cada um tem sua maneira de ver, mas elas são lógicas e seguras. A arquitetura usa as técnicas contemporâneas na sua plenitude, atende o programa. Nós não inventamos programa, nós fazemos o que pedem para fazer. Quer dizer, aqui me pedem um palácio em Minas Gerais. Eu sou arquiteto, eu faço plantas, mas eu gostaria de fazer outras coisas...

E a beleza, também é importante para você?

Darcy Ribeiro dizia que a beleza e a mulher são fundamentais. É como eu disse a você: A vida? É mulher do lado e seja o que Deus quiser. Que ainda a coisa boa que a gente faz é trepar.

E a ideia de integração com outras artes?

Já em Pampulha, cobri a capela de cúpulas... Fiz como eu bem quis fazer, mas chamei o Cândido Portinari, ele veio e fez a fachada de azulejo. Sempre fui a favor da integração das artes à arquitetura. Na Renascença, veja os palácios, se eles não tivessem a pintura que têm, não teriam tanta importância. Então, a ligação da arquitetura com as artes plásticas é fundamental. Esse teatro que estou fazendo em Niterói ainda não está pronto, eu queria uma fachada de azulejo toda desenhada. Não tinha dinheiro para chamar um pintor, então eu mesmo fiz o desenho. Desenhei as mulheres dançando lá na fachada.

Pensando o elemento político da arquitetura, você não quer uma arquitetura simplificada, não?

A arquitetura é uma coisa. A política é outra. É fazer o mundo melhor. O dia em que a gente puder influir na arquitetura vai ser diferente. As casas serão mais modestas, mas os grandes empreendimentos humanos, os teatros, os estádios, os cinemas serão maiores ainda, porque todos poderão acessar. Hoje em dia, o arquiteto trabalha para o governo, para os ricos, o pobre está fodido, o pobre vê aquilo tudo de longe... Os ricos do Brasil, a elite ignorante, se encerra em cada apartamento de luxo! Os mais pobres estão nas favelas, são olhados por essa elite como gente ignorante, quase inimiga. Isso tende a acabar.

A ciência nos traz a verdade, nos faz tirar a fantasia, mas nos faz pequeninos também. O homem tem que ser realista. A vida é uma merda, a gente vive, morre, vê os outros morrerem... Que exista pelo menos o sentimento realista de solidariedade... Outro dia um jornalista me perguntou: "Oscar, qual é a palavra que você prefere?" Eu lhe disse: "Solidariedade". O cara era do Pasquim, todos meus amigos. Ele emendou: "E a vida?". Ora, "a vida? É mulher do lado e seja o que Deus quiser". A vida a gente leva como pode, se surge oportunidade. Me lembro do meu amigo João Saldanha, pessoa muito inteligente, que lamentava: "Você quer fazer uma coisa e acaba fazendo outra". Assim é a vida do ser humano...

Oscar, o prédio da sede da ONU. Foi um conjunto de arquitetos, mas o senhor atuou também lá. Como foi essa história?

Meu projeto foi escolhido por unanimidade. E aí o Corbusier ficou muito triste, ele queria fazer o projeto. Então ele me chamou e pediu se eu podia fazer uma mudança na Praça das Nações Unidas. De um lado tinha um prédio, de outro, outro prédio, e ele pediu se eu podia trazer, no meu projeto, a grande assembleia para o centro do terreno. Eu era jovem, ele era o mestre. Eu concordei. E foi uma merda o jeito que aquele prédio foi feito, a porta que eu fiz desapareceu, ficou o prédio da assembleia grudado em outro prédio mais alto, uma merda.

E daí vocês dois assinaram o projeto?

É, eu me lembro que um dia, depois daquela coisa toda, eu estava almoçando com ele, e ele me disse "você é generoso, hein..." Eu fiquei lembrando daquele dia que ele pediu para mudar a posição da grande assembleia; que concordei, que ficou um prédio grudado no outro – uma merda. Isso é passado, não me arrependo não, ele estava tão aflito, queria fazer o projeto.

As colaborações com outros artistas que você tem feito, escultores, sempre...

É, Brasília era com Portinari, Athos Bulcão, Ceschiatti. Ceschiatti tinha muito talento, ele fazia aquelas mulheres bonitas, e Portinari era um desenhista estupendo...

Oscar, como é viver 100 anos?

É uma merda. É uma merda porque você se despede de muita gente. Por exemplo, eu agora quero ir a Paris. Os meus amigos, com quem eu convivi, todos desapareceram... Tenho boa lembrança da França: quando eu fui pra Paris pegar um trabalho, era o tempo do Jango. Fui me despedir do Darcy Ribeiro, que era ministro de Goulart, e ele me disse: “Oscar, estamos no poder!” Ele estava completamente enganado, nos dez dias que levei no navio, passei de uma democracia popular a um dos regimes mais abomináveis. Foram ao meu escritório e esculhambaram lá... De modo que cheguei na França e a situação era outra no Brasil. Daí, um negócio que me ajudou muito foi o De Gaulle querer me proteger. De Gaulle não, Malraux. Malraux tirou com De Gaulle um decreto que eu podia ficar na França e trabalhar como arquiteto francês.

Que conselho você daria aos mais jovens?

Ler um pouco mais. A leitura é importante, você tem de ler romance, ler o que quiser. Teve um tempo que eu lia muito um escritor francês, George Simenon, que escrevia contos policiais. Me lembro que um dia o pessoal do escritório dizia pra mim: “Você tem que parar de ler esse Simenon, não tem conteúdo nenhum”. Mas aconteceu que eu tava lendo o Sartre, um livro que ele escreveu para Simone de Beauvoir. E nesse livro ele dizia “hoje li três livros de Simenon”. Se Sartre lê três livros de Simenon em um dia, por que eu não posso ler um de vez em quando?

Imagem 8 – A mão de Oscar Niemeyer

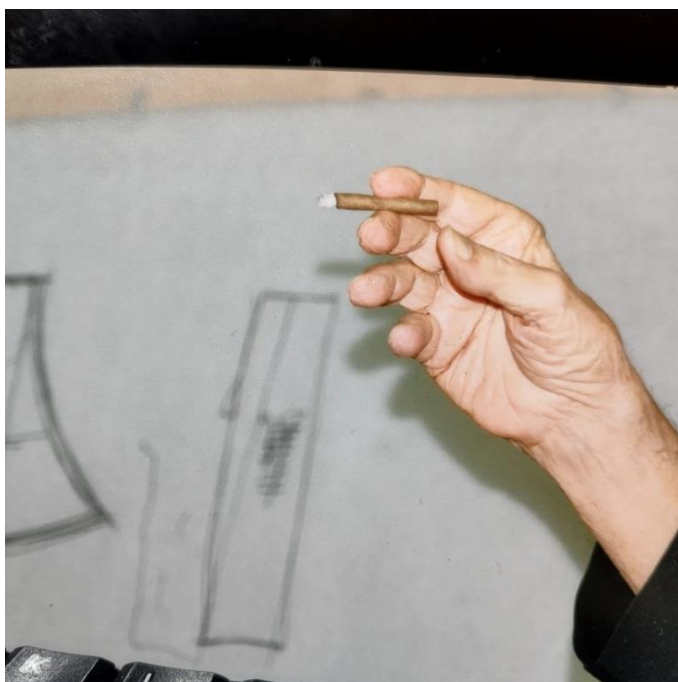


Foto: Eduardo Rascov, 2009
Acervo pessoal

3.3 Franco Montoro: O Memorial quase recebeu o nome dele

Neste estudo se falou bastante, até agora, de Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer e Orestes Quércia. Embora tenha sido mencionado anteriormente, é preciso destacar o papel de André Franco Montoro (1916 - 1999) na redescoberta latinoamericanista brasileira. Ela coincidiu com a reabertura política no país e nos nossos vizinhos e com a queda do Muro de Berlim, que prefigurava os ventos que varreram o “comunismo real” do leste europeu. Muito se falava também da construção do Mercado Comum Europeu (atual União Européia), que evitaria novas guerras na Europa e devolveria ao continente parte do poder econômico e político perdido na Segunda Guerra Mundial. Não era de se estranhar, portanto, que a América Latina também retomasse a ideia de criar um mercado comum que protegesse sua produção. No imediato pós-guerra, os economistas da CEPAL¹¹⁸, liderados pelo argentino Raúl Prebisch,¹¹⁹ defendiam a política de industrialização e substituição de importação. Para que os produtos fabricados no subcontinente tivessem competitividade, era necessário que os mercados dos países da América Latina tivessem uma tarifa única de importação que favorecesse os produtores locais. Era o que ficou conhecido como Economia Estruturalista. Segundo o economista Márcio Bobik, “o projeto estruturalista em torno da industrialização substitutiva de importações considerou a integração latino-americana como condição necessária para o sucesso das ações propostas” (Bobik, 2012, p 23). A integração econômica, no entanto, não veio por uma série de razões que não cabe aqui discutir. A principal crítica era ela ser contra o “livre comércio” e a modernização. Nos anos 1980 já sopravam os ventos neoliberais.

Mesmo assim, a integração latino-americana foi tema de discussões na Assembleia Constituinte convocada em 1985. A Constituição Federal, promulgada em 1988, no parágrafo único do seu artigo 4º, que rege as relações internacionais do país, reza: “A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações.” Esse era o espírito da época em que surgiu o Memorial da América Latina. Muito dele deve-se a André Franco Montoro, que levantava essa pauta há muito tempo. Consta que em seu primeiro discurso como deputado já proclamava a urgência da união latino-americana. Ele

¹¹⁸ A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) surgiu em 1948 como uma das cinco comissões regionais das Nações Unidas. Sua sede é em Santiago do Chile.

¹¹⁹ Raúl Prebisch (1901 - 1986). Economista argentino exerceu vários cargos em seu país, sendo o principal o de diretor do Banco Central da Argentina, instituição que projetou em 1934. Dirigiu também a Cepal e a Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento). Entre as suas obras, destaque para **El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas**, livro lançado em 1949 que influenciou os economistas desenvolvimentistas latino-americanos, entre eles, Celso Furtado.

mesmo contou essa história quando, por iniciativa de Fábio Magalhães, então presidente do Memorial, foi homenageado pelos seus 80 anos no auditório da Biblioteca da América Latina, em julho de 1996. Depois de ouvir a introdução de Magalhães e as falas elogiosas de Marcos Mendonça e Bolívar Lamounier, disse:

Voltando à integração da América Latina, o meu primeiro discurso como deputado federal - estava lá o Paulo de Tarso ao meu lado, em 1959 -, foi a necessidade de integração econômica, cultural, política e social da América Latina. Foi meu primeiro discurso. Consequência já do que havia visto em Montevideu, que os líderes reunidos podem fazer muitas coisas. Unidos venceremos, separados seremos esmagados e ficaremos condenados ao atraso.¹²⁰

Em 1947, Montoro havia participado, na capital do Uruguai, de um encontro de lideranças que desejavam estabelecer laços entre os políticos latino-americanos ligados à nascente democracia cristã, movimento que havia emergido na Europa das ruínas da Segunda Guerra Mundial. “Era uma reflexão sobre a responsabilidade dos cristãos diante das mudanças de estrutura da América Latina” (Montoro, 2002, p 18) De lá saiu a primeira Declaração de Montevideu. O evento catapultou Montoro para a vida pública.

Eu não sei se todos sabem, mas entrei na ação política por causa da América Latina. Foi no Uruguai. Eu era recém-formado, ainda estudante do curso de Filosofia e já formado em Direito e recebi um telefonema do Alceu Amoroso Lima. Naquele tempo, uma ligação interurbana da cidade do Rio de Janeiro para São Paulo era complicada. Eu era militante da ação católica, presidente da JUC, e conhecia o Alceu por nossas atividades no meio universitário. Ele me disse que haveria uma reunião em Montevideu, onde ele e Sobral Pinto estariam presentes. Mas era preciso que fosse também um jovem e alguém de São Paulo [...] Diziam eles, apontando para mim, se quisermos fazer um movimento promissor, precisamos começar por São Paulo, que representa 80% do Brasil. E meu apelido lá, por ser de São Paulo, ficou sendo “oitenta por cento”. O pessoal me chamava : “oitenta por cento” prá cá, “oitenta por cento” prá lá”...¹²¹.

Na sua carreira política, Franco Montoro foi vereador, deputado estadual, deputado federal, senador e Ministro do Trabalho, além de governador do Estado de São Paulo. De seu ponto de observação privilegiado no “sul global”, tinha o que dizer sobre o que via na América Latina e no mundo. Escreveu vários livros, entre eles, *ABC dos direitos do trabalhador*, *Introdução à Ciência do Direito*, *Da Democracia que temos para a Democracia que queremos*, *Colonialismo Cultural e Cultura Nacional*; os últimos, lançados

¹²⁰ MONTORO, André Franco. **80 anos dedicados à integração da América Latina**. Coleção Memo: Ensaio/Ficção. São Paulo: Memorial da América Latina, 2002, p 21

¹²¹ Idem ibidem, p 17, 18 e 19

no início dos anos 1990, foram *Participação: desenvolvimento com democracia e Perspectivas de integração da América Latina*.

Montoro comandou o Estado de São Paulo de 15 de março de 1983 a 15 de março de 1988. Pouco depois surgiram o Instituto Latino-Americano (Ilam), como organização não governamental, o Prolam, como programa de pesquisa ligado à universidade e o Memorial da América Latina em um formato inovador, já sob os auspícios de Orestes Quércia, o sucessor de Montoro. Em março de 2023 o Memorial completará 34 anos de existência. O Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina, da USP, é apenas alguns meses mais velho. Ele foi lançado em 1988, mas a sua primeira turma (16 alunos) se matriculou em janeiro de 1989. As duas instituições, uma no Butantã (Prolam), e a outra na Barra Funda (Memorial), tiveram uma trajetória paralela nas últimas três décadas, mas nunca se encontraram, não como havia sido planejado no início, já que, por assim dizer, pertenciam à mesma família. Não seria exagero afirmar que ambas, mais o Ilam, são filhas espirituais de André Franco Montoro.

A biblioteca do Ilam, aliás, foi doada ao Memorial da América Latina em 2007, após a desarticulação do instituto. Ela é constituída de aproximadamente dez mil itens, que incluem documentos de autoria do ex-governador, livros, fotografias, fitas VHS, entre outros materiais. Essa coleção engloba também o Centro de Documentação e Biblioteca Simón Bolívar, criado por Montoro, com material bibliográfico voltado para temas relacionados à América Latina, em especial aos processos de integração regional, com destaque para o Mercosul. Só não veio ao Memorial o acervo de Franco Montoro relacionada a temas do Direito. Esse foi doada à PUC-SP, universidade da qual ele foi fundador, em 1946, e se tornou professor emérito em 1990. A latinoamericanidade de Montoro já estava presente nas reuniões para a construção da PUC-SP, como ele contou ao jornal universitário Porandubas, em agosto de 1979: “A primeira ideia quanto à Universidade Católica não era que ela fosse Pontifícia, mas que ela seria uma universidade latino-americana de São Paulo, que colaboraria nos aspectos de integração cultural na América Latina. Isso estava nos primeiros estatutos”.¹²²

Não há dúvida de que Franco Montoro era um latino-americanista por excelência, mas - é preciso reafirmar sempre - o verdadeiro pai do Memorial da América Latina é Orestes Quércia. Apesar disso, Quércia, o 53º Governador do Estado de São Paulo, era *persona non grata* no Memorial quando lá ingressei em 2000 (ver nota 65). Lembro que lhe foi proibido

¹²² MONTORO, Franco. **O primeiro estatuto numa bandeja de pizza**. PUC -SP, Jornal Porandubas, edição de agosto de 1979, p 4. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/comunidade-academica/breve-historia-da-puc/entrevista-montoro.pdf> Acesso em: 29 de dezembro de 2022

que gravasse imagens ao pé da *Mão* para um programa político do PMDB. Nessa época, a personagem valorizada era a do seu antecessor, o ex-governador André Franco Montoro. Por incrível que possa parecer, havia até um movimento para mudar o nome do Memorial. Ele passaria a se chamar, oficialmente, “Fundação Franco Montoro - Memorial da América Latina”, isso de acordo com o Projeto de Lei 293, de autoria do governador Geraldo Alckmin. Em 26 de maio de 2001 tal PL foi enviado em caráter de urgência à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo nos seguintes termos:

Tenho a honra de encaminhar, por intermédio de Vossa Excelência, à elevada consideração dessa nobre Assembleia, o incluso projeto de lei que dá a denominação de “Fundação Franco Montoro - Memorial da América Latina” à “Fundação Memorial da América Latina”, pessoa jurídica de direito público, cuja instituição foi autorizada pela lei nº 6472 de 28 de julho de 1989.

A medida que decorre de deliberação unânime do Conselho Curador da entidade, objetiva homenagear a memória desse notável homem público, credor do respeito e admiração de todos os brasileiros.

Franco Montoro sempre pregou, desde o ingresso em sua vida pública, quando se discutiam as mudanças estruturais impostas aos países do nosso continente pelas transformações e contradições de um mundo ainda tumultuado pelos efeitos da segunda grande guerra, bem como ao longo da sua marcante carreira política, a aproximação e a coesão das nações latino-americanas, valendo destacar que, já em 1963, preconizou a criação do Parlamento Latino-Americano.

O pioneirismo de Franco Montoro, no que se refere às atuais políticas e ações tendentes à integração sócio-econômica e cultural das nações abrigadas pelas fronteiras conceituais da América Latina, permite afirmar que sua atuação contribuiu, ainda que de forma indireta, para a existência da “Fundação Memorial da América Latina” (...) Governador Geraldo Alckmin¹²³.

Consultei Fábio Magalhães sobre essa proposta surpreendente. Ele era presidente do Memorial da América Latina na ocasião. Ele me respondeu por mensagem de aplicativo de texto com as seguintes palavras: “Nunca fiz essa proposta! [...] Mas colocar o nome dele na instituição nunca me passou pela cabeça. Não teria o menor sentido por o nome do Montoro na Fundação. Também não tomei conhecimento de nenhuma proposta neste sentido”. No entanto, o texto do projeto de lei acima diz que a medida “decorre de deliberação unânime do Conselho Curador da entidade”, cujas reuniões o presidente do Memorial participa como observador...

A proposta tramitou pelas comissões de Constituição e Justiça e de Cultura, Ciência e Tecnologia da Alesp, que assim se manifestaram alguns meses depois:

¹²³ Projeto de Lei nº 293/2001. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo . Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=105081> Acesso em: 15 dez. 2022.

Verificamos que a propositura objetiva homenagear a memória do notável homem público que foi Franco Montoro, que ao longo da sua carreira destacou-se como precursor da aproximação e coesão das nações latino-americanas e que, em 1963 preconizou a criação do Parlamento Latino-Americano [...] Quanto ao mérito, há que se destacar que a justificativa apresentada na mensagem governamental, por si só, dispensa maiores considerações àquele que deixa um importante legado aos cidadãos paulistas: a ética com que desempenhou todos os atos da sua vida. Assim, quanto ao mérito, evidenciada a relevância da homenagem pretendida, reveste-se a matéria de elevado interesse público. Diante do exposto, manifestamo-nos sob os aspectos de ordem constitucional, legal e jurídico e, no mérito, favoravelmente ao Projeto de Lei nº 293, de 2001, “ad referendum” do Plenário¹²⁴.

Não vingou, talvez por falta de força política. Não deu para saber se a PL 293 foi ao plenário ou não porque a informatização da Alesp começa em 2006. Teria que ir pessoalmente ao arquivo morto da Assembleia para pesquisar. Mas não é o escopo desta pesquisa. Como não há qualquer menção na imprensa, é mais provável que tenha sido retirado pelo próprio governo no bojo de alguma negociação política. De qualquer modo, mudar o nome “sonhado” por Quércia da instituição que era a sua menina dos olhos, seria um soco na cara do ex-governador. Na época, Quércia era presidente do diretório de São Paulo do PMDB (2001 a 2003). No Memorial, o ex-governador só seria reabilitado anos mais tarde, quando o PSDB e o PMDB se alinharam no nível estadual.

Com o falecimento de André Franco Montoro em 16 de julho de 1999, sua contribuição para o latinoamericanismo estava sendo esquecida. Foi por isso que, em maio de 2007, o Memorial iniciou o projeto *O Legado de Franco Montoro*, que visava resgatar a contribuição do ex-governador para a causa latino-americanista. Na ocasião, o site do Memorial apresentou-o da seguinte forma:

Um dos aspectos do seu legado pouco conhecido é a luta pela integração latino-americana, que pode ser resumida em sua frase: “Para a América Latina, a opção é clara: integração ou atraso”. O projeto “O Legado de Franco Montoro” é constituído de formação de acervo de depoimentos, exposição, seminário e edição de livro. É, pois, não apenas uma homenagem, mas um estudo sobre o homem e o político. E, a partir dele, uma reflexão sobre o passado que ilumina o presente e aponta caminhos futuros.¹²⁵

Imagem 9 – Busto de André Franco Montoro na entrada do prédio da Administração do Memorial

¹²⁴ Relator: Deputado Estadual José Carlos Stangarlini, Sala das Comissões, 29.11.2001. Além do relator, participaram das duas comissões os seguintes deputados estaduais: Carlos Sampaio (presidente), Petterson Prado, Salvador Khuriyeh, José Rezende e Celso Tanaiui.

¹²⁵ Disponível em: <http://www.memorial.org.br/2012/02/o-legado-de-franco-montoro-inclui-depoimentos-mostra-e-livro-3> Acesso em: 27.12.2022. Obs.: Em janeiro de 2020, esse site estava *offline* para mudanças no portal.



Autor: Santos Lopes
Foto: Rafael Bezerra, 2022
Acervo pessoal

Atualmente, quem chega ao prédio da administração do Memorial, se depara com o busto em bronze de André Franco Montoro, criado pelo escultor Santos Lopes. O busto foi colocado lá em algum momento na gestão de Fábio Magalhães na presidência do Memorial, que foi de 1995 a 2003. “Inclui o busto do Montoro no edifício administrativo pela doação da biblioteca do ILAM e numa justa homenagem à sua visão de integração da América Latina”, conta Fábio Magalhães, em entrevista ao autor (informação verbal)¹²⁶. Ali há uma plaquinha com a frase “Para a América Latina, a opção é clara: integração ou atraso”. Na parede ao lado, foi colocada uma placa maior com a lista dos 20 doadores, responsáveis pela homenagem. São eles empresas e personalidades de destaque da vida civil paulista e brasileira, como Abram Szajman, José Carlos Dias, Indústrias Klabin, Companhia Ultragaz, Banco Bradesco, Banco BBA, Banco do Brasil, CESP, COSESP, Copersucar, Petrobras, Volkswagen do Brasil, DPZ, entre outros. Vale o destaque porque na mesma placa consta os dizeres: “Esta obra foi elaborada nos termos da Lei de Incentivo à Cultura (lei Federal nº 8313, de 23 de dezembro de 1991)”. Isso significa que os doadores eternizados na parede do Memorial, na verdade, não doaram coisa nenhuma. O valor que gastaram com o busto foi descontado do imposto sobre o lucro ou sobre a renda deles. Por meio deste mecanismo, Lei Rouanet, o governo renunciou àquele dinheiro e quem pagou a homenagem foi o povo.

¹²⁶ Conversa por mensagem de texto (aplicativo whatsapp) em 26 de janeiro de 2023

Há quem discorde dessa homenagem ao latinoamericanista e ex-governador de São Paulo André Franco Montoro. Almino Afonso, ex-vice-governador de Orestes Quércia é um deles. Ele diz:

O Memorial é muito mais que uma arquitetura, não é verdade? Às vezes, não tem sido maior, o Memorial, até por culpa de alguns governadores que não dão o apoio que merece, até por disputa política... Aquela estátua que tem na entrada do Memorial do Franco Montoro - essa estátua devia ser do Quércia, para ser honesto, goste ou não goste, tem que ser do Quércio, que foi quem fez, e não ser dele. O grupo do Montoro - Fernando Henrique, Mário Covas - odiava o Quércia. O único que escapava disso era eu¹²⁷.

¹²⁷ AFONSO, Almino. Entrevista gravada em áudio, concedida ao autor, em setembro de 2022.

3.4 Darcy Ribeiro: um Beijódromo para o antropólogo que concebeu o Memorial

No avião para Brasília, releio minhas notas. Percebo o tom distante e sóbrio ao relatar como foram as escolhas dos criadores do Memorial do local em que a obra seria erguida e do polêmico sistema adotado para a sua construção. Imagino que isso se deva ao fato de serem acontecimentos já longe no tempo. Embora tenha sido um dos milhares de visitantes que, na semana de inauguração, correram, curiosos, para ver o que era aquilo que tinha surgido de repente na Barra Funda, não vivenciei pessoalmente os fatos narrados. Era apenas mais um na multidão. Nem imaginava que um dia trabalharia no complexo cultural.

Agora é diferente. Da janela do avião vejo o céu do planalto central do país. Em pouco tempo, pousarei no aeroporto do Distrito Federal. Estarei imerso numa cidade impregnada pelos gênios de Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro. Abro o caderno de capa azul e anoto: “O Distrito Federal é um gigantesco Memorial. Enquanto Brasília tem ou deveria ter a mão estendida para o povo brasileiro, o Memorial tem a *Mão* estendida em direção aos povos da América Latina”.

Para quem mora num apartamento apertado do centro da Paulicéia, ter contato com o urbanismo de Brasília renova a crença na ação do homem. Não cabe aqui descrever a arquitetura e o projeto urbanístico da cidade, mas nada me impede de comparar Oscar Niemeyer e Lúcio Costa aos antigos profetas que pregavam no deserto. Há salvação, proclamam. A Terra Prometida é logo ali. É preciso perseverar e ter fé. Resistir. Na UnB se torna concreto para mim a concepção de universidade de Darcy Ribeiro. Ele a criou para os brasilienses e depois a espalhou por reformas universitárias na América Latina e África. Não vou me estender neste tema, Educação, mas sempre é bom deixar o próprio criador dizer o que ele fez sobre o assunto no exílio a partir de 1964:

Meu ofício, naqueles anos, foi o de professor de antropologia e, principalmente, reformador de universidades. Disto, vivi. Propus reformas para a Universidade da República do Uruguai, para a Universidade Central da Venezuela e para o sistema universitário peruano. Ajudei a reestruturação da Universidade de Argel, elaborei o projeto básico de implantação da Universidade Nacional da Costa Rica e propus, para a Universidade Nacional Autônoma do México, uma Faculdade de Educação e Comunicação. Nenhuma destas reformas ou planos de criação de uma universidade se cumpriu segundo as diretrizes que ajudei a formular, com equipes de educadores locais. Mas a função dos planos não é conduzir rigidamente as ações. É tão somente promover uma autoavaliação da universidade e desenhar um paradigma do que é desejável para ela na forma de um plano decenal. A existência desse paradigma por si só justifica o imenso trabalho de elaboração de uma reforma. Só por existir, ele estabelece metas, impedindo o crescimento ganglionar das cátedras à custa das carnes da universidade. Cada um destes projetos de reformas foi reduzido a texto e

publicado. Com base neles e, sobretudo, na minha experiência de criação da Universidade de Brasília é que elaborei meu livro *A universidade necessária*.¹²⁸

Relendo essas palavras, fica evidente porque Darcy Ribeiro fez questão de publicar o seu projeto e suas ideias sobre o Memorial da América Latina, principalmente sobre como a Fundação deveria atuar no campo do pensamento. É o objetivo a se perseguir. Esse norte do Memorial, essas diretrizes, está publicado no livro **O Brasil como problema**, cuja primeira edição, da Francisco Alves Editora, é de 1995, e a segunda edição, da Global Editora, é de 2015. Não confundir com a edição de bolso, muito menor, da qual foi tirada a citação acima. Apenas para esclarecer, os textos de Darcy Ribeiro, quase na sua totalidade, foram publicados por ele em vida. Após a sua morte, a Fundação Darcy Ribeiro reeditou, ou permitiu que reeditassem, trechos isolados da sua obra, especialmente os de caráter confessional. Alguns repetidamente. E também juntou, numa mesma publicação, textos que tinham origem e objetivos diversos. Isso gerou certa confusão. Evidentemente, é preciso se pensar no lançamento das obras completas do autor, numa edição consolidada, bilíngue (português e espanhol), ilustrada, anotada e comentada. Penso que o Memorial da América Latina poderia tomar a dianteira deste projeto, em parceria com a Fundar, a UnB, e as universidades que compõem seu Conselho Curador (USP, Unicamp e Unesp).

No caminho para a UnB, noto os prédios de uns oito andares levantados do chão por pilotis. Eles deixam o pavimento térreo livre para a circulação de transeuntes. É impossível não compará-los aos edifícios de moradia da classe média paulistana, verdadeiras fortalezas com direito a guaritas, grades e portarias com dupla contenção. Elas foram tomadas por uma lógica de segurança e por uma engenharia de barreiras e portões eletrônicos duplos que beira o absurdo. Sabe qual é o nome daquele espaço depois do primeiro portão, terra de ninguém na qual você fica confinado enquanto espera o porteiro se decidir a abrir o segundo portão? Você passa pelo primeiro portão e tem que esperar ele se fechar lentamente; só depois o porteiro abre a segunda barreira. Pois então, os profissionais dos prédios de Perdizes, bairro classe média alta de São Paulo, o chamam de "calabouço"! Quanto tempo um pequeno burguês típico de Sampa passa preso no calabouço durante a vida? Eis um cálculo que precisa ser feito. Em Brasília percebo o quanto isso é ridículo.

Na UnB atravesso o Minhocão que une as faculdades e determina o encontro de alunos de diferentes cursos e carreiras - sejam humanas, exatas ou biomédicas -, passo ao largo da

¹²⁸ RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como problema**. Coleção Darcy no Bolso. Brasília: Editora UnB e Fundação Darcy Ribeiro, 2010, p 77 e 78

reitoria e, finalmente, tenho diante de mim o Beijódromo, construído por outro grande arquiteto brasileiro, João Filgueiras de Lima, o Lelé. Darcy dizia que ele é “o segundo arquiteto do universo, depois do Oscar”. O projeto dialoga com os traços sinuosos de Niemeyer, mas é totalmente diferente. Me faltariam palavras para descrever a sua lindeza que mistura oca indígena, disco voador e lona de circo. Isso tudo com o uso de novos materiais de modo orgânico, vazado, poroso, aquático e translúcido (por exemplos, há um sistema de refrigeração em que exaustores levantam, do espelho d’água em volta, vapores que refrescam e umedecem o ambiente, além de empurrar o ar quente para fora através da abertura do topo. No Beijódromo, o ar condicionado é desprezado). Quando terminou o projeto, um pouco antes de Darcy Ribeiro morrer, Lelé mandou a ele os croquis com o seguinte bilhete:

Darcy,

Foi assim que concebi uma “casa digna”, para guardar seus livros, seu “beijódromo” e tudo o mais que você imaginar. Lembra um pouco um disco voador ou uma mistura de maloca dos Xavantes com a dos Kamayurás que você tanto admira. Sua característica marcante: - uma grande abertura com 34 metros de diâmetro e com um círculo central de 12 vasado, revestido de policarboneto transparente com lâminas externas de fibra de vidro que evitam a transferência de calor para o interior.

Lelé¹²⁹

Apesar da secura típica de setembro no planalto central, estou num ambiente fresquinho e bem iluminado, no segundo andar do Memorial Darcy Ribeiro, também conhecido como Beijódromo, se bem que Beijódromo mesmo seja apenas o auditório que se abre em três lados para a arquibancada natural formada pela ondulação do campus. Funciona como um anexo perfeitamente integrado ao conjunto. Finalmente, tenho em mãos parte do acervo de cartas e documentos de Darcy Ribeiro relacionados ao Memorial da América Latina. Através delas, será possível reconstituir o esforço do antropólogo para concretizar suas ideias? Quando percebeu que apenas pouco do que imaginara iria se concretizar, o que ele fez? Afinal, o que Darcy Ribeiro pretendia com o Memorial da América Latina?

Uma questão anterior a essas exige resposta. Esta pasta de documentos sobre a mesa pode me dizer quem é Darcy Ribeiro, para além da imagem pública? Não vou escarafunchar sua intimidade, mas talvez descubra uma apresentação de si mesmo que ninguém conheça... como esta folha com um texto intitulado “Testemunho*”. Deixe-me ver... O asterisco diz “Memória escrita por Darcy Ribeiro para Maria Helena de Zea, autora da introdução à edição

¹²⁹ LELÉ, João Filgueiras Lima. **Beijódromo: o Memorial Darcy Ribeiro**. Organização Fundação Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Fundar, DF: UnB, 2011, p 5

de *As Américas e a Civilização*, da Biblioteca Ayacucho. Sei que Darcy reaproveita seus escritos, reedita-os e os distribui em várias publicações, sem nunca se contradizer ou perder a coesão da sua obra. Não reconheço este texto no que li até aqui dele. Não sei se é uma confissão ou uma tiração de sarro. “Vejam”:

Testemunho*
Ninguém me ama, ninguém me quer...

Sou um escritor tão abundante quanto desinibido. Escrever ou falar de mim mesmo é a tarefa que mais me agrada e gratifica. Todo entrevistador de rádio, jornal ou televisão sabe que nem é preciso me fazer pergunta, basta ligar o gravador e me deixar falar que falo incansavelmente. Para mim, pelo menos.

Por que necessito falar tanto de mim mesmo? Vaidade, de certo. Admito com toda desfaçatez que gosto demais de mim e que me acho admirável. Creio mesmo que todo modesto tem razão, cada qual sabe de si. O diabo é que ninguém me adianta as expressões de admiração a que faço jus. Injustiçado, entro na liça para tomar o que é meu: admiração alheia.

Não precisava ser assim, mesmo porque gozo de algum prestígio, principalmente entre jovens que é a gente que me importa. Mas sou insaciável. Por quê? A explicação não está em minha personalidade extrovertida, que me induziria a falar de mim, de todos e de tudo sem qualquer vexame, e geralmente com alegria. Creio, ao contrário, que essa conduta exibida não é sintoma, mas causa do meu mal interior. Vivendo sob a suspeita estarecedora de que sou o contrário do que pareço, me viro ao avesso e represento aquilo que desejaria ser.

Algum antibloqueio atou minha timidez desencadeando compensatoriamente esse histrionismo, essa simulação de segurança, esta ousadia que, na verdade, escondem seu contrário - minha timidez e insegurança. Como se vê, preciso é de um analista, para ser modesto, triste e infeliz como corresponde. Se possível, tirando da tristeza o gosto mineiro de sofrer, com que tantos tanto se regalam.

Dou a seguir, através de vários textos em que me abro, me explico e me justifico, um documentário exaustivo do sofrimento que me custa ser tal qual sou. Sofrimento que eu escondo, discreto, atrás da vaidade mais desvairada. Começo com uma auto louvação publicada na Argentina dando uma espécie de balanço da minha vida pública. Lendo-o, ninguém duvida de que o texto, embora escrito em terceira pessoa, seja meu. A prosápia e o estilo são inconfundíveis. Vejam.¹³⁰

¹³⁰ Documento integra o acervo da Fundação Darcy Ribeiro, Brasília-DF

PARTE 4 - UM MEMORIAL PARA A AMÉRICA LATINA

4.1 Um projeto para São Paulo ser a capital da integração latino-americana

Fundação Darcy Ribeiro. Beijódromo. Vasculhando o acervo, encontro uma troca de mensagens entre velhos amigos no período de formação do Memorial. O jornalista Moacir Werneck de Castro havia lançado uma nova biografia de Simón Bolívar em português, pela editora Rocco. Intitulava-se *Libertador*. Era o segundo livro de Moacir Werneck sobre Simón Bolívar. O primeiro, *Bolívar*, havia saído pela editora Três, coleção Biblioteca de História, em 1973. Em 4 de julho de 1988, Werneck mandou um bilhete manuscrito para o antropólogo, dizendo: “Darcy, o livrinho está com uma badalação extraordinária. Até o Braga saiu-se de seus cuidados e soube pinçar no seu texto a frase mais fortemente badalativa, que este seu amigo agradece mais uma vez”. Ele se referia à “Agarre este livro com as duas mãos e leia, como eu li, emocionado”, que Darcy Ribeiro escreveu sobre a obra (não fica claro onde ela foi publicada, provavelmente no prefácio da edição). Ninguém menos que Rubem Braga, o mestre da crônica brasileira, se digna a escrever sobre o *Libertador* de Werneck. Não é pouca coisa. E, com a picardia de sempre, antes de ressaltar o lado romanesco do herói, cita as palavras de Darcy. A crônica de Rubem Braga foi publicada no jornal O Estado de S. Paulo em 2 de julho de 1988.

Três meses depois, em 9 de outubro de 1988, Darcy publica um artigo sobre o mesmo livro, no El Diario de Caracas, intitulado *O Bolívar Brasileiro*. Nele o antropólogo, que havia morado nos anos 1970 na Venezuela, tecia considerações sobre como os brasileiros viam o fundador das pátrias venezuelana, colombiana, peruana, equatoriana, boliviana e panamenha. Moacir Werneck vai voltar a tocar no assunto só em 24 de junho de 1989, quando ele escreve para Darcy comentando a possibilidade do livro sair na França. No meio da epístola, pede “uma forcinha junto ao Jack Lang¹³¹”, que à época era ministro da cultura da França. Werneck acreditava que um simples telefonema de Darcy “podia fazer com que o livro fosse publicado lá. Você, que tem prestígio e imaginação, não podia dar ou sugerir algum passo nesse sentido?” Em seguida, o jornalista pede um emprego ou uma “bolsa” a Darcy no Memorial:

E o Memorial da América Latina? Você falava outro dia nas disponibilidades existentes. Tempos antes, acenou para este seu amigo com a possibilidade de uma espécie de bolsa. Acredito, modéstia à parte, que o meu *Libertador* mereceria algum tipo de reconhecimento mais concreto, já que é um trabalho incomum neste Brasil tão ignorante da América Hispânica. Estou badalando *pro domo mea* inclusive porque o futuro deste país em matéria de sobrevivência material se anuncia dramático. E sei que

¹³¹ Jack Mathieu Émile Lang nasceu em 2 de setembro de 1939 na França. Na gestão do presidente francês François Mitterrand (1981 a 1995), foi Ministro da Cultura em dois períodos - de 1981 a 1986 e de 1988 a 1992 - e Ministro da Educação de 1992 a 1993. Como militante do Partido Socialista Francês, Jack Lang cultivou vínculos com a esquerda socialista, intelectuais e artistas brasileiros exilados na Europa.

posso contar com sua ajuda no que for possível. Com o velho abraço do, Moacir¹³²

A edição número 1 da revista *Nossa América/Nuestra América* abre com uma preciosidade de apenas duas páginas. Intitulada “Rascunhos de Gabriel”, a matéria assinada por um dos editores da revista, Eric Nepomuceno, traz correções de Gabriel García Márquez no seu rascunho do romance *O general em seu labirinto*, que havia acabado de ser lançado. A tradução para o português foi do mesmo Moacir Werneck (Nepomuceno também verteu para o português algumas obras de Gabo e de outros autores de língua castelhana). O artigo seguinte da primeira *Nossa América/Nuestra América* é do próprio Moacir Werneck: “O Libertador e o Brasil” trata das relações de Simón Bolívar com D. Pedro I. Segundo o autor, “como general e ainda jovem, o Libertador via o Brasil com desconfiada agressividade. Como governante, recomendou a harmonia com o Império brasileiro, em nome dos interesses da América” (*Nossa América /Nuestra América* nº 1, p 5). O artigo termina com as seguintes palavras, bem apropriado para uma instituição chamada Memorial da América Latina:

Em 30 de março de 1830, o Libertador recebeu o primeiro enviado diplomático de Pedro I junto ao governo da Colômbia, Luis Souza Dias. O embaixador veio ao palácio acompanhado de um patrício ilustre, o general Abreu de Lima: já então o antigo proscrito achava que o sistema imperial era “o passo mais acertado para o caso do Brasil”, e em breve retornaria à pátria.

No discurso de saudação, Bolívar falou como consumado diplomata, exaltando as boas relações entre dois países “vizinhos e irmãos”. Acentuou categórico: “O império do Brasil, recentemente criado por seu ilustre monarca, é uma das mais poderosas garantias recebidas pelas repúblicas da América no caminho de sua independência. Dando o vosso soberano o belo exemplo de se submeter espontaneamente à constituição mais liberal, faz-se credor do aplauso e da admiração do mundo”.

Eram suas palavras definitivas sobre as relações com o Brasil. Dias antes do Natal desse mesmo ano de 1830, morreu amargurado com a incompreensão de seus próprios compatriotas. Não tardaria, porém, a consagração da história. Como legado maior, o Libertador deixou a mensagem de unidade continental, que o fará para sempre lembrado e venerado pelos povos da América Latina.¹³³

Este é só um exemplo de como Darcy, até meados de 1989, estava confiante em seu projeto. Para ele o Memorial seria uma universidade viva e aberta, que ofereceria oportunidades para intelectuais, escritores e artistas, e faria com que São Paulo alcançasse uma proeminência intelectual de abrangência continental. Remexendo as pastas da Fundar, encontro alguns textos que já havia visto na Biblioteca da América Latina, em um arquivo

¹³² Idem Ibidem

¹³³ Revista **Nossa América** nº 1, p 10.

chamado “Projeto Memorial - Darcy Ribeiro”. Um deles resume bem a “missão” do Memorial para Darcy.

O Memorial da América Latina foi concebido para operar como um amplo conjunto arquitetônico, destinado a cumprir as seguintes funções:

- a. estreitar as relações culturais, políticas, econômicas e sociais do Brasil e de São Paulo com a América Latina.
- b. constituir-se como um instrumento concreto de colaboração científica e tecnológica, cultural e educativa.
- c. coordenar iniciativas internacionais, de alcance continental, que encarnem os interesses dos povos latino-americanos.
- d. aprofundar a convivência e a amizade dos povos da América Latina, dando aos brasileiros e aos paulistas um papel ativo na promoção da solidariedade latino-americana
- e. operar como núcleo de criação e intensificação de uma consciência crítica latino-americana, marcada por sua lucidez, frente à realidade presente e altamente motivada para a superação do atraso e da dependência.
- f. fomentar todas as formas de expressão da identidade latino-americana e de incentivo à criatividade cultural.
- g. organizar e manter um centro de informações básicas, que retrate a realidade latino-americana, em todos os aspectos, através de uma biblioteca especializada e de um banco de dados.
- h. difundir o conhecimento objetivo da história dos povos latino-americanos, acentuando o orgulho de nossa identidade, como um dos principais blocos mundiais e como matriz de uma futura civilização, generosa e solidária.
- i. incentivar a cooperação entre as instituições científicas, artísticas e educacionais de São Paulo e suas congêneres da América Latina.¹³⁴

Ao reler essas “funções do Memorial”, não sei se é porque estou em Brasília, mas o primeiro pensamento que me vem é que essas são metas mais federais do que estaduais. Não haveria um conflito entre os entes públicos? São Paulo pode ser os 80% que Montoro disse (exagero), mas um estado (província) não pode exercer o papel da União. Parece-me que essa questão leva, mesmo que inconscientemente, a uma crise de identidade que perpassa toda a história do Memorial. Até que ponto o Memorial pode tratar com Estados Nacionais?

Sabemos que Darcy Ribeiro é um inventor de instituições. O Museu do Índio, o Parque Indígena do Xingu, a UnB, o Sambódromo, os CIEPS, tudo tem o dedo dele e tudo deu certo. Sem esquecer que ele elaborou projetos de reforma de universidades América Latina afora. No caso do Memorial, repetiu a parceria com Oscar Niemeyer e novamente teve carta branca do governante de plantão. Foi assim com João Goulart, foi assim com Leonel Brizola e estava sendo assim com Orestes Quéricia. Darcy pensou com liberdade o conceito e o formato do Memorial da América Latina. A seguir, apresento o documento original através

¹³⁴ Acervo da Fundação Darcy Ribeiro. Pasta Memorial da América Latina. Brasília DF.

do qual Darcy Ribeiro trouxe ao mundo o seu Memorial da América Latina. Está aqui na Fundar e foi publicado parcialmente nas revistas Nossa América e Módulo e em um livro de 1989 que celebra a obra de Orestes Quércia chamado simplesmente *Memorial da América Latina*. Reproduzo-o abaixo, intercalado com trechos de outros documentos, também do acervo inédito da Fundar, que relatam, orientam e expressam preocupação pelo andar da carruagem. Esses parágrafos estão em itálico. Por último, meto meus comentários. Por exemplo, recorto do projeto original um pedaço sobre o Salão de Atos. Em seguida, acrescento fragmentos de cartas, relatórios ou outros encaminhamentos sobre o mesmo assunto. E faço isso em itálico, para diferenciar. Por fim, comento o bloco de fontes primárias. Acredito que essa seja uma forma de indicar futuras pesquisas.

4.1.1 Darcy Ribeiro apresenta o seu Memorial da América Latina

Projeto -Introdução

São Paulo vem assumindo progressivamente as funções cívicas e culturais que correspondem a seu papel como uma das principais metrópoles do mundo moderno, com respeito a nosso continente. Tal como ocorre com seus congêneres – Nova Iorque, México, Buenos Aires – cumpre também a São Paulo expressar o nosso orgulho de povos americanos e o nosso sentimento de estarmos, nós também, edificando a civilização do futuro. Um passo decisivamente importante nesse sentido acaba de ser dado pelo Governador Orestes Quércia, ao convidar o arquiteto Oscar Niemeyer para projetar e implantar no coração de São Paulo o Memorial da América Latina como um centro cívico, cultural e artístico, aberto às multidões que ali irão recordar e cultivar os esforços, sacrifícios e glórias do fazimento dos povos latinos das Américas.

O magnífico conjunto oscárico, associado ao ambicioso programa cultural, farão de São Paulo uma das capitais culturais da América Latina, dando aos brasileiros um centro de cultivo de uma consciência crítica lúcida, para a compreensão de nossa realidade e motivada para a realização das potencialidades de nossos povos. Criando o Memorial, o Governador Orestes Quércia reitera a postura histórica de JK que revolucionou a arquitetura, ao chamar Oscar para fazer a Pampulha. Reitera, também, o gesto dos paulistas, que pediram a Oscar o projeto do Ibirapuera para comemorar o IV Centenário de São Paulo.

O Memorial é uma obra de envergadura ainda maior. Lá estará, para sempre, como a mais forte marca no tempo, da criatividade e da dignidade de nossa geração. Uma vez erigido, será um conjunto arquitetônico só comparável a Brasília por sua magnitude e obra de arte só equiparável ao Santuário do Aleijadinho, em Congonhas. Será também, por tudo isso, objeto de peregrinação de quantos queiram lavar os olhos em beleza, esse ingrediente mágico, milagroso, tão indispensável ao gênero humano, que não se conhece gente sem alguma fome de beleza. Há, é certo, a mediocridade babando ódio, com a expressão veemente desta humana vontade de beleza. São os que teriam deixado o Aleijadinho morrer de fome, alegando que se pode rezar igualmente bem em capelas de tábuas, ou que seu barroco era barroco demais. Pois bem: enquanto civilização, nós vivemos hoje da glória escassa do que o Aleijadinho nos deixou como testemunho da criatividade brasileira.¹³⁵

Darcy Ribeiro estava animado em transformar São Paulo numa das “capitais culturais da América Latina”. Ele dizia que até aquele momento, no campo cultural, a capital paulista estava mais voltada para a Europa e os Estados Unidos. Uma prova disso eram os equipamentos culturais que tornaram a cidade famosa, como o Museu de Arte de São Paulo (Masp), o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC-USP) e a Bienal de Arte de São Paulo. Esses orgulhos paulistas, dizia o antropólogo, olhavam para os centros mundiais e não para seus vizinhos latino-americanos. Era como se estivessem de costa uns para o outro.

¹³⁵ Idem ibidem

O Memorial da América Latina teria, portanto, o papel pioneiro de ser um polo de irradiação da cultura regional. Era como se Darcy Ribeiro despertasse nos paulistas a mentalidade bandeirante nunca adormecida de hegemonia, agora não só no país, mas em toda a América Latina. No entanto, nem tudo sairia como Darcy Ribeiro esperava. Ele sabia que enfrentaria muitos problemas com “a mediocridade babando ódio” contra “a expressão veemente desta humana vontade de beleza”.

4.1.1.1 Salão de Atos: a construção dos painéis gerou polêmica na classe artística

Projeto (continuação)

O Memorial da América Latina, para cumprir estas funções e especificamente para estar sempre aberto a intelectualidade da América Latina, não terá equipe acadêmica própria mas contará com os seguintes órgãos e serviços:

I - A Praça Cívica de São Paulo, que será um espaço amplo e solene destinado a atos públicos, à comemorações cívicas e celebrações religiosas, e a eventos artísticos e culturais;

II - O Salão de Atos – destinado, em dias especiais, à solenidades e recepções presididas pelo Governador do Estado. Nos dias comuns, estará aberto ao público, principalmente à população escolar, que ali, de pé, apreciará, ouvindo música ambiental e explicações adequadas, o Painel Tiradentes de Cândido Portinari, bem como, seis painéis heráldicos, de Poty e Carybé, em baixo relevo, e se orgulharão de sua ancestralidade índia, negra, ibérica, europeia e oriental e aprenderão a honrar aqueles que edificaram e libertaram a América latina.

1. Painel com Povos Indígenas, rememorativo das glórias e das dores vividas pelos povos aborígenes, como matrizes da formação dos povos latino-americanos;

2. Painel dos Povos Afros, que honrará a alta contribuição dos africanos, como braços, como ventres e como culturas que contribuíram decisivamente na constituição dos povos latino-americanos;

3. Painel dos Iberos, que recordará a ação histórica de Portugal e da Espanha no fazimento dos povos latino-americanos modernos, com destaque especial para o papel de Portugal como primeira nação que se estruturou como estado nacional e se lançou na aventura lusitana de derramar genes pelo mundo afora, como forjadores de povos, especialmente do povo brasileiro;

4. Painel dos Imigrantes, que expressará o prodigioso movimento de gentes que, saindo de todas a Terra, vieram trazer a nós, sua contribuição para aqui se construir a pátria aspirada da liberdade e da prosperidade co-participada, graças aos esforços de iberos, ítalos, germanos, francos, eslavos, nipos e de tantas outras etnias;

5. Painel dos Libertadores, que recordará os heróis que lutaram e que lutam pela Independência, pela Liberdade, pela Democracia e, especialmente, pelo ideal de construir nas Américas uma Civilização Criativa e uma Sociedade Solidária;

6. Painel dos Edificadores, que honrará os homens de ação, aos administradores e aos empresários que, por seu esforço, integram e estão integrando a América Latina, na economia do mundo, como uma das

províncias mais amplas, mais populosas e que aspira ser das mais prósperas e mais progressistas da Terra.

O anúncio desses painéis criou certo alvoroço no meio artístico paulista. A encomenda de uma obra de grande vulto de arte pública - não é toda hora que acontece. No fragmento abaixo de carta ao secretário executivo Rui Guilherme, Darcy Ribeiro avalia que tudo estava indo bem na construção dos seis painéis do Salão de Atos. Na verdade, o processo de edificação dos monumentos estava passando por um turbilhão, que renderia farta polêmica regada a textos saborosos na imprensa de três estados: São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Vejamos:

Os painéis do Salão de Atos, que nos preocuparam no passado, marcham bem, a meu juízo. Recordo apenas nossa troca de ideias sobre o painel referente à nossa Herança Negra, a cargo de Carybé. Gostei muito da reprodução da figura de um dos profetas do Aleijadinho, que ele quer aproveitar. Acho, porém, que ela cabe melhor é no painel referente à nossa Herança Ibérica, responsável pela introdução do barroco no Brasil, e não ali. O que se espera do painel dos negros é uma glorificação desses nossos ancestrais, feita de forma tal que todos os tantíssimos brasileiros de origem africana assumam com todo o orgulho a sua ancestralidade.¹³⁶

Nota-se que Darcy Ribeiro concebeu em detalhes os painéis que ocupam o Salão de Atos. A professora Telê Ancona Lopez havia coordenado uma pesquisa sobre os povos formadores da América Latina e Radha Abramo havia promovido um processo seletivo entre vários artistas paulistas para ocupar o espaço. A ideia era que a pesquisa subsidiasse o trabalho dos artistas selecionados por Radha. Um documento denominado “Comunicado G.T.A.P. - 01/88” relata as reuniões dos dias 21 e 22 de janeiro de 1988, no Palácio dos Bandeirantes, sobre “painéis artísticos (06) do Salão de Atos do Memorial da América Latina”:

Com a participação do Dr. Rui Guilherme Granziera, Secretário Executivo do Memorial da América Latina, e seu Secretário-Adjunto, Dr. Tibério Octávio Teixeira Oliveira, foi deliberado pelo Grupo de Trabalho-Memorial: Elizabete Mendes de Oliveira, Secretária de Estado da Cultura, Darcy Ribeiro, Especialista em América Latina, Helena Gasparian, Chefe do Cerimonial do Governador, José Carlos Sussekind, Gerente da Empresa “Promon”, Radha Abramo, Curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo e Fernando Lemos, Programador Visual, que:

A Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo deverá providenciar com Urgência Urgentíssima CONSULTA aos artistas plásticos para a execução de seis (06) painéis artísticos referentes aos temas: Painel

¹³⁶ Acervo da Fundação Darcy Ribeiro, pasta Memorial da América Latina.

dos Povos Indígenas, Painel dos Povos Afros, Painel dos Iberos, Painel dos Imigrantes, Painel dos Libertadores, Painel dos Edificadores.

Exposição de motivos: De acordo com o projeto do arquiteto Oscar Niemeyer e por sugestão de Profº Darcy Ribeiro, os painéis (15 x 5m) deverão ser feitos na forma de incisão - semelhante aos hieróglifos egípcios da antiguidade, tendo como suporte uma superfície de cimento armado. Cada um dos painéis deverá ser de leitura clara e evocando pertinentemente os temas relacionados na página 1.

Parecer: Em se tratando de obra de tal relevância histórico-artística e observando os trâmites usuais para consulta e escolha de artistas plásticos especialistas no respectivo gênero de trabalho de acordo com a prática recomendada à realização dos monumentos públicos está formada uma comissão de especialistas no assunto destinada a assessorar a consulta e indicação de artista e/ou artistas capazes de executar a vultosa obra constituída de seis painéis.

Observando os critérios de representatividade de historiadores e de críticos de arte e de artistas que devem acima de tudo refletir a notória capacidade intelectual e artística de S. Paulo e do Brasil já que o seu trabalho está inserido as causas do Patrimônio Cultural Público, fica assim constituída a Comissão Especial de Arte/Assessora desta Curadoria:

- 1. Associação Brasileira de Críticos de Arte - ABCA, da Association Internationale des Critiques D'Art, AICA UNESCO/Paris, Seção S. Paul; representante por indicação da ABCA: profº José Roberto Teixeira Leite, historiador e crítico de arte.*
- 2. Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA (Multidisciplinar); representante por indicação da APCA: Profª Ernestina Karman, historiadora e crítica de arte.*
- 3. Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo - APAP; representante por indicação da APAP: Sra. Sônia Von Brusky.*
- 4. Glauco Pinto de Moraes, artista plástico, por indicação desta curadoria.¹³⁷*

Oscar Niemeyer, no entanto, resolveu escolher para a missão quem ele conhecia e confiava: Carybé e Poty. Esse atropelamento da comissão de Radha teve repercussão. A gravurista Maria Bonomi foi uma das que reclamaram na imprensa. O Jornal da Tarde teve acesso à ata da reunião acima e publicou a seguinte matéria, escrita pelo jornalista Cesar Giobbi:

O governador Orestes Quércia quer inaugurar seu Memorial da América Latina em outubro, com Fidel Castro como convidado especial. O Memorial tem projeto de Oscar Niemeyer, tem Darcy Ribeiro na

¹³⁷ Idem ibidem

organização, tem Carybé e Poty na decoração. A notícia parece ter 25 anos de atraso, mas infelizmente é atual. Quércia, para se vingar da intelectualidade paulista que não o apoiou em sua eleição a governador, alijou São Paulo da construção do memorial. Desprezou a universidade, desprezou os arquitetos, desprezou os artistas plásticos. É claro que uma hora alguém tinha que gritar. E começaram agora.

A primeira foi Maria Bonomi, que quando fica brava consegue mover montanhas. Maria descobriu que os artistas que iriam fazer os seis imensos painéis do memorial já tinham sido escolhidos por Darcy Ribeiro, sem concorrência, sem concurso, sem seleção, sem consultas. E aí começou a falar-se no assunto. Somaram-se a isso alguns artigos e entrevistas de Darcy Ribeiro (chamado aqui em São Paulo de “o eterno desempregado da esquerda”), na imprensa carioca em que era deliberadamente desaforado com a intelectualidade paulista. A confusão estava formada.

Críticos e artistas plásticos paulistas, mais as universidades locais, e agora também os arquitetos resolveram se indignar. Como resultado, o governador deverá receber várias cartas de entidades profissionais, reclamando dos critérios que usou para escolher arquiteto, organizador e artistas do Memorial. A carta da APAP - Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo -, que foi enviada ao Palácio dos Bandeirantes, pedia ao governador que alterasse o projeto em andamento, e que usasse de critérios mais democráticos para as próximas obras públicas.

O pior é que esta história está rolando nos bastidores há pelo menos dois meses. Pelo que se pode levantar, conversando com inúmeras pessoas do mundo das artes, Oscar Niemeyer sempre quis que Poty fizesse os painéis do Memorial, que medem 15mx5m. Parece que, ao saber disso, pessoas mais sensatas pediram que se nomeasse uma comissão que sugerisse nomes para os painéis, numa espécie de seleção feita por gente do setor. Radha Abramo, que trabalha no Palácio dos Bandeirantes como curadora do acervo artístico do Governo, foi incumbida de nomear a comissão e chamou as entidades profissionais. Assim, conforme uma ata de 1º de fevereiro de 1988, foi empossada uma Comissão Especial de Artes composta pelo crítico José Roberto Teixeira Leite, representando a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA); Ernestina Karman, representante da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA); Sônia Von Bruski, representante da APAP; a própria Radha Abramo indicou o artista plástico Glauco Pinto de Moraes. A ata menciona ainda o crítico Jacob Klintowitz, que não tinha sido contatado. E estabelecia que a comissão elaboraria, em 48 horas, uma lista de inúmeros nomes de artistas com know-how específico em trabalho com cimento, para uma seleção posterior de seis nomes... ”¹³⁸

A resposta a este chorume seria dada por editorialista do jornal O Estado do Paraná, de 5 de abril de 1988. Intitulada “A provinciana polêmica dos painéis paulistas”, o texto começa apresentando a situação para depois resumir muito bem o que acontecia:

Atualmente Poty tem passado muito tempo em São Paulo, dividindo com um de seus maiores amigos, Carybé (Hector Bernabó), a execução de seis imensos painéis (três para cada um), no Memorial da América Latina, que o governador Orestes Quércia decidiu construir na Barra Funda.

¹³⁸ Jornal da Tarde, 31.03.1988.

São 230 metros quadrados divididos em seis painéis de 5m de largura por 15m de altura, que contarão um pouco da história da América. O antropólogo Darcy Ribeiro, ex-vice governador da Guanabara, como coordenador do projeto cultural da obra, - convidou Poty e Carybé para fazerem os painéis, enquanto Oscar Niemeyer é o autor do projeto arquitetônico.

Em entrevista a Silvia Penteado, d'O Estado de São Paulo, Carybé, brincalhão, disse em relação à divisão do trabalho:

- "Confesso que fiz uma safadeza com Poty. Dei o pior a ele. Este último, o painel dos construtores, é de lascar".

Carybé, 77 anos, porteño do bairro de Lanus mas o mais baiano dos artistas (desde 1950 mora em Salvador), executa os painéis dos negros, dos ibéricos e dos libertadores. Poty, coritibano de Capanema, faz os painéis que simbolizam os índios, os imigrantes e os construtores.

São dois artistas de dimensão internacional, dos poucos grandes muralistas existentes no Brasil. Poty tem centenas de obras espalhadas pelo Brasil, imprimindo em todas o seu estilo característico, uma força imensa. O mesmo pode-se dizer de Carybé, artista da maior dimensão e que não só ilustrou vários livros de Jorge Amado, como é personagem em muitos deles. Atualmente, Carybé desenha os figurinos para uma nova versão de "O Cangaceiro", que Carlos Coimbra vai realizar - com base no clássico de Lima Barreto (1906 - 1982), para quem, há 35 anos, também fez a direção de arte.

Apesar da indiscutível competência de Poty e Carybé, a execução do Memorial da América Latina começou a provocar ciúmes nos artistas plásticos de São Paulo. A primeira a reclamar foi Maria Bonomi, que começou a protestar pela falta de concorrência, concurso, ou seleção na escolha dos muralistas.[...]

Inveja, despeito, provincialismo! Muitas adjetivações cabem a esta história [...]

O Instituto dos Arquitetos do Brasil-SP também decidiu entrar na briga, comentando o presidente Glauco Pinto de Moraes que "há duas ou três gerações de arquitetos brasileiros que nunca tiveram vez porque Niemeyer pega, automaticamente, todas as grandes obras públicas do país".

Quem conhece Poty e Carybé sabe que, nestas alturas, eles devem estar chateados com tanta polêmica. Artistas maiores, acima de discussões e picuinhas, não pediram para fazer os painéis. Foram convidados pelo talento e competência, de forma que não se justifica tais questionamentos.

Mas a dor-de-cotovelo sempre existe! Especialmente para os artistas quatrocentões.¹³⁹

“Inveja, despeito, provincialismo!”, corporativismo e mediocridade. Apesar do que disse Cesar Giobbi, quem escolheu os artistas dos painéis do Salão de Atos foi o arquiteto e não Darcy Ribeiro. Foi assim em todo o conjunto arquitetônico. Aliás, uma das características mais valorizadas na obra de Oscar Niemeyer é justamente o fato de ela ter reintroduzido a obra de arte na arquitetura moderna, o que parecia não ter lugar no axioma “a forma segue a função”. Niemeyer tinha um conjunto de artistas que apreciava e o levava para pontuar suas criações, como em Brasília, por exemplo. Finalmente, por meio de uma carta de poucas linhas

¹³⁹ Jornal O Estado do Paraná, editorial, edição de 5 de abril de 1988 (não consta a página)

endereçada a Radha Abramo, Niemeyer agradeceu o esforço e preocupação de todos, disse que reconhecia e apreciava o talento e a arte dos indicados por ela, mas que iria fazer do seu jeito. E assim encerrou a polêmica.

Também houve resistência à ideia de transplantar o painel *Tiradentes*, do Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi, para o Salão de Atos, no Memorial. Ela partiu de um dos seus ocupantes na época, o vice-governador Almino Afonso. Mas Niemeyer, quando foi ao Palácio dos Bandeirantes se reunir com Orestes Quércia e bateu os olhos no painel Tiradentes imediatamente se lembrou da obra. Ela havia sido pintada por Portinari para o Colégio Cataguases, encomendada pelo empresário e escritor Fernando Inácio Peixoto, que se notabilizara por seu mecenato. E quem fez o projeto do Colégio Cataguases? Sim, Oscar Niemeyer.

Essa pintura é muito cara aos mineiros. É comum encontrar um mineiro mais intelectualizado ou amante da arte no Salão de Atos, admirado, estático e reflexivo. Se você for falar com ele vai ouvir “Isso deveria estar na nossa terra”. É um símbolo dos mineiros. Tem até um movimento para levar o painel de volta para lá. Então, é de se perguntar como ele veio parar em São Paulo. Ele foi comprado pelo Estado na época do governador biônico Paulo Egydio Martins (1975 - 1979), conforme o site do Colégio de Cataguases, atual Escola Estadual Manuel Inácio Peixoto: “O painel de Portinari foi adquirido pelo governador de São Paulo, Paulo Egydio Martins, pelo valor de Cr\$4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros) à vista [...]. Foi restaurado e hoje se encontra no Memorial da América Latina, na cidade de São Paulo.”¹⁴⁰ Fiquei sabendo da história através da Maureen¹⁴¹(informação pessoal). Ela era amiga do casal Paulo e Brasília Martins, a 1ª Dama do Estado. Conheceu-a nas aulas de fotografia que organizava no Masp. E me passou o telefone do ex-governador no início dos anos 2000. Entrevistei-o para o site do Memorial. Na ocasião, Egydio Martins me contou que a obra lhe fora oferecida por um atravessador. Não estava mais no Colégio Cataguases e o Estado de Minas não havia se interessado em comprá-la. José Magalhães Pinto, ex-governador de Minas (1961 - 1966) e velha raposa da política de direita brasileira, que à época era senador, ocupava a tribuna do Senado para alertar sobre o risco de obra tão simbólica da história das Minas Gerais sair do Estado. Magalhães Pinto, no entanto, que era banqueiro, não deu um centavo para comprar a obra e doá-la aos mineiros. Aureliano Chaves, então governador de Minas, também não fez nada.

¹⁴⁰O blog, muito bem feito, conta a história do modernismo na cidade. É surpreendente. Disponível em: http://colcataguases.blogspot.com/p/blog-page_20.html Acesso em: 15.12.2022

¹⁴¹ Maureen Bisilliat me ajudou a produzir um texto sobre o Painel Tiradentes para o site do Memorial

Sabendo disso tudo, Paulo Egydio Martins esperou um pouco. Ninguém de Minas comprava o Tiradentes. Não podia São Paulo adquiri-la sob risco de iniciar uma “guerra” entre paulistas e mineiros Paulo Egydio Martins então bolou um plano. Disse ao intermediário que compraria o painel Tiradentes somente quando ele estivesse em solo paulista. Não deu outra. Certo dia o governador recebe uma ligação avisando que o caminhão com o Tiradentes estava na cidade de Cruzeiro, em São Paulo. Imediatamente o governador autoriza a compra. E mandou colocar naquele lugar que agradava tanto Almino Afonso. Na conversa que mantivemos no ano passado, ele fez questão de deixar gravado o seu protesto:

Você veja, quando o projeto começa a ganhar expressão, Niemeyer pensa então em sugerir que se transferisse o painel que o Portinari havia feito sobre o Tiradentes. Isso estava no pavilhão de entrada do Palácio dos Bandeirantes. Eu adorava o quadro na entrada do palácio quando estava lá como vice. O Niemeyer pede ao Quércia o quadro para o Memorial. O Quércia então colocou o problema (transferência do Tiradentes para o Memorial) para mim e para o Goldman¹⁴². Não me recordo como foi o Goldman, tenho a impressão que ele amaciou, mas eu fui literalmente contra. O nosso palácio de governo é tão pobre, tão medíocre. Se você pegar os bons palácios, que nós temos, o de Pernambuco, o do Rio Grande do Sul, o que era da Bahia - esses são palácios! O nosso era para ser uma faculdade. Foi uma batalha retirar o Tiradentes de lá. Eu me opus, resisti o quanto podia. Mas era uma disputa desigual: era Niemeyer e eu. Eles fizeram a transferência para o Memorial. Mais uma vez é a duplicidade Darcy e Niemeyer. Eles fizeram tudo isso.

¹⁴² Alberto Goldman (1937 - 2019) foi Secretário Especial de Coordenação de Programas (1987 - 1988) e Secretário Estadual de Administração (1988 - 1990) na gestão Orestes Quércia em São Paulo

4.1.1.2 Darcy Ribeiro usa contatos latino-americanos para suprir a biblioteca

A seguir, Darcy Ribeiro apresenta dois equipamentos que seriam fundamentais para o objetivo de fazer do Memorial o centro propulsor do ímpeto para a integração latino-americana: a Aula Magna e a Biblioteca da América Latina. O primeiro é um auditório para sediar “convenções, congressos, premiações, lançamentos, representações dramáticas e espetáculos musicais”. E o segundo, uma biblioteca para sediar “as obras fundamentais da literatura, história, das ciências e das artes de cada um dos povos americanos”. Em seguida, escrevendo ao historiador Rui Guilherme, secretário executivo do Memorial em construção, ele lista com quem precisa trabalhar para seus planos se realizem e conta como usou seus contatos na América Latina, na Europa e nos EUA, cultivados durante o exílio de pouco mais de dez anos, para a concretização do Memorial da América Latina.

Projeto (continuação):

Imagem 10 – Jornal da Tarde [1988?]



Recorte de página do Jornal da Tarde de meados de 1988 (data indefinida).

Fonte: Acervo Fundar

A imprensa paulista conservadora reage ao empreendimento monumental criado pela união de um governador pragmático e próceres da esquerda

III – A Aula Magna, que será um auditório para duas mil pessoas, divisível em dois, para atos de menor concorrência, que funcionará como Centro de Convenções e de Congressos, como local de Premiações e Lançamentos e como grande palco para representações dramáticas e espetáculos musicais.

IV – A Biblioteca da América Latina que, numa ala, reunirá, para livre consulta pública, as obras fundamentais da literatura, história, das ciências e das artes de cada um dos povos americanos. A outra ala, do mesmo conjunto, se desdobrará em dois salões: um deles abrirá ao público um acervo de documentação visual, cinema e vídeo – do patrimônio cultural dos povos latino-americanos. O segundo oferecerá uma documentação exaustiva da música popular e erudita da América Latina.

Telê Porto Ancona Lopez, na coordenação da Biblioteca da América Latina, tarefa altamente complexa, para a qual não haveria melhor conselheira. A biblioteca, esta sim, apresenta enormíssimos problemas. Em primeiro lugar, a imensa responsabilidade de criar a primeira biblioteca latino-americana da América do Sul, o que exigirá de todos nós, a mais apurada atenção e todo o zelo, na constituição de seus quatro acervos: os livros, os filmes, os discos e o centro de documentação. Sabendo, embora, que ela levará, pelo menos, dez anos para amadurecer, me preocupa o desafio de fazê-la existir e operar, com alguma eficácia, desde a data de inauguração, o que só será possível se colocarmos dentro de suas paredes um patrimônio mínimo de obras, que deve ser providenciado com toda a urgência. Nesse sentido, fiz diversos contatos no exterior, que passo a relatar:

1. *Aproveitando minhas viagens a Cuba para uma conferência da*

UNESCO, entrei em contato com o Ministro da Cultura, Armando Hart, que, posto a par de nossos projetos, colocou os serviços de seu Ministério à nossa disposição. Concretamente, prometeu mandar recompilar a lista das obras publicadas em Cuba que devam estar presentes na nossa biblioteca Latino-Americana; bem como separar os próprios livros para que nos possam ser enviados. Prometeu, ainda, organizar uma ampla Exposição do Livro Didático Cubano para a inauguração do Memorial, empreendimento que, a meu juízo, terá a maior repercussão entre os educadores paulistas. Comprometeu-se, ainda, conseguir para o nosso Memorial cópia dos principais filmes cubanos e de outros países existentes na sua cinemateca, bem como uma mostra representativa da música erudita, popular e folclórica de Cuba.

2. Na visita que fiz à Argentina, a convite do Ministro da Educação daquele país, entrei em contato com diversas autoridades, principalmente com o Ministro da Ciência, professor Manoel Sadowsky, e com o vice-presidente do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Tecnológicas, Dr. Gregorio Weimberg, uma das principais autoridades em bibliografia argentina. Alcançamos de ambos o compromisso de fazer elaborar uma lista da bibliografia argentina, consistente de livros latino-americanos ou referentes à América Latina, que não podem faltar à Biblioteca do Memorial. Verifiquei também que eles poderão realizar o mesmo trabalho com respeito à uma amostra representativa de filmes e de discos da música argentina.

Minha expectativa, depois das conversações que mantive com ambos e com outras autoridades, é de que, a parte deste material constituída de publicações oficiais ou subsidiadas pelo Estado, será doada ao Memorial. A outra parte, que compreenderá cerca de 3.000 discos e 50 filmes, precisará ser adquirida na Argentina. Suponho que o custo desse acervo se acercará de 40.000 dólares.

3. Quanto ao México, fiz bons contatos em Paris com o Vice-Ministro de Relações Exteriores, Ministro Victor Flores Olea, que manifestou o maior interesse pelo Memorial e a melhor disposição de colaborar para a sua concretização. Deu-me a entender, inclusive, a possibilidade de obter-se a doação das obras do Fundo de Cultura Económica do México, que corresponde a uma biblioteca de 6.000 volumes e é o conjunto mais importante de livros publicados em língua espanhola. Essa doação se efetivará, com toda a certeza, no caso de que o Presidente do México assista à inauguração, coisa que o Ministro Flores Olea acha perfeitamente possível.

Outro contato da maior importância que fiz no México foi com o professor Guillermo Bonfil Batalla, criador do Museu de Arte Popular do México, e um dos intelectuais mais importantes e renomados daquele país. Ele mostrou predisposição em aceitar um cargo de assessor do Memorial (esta linha está meio ilegível, mas o que ela diz é basicamente isso). Nesta qualidade, ele poderia nos ajudar em vários campos: com respeito à biblioteca, contratando a equipe do professor Florescano, especializado em bibliografia mexicana, para estabelecer a lista das obras publicadas no México, cuja presença é indispensável ao Memorial. O doutor Bonfil tem também contatos que lhe permitiria assegurar-nos no que concerne à cinemateca e à música mexicana.

4. *Lamentavelmente, não tivemos oportunidade de realizar as mesmas demarches junto aos países do Altiplano Andino. Ainda assim, estabelecemos contatos indiretos com personalidades governamentais e intelectuais peruanos, que estão predispostos a colaborar conosco.*

5. *Em viagem recente à Europa, tive ocasião de fazer contatos culturais em Munique e em Paris. O mais importante deles foi com assessores culturais da Comunidade Econômica Européia. Constatei, ali, a possibilidade de conseguir daquele órgão uma ajuda substancial na construção de nossa biblioteca, na forma de uma doação para aquisição de livros e revistas publicadas em países europeus. Nas conversações havidas, antevimos a possibilidade de uma contribuição de 350.000 dólares, sendo 250.000 inicialmente para a compra de acervo básico, e 100.000 em quatro parcelas de 25.000 anuais para mantê-lo atualizado.*

Podemos obter, ainda, do mesmo órgão, orientação técnica com respeito ao modo de nos beneficiarmos da enorme experiência acumulada pelos Bancos de Dados europeus, com respeito à documentação básica da América Latina. As pessoas apropriadas para esses contatos são, em primeiro lugar, o embaixador da Comunidade Econômica Européia em Brasília, senhor Amandio Anes de Azevedo, que seria sensível a um convite do Governador para um almoço, no qual uma solicitação como a aqui sugerida lhe fosse entregue.

6. *Em viagem a Washington, a convite da Universidade de Maryland, estabeleci diversos contatos que poderão também ser úteis. O principal deles, com o professor Saul Sosnowsky, que conseguiu para nós a lista da LARSA, que é a principal associação mundial de estudiosos da América Latina. Através dele, e também do professor Jorge Schwartz, da Universidade do Texas, antevimos a possibilidade de obter uma ajuda da biblioteca daquela Universidade, situada em Austin, que é o maior e mais importante acervo de livros concernentes à América Latina em todo o mundo. O professor Schwartz mantém contatos também com a SALAM, que congrega os Bancos de Dados nos Estados Unidos que se ocupam da América Latina e poderá ser de grande utilidade na definição de nossa documentação, para que ela se oriente com base nas experiências universitárias no uso de novos sistemas de informação.*

7. *Com respeito à Brasileira da Biblioteca da América Latina, fiz vários contatos. O melhor deles, com um livreiro de obras raras do Rio de Janeiro, que se dispôs a nos fornecer a relação das principais coleções de obras sobre o Brasil, que ele está em condições de prover. Assim que obtenha essa lista, eu a passarei a suas mãos. O que se tem mente são coleções, tais como: As Falas do Trono e as Mensagens Presidenciais, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a coleção Brasileiras da Companhia Editora Nacional, idem da José Olympio, idem da Editora Martins, idem da Editora Itatiaia e diversas outras. Com base nessa lista, creio que seria fácil promover uma concorrência, na forma da lei, para definir o livreiro mais capaz de fazer esse fornecimento.¹⁴³*

Projeto (continuação)

¹⁴³ Acervo Fundar. Brasília, DF

A Biblioteca da América Latina será a primeira biblioteca especializada em nossa área com quem se contará em toda a América Latina. Atualmente, para se estudar nossa realidade e nossa cultura é necessário deslocar-se seja para Austin, no Texas, seja Berlim, na Alemanha Ocidental. A Biblioteca Latino-Americana, concebida e organizada nessas bases, está destinada a representar um papel de destaque na vida cultural paulista, brasileira e latino-americana. Entretanto, para ser assim, é indispensável que ela não pretenda jamais ser uma biblioteca genérica, aberta ao público geral. Na especificidade é que estará a sua força.

1 – O caráter pioneiro desta iniciativa e a necessidade de fazer dela uma Biblioteca realmente representativa é todo um desafio que está a exigir o máximo de atenção no seu planejamento e na sua implantação.

2 – A primeira decisão que se tomou como diretriz geral para enfrentá-lo foi a de que ela não será uma biblioteca só de livros. Incluirá também as novas formas de registro da comunicação cultural, tais como as gravações magnéticas de som e os recursos audiovisuais.

3 – Somente dominando esses quatro campos e habilitando-se também para operar como centro moderno de documentação computadorizada, a Biblioteca Latino-Americana do Memorial poderá exercer plenamente as funções que lhe competem.

4 - Como é óbvio, a cobertura de todos esses campos deverá fazer-se em cada um dos diferentes países da América Latina e também sobre a produção cultural de alta relevância que se realiza na Europa e na América do Norte.

A Bibla, no setor LIVROS, contará com os seguintes elementos:

1 – A SALA DE LEITURA, que dará acesso direto a estudiosos para cerca de 5.000 obras selecionadas entre as mais interessantes e mais representativas dos vários campos do saber, referentes à América Latina.

2 – O depósito da BIBLA concentrará um acervo adicional inicial de cerca de 30.000 obras, consultáveis mediante pedido.

2 – Um mostruário de jornais e revistas latino-americanos será oferecido para acesso direto ao público.

4 - Teremos também algumas cabinas destinadas a estudiosos que necessitam para seu trabalho, contar com um conjunto de livros.

5 – Um conjunto de estantes especiais destinado a exposições de livros.

6 - O acervo bibliográfico da BIBLA, que proverá esses diferentes serviços, compreenderá:

Uma Coleção Brasileira Básica de 10.000 volumes, formada sobretudo por revistas eruditas e coleções especiais e mais 5.000 obras escolhidas cobrindo todos os campos do saber, especialmente os humanísticos.

Uma Biblioteca mexicana, uma argentina, uma peruana e uma cubana, cada qual com cerca de 3.000 obras, às quais se acrescentarão mais tarde, cerca de 6.000 obras, referentes aos outros países da América Latina, bem como, outras 6.000 publicadas na Europa e nos Estados Unidos, mas tidos como indispensável para o conhecimento da América Latina.

7 – A aquisição dessas obras está sendo providenciada, tanto no Brasil, como nos países mencionados, sempre a cargo de especialistas da mais alta competência. Além da aquisição, cada um deles deverá prover uma relação circunstanciada das obras que selecionem, dando de cada uma delas uma breve apreciação do conteúdo.

8 – Nesse momento, essas compras e os respectivos catálogos estão sendo elaborados pelo doutor Ricardo, na Argentina, pelo Doutor Lucho Lumbreira, no Peru e pela Casa das Américas, em Cuba.

9 – Providências preliminares estão sendo tomadas também para o planejamento e aquisição das coleções europeias, para o que se contará, provavelmente, com a cobertura da Comunidade Econômica Europeia. Contatos similares deverão ser feitos ainda, com instituições norte-americanas, capacitadas a prestar o mesmo tipo de colaboração.

10 – Com respeito à informação bibliográfica computadorizada, na forma de Banco de Dados, informações foram tomadas junto a especialistas que trabalham nesses setores, na Biblioteca de Austin, no Texas e na Biblioteca do Congresso em Washington. O orçamento previsto para todos esses gastos já está fixado e em execução.

Videoteca

No que concerne à cinematografia latino-americana, o projeto é oferecer ao grande público uma mostra do cinema de ficção e do documentário dos vários países da América Latina que sem ser exaustivo, seja representativo.

1 - A decisão preliminar tomada nessa matéria, foi a de não trabalhar com filmes, mas com vídeos, pela facilidade de manuseio que eles oferecem e porque o nosso propósito real é dar ao grande público o acesso à uma rica coleção cinematográfica, tal como damos à uma rica coleção bibliográfica. Não se trata, portanto, de criar um Instituto Cinematográfico Latino-Americano, o que seria muito desejável, mas excede as ambições já enormes do Memorial.

2 - Para o cumprimento de suas funções no campo do cinema, a BIBLA disporá de 15 câmeras de vídeo cassete, montadas em três grupos, o que possibilitará num funcionamento, de manhã à noite e, inclusive, nos domingos e feriados, atender a um público da ordem de 3.000 pessoas.

3 - O acervo inicial em vídeo cassetes que está sendo adquirido, compreenderá:

300 fitas de cinema brasileiro

200 fitas documentários, produzidas no Brasil

200 fitas argentinas e
100 cubanas e peruanas

4 - A essas coleções se acrescentará uma série dupla de 200 películas cada, de filmes clássicos da cinematografia internacional; uma, de filmes dublados; a outra, de filmes falados na língua original. Esta coleção, que parece exorbitar da nossa área de responsabilidade, se fará para atender ao que o grande público espera de uma cinemateca e também para que a BIBLA realize todas as suas potencialidades, na educação cinematográfica da juventude paulista e no despertar de novas vocações criativas nessa área.

5 - A constituição da videoteca da BIBLA está a cargo da Empresa Texto e Imagem, e será feita sob a orientação direta da sra. Isa Ferraz, dentro de um orçamento já fixado.

Sonoteca

A Bibla integrará, também, uma Sonoteca que deverá contar inicialmente, com 2.000 obras de gravações sonoras, em fitas magnéticas, metade delas concernentes ao Brasil e a outra metade oriunda de documentação musical dos outros países da região, tanto de música erudita, como popular e folclórica.

1 - Para a guarda, conservação e utilização desse acervo musical, a BIBLA contará com um depósito ajustado contra contaminações magnéticas e servido de um microcomputador que dê acesso imediato e que permita a cópia em fita cassete de qualquer um dos milhares de fonogramas ali conservados.

2 - O público da Sonoteca será atendido através de 30 cadeiras, destinadas à reprodução de música especificamente solicitada e de 60 cadeiras, onde se fará um programa geral que se repetirá no curso do dia e à noite.

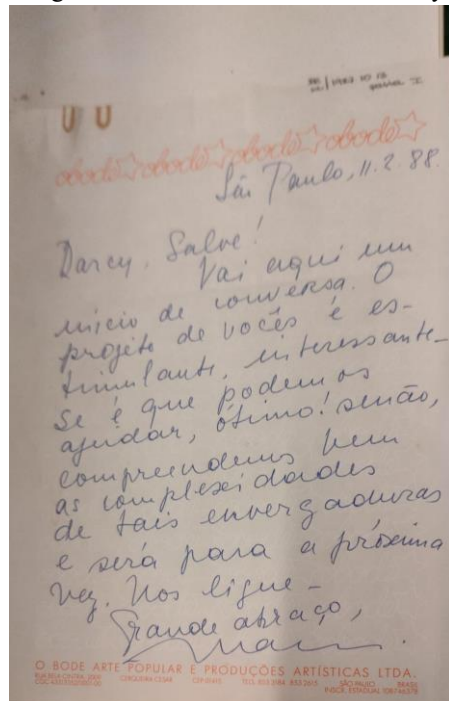
3 - A constituição do acervo brasileiro, sua catalogação e implantação está a cargo da Empresa Produções de Arte Ltda., e se farão sob a orientação direta e a responsabilidade do Sr. Ricardo Cravo Albim.

2 - Trabalho semelhante está sendo realizado em Cuba, no México, no Peru e na Argentina, sempre a cargo de especialistas, que relacionarão as obras a serem copiadas, promoverão sua cópia e catalogarão o seu conteúdo, fonograma a fonograma.

4.1.1.3 Maureen Bisilliat e o Pavilhão da Criatividade: a mulher certa no lugar certo

Darcy Ribeiro já conhecia a Galeria O Bode, do casal Jacques e Maureen Bisilliat, mais o arquiteto Antonio Marcos da Silva, quando Maureen foi indicada por Lina Bo Bardi para formar o acervo do Pavilhão da Criatividade. Os três eram sócios de um empreendimento que mesclava venda de arte popular adquirida diretamente do artesão dos interiores do país e produção de projetos ligados às artes visuais e gráficas. O antropólogo havia procurado a arquiteta italiana porque ela conhecia muito bem a arte popular brasileira. Mas Maureen era a pessoa certa para a missão. Por ser filha de um diplomata argentino casado com uma artista irlandesa (que morava no norte da Inglaterra), na infância Maureen morou em vários países exigindo que ela fosse educada em cinco línguas. Essa convivência com tantos falares fez com que desenvolvesse o gosto pela escuta e pelas palavras. Não se surpreende que, quando se muda definitivamente para o Brasil, nos anos 1950, e após se iniciar nas artes da fotografia, concebe um projeto de equivalência entre imagem e literatura. E sai fotografando o universo de escritores brasileiros, como João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Mário de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Não são “releituras”, são “equivalências”, como Maureen diz. Isso fez com que desenvolvesse uma sensibilidade apurada para a diversidade cultural e para as formas e cores do artesanato popular. Seu olhar estético foi cultivado por sua atividade como artista plástica, fotógrafa, cineasta e designer gráfico.

Maureen entendeu que Darcy Ribeiro pensava em construir uma espécie de miniatura do Museu do Homem, de Paris, na França, por meio da exibição de peças artesanais de origem pré-colombiana, réplicas arqueológicas e artesanato contemporâneo. A ideia original era reproduzir no Brasil monumentos, estátuas, estelas e esculturas de civilizações mesoamericanas e andinas do passado e exibi-las ao lado do artesanato vivo (ver Anexo D). Ficou estabelecido que Maureen e Jacques viajariam para alguns países (México, Guatemala, Peru, Equador e Colômbia) a fim de coletar na fonte peças artesanais feitas por artesãos em suas oficinas atuais. Ela aproveitaria e registraria em vídeo essas “andanças”. Seria um trabalho etno-artístico que só Maureen poderia realizar.



Fonte: Acervo Fundar, 2022

A seguir, apresento não só o trecho do projeto do Memorial que se refere ao Pavilhão da Criatividade, como também as instruções de Darcy Ribeiro ao secretário executivo Rui Guilherme Granziera no sentido de viabilizar a coleção do Pavilhão da Criatividade.

Projeto (continuação):

V – O Pavilhão da Criatividade Popular destinado à exposição permanente da prodigiosa criatividade artesanal das populações latino-americanas. Sessões especiais serão dedicadas aos artesãos da Guatemala, do México e do Altiplano Andino, em razão da extraordinária criatividade artística daqueles povos, herdeiros de altas civilizações.

Trata-se de importante componente do Memorial, de relevância decisiva, porque abrigará as exposições mais facilmente assimiláveis pelo grande público. Como se supõe que a área seja percorrida em dias comuns por mais de 20 mil pessoas, é de se imaginar que um grande público visitará suas diversas unidades. A mais atrativa delas, do ponto de vista das multidões, será, sem dúvida, o Pavilhão da Criatividade, com suas coleções do melhor artesanato da América Latina.

O passo inicial para criar o Pavilhão é, conforme sugerimos, a contratação de Maureen Bisilliat para montá-la. Sendo Maureen também uma documentarista de renome internacional, e uma expositora das mais exitosas e premiadas no Brasil e no estrangeiro, ela poderia dar conta do encargo desde o planejamento do Pavilhão da Criatividade e sua implantação, até a inauguração, o que compreenderia as seguintes etapas:

- 1. Programar a ocupação do espaço arquitetônico destinado ao Pavilhão, na forma de uma exposição permanente do melhor artesanato do Brasil e da América Latina, especialmente do México e Guatemala e dos países do Altiplano Andino. Destinar espaços especiais para Exposições Temporárias, a primeira das quais bem poderia ser o Ouro Indígena da Colômbia, que alcançou enorme repercussão em cada país a que foi levada.*
- 2. Adquirir no Brasil, diretamente dos artesãos, uma coleção do melhor artesanato de arte que aqui se produz: documentando-se, simultaneamente, sua criação e apresentando-o na exposição, devidamente exposta, iluminada e explicada.*
- 3. Realizar uma viagem de estudo e colecionamento, ao México e Guatemala, e outra no Peru, Bolívia e Equador, com o objetivo de adquirir e, simultaneamente, documentar nos locais em que são produzidas as coleções representativas do artesanato daqueles países.*
- 4. No México e Guatemala, Maureen poderá contar com a assessoria do professor Guillermo Bonfil Datalla, acima referido, tanto na aquisição de coleções de peças isoladas e sua documentação, como e sobretudo, na cópia*

das esculturas mexicanas e guatemaltecas, que deveriam criar ambiente nos espaços destinados às respectivas coleções.

São Paulo, 20 de maio de 1988,

Ilmo.

*Sr.Dr. Rui Guilherme Granziera
Secretário Executivo do Memorial da América Latina
Rua Líbero Badaró, nº 39 - 13º andar
São Paulo SP*

Senhor Secretário Executivo,

Solicito seus bons ofícios no sentido de que se possa cumprir nosso programa imediato de gastos no Estrangeiro, indispensável para a inauguração do Memorial da América Latina.

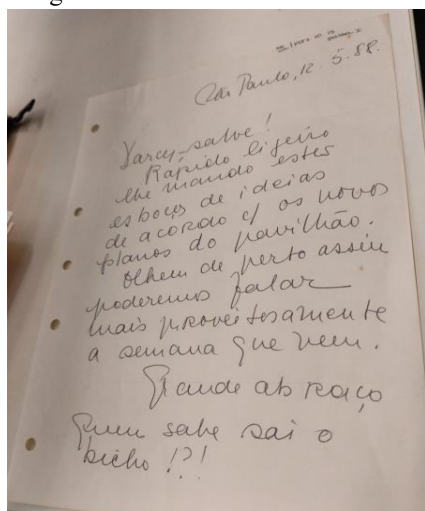
1) - A criação de um fundo de 40 mil dólares em Buenos Aires, para aquisição de livros, discos e filmes.

2) - De um fundo de 40 mil dólares na cidade do México para aquisição de livros, discos e filmes.

3) - De um fundo de 50 mil dólares na cidade do México para aquisição de coleção de artesanato naquele país, na Guatemala e Colômbia, e para reproduções de peças arqueológicas monumentais, que deverão decorar o Pavilhão da Criatividade.

4) - De um fundo de 30 mil dólares na cidade de Lima, para aquisições de equivalentes naquele país, na Bolívia e no Equador.

Imagem 12 – Bilhetinho de Maureen



Fonte: Acervo Fundar, 2022

Darcy simplesmente pedia e o secretário executivo, Rui Guilherme Granziera, tinha que se virar. Rui Guilherme não era um simples burocrata. Na verdade, tinha carreira como historiador econômico no Instituto de Economia da Unicamp. Ele é autor do livro *A Guerra do Paraguai e o capitalismo no Brasil*, que saiu pela Hucitec, de São Paulo. Quércia era de Campinas. Colocou um homem culto, que entendia as demandas de Darcy e resolvia problemas complicados, como, por exemplo, pagar no México as compras de Maureen para o Pavilhão da Criatividade, isso com a agilidade necessária. E trazê-

las a tempo para o Brasil. O Banco do Estado de São Paulo, como tinha agências espalhadas

pela América Latina, desempenhou um papel nessa operação complexa. O próprio Quércia, na entrevista gravada em vídeo já mencionada, diz em tom de blague que muita peça do acervo veio de contrabando. Não é de se duvidar, pois o acervo de cerca de 4 mil peças de arte popular de países tão diferentes quanto México, Guatemala, Peru, Equador, Bolívia e Brasil se materializou no Memorial em poucos meses.

A carta acima, datada em 20 de maio de 1988, faz referência à reprodução de “peças arqueológicas monumentais”. Isso não foi concretizado. Nem a visita à Colômbia. Quércia queria, na origem, segundo Almino Afonso, reproduzir monumentos dos libertadores da América e de peças das culturas pré-colombianas da Mesoamérica e do Altiplano Andino. Em carta ao governador Quércia, escrita depois da inauguração do Memorial, como veremos mais à frente, Darcy alerta que a instituição corria sério risco de virar um “elefante branco” porque seu plano cultural não estava sendo realizado. Nessa correspondência desencantada, o antropólogo dobra a aposta e propõe construir um novo espaço para o pavilhão, na qual ele colocaria as reproduções de “peças arqueológicas monumentais” de culturas mesoamericanas altiplanas citadas acima.

Na mesma data, 20 de maio de 1988, Darcy expediu outro comunicado ao secretário executivo:

Solicito seus bons ofícios no sentido de que se possa cumprir nosso programa imediato de gastos no Brasil, indispensável para a inauguração do Memorial da América Latina.

1) Reserva de um fundo de 10.000.000,00 (dez milhões de cruzados) para aquisição no Brasil de coleções de artefatos representativos da criatividade popular brasileira.

2) Um fundo de 30.000.000,00 (trinta milhões de cruzados) para a aquisição do acervo inicial de livros e revistas representativos da bibliografia brasileira para a biblioteca da América Latina.

3) Um fundo de 10.000.000,00 (dez milhões de cruzados) para aquisição de cópias de filmes de ficção e documentários produzidos no Brasil, bem como aquisição do acervo de gravações, música popular, folclórica e erudita.

Queira aceitar meu caro Secretário Executivo as saudações mais cordiais, Atenciosamente,

*Darcy Ribeiro
Consultor do Memorial da América Latina*

Bem ao seu estilo, Maureen escreveu o pré-projeto do Pavilhão da Criatividade na folha com o timbre O Bode Arte Popular e Produções Artísticas Ltda. Vale a pena

registrar:

São Paulo, 10 de fevereiro de 1988

Preparação de pensamento para etapa inicial.

Implantação de um espaço grande, aberto às múltiplas faces da inventividade, peculiar à Arte Popular deste continente latino da América do Sul e Central.

Local de encontro.

Local de iniciação.

Nem museu, nem shopping, nem mercado popular, o Pavilhão da Criatividade - tão sacro e tão profano quanto a sua geratriz - é móbil, irreverente e vital.

Agilidade pois, e leveza caracterizam nossa procura de essencialidade na colheita de elementos marcantes, escolhidos dentro de um percurso traçado através do funcional (sabedoria e tradição) e do cerimonial (espelho de Deuses), dentro do Brasil e pelos 6 países escolhidos para participação permanente de exposição. Surpresa, admiração e ludicidade cúmplice são solicitados ao público frequentador (...)"

O projeto foi enviado por um intermediário com o seguinte bilhete:

São Paulo, 11.2.88

Salve!

Vai aqui um início de conversa. O projeto de vocês é estimulante, interessante. Se é que podemos ajudar, ótimo! Se não, compreendemos bem as complexidades de tais envergaduras e será para a próxima vez.

Nos ligue - grande abraço - Maureen.

A coisa andou. Maureen fez algumas alterações a pedido do Darcy. Em 11 de maio de 1988 mandou outro bilhete, igualmente manuscrito.

Darcy, salve!

Rápido ligeiro lhe mando estes esboços de ideias de acordo com os novos planos do pavilhão. Olhem de perto assim poderemos falar mais proveitosamente a semana que vem.

Grande abraço,

Quem sabe sai o bicho!?!

Em 20 de maio de 1988, Darcy pede oficialmente que ela seja contratada. E no dia 23

Maureen já está apresentando seu plano de trabalho e orientando como ele pode dar certo em circunstâncias atípicas, especialmente no exterior:

Senhor Secretário Executivo,

Solicito seus bons ofícios no sentido de que:

1. Sejam contratados os serviços de Maureen Bizilliat (sic) para o planejamento e implantação da 1ª Exposição do Pavilhão da Criatividade na forma da proposta por ela submetida; e com base no que ficou fixado no ofício que lhe dirigi sobre a matéria.

Darcy

São Paulo 23.5.1988

À Secretaria de Estado da Cultura.

Memorial da América Latina.

Atenção Sr. Rui Guilherme Granziera

Prezados senhores,

Atendendo à solicitação contida na sua carta de 2 de maio, vimos por meio desta expor os principais pontos de nossa eventual colaboração na colonização e montagem do Pavilhão da Criatividade. Tentaremos, concomitantemente, fornecer orçamentos aproximados das diversas fases desse trabalho que dividiremos em 3 partes:

1 - Colonização do espaço.

Consistirá na conceituação e distribuição cênica das áreas destinadas à exposição do acervo de Arte Popular do Brasil, México, Guatemala, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, como também das áreas de acesso e áreas de projeção. Tudo será realizado sob forma de uma caminhada onde as peças serão vistas com alternância de luz e sombra, provocando uma ludicidade cúmplice no público frequentador.

Consistirá igualmente na elaboração dos elementos de exposição como vitrines, bases, painéis etc. Esses elementos concebidos como módulos, permitirão, na medida das exigências, serem redistribuídos, intercambiados ou alterados na sua quantidade. O desenho desses elementos será submetido à aprovação do arquiteto Oscar Niemeyer e discutido posteriormente com a equipe da Promom responsável pela execução dos mesmos.

(...)

A realização de cópias de grandes esculturas de pedra do México, da Guatemala e do Peru deverão, pensamos, ser avaliadas na ocasião da nossa primeira viagem e, eventualmente, o valor delas ser acrescido (...)

Aquisição de peças:

a) México, Guatemala, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.

Selecionamos peças representativas da Arte Popular desses países, seja através de compras diretas com os artesãos, seja com aquisição de peças já nas mãos de colecionadores

b) Brasil

Será reservado evidentemente o maior espaço para a exposição de Arte Popular Brasileira, tão rica e viva ainda dentro de nosso povo. As obras de mais de quarenta artistas populares, fora objetos anônimos de uso diário, vestimentos típicos de certas manifestações populares como Bumba meu Boi, Cavalhadas, Guerreiros etc estarão expostos no espaço reservado ao Brasil.(...)

Considerando as viagens referentes à compra de peças, tanto no Brasil como no exterior, pensamos que todas as despesas, viagens e estadia deverão ser pagas adiantadas, nos comprometendo a fornecer todos os comprovantes relativos aos gastos realizados.

A forma de pagamento das peças compradas no exterior deverá ser estudada e resolvida de forma a não criar atraso no processo. Inútil mencionar que o tempo disponível até a data de inauguração (outubro de 1988??!!) está bastante exíguo. Dificuldades surgirão, naturalmente; a essas não podem ser acrescentadas outras, de origem puramente burocrática.

O transporte de peças compradas no exterior deveria fugir, pensamos nós, às normas estabelecidas e exigidas pela Cacex. Tratando-se de material de cunho puramente cultural, pensamos que a Secretaria de Cultura ou outra entidade oficial, poderá, através dos canais competentes, achar uma solução que evite a tramitação de documentos perfeitamente dispensáveis nessa ocasião.

Serão necessários para a realização dessas pesquisas e compras um mínimo de 2 viagens nos diferentes países a serem representados no Pavilhão da Criatividade, viagens essas que avaliamos em 4.600 US\$ cada, ou seja, um total de 9.200 US\$.

Maureen

Resumo a seguir carta de um arqueólogo contatado por Darcy para providenciar as réplicas de estelas e estatuetas das culturas mesoamericanas pré-colombianas. Quércia tinha ficado encantado com a estatuária mexicana. E Darcy, que passava temporadas no país a trabalho, queria apresentá-las ao público brasileiro. Mas essa parte acabou sendo cortada do orçamento, como o próprio Darcy Ribeiro admite, aparentemente conformado, em “carta-relatório” à Maria Angélica Popoutchi, reproduzida em parte mais abaixo:

7 de septiembre de 1988

Dr. Darcy,

En atención a la conversación sostenida con usted en días pasados, me permito presentear a su consideración el proyecto de convenio para la realización de las reproducciones de monumentos mesoamericanos para

exibirse en el Memorial de América Latina;

Anexo también listado y fotografías de la selección preliminar:

- 1. Estala de ventilla (altura 125 cm, ancho 55 cm)*
- 2. Chalchiutlicue (altura 380 cm, ancho 150 cm, espesor 150 cm)*

POSTCLAISCO TARDIO:

- 3. Estela de Xochicalco (altura 143 cm, ancho 33 cm, espesor 23 cm)*
- 4. Atlante de Tula (altura 460 cm, ancho 99 cm, espesor 97 cm)*
- 5. Pilastra de Tula (altura 460 cm, ancho 54 cm, espesor 54 cm)*
(E assim por diante, até o número 23)

(No final, o consultor escreve:)

Como le comentamos, es importante que se realice por parte de ustedes la selección final para obtener los presupuestos correspondientes, así como el tiempo de entrega, lo anterior en el entendido que de las piezas que existe molde el costo será menor y el tiempo de entrega se reduce. Espero que la información le sea útil y espero su respuesta, reciba un cordial saludo.

*Atentamente,
Arqueólogo Roberto García Moll
Director del Museo¹⁴⁴*

Darcy havia contatado instituições museológicas do México e do Peru e, por meio delas, arqueólogos que iriam instruí-lo e escolher o que replicar das, como ele chamava, “altas culturas” pré-colombiana da Mesoamérica e do Altiplano Andino, conforme trechos do documento a seguir:

- 5. O mesmo deve fazer-se no Peru, onde aconselho que seja procurado o professor Luiz Lumbrera, diretor do Museu Nacional de Antropologia, que conta com uma equipe qualificada para orientar a realização do mesmo trabalho de colecionamento e documentação e de cópia de peças de artistas representativas do acervo cultural incaico.*
- 6. Avalio que o custo dessas coleções e da respectiva documentação - inclusive da assessoria local necessária para a sua realização - seria da ordem de 50.000 dólares para o México, Guatemala e Colômbia, e de 30.000 dólares para o Altiplano Andino: Peru, Equador e Bolívia.*

¹⁴⁴ Acervo Fundação Darcy Ribeiro, Brasília-DF

4.1.1.4 De Aula Magna a Simón Bolívar: O que mudou no auditório do Memorial?

Darcy Ribeiro concebeu o auditório do Memorial para ser a casa da ciência latino-americana. Nele haveria congressos mensais sobre o estado da arte dos diversos ramos do saber. Conforme Darcy escreveu a Rui Guilherme, sua inauguração deveria ser marcante.

7. Aula Magna, o grande auditório do Memorial só pode ser inaugurado com espetáculos capazes de atrair grande público. Imagino para isso três eventos:

1. Trazer a São Paulo o Balé de Cuba, um dos melhores, senão o melhor da América Latina. Sondamos essa possibilidade com o ministro das relações exteriores daquele país, que se dispôs a proporcionar esse evento, desde que devidamente solicitado, o que cumpre fazer com a maior urgência, através da adida cultural daquele país em Brasília. Também será necessário contar com um especialista brasileiro, capaz de ir a Cuba, para ali, combinar a produção do Balé, para um espaço muito particular por suas dimensões e por sua dupla amplitude, bem como para produzir aqui os cenários e contratar a produção musical respectiva. Sugiro para isso o nome de Tatiana Memória, que foi até pouco tempo diretora da Central Técnica, que era o órgão de produção dos cenários e figurinos do repertório do Teatro Municipal, perfeitamente capacitada para realizar este empreendimento.

2. Outro evento de alta ressonância seria trazer a São Paulo para a inauguração do Memorial uma das melhores orquestras sinfônicas da América Latina: lembro aqui a de Buenos Aires e a do México.

3. Um terceiro evento seria conseguir a vinda do Grupo Folclórico Los Titeriteiros do Peru. Eu vi sua atuação naquele país. Extraordinária.

Chamar o auditório de Aula Magna - que é um acontecimento, com começo e fim e, portanto, na ordem do tempo - indica claramente o propósito para o qual o Memorial, e mais amplamente, o auditório foi construído: para ser um lócus difusor do conhecimento. Ali haveria congressos, seminários, grandes encontros da ciência latino-americana, nos quais se apresentaria o estado da arte dos diversos dos saberes. Ali haveria as premiações, destinadas a repercutir no subcontinente e além dele, como só é em acontecer no prêmio Nobel. Um lugar de conagraçamento e confraternização, integração e intercâmbio da *intelligentsia* brasileira e

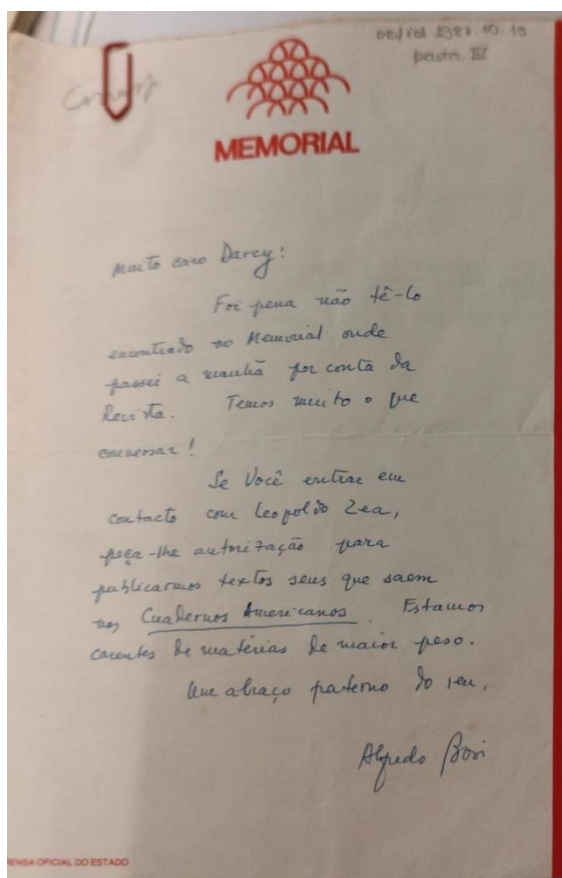
hispano-americana. Não esquecer que era 1988, nem tinha tido a primeira eleição livre para presidente depois de décadas. A última tinha sido em 1960. A União Soviética ainda existia, a ascensão da China era inimaginável e a globalização econômica, com o avanço voraz do neoliberalismo, viria só na década seguinte. Ninguém falava em internacionalização da universidade. Darcy Ribeiro pensava em criar uma pequena agência de fomento à ciência sem as amarras do órgão público tradicional. Quercia lhe disse pense, imagine, crie. E ele pensou, imaginou e criou. Há de se concordar que Darcy se antecipou ao que hoje todo mundo sabe: o país só tem a ganhar com o intercâmbio científico desde a juventude.

Mas Luiz Antonio Fleury Filho seria eleito no final de 1990 e assumiria em 15 de março do ano seguinte. Depois, receberia a cabeça de Simón Bolívar de presente de Carlos Andrés Pérez, presidente da Venezuela. Niemeyer fez por bem depositá-la ali, guardando o auditório. Ato contínuo rebatizam-no. Agora chamaria Auditório Simón Bolívar. Agora a Aula Magna, espaço-tempo ambicioso de Darcy, não existiria mais. O Memorial nunca levou a sério o amplo projeto da Aula Magna.

4.1.1.5 Nossa América/Nuestra América: a revista cultural do Memorial

O número zero da revista Nossa América/Nuestra América teve circulação restrita, em 1988. Era uma edição institucional, com entrevistas dos criadores do Memorial: Orestes Quércia, Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro. Desde então ela teve publicação ininterrupta. Trata-se, possivelmente, de uma das revistas culturais brasileiras de mais longa duração. A lei que criou o Memorial também diz que Nossa América /Nuestra América deve ser publicada regularmente, mas não determina a periodicidade. Houve um tempo em que ela era bimestral, como sugere o seu projeto inicial. A maior parte do período, no entanto, não foi assim. O que é certo é que, em seus 33 anos de vida, a revista Nossa América saiu pelo menos uma edição por ano.

Imagem 13 – Bilhete de Bosi a Darcy



Fonte: Acervo Fundar, 2022

Alfredo Bosi coordenou alguns edições da revista Nossa América/ Nuestra América. Neste bilhete sem data, o professor de literatura da USP articula com Darcy Ribeiro formas de publicar textos do filósofo Leopoldo Zea

Projeto (continuação):

VII. O Memorial publicará a revista Nossa América – Nuestra America – para divulgar suas próprias atividades e dar voz aos anseios de expressão da criatividade cultural e da identidade nacional dos povos latino-americanos.

Características gráficas

Formato: 26 x 26 cm

Papel: Couché Suzano Opaco

Impressão: Off-set

Cor: Capa, 4ª capa e 20% do miolo

Lombada: Quadrada

Número de páginas: De 128 (mínimo) a 144 (máximo)

Periodicidade: Bimestral

Tiragem:

Edição em português: 10.000 exemplares

Edição em castelhano: 5.000 exemplares

(Estes números poderão variar de acordo com os “mailing list” da direção do Memorial,

Governo do Estado etc)

Circulação: dirigida, podendo ter uma pequena porcentagem da tiragem colocada à

Venda em livrarias e bancas especializadas, nas principais capitais brasileiras e

Hispano-americanas.

Perfil Editorial

A revista Nossa América/ Nuestra América deverá traduzir e sintetizar, no plano cultural, político e informativo, o objetivo central do Memorial da América Latina: a integração do Brasil à América Hispânica. Sem luxo gráfico, ela deverá, no entanto, ser um produto de qualidade editorial e estética à altura do Memorial. Dirigida a um universo onde são falados dois idiomas, o ideal é que tenha duas tiragens graficamente idênticas: uma em português e outra em castelhano. Experiências anteriores (“Cuadernos del Tercer Mundo”, “Sur/South”, “Granma Internacional”) levaram ao fracasso as tentativas de se publicar uma única edição bilíngue dirigida simultaneamente aos leitores dos dois idiomas.

A revista deverá ser distribuída gratuitamente a um “mailing list” composto por intelectuais, cineastas, artistas plásticos, literatos, professores universitários, jornalistas e políticos de todo o Continente de alguma maneira ligados à problemática e à realidade latino-americana. Da listagem já disponível no Memorial constam também como destinatários instituições acadêmicas latino-americanas, europeias e norte-americanas dedicadas ao estudo de problemas políticos, econômicos e culturais da América Latina.

O horizonte prioritário de Nossa América/Nuestra América deverá ser a vida e a cultura latino-americanas – Cinema, Teatro, Literatura, Artes Plásticas, História, Sociologia, Economia, Antropologia, Político, Psicologia Social. A peça de resistência da revista estará nos ensaios, artigos, entrevistas e reportagens, mas será indispensável que se dedique uma ou mais seções a informações atuais sobre a produção cultural do Continente [...]

Darcy recomenda a contratação de um dos maiores literatos brasileiro para comandar a edição da revista, o professor Alfredo Bosi, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da USP, conforme escreveu ao secretário executivo do Memorial, professor Rui Guilherme (o fragmento abaixo, em itálico, é a continuação do documento citado anteriormente):

2. O professor Alfredo Bosi como coordenador editorial da revista Nossa América/ Nuestra América

7. Especial destaque nesse campo de preocupações merece a revista Nossa América - Nuestra América. Precisamos lançá-la e distribuí-la com toda a urgência no país e no estrangeiro. Ela é o instrumento indispensável e insubstituível com que podemos contar para fazer saber que em São Paulo se está edificando o principal centro cultural da América Latina.

Cumprir, em primeiro lugar, conforme assinala, conseguir de Alfredo Bosi que coordene a condução intelectual da revista, na qualidade de seu editor. Cabe, ainda, no plano artístico, a contratação de Ana Luísa Escorel, para o planejamento gráfico e a produção do primeiro número. No plano editorial, obter de Dirceu Brizola, um orçamento dos custos da revista e um organograma de sua produção. Seria desejável, também, acertar com ele a forma de obtermos a colaboração de Eric Nepomuceno ou outro jornalista com largo círculo de contatos nos meios da imprensa e artísticos da América Latina.

O número 1 da revista Nossa América/Nuestra América saiu em março de 1989 ainda sem Alfredo Bosi. O chefe de redação era o jornalista Mauro Martins Bastos. E os editores, Alceu Nader e Eric Nepomuceno. Além de Moacir Werneck, colaboraram na edição Newton Carlos (“Democracia e pobreza na América Latina”), Mario Benedetti (três contos inéditos), Moacyr Scliar (conto “A Orelha de Van Gogh”), Oscar Arias (“A parábola da paz”, presidente da Costa Rica e Prêmio Nobel da Paz de 1987), Alan Riding (correspondente do The New York Times no México e no Brasil; escreveu “Condenados à eterna vizinhança”, sobre a relação entre EUA e México), Horacio Verbitsky (jornalista argentino; publicou “O pesadelo circular”, sobre os ciclos militares em seu país), José Meirelles Passos (correspondente nos EUA de O Globo; escreveu “Asunción vista de Washington), Shiguenoli Miyamoto (especialista em geopolítica da Amazônia; publicou “Preservação com soberania”), ensaio fotográfico de Juca Martins (sobre “Inti Raymi”, a Festa do Sol Inca), entre outras matérias. Logo após os artigos citados anteriormente, sobre Gabriel García Marquez e Simón Bolívar, a revista trouxe na página 12 um curto editorial, que vale a pena reproduzir aqui

porque fornece não só a linha da revista como reforça a linha que deveria orientar o Memorial da América Latina:

O sonho de Simón Bolívar, de uma América integrada e coesa, raras vezes conseguiu sair das páginas dos livros de História. Muita tinta se gastou tentando explicar as razões do fracasso do ideal americano. Quanto ao Brasil, sempre de costas para seus irmãos latino-americanos, buscou-se na falácia das diferenças de língua e de formação histórica a justificativa para o alheamento dos problemas continentais. No entanto, talvez nunca como hoje tenha se tornado tão imperativa uma sólida integração entre os países em desenvolvimento deste lado do Terceiro Mundo. Esta revista e a criação do Memorial da América Latina são uma tentativa de resgate dos ideais de Bolívar. Ainda é tempo. Sempre é tempo de se construir algo sólido e duradouro que caminhe em direção à liberdade e autonomia dos povos. Não vamos repartir nossas misérias, mas juntar nossas esperanças e trabalhar para que o subdesenvolvimento e a dependência sejam definitivamente arquivados na História.¹⁴⁵

O editor Alceu Nader assina a matéria “O símbolo da integração” sobre o próprio Memorial da América Latina. Ele celebra o surgimento de uma instituição como o Memorial na cidade de São Paulo, o que parecia surpreendente:

Finalmente está concluído - e pronto para atender os objetivos que motivaram a sua criação. Integração. Amizade entre nossos povos. Novos caminhos para o entendimento e o progresso. Unidade. O Memorial da América Latina, primeira obra brasileira construída exclusivamente para propiciar a aproximação de mais de meio bilhão de pessoas, nasce na cidade de São Paulo para tornar-se um grande fórum para discussão dos problemas do Continente. Ao mesmo tempo oferece uma área de 78 mil metros quadrados para abrigar toda e qualquer manifestação cultural latino-americana.¹⁴⁶

A primeira edição da Nossa América/Nuestra América também traz um artigo da professora Irlemar Chiampi sobre “a criação do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (ou Brasil, América Hispânica e Caribe), na Universidade de São Paulo”, que, segundo a autora, “inscreve-se dentro do vasto movimento de união das nações latino-americanas, iniciado nos últimos anos” (Nossa América/Nuestra América nº 1, p 62). De fato, o número inaugural da revista do Memorial não podia deixar de saudar o surgimento do Prolam (ver nota 28). É a “solidariedade defensiva da América Latina, para preservar tanto a sua segurança política, quanto a sua sobrevivência econômica”. Este conceito, “solidariedade defensiva” vinha bem a calhar. Professora de literatura latino-americana (hoje aposentada),

¹⁴⁵ Revista Nossa América/Nuestra América nº1, 1989, p 12

¹⁴⁶ Idem p 34

Chiampi talvez seja a intelectual que apresenta as razões mais profundas para a existência do Memorial da América Latina. Vejamos:

A ideia da América Latina integrada não é um conceito descritivo - posto que nunca foi uma realidade histórica e tampouco expressa simplesmente um projeto político imediato, desta ou daquela corrente ideológica. Não obstante se inscreva a necessidade de integração no movimento atual de união das nações latino-americanas, as suas motivações provêm de uma categoria mais profunda, anterior às urgências e pressões do momento. Trata-se de anelo coletivo, que tem persistido através das mudanças históricas e apesar das diferenciações linguísticas, geográficas ou éticas, e dos graus de modernização que têm gerado configurações sócio-culturais diversas entre os países da região: o de **recuperar a memória de origem dos seus povos para construir a consciência de um destino comum**¹⁴⁷. Esse poderoso lastro do nosso imaginário social, tantas vezes expresso na poesia e nas fábulas populares, na ficção ou no ensaio filosófico, constitui, legitimamente, um impulso para (re)descobrir a unidade dentro da diversidade. E, certamente, para aspirar à construção de uma comunidade mais ampla e duradoura de nações por essa porção de humanidade, tão oprimida ontem como hoje, mas muito maior agora do que aquele “pequeno gênero humano”, que contemplava Bolívar ao sonhar com uma “Magna Pátria” no continente.¹⁴⁸

Um Memorial da América Latina para “recuperar a memória de origem dos seus povos para construir a consciência de um destino comum” é uma forma de acessar o passado que não passou, o tempo qualitativo (em oposição ao quantitativo do calendário) - a duração - que Bergson dizia ser possível por meio de um salto súbito da intuição. E a revista Nossa América/Nuestra América foi criada para ser um veículo desse objetivo. O primeiro número é uma peça literária digna de qualquer biblioteca. Além dos artigos já enumerados, havia textos sobre cinema (“Saudades de Glauber”, de Jaime Sarusky), teatro (“Lições do Galpón, grupo latino sem fronteiras”, de Aderbal Júnior), música (“Villa-Lobos”, de Alejo Carpentier), artes plásticas (“O mundo dos descarnados”, desenhos de José Guadalupe Posada e texto de Diego Rivera), literatura (“Um Cortázar inédito e crítico de si mesmo”, de Júlio Contreras), autobiografia (“Malagueta em Berlim, oito meses sem sol”, depoimento de João Antonio), cultura (“Razões de um atraso secular”, de Jorge Enrique Adoum), arqueologia (“Inscrições maias: um mistério revelado”, autoria não indicada) e até uma crônica saborosa de Eça de Queiroz, “Morte ao Imperador”, sobre o fuzilamento de Maximiliano, em 1867, no México.

Publicado no bimestre maio/junho de 1989, a revista Nossa América/Nuestra América apresentava em seu expediente um Conselho Editorial de notáveis. Ele foi articulado por Alfredo Bosi, que finalmente assumiu a revista (ver Anexo H). Certamente, o prestígio de

¹⁴⁷ Grifo meu.

¹⁴⁸ CHIAMPI, Irlemar. **A emergência da integração**. Nossa América/Nuestra América nº1, março e abril de 1989, p 62 e 63

Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer, Fernando de Moraes e Eric Nepomuceno, entre outros, ajudaram nos contatos com importantes nomes da cultura latino-americana. Além de referendar as pautas, os membros do Conselho Editorial podiam sugerir temas e autores. E vários compareceram na revista com seus próprios textos. Faziam parte do Conselho Editorial Antonio Callado, Augusto Roa Bastos, Ana Pizzaro, Augusto Massi, Casimiro Xavier de Mendonça, Darcy Ribeiro, Davi Arrigucci Jr, Ernesto Cadernal, Ernesto Sábato, Eduardo Galeano, Fernando de Moraes, Guillermo O'Donnell, José Miguel Wisnik, Luis Gonzaga Belluzzo, Fr. Leonardo Boff O.F.M., Leopoldo Zea, Milton Santos, Newton Carlos, Oscar Niemeyer, Roberto Fernández Retamar, Roberto Schwarz e Ulpiano Bezerra de Menezes.

O professor Alfredo Bosi continuou como presidente do Conselho Editorial da revista *Nossa América/Nuestra América* por alguns anos. Até 1994 ele atuou efetivamente na edição da revista. Depois disso, houve uma grande mudança no projeto editorial. Fábio Magalhães assumiu a presidência do Memorial em 1995 e trocou o editor. Saiu Eric Nepomuceno e entrou Leonor Amarante. *Nossa América/Nuestra América* diminuiu de tamanho e de número de páginas. A publicação também alterou a linha editorial. A preocupação em apresentar ao leitor brasileiro aspectos da cultura e história latino-americana diminuiu. A cultura pré-colombiana, a tradição e o folclore deixaram de ser o foco. A revista se tornou moderna. Menos literatura e história e mais artes visuais, comportamento e atitude. Continuou sendo uma revista interessante, mas perdeu especificidade. Passou a ser só mais uma publicação, entre outras, falando de arte contemporânea.

Leonor Amarante continuou editando a revista *Nossa América/Nuestra América* até 2015. Ela permaneceu no cargo nas gestões de Fábio Magalhães, José Henrique Reis Lobo, Fernando Leça, Antonio Carlos Pannunzio e João Batista de Andrade. Com este último, criou ainda a revista *Nossa América Hoy*, de curta duração (ver nota 22). Desde o início eram editadas, na verdade, duas versões. A edição em português era traduzida na íntegra para o espanhol. A versão em castelhano era enviada para pelo menos 200 endereços da América Latina, que incluía centros culturais, universidades, representações diplomáticas, intelectuais e artistas. Era um cartão de visitas do Memorial da América Latina. A ideia era que abrisse portas para futuras ações. Em todo o período de Leonor Amarante o Conselho Curador continuou com aqueles nomes importantes. Só saía quem pedia para sair, como deve ter sido o caso de Alfredo Bosi em 1995. Mas eles já não tinham qualquer participação na revista, até pela idade avançada. O Conselho Curador era só simbólico.

Quando Marília Franco assumiu o CBEAL, na gestão de João Batista de Andrade, resolveu fazer mudanças em 2016. Para economizar, seria editada apenas a versão em

português, com algumas matérias traduzidas para o espanhol (ver nota 17). Ou seja, a revista seria parcialmente bilíngue. E me nomeou editor, cargo que ocupei em apenas uma edição. A primeira coisa que propus foi retomar o projeto original, mas não foi aceito devido ao custo. Marília Franco logo caiu e a direção do CBEAL foi ocupada interinamente pelo gerente de relações com o mercado Pedro Arsenian. O próprio João Batista de Andrade foi catapultado para Brasília na esteira do golpe de Michel Temer. Tentou ser ministro ou secretário da cultura e não conseguiu. A presidência do Memorial ficou ocupada, por um ano, por outro interino: o chefe de gabinete Irineu Ferraz. Aproveitando a desculpa da recessão econômica, Irineu tomou medidas para aumentar a receita própria por meio da locação do espaço. Uma delas foi eliminar o setor de produção do CBEAL. Naquele ano - 2017 - o Centro Brasileiro de Estudos da América Latina não organizou absolutamente nada. E publicou a revista Nossa América/ Nuestra América, editada por Alex Colantonio, que mais pareceu um catálogo publicitário.

Em 2018, o Memorial da América Latina foi dirigido por Priscila Franco., que tentou recuperar o CBEAL se aproximando do Prolam. A revista Nossa América/Nuestra América só seria recuperada em 2019, já na gestão de Jorge Damião. Seu editor, Alexandre Barbosa, passou a convidar pesquisadores de pós-graduação e professores universitários para escreverem sobre temas pós-coloniais. A revista apresentou dossiês sobre o aniversário de 30 anos do Memorial, sobre a produção cultural em tempos de quarentena sanitária (Covid 19), sobre os centenários da Semana de Arte Moderna de 1922, do nascimento de Darcy Ribeiro, de alguns escritores latino-americanos, e sobre o bi centenário da Independência do Brasil. Como no princípio, Nossa América/ Nuestra América não se eximiu de lançar um olhar crítico à realidade latino-americana. Os autores usaram conceitos decoloniais, na trilha aberta por, entre outros, Anibal Quijano, nosso primeiro catedrático.

Uma demonstração de que a revista voltou a ter consistência foi a segunda fase do vestibular da Fuvest de 2023. A prova aplicada em 9 de janeiro trazia uma questão de História que citava a última edição da Nossa América/Nuestra América. Depois de reproduzir três parágrafos do texto de Maria Lígia Coelho Prado, “A pintura e a construção das identidades nacionais na América Latina”, e as imagens que ilustravam a matéria, nas páginas 22 e 23 da edição nº 59 de 2022, o examinador pedia o aprofundamento da reflexão proporcionada pelo artigo que só uma revista como a do Memorial teria interesse em publicar. Vale a pena conferir na íntegra a questão H01 da segunda fase da Fuvest 2023:

“O quadro *Independência ou Morte* retrata o momento em que D. Pedro levanta a espada e proclama a independência do Brasil. Saliente, nessa obra, a pompa em sua composição que sobressai em todos os detalhes. Além disso, note-se que a luz esplendorosa que ilumina os personagens vem do alto, do céu.

A tela do maçon Blanes representa o juramento de 33 homens que, em 25 de agosto de 1825, deram início à reconquista militar da Província Oriental [que] culminou com a independência nacional do Uruguai. Enfatizo nesta pintura que os homens pisam num terreno plano e usam roupas comuns. Uma forte luz, que brota da terra, os ilumina, mostrando sua força e determinação interiores.

Assim, Pedro Américo revestiu seu tema com grandeza, ressaltando as aparências exteriores. De outra parte, o uruguaio salienta as virtudes que vinham de dentro dos heróis, fazendo dos trajes apenas acessórios menores que não ofuscam a magnitude da cena histórica. Na minha visão, as escolhas pictóricas de Pedro Américo estão relacionadas ao imaginário simbólico da monarquia e as de Blanes foram inspiradas pelo ideário republicano. São as afinidades políticas que nos fazem entender as concepções diferentes dos dois pintores sobre o mesmo tema da independência”.

PRADO, Maria Lígia C. “A pintura e a construção das identidades nacionais na América Latina”. *Nossa América, Revista do Memorial da América Latina*, nº 59, 2022, p. 22 e 23. Adaptado.

Com base no texto e na leitura das imagens, responda:

- a) Como, no tema da tela pinta por Blanes, se articulam as histórias do Brasil e do Uruguai?
- b) Que elementos corroboram a ideia de pompa na pintura de Pedro Américo e de despojamento na de Blanes? Indique um elemento de cada imagem.
- c) Como, na visão da autora, as pinturas se relacionam com os regimes políticos adotados, após as independências, no Brasil e no Uruguai?¹⁴⁹

¹⁴⁹ Veja todas as perguntas das provas da Fuvest 2023 neste link

https://cdn.blog.estrategiavestibulares.com.br/vestibulares/wp-content/uploads/2023/01/fuvest_2023_segunda_fase_dia_2.pdf As pinturas referidas na questão e o texto integral de Maria Lígia Coelho Prado podem ser conferidos na edição online da revista *Nossa América* nº 59, nas páginas 22 a 27. Baixe a versão integral da revista em <https://memorial.org.br/nossa-america-59/>

4.1.1.6 A difícil relação de Darcy Ribeiro com os intelectuais paulistas

A parte mais ambiciosa do amplo projeto de Darcy Ribeiro era, sem dúvida, a relacionada à pensar a América Latina, missão do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL). Darcy imaginou uma série de instrumentos e mecanismos que, uma vez efetivados, tornariam o Memorial um imponente polo de fomento dos estudos sobre a América Latina. Ele os apresentou da seguinte maneira:

Projeto (continuação):

VI – O Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos, que administrará todo o conjunto do Memorial – e terá como funções:

a) A outorga dos Prêmios Estado de São Paulo, no valor de US\$ 100.000, por obra da vida inteira que, no ano da inauguração serão concedidas, simultaneamente, e daí em diante, um a cada ano:

Prêmio Estado de São Paulo para Artes
Prêmio Estado de São Paulo para Letras
Prêmio Estado de São Paulo para Ciência e Tecnologia
Prêmio Estado de São Paulo para Humanidades.

b) A concessão anual das Cátedras São Paulo, com duração de doze meses e remuneração condigna para estudiosos que se proponham escrever um livro sobre tema ou problema relevante na área respectiva, a saber:

1. Cátedra de Estudos Paulistas
2. Cátedra de Estudos Brasileiros
3. Cátedra de Estudos Latino-Americanos.

c) A concessão de bolsas de viagens a estudiosos e artistas brasileiros e hispano-americanos com o objetivo de alargar nossos horizontes culturais e aprofundar nossos vínculos recíprocos:

1. Bolsas de Viagem ao Brasil
2. Bolsas de Viagem à América Latina e
3. Bolsas de Viagem ao Exterior.

d) A realização de Seminários Mensais Temáticos sobre temas e problemas relevantes para a América Latina, bem como Encontros de Balanço Crítico sobre as várias ordens de atividades culturais, científicas e educacionais, econômicas e sociais que se realizam nessa área.

Para efetivar planos tão ambiciosos como os descritos acima, era imprescindível o apoio da comunidade científica de São Paulo. Devido ao prazo curto estabelecido pelo governador e, talvez, ao estilo rompante de Darcy Ribeiro, que por vezes parecia atropelar quem não acompanhava seu ritmo, não houve sintonia entre os planos e métodos do antropólogo e os

intelectuais paulistas. Em documento endereçado ao secretário executivo do Memorial, Dr. Rui Guilherme, Darcy Ribeiro aponta suas necessidades:

1. *Precisamos do professor Antonio Candido com o encargo de definir as premiações do Memorial, escolher e propor as Comissões Julgadoras.*
2. *Do professor Carlos Guilherme Mota para detalhar o sistema de concessão das Cátedras, destinadas a intelectuais maduros da América Latina e de notória capacidade, assegurando-lhes condições essenciais para escrever livros de qualidade relevante, seja no nível do conhecimento de São Paulo, do Brasil ou da América Latina*
3. *Do professor Octavio Ianni para programar e propor os dois primeiros Congressos, bem como os Seminários Temáticos Mensais, que deverão dar vida ao Memorial e comunicá-lo com as áreas cultas de São Paulo.[...]*
7. *A professora Aracy Amaral [deve ser contratada] para nos assessorar no campo de comunicação que deverá criar um Banco de Dados de América Latina. E a professora Maria Angélica d'Incao para nos propor o programa de Bolsas de Viagem de hispano-americanos ao Brasil, de brasileiros à América-hispânica, de brasileiros ao Brasil, bem como de latino-americanos a outras áreas do mundo.*

Projeto (continuação):

Centro Brasileiro de Estudos da América Latina – Centro

1 – O Centro Brasileiro de Estudos da América Latina - Centro [hoje chamado de CBEAL] é o núcleo cultural do Memorial e seu instrumento de comunicação e intercâmbio com os órgãos congêneres do Brasil, do continente e do mundo.

2 – O Centro não contará com corpo acadêmico próprio, nem realizará estudos e pesquisas com equipes permanentemente suas, para não correr o risco de fechar-se sobre si mesmo, como uma instituição a mais entre tantas.

3 – O papel do Centro é acolher, apreciar, debater, documentar e difundir as melhores expressões da criatividade latino-americana no campo da Ciência, das Letras, das Artes e das Humanidades. E, também, o de fazer-se foco de uma consciência crítica latino-americana, cada vez mais lúcida e motivada para aprofundar o conhecimento de nossa realidade e para as lutas de superação dos desafios com que se defrontam nossos povos, no esforço por realizar suas potencialidades.

4 - Para alcançar esses objetivos, o Centro acionará todos os componentes do Memorial, visando, num esforço conjugado, promover uma ampla mobilização dos pensadores, dos escritores, dos artistas, dos cientistas, dos estudantes e de todas as pessoas de saber e de influência, a fim de dar expressão e identidade latino-americana e incentivar a criatividade cultural.

5 - O Centro funcionará em estreita vinculação com a Biblioteca da América Latina, com o propósito de fazê-la atuar como um núcleo vivo de documentação que, a partir do livro, do filme, do disco e dos novos recursos da informática, ponha à disposição do grande público e, particularmente, dos estudiosos, a informação melhor e mais atualizada sobre o que se produz culturalmente na América Latina e sobre o que se produz em todo o mundo sobre a América Latina.

6 - São atividades culturais específicas do Centro, a valorização pública dos principais criadores de cultura da América Latina, pela premiação das obras que mais se destacam; o patrocínio da elaboração de obras novas, através de bolsas de trabalho e seus criadores; o intercâmbio de jovens intelectuais latino-americanos através de bolsas de viagem; bem como a realização de Seminários Latino-Americanos e Congressos Internacionais.

Prêmio Estado de São Paulo

7 – Com o objetivo de vincular o Estado de São Paulo com as mais as mais altas expressões culturais da América Latina, o Centro outorga anualmente, o Prêmio Estado de São Paulo, destinado a assinalar a mais destacada obra da vida inteira de um homem de cultura, latino-americano ou radicado na América Latina, nos campos das Ciências, das Letras, das Artes e das Humanidades. A designação "Ciências" compreende: Matemática, Física, Química, Biologia e Economia.

a) A designação "Literatura" compreende as criações, nos domínios da Narrativa, da Poesia e do Teatro.

b) A designação "Artes" compreende a Música e as Artes Visuais.

8 – Não há inscrição de candidatos, nem indicação externa para os Prêmios Estado de São Paulo. As premiações se dão por indicação e escolha de Comissões de Premiações, uma para cada Prêmio, integrada por três especialistas nomeados pelo governador do Estado, ouvido o Conselho de Cultura do Memorial.

9 – As Comissões de Premiações, nomeadas em Maio, se reunirão quantas vezes decidam, para indicar, até o mês de outubro, o vencedor, único a ter seu nome divulgado. Os prêmios serão entregues pessoalmente, ao vencedor, num ato solene, a 25 de janeiro, dia de São Paulo.

10 – Comemorando a inauguração do Memorial, no ano de 1989, serão concedidos os quatro prêmios. Daí em diante, será um Prêmio, anualmente. Os prêmios de 1989 não serão concedidos a brasileiros.

11 – O Centro proporcionará às Comissões de Premiação, os serviços secretariais e toda a assistência que seja solicitada.

Cátedra Memorial da América Latina

12 – O Centro outorga, anualmente, três Cátedras do Memorial destinadas a proporcionar meios para que intelectuais maduros possam

completar obras relevantes para São Paulo, para o Brasil ou para a América Latina.

13 - A Cátedra do Memorial é uma bolsa de trabalho, mensal, no valor de dois salários de professor titular de dedicação exclusiva das universidades estaduais paulistas, pelo prazo improrrogável de 12 meses.

14 - Cada Cátedra será outorgada, pela respectiva Comissão, ao candidato de qualquer nacionalidade e de qualquer condição, que apresente melhor plano de trabalho e que mais se recomende, pela qualidade previsível de obra que se propõe escrever.

15 - A Cátedra poderá ser usufruída em qualquer local, para dar oportunidade ao candidato de fixar-se onde melhor possa realizar sua obra.

16 - As Cátedras do Memorial serão concedidas por três Comissões de Seleção - a de São Paulo, a do Brasil e o da América Latina - de três membros cada uma, formadas por professores paulistas, nomeados anualmente pelo Governador do Estado, ouvido o Conselho Curador do Memorial e de sua decisão não caberá recurso.

17 - As comissões de Seleção serão nomeadas em abril e anunciarão os vencedores em setembro de cada ano: abrindo-se em janeiro prazo de validade da bolsa, que será de 18 meses.

18 - O Centro proporcionará às Comissões os serviços secretariais e as facilidades que requisitem para o exercício de suas funções.

Bolsas de Viagem

19 - O Centro outorga, anualmente, as seguintes Bolsas de Viagem do Memorial, destinadas a facilitar o intercâmbio e a convivência entre jovens intelectuais brasileiros e latino-americanos:

Dez Bolsas de Viagem ao Brasil, para brasileiros, com ajuda de custo de 500 OTNs para viagem (R \$11.445,00, em valores atualizados) e mensalidade de 120 OTNs (R \$2.746,80, hoje), durante 6 meses.

Dez Bolsas de Viagem para Brasileiros à América Hispânica e outras dez para Hispano-americanos ao Brasil, ambas com ajuda de viagem de 1.000 OTNs (R \$ 22.890,00, hoje) e mensalidade de 250 OTN (R \$5.725,00)¹⁵⁰s.

O Centro concederá, também, Bolsas de Viagem a outros continentes, mediante patrocínio empresarial, com valores estabelecidos em cada caso, para brasileiros e hispano-americanos.

20 - O Centro manterá uma Secretaria de Bolsas de Viagem, com o encargo de proceder a seleção e administrar o usufruto das mesmas.

Seminários e Congressos

¹⁵⁰ OTN - Obrigação do Tesouro Nacional. Uma OTN em 31 de dezembro de 2022 valia 22,89.

21 – A atividade principal do Centro é a promoção de Seminários Mensais Temáticos de Balanço Crítico sobre os estudos, temas e problemas de maior alcance explicativo e de maior interesse para o desenvolvimento autônomo da América Latina.

22 – Cada Seminário Temático versará sobre um tema específico, que será objeto de um estudo crítico, elaborado por um especialista de notória competência, na forma de um balanço crítico do estado presente dos conhecimentos naquele campo.

23 – O redator do estudo crítico presidirá o Seminário, do qual participarão cinco outros especialistas convidados pelo Centro, sendo três hispano-americanos e dois brasileiros, como membros ativos, e quantos ouvintes solicitarem assistir e forem autorizados a fazê-lo.

24 – O autor do documento crítico fará jus a uma ajuda de custo equivalente a dois salários de professor titular de dedicação exclusiva das universidades estaduais paulistas e os demais participantes convidados farão jus à metade.

25 – Os participantes dos Seminários serão convidados a dar conferências públicas sobre suas respectivas obras para o público acadêmico de São Paulo.

26 – O Centro assegura aos participantes do Seminário as facilidades secretariais e a assistência necessária para a organização do seu trabalho.

27 – O Centro organizará também Congressos Internacionais sobre temas de alcance continental, que encarnem os interesses dos povos latino-americanos, com o propósito de dar aos brasileiros e aos paulistas um papel ativo na promoção da solidariedade continental, e emprestar nitidez a nossa imagem e fortalecer nossa presença frente aos outros blocos continentais de povos.

29 – O Centro, fiel aos ideais bolivarianos, tem como meta fundamental contribuir para criar a Nação Latino-Americana, assentada no mercado comum e regida pelo Parlamento Latino-Americano.

Darcy Ribeiro usou a terminologia da época e procurou ser objetivo e preciso. Ele escrevia para a burocracia estatal paulista, por isso precisava ser simples, direto e, talvez, demasiadamente esquemático. Ele havia feito algo parecido no processo de criação da Universidade de Brasília. O seu segredo era escolher as pessoas certas para as posições certas, como vimos nas indicações acima. Com elas, ele se entenderia diretamente, pois falavam o mesmo idioma, para além das definições restritas das funções e atividades do projeto. Assim se deu com o Memorial também. O formato da atividade em torno do pensamento latino-americano, que seria desenvolvida pelo novo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, conforme proposto por Darcy Ribeiro, surgiu a partir de discussões com eminentes

intelectuais paulistas, como Antonio Candido, Octavio Ianni, Alfredo Bosi e Aracy Amaral, entre outros e outras. Não sem atribulações, como veremos mais à frente.

A informação se espalha pela América Latina. O antropólogo que havia estudado os indígenas, fora ministro da Educação, criara universidades e, como vice-governador do Rio de Janeiro, se engajara em projetos populares - o grande Darcy Ribeiro - aprontava mais uma: um grande centro cultural, dinamizador de tudo o que os intelectuais do continente mais sonhavam. Até Porto Rico, legalmente um Estado gringo, queria participar: Em carta de quatro de abril de 1988, ainda meio às cegas, o Dr. Manuel Maldonado, catedrático de Ciencias Sociales de la Universidad de Puerto Rico y presidente del Comité del Sesquicentenario de Eugenio María de Hostos, saúda o que ele chama de “Monumenta Latinoamericana”. Ele deve ter ouvido que alguma coisa grande aconteceria em outubro (de fato, a primeira previsão era que o Memorial fosse inaugurado nesse mês de 1988), em São Paulo, e resolveu sondar com Darcy, que o conhecia do exílio:

El propósito de la presente es, primordialmente, recabar de ti que, como organizador de la magna actividad llamada “Monumenta Latinoamericana” que tendrá lugar en São Paulo en octubre del presente año no te olvides de que Puerto Rico, como nación latinoamericana, deve estar debidamente representado en este evento de proyección que, mas que latinoamericano, es universal. Estoy seguro de que concuerdas conmigo en esta postura (...) ¹⁵¹

Nessa época, Darcy Ribeiro estava muito ocupado em tomar providências para o Memorial dar certo. Até o ano anterior ele tinha sido o vice-governador do Estado do Rio de Janeiro e fora o candidato à sucessão de Leonel Brizola. Não ganhou a eleição, mas teve o apoio da intelectualidade brasileira. Agora, no segundo semestre de 1988, tinha muita energia acumulada e a direcionava para o fazimento que mais gostava: inventar instituições. Sua impressão era que a parte do projeto que dependia diretamente dele não enfrentaria problemas. Uma demonstração disso é a carta-relatório feliz que escreveu para Maria Angélica Travolo Popoutchi, economista que dirigia a secretaria executiva responsável pela construção do Memorial e futura presidenta da Fundação. Ele tinha voltado de uma viagem ao exterior e estava ansioso para compartilhar as boas notícias sobre o acervo em formação da biblioteca e do Pavilhão da Criatividade:

Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1988,

Maria Angélica Travolo Popoutchi, coordenadora geral da Comissão de Implantação do MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA,

¹⁵¹ Acervo Fundação Darcy Ribeiro, Beijódromo, Brasília-DF

É com prazer que venho comunicar-lhe que alcançamos pleno êxito na missão ao México. Com efeito, nossa equipe atingiu todos os objetivos que buscávamos ali, no sentido de constituir, da melhor forma possível, o acervo básico do MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA.

Para tanto, contamos com o apoio decisivo do Embaixador do Brasil naquele país, senhor José Guilherme Merchior, bem como do vice-chanceler do México, senhor Victor Flores Olea. Também decisivo foi a cooperação dos especialistas mexicanos, cuja experiência precisamos mobilizar.

Assim é que pudemos instituir Comissionatos, encabeçados por mexicanos da mais alta hierarquia e competência, que assumiram o encargo de conduzir a constituição dos diversos acervos do Memorial.

1. Esses Comissionatos autorizaram a empresa Schenker, contratada pela COMEX, o pagamento das [...]

Uma vez concluídos os nossos trabalhos na América Central, cumpre, agora, realizar o mesmo no Altiplano Andino. Para tanto, já tomamos as necessárias providências, a fim de contar ali com especialistas da mesma hierarquia e qualificação, para a aquisição das coleções de artefatos a um custo estimado de US\$ 20.000,00 (vinte mil dólares), bem como de livros, filmes e discos, a um custo de US\$ 10.000,00 (dez mil dólares). Também, nesse caso, não há orçamento previsto para contratar a modelagem de esculturas arqueológicas e de monumentos, cujo custo estimamos em US\$ 20.000,00 (vinte mil dólares).

Despedindo-me - com o prazer de aparecer ante seus olhos com o sentimento de dever cumprido - peço que faça saber ao Governador Orestes Quércia que, afinal, a meu ver, tudo se encaminha para que seu MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA seja inaugurado com todos os componentes em pleno funcionamento¹⁵².

Identificar parceiros no exterior, selecionar e trazer para o Brasil um acervo de livros e de arte popular de relevância e mobilizar intelectuais hispano-americanos dispostos a contribuir com seu projeto brasileiro - isso até que era fácil para alguém com a personalidade, estilo, talento, currículo e rede de relacionamentos que Darcy Ribeiro cultivava como antropólogo, professor universitário, reitor e ex-ministro do Brasil. Àquela altura, as obras do conjunto arquitetônico também estavam a contento. Porém, o mesmo entusiasmo não se via com a formação do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina. Na verdade, em meados de 1988, Darcy foi tomado pela apreensão. O problema era com o “assessoramento cultural”, ou seja, a sua relação com os intelectuais paulistas. Darcy os considerava fundamentais, mas eles estavam “reticentes”. É o que mostra a carta a seguir, endereçada ao professor Rui

¹⁵² Como os demais, este documento se encontra na Fundar-DF na seção sobre o Memorial da América Latina

Guilherme Granziera, secretário executivo do Memorial da América Latina em construção, homem de confiança de Orestes Quércia recrutado na Unicamp:

Rio de Janeiro, 17 de maio de 1988.

Meu caro Rui Guilherme¹⁵³,

Preocupa-me gravemente nossa responsabilidade nessa matéria, frente ao governador Orestes Quércias. Efetivamente, no que diz respeito ao planejamento arquitetônico, à edificação e à instalação dos equipamentos, as obras do Memorial estão em marcha, com expectativa de completar-se para ser inaugurado até fins deste ano. O mesmo não ocorre, sabemos bem, no que nos concerne. São necessárias muitas providências, todas elas urgentíssimas, para que recuperemos o atraso em que estamos. Minha esperança é que, no despacho que o Governador prometeu a você em nosso último encontro, os impedimentos burocráticos que inibiam nossa ação tenham sido superados.

Ainda que seja dispensável dizê-lo, quero registrar aqui que tamanho atraso não se deve a nenhum de nós. Deve-se, isto sim, à teia burocrática tentacular que você enfrenta aí, valentemente, para fazer cumprir as determinações do governador. Com o objetivo de ajudá-lo, exporei a seguir, cada uma das questões que dependem de providências, adiantando meu ponto de vista sobre o modo de levar à prática cada uma delas.

Assessoramento cultural:

Valorizo altamente os contatos que fizemos e o apoio que alcançamos dos principais professores da área cultural da Universidade de São Paulo, através do Instituto de Altos Estudos. É indispensável garantir a participação ativa deles, na sua qualidade de eminentes intelectuais paulistas, no planejamento e na implementação do Memorial. Acho, inclusive, que seria conveniente a contratação dos serviços de assessoria do IAE ao Memorial, uma vez que eles terão muito trabalho para articular, como vinham fazendo, os intelectuais da USP/de Campinas e de outras universidades com o nosso empreendimento.

O fato é que não teríamos como substituí-los se os perdêssemos, o que representaria um inconveniente até político. Você me lembrou da conveniência de marcar um encontro com eles, ao qual compareceremos também, eu e Oscar Niemeyer. Fala disto ao Carlos Guilherme Mota, que está reticente, e vou falar a todos os outros, esforçando-me para marcar o encontro no dia 18 ou 20 próximo.

Em maio de 1988, Darcy Ribeiro estava satisfeito com o andamento da obra em si. Comandado por Oscar Niemeyer, o conjunto arquitetônico avançava e seria possível - como de fato foi - inaugurar o Memorial no início do ano seguinte. O mesmo não se dava com o

¹⁵³ José Guilherme Granziera, Secretário Executivo do Memorial, cujo escritório ficava na rua Líbero Badaró, 39, 13º andar. Esse e os demais documentos apresentados a seguir fazem parte do acervo da Fundação Darcy Ribeiro e estão catalogados sob o verbete “Memorial da América Latina”.

recheio dos prédios, tudo o que deveria acontecer dentro deles. Darcy sabia que seu projeto era ambicioso e que iria abalar as estruturas do mundo científico de um estado que não era o dele e cujo maior orgulho - a Universidade de São Paulo - surgira após uma guerra contra o governo central (Revolução Constitucionalista de 1932). Feito um Quixote no Planalto Paulista, ele enfrentava dois tipos de moinhos nem tão imaginários: o primeiro deles era a “teia burocrática tentacular”, que o amarrava em suas exigências. Darcy era um intelectual com experiência na administração pública. Sabia como tocar a máquina, mas era preciso perspicácia e paciência. Por isso, escrevia uma série de cartas aos encarregados e documentos com instruções detalhadas do que queria. Esse moinho até dava para enfrentar. O segundo, porém, era muito mais perigoso. Isso porque mexia com intelectuais zelosos de seu nome e reputação, acostumados que eram com certos rituais e procedimentos no mundo acadêmico que Darcy desconhecia ou para os quais não tinha paciência. Na carta acima, ao falar do “assessoramento cultural”, Darcy expressa essa preocupação ao dizer que valoriza “altamente os contatos que fizemos e o apoio que alcançamos dos principais professores da área cultural da Universidade de São Paulo, através do Instituto de Altos Estudos”. Darcy sabia que precisava deles no “planejamento e na implementação do Memorial”, isso porque “não teríamos como substituí-los se os perdêssemos, o que representaria um inconveniente até político.” Darcy conclui dizendo que o historiador Carlos Guilherme Mota, que à época dirigia o IEA (o antropólogo deve ter confundido a expressão “Instituto de Altos Estudos”, inexistente na USP, com o nome verdadeiro, Instituto de Estudos Avançados), era um dos que estavam “reticentes”. Darcy tinha razão. Tanto é que Carlos Guilherme Mota, posteriormente, escreveria a seguinte reclamação e pederia que fosse enviada a Darcy e ao governador Orestes Quécia:

*INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS
São Paulo, 21 de setembro de 1988
Ilmo.Sr.
Mauro Martins Bastos*

*DD. Assessor de Imprensa
Memorial da América Latina*

Prezado Senhor,

Tendo tomado conhecimento da existência do documento “Memorial da América Latina”, sem data, de três páginas, em que é referido o projeto de criação, na Fundação Memorial da América Latina, de “um Centro de Estudos integrado pelo Instituto de Estudos Avançados da USP sob a presidência do Professor Carlos Guilherme Mota”, quero esclarecer alguns pontos, solicitando sejam transmitidos com a possível urgência tais

esclarecimentos ao Excelentíssimo Senhor Governador do Estado de São Paulo, Doutor Orestes Quércia, ao eminente professor Darcy Ribeiro e aos demais colegas e amigos que participaram da criação do Memorial:

1. O Instituto de Estudos Avançados, na pessoa de seu Diretor, foi procurado no mês de dezembro de 1987 pelo professor Antonio Candido de Mello e Souza que, a pedido do professor Darcy Ribeiro, solicitou propiciássemos reuniões com professores universitários e intelectuais que pudessem discutir a ideia de criação de um Memorial da América Latina. Reunimos, sob a coordenação do eminente professor e escritor Antonio Candido, um grupo representativo de pesquisadores no campo das Humanidades que, contanto com a presença de Darcy Ribeiro nas primeiras reuniões - em que os limites da nossa colaboração intelectual foram bem sublinhados -, elaborou uma série de sugestões para alguns setores do projetado Memorial (premiação, cátedras, biblioteca, revista, congressos, banco de dados, bolsas para pesquisadores). Tais sugestões, produzidas por intelectuais do porte de Antonio Candido, Octavio Ianni, Alfredo Bosi, Aracy Amaral, entre outros, que dedicaram parte das suas férias de janeiro e dias de fevereiro nessa colaboração, foram encaminhadas pelo professor Darcy Ribeiro aos encarregados da criação do Memorial.

2. Meses após a entrega dessas propostas, solicitamos informações sobre o andamento do projeto ao professor Ruy Granziera. Entretanto, nenhuma satisfação sobre o desenvolvimento do Memorial foi transmitida a qualquer membro do grupo, inclusive ao professor Antonio Candido e a este diretor do Instituto de Estudos Avançados - que aliás não conhecem sequer o local das obras. Nada obstante, tomamos conhecimento do desenvolvimento do projeto através da imprensa e pela indicação mais recente de intelectuais que passaram a colaborar ativamente na execução do mesmo - entre eles, Fernando Moraes e Eric Nepomuceno, pessoas de grande valor e escritores de reconhecido mérito. Mas sugestões e críticas ao projeto geral como as formuladas anteriormente pela professora Aracy Amaral - que aliás ofereceu colaboração por escrito ao grupo de trabalho acima referido - jamais mereceram resposta.

3. Entendemos que a colaboração do IEA-USP - presente também na criação de outros núcleos de pesquisa dentro e fora da USP - cessou àquela altura, até porque nenhuma satisfação - solicitada reiteradamente por este diretor - foi dada ao IEA-USP pelos administradores do projeto. Meses e meses se passaram sem que nem mesmo o professor Antonio Candido recebesse informação mais concreta do destino de nossas sugestões.

4. Finalmente, apesar de considerarmos importante o fato de apelar-se à Universidade de São Paulo para a elaboração de propostas para um Memorial, registramos nosso desconforto quando constatamos que o Instituto de Estudos Avançados se vê "integrado" sem maiores consultas ou informações num "Centro de Estudos" da Fundação Memorial da América Latina. Ora, ainda que tal "integração" possa a vir ocorrer - o que é discutível - essa decisão deve ser aprovada pelo Conselho Diretor do IEA-USP e pelos órgãos superiores da Universidade de São Paulo.

5. Esclareço - e solicito que tal esclarecimento seja transmitido aos responsáveis pelo Memorial - que doravante a colaboração

dos professores e pesquisadores referidos só poderá ocorrer em caráter individual, se o desejarem.

6. Toda e qualquer eventual colaboração futura deste Instituto somente poderá se efetivar após solicitação formal por parte dos responsáveis do Memorial e do Governo do Estado de São Paulo ao novo diretor do Instituto de Estudos Avançados, a ser indicado pelo Magnífico Reitor José Goldemberg em outubro p.f., solicitação que deverá ser apreciada e aprovada pelo Conselho Diretor do mesmo Instituto.

Certo de seu empenho na transmissão, com a necessária urgência, da posição do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo aos responsáveis pelo Memorial da América Latina, subscrevo-me,

*Atenciosamente,
Carlos Guilherme Mota (diretor)*

Este documento marca o fim da colaboração inicial do IEA com o Memorial da América Latina. Intelectuais como Antonio Candido já haviam se afastado de qualquer proximidade com o PMDB de Orestes Quécia para apoiar a candidatura de Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores, que se tornaria em 1988 a primeira prefeita de São Paulo. No entanto, o professor de Literatura da FFLCH-USP e membro do IEA, Alfredo Bosi, em caráter individual, aceitou colaborar com a revista Nossa América/Nuestra América. Somente em 1992 o Memorial voltaria a ter um projeto conjunto com o IEA-USP. Em 20 de março daquele ano seria assinado um acordo para a criação da Cátedra Simón Bolívar. Os signatários foram o reitor da USP, Roberto Leal Lobo e Silva Filho, e o presidente do Memorial, Paulo de Tarso Santos. Seu objetivo era “desenvolver pesquisas sobre relações culturais, históricas e políticas dos países da América Latina e analisar seus problemas contemporâneos”¹⁵⁴. O catedrático seria escolhido pela Comissão de Orientação, formada por representantes do IEA e do Memorial. Sua atividade se desenvolveria por seis meses, renováveis uma única vez. Anualmente, o Memorial destinaria o valor equivalente a US\$ 40 mil ao projeto, enquanto o IEA entraria com a infraestrutura indispensável ao bom andamento da Cátedra Simón Bolívar. O catedrático teria que desenvolver um projeto de pesquisa original, proferir conferências sobre o tema e apoiar jovens estudantes de um programa de intercâmbio do Memorial.

Este não era o formato pensado por Darcy Ribeiro. Do jeito que estavam propostas, as atividades da Cátedra Simón Bolívar não se concentrariam no Memorial e não haveria bolsistas. Não contribuiria para criar no Memorial um centro de estudos que acumulasse

¹⁵⁴ **As Cátedras do IEA.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/45ymFK4BRjyJ4CJdwcLqVMv/?lang=pt>
Acesso em 12.12.2022

saberes, experiência e contatos internacionais. Na verdade, a Cátedra Simón Bolívar, financiada pelo Memorial, utilizava a figura do “professor convidado” já existente na Universidade. E, pelo visto, o Memorial não soube aproveitá-lo suficientemente.

O primeiro catedrático foi o sociólogo peruano Aníbal Quijano, que posteriormente se tornaria um autor cujos livros passaram a fazer parte da bibliografia obrigatória dos estudos decoloniais. Quijano demonstra como a colonização europeia das Américas, da África e de parte da Ásia, a partir do século XVI, se articula ao surgimento e fortalecimento do capitalismo. São fenômenos inseparáveis e, por isso, devem ser pensados – e superados - em conjunto. A sua crítica é um instrumento poderoso para enfrentar o que ele chama de “colonialidade do poder e do saber”, que persiste atualmente nas formas de poder das elites globais e nas mentalidades dominadas pelo preconceito, racismo, machismo e as demais formas de submissão do oprimido.

Entre as suas atividades em São Paulo no segundo semestre de 1992 estão as conferências “O nó histórico latino-americano do século XX”, “El labirinto peruano” e “Modernidade, Identidade e Utopia na América Latina”. Em entrevista à revista Nossa América/ Nuestra América, edição nº 1 de 1993, Quijano descreve o que ele chamou de “reoriginalização da cultura” latino-americana, fato notável atualmente. Na mesma edição, Quijano publicou o texto “Estética da Utopia”, que antecipa um debate que se trava desde então, ao se pensar os movimentos por autonomia na América Latina: a “questão da liberdade social, por um lado, e a identidade (identidades), pelo outro”. Ele também aborda outros temas contemporâneos, como por exemplo:

Está apenas em seu início o desfraldar da “revolução tecnológica”. Até aqui ela tornou possível a globalização do mundo e a extensão do domínio do capital sobre todas as pessoas, e de seus beneficiários - principalmente euro-norte-americanos - sobre todos os outros grupos do mundo. Mas também permitiu questionar sua epistemologia, sua cosmovisão, sua racionalidade. E estamos apenas no umbral de suas implicações sobre a produção tecnológica do futuro, da capacidade de reapropriação tecnológica a partir de outras racionalidades, da reoriginalização de outras culturas e, a curto prazo, das possibilidades de criação estética que tudo isso abre, na produção de novos sons, cores, imagens e formas novas, realidades novas.¹⁵⁵

O segundo titular da Cátedra Simón Bolívar foi o historiador uruguaio Gustavo Beyhaut, que à época lecionava na Universidade Paris III, França. No primeiro semestre de 1993 ele discutiu questões relacionadas à “dinâmica cultural da integração latino-americana”, como desenvolvimento tecnológico, democracia, formação de intelectuais e Mercosul. O

¹⁵⁵ QUIJANO, Aníbal. **Estética da Utopia**. Revista Nossa América, nº 1, 1993, p 98

professor Beyhaut desenvolveu atividades no Instituto de Estudos Avançados, na USP, e no Memorial da América Latina, entre elas, a conferência “A dinâmica da cultura na América Latina: uma visão crítica”. Ainda no âmbito da Cátedra Simón Bolívar, o poeta uruguaio e professor da Universidade de Miami Hugo Achugar proferiu a palestra “Registros e imágenes de la integración en el Cono Sur”, entre outras atividades, em 1994. No mesmo ano, o sociólogo e historiador porto-riquenho Ángel G. Quintero Rivera apresentou a conferência “Sociedade Caribenha Contemporânea: Cultura e História”. O último conferencista recebido pela Cátedra Simón Bolívar foi o antropólogo peruano Rodrigo Montoya, da Universidade Nacional Maria de São Marcos, Peru, que, já em 1996, proferiu a palestra “Perspectivas e limites dos movimentos indígenas na América Latina”. O contrato entre o IEA e o Memorial tinha a duração de três anos e não foi renovado.

O Memorial da América Latina só voltou a ter uma cátedra em 2006, articulada pelo então presidente Fernando Leça e com apoio dos reitores da USP (Suely Vilela), Unicamp (José Tadeu Jorge) e Unesp (Marcos Macari). Originalmente, a Cátedra Memorial da América Latina (como ficou conhecida) era custeada pela iniciativa privada, seguindo um modelo internacional de cátedras sustentadas por *sponsors* (patrocinadores), como dizia Leça. Logo a iniciativa logrou a chancela da Unesco. Em 2011 foi impresso um panfleto de oito páginas para divulgar a iniciativa nos meios corporativos. Intitulado *Cátedra Unesco*, a publicação é aberta com um texto institucional, “Cátedra Memorial da América Latina ganha chancela da Unesco”, com o subtítulo “Saiba o que é e como surgiu a Cátedra Unesco Memorial da América Latina”. O projeto é apresentado da seguinte maneira:

A Cátedra Memorial da América Latina é um programa acadêmico de pesquisa e docência que conta com a participação das três universidades públicas paulistas - USP, Unicamp e Unesp. Articulada pelo Memorial em 2006, ela obteve o apoio oficial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, no segundo semestre de 2009, e passou a se chamar Cátedra Unesco Memorial da América Latina. A Cátedra Unesco Memorial da América Latina tem um formato inovador no Brasil: embora instituída por universidades públicas, ela é coordenada por uma instituição não acadêmica - o Memorial - e permite a participação de outras universidades, entidades de pesquisa e empresas do mundo corporativo. Ela integra um seleto grupo mundial de 646 “Unesco Chairs”, que compõem o Programa de Cátedras Unesco/Unitwin. Ou seja, criada em 2006, em apenas três anos, a Cátedra Unesco Memorial se globalizou. Isso facilita a sua participação em projetos internacionais de pesquisa e em fundos de fomento. Voltada à pesquisa e ao estudo de questões concretas da América Latina contemporânea, as atividades da Cátedra Unesco Memorial da América Latina ocorrem nos campi universitários, no Memorial e em empresas parceiras [...]. Agronegócio, inovação tecnológica, integração do continente

no mundo globalizado, desenvolvimento sustentável, energia, mercado e processos de trabalho, sistema previdenciário, proteção social e pobreza, entre outros, são alguns dos temas abordados pela Cátedra Unesco Memorial da América Latina, em seus cinco primeiros módulos.¹⁵⁶

O primeiro catedrático foi o professor Luiz Augusto Horta Nogueira, da Universidade Federal de Itajubá, MG, que orientou três bolsistas hispano-americanos (um argentino, um boliviano e um argentino radicado no México) sobre o tema “Energia”; o físico José Goldemberg foi o segundo catedrático, em 2007. Ele orientou sete bolsistas (2 brasileiros, 1 argentina, 1 peruana, 1 mexicano e 2 colombianos) sobre questões ambientais. No ano seguinte, foi a vez do professor venezuelano Carlos Romero, da Universidade Central da Venezuela, que abordou o tema “Comércio e desenvolvimento, os novos desafios da América Latina”. Ele orientou 11 pesquisadores em seu período no Brasil e publicou, pelo Memorial, o livro *Venezuela, uma integração complexa*.

A partir do quarto catedrático - o químico Hernan Chaimovich – a Comissão de Orientação da Cátedra, que refletia o Conselho Curador do Memorial, presidida pelo professor Adolpho José Melfi, resolveu mudar a dinâmica das atividades: ao invés de manter em São Paulo por um semestre um catedrático – que poderia ser de qualquer parte da América Latina, com todas as despesas pagas pelo Memorial - ministrando aulas sobre um tema específico, seria melhor usar a verba contratando um professor brasileiro (de preferência da USP, Unicamp ou Unesp), que ficaria responsável pelo curso e por indicar palestrantes oriundos dos países latino-americanos para apresentar outras visões e o conhecimento em primeira mão sobre o tema escolhido pela Comissão de Orientação. Os custos vinham dos *sponsors*. Cada patrocinador entrava com uma cota de US \$10 mil, renováveis anualmente. As empresas que apoiaram o projeto nos primeiros anos foram a Energias do Brasil, Odebrecht, Sabesp, Itaú, Repsol e Santander. Na ausência delas, ou insuficiência de arrecadação via patrocinadores, as despesas seriam discutidas caso a caso. Em alguns anos, as universidades (em rodízio entre si) se responsabilizaram em pagar o catedrático e o Memorial as despesas com transportes, hospedagens, caches e alimentação dos palestrantes internacionais.

O professor Chaimovich desenvolveu o tema dos “desafios da tomada de decisão no que diz respeito a investimentos públicos em Ciência, Tecnologia e Inovação na América Latina”. Ele trabalhou com 20 alunos (nem todos bolsistas) e mais de 40 ouvintes pré-selecionados. Em 2010, o ex-ministro da agricultura e professor da Unesp, Roberto Rodrigues,

¹⁵⁶ **Cátedra Memorial da América Latina ganha chancela da Unesco.** Cátedra Unesco, folheto de divulgação institucional, Memorial da América Latina.

abordou as perspectivas do agronegócio no subcontinente latino-americano. Esses professores já puderam convidar outros especialistas para falarem sobre aspectos mais específicos.

O responsável pela Cátedra Memorial da América Latina ter se estruturado a ponto de receber a chancela da Unesco foi o professor Adolpho José Melfi, que dirigiu o CBEAL de 2007 a 2013. Melfi havia sido reitor da USP de 2001 a 2005 e trouxe para o Memorial seu conhecimento, experiência e capacidade de articulação adquiridos em longa carreira universitária. Os patrocinadores confiavam nele. Mas com a chegada de João Batista de Andrade à presidência do Memorial, isso mudaria. Houve um desentendimento entre o cineasta e o ex-reitor sobre o uso da verba do Memorial restante no ano de 2013, justamente aquela dos *sponsors*. Deveria ir para o festival de cinema ou para a Cátedra Unesco, como estava reservado extraoficialmente? O velho problema do cobertor curto e do “bolo” orçamentário único. Eduardo Farsetti, ex-gerente de planejamento do CBEAL, explica o que aconteceu em seguida: “Quando o João Batista confiscou todo o dinheiro da Cátedra para usar no Festival de Cinema, grana essa que veio somente desses patrocinadores, o Melfi saiu do Memorial”, indignado, e o diretor interino “do CBEAL não teve a mínima intensão em renovar esses contratos”. Isso significa dizer que 2013 foi o último ano em que a Cátedra Unesco Memorial da América Latina teve patrocínio privado. Segundo Farsetti, os patrocinadores “estavam dispostos a continuar financiando-a pelos anos seguintes por estarem satisfeitos com os resultados alcançados”. Mas houve incapacidade da nova gestão de entender o processo ou fazer ações de marketing que trouxessem de volta os patrocinadores. Ou não quiseram mesmo. “Portanto, a Cátedra acabou não por falta de dinheiro, mas por questões políticas”, conclui Farsetti (informação verbal).¹⁵⁷

Na verdade, a Cátedra não acabou. Para ela não sofrer solução de continuidade, foi acionado o que estava previsto: o pagamento do catedrático ficaria a cargo de uma das três universidades. Elas fariam um rodízio entre si. As outras despesas (cachê, transporte, alimentação e hospedagem dos palestrantes, organização de seminários e demais atividades) ficariam a cargo do Memorial. Essa fórmula poderia mudar, ano a ano, dependendo das condições financeiras do Memorial. E não haveria mais bolsistas. Este modelo vigorou nos anos de 2014, 2015 e 2016. Nos três anos seguintes não houve catedráticos contratados, nos moldes das edições anteriores, mas algumas palestras e seminários foram registrados no seu âmbito, o que serviu para manter a chancela da Unesco.

¹⁵⁷ Troca de mensagens com Eduardo Farsetti por meio de aplicativo (whatsApp) em 23 de janeiro de 2023.

Em 2020, a Cátedra Unesco Memorial da América Latina voltaria reformulada. Teria uma duração menor (três meses) e atividades principalmente virtuais. Até o nome mudaria. Passaria a se chamar “Cátedra Unesco/Unitwin – Rede de Cooperação para a Integração da América Latina”, como consta nos registros da Unesco. Significa que a Cátedra Unesco Memorial da América Latina integra uma “rede de cooperação” chancelada pela Unesco. E a grande novidade é que a Cátedra do Memorial voltaria a trabalhar com bolsas. Naquele ano e nos próximos, o Memorial lançaria edital de bolsas para quatro pesquisadores da cátedra e para um número semelhante de pesquisadores do próprio Centro Brasileiro de Estudos da América Latina. O site do Memorial noticiou a novidade assim:

A Cátedra Unesco/Unitwin – Rede de Cooperação para a Integração da América Latina, sediada no Memorial da América Latina, sob a gestão do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), recebe a professora catedrática Dr^a Luciana Carvalho (FFLCH/USP) para ministrar o módulo de pesquisa “Traduções de Mulheres na América Latina” a ser realizado de setembro a dezembro deste ano. Direcionada pela agenda 2030 da Unesco/ONU, a Cátedra para integração da América Latina tem como temática “Movimentos da América Latina” abordando questões linguísticas, migratórias, culturais e sociais. Além da pesquisa sobre as Traduções de Mulheres na América Latina, a Cátedra também desenvolverá estudos sobre português como língua de acolhimento e formação de cidadãos em situação de refúgio ou apatridia como intérpretes e tradutores comunitários. A Cátedra selecionará até quatro pesquisadores bolsistas, mestres ou doutores, para desenvolverem projetos sob a orientação da professora catedrática. Dr^a Luciana Latarini Ginezi é a coordenadora do projeto de 2020 a 2021. A Cátedra Unesco/Unitwin para a Integração da América Latina é parte da rede de cooperação entre as universidades paulistas públicas (USP, Unesp e Unicamp) e o Memorial da América Latina. Conta, ainda, com a participação da Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa, Fapesp e a Secretaria Estadual de Desenvolvimento na comissão de orientação.¹⁵⁸

¹⁵⁸ **Memorial da América Latina dá as boas-vindas à professora da Cátedra Unesco / Unitwin 2020.**

Disponível em: <https://memorial.org.br/o-memorial-da-america-latina-da-as-boas-vindas-a-luciana-carvalho-catedratica-de-2020-da-catedra-unesco-unitwin/> Acesso em 20.12.2022

4.1.1.6.1 Darcy Ribeiro a Amaral Lapa: “Meu papel no Memorial é leve e vago”

A correspondência entre Darcy Ribeiro e o historiador Amaral Lapa, da Unicamp, flagra com certa sutileza o momento em que o antropólogo toma consciência dos limites da sua função no Memorial da América Latina. Por isso ela é exemplar.

A primeira carta do professor José Roberto do Amaral Lapa (1929 - 2000) para Darcy Ribeiro é de 12 de setembro de 1978. Eles não se conheciam. O professor da Unicamp não tinha nem o endereço de Darcy, que havia voltado em definitivo do exílio há apenas pouco mais de um ano. Amaral Lapa mandou a correspondência para o endereço da editora Vozes, em Petrópolis, RJ. Na missiva, conta que assistiu a uma palestra de Darcy na Unicamp que tinha a plateia lotada. Ficou de pé o tempo todo. Por isso, não pode fazer perguntas ou comentários, mas queria adiantar que discordava em vários pontos do antropólogo. Foi assim que nasceu a amizade entre eles que, ao longo do tempo, se tornou afetiva, apesar da pouca convivência, causada pela distância e o ritmo frenético darcyniano. No começo, sempre nas cartas, Darcy o chamava de “professor José Roberto”, depois “professor Amaral Lapa”, só “Amaral Lapa” e, finalmente, “Lapa, meu amigo”.

Em certo sentido, o professor José Roberto Amaral Lapa era o antípoda de Darcy Amaral e se completavam. Um era a copa da árvore, cujas folhas farfalhavam ao vento. O outro era a raiz. Enquanto um era inquieto e se expandia pelo mundo, o outro se aprofundava no seu território de origem e na sua memória infinita. Amaral Lapa fez toda a sua carreira na Unicamp, no interior de São Paulo, como professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Sua especialidade era o Brasil Colônia e o Império. Começou a criar o Centro de Memória da Unicamp em 1985 a partir da aquisição de milhares de documentos do Tribunal de Justiça do Estado, principalmente referentes à sua região. Sobre ele foi lançada a obra “O garimpeiro dos cantos e dos antros de Campinas: homenagem a José Roberto do Amaral Lapa”. O historiador recebeu o título de professor emérito da Unicamp, após a sua Universidade ser surpreendida por sua morte aos 71 anos.

Alguns meses antes da inauguração do Memorial, Darcy Ribeiro recebeu uma carta do professor Amaral Lapa, convidando-o para fazer parte do conselho editorial da nova revista do Centro de Memória, a Resgate. Era trinta de agosto de 1988. Anexo, Amaral Lapa manda o projeto da publicação que, segundo seu criador, “representa um novo espaço para o efetivo debate e propostas interdisciplinares sobre a política cultural e científica para a sociedade brasileira nas áreas de ciências humanas, letras e artes”. A correspondência entre eles continua, Darcy aceita participar do Conselho Editorial da Revista e, poucos dias antes da inauguração do

Memorial, escreve na carta a Amaral Lapa, em 7 de março de 1989: “Quero muito vê-lo para falar do Memorial da América Latina e combinar grandes coisas que podemos fazer lá.”

O professor da Unicamp não se faz de rogado e escreve ao amigo logo após a inauguração do Memorial, em 22 de março de 1989. Na carta demonstra como sua raiz lançava, tentáculos pelos rincões do subcontinente:

Quanto a aproximar-me, de alguma maneira, do Memorial da América Latina, aqui vai um bom pretexto.

Por ocasião da realização no México, em 1974, do Primeiro Encontro de Historiadores Latinoamericanos, tive oportunidade de propor e ver aprovada a criação da Asociación de Historiadores Latinoamericanos Y del Caribe - ADHILAC, que de lá para cá já realizou quatro Encontros, respectivamente no México (1974), Venezuela (1977), Equador (1981) e Cuba (1983). [...]

A diretoria atual, presidida pelo cubano Francisco Pividal Padron, não conseguiu até agora um país para sediar o V Encontro, apesar dos cubanos terem proposto financiar a viagem de todos os delegados caribenhos.

E agora com o Memorial, não seria viável? Pense nisso com carinho

Era de se esperar que Darcy Ribeiro, bem ao seu estilo, assumisse a paternidade do Memorial e esperasse ser um pai presente na primeira infância de seu filho. Mas, a carta resposta de Darcy Ribeiro a Amaral Lapa é um tanto vaga, e capta como nenhum outro documento o momento prenhe de possibilidades e potencialmente frustrante experimentado pelo antropólogo logo após a inauguração pomposa da Fundação:

Rio de Janeiro, 22 de abril de 1989.

Querido Lapa,

Sua carta me trouxe você de volta e me deu saudades.

Que bom seria um encontro nosso para falar de tantas coisas que nos interessam tanto, sobretudo agora, com o MEMORIAL, que nos abre portas para o enlace dos intelectuais que se assumem como latino-americanos.

Meu papel no MEMORIAL é leve e vago: ajudei Oscar a concebê-lo, defini seus componentes e formulei seus programas de ação. Agora, inaugurado, creio que ficarei no duplo papel de torcedor, desejando que tudo dê certo, e de Conselheiro, quando quiserem ouvir meus palpites. Mas isto não é o papel dos pais?¹⁵⁹

Mas o Memorial não quis mais ouvir os conselhos de Darcy Ribeiro. Isso fica claro na correspondência dele ao governador Orestes Quécia, como veremos logo adiante. Maureen

¹⁵⁹ Acervo Fundação Darcy Ribeiro, Fundar. Brasília.

Bisilliat me disse que estranhou o repentino sumiço de Darcy Ribeiro um pouco depois da inauguração (informação pessoal). Em 1990 o irrequieto Darcy já tinha embarcado em outra história: agora ele seria candidato a Senador da República, cargo que assumiria em 1º de fevereiro de 1991 e permaneceria até a sua morte, em 17 de fevereiro de 1997.

4.2 Inauguração do Memorial: “ato de fé” que esbarra em limites

Na pasta guardada no subsolo na biblioteca com papéis antigos do Memorial, encontrei um texto sobre o Salão de Atos intitulado “Viagem ao coração do Memorial”. Trata-se de um documento datilografado, com rasuras e correções. É um rascunho de Darcy Ribeiro, provavelmente escrito pouco antes da inauguração do Memorial. Como revelou Almino Afonso, o Memorial nasceu duma ideia querciana de construir um monumento aos libertadores latino-americanos que incluísse os brasileiros. Graças a Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro, o projeto ganhou uma dimensão muito maior e mais ambiciosa. Àquela altura, Darcy ainda estava entusiasmado com o que estava criando. Ele achava que a simples pujança do complexo arquitetônico futurista que brotou no antigo pátio Barra Funda - somado à universidade viva, sem professores e sem alunos fixos, mas aberta a todos, inclusive às melhores cabeças do subcontinente, e ao fluxo incessante de bolsistas, escritores e pesquisadores - tudo isso por si só poderia abalar as estruturas científicas, artísticas e sócio-culturais do país e ir além. Era o lócus perfeito para anunciar “uma gente nova neste mundo. “Um novo gênero humano, como disse Simón Bolívar, feito com gentes vindas de toda a Terra, para aqui criar, pelo convívio, pela mestiçagem e pelo trabalho, uma síntese nova - se possível melhor - da humanidade (trecho do texto abaixo)”. Utópico incorrigível, para Darcy Ribeiro o conhecimento em primeira mão que seria oferecido gratuitamente no Memorial, a sinergia entre os pares intelectuais - tudo isso era um abalo sísmico que ia se propagar até as margens do Rio Grande, na América do Norte, e ao sul de Ushuaia, na Terra do Fogo. Com esse espírito, ele escreveu sobre o nascente Salão de Atos:

Este Salão de Atos é o coração do Memorial da América Latina. De fato, é ele que justifica a designação de Memorial. Aqui, no espaço catedrático criado pelo gênio de Oscar Niemeyer, nós, latino-americanos, homenageamos nossos antepassados e expressamos o orgulho de sermos o que somos: uma gente nova neste mundo. Um novo gênero humano, como disse Simón Bolívar, feito com gentes vindas de toda a Terra, para aqui criar, pelo convívio, pela mestiçagem e pelo trabalho, uma síntese nova - se possível melhor - da humanidade. Nossa formação histórica se reconstitui aqui, através da linguagem plástica de três artistas. O PAINEL Tiradentes, de Cândido Portinari, é talvez a maior e mais expressiva de nossas obras pictóricas. E os seis painéis heráldicos, em baixo relevo sobre placas de concreto, devidos a Poty e a Carybé, e que pelo contraste de técnicas e de estilos dialogam com a obra de Portinari.

Vejam, para começar, os painéis de Poty e Carybé: observem que cada um deles tem 14 metros de altura por quatro de largura, o que equivale quase a um edifício de cinco andares. O primeiro, ali à direita, de autoria de

Poty, recorda nossa herança indígena. Lá no alto, se vêem as Plêiades, a prodigiosa constelação que atraiu sempre a atenção dos homens. Os índios do Brasil viam seu ressurgimento no horizonte pela madrugada como a anunciação dos meses de fartura. Quase todos os povos da América Latina têm lendas referentes ao surgimento das Plêiades.

Logo abaixo, vemos uma representação alegórica de uma máscara asteca, partida, dizendo da destruição das altas civilizações americanas que se seguiu à conquista europeia. E, em seguida, abaixo, centradas ao redor de grandes figuras de índios do Xingu, que tocam flautas cerimoniais, se descortina uma série de representações menores. No alto, pode-se ver um índio atirando lanças num jogo esportivo, o javari; embaixo, dois índios em luta corpo-a-corpo, o huka-huka; um outro aparece pescando, e há ainda uma representação em palha de forças espirituais. Na base do painel, uma mãe índia sentada, amamentando, lembra as milhares delas que geraram e nutriram com seu leite e seu amor os primeiros brasileiros. Mais abaixo, são representadas várias plantas cultivadas, das tantas que devemos aos índios, como a mandioca, o milho, o caju, o tabaco, o amendoim e muitíssimas outras.

Não fica claro a finalidade do texto, se é para subsidiar quem visita o local, ou é um roteiro de audiovisual ou parte de um discurso a ser lido na grande inauguração. Mas ele dá uma pista interessante: o Salão de Atos, e tudo o que ele tem dentro, foi a forma que Darcy e Oscar encontraram para responder à demanda original do governador Orestes Quércia, a partir do que ele viu lá no México. Quércia queria um monumento, com estátuas, que honrassem as figuras dos heróis brasileiros e hispano-americanos. A dupla lhe deu algo bem mais interessante, num espaço catedrático.

Finalmente, estava chegando a hora de abrir o complexo ao grande público. Políticos pouco conhecidos vinham insuflando as expectativas na Assembleia Legislativa. Por exemplo, o deputado estadual Tônico Ramos, do PMDB de Araras-SP, deixou no Memorial a cópia do seu discurso. Ele calculava que daria tempo do Memorial ser inaugurado em 25 de janeiro próximo, quando se comemorava o aniversário de São Paulo. A razão de este documento ter sido deixado na biblioteca do Memorial, e quem o escreveu, tudo isso não tem a menor importância (é mais provável que um *ghostwriter* do próprio Memorial tenha preparado a peça oratória para o tal deputado). Publico parte dele apenas para, por contraste, destacar o tamanho da frustração que se seguiria:

Senhor presidente, senhores deputados, no dia 25 de janeiro de 1989, o Estado de São Paulo vai viver um momento grandioso, de proporções continentais. Pela primeira vez na história deste continente, os presidentes de todos os países latino-americanos estarão reunidos no Brasil, em nosso estado. O presidente Sarney vai convidar os presidentes latino-americanos e eles serão recepcionados pelo governador Orestes Quércia. Eles vão participar da inauguração de um monumento. O Memorial da América

Latina. Construído para guardar a memória e desenvolver o espírito da nossa latinidade. Concebido para dar vida à inteligência humana e despertar a admiração de povos do mundo inteiro.

O Memorial da América Latina será o maior centro cultural e cívico deste continente. Um conjunto de equipamentos e atividades (...) Em um futuro próximo, ele estará criando a identidade cultural da nossa América. (...) A arte, a cultura e a ciência latino-americanas somente são reconhecidas dentro do continente depois de consagradas na Europa e nos Estados Unidos. A razão desse fenômeno constrangedor é uma só: os povos latinos não sabem o que se faz à sua volta. (...)

O Brasil é um país acostumado a visitas ilustres. Já recebemos presidentes de outras nações. Ora para debater problemas comuns ao continente, ora para prestigiar a posse de nossos presidentes. Mas o encontro em janeiro será histórico. Pela primeira vez, vamos reunir todos. Atraídos pela importância cultural e política da obra do governador Quéricia. “É preciso registrar que no Brasil nenhum outro homem ou instituição, mesmo especializada, alcançou esse feito”¹⁶⁰.

Esse era o tom grandiloquente que se queria dar ao evento de inauguração do Memorial. Mas as previsões do nobre deputado de Araras falharam duplamente. A festa de abertura do Memorial não foi em 25 de janeiro, mas em 18 de março, e nela não compareceu sequer um chefe de estado. Como o convite oficial a presidentes de outros países tem que ser feito, reza o protocolo, pelo mesmo nível de hierarquia, ou seja, pela União através do Itamarati - e por alguma razão, provavelmente, intriga política envolvendo a sucessão

presidencial, o convite não foi disparado - não veio nenhuma autoridade máxima de qualquer país na inauguração do Memorial.

Não importa. O que se precisa realçar é que, sob a mão firme do governador Orestes Quéricia, o Memorial ficou pronto em tempo recorde (cerca de um ano e quatro meses), e ao custo de US \$48 milhões de dólares, menos de 0,1% do PIB de São Paulo. É um feito que entraria para a história – pelo menos é o que se queria – da América Latina. Finalmente, havia chegado o seu tempo. Era hora de celebrar o surgimento de um gigante na Barra Funda.

É comum ouvir que Fidel Castro esteve na inauguração do Memorial. Mas não é verdade. Ele veio, sim, um ano depois, na festa do primeiro aniversário da

Imagem 14: Último prêmio



Fonte: Memorial da América Latina, 2022. Folder anunciando a premiação de Orlando Villas Boas, em março de 1990.

¹⁶⁰ Acervo Biblioteca da América Latina.

casa¹⁶¹. Veio, aliás, na companhia de Daniel Ortega, que havia acabado de assumir o poder na Nicarágua depois de um processo revolucionário que entusiasmou a esquerda latino-americana. Na ocasião, foi conferido o prêmio equivalente a 100 mil dólares ao indianista brasileiro Orlando Villas Boas. Para marcar o momento, Villas Boas recebeu das mãos de Fidel Castro uma pequena réplica da *Mão*. Era a última vez que o Prêmio Estado de São Paulo, esse concebido por Darcy Ribeiro, seria ofertado.

O Memorial da América Latina foi inaugurado em 18 de março de 1989 com a pompa e circunstância que o dia merecia. Tratava-se do nascimento de uma fundação de direito público estadual que ocupava um complexo arquitetônico de 84 mil metros quadrados desenhados pelo gênio de Oscar Niemeyer, considerado o maior arquiteto vivo. Publicado no número zero da revista *Nossa América/Nuestra América* (1988), de circulação restrita, o depoimento do próprio arquiteto apresentando seu projeto é insuperável:

O Memorial da América Latina representa um ato de fé e solidariedade continental. Um gesto de grandeza e aproximação, um apelo a uma unidade política que há muito deveria estar estabelecida. E tudo isso deve inserir-se na sua arquitetura. Na ousadia de suas estruturas, na unidade plástica que a deve caracterizar (*Nossa América*, nº 0, p 30).

A criação do Memorial era um “ato de fé”. Por mais que tenha sido feliz na descrição, Niemeyer usou palavras e expressões etéreas e pouco definidas: “solidariedade continental”, “gesto de grandeza e aproximação”, “apelo a uma unidade política”... Mais que um monumento, o Memorial se anunciava um organismo político-cultural criado para apoiar um antigo sonho (de mais de 200 anos), tão ambicioso quanto quase irrealizável: a integração dos países hispano-americanos entre si e com a “lusó-América”, isto é, o Brasil. Era preciso mesmo muita fé. Não se pode negar que a Fundação, por meio da sua atuação cultural, tentou ir nesse sentido. Mas as contradições foram logo prevalecendo e diminuindo o otimismo. A partir do seu lançamento, o Memorial viu enfraquecer sua própria expectativa. Em algum momento, para todos - para os trabalhadores braçais e intelectuais que o serviam, para a dupla Oscar/Darcy que o criou, para os jornalistas que o cobriam e, claro, para os governadores de plantão - ficou claro que o Memorial nunca iria ser aquilo sonhado pelo antropólogo. Por falta de dinheiro, evidentemente, mas também por falta de vontade política e - especialmente - por falta de imaginação.

¹⁶¹ Reportagem do SBT disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kIIHI1IzLPo>
Registro cubano disponível em: <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/imagen/entrega-do-premio-estado-de-sao-paulo-orlando-v-b> Acessos em 18.12.2022.

O ex-gerente de planejamento do CBEAL, Eduardo Farsetti, que trabalhou na Fundação por 26 anos, conta como era no começo do Memorial:

Quando Quércia e Fleury foram governadores, não houve a necessidade do Memorial levantar as tais receitas próprias para cobrir o custeio das suas despesas, seja de manutenção geral (segurança, limpeza e manutenção propriamente dita), seja na concretização das atividades fins, como shows e seminários, ou até mesmo para viabilizar investimentos (bens que vão ser patrimoniados...), como, por exemplo, a construção do prédio que seria cedido ao Parlatino e a compra de computadores, porque o Governo do Estado dava dinheiro suficiente para cobertura total das despesas anuais.¹⁶²

Nos primeiros anos, na área artística, o Memorial se concentrava em ser um palco para shows latino-americanos. Esse período hoje é considerado a época áurea do Memorial por quem não conhece seu projeto. É quando se formavam aquelas filas gigantescas em frente ao Auditório Aula Magna para ver Mercedes Sosa, Astor Piazzolla, Libertad Lamarque, Trio Los Panchos, e tantos outros ídolos consagrados da música latino-americana. E os brasileiros, claro, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Chico Buarque, entre outros. Tempos do Quércia.

A debacle da Fundação Memorial da América Latina começou já na gestão do governador Luiz Antônio Fleury Filho (15 de março de 1991 a 31 de dezembro de 1994), como veremos, e se acentuou na dinastia do PSDB, a partir da posse de Mário Covas no governo do Estado de São Paulo, em 1º de janeiro de 1995. Com eles, por opção política deles, e por obra deles, o Memorial viraria um lugar em que aconteceria shows e eventos artísticos medianos e quase exclusivamente brasileiros. Só de vez em quando se programava alguma atração latino-americana. Isso se arrastaria de meados dos anos 1990 até 2013, quando a situação piorou após o incêndio do Auditório Simón Bolívar. E, nesse período, esqueceu-se convenientemente do extenso programa de congressos e conferências mensais, cátedras e bolsas elaborado por Darcy Ribeiro para o Centro Brasileiro de Estudos da América Latina. O ex-gerente de planejamento do CBEAL, Eduardo Farsetti, explica o que aconteceu nos seguintes termos:

Tudo mudou em 1995 com Covas, que congelou o orçamento num determinado valor, exigindo, assim, que o Memorial renegociasse todos os

¹⁶² Troca de mensagens com Eduardo Farsetti, através do e-mail eduardo.rascov@gmail.com, de treze de dezembro de 2022. Farsetti chegou ao Memorial pouco antes da inauguração. Desempenhou as funções de bibliotecário, gerente da biblioteca, advogado do Departamento Jurídico e gerente de planejamento do CBEAL. Foi demitido do Memorial em 2015.

contratos que tinha com terceiros, já que esse congelamento não permitia que os contratos fossem reajustados como previsto em suas cláusulas, e, mais ainda, que o Memorial cortasse pela metade sua folha de pagamento para que algum reajuste fosse concedido e os benefícios paralelos mantidos. Isso resultou, por conseguinte, na busca pelas receitas próprias antes desnecessárias, para que as atividades fim não parassem completamente pela falta de dinheiro. Com o tempo, aconteceu o pior: à medida que o Memorial foi ampliando essas receitas próprias, o Governo descongelou para baixo o orçamento, diminuindo gradativamente a participação de recursos do Tesouro de SP na sua composição. O efeito perverso disso é a dependência que você vê hoje com relação às locações de espaço.¹⁶³

Mesmo assim, durante muitos anos, o Memorial sustentou uma programação artística própria, dividida em projetos semanais, como o Domingo Criança (teatro infantil), Segundas no Memorial (aproveitava-se a “folga” de cantores e companhias teatrais); shows quinzenais, como o Projeto Adoniran (MPB), e mensais como Conexão Latina (músico brasileiro recebe colega iberoamericano), Jazz Sinfônica Convida e Raízes do Brasil (grupo Pau Brasil e convidados), entre outros. E havia pelo menos uma grande atração mensal, que podia ser um “show de oportunidade”: por exemplo, um artista internacional tinha agenda em São Paulo e se apresentava no Memorial no dia da folga... A verba era pequena, mas havia boa vontade dos empresários do meio musical e dos artistas, muitos dos quais aceitavam se apresentar no belo auditório Simón Bolívar por um cachê menor porque não era cobrado ingresso do público e porque dava prestígio ter se apresentado ali.

¹⁶³ Idem ibidem

4.2.1 O Prêmio Estado de São Paulo teve vida curta

O Memorial nasceu com a ideia de dar o *Prêmio Estado de São Paulo*, no valor de US\$ 100 mil, “aos que contribuem ou contribuíram para o enriquecimento cultural e científico dos nossos povos”. Como afirma Alceu Nader na matéria “Reconhecimento à inteligência continental”, “junto com a inauguração do Memorial da América Latina, outra boa notícia animou os círculos artísticos e intelectuais do Continente” (Nossa América, nº 2, p 104). Que alegria não foi nos meios culturais, artísticos e científicos o surgimento de uma instituição como o Memorial da América Latina, generosa, linda e ambiciosa. O Memorial idealizado por Darcy Ribeiro aspirava se tornar uma referência nas artes e nas ciências na América Latina, a tal ponto que os principais cientistas, artistas e intelectuais do subcontinente ansiassem passar por Sampa.

Os primeiros ganhadores foram: *Manuel Elkin Patarroyo*, “um jovem médico colombiano que saltou da posição de aplicado pesquisador ao posto de líder mundial no desenvolvimento de vacinas sintéticas contra febres tropicais, ao criar a vacina contra a malária, mal que atinge mais de 200 milhões de pessoas em todo o mundo”, *Augusto Roa Bastos*, “um monstro sagrado da literatura que teve de deixar seu país, o Paraguai, para exilar-se primeiro na Argentina e depois na França, deixando atrás de si uma obra que resgata a história de um dos personagens mais contraditórios do Continente e questiona o próprio sistema verbal que utiliza”, *Leopoldo Zea*, “um mestre e filósofo mexicano que ampliou os horizontes do pensamento latino-americano e possibilitou, com suas obras e ensinamentos, a compreensão da unidade continental”, *Atahualpa Del Cioppo*, “um incansável batalhador e talentoso diretor teatral uruguaio, herói da resistência intelectual contra as ditaduras militares, que peregrinou pelo Continente formando atores e grupos teatrais” (Ibid, p 105).

Esses são os quatro primeiros ganhadores do Prêmio Estado de São Paulo, “criado pelo Memorial da América Latina para incentivar as artes e as ciências latino-americanas”. Cada um recebeu “a quantia equivalente” a 100 mil dólares, a maior premiação latino-americana e uma das maiores do mundo na época. A premiação foi entregue no dia 18 de março de 1989, quando o Memorial foi oficialmente inaugurado. (Ibid)

O dinheiro veio metade da iniciativa privada e metade do erário estadual. Oito empresas e entidades empresariais paulistas, por um lado (Fundação Cultural Safra, Vega-Sopave, Fiesp - Ciesp, Indústria de Papel Simão, Banco de Crédito Nacional, Jacques Eluf,

Duferco Trading S/A e Cia Suzano de Papel e Celulose¹⁶⁴) e os cofres públicos paulistas, por outro. Publicada na Nossa América nº 2, na página 105, a lista dos membros das comissões julgadoras, formadas por alguns dos maiores “representantes da inteligência brasileira”, vale a pena ser conferida:

Categoria Ciências Exatas, que premiou Manuel Elkin Patarroyo: Carolina Bori (Instituto de Psicologia, USP, presidente da SBPC, Luiz Gonzaga Belluzzo, Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, e Oscar Sala, Instituto de Física, USP);

Categoria Literatura, que premiou Augusto Roa Bastos: Antonio Candido, Alfredo Bosi (ambos da FFLCH-USP); e Guilhermino Cesar (professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS);

Categoria Ciências Humanas, que premiou Leopoldo Zea: Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro e Dom Paulo Evaristo Arns (cardeal-arcebispo de São Paulo);

Categoria Artes, que premiou Atahualpa Del Cioppo: Pietro Maria Bardi (MASP), Carlos Augusto Calil (presidente da Fundação Cinemateca Brasileira) e Gilberto Mendes (compositor erudito).

Para conhecermos um pouco a atuação e importância dos premiados, e imaginarmos a interação que perdemos ao descontinuar a premiação, reproduzo a seguir trechos dos textos sobre eles publicados na Nossa América nº 2:

Manuel Elkin Patarroyo -Texto de Jorge Kalil intitulado “Vitória na guerra contra a malária”:

“A entrega do Prêmio Estado de São Paulo de Ciências, em 1989, ao médico colombiano Manuel Elkin Patarroyo, transcende ao mero reconhecimento público e conduz a muitas reflexões - particularmente àquelas acerca da capacidade de os homens do Terceiro Mundo resolverem seus próprios problemas. Com apenas cinco anos de pesquisa, tempo considerado reduzidíssimo para a obtenção de resultados práticos na pesquisa científica, Patarroyo, que tem apenas 43 anos, apresentou ao mundo a vacina sintética contra a malária, que dá proteção total a 60% dos humanos inoculados e parcial a 20%, num raio de amplitude que beneficiará mais de 200 milhões de pessoas espalhadas por três continentes” (Ibid p 106).

Palavras de Patarroyo, citadas pelo autor:

“Devemos investir em áreas como física de supercondutores, biologia molecular de plantas, física e química de carboidratos, química teórica. Não será um investimento muito grande. Seis ou sete milhões de dólares serão suficientes para equipar cada um desses institutos. Com bons equipamentos podemos produzir ciência de excelência”.

“Encontrar cientistas brasileiros de bom nível em todas as partes do mundo me chama a atenção. Não tenho explicações para isso. Alguns cientistas me disseram que muitos estariam fora por razões políticas, coisa

¹⁶⁴ Revista Módulo nº 100, p 4

que eu não imaginava. O importante é que todos voltem e empurrem o país para a frente, porque o Brasil tem ‘genes’ - isto é, inteligência - e recursos. O Brasil é muito rico e tem garra para fazer as coisas. E deve fazer porque tem condições de assumir uma posição de liderança na América Latina.” (Ibid, p. 107).

Atahualpa del Cioppo: Texto de Roger Mirza, *Uma vida inteira dedicada ao teatro*:

“Excepcional personalidade artística e humana, grande figura patriarcal do teatro latino-americano, Atahualpa Del Cioppo acaba de receber, aos 85 anos de idade, o Grande Prêmio Estado de São Paulo por sua exemplar trajetória. Nascido em 23 de fevereiro de 1904, em Canelones, Uruguai, Américo Celestino Del Cioppo Fogliacco tomou o pseudônimo de Atahualpa ao publicar seus primeiros poemas”. (Ibid, p 108) [...]

“Em 1949, aluga uma velha cocheira com teto de zinco: assim nasce El Galpón. O elenco faz parte da Federação dos Teatros Independentes e é regido por seus próprios princípios: democracia interna, defesa de um teatro de arte não submetido a fins lucrativos nem a nenhum interesse particular, comercial ou político. O objetivo maior do grupo é promover a cultura como fator de liberação da consciência individual e coletiva de maneira solidária com a luta dos povos latino-americanos” (Ibid, p. 108) [...]

“à parte todo o significado político e humano da trajetória de Del Cioppo na história do moderno teatro uruguaio e latino-americano, o velho mestre construiu um estilo próprio, em que dois grandes modelos foram assimilados e reinterpretados: Stanislavski e Brecht. Sua maestria formou-se através da particular postura ética que se transfere em suas colocações, em sua exigência que é antes auto-exigência, na absoluta seriedade, na presença permanente do social e do coletivo transcendendo o individual e no ajuste entre seus princípios éticos e estéticos. “Necessitamos de um teatro que expresse a raiz histórica de um povo”, prega Del Cioppo.” (Ibid, p. 109)

Leopoldo Zea. Texto de Alfredo Bosi intitulado *O ampliador de pensamentos*:

“Leopoldo Zea não é apenas um pensador latino-americano. É o pensador latino-americano por definição: aquele filósofo para o qual o tema de fundo, sempre recorrente, e nem por isso capaz de exaurir-se, é a própria existência de um pensamento latino-americano” (Ibid, p 109). [...]

“Por outro lado, como evitar que a filosofia entre nós se converta em “reflexo da vida alheia”, expressão cunhada por Hegel para qualificar toda cultura americana feita em cópias, glosas ou plágios de ideias geradas nos centros colonizadores? Para Leopoldo Zea a resposta se encontra no critério existencial de *autenticidade*, que se opõe tanto ao estilo puramente acadêmico (na acepção menor, escolar, do termo) quanto ao diletantismo medusado pelas modas sazonais. Um e outro alimentam-se de matérias já feitas, refeitas e repetidas nas fontes de prestígio cultural. A autenticidade se afere pela posição do intelectual que começa olhando em torno de si e, mediante exercícios de sensibilidade e percepção, capta um ou mais níveis da realidade onde lhe foi dado viver e pensar”.

“É claro que houve e há distintas maneiras de refletir autenticamente a partir do ser-em-situação. Há o caminho heideggeriano do niilismo que circula angustiosamente em torno da certeza da morte individual: nessa perspectiva acabam valendo como sinônimos perfeitos o ser-em-situação e o ser-para-a-morte. Mas há as formas historicistas (marxistas ou não) que supõem a vigência de algum sentimento nas lutas, rotas e derrotas que gerações sucessivas vêm travando e sofrendo por certos valores como a

liberdade, a igualdade, o progresso material e a convivência digna entre todos os homens”.

“Leopoldo Zea escolheu resolutamente a segunda alternativa, construindo a ponte entre o existencialismo e a filosofia entendida como interpretação das correntes culturais vivas em certos tempos e espaços sociais” (Ibid, p. 109, 110).

Augusto Roa Bastos - Texto de Artigo de Grecia de la Sobera, “Ao mestre com carinho”:

Ela abre o texto citando Ángel Rama sobre Roa Bastos:

“Um monumento narrativo. Uma dessas invenções fora da série conhecida do romance a que estamos habituados, espécie de monstro ou animal mitológico dos que - algumas poucas vezes - irrompem na literatura latino-americana, dela extravasam com sua excepcionalidade algo aberrante e ao mesmo tempo dão a medida de suas potencialidades. Uma eventualidade criativa que o século XIX parecia ter esgotado com obras como *Os sertões* e *El Facundo*, que o século XX, já tão disciplinadamente profissional, não se havia atrevido a encarar (...)”¹⁶⁵

Com essas palavras, Ángel Rama sublinha a importância e o caráter híbrido, tanto político como literário, de *Yo el Supremo*, de Augusto Roa Bastos.

Sem mencionar nomes próprios - questão que por si mesma merece reflexão -, reconhecemos no *Supremo* de Roa o doutor José Gaspar Rodríguez de Francia, mentor da independência do Paraguai, que nos seus vinte e seis anos de governo (1814 - 1840) concentraria o poder mais absoluto e se imortalizaria como uma das personalidades políticas mais intrigantes do século XIX latino-americano. Inspirado nas ideias da Ilustração e no exemplo da Revolução Francesa, seu grande projeto foi a criação de um país independente, fora da tutela espanhola e de eventuais pretensões anexionistas de Buenos Aires (Ibid, p. 110). [...]

Assim, passado mais de um século, a personagem do doutor Francia tem sido vista de várias perspectivas: foi herói anticolonial e ilustrado da independência, bárbaro adversário e vilão do livre intercâmbio, encarnação das virtudes paraguaias necessárias à regeneração nacional do pós-guerra e precursor, finalmente, do anti-imperialismo da década da revolução cubana.

Pois bem, passando ao plano literário, quando Roa, por sua vez, o apanha como tema, o faz dentro de pautas de literatura de vanguarda. O desejo, propriamente vanguardista, de superar a distância entre arte e vida, assim como a separação entre os gêneros, estão presentes no caráter compósito de *Yo el Supremo*, onde - para desconcerto de seus críticos - coexistem “história, romance, ensaio sociológico, filosofia moral, biografia romanceada, panfleto revolucionário, documento justificativo, poema em prosa, confissão autobiográfica, debate sobre os limites da literatura, questionamento do sistema verbal”¹⁶⁶

O Prêmio Estado de São Paulo no valor correspondente a US \$100 mil foi objeto do decreto nº 31.258, de 23 de fevereiro de 1990, que “dispõe sobre a outorga” da premiação de que trata o artigo 4º, inciso III, da lei nº 6.472, de 28 de junho de 1989, que dá

¹⁶⁵ RAMA, Ángel. “El dictador letrado de la Revolución latinoamericana”. In: **Crítica de la cultura latinoamericana**, Caracas, Biblioteca Ayacucho, v. 119, 1987, p. 307, citado por SOBERA, Grecia de la. Revista Nossa América/Nuestra América, nº 2, SP: Memorial da América Latina, maio/junho de 1989

¹⁶⁶ RAMA, Ángel. op. cit., p. 307.

contornos legais ao Memorial. Segundo o artigo 2º, “os Prêmios Estado de São Paulo serão destinados a personalidades latino-americanas que mais se destacaram nas áreas de Artes, Literatura, Ciências Humanas e Desenvolvimento Científico”. Caberia a uma comissão - escolhida pelo Conselho Curador do Memorial, “composta por 3 (três) especialistas, radicados no Brasil, de reconhecida notoriedade na respectiva área concorrente à premiação” - a indicação dos laureados, uma área a cada ano (só na inauguração do Memorial foram 4 premiados).

Segundo o decreto, no artigo 7º, “os recursos necessários ao cabal cumprimento das disposições deste decreto deverão, preferencialmente, provir de doações feitas segundo a disciplina da Lei Federal n.º 7.505, de 2 de junho de 1986”. Essa era a Lei Sarney, que antecedeu a Lei Rouanet, e dispunha sobre “benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico”.¹⁶⁷ Essa lei foi pioneira no campo do incentivo fiscal. Em 1990 ainda era uma novidade e poucos sabiam utilizá-la. Provavelmente por isso, o Memorial teve dificuldades em conseguir patrocinadores. Na dúvida, cancelaram o prêmio em 1993, como veremos adiante. Além dos citados acima, o único laureado seria Orlando Villas Boas.

¹⁶⁷ **Lei Sarney foi pioneira no incentivo à cultura.** Disponível em : <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/12/20/lei-sarney-foi-pioneira-no-incentivo-a-cultura> Acesso 12.12.2022.

4.2.2 Contradições dificultavam o processo de consolidação do Memorial

Imagem 15: As entranhas do Memorial em construção



Fonte: Memorial da América Latina, 1988

Da esquerda para a direita: o concreto armado nu e cru do que será o restaurante (e depois galeria), o Pavilhão da Criatividade e sua marquise, a biblioteca (e seu lençol freático a pequena profundidade) e a Aula Magna

Sem tempo para ficar amargando frustrações, Darcy Ribeiro entra na década de 1990 mergulhado no trabalho teórico e decidido a retomar a carreira política. Em três de maio de 1990 ele escreve para Amaral Lapa, do Centro de Memória da Unicamp, que havia lhe enviado uma lista dos assuntos que a revista *Resgate* ia abordar:

Meu querido Amaral Lapa,

Gostei muito do sumário do nosso *RESGATE*, fico aqui esperando meu exemplar. Gostei também da sua ideia de publicar uma entrevista minha no próximo número. [...]

Ando metido até o pescoço nas suas águas historiográficas, quase me afogando, com dois projetos ambiciosíssimos.

Primeiro, a reconstituição do processo de que se gestaram os brasileiros e

com eles o Brasil, que me ocupa há vinte anos, sem que consiga concluir nem largar. Para escrevê-lo é que compus minhas teorias de nós nos Estudos de Antropologia da Civilização. Segundo, uma coletânea de documentos básicos no século XVI e XVII, sobre a invenção do Brasil de que mando um esboço, pedindo achegas.

Nas eleições de 1990, Darcy Ribeiro concorreu ao cargo de senador da República. Ele havia se afastado do Memorial para se dedicar à campanha. Como já mencionado, a curadora Maureen Bisilliat estranhou o sumiço repentino dele, sem dar satisfações (informação pessoal). Maureen está prestes a completar 92 anos. Durante 2022 fui visitá-la várias vezes em sua casa, dentro de um estabelecimento comercial, nos Jardins, em São Paulo. Maureen mora no interior de uma loja de decorações, onde funcionava, até o início dos anos 1990, a sua Galeria O Bode. Darcy conseguiria se eleger. Ele iria assumir sua posição no Senado em fevereiro de 1991. Sua nova condição colocava outras questões, como Amaral Lapa dá a entender em carta de 8 de outubro de 1990, da qual reproduzo trecho. O professor da Unicamp capta a apreensão do momento lançando mão do poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade:

E agora, Darcy?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, Darcy?
e agora, você?

você marcha, Darcy!
Darcy, para onde?

Senador da República. A política acaba lhe conferindo, aquilo que a ciência e as letras poderiam ter feito nesta altura da vida, i.e., ser “Pai da Pátria”. Ave!¹⁶⁸

Ao contrário daquela carta anterior, quando Darcy se coloca numa posição paterna em relação ao Memorial, nesta resposta a Amaral Lapa ele diz “não estar disposto a encarnar a máscara de pai ou de filho” do Senado ou do país. E aponta as duas carências das quais é feito, ideia que Darcy retoma no seu último livro, o autobiográfico *Confissões*. O rascunho manuscrito do acervo da Funda não tem data:

Meu querido Lapa,

¹⁶⁸ Idem ibidem

Gostei muito da sua carta. Aliás, gosto sempre. E você até poderia me escrever mais para me dar gosto. Vou para o Senado sem nenhuma disposição de encarnar a máscara de pai ou de filho. Acho, aliás, que ao contrário do que diz Freud, sou feito é de duas carências: a de não ter tido pai que me domesticasse, felizmente fiquei órfão aos 3 anos e a de ainda não ter tido filhos para domesticar.

4.2.2.1 Niemeyer escreve a Quércia sobre problemas no Memorial

Enquanto isso, o Memorial ia se aprofundando nas suas contradições, segundo os próprios fundadores. Oscar Niemeyer, por exemplo, foi obrigado a negar à etnóloga Berta Gleizer, com quem Darcy foi casado por três décadas, o foyer do auditório da Aula Magna para que ela organizasse uma exposição sobre a cultura material dos indígenas. Ela escreveu o seguinte bilhete ao seu ex-marido:

Rio, 19 de julho de 1990.
Caro Darcy,

Oscar me telefonou hoje de São Paulo dizendo-se constrangido por não poder fazer a exposição no foyer do auditório do Memorial. Prometeu falar com Marcos Londra para ver se é possível montá-la no Museu de Arte Moderna ou no prédio da Manchete, aqui no Rio. Ele foi muito atencioso. Em Brasília está tudo parado quanto ao Pedagogium.

Abraços, Berta
P.S. Oscar falou que dentro de 4 meses estaria pronto o Salão de Exposições do MEMORIAL.

Antes de telefonar à Berta, Niemeyer havia lhe enviado uma cartinha de recusa, em tom seco. A correspondência evidenciava que o uso do foyer da Aula Magna para exposições ou feiras lhe desagradava. Oscar Niemeyer menciona, inclusive, a possibilidade de se construir um novo salão de exposições fora do auditório. Vale lembrar que ainda não existia a Galeria Marta Traba. Os longos corredores entre as plateias A e B da Aula Magna podiam receber exposições e, inclusive, eram chamados de Galerias do Memorial. Mas não eram espaços nobres e de fácil acesso. Niemeyer escreveu:

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1990.

Prezada Berta,

Recebi seu livro, admirável, mas com relação à exposição a ser feita no hall do auditório, devo ser coerente e manter o que em carta, por várias vezes reclamo.

Junto a cópia da última carta que sobre o assunto escrevi à direção do Memorial. Nela você vai encontrar as razões da minha atitude contra tais exposições.

A solução que proponho e que pode ser realizada em cinco meses resolveria seu problema,

abraço,
Oscar Niemeyer.

A carta anexa mencionada por Niemeyer é esta a seguir:

Rio, 27 de junho de 1990

Prezada Angélica,

Fui informada da exposição realizada no hall do auditório, ocupando-o durante dias, dando a esse espaço com tanto empenho criado o aspecto lamentável de uma utilização indébita.

O hall faz parte do auditório, é o foyer que completa sua arquitetura, um espaço que o enriquece e, sem dúvida, espetacular.

Já propus e insisto nessa ideia de se construir próximo ao auditório um verdadeiro salão de exposição.

A arquiteta Cecília¹⁶⁹ tem esquema desse projeto e aqui fica o meu apelo para que não mais permita tais exposições que considero um desrespeito ao meu trabalho de arquiteto.

Certo de contar com sua sensibilidade e compreensão, envio-lhe um abraço. Oscar N.

Oscar Niemeyer não queria que a solução arquitetônica encontrada por ele para o foyer, com sua parede de espelho refletindo a rampa no vazio, fosse maculada por qualquer ocupação não prevista ou aprovada por ele. É um lugar para pessoas circularem e usufruírem da beleza arquitetural. Essa questão vai permanecer até 1994, quando Fábio Magalhães, ao assumir o Memorial, recebe uma carta de Darcy Ribeiro o chamando de “novo imperador da América Latina” e acrescenta:

Meu último pedido ao governador paulista, que não teve êxito, foi o de comemorar o centenário do mais criativo dos paulistas, edificando um espaço Mário de Andrade destinado a abrigar exposições que são indispensáveis ao Memorial. Veja se você pode fazer. É coisa barata. Já tem local previsto. Oscar já fez o projeto. Tenho também especial carinho pela revista do Eric que gostaria muito de vê-la circulando, bela tal qual é.¹⁷⁰

¹⁶⁹ A arquiteta é a Maria Cecília Scharlach, que trabalhou com Niemeyer durante a construção e após a inauguração, tinha sala no Memorial e “vigiava” se tudo estava nos conformes do projeto oscárico.

¹⁷⁰ Acervo da Biblioteca da América Latina, do Memorial. Ela foi publicada na íntegra na revista Nossa América nº 60, p 6

Fábio Magalhães não construiu um novo espaço para exposições no Memorial, mas desativou o restaurante temático latino-americano (que começou a ser explorado pelo *chef* e jornalista Sílvio Lancellotti, mas nunca deu certo) e o transformou na Galeria Marta Traba. Para isso, foi preciso uma reforma e a retirada da azulejaria de Athos Bulcão, que lá estava. Evidentemente, não poderia haver uma obra de arte permanente dentro de uma galeria de exposições temporárias (especialmente o trabalho de Athos Bulcão, cujo jogo geométrico capta o olhar). Ela então foi transferida, em parte, para a lanchonete que fica ao lado do Pavilhão da Criatividade, atualmente fechada. Essa mudança teve a aprovação e supervisão do escritório de Oscar Niemeyer. A Marta Traba foi inaugurada em 1998. O nome é uma homenagem à crítica de arte argentina, árdua defensora e militante da arte moderna latino-americana, que vivia entre a Argentina, o Uruguai, a Venezuela e a Colômbia. Ela era casada com Angel Rama, intelectual uruguaio muito amigo de Darcy Ribeiro. O casal morreu no acidente aéreo do voo Avianca 011 Frankfurt - Bogotá, que caiu quando se preparava para pousar no aeroporto de Madri, em 29 de novembro de 1983.

Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro acompanharam de perto o primeiro ano do Memorial e aos poucos foram perdendo a paciência. Oscar Niemeyer, por exemplo, em carta de 31 de janeiro de 1990, escreveu à diretora do Memorial, Maria Angélica, com cópia para o governador (ver Anexo B) nos seguintes termos:

Prezada Angélica,

De passagem por São Paulo sinto necessário expor alguns problemas que, a meu ver, deveriam ser esclarecidos no Memorial. E como não desejo perturbar seu ritmo de trabalho e você para eles não me convocou, dou a seguir os itens que tratam dos mesmos. São problemas ligados à arquitetura e de interesse comum, o que me deixa à vontade para tratá-los com a franqueza que uma colaboração honesta exige.

Ambulatório

Transformar o local de informações num Ambulatório para os funcionários do Memorial me parece absurdo. Primeiro porque o local é pequeno para isso; segundo, porque um ambulatório dessa natureza poderia ser construído num outro lugar, evitando uma concentração de funcionários que perturbar o serviço de informações, muito procurado. Pelas mesmas razões fui contra balcões de vendas no local.

Fernando Lemos é um companheiro que desde os primeiros dias vem trabalhando no Memorial. Daí sugerir sua inclusão no Conselho de Divulgação, responsável que é pelo projeto de identidade visual do Memorial, que eticamente deveria ser respeitado em sua íntegra.

Anexo dos Congressistas

A transferência do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos para o Anexo dos Congressistas poderia, a meu ver, esperar a ampliação prevista para o mesmo. O lugar pretendido é, de acordo com Darcy Ribeiro, indispensável ao bom desempenho dos congressos e outros eventos. A ele o público deveria ter amplo acesso.

A escultura doada pelo Suriname continua exposta no Memorial. Desde o início ficou estabelecido que à arquitetura cabe decidir sobre esses assuntos, e como as obras de arte desejáveis já foram compradas, aceitar outras em donativo - em geral ruins - seria criar um problema insolúvel.

Propaganda

Lamento os grandes painéis de propaganda colocados por ocasião dos 'shows' no auditório, prejudicando o conjunto da arquitetura. A solução proposta, em localizá-los na parte posterior do auditório - no estacionamento - é mais apropriada.

Pintura

Foi estabelecido anteriormente que a pintura externa dos edifícios deveria ser feita de três em três anos. Isso agora se faz indispensável, pois os que visitam o Memorial e tiram fotos para publicação no exterior, começam a lamentar o aspecto lamentável que terão suas fotografias. E lembro que a execução da pintura não correspondeu às especificações do fabricante, o que garantiria sua manutenção e maior durabilidade.

Mobiliário

Com o apoio do Senhor Governador me foi permitido escolher todos os móveis do Memorial entre as linhas mais modernas. Com tristeza sinto que essa norma começa a ser esquecida. Móveis são transportados de um local para outro contrariando a distribuição programada. E não posso deixar de lamentar os armários colocados na fachada do seu gabinete, cortando a bela vista da praça, quebrando a harmonia que vem sendo mantida em todo o conjunto.

Restaurante

Até hoje o restaurante não foi inaugurado, prejudicando o bom acolhimento ao público que é impedido inclusive de visitá-lo, pois a entrada está obstruída por mesas empilhadas. E se considerarmos que o restaurante é elemento indispensável ao conjunto, resolver seu funcionamento me parece coisa prioritária.

Veículos na praça

Desde os primeiros dias insisti na importância de que as praças seriam mantidas apenas para pedestres. Deixar que veículos nela transitem ou estacionem é uma interferência que desvirtua o espírito com que foram concebidas. Para evitar tal procedimento, o meio-fio foi feito com 20cm de altura ao longo de toda a praça.

Para mim, como arquiteto do Memorial, impedir carros na praça é assunto básico na preservação do meu projeto.

É claro que o Darcy deveria fazer parte do Conselho Curador e a Comissão da qual participamos ter objetivos e regulamentação específica que justificassem a nossa presença no Memorial.

É só, Angélica. Quando achar útil e tiver tempo livre, continuarei à sua disposição.

Oscar Niemeyer

c.c para o Senhor Governador do Estado, Orestes Quércia

Como já mencionei, Oscar Niemeyer mantinha no Memorial a arquiteta Cecília Scharlach como guardiã da pureza arquitetônica do seu projeto, que incluía o desenho do mobiliário que não podia ser mudado. Ele ficava ciente das coisas através dela. Pode-se argumentar que era um exagero exigir que tudo ficasse intocável. Mas Niemeyer sabia o que estava fazendo. Sua longa experiência com gestores públicos o havia ensinado. Não vou analisar a sua carta item por item, mas apenas me deter em um deles, o de número 9, intitulado “Veículos na praça”. Niemeyer não deixa dúvidas quanto a ter veículos nas dependências do Memorial: “Para evitar tal procedimento, o meio-fio foi feito com 20 cm de altura ao longo de toda a praça. Para mim, como arquiteto do Memorial, impedir carros na praça é assunto básico na preservação do meu projeto.”

Adriana Beretta e Aparecida da Graça Guimarães, trabalhadoras remanescentes da inauguração do Memorial, bem como Juçara Carbonaro, que era gerente do auditório Aula Magna, na época, garantem que desde o início o conjunto arquitetônico é cercado por grades de ferro tal como hoje. Mas as palavras de Niemeyer - “para evitar tal procedimento (os carros entrarem no Memorial), o meio-fio foi feito com 20 cm de altura ao longo de toda a praça” - sugerem que o complexo foi pensado, originalmente, sem o cercamento. É o que me confirma Eduardo Farsetti, que trabalhava no Memorial na ocasião: “Na época da inauguração cada prédio do Memorial tinha de 4 a 8 seguranças, porque a ideia era que eles funcionassem como unidades independentes abertas para as duas grande praças, a da Sombra e a Cívica, que sem grades estariam mais vulneráveis, digamos, a questões de segurança predial”. No entanto, o cercamento do Memorial se saiu vitorioso, depois de uma disputa que não deixou registro. Conforme Farsetti explica, desde a inauguração, “a grade sempre existiu, embora Darcy fosse contra, pois contrariava a filosofia da praça aberta ao povo”.

Essa questão - cercamento do Memorial - levantou outra polêmica alguns anos depois. Leonor Amarante, editora da revista Nossa América, pediu ao poeta Fábio Weintraub, que então trabalhava no CBEAL como subeditor, para escrever uma matéria sobre o que ela chamou de os “trilhos da cultura”. Era para ele abordar as instituições culturais que se espalhavam ao longo da linha do trem, entre as quais, o próprio Memorial. E foi o que ele fez. Na época, Weintraub já estava “explorando representações da cidade na poesia brasileira dos anos 1990 em diante”, tema que seria posteriormente aprofundado por ele em tese de

doutorado defendida na FFLCH-USP. Invariavelmente, em sua análise, ele detectou instituições fechadas em si mesmo, temerosas do seu entorno, como a Sala São Paulo, a Pinacoteca, o Teatro São Pedro e o próprio Memorial da América Latina. É claro que o texto autocrítico foi rejeitado pela editora Leonor Amarante e pelo presidente Fábio Magalhães como sendo um “tiro no pé”. No entanto, a ponderação de Weintraub era não só pertinente, como permanece atual. “Eu falava das grades como obstáculo à vocação pública do espaço, e da dissociação entre a dimensão estatal e a dimensão pública (um equipamento estatal submetido à lógica privatista)”, diz o autor, 22 anos depois. O texto acabou saindo no caderno Sábado do Jornal da Tarde de 10 de março de 2001. Depois de apresentar a morfologia da cidade moderna, de Baudelaire a Heitor Frúgoli Jr, Weintraub aborda o insulamento do Memorial da seguinte forma:

Continuando na Barra Funda, vamos encontrar um relacionamento igualmente difícil com o entorno numa instituição como o Memorial da América Latina. Projetado por Oscar Niemeyer para funcionar como um centro de integração dos povos latino-americanos pelo vértice de suas manifestações culturais, a verdade é que o Memorial, a despeito do valor de seu acervo, da diversidade de seus equipamentos (biblioteca, auditório, galeria...) e dos altos índices de visitação, ainda hoje, mais de uma década após sua inauguração, parece não ter se integrado de um modo adequado à paisagem da cidade e à vida de seus habitantes. Sinais desse insulamento podem ser encontrados por toda parte. Nas grades que acompanham o conjunto arquitetônico em toda a sua extensão, restringindo o fluxo de pessoas em seu interior e deixando do lado de fora os camelôs, os carroceiros, os vendedores de “caldo-de-cana” e toda sorte de pessoas que circulam pela região. No fechamento duradouro da passagem que liga o Memorial, definida como a principal porta de entrada no projeto de Niemeyer. Na falta de vegetação (excetuando o exíguo paliteiro de palmeiras entre o Parlatino e o Pavilhão da Criatividade), que torna pouco suportáveis as distâncias que o visitante deve vencer para ir de um prédio a outro, especialmente nos dias de sol intenso, quando a luz cai como um castigo sobre a vastidão branca”.¹⁷¹

Quanto aos carros, nota-se que em janeiro de 1990, Niemeyer já reclamava de veículos nas praças do Memorial. O que ele diria hoje, em que não só carros, mas caminhões circulam através delas para descarregar e carregar equipamentos e grandes estruturas de metal e madeira para montar palcos, barracões, estandes de vendas? Depois dessa carta, Niemeyer foi se afastando cada vez mais do Memorial. Quando me apresentei como sendo da Fundação, naquela entrevista publicada anteriormente, ao lado do “último comunista inglês”, a primeira

¹⁷¹WEINTRAUB, Fábio. **Circulação impedida: a cultura encastelada**. Jornal da Tarde, 10 de março de 2001, Caderno de Sábado, p 1D

coisa que Niemeyer me disse foi “parece que as coisas estão meio abandonadas por lá, não?”
Era o ano de 2008.

4.2.2.2 Darcy escreve a Quércia sobre o perigo da “secura de ideias” no Memorial

Devidamente arquivada numa pasta denominada “Projeto Memorial - Darcy R.”, na biblioteca do Memorial, há uma carta de Darcy Ribeiro ao governador Orestes Quércia na qual ele dobra a aposta. Se, conforme notou no primeiro ano de vida da instituição, o Memorial não se realizaria como ele projetou, era hora não só de cobrar o que lhe prometeram, como também fazer mais exigências. O governante que ficasse com o ônus de não atendê-lo. Por algum motivo, a correspondência foi incluída no dossiê “Seminários e Congressos” dos primórdios do Memorial. O documento não tem data certa, mas a expressão “no ano passado” no parágrafo que se refere à premiação indica que ela é de 1990. No trecho sobre a revista Nossa América, Darcy diz igualmente “passado um ano desde a inauguração”. Ela deve ser, portanto, de março de 1990. Mais que determinar a sua data exata, o importante é conhecê-la. Por meio dela, o antropólogo verbaliza as dificuldades para ver concretizado o que havia idealizado. E põe a boca no trombone:

Confesso, governador, que o coração me aperta de angústia com o que pode suceder no Memorial da América Latina, tão seu. Sem sua vontade, ele não existiria. Tão nosso, de Oscar e meu, que fizemos dele nosso sonho maior. Falando francamente, meu medo maior é que, se o senhor não o concluir, ninguém o concluirá. Uma obra assim - o mais importante conjunto arquitetônico da nossa geração - ficaria capenga, seria um desastre. E isso pode ocorrer, porque para cumprir os prazos em que ele teve que ser feito, e por não existir outro terreno, tivemos que escolher aquele, no qual a água aflora a um metro e meio da superfície. Por essa razão, vários componentes indispensáveis não puderam ser feitos. O que poderá ser, no futuro, questionado. Realizar essas obras complementares, absolutamente indispensáveis, é um desafio colocado ao seu governo, para que se justifique plenamente a glória de ter edificado o Memorial da América Latina:

1. A complementação da Biblioteca, que deveria ter um subsolo de 94 x 70 metros, se fosse praticável. Não sendo assim por causa do lençol de água existente no subsolo, muito próximo da superfície - essa complementação deverá assumir a forma de uma torre, que Oscar Niemeyer já desenhou, e cuja edificação é imperativa. Nela é que se contará com o depósito para 250 mil livros, um auditório de 250 lugares e quatro outros, de cem cada um, a direção e administração da Biblioteca e do Salão de Atos, bem como as 24 cabines de leitura, som e imagem, destinadas aos estudiosos que no Memorial farão suas teses de doutorado sobre temas latino-americanos.

2. O mesmo ocorre no Pavilhão, que será exacerbadamente criticado no futuro como uma coisa antiquada, porque há mais de um século não se concebe um museu sem depósito ou armazém. Para isso foi reservada uma área no terreno que o senhor desapropriou para ser o estacionamento do

terminal da Barra Funda, do qual o Pavilhão está se apropriando e onde deverá ficar o grande armazém e a grande área de serviços do Pavilhão e também do Memorial. Recordo aqui que a entrada nobre do Memorial, desenhada para permitir a visão de toda sua grandeza, se dá pela escadaria, que deve ser subida a pé, pois jamais ninguém deverá entrar de automóvel em seu recinto.

3. Um defeito decorrente do êxito do Memorial se deve ao fato de que a Aula Magna, que funciona como auditório, tenha uma ocorrência de público tão grande que, ao ter sucesso, duas mil pessoas lá dentro aplaudem o governador, e lá fora, três mil o vaiam. Oscar Niemeyer resolveu essa questão criando o que no Rio de Janeiro chamamos de "Praça da Apoteose", que dará espaço para que 60 mil pessoas transformem o lugar no umbigo de São Paulo, amandi-amado por todos os paulistanos. No mesmo espaço se recomenda também estender a área útil do Pavilhão da Criatividade, pelos sete metros do que é hoje o corredor, criando outra área. Lembre-se, Governador, que o maior êxito do Memorial é esse Pavilhão, que atrai dezenas de milhares de pessoas todos os fins de semana, porque o artesanato popular é uma linguagem na qual todos se identificam, o que justifica plenamente sua ampliação.

4. Meu coração pede também um complemento que coroaria o Memorial como a expressão maior da América Latina, com a construção do Museu da Forma, integrado por reproduções de fibra de vidro das obras máximas da escultura latino-americana, que é o ponto mais alto da criação artística. O Museu de Antropologia do México já aquiesceu em copiar suas 25 maiores obras; o governo do Peru concordou em que copiássemos o templo de Machu Picchu. Estou certo de que essas obras, junto às únicas capazes de dialogar com elas - as criações supremas do Aleijadinho - darão ao Memorial uma dimensão ainda maior do que a ele já tem. Oscar Niemeyer já desenhou isso, e essa obra deve ser edificada no prédio da Vila da Fepasa, que foi desapropriado para esse fim.

Outro capítulo das minhas angústias, governador, e para o qual peço remédio, diz respeito ao programa de funcionamento do Memorial. Cada uma de suas edificações foi planejada para cumprir um certo objetivo, perfeitamente especificado. Concordo perfeitamente em que esse programa possa ser mudado, substituído por outro, que possa ser adequado àquele conjunto arquitetônico. O que é inadmissível é abandonar esse programa, para deixar o Memorial entregue às improvisações. Ocasionalmente podem até ser geniais, mas que habitualmente o afundariam na mediocridade. Estou seguro, meu caro governador, de que nesse caso se justificará perfeitamente dizer que o Memorial é um elefante branco ou uma obra faraônica, porque sua grandeza e beleza arquitetônica não justificariam jamais o saber que ele existe.

As linhas básicas de ação que iriam fazer o Memorial o que ele deveria ser - a casa da cultura latino-americana - podem ser assim resumidas:

1. Ele será mais importante que as universidades do Estado de São Paulo, se for a grande universidade sem alunos e sem professores porque pertence a todos os professores e todos os alunos. Para tanto, é preciso que se cumpra o programa de realizar, a cada mês, sem faltar nenhum, um seminário de balanço crítico do saber. Esses seminários deverão trazer a São Paulo os quatro maiores especialistas da América Latina, e seus quatro equivalentes brasileiros, para discutirem o estado de seu campo de ação.

Cada participante fará uma conferência sobre sua própria obra, o que certamente atrairá as atenções de seus colegas brasileiros. As conferências serão depois reunidas num livro, deixando registro desse balanço.

2. A outorga dos prêmios de US \$100 mil não pode ser interrompida, porque se destina a elevar São Paulo à condição de juiz da qualidade da produção nos campos das artes, ciências, humanidades e letras. No ano passado, demos quatro prêmios. Daqui em diante devemos dar um por ano, nessa ordem, que é a alfabética. Recordo o governador que corremos o risco de que se tente cometer a cretinice de dar esse prêmio em cruzados. Suponho que os defensores dessa ideia pensem também que o premiado possa ir a uma casa de câmbio trocar esse dinheiro por dólares no mercado negro, e com isso correr o perigo de ser preso na alfândega.

3. É igualmente indispensável regulamentar de imediato, e difundi-las, as bases dos dois concursos anuais do Memorial. O primeiro deles deve dar a três intelectuais latino-americanos condições materiais de escrever uma obra para a qual tenham se preparado a vida inteira, concernente a temas altamente relevantes: uma sobre a América Latina, outra sobre o Brasil e uma terceira sobre São Paulo. Suponho que se deveria financiá-los com o salário mais alto da USP mais 20%, por um período de doze meses, para nos dar a oportunidade de realizar o que nenhuma universidade do continente faz: publicar três livros importantes por ano sobre nossos temas e problemas. O segundo concurso destina-se a ter imensa repercussão, e consiste em selecionar, entre cartas escritas por intelectuais jovens e recém-formados, os 10 brasileiros que mandaremos a países latino-americanos, os hispano-americanos que virão ao Brasil, e os paulistas que visitarão o resto do nosso país sem outro compromisso que o de se desprovincializar, se informar e formar outras gerações.

Outras tantas bolsas de número tão grande quanto for possível, o Memorial deve dar, custeada por empresas internacionais, para permitir que jovens de nosso país entrem em contato com outras realidades culturais e sociais, nos países de origem dessas empresas.

É óbvio que tratando-se nesse caso de meras candidaturas de pessoas formadas há menos de cinco anos, o indispensável é difundir competentemente o concurso. Em função da excelência dessas bolsas, que chovam cartas na mesa do governador de São Paulo.

4. Também me preocupa, senhor governador, a questão da revista do Memorial. Ela foi pensada para ser a tribuna livre, o ponto de encontro das mais altas expressões das artes e da cultura do continente. E, no entanto, passado um ano desde a inauguração do Memorial, apenas um número circulou.

5. Sabe bem o governador do interesse do qual nos revestimos, Oscar e eu, para atender o honradíssimo convite que nos fez, para ajudá-lo no planejamento e na implantação desta obra. Oscar Niemeyer está sempre a dizer que o Memorial foi o projeto que mais o aquiesceu em seu próprio coração. Eu digo o mesmo, para significar que gostaríamos de continuar vinculados a esse empreendimento incomparável, na condição que o iminente governador decidir. Não nos preocupam salários e ganhos, mas nos preocupa supremamente ter alguma influência sobre o andamento e o destino do Memorial, como vozes que devem ser ouvidas - ainda que não atendidas - porque ele não é só, governador Orestes Quércia, um de seus sonhos

realizados: é também um sonho nosso, que queremos ajudar a florescer e defender dos riscos de uma secura de ideias, que o faria murchar para sempre.

Assinado: Darcy Ribeiro

4.3 O circo descobre as praças do Memorial

Depois da fase áurea da programação artística, nos primeiros três a quatro anos do Memorial, a verba começou a escassear cada vez mais e o Auditório Simón Bolívar teve que se contentar em contratar artistas cujo auge já havia passado ou estavam fora da mídia. Havia exceções em datas especiais, como nos aniversários do Memorial. Tal como Sísifo¹⁷², os diretores do Memorial a partir da presidência de Fábio Magalhães (1995 a 2003) bem que tentaram empurrar a pedra até o cume da montanha, mas uma força maior que a deles a impelia de volta. E era preciso recomeçar do zero. Até que largaram a mão. É o que o depoimento de Eduardo Farsetti deixa transparecer:

Mas eu, o Fábio Magalhães, o Melfi¹⁷³ e o Leça¹⁷⁴, sempre brigamos pela ideia do Governo do Estado garantindo a manutenção mínima do Memorial, com dinheiro do Tesouro, e aquilo que fosse conseguido de receita própria, com nossos esforços, seria destinado exclusivamente para custeio das atividades fim. Veja o quanto mais poderia ter sido feito se esse propósito fosse, de algum jeito, alcançado. Mas tudo parou com o João Batista¹⁷⁵, que se acomodou e não quis batalhar para que isso acontecesse. E muito menos foi realizado nesse sentido por quem veio depois dele. É, portanto, uma questão política, não técnica: se o Presidente em exercício não quiser “incomodar” o Governador, isso nunca vai mudar.¹⁷⁶

Não é por acaso que, para Eduardo Farsetti, “João Batista de Andrade se acomodou”. Foi na gestão dele que o ciclo de decadência ganhou contornos dramáticos (ele assumira em janeiro de 2013), quando um sinistro se abateu sobre o Memorial. Na tarde de 29 de novembro de 2013, sexta-feira, um incêndio de grandes proporções consumia as instalações internas do Auditório Simón Bolívar, incluindo a tapeçaria de 620 m² de Tomie Ohtake¹⁷⁷. O

¹⁷² Herói grego que enganou a morte duas vezes e por isso foi condenado pelos deuses a empurrar morro acima uma grande pedra de mármore. Quando Sísifo estava se aproximando do topo, uma força impelia a pedra para baixo. E ele era obrigado a começar tudo de novo. Por toda a eternidade.

¹⁷³ Adolpho José Melfi dirigiu o Centro Brasileiro de Estudos da América Latina de 2007 a 2013. Foi reitor da USP de 2001 a 2005, onde, atualmente, é professor titular sênior lotado no Instituto de Energia e Ambiente. <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoa/adolpho-jose-melfi>

¹⁷⁴ Ver nota 55

¹⁷⁵ João Batista de Andrade, ver nota 21

¹⁷⁶ Entrevista com Eduardo Farsetti de treze de dezembro de 2022

¹⁷⁷ O incêndio do Auditório Simón Bolívar (2013) se soma a outros que também consumiram instituições culturais, nos últimos anos, como o Museu de História Natural da UFMG (2020), Museu Nacional (2018), Cinemateca Brasileira (2016), Museu da Língua Portuguesa (2015), Centro Cultural do Liceu de Artes e Ofício (2014), Teatro Cultura Artística e Instituto Butantan (ambos em 2010). Sobre o assunto, ler o texto **Memória em chamas: incêndios em patrimônios históricos, culturais e científicos**, escrito por Antonio Fernando Berto, do Laboratório de Segurança ao Fogo e a Explosões do IPT, disponível em : <https://www.aecweb.com.br/revista/materias/memoria-em-chamas-incendios-em-patrimonios-historicos-culturais-e-cientificos/20202> Acesso em 17.12.2022

prédio ficaria fechado por quatro anos para a recuperação das suas dependências, restauração das suas obras de arte e modernização das instalações elétricas e contra incêndio. Ora, o Simón Bolívar era responsável por cerca de 80% da receita própria do Memorial. A solução encontrada por João Batista de Andrade para substituir a renda do auditório foi aumentar o uso da Praça Cívica. Se Oscar Niemeyer queria que nela houvesse o “encontro de multidões” para ouvir seus líderes anunciarem, do alto do parlatório, pactos históricos visando a integração política, econômica e cultural - o que se deu a partir de 2013 foi a descoberta pela sociedade paulista de um locus favorável a grandes eventos comerciais. Ora, a Praça Cívica do Memorial é perto do centro da cidade e ao lado de um terminal intermodal de ônibus, trem e metrô. Ela tem ao centro a *Mão*, talvez o principal símbolo latino-americano de São Paulo. Dois aspectos muito valorizados da Praça Cívica ou Praça do Sol são que ela faz parte de um conjunto arquitetônico protegido por grades de ferro e é servida por amplo estacionamento próprio. Além disso, o locador tem à sua disposição quase todos os funcionários do Memorial: os administrativos que fecham os contratos e dão seguimento à parte burocrática, os produtores de eventos, que passam as informações, fiscalizam e protegem o patrimônio, o pessoal da manutenção (eletricista, encanador, serviços gerais etc), que apoia os montadores dos eventos privados, bem como os funcionários da limpeza e da segurança. E, o que talvez seja mais importante, o locador tem a assinatura de Oscar Niemeyer para reforçar sua marca, talvez a grife mais valorizada do Brasil. Em vista de todas essas vantagens, o aluguel do espaço sai barato (ver Anexo E).

Mesmo antes do incêndio do Simón Bolívar, as áreas abertas do Memorial já vinham recebendo lonas de circo. A lona de circo pioneira tinha 26m X 34m, um único picadeiro e 500 cadeiras. Ela foi montada na Praça da Sombra do Memorial e abrigou o 1º Panorama Paulista de Circo. Era o ano de 2006. A iniciativa foi do então diretor de atividades culturais Felipe Macedo e da presidenta da Cooperativa Paulista de Circo, Bel Toledo. Quando Fernando Leça assumiu a presidência do Memorial, em março de 2005, ele pediu a indicação de um diretor artístico para o então secretário de cultura do Estado de São Paulo, João Batista de Andrade. Este indicou Felipe Macedo, profissional ligado ao cinema, especialmente ao mundo dos cineclubes. Para Felipe Macedo, o papel da DAC (Diretoria de Atividades Culturais), do Memorial, é o de “articular com as iniciativas da sociedade civil, com os artistas e suas organizações, projetos que tenham, de alguma forma, orientação latino-

americana”¹⁷⁸. Foi o que ele fez com relativo sucesso. O encontro de circenses reuniu 28 trupes de variadas linguagens, dos quais participaram vários artistas latino-americanos radicados em São Paulo. O público chegou a 10 mil pessoas. A seleção dos artistas foi feita por Mário Fernando Bolognesi, pesquisador do circo e ex-trapezista, e pelo palhaço Hugo Possolo, dos Parlapatões. A ideia para as próximas edições era, segundo Bel Toledo, “trazer mais artistas residentes em outros países da América Latina, para intensificar o intercâmbio cultural entre eles”¹⁷⁹. E isso aconteceu, em parte.

Nos anos seguintes, o Memorial se tornou um centro cultural importante para certa retomada das artes circenses depois de longa decadência do chamado “circo tradicional”. Era no Memorial que artistas circenses oriundos de “famílias tradicionais de circo” se encontravam com jovens circenses oriundos das novas escolas circenses. A Praça Cívica também recebeu várias lonas de circo, como o Circo Roda Brasil, o Circo Zanni e o Circo Paratodos, entre outras. O Memorial cedia o espaço gratuitamente para os circenses montarem suas lonas, estacionarem seus caminhões (se fosse o caso) e dava todo o apoio. Os circos adoravam, pois é notória a falta de terreno disponível para isso na cidade.

¹⁷⁸ Entrevista com Felipe Macedo em 9 de janeiro de 2023 por videoconferência, uma vez que ele se encontra em Montreal, Canadá, onde faz um doutorado sobre a formação de público de cinema na América Latina. Foi Diretor de Atividades Culturais em duas ocasiões: 2005 a 2007 e 2012 a 2015.

¹⁷⁹ **II Panorama Paulista de Circo foi visto por 12 mil pessoas.** Disponível em: <https://memorial.org.br/ii-panorama-paulista-de-circo-foi-visto-por-12-mil-pessoas/> Acesso em 30.12.2022

4.3.1 Teatro na praça: O Festival Ibero-Americano de Teatro de São Paulo

No início de 2007, Felipe Macedo saiu do Memorial para implantar o PopCine, projeto da Secretaria Estadual de Cultura que criava cinemas populares¹⁸⁰ (não sem antes criar o Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo, sobre o qual vou falar mais abaixo). Em seu lugar, assumiu a Diretoria de Atividades Culturais, do Memorial, o artista plástico e gestor cultural Fernando Calvozo, que havia, antes, coordenado o Festival de Inverno de Campos de Jordão, a Semana Guiomar Novaes e dirigido os teatros São Pedro, Sérgio Cardoso e a Divisão Estadual de Teatros. Com essa experiência e articulação, ele engendrou o Festival Ibero-Americano de Teatro de São Paulo, o Festibero, em 2008. Para isso, trouxe alguns grupos da Península Ibérica. No total, 16 peças teatrais, de nove países - Argentina, Brasil, Bolívia, Cuba, Espanha, Itália (participação especial), México, Portugal e Uruguai - e mais 16 “encenações de bolso”, debates, performances e oficinas de teatro. Tudo sob a curadoria da pesquisadora e encenadora Neyde Veneziano (professora do Instituto de Artes da Unicamp)¹⁸¹. O ingresso era gratuito para o público. Algumas encenações foram no Circo Fiesta, que havia armado sua lona na Praça Cívica, onde ficaria por uma temporada.

Nos anos seguintes, o Festibero foi acumulando forças. O Memorial, apesar das dificuldades, conseguia parcerias com consulados e outras instituições para trazer companhias do exterior e juntar na programação peças que haviam sido sucesso de público (e agora podiam ser vistas gratuitamente) a espetáculos de vanguarda pouco conhecidos. As lonas eram usadas como apoio, mas os dramas principais foram sempre apresentados no Simón Bolívar. Foi assim até 2013. Nesse ano, de 18 a 24 de março, seriam usadas as plateias A e B e a Sala dos Espelhos do Auditório Simón Bolívar para a apresentação de 14 espetáculos de sete países (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Espanha, México e Portugal). Seria o último Festibero no Simón Bolívar, que pegaria fogo no fim daquele ano.

No ano seguinte, ainda se fez um esforço para trazer 15 peças teatrais da Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Espanha, Paraguai, Portugal e Venezuela. Foi montada uma lona

¹⁸⁰ **Cidade de São Paulo ganha a primeira sala do projeto PopCine.** Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/na-imprensa/cidade-de-sao-paulo-ganha-a-primeira-sala-do-projeto-popcine/> Acesso em 30.12.2022

¹⁸¹ **I Festival Ibero-Americano de Teatro de São Paulo acontece no Memorial da América Latina.** Disponível em: <https://memorial.org.br/i-festival-ibero-americano-de-teatro-de-sao-paulo-acontece-no-memorial-da-america-latina/>

de circo na Praça da Sombra, que incluía um espaço de convivência para receber oficinas, leituras dramáticas e intervenções cênicas. Também houve espetáculos ao ar livre próximo à *Mão*, na Praça Cívica. Este seria o último Festibero. Fernando Calvozo já não dirigia a Diretoria de Atividades Culturais. Em 2015, o Brasil estava mergulhado em uma crise econômica e política sem fim. Em 2016 João Batista de Andrade abandona a presidência para assumir o cargo de secretário executivo do Ministro da Cultura Roberto Freire, conforme já dito, após o polêmico impeachment da presidenta Dilma Rousseff. O Auditório Simón Bolívar, principal fonte de receita própria do Memorial, à época, fez falta. Sem ele, a cidade perdeu o seu Festival Ibero-americano de Teatro de São Paulo. O Estado deixou-o morrer.

4.3.2 Cinema na Praça Cívica: O Festival de Cinema Latino-Americano

O Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo, no entanto, continuou por mais um tempo. Ele havia sido concebido por Felipe Macedo, em 2006, a pedido de João Batista de Andrade, que então era Secretário de Cultura do Estado de São Paulo. Macedo desenhou uma programação de tal modo que reunia a geração anterior de cineastas latino-americanos e a atual. Interessava a interação intergeracional para complementar a formação dos novos cineastas e do público, especialmente porque o cinema latino-americano tinha uma longa - e desconhecida - história de valorização das culturas e identidades regionais e de apoio à luta por soberania política e cultural - além de ser criativo pra caramba. O Festlatino nasceu no Memorial da América Latina, com financiamento do Memorial e da Secretaria Estadual de Cultura. Lembro um dia que Felipe Macedo entrou na minha sala perguntando qual nome ficaria melhor: “Festival” ou “Mostra” de Cinema Latino-Americano de São Paulo. Pessoalmente, Felipe preferia “Encontro de Cinema Latino-Americano”, mas parece que essa ideia foi vencida. “Festival” atraía mais a mídia, os críticos, o público e os próprios cineastas, talvez porque passasse a noção de competição e distribuição de prêmios. Felipe também decidiu que seria “Cinema Latino-Americano”, assim, com hífen e caixa alta; e não “Cinema Latino-americano”, como manda a norma culta. Para produzir o Festival convidou Jurandir Muller de Almeida Júnior, da produtora PaleoTV, que por sua vez sugeriu o nome de Francisco César Filho (o Chiquinho) para ajudá-lo. Ambos eram realizadores conhecidos do meio cinematográfico paulista e tinham alguma experiência na produção de festivais (Chiquinho, por exemplo, produziu a Mostra do Audiovisual Paulista e o Telemig Celular arte.mov - Festival Internacional de Arte em Mídias Móveis, entre vários outros eventos e mostras relacionadas ao audiovisual). Os dois imediatamente identificaram a oportunidade que se abria a eles, pois o cinema latino-americano era desconhecido no Brasil. Com certeza, haveria mercado para essa cinematografia em expansão. O Memorial da América Latina chancelaria a mostra, que assim tornaria mais fácil estabelecer parcerias, ter o apoio dos consulados e trazer os realizadores. Com feliz profissionalismo, eles definiram o formato (não o conceito) do Festival: ele teria uma levada jovem, com DJ tirando som no foyer do Auditório Simón Bolívar, transformado em uma vivência acolhedora, festas de lançamento de filmes brasileiros, oficinas e debates badalados, tudo orientado por uma equipe bem treinada de pessoas que, de alguma forma, pertenciam ou queriam pertencer ao meio cinematográfico.

Na primeira edição do Festlatino, foram exibidos mais de 100 títulos, entre clássicos e filmes recentes. Vieram 40 convidados internacionais, entre eles, o argentino Fernando Birri, considerado o pai do Cinema Novo latino-americano. Mais que um cineasta, Birri é um pedagogo. Um cineasta-pedagogo. Macedo me conduziu à sala vip do Simón Bolívar para conhecê-lo e entrevistá-lo. Na ocasião, escrevi para o site do Memorial estas palavras a guisa de apresentação:

Com suas longas barbas brancas que lembram a imagem consagrada de León Tolstói, pode-se dizer que Fernando Birri é um desses velhos militantes incorrigíveis que renovam e ajudam a viver as gerações que vão se sucedendo. Incorrigível por insistir em sonhar em tempos pragmáticos, incorrigível por preocupar-se antes de tudo em ensinar sua arte aos mais jovens, incorrigível por ser um homem de reflexão e ação que acredita na força transformadora do cinema.¹⁸²

Era preciso que o Memorial tivesse mais de uma sala de projeção. O grande palco do Simón Bolívar foi dividido em dois. Uma parede dupla de madeira, com isolamento sonoro perfeito, foi construída no meio. De tal modo que, quem estivesse na plateia A assistindo uma película, não ouvia o som do filme da plateia B. Não vazava mesmo. Na entrada do foyer foi ainda construída uma terceira sala de projeção. Também foi aproveitado o espaço vídeo do Pavilhão da Criatividade e os auditórios da biblioteca e do anexo dos congressistas, bem como a Sala dos Espelhos, a Sala Mário de Andrade e a Galeria Marta Traba. De repente, todo o Memorial estava tomado por uma cinematografia latino-americana (e seu universo cinematográfico, constituído de produtores, cineastas, atores, técnicos, patrocinadores, estudantes de cinema, cinéfilos, críticos, jornalistas e um público apaixonado) que ninguém sabia que existia com tamanho vigor. O Memorial tinha encontrado um evento artístico que fazia todo o sentido para o cumprimento da sua missão. O site do Memorial apresentou-o da seguinte forma:

O 1º Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo é uma realização do Memorial da América Latina e da Secretaria de Estado da Cultura, com apoio do Ministério da Cultura e da Cinemateca Brasileira. Nomes históricos da cinematografia latino-americana (como os chilenos Miguel Littin, que acompanha a exibição de “Alsino y el Condor”, e Patricio Guzmán, que apresenta o autobiográfico “Mi Julio Verne”), ao lado de expoentes do novo cinema da região – como o cubano Juan Carlos Cremata

¹⁸² **De olho no Festival: Entrevista exclusiva com Fernando Birri.** Disponível em: <https://memorial.org.br/de-olho-no-festival-entrevista-exclusiva-com-fernando-birri/>
Acesso em 30.12.2022

Malberti (de “Nada Mais” e “Viva Cuba”) e os argentinos Marcelo Piñeyro (“O Método”) e Santiago Loza (“Estranho”) – já estão confirmados para a edição inaugural do mais novo festival de cinema no Brasil [...] com sessões gratuitas no Memorial da América Latina (três salas), Cinesesc e na Sala Cinemateca¹⁸³.

O Festlatino continuou nos anos seguintes com enorme sucesso. Sempre no mês de julho, era um acontecimento badalado da cidade. No entanto, por alguma razão, o Festival Latino-Americano de Cinema de São Paulo não foi registrado pelo Memorial. Fernando Leça, então presidente do Memorial, me disse que tentou registrá-lo em nome do Memorial, mas “encontrou dificuldades”. O festival - que surgira no Memorial, era financiado em boa parte pelo Memorial, tinha como criadores os diretores do Memorial (Felipe Macedo e, posteriormente, João Batista de Andrade) - não se tornou do Memorial. Não havia nenhum vínculo legal. Na prática, ficou com a Associação do Audiovisual Paulista, entidade gerida por Jurandir Muller e Francisco César Filho, dupla que se apresentava como curadores ou diretores do Festlatino. No entanto, veja o que Fernando Leça escreveu no catálogo de abertura do festival, em 2006. São palavras de quem se sente sujeito da história e responsável por esta conquista cultural:

Uma rara oportunidade, portanto, para conhecimento, reflexão e intercâmbio de experiências entre os que lidam com a produção, distribuição e exibição dos sonhos de todos nós, que ousamos sonhar também e estamos podendo apresentar ao Brasil este 1º Festival de Cinema Latino-americano de São Paulo. Em nome do Memorial, desejo consignar os melhores agradecimentos ao ministro Gilberto Gil e ao secretário do Audiovisual do Ministério da Cultura, Orlando Senna, pelo importante apoio. Agradeço, igualmente, pelo engajamento e pela parceria à Cinemateca e ao Sesc/SP. E também aos representantes do corpo diplomático – embaixadores e cônsules de vários países – pelo empenho. Aos meios de comunicação, pelo interesse. Por fim, aos parceiros principais na realização e execução do evento, à Secretaria de Estado da Cultura e à Associação do Audiovisual Paulista, respectivamente, e à equipe do próprio Memorial, capitaneada pelo diretor Felipe Macedo. Tenho a convicção de que estamos, todos, contribuindo fortemente para uma maior integração da nossa América Latina.¹⁸⁴

O caso de Festlatino merece um estudo separado, que não farei neste momento, mas é bom reafirmar que ele era um festival de cinema muito bem sucedido que, apesar de se espalhar pela cidade e por outras instituições, mantinha o epicentro no Memorial da América Latina. O Festlatino tinha a abertura solene, as premiações, os principais lançamentos, a aula

¹⁸³ 1º Festival de Cinema Latino-americano de São Paulo. Disponível em: <https://memorial.org.br/1o-festival-de-cinema-latino-americano-de-sao-paulo/> Acesso em 30.12.2022

¹⁸⁴ LEÇA, Fernando. São Paulo recebe o melhor do cinema latino-americano. Disponível em http://www.festlatinosp.com.br/2006/apresentacao_fernando.php

magna, o encerramento festivo, as exposições e as retrospectivas importantes nas plateias A e B do Auditório Simón Bolívar. A Biblioteca da América Latina recebia as mesas e debates, e a Galeria Marta Traba, festas e oficinas. Com o fechamento do Auditório por quatro anos, devido ao incêndio, a solução encontrada foi fazer a abertura do festival em uma grande projeção ao ar livre, na Praça Cívica, que atraía milhares de pessoas. Lá também era montada uma tenda confortável, com ótimo sistema de som, ar condicionado e tela de cinema. Foi assim, com alguma variação de equipamento, de 2014 a 2017, quando se deu o último Festlatino nesses moldes. O Memorial virava uma festa ao ar livre e isso - o potencial da Praça Cívica - certamente não passava despercebido aos agentes do show business paulista e nem a Irineu Ferraz, chefe de gabinete da presidência desde 2012 (que assumiria interinamente a presidência do Memorial, com a saída de João Batista de Andrade, no final de 2016, e ficaria no cargo até o início de 2018) e a Felipe Pinheiro, então, diretor administrativo e financeiro do Memorial. Foi na gestão dos dois que o Memorial se tornou uma máquina de fazer dinheiro. Em 2017 a receita própria chegaria a R\$ 14.191.660,41. Um recorde! (Mais que o dobro da média dos anos seguintes, sem eles. Por exemplo, em 2018 cairia para R\$ 5.081.806,15. Ver Apêndice B). Segundo o relatório anual, em 2017, foram gastos R\$ 1.489.713,00 com a atividade-fim do Memorial. Destes, a Cátedra Unesco Memorial da América Latina usou apenas R\$ 7.680,00 (ver Anexo L). O restante da arrecadação de mais de 14 milhões de reais foi para custeio. Não vale argumentar que era para ajudar a restauração do Auditório Simón Bolívar, que entrava em sua reta final, porque, para isso, o governo do Estado destinava verba suplementar. Tanto é que a “despesa realizada no exercício” de 2017 pelo Memorial foi de R\$ 50.818.924,93 (ver Anexo L), enquanto a dotação orçamentária anual do Memorial, de 2010 a 2022, não chegava a 20 milhões de reais (ver Apêndice A).

Com a reinauguração do Auditório Simón Bolívar, em 15 de dezembro de 2017, o Festlatino voltaria para lá no ano seguinte. Nesta altura, a presidenta do Memorial já era Priscila Helena Franco, que escreveu as seguintes palavras dando boas vindas ao Festival:

O Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo chega ao seu 13º ano com a responsabilidade de confirmar o sucesso de público e de crítica registrado nas recentes edições, mas também traz boas notícias. A primeira delas: o Auditório Simón Bolívar reintegra-se à extensa e diversificada programação de filmes que serão exibidos no Memorial da América Latina e em várias outras salas da capital e do interior do estado. Outra: a festa de inauguração do festival, como nos últimos quatro anos, continua sendo realizada ao ar livre, na Praça Cívica. A decisão levou em conta o crescente interesse do público e a demanda das pessoas por um espaço democrático em que podem manifestar-se, reencontrar amigos, debater as temáticas do festival, confraternizar e interagir com os artistas. No

ano passado, mais de três mil pessoas participaram entusiasticamente da abertura e cerca de 30 mil frequentaram as salas de exibições e as atividades paralelas do festival.¹⁸⁵

Embora o Festival tivesse conseguido parcerias institucionais importantes - CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), o SESC e o Instituto CPFL (de Campinas), entre outras - o Memorial mantinha certa centralidade (havia sido muito mais). Ou pelo menos, deveria manter. A Associação do Audiovisual reclamava que a verba destinada ao Festlatino diminuía a cada ano. O Memorial não tinha uma sala permanente para a organização do festival, nem um funcionário, assessor ou consultor do meio cinematográfico diretamente ligado à organização do evento. No catálogo da 13ª edição, apareciam como “diretores e curadores” apenas Jurandir Muller e Francisco César Filhos, os dois produtores que haviam sido contratados, em 2006, para organizar o festival para o Memorial da América Latina. Em 2019, primeiro ano da gestão de Jorge Damião na presidência do Memorial, a fundação latino-americanista ainda aparecia como uma das realizadoras do evento. A abertura do Festival, mais uma vez, seria no Simón Bolívar. O texto do Memorial (sem autoria) no catálogo do Festlatino dizia:

O Auditório Simón Bolívar é o palco de abertura para o grande encontro de convidados nacionais e internacionais, entre diretores, roteiristas, atores e produtores, com um público ávido para conhecer a riqueza e variedade da produção cinematográfica latino-americana. Nesse sentido, ao abraçar o Festival de Cinema Latino-Americano, o Memorial reafirma sua vocação como espaço de integração e divulgação da cultura dos países da região.

Note que é usada a expressão “ao abraçar o Festival de Cinema Latino-Americano, o Memorial reafirma sua vocação”. Ora, é preciso salientar que foi o Memorial quem criou o Festlatino e foi sua sede e principal financiador durante vários anos. Ao longo do tempo, iria diminuindo o aporte de recursos ao Festlatino, é verdade. Mas isso foi um erro estratégico não só das sucessivas diretorias do Memorial como, principalmente, do governo do Estado. Erro em termos educacionais (pois cinema, como, de resto, o cultivo das artes em geral, o fazer e a sua fruição, são complementos da educação formal), erro em termos cultural e político (pois a expressão cinematográfica tem a ver com a identidade de uma região geopolítica ou nação e a ausência do Estado deixa nas mãos do mercado a orientação simbólica da sociedade) e erro em termos econômico (o que é essa tal de “economia criativa” senão o fomento às atividades

¹⁸⁵ FRANCO, Priscila Helena. De volta às origens. Disponível em: <http://www.festlatinosp.com.br/2018/fundacao-memorial-da-america-latina/> Acesso em: 15 de dezembro de 2022

artísticas, que possam potencializar os nossos criadores e atrair para a cidade o turismo cultural?).

Em 2020 - primeiro ano da pandemia do covid-19 - o Festlatino foi online, por meio das plataformas Looke, Sesc Digital e Spcine Play. Bem menor, com a exibição apenas de 36 filmes. O release oficial do evento dizia que ele era realizado pela “Associação do Audiovisual, com patrocínio da Spcine e correalização do Sesc São Paulo” e “apoio dos consulados sediados em São Paulo dos seguintes países: Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Paraguai e Uruguai”. A Fundação foi excluída. O Memorial da América Latina não apareceu em lugar nenhum, nem como apoiador. É verdade que foi um ano de aprofundamento da crise do Memorial, pois ele, devido à quarentena, tinha ficado sem qualquer fonte de receita própria. Como me explicou o presidente Jorge Damião, não havia na dotação orçamentária aprovada pelo Tesouro estadual qualquer rubrica destinada ao Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo, como antigamente. Então, não houve jeito do Memorial participar da arquitetura financeira do Festlatino naquele ano pandêmico. Também é verdade que não havia na diretoria do Memorial ninguém familiarizado com a história do Festlatino e sua relação com o Memorial. E nem interesse em cultivar essa relação. João Batista de Andrade, no entanto, conhecia bem essa história. Mais que isso, ele a havia protagonizado. É de se estranhar, por isso, que o release do Festlatino 2020 diga que “a direção do 15º Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo é assinada por João Batista de Andrade, Francisco Cesar Filho e Jurandir Müller”¹⁸⁶, sem mencionar o Memorial em nenhum lugar. Segundo Felipe Macedo, primeiro diretor do Festlatino, “os três trabalhavam a ideia de que quem criou o Festlatino foram eles”. Cortando totalmente o vínculo com o Memorial, o trio podia se apresentar como criadores e diretores do Festlatino e negociar patrocínio, parcerias e apoios com diferentes agentes governamentais, institucionais, culturais e empresariais.

No entanto, em 2021, surpreendentemente, houve uma mudança na composição da diretoria do Festival. Conforme o site do Festlatino, apenas João Batista de Andrade e Jurandir Muller permanecem como diretores. Desapareceu qualquer menção a Francisco César Filho e à Associação do Audiovisual (criada em 2005, quando já se discutia o formato do Festlatino). Quem aparece como realizadora é a Paleotv, a produtora de Jurandir Muller. O Memorial da América Latina, mais uma vez, não é mencionado. Foi uma edição híbrida (exibições presenciais, nas salas do SPCine, e online), menor (com exibição de 50 filmes) e

¹⁸⁶ Disponível em: <http://festlatinosp.com.br/2020/atendimento-a-imprensa/> Acesso em 16 de dezembro de 2022.

apenas “com patrocínio da Spcine, empresa pública de cinema e audiovisual ligada à Prefeitura de São Paulo, e correalização do Sesc São Paulo”. Como sempre, o evento contou “com o apoio dos consulados sediados em São Paulo dos seguintes países: Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Paraguai e Uruguai”. É compreensível a crise do Festlatino, em meio à pandemia, e com o corte da verba do Memorial e da Secretaria Estadual de Cultura. Pensando assim, deve-se reconhecer o mérito da Paleotv em não deixar passar o ano sem o Festival. Por outro lado, é de se lamentar a falta de diálogo entre os atuais realizadores (que inclui o cineasta João Batista de Andrade, ex-presidente do Memorial e ex-Secretário Estadual de Cultura) e o Memorial da América Latina. Ambas as partes pecam em não manter a colaboração mútua. Por mais que se espraie pela cidade e consiga articular outros patrocínios e parceiros institucionais, o Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo precisa de um sentido e um lócus permanente, uma sede que lhe estruture a ação. Por sua história e vocação, esse lugar não pode ser outro senão o Memorial da América Latina. Demonstração disso é que, em 2022, pela primeira vez na história, não houve a edição do Festlatino. O seu futuro é uma incógnita.

4.4 Somos o que fazemos para mudar o que somos

O Auditório Simón Bolívar recuperado foi inaugurado em 15 de dezembro de 2017 sem um sistema de som e de luz cênica própria. Para montar um espetáculo é preciso alugar as instalações e contratar os operadores. Isso encarece a produção, apesar do equipamento deixado em comodato por uma empresa especializada, interessada em ter seus serviços contratados por quem aluga o Simón Bolívar. Não sei se é por esse motivo, ou por todos os outros que estou analisando neste estudo, o fato é que depois de reinauguração, raramente há um evento cultural no auditório promovido pelo próprio Memorial. O que tem havido é a “cessão não onerosa” para eventos diversos solicitados por diferentes órgãos do governo do Estado e, principalmente, o aluguel do Simón Bolívar para convenções, congressos, palestras privadas, encontros religiosos, simpósios comerciais, reuniões corporativas e formaturas (ver Anexo L). Nos dois casos, ficam sob a responsabilidade do “outorgado” (aquele que recebeu autorização para usar o Simón Bolívar, seja a cessão onerosa ou gratuita) as seguintes providências: equipamento de sonorização, iluminação e audiovisual, bem como equipe técnica para sua montagem, operação e desmontagem; geradores de eletricidade; serviços de telefonia e internet; serviço de bilheteria (bilheteiros, porteiros, indicadores, recepcionistas, assim como equipamentos, impressoras e insumos necessários à operação); serviços de segurança, recepção, limpeza, coleta de lixo e caçamba; serviços médicos e de bombeiro civil; serviços de alimentação e bebidas; insumos para banheiros, copa, ambulatório etc; e mobiliário para os palcos A e B e foyer (ver Anexo F).

Além do auditório, devido à localização, ao espaço amplo e à grife Niemeyer, todo o complexo arquitetônico é procurado pelos produtores privados de grandes shows em área aberta. Nos últimos quatro anos, por exemplo, período impactado pela pandemia do covid-19, a Diretoria de Atividades Culturais do Memorial (que exclui o CBEAL) realizou 436 eventos, sendo 335 de terceiros (isso apesar dos espaços do Memorial terem ficado fechados por mais de um ano), 59 em parceria e 42 produções do Memorial (várias delas online; este número inclui a exposição permanente do Pavilhão da Criatividade, contada mês a mês). Entre as produções em parceria e as produções próprias, poucas tinham a ver com o tema latino-americano. Quanto aos eventos de terceiros, para os quais os espaços do Memorial foram alugados, nem se fala. Nos anos anteriores, a situação ainda foi pior. O fato é que o Memorial como um todo se tornou um espaço físico quase que exclusivamente para aluguel ou cessão gratuita a pedidos de terceiros, mormente ligados a governos.

Essa realidade acarreta distorções. Por exemplo, o plantel de produtores do Memorial, com salários pagos pelo Estado, virou um grupo de fiscais e inspetores de eventos dos outros. É responsabilidade deles não deixar que quebrem objetos de arte do conjunto arquitetônico. Isso porque, repetindo, o Memorial quase não produz mais nada no campo cultural. Suas praças se tornaram espaços explorados por terceiros para shows artísticos comerciais e feiras gastronômicas populares. Apesar de serem atividades apreciadas por uma parte da população, é incontornável admitir que o Memorial quase não divulga mais a cultura latino-americana. Essa era uma tendência antiga que se consolidou nos últimos anos.

O próprio Centro Brasileiro de Estudos da América Latina viveu essa debacle (ver nota 18). Houve tentativas de reerguimento, especialmente sob o presidente Fernando Leça. Porém, após o incêndio do auditório Simón Bolívar, no final de 2013, e principalmente, após as reformas de 2015, seu ocaso se aprofundou. Naquele ano, sob a direção de João Batista de Andrade, se extinguiu os setores de produção e publicações do CBEAL, do qual faziam parte profissionais concursados e contratados de larga experiência, além do pessoal de planejamento, apoio administrativo e estagiários. Os gerentes de planejamento e de publicação foram demitidos, respectivamente, Eduardo Farsetti e Leonor Amarante. Até aquele momento, eles atuavam exclusivamente na produção de atividades intelectuais do próprio Memorial. Os antigos produtores culturais do CBEAL passaram a integrar a gerência de produção da Diretoria de Atividades Culturais (DAC) e se tornaram uma espécie de fiscais dos eventos locados no Memorial.

Nessa época, o então diretor da DAC, Felipe Macedo, me disse que isso não ia dar certo (informação pessoal) e pediu demissão. Ele havia sido contra a mudança da estrutura de produção do Memorial, mas foi voto vencido. Não havia mais o que fazer, afinal, o próprio Conselho Curador do Memorial aprovava as mudanças. A decadência do CBEAL então se acentuaria, ao ponto de não ter sido feito nada em 2017, ano da interinidade de Irineu Ferraz, grande entusiasta da nova estrutura do Memorial.

Nos últimos quatro anos, o CBEAL se reestruturou parcialmente e identificou um nicho para o qual programou uma série de atividades em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur): o acolhimento a refugiados. Essa questão foi trabalhada de diversas formas - ensino de português como língua de acolhimento para estrangeiros em situação de refúgio, fomento à pesquisa sobre temas pertinentes à tradução e à interpretação comunitária relacionados às necessidades dos refugiados, apátridas e imigrantes etc. Fez-se *lives*, cursos e seminários online sobre o assunto (cerca de 150, com a participação de sete mil pessoas), bem como se publicaram livros digitais. Foram concedidas 32 bolsas de

pesquisa, que resultaram em textos e cinco documentários audiovisuais. Em mensagem aos funcionários, resumindo sua gestão no campo do conhecimento, o presidente Jorge Damião escreveu:

Nesses quatro anos foram lançados seis números da Revista Nossa América, sendo três edições comemorativas: sobre o centenário do homem que concebeu o projeto cultural do Memorial da América Latina, Darcy Ribeiro; sobre o bicentenário da independência do Brasil; e outra dedicada ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922. O CBEAL publicou o livro *Línguas Ameríndias, ontem, hoje e amanhã*. No formato online, foram editados os *Cadernos da Cátedra* vols. 1, 2 e 3, resultado do trabalho dos pesquisadores da Cátedra Unesco Memorial da América Latina realizado ao longo dos anos de 2020, 2021 e 2022; *Tradução Humanitária para Refugiados*, compilação de textos do curso oferecido também pela Cátedra; *CBEAL pesquisa I e II: Tradução e Interpretação comunitária e Migrações forçadas e refúgio na América Latina durante a pandemia de Covid-19*, ambos com artigos produzidos pelos bolsistas do CBEAL, em 2021 e 2022.

Se compararmos o que vinha sendo feito nos anos anteriores, a gestão de Jorge Damião pelo menos tentou empurrar a pedra morro acima. Durante a sua presidência, o Centro Brasileiro de Estudos da América Latina voltou a dar bolsas de estudos e ganhou uma centralidade que havia perdido (ver Apêndice D). Apaixonado pela personalidade de Darcy Ribeiro, Damião percebeu que poderia deixar um legado importante através do CBEAL. E que isso não custaria tanto. É louvável, mas nada que se compare ao projeto inicial de Darcy Ribeiro. Não por culpa dele, o buraco é mais em cima, está nos poderes instituídos nos níveis estadual e federal, que não pensam estrategicamente. Talvez esteja no espírito do tempo, o esquecimento do passado, o esvaziamento do sentido e a busca pobre por arrecadação. O que angustia é que ninguém reclama, como se a época para existir um centro cultural latino-americano, como o pensado por Darcy Ribeiro, já tenha passado.

Silvia Oroz, jornalista argentina e pesquisadora do cinema latino-americano, em artigo sobre a memória cinematográfica, na *Nossa América* nº 2, de maio/junho de 1989, argumenta sobre o preconceito e o esquecimento da memória do cinema latino-americano com palavras que podem se aplicar à cultura como um todo da América Latina e do Memorial da América Latina.

“Porque antes éramos como a espuma de uma onda, aquela massa de um movimento popular ascendente, que agora está em refluxo. Éramos, e de muitas formas ainda somos, uma geração muito latino-americanista. A diferença é que hoje sinto que a tal onda, da qual éramos a espuma, tem muito menos força. O refluxo, aliás, é universal, e em boa medida foi precipitado pelo fracasso escandaloso do modelo socialista nos países do

Leste europeu: esse que era chamado de socialismo real, mas que eu chamo de burocracia real¹⁸⁷

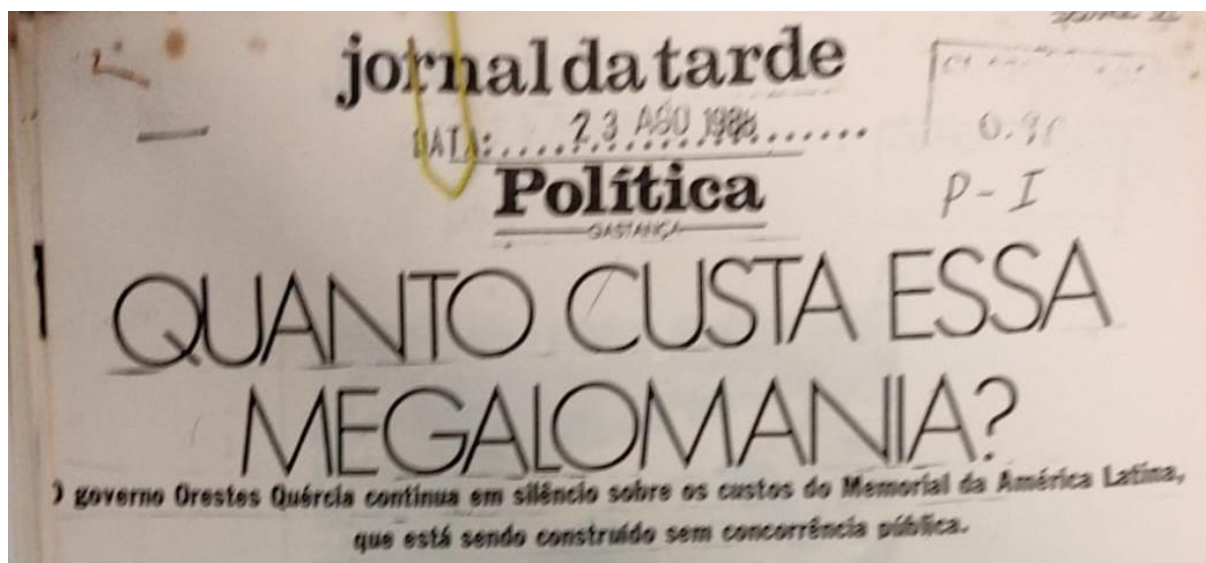
Parece que o Memorial da América Latina foi criado um pouco atrasado. É como se ele tivesse surgido no final de um fluxo - que alimentou a geração de Darcy Ribeiro. Fim de um fluxo histórico latino-americanista que coincidiu justamente com o refluxo da utopia socialista. Que fazer, Darcy? Galeano dá a pista: “Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos” (Revista Nossa América nº 52, 2015, p 30).

¹⁸⁷ Nossa América nº, 1989, p 67

5 - CONCLUSÃO: EM BUSCA DE UMA UTOPIA LATINO-AMERICANA

5.1 O Memorial é um alvo fácil de ser atingido

Imagem 15 - Recorte do Jornal da Tarde, edição de 23 de agosto de 1988



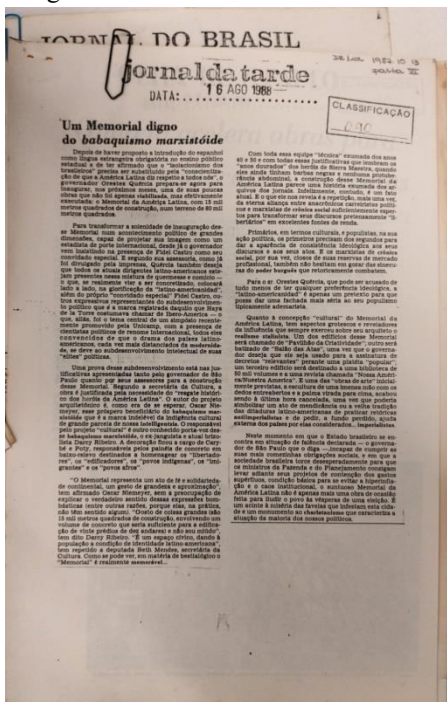
Fonte: Acervo Fundar, 2022

Volto de Brasília com a memória - a minha e a do celular - cheia de imagens. Registrei as cartas e os escritos de Darcy Ribeiro relacionados aos primórdios do Memorial. Leverei tempo para analisá-los. No Beijódromo encontrei também uma cópia daquela que é, provavelmente, a última correspondência do antropólogo enviada ao governador Orestes Quéricia, em 1990 (ver o Anexo A). Transcrevi-a por extenso no capítulo 4.2.2.2, aquele intitulado “Darcy escreve a Quéricia sobre o perigo da “secura de ideias” no Memorial”. Esse documento afirma, com todas as letras, que “se justificará perfeitamente dizer que o Memorial é um elefante branco ou uma obra faraônica”, caso sua programação cultural se torne medíocre “porque sua grandeza e beleza arquitetônica não justificariam jamais o saber que ele existe”. Ou seja, todo o conjunto ganha sentido e se justifica somente se funcionar como a “casa da cultura latino-americana” que nasceu para ser. Se esse objetivo não fosse alcançado, ficaria sujeito a críticas radicais e teria sua razão de ser questionada. Eram palavras proféticas.

É pouco provável que o governador Orestes Quéricia tenha respondido à carta de Darcy Ribeiro. Não encontrei resposta no acervo da Fundar, nem qualquer outro documento relativo aos pontos levantados pelo antropólogo. Naquela altura, Orestes Quéricia devia estar mais preocupado com o processo eleitoral no país e em São Paulo. No ano seguinte à eleição presidencial de 1989, vencida por Fernando Affonso Collor de Mello, houve pleito em dois turnos para governador do estado. Luiz Antônio Fleury Filho, afilhado político de Quéricia,

levou a melhor. Infelizmente, o novo governador logo demonstraria que não pensava estrategicamente e nem compartilhava o sonho latino-americanista do seu padrinho.

Imagem 16 – Editorial de 18.08.1988



Fonte: Acervo Fundar, 2022

Funda. O primeiro parágrafo especulava sobre o valor final dela:

Apesar da denúncia do deputado estadual Waldyr Trigo (PSDB), de que a construção do “Memorial da América Latina” estaria custando cerca de 50 milhões de dólares (13,8 bilhões de cruzados), o governo do Estado continuou ontem mantendo silêncio a respeito do preço da obra. Tribo baseou-se em informações de um “alto funcionário” da Companhia do Metropolitano. Na semana passada, funcionários da Secretaria de Estado da Cultura que trabalham no projeto haviam informado ao JT que o “Memorial” teria seu custo estimado em 4,8 milhões de dólares (1,32 bilhão de cruzados), enquanto técnicos da Secretaria dos Negócios Metropolitanos diziam que o custo poderia chegar à casa dos sete milhões de dólares (1,93 bilhão de cruzados).¹⁸⁸

Uns dias antes, o mesmo jornal havia publicado um editorial que seria uma pérola anticomunista se não passasse de um libelo de tosca argumentação. Sob o título *Um Memorial digno do babaquismo marxistóide*, a peça jornalística, depois de lamentar o “subdesenvolvimento intelectual” das elites políticas latino-americanas, rezava:

Compreendo o alerta de Darcy Ribeiro por meio daquela carta. Por sua grandiosidade e ineditismo, era difícil entender o Memorial e por isso se tornava um alvo fácil de ser atingido. Era preciso protegê-lo. O então badalado Jornal da Tarde, irmão caçula do tradicional matutino da elite paulista, O Estado de São Paulo, não cansava de abrir títulos que minavam a nascente Fundação. “A grande obra de Quéricia, tocada às pressas” (1988?), anunciava o JT em matéria de página inteira. Sim, desde o início, o que não faltaram foram matérias nos jornais atacando o Memorial. Por exemplo, meses antes da inauguração, a edição do Jornal da Tarde de 23 de agosto de 1988 estampava a seguinte manchete em forma de pergunta: *Quanto custa essa megalomania?* A matéria afirmava que “gastança” sem limites financiava uma obra faraônica na Barra

¹⁸⁸ Jornal da Tarde, 23 de agosto de 1988. Editoria: Política, subeditoria: Gastança. Título: **Quanto custa essa megalomania?** Recorte arquivado na Fundar (não é possível identificar o número da página).

Uma prova desse subdesenvolvimento está nas justificativas apresentadas tanto pelo governador de São Paulo quanto por seus assessores para a construção desse Memorial. Segundo a secretária da Cultura (Bete Mendes), a obra é justificada pela necessidade do “resgate histórico dos heróis da América Latina”. O autor do projeto arquitetônico é, como era de se esperar, Oscar Niemeyer, esse próspero beneficiário do babaquismo marxistóide que é a marca indelével da indigência cultural de grande parcela de nossa intelligentsia. O responsável pelo projeto “cultural” é outro porta-voz desse babaquismo marxistóide, o ex-janguista e atual brizolista Darcy Ribeiro. A decoração ficou a cargo de Carybé e Poty, responsáveis pelos painéis de concreto em baixo-relevo destinados a homenagear os “libertadores”, os “edificadores”, os “povos indígenas”, os “imigrantes” e os “povos afros”.

(...)

Neste momento em que o Estado brasileiro se encontra em situação de falência declarada (...) o suntuoso Memorial da América Latina não é apenas uma obra de ocasião feita para iludir o povo às vésperas de uma eleição. É um acinte à miséria das favelas que infestam esta cidade e um monumento ao charlatanismo que caracteriza a atuação da maioria dos nossos políticos¹⁸⁹.

Analisar os sentidos dos textos jornalísticos publicados nos primórdios do Memorial da América Latina seria um estudo à parte que não vem ao caso nesta dissertação. De qualquer jeito, é preciso dizer que até hoje, neoliberais incautos atacam o custo de manutenção do conjunto arquitetônico. Descolado de um projeto latino americanista, não é mesmo difícil alvejar o complexo arquitetônico. Senão, vejamos. Em 2019, último ano antes da pandemia do covid19, a dotação orçamentária do Memorial foi de R\$ 17.602.369,00 (este valor inclui a receita própria de R\$ 3.270.345,37, proveniente principalmente de aluguel dos espaços). Do total, quase a metade foi gasta com pessoal e encargos sociais: R \$7.160.482,00. Essa rubrica não inclui a contratação dos serviços terceirizados, como manutenção, segurança, assessoria jurídica e limpeza. Esses, bem como as demais despesas de custeio do Memorial, abocanharam quase todo o resto do orçamento. Segundo o balanço anual, para o que seria a atividade fim, foram destinados R\$ 674.844,00 visando a “promoção de atividades culturais”, R\$ 232.462,00 para o Centro Brasileiro de Estudos da América Latina e R\$ 9.055,00 para a Cátedra UNESCO Memorial da América Latina. Ou seja, menos de um milhão de reais (exatos R\$ 916.361,00) foram destinados ao cumprimento da missão do Memorial! (ver Apêndice A).

¹⁸⁹ Idem, 16 de agosto de 1988.

5.2 Por um novo regramento para o orçamento do Memorial

É de se perguntar por que arrecadar mais de três milhões de “receita própria” se este valor não é utilizado nas atividades que são a razão de ser do Memorial. A pequena equipe de funcionários da Fundação se extenua para fazer uma receita própria, que não chega a 20% do orçamento geral (ver Apêndice B), mas apenas um terço do valor arrecadado é usado na atividade fim. Será que vale a pena tanto esforço para tão pouco? Não é melhor o Estado se responsabilizar por todo o orçamento de uma instituição como o Memorial e assim deixar que ela tenha tempo, energia e vontade para cumprir sua missão? Tem certas ações artísticas, investimentos e iniciativas culturais que só o Memorial poderia tomar, por suas especificidades latino-americanistas. É claro que o Memorial poderia se abrir a parcerias com a iniciativa privada em projetos que tenham a ver com a integração cultural, política e econômica da América Latina. Poderia se abrir a patrocínios e apoios. Cultivar relacionamentos com agências de marketing, promover intercâmbios. Encontrar meios de se valer de leis de incentivo fiscal, de verbas públicas federais. Criar sinergias com os consulados, embaixadas e câmeras de comércio dos países vizinhos. Aprofundar iniciativas com instituições afins e agências de fomento multilaterais, do Brasil e internacionais. Coeditar produtos culturais, como gravações audiovisuais de shows no Simón Bolívar, souvenirs, livros etc, que poderiam ser comercializados numa lojinha no próprio Memorial e remotamente... Enfim, são muitas as possibilidades que se abrem ao Memorial se ele abandonar a mentalidade de imobiliária.

Em algum momento será preciso que o Memorial enfrente seus problemas estruturais, sob pena dele se condenar definitivamente à irrelevância. O regime de dotação orçamentário – o jeito como todos os recursos são fundidos em um único bolo, de tal forma que as despesas de manutenção, ou outras, drenam o que deveria ser usado para se pensar grande e aprofundar a estratégia de integração latino-americana – isso precisa ser alterado. Para Eduardo Farsetti, “ao tratarmos do bolo [orçamentário], falamos de uma questão político-administrativa interna e no estabelecimento das prioridades da instituição, além de um regramento que afeta toda a administração pública.” A questão que se coloca, então, é se “dá para mudar essa forma de conduzir a execução orçamentária”. Farsetti mesmo responde: “Claro que dá!” Ele indica um caminho, explorado timidamente pelo ex-presidente Fernando Leça:

Leça sabia disso [“a questão do bolo orçamentário”] e, como advogado, sabia também que não bastava a batalha política: paralelamente, seriam necessárias também mudanças na estrutura jurídico administrativa da Fundação, para que fosse possível melhor administrar o bolo, de forma mais autônoma, nesse sentido. A aproximação maior do Memorial às embaixadas, consulados e câmaras de comércio exigia, e talvez ainda exija, uma agilidade maior na concretização das parcerias. Assim, começamos a repensar a formatação jurídica-administrativa da Fundação. Qual seria um modelo ideal para termos finalmente um arcabouço legal que permitisse que realmente o Memorial tivesse a autonomia pensada por Darcy Ribeiro, e quem o assessorava, ao proporem que o Memorial se constituísse como uma Fundação, e não como mais uma unidade do organograma da Secretaria Estadual de Cultura, ou de qualquer outra? Imagine. E não estamos nem falando aqui de recursos financeiros internacionais, almejados para se obter um dia, e nos preparávamos para isso, mas que a burocracia imposta desestimulava completamente tê-los como alvo das nossas ações... Eu e o Leça passamos a peregrinar [...], fomos ao Centro Cultural Banco do Brasil, à Fundação OSESP, à Fundação Padre Anchieta, ao Instituto Tomie Ohtake, à Associação Pinacoteca de Arte e Cultura (APAC), entre outras instituições, para embasar estudos visando à modernização e o aprimoramento do funcionamento do Memorial no sentido de melhor cumprir seus objetivos estatutários.

Não foi dessa vez. Fernando Leça e Eduardo Farsetti saíram do Memorial sem alterar o modus operante jurídico-administrativo. Mudar a mentalidade da máquina estatal não é fácil quando essa lógica está tão entranhada nos seus próprios burocratas. Um exemplo dessa contaminação, encontrei nas **Notas Explicativas às Demonstrações Contábeis**, do Balanço Geral do Memorial da América Latina de 2022. Trata-se de um documento elaborado com um primor técnico exemplar. Mas ele inverte a forma de apresentar a operação contábil, inversão essa que deve ser padrão, mas provoca uma impressão equivocada. Vou reproduzir a seção “Balanço Orçamentário” para explicar meu ponto:

2.1 Balanço Orçamentário

Elaborado em conformidade com o artigo 102 da Lei nº 4.320/64 e MCASP - Manual de Contabilidade Aplicada ao Setor Público, demonstra as receitas e despesas previstas em confronto com as realizadas. O déficit orçamentário apurado de R\$ 14.011.799,62 decorre da diferença entre o total das receitas orçamentárias próprias realizadas no montante de R\$ 4.000.494,87 e a despesa realizada no exercício, de R\$ 18.012.294,49.

Na análise do déficit orçamentário deve-se considerar que:

I. as receitas orçamentárias de Fonte 001 - Tesouro, não são arrecadadas pela Fundação Memorial da América Latina e dessa maneira não são refletidas nas receitas orçamentárias do Balanço Orçamentário, porém a despesa orçamentária registrada é decorrente da execução orçamentária do exercício e abrange todas as Fontes de recursos (001 - Tesouro e 004 - Recursos

Próprios) conforme previsão legal consignada na Lei nº 17.498 de 29 de dezembro de 2021.

II. não caracteriza irregularidade das contas desta Fundação, conforme define o próprio MCASP², Parte V - Demonstrações Contábeis Aplicadas ao Setor Público:

“Os Balanços Orçamentários não consolidados (de órgãos e entidades, por exemplo), poderão apresentar desequilíbrio e déficit orçamentário, pois muitos deles não são agentes arrecadadores e executam despesas orçamentárias para prestação de serviços públicos e realização de investimentos.”

O Déficit Orçamentário é coberto com recursos repassados pelo Tesouro do Estado, sendo o Memorial uma Fundação Dependente.

Do Orçamento atualizado de R\$ 18.853.698,00, houve uma Economia Orçamentária de R\$ 841.403,51, resultado da diferença entre a despesa atualizada e a realizada final, sendo:

* R\$ 538.354,29 - relativo ao total de créditos contingenciados/bloqueados no encerramento do exercício (Fonte Própria R\$ 296.139,44 e Fonte Tesouro R\$ 242.214,85)

* R\$ 303.049,22 - relativo a cancelamento de saldos de empenhos e cancelamento de reservas em processos licitatórios não concluídos no exercício.

Primeiramente, o que temos acima é um balanço entre a receita própria do Memorial e suas despesas. Como é deficitário – e só poderia ser - fica a impressão de que o Memorial deve se esforçar mais para zerar esse déficit. Esse raciocínio é enganoso e o déficit, inexistente. O Memorial não é uma empresa com capital inicial cuja razão de ser é o lucro. Na primeira leitura desse relatório, imaginei um burocrata do Erário estadual analisando o déficit orçamentário do Memorial. Vê-se que o déficit diminui à medida que aumenta a receita própria. Ora, se o déficit orçamentário é a referência para estabelecer a dotação orçamentária do ano seguinte, naturalmente, o orçamento da Fundação diminuirá se o dinheiro arrecadado pelo Memorial aumentar. É uma consequência inescapável. Os números são frios. Sem questionar as razões das Ciências Contábeis, que não me cabe fazer, pergunto por que o balanço orçamentário é descrito negativamente? O Erário não tem que cobrir um rombo do Memorial da América Latina, porque esta instituição não é uma empresa que deixou de faturar suficientemente. O Memorial não foi feito para dar lucro. Por sorte, apesar de a própria linguagem contábil realçar o déficit, o documento adverte que o desequilíbrio orçamentário se deve ao fato de que órgãos e entidades “não são agentes arrecadadores e executam despesas orçamentárias para prestação de serviços públicos e realização de investimentos”. Ufa, alguém sabe que não somos “arrecadadores”.

É inegável que manter em operação, limpo e seguro um conjunto de prédios como o Memorial não é barato. E o bem que ele entrega em troca (ou deveria entregar) é imaterial. Saciar a fome de beleza do espírito humano, por um lado, e cultivar a consciência e a memória latino-americana de outro, parte de um projeto amplo de integração cultural, econômica e política que proporcione soberania aos países do subcontinente. Conforme mencionado anteriormente, para Darcy Ribeiro, as críticas ao Memorial vinham da “mediocridade babando ódio” por parte de pessoas que “teriam deixado o Aleijadinho morrer de fome, alegando que se pode rezar igualmente bem em capelas de tábuas”¹⁹⁰. Mas Darcy Ribeiro reconhecia que não bastava “lavar os olhos” na sua beleza arquitetônica. Se o Memorial não mantivesse uma programação viva, se não dinamizasse a produção de conhecimento e a formação de consciências latino-americanistas, ele perderia a razão de ser. Darcy está certo. Com a compressão espaço-temporal que hoje experimentamos, demandas sociais antes soterradas ressurgiram, especialmente a luta pelo reconhecimento político, social, econômico e cultural de grande parte da sociedade subjugada, como os indígenas e os negros. Para Darcy era, como é, imprescindível que o Memorial fosse um lugar de acolhimento daqueles que buscavam o sentido na história e o faziam rediscutindo sua identidade. Esta é uma característica da modernidade tardia na qual o Memorial pode desempenhar um papel relevante, uma vez que, como disse Le Goff, “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. (Le Goff, 1990, p.476)

¹⁹⁰ Confira o trecho “Darcy Ribeiro apresenta o seu Memorial da América Latina” no capítulo 10 deste estudo.

Imagem 17 – Cartaz de Seminário, 1989



Fonte: Memorial da América Latina, 2020

5.2.1 “Uma fundação de direito público não deveria buscar receita própria”

A história do Memorial em números é a história de uma progressiva crise financeira. Os planos iniciais de Darcy nunca foram implantados, com exceção da premiação de 1989. No entanto, havia dinheiro para uma programação de shows memoráveis e para a organização de encontros importantes, por meio da contratação de consultores especializados. O primeiro deles foi um seminário internacional sobre a dívida externa latino-americana, logo em março de 1989. Esse era um tema que gritava na época. Em agosto, houve o 1º Seminário Latino-americano sobre Dramaturgia, organizado pela escritora Renata Pallotini, que se propunha a discutir o papel da telenovela nas relações culturais Brasil/restante da América Latina. Em 1990 houve várias iniciativas semelhantes que primavam pelo ineditismo. Os encontros recebiam o título de “primeiro seminário” porque havia a intenção de dar continuidade aos projetos, tais como o 1º Seminário Latino-americano de Políticas Públicas para Crianças de Rua, 1º Seminário Latino-americano de Dirigentes de Organismos Nacionais de Ciências e Tecnologia, 1º Seminário Latino-americano de imprensa, 1º Encontro Latino-americano de Humor Brasil – Argentina, entre outros (ver lista completa de 1989 e 1990 no Apêndice C). Não é o caso de seguir enumerando a programação cultural daqueles primeiros anos, com a participação de convidados internacionais e nomes relevantes da comunidade intelectual brasileira. Mesmo não sendo o que Darcy Ribeiro havia planejado - seminários mensais e congressos anuais, catedráticos e bolsistas – deve-se reconhecer que foi feito um esforço de empurrar a pedra morro acima. O início da debacle pode ser apontado como sendo o ano de 1993, já sob a gestão de Fleury no Estado e de Paulo de Tarso Santos na presidência do Memorial. Shozo Motoyama e Rafael Yamin atribuem-na à crise financeira. Eles escreveram:

Prova insofismável da sua debilidade financeira aparece na Ata da 28ª Reunião do Conselho Curador, realizada no dia 7 de junho de 1994. Lá se escreve com todas as letras o ofício do diretor-presidente Paulo de Tarso vazado nos seguintes termos: “Senhor Secretário, nesta data (21 de junho de

1994), estou suspendendo, com o apoio da Diretoria Executiva, todos os 25 eventos que já haviam sido incluídos na nossa programação até o final do ano. Ao mesmo tempo, vou propor ao nosso Conselho Curador a suspensão da outorga do Prêmio Estado de São Paulo, no valor de US \$100.000,00 (...) O Memorial deseja demonstrar, assim, seu alinhamento com a política da Secretaria da Fazenda. Igual atitude, como é do seu conhecimento, foi tomada por nós em 1993, o que importou no corte efetivo naquele ano de 40% de nossas despesas previstas”. Por causa disso, o Prêmio aludido já não fora concedido em 1993 e não seria mais outorgado nos anos subsequentes¹⁹¹

Felipe Macedo, ex-diretor de atividades culturais do Memorial em duas oportunidades (2005 – 2007; 2012 – 2015), acredita que trabalhava com cerca de 10% da verba dos

Imagem 18 – Humor Brasil – Argentina, 1990



Fonte: Memorial da América Latina, 2020

primeiros diretores do Memorial (informação verbal)¹⁹². Torturando os números, eles confessam qualquer coisa, por isso não vou apresentar uma numeralha para provar meu ponto, mas é preciso reconhecer e enfatizar que o Memorial criou uma armadilha para si mesmo ao escolher investir em “arrecadação própria” (ver o relatório financeiros no Apêndice A). Fábio Magalhães havia me dito isso no começo dos anos dois mil (informação pessoal). Para aumentar a arrecadação, a Fundação passou a alugar cada pedacinho do seu conjunto arquitetônico. A tabela de preços e o regulamento de locação estão publicados no final da dissertação (ver Anexos E, F e G). Nota-se que foram adotados procedimentos típicos desse mercado. Por exemplo, na tabela de preços, a Praça da Sombra foi dividida em três áreas: a diária do

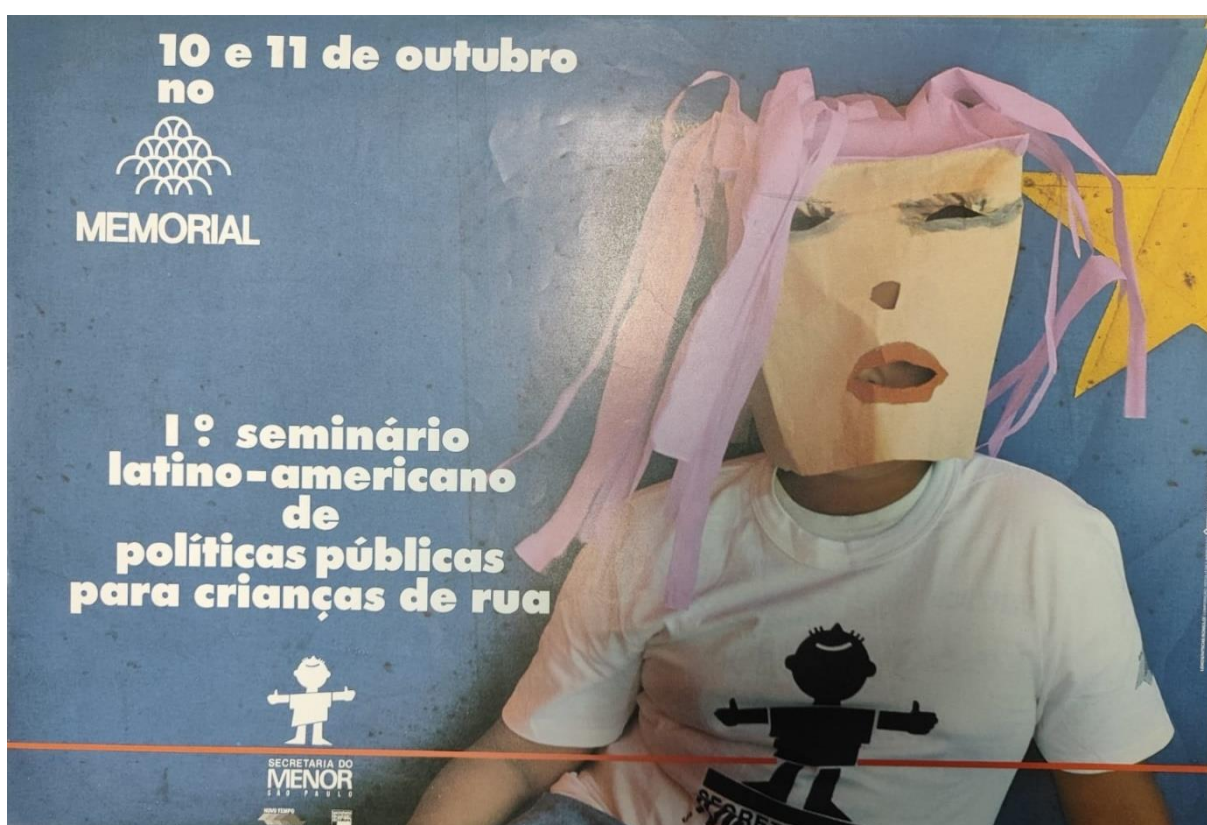
pedaço da Praça em frente ao Simón Bolívar custa R\$ 12.000,00; o mesmo valor se aplica à diária da área em frente ao Pavilhão da Criatividade; finalmente, quem quiser locar somente a área em frente à administração também pagará R\$ 12.000,00. Já o aluguel da área total da Praça da Sombra custa R\$ 30.000,00. Levando três, se ganha um desconto. Uma lógica de mercado facilmente inteligível. Já a mercadologia dos dias de montagem e desmontagem não é tão clara assim. As diárias custam um terço do valor cobrado pelos dias do evento em si, o que seria uma praxe do mercado. Mas, nesses dias, os acessos aos equipamentos do Memorial

¹⁹¹ MOTOYAMA, Shozo, e YAMIN, Rafael. **Memorial da América Latina 21 anos**, SP: Memorial da América Latina, p 45

¹⁹² Ver nota 182

– como a Biblioteca, o Salão de Atos, o Pavilhão da Criatividade e a Galeria Marta Traba – devem ser deixados livres ao público em geral. Em tese, durante a montagem ou desmontagem de um evento, o transeunte tem o direito de passar pela Praça do Sol e pela Praça da Sombra para chegar onde quiser. E cabe ao “outorgado” criar barreiras e corredores para que isso aconteça em segurança (Ver Anexo F). Mas, é preciso reconhecer, no meio de uma montagem de estantes de vendas, barracas de alimentação e grandes palcos, o risco de algo dar errado não é desprezível. Como será se o Memorial ter que lidar com as consequências de um acidente envolvendo um visitante desavisado.

Imagem 19 – Nos primeiros anos do Memorial, encontros latino-americanos discutiam diversas questões como este de 1990.



Fonte: Memorial da América Latina, 2022

Como explicou Fábio Magalhães, pensava-se numa forma incrementar uma atividade meio (aluguel dos espaços do Memorial) para viabilizar a atividade fim (programação cultural pública). O que o Memorial conseguiu foi se tornar prisioneiro de uma lógica de mercado que não combina com uma fundação pública cuja missão é estratégica e cultural e deveria ser vista como um complemento à educação formal. Esse é um problema que nasceu com o Memorial. A Lei Estadual que instituiu a Fundação Memorial da América Latina (nº 6472, de 28 de

junho de 1989) induzia a isso. No artigo 6º ela diz que serão recursos da Fundação “as dotações orçamentárias que sejam atribuídas pela Fazenda do Estado”, “as subvenções que lhe venham a ser atribuídas pela União, outros Estados, Municípios ou pessoas jurídicas de direito público”, as “doações, patrocínios e investimentos que venha a receber” e as “*receitas próprias, provenientes de locação de serviços ou bens, de venda de produtos ou bens, ou quaisquer outras obtidas na realização de suas atividades*”¹⁹³. A Lei apresenta o parágrafo único que reforça essa percepção: “As dotações orçamentárias destinadas à Fundação pelo Governo do Estado serão compatíveis com a plena manutenção da instituição, em complemento aos recursos por ela própria gerados”.

No entanto, Antônio Eduardo Colturato, diretor administrativo e financeiro do Memorial, entende que “na origem a fundação de direito público não deveria buscar receita própria; o ideal seria ter orçamento suficiente para cobrir todas as despesas e viabilizar a atividade fim, mas infelizmente não é mais assim que acontece no Memorial” (informação verbal)¹⁹⁴. Colturato revela que 95% do orçamento é gasto com despesas de custeio e salários. “Mal usamos 5% para a atividade fim”, lamenta, “é uma distorção séria que não conseguimos mudar”. De fato, somente em 2022, foram 63 eventos por “cessão onerosa” (aluguel) dos espaços do Memorial. Alguns deles, como o Festival Rock Brasil 40 anos ou o Shimano Fest 2022 ocuparam a Praça Cívica por três semanas, entre montagem, os shows ou a feira em si, e a desmontagem. Colturato explica que o orçamento é elaborado mais ou menos no meio do ano anterior, baseado no orçamento passado. E nele há a previsão de receita própria de cerca de 20% do orçamento total. Por exemplo, se o orçamento é de 20 milhões, a receita própria tem que ser de 4 milhões. “Não fazemos o orçamento olhando para o futuro, com previsão de aumento de gastos com a nossa atividade fim, que é cultural. E se fizéssemos, ele não seria aprovado pelo Tesouro”.

A análise dos orçamentos dos últimos anos (Apêndice A) mostra como ele sofreu pouca alteração. Ou seja, por mais que o Memorial aumente a receita própria, o Tesouro desconta do orçamento o valor arrecadado. Isso fez com que o Memorial se tornasse dependente de eventos comerciais. Precisa deles para ter o mesmo orçamento no ano seguinte. Tal situação acarreta dois efeitos imediatos: 1) a falta de datas e locais livres para a atividade fim; e 2) o esgotamento da pequena equipe de produtores, que precisa se desdobrar para possibilitar e supervisionar a atividade meio. Em outras palavras, e aparentemente, o governo

¹⁹³ Ênfase nossa

¹⁹⁴ Eduardo Colturato assumiu a Diretoria Administrativo e Financeiro (DAF), em 2019, convidado pelo presidente Jorge Damiano Almeida. Sobre o assunto em pauta, conversa no gabinete do diretor da DAF em 15 de janeiro de 2023.

estadual percebeu que o Memorial é um bom lugar para se “fazer dinheiro” - é central, bem servido de transporte, ostenta a grife Niemeyer, tem estacionamentos e amplas praças para eventos comerciais - e resolveu usá-lo. O orçamento de 2022, por exemplo, foi feito em 2021, em plena pandemia do Covid19. A previsão de receita própria era de “apenas” R \$1.800.000,00. No ano anterior, o Memorial tinha feito vários cortes nas despesas, para se adaptar à queda de receita provocada pelo isolamento social. Mas, com o enfraquecimento da pandemia, a arrecadação estourou a meta e quase chegou aos três milhões de reais. Desse total, como determina a lei, 30% engordou o tesouro desde o início. “E o que não foi gasto até o final do ano também voltou para o Erário já que não há mais a figura do “superávit do exercício anterior”, explica Colturato. O que espanta é que, mesmo com o “excesso” de arrecadação em 2022, não houve um aumento das atividades culturais no Memorial. No Anexo I é possível verificar que as atividades do Memorial em 2022 foram, principalmente, ou cessão onerosa (abordado acima) ou cessão gratuita (59 eventos, geralmente atendendo pedidos político; nesses casos, os custos dos serviços – iluminação, som etc – são pagos por quem solicitou o espaço). Quase não há “evento do Memorial” (no relatório da Diretoria de Atividades Culturais, DAC, constam 19, mas essa contagem inclui a exposição permanente do Pavilhão da Criatividade, contada mês a mês). Foram realizados também três “eventos parceria”. A verdade é que não tinha datas nem produtores disponíveis para programar e executar projetos relacionados à integração da América Latina. A exceção foram as publicações, os editais de pesquisa e as *lives* do CBEAL (ver Apêndice D). Significativas, mas poucas¹⁹⁵. Toda a estrutura do Memorial estava voltada para apoiar os eventos privados e comerciais. Isso afetou nossa cultura institucional. É como se o Memorial tivesse esquecido quem ele é. É como se quase todos os funcionários do Memorial trabalhassem para os produtores privados dos mais diferentes eventos, muitos deles com cobrança de ingresso. Não seria isso uma espécie de privatização ou terceirização torta?

¹⁹⁵ Este estudo não pretende analisar a qualidade e a pertinência das atividades do CBEAL, retomadas nos últimos três anos, depois do período de terra arrasada da gestão interina de Irineu Ferraz (2017), cujos efeitos duraram até 2019. Pretende, isso sim, refletir sobre a criação do Memorial da América Latina, em 1989, no que ele se transformou 33 anos depois, e provocar um necessário diálogo com a sociedade sobre o seu futuro.

5.3 Último passeio pelo conjunto arquitetônico do Memorial: as questões permanecem

Tento penetrar no Memorial pela Entrada Nobre (portão 1), como a chamava Darcy Ribeiro, mas ela está fechada permanentemente. O público não tem mais acesso por lá. Oscar Niemeyer queria que as pessoas chegassem pelo Metrô e submergissem na passagem de nível de 50 metros entre a estação e o Memorial. Era uma maneira de surpreender os visitantes que, no final do corredor, subiriam uns degraus e se deparariam com o “espetáculo da arquitetura” a céu aberto. Naquela passagem havia duas obras de arte de Sérgio Ferro, as *Cenas e sonhos latino-americanos I e II* (uma de cada lado do corredor), inauguradas em 1990. Os painéis eram constituídos de pintura sobre tela, vidro, cordas, pá, colher, picareta e até cavadeira incrustadas nas paredes. As obras formavam uma pujante alegoria da luta dos trabalhadores por autonomia e a busca da felicidade. Não muito tempo depois de inauguradas, vândalos a atacaram. Eram demais para um país que mal saía de 20 e tantos anos de ditadura cívico-militar. Por conta disso, o portão número 1 foi trancafiado. Essa foi a primeira vez que a Entrada Nobre ficou fechada por vários anos. No início dos anos 2000 os painéis foram recuperados pelo restaurador Cezar Olandim e, em 2010, finalmente, encontraram seu lugar nas alturas da estação Vila Prudente do Metrô (quem se posiciona na escada rolante em direção à plataforma consegue vê-las). Lá não podem ser vandalizadas.

A Entrada Nobre ou Monumental só seria reaberta em 2006, com a reforma promovida pelo presidente Fernando Leça. Foi então que a artista plástica Maria Bonomi propôs ocupar aquele espaço. Ela obteve o apoio de Oscar Niemeyer para o projeto *Etnias - do primeiro e sempre Brasil*. A obra foi inaugurada em 2008. O site do Memorial lhe dá um toque bergsoniano ao dizer que, “na verdade, a matéria plástica trabalhada por Maria Bonomi é o Tempo. Assim é que há 19 anos construiu no próprio Memorial um outro painel em relevo denominado “Futura Memória” e recentemente fez para a Estação da Luz a “Epopéia Paulista”. A página online da Fundação apresenta o painel *Etnias* da seguinte forma:

Trata-se de um conjunto de painéis em argila, bronze e alumínio cujas gravuras – e Maria Bonomi é uma das nossas maiores gravadoras – lançam um olhar sobre os habitantes que aqui viviam antes da invasão dos europeus até os dias de hoje. Autoridades e artistas participaram da cerimônia de abertura, entre eles, o Governador José Serra, o bibliófilo José Mindlin, o senador Eduardo Suplicy, o publicitário José Zaragoza e a fotógrafa Cláudia Andujar. Uma delegação de 60 indígenas das etnias Guarani e Maraguá apresentou um número com cantos tradicionais de seu povo, cuja história está ali retratada. Eles vieram de Parelheiros, bairro da Zona Sul de São Paulo onde se localizam algumas aldeias às margens da

represa do Guarapiranga. Agora, quem chega ao Memorial pela entrada principal se surpreende.

A instalação “**Etnias – Do Primeiro e Sempre Brasil**” está localizada na passagem de nível de 50 metros que liga o metrô ao conjunto arquitetônico. Nesse corredor espelhos em toda a extensão das duas paredes e a iluminação cenográfica emolduram painéis e totens que recontam de forma estilizada a história do índio brasileiro. Nas escadas, estão gravados nomes de índios de diversas etnias.

Compostos por alto e baixo relevos, os painéis em argila evocam as origens, a mata, cavernas, pinturas rupestres, padrões indígenas, instrumentos rituais, armas, animais e as primeiras habitações. Já os painéis em bronze remetem à chegada dos colonizadores. Lá estão as caravelas, os personagens, as armas de fogo, os sinos, as fortalezas, as missões. Por fim, os painéis de alumínio investigam a presença indígena na contemporaneidade, como na construção de Brasília, por exemplo.¹⁹⁶

A partir de então, a Entrada Nobre (portão 1) voltou a funcionar normalmente, até que um dos totens do **Etnias** foi derrubado por alguém que veio a um dos eventos da praça, provavelmente em meados de 2016. Suspeitaram na época que teria disso durante a festa de aniversário da Bolívia, que acontece todo ano no Memorial, perto da data nacional do país, o Seis de Agosto. Os imigrantes bolivianos e seus descendentes reproduzem no Memorial o carnaval de Oruro. É uma das festas mais lindas e interessantes, animadas e divertidas de São Paulo. No entanto, tem pouca atenção da mídia e dos paulistanos. Comemorada no final de semana imediatamente posterior ao Seis de Agosto, durante o sábado e o domingo, a passarela do Memorial é tomada por milhares de bolivianos fantasiados de divindades, animais, seres mitológicos, antrozoomórficos e personagens burlescos criados por eles segundo a personalidade de cada fraternidade. Suas roupas remontam a tradições anteriores à chegada dos europeus, bem como ao sincretismo, à mistura e ao paralelismo entre culturas diferentes que rivalizam, mas se respeitam e convivem nos Andes. Cantam e dançam ao som de suas “morenadas”, “diabladas” e “caporales” tradicionais. É verdade que os espanhóis chegaram e se impuseram a ferro e fogo, imprimindo uma marca indelével naquele caldeirão cultural, mas os andinos contra-atacaram por intermédio de apropriações e recriações inusitadas.

A suspeita sem provas de que foram bolivianos que deprecaram o *Etnias* foi usada pelo presidente interino Irineu Ferraz para justificar uma ideia estapafúrdia. Ele queria remover a obra de Maria Bonomi da passagem de nível da Entrada Nobre para instalá-la atrás da Galeria Marta Traba. A justificativa era que *Etnias, do primeiro e único Brasil* atrapalhava o tráfico de pessoas nos shows da Praça Cívica. E àquela época, como agora, se alugava a

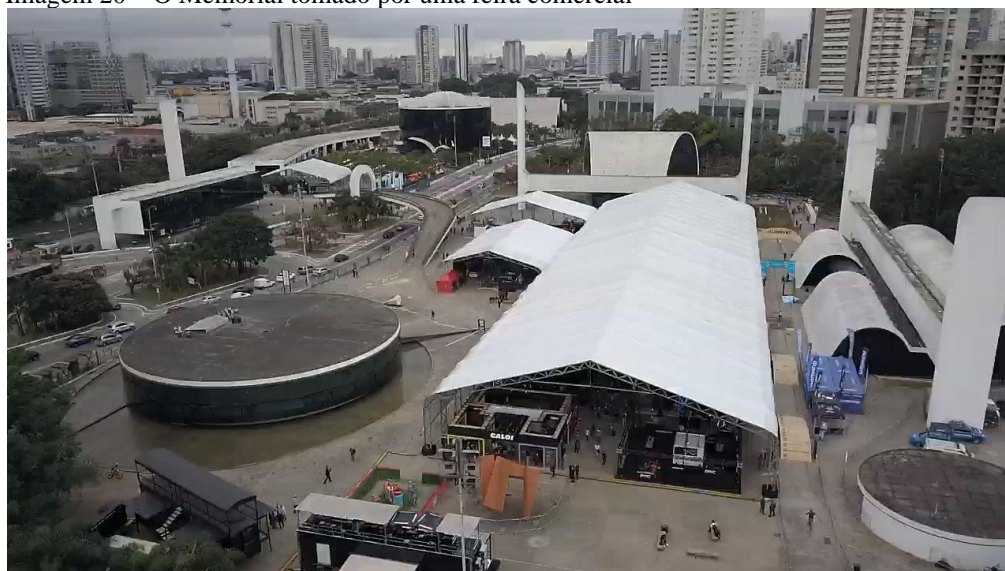
¹⁹⁶ <https://memorial.org.br/conheca-o-painel-etnias-de-maria-bonomi-no-memorial-america-latina/>

esplanada para grandes eventos musicais, como o Coala Festival, entre vários outros. E se queria ampliar essa dinâmica. É claro que Maria Bonomi se revoltou contra esse plano. O projeto de remover o *Etnias* do lugar para o qual foi pensado seria abandonada pela presidenta Priscila Helena Franco, que substituiria Irineu Ferraz em 2018.

Digo tudo isso porque atualmente prevalece o entendimento de que a Entrada Monumental deve mesmo ficar fechada, permanentemente, para evitar depredações. Seria preciso, dizem os gestores, manter afastado do Memorial o populacho do entorno que inclui homens, mulheres e crianças que moram nas ruas. Eles querem que a passagem subterrânea ser tratada como uma galeria de arte. Só entraria lá a partir da Praça Cívica quem fosse visitar a Bonomi. Se isso persistir, será uma pena porque *Etnias* foi concebida para interagir com o fluxo incessante de pessoas, como diz o site do Memorial:

Mais do que uma experiência contemplativa, as pessoas se integram à obra ao passar entre as placas maciças e por meio dos jogos de espelhos. E passeiam através de uma série de “fotogramas” gigantes e penetráveis, que formam uma espécie de “espetáculo” em alto e baixo relevo. O corredor de entrada do Memorial se transforma assim num espaço interativo, no qual o público se integra fisicamente com a História.¹⁹⁷

Imagem 20 – O Memorial tomado por uma feira comercial



Fonte: Memorial da América Latina [2018]

¹⁹⁷ Idem ibidem

5.3.1 As bandeiras da Praça Cívica estão incompletas

Acabo entrando no Memorial pelo portão dois, pelas costas da Biblioteca da América Latina. Chamo-a assim porque é como Darcy Ribeiro se referia a ela nos seus primeiros escritos. Também é conhecida por Biblioteca Latino-americana, a Bibla. Depois de deixar para trás a geometria da *Grande Flor Tropical*, de Franz Weissmann, encontro a bibliotecária Aparecida da Graça Guimarães, a Cidinha, na entrada da Bibla, diante da Praça do Sol. Figuras históricas do Memorial, ela e o Isidoro (José Isidoro da Silva, dos serviços gerais), os dois são os únicos funcionários fundadores do Memorial que passaram no concurso público de 1999. Os demais contratados antigos tentaram, mas não foram bem sucedidos naquele concurso, o único que se realizou até agora. Pergunto-lhe sobre o acervo musical mencionado por Darcy e Cidinha me conta que estão preservadas as fitas cassetes que fizeram parte do projeto Som Brasil, de Ricardo Cravo Albin, alguns LPs de música brasileira e latino-americana, além de fitas rolo de música mexicana, fitas cassete e cds de música latino-americana em geral. Há também uma coleção de 700 filmes em VHS da América Latina e de outros países. A curadoria desse acervo foi de Isa Grinspum Ferraz. A biblioteca carece urgentemente de um projeto para a restauração, digitalização e catalogação desse pequeno tesouro, que atrairá melômanos, estudiosos da música e da cultura latino-americana e ouvidos curiosos e inteligentes em geral.

Há apenas 34 anos era necessário se dirigir a uma biblioteca para ouvir músicas da América Latina ou assistir seus filmes; hoje o audiovisual latino-americano está mais acessível na internet. O que se carece é de curadoria e formação. À medida que recupere e digitalize seu acervo, a Biblioteca do Memorial poderia cumprir esse papel usando seu auditório e os meios de comunicação disponíveis. Cidinha me conta que o acervo atual da Biblioteca chega a 50 mil livros. Alguns deles, Darcy garimpou-os pessoalmente nos sebos do Rio de Janeiro. É reconfortante ler os bilhetes e comunicados em torno da compra de livros, no Brasil e no exterior, e saber que 34 anos depois a biblioteca cresceu. Não tanto quanto queria Darcy Ribeiro, mas cresceu. Talvez por seu ineditismo – consta que é a única no Brasil dedicada exclusivamente à América Latina e uma das poucas no mundo - foram confiadas à Bibla as bibliotecas pessoais de personalidades ligadas ao tema - como a do ex-governador André Franco Montoro, do cineasta argentino radicado no Brasil Hector Babenco e do professor José Marques de Mello, da ECA-USP, um importante estudioso da comunicação no subcontinente.

O nome verdadeiro da biblioteca do Memorial é o de um empresário e editor famoso que morreu em 24 de agosto de 1990. Segundo o decreto 32.439, de 16 de outubro de 1990, a casa dos livros da América Latina se chama oficialmente Biblioteca Latino-americana Victor Civita. Será que o governador Orestes Quércia, que havia negado ao filho dele, Roberto Civita, o terreno em que seria construído o Memorial, quis compensá-lo de alguma maneira?

No caminho para o Salão de Atos me volto e procuro as bandeiras que ficam hasteadas sobre a Entrada Nobre. Por alguma razão, hoje elas não estão lá. Devem ter sido retiradas em função de algum evento comercial. São ao todo 28 bandeiras, incluindo as do município e do estado de São Paulo. Duas não deveriam estar ali sob qualquer critério: as bandeiras de Portugal e Espanha, as potências europeias que colonizaram a ferro e fogo o território. Afinal, cabe perguntar, para o Memorial quais países integram a América Latina? Na Fundar encontrei um levantamento com a data nacional de todos os países abaixo do Rio Grande (que separa o México dos Estados Unidos); e farta correspondência de Darcy Ribeiro com intelectuais de países caribenhos, entre eles, Porto Rico, que nem país é, mas se identifica com a América Latina (Porto Rico é um “Estado Livre Associado”, na prática, uma espécie de colônia dos EUA). Embora não haja um documento oficial determinando quais países fazem parte, simbolicamente, do Memorial da América Latina, é provável que Darcy Ribeiro entendesse que o Memorial devesse acolher todas as sociedades, culturas e arranjos políticos do México à Terra do Fogo, não importando se falam espanhol, português, inglês, francês, holandês, idiomas crioulos ou centenas de línguas originais. Isso porque são povos que têm uma história comum, vítimas que foram do colonialismo e do racismo que alimentaram o capitalismo na Idade Moderna. São povos que também lutam por soberania. Não por acaso, na recente cúpula da CELAC - Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos, o presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva concluiu seu discurso, em 24 de janeiro de 2023, da seguinte maneira:

“Não poderia terminar sem homenagear um brasileiro extraordinário, que se dedicou a repensar nossa região quando uma comunidade latino-americana e caribenha ainda era uma miragem. Em outubro passado, Darcy Ribeiro, homem público e um dos nossos maiores pensadores, teria completado cem anos. Tendo vivido o exílio, nos anos 60 e 70, ele foi dos primeiros a falar da nossa *unidade na diversidade*, essa Pátria Grande, e a apontar a contribuição civilizatória muito particular que a nossa região tem a dar para o mundo”.¹⁹⁸

¹⁹⁸ **A homenagem de Lula na Argentina ao antropólogo e educador Darcy Ribeiro**

<https://veja.abril.com.br/mundo/a-homenagem-de-lula-na-argentina-ao-antropologo-e-educador-darcy-ribeiro/>

O Memorial da América Latina tem no seu cerne, embora invisibilizado, essa “unidade na diversidade” da Pátria Grande. E quanto mais diversa, melhor. Hoje fazem parte da CELAC trinta e três países, a saber: Antígua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica (não confundir com a República Dominicana, que fica em uma parte da ilha Hispaniola), Equador, El Salvador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela. Além deles, há outros territórios não soberanos, colônias, estados associados e departamentos ultramarinos - como o citado Porto Rico, as Ilhas Malvinas e a Guiana Francesa, por exemplo - que estão inexoravelmente vinculados ao contexto latino-americano e também precisam ser pensados pelo Memorial. Que rica troca cultural nos espera!

Para exemplificar esse potencial de intercâmbio, o Memorial publicou na revista Nossa América uma matéria sobre São Vicente e Granadinas, conforme já mencionado, em 2021. Intitulada “O renascimento dos garífunas”, tinha como personagem principal o cineasta Akley Otton, natural da pequena ilha do Caribe de língua inglesa. No início do texto era citado o prefácio do livro eletrônico **Movimentos da América Latina**, lançado pelo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL) no mesmo ano:

“Mas de qual América Latina estamos falando?”, pergunta-se o prefácio do livro **Movimentos da América Latina**, lançado em agosto de 2021 pelo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), deste Memorial. Ele mesmo responde: “O conceito de América Latina adotado pelo CBEAL não se circunscreve a definições decorrentes da conquista pelas potências mercantis dos séculos XV e XVI, Espanha e Portugal. Nos séculos seguintes, a colonização prosseguiu, com novas potências que falavam outras línguas, como o inglês, o francês e o holandês. Processos semelhantes de genocídio, espoliação, roubo e imposição cultural - o que chamamos de colonialismo - resultaram no surgimento de povos culturalmente diversos que, entretanto, vivem em estruturas sociais e econômicas análogas, marcadas pela exclusão e pela violência”.¹⁹⁹

O cineasta ressalta que a identificação com a cultura latino-americana vai além das línguas faladas nos “pequenos países insulares do Caribe - nossos irmãos latino-americanos - como as belas ilhas de São Vicente e Granadinas” (Nossa América, nº 59, p 61). Sob o subtítulo “Em busca da identidade”, o artigo conta como Oakley Otton iniciou seu último filme, que se chama *Hairouna* (“Terra dos Abençoados” na língua arawak):

¹⁹⁹ BARBOSA, Alexandre e GINEZI, Luciana Latarini. “América Latina para além das definições coloniais”. *Movimentos da América Latina*. Cadernos da Cátedra UNESCO Memorial Vol.1. São Paulo: Memorial, 2021, p.8 citado por BARBOSA, Alexandre, RASCOV, Eduardo, DEBENEST, Maristela. “O renascimento dos garífunas” IN Revista Nossa América nº 57, p 52.

“A história do meu filme começou num livro da escola básica quando vi a página sobre os caribes negros - não sobre os garífunas²⁰⁰, que não apareciam - e passei toda a vida me perguntando quem foram”, relata Oakley. A dúvida sobre a sua origem e identidade permaneceu até ele assistir a uma conferência sobre memória indígena em que a palestrante, de Belize, disse que voltava a São Vicente por ser sua terra natal. Essa declaração desconcertou Oakley, que sempre considerara a África como a pátria originária dos negros. Pesquisas, leituras e viagens a Honduras e Guatemala o levaram a perceber que a proximidade entre os países da América Latina era maior do que ele imaginava. “Na praia, em Honduras, era o mesmo pescado, o mesmo coco, as mesmas receitas de comida que em São Vicente”, conta. “Só que as pessoas falavam espanhol, não inglês. Foi como um choque de identidade”. Foi esse choque que germinou em Oakley a necessidade de compartilhar histórias de São Vicente diferentes daquelas contadas pelos ingleses. Nessas histórias estão, nas palavras de Oakley, a desigualdade dos resorts em que “brancos comem e negros servem” - e está Joseph Chatoyer²⁰¹, um Toussaint L’Ouverture²⁰², um Simón Bolívar, um Zumbi dos Palmares de São Vicente e Granadinas.²⁰³

Em suma, os 33 estados soberanos do subcontinente - mais Porto Rico e as outras colônias que se identificam com a latino-americanidade - podem e devem fazer parte de um conceito amplo que deveria ser acolhido e contemplado pelo Memorial: América Latina e Caribe, não importa a língua ou a potência colonizadora. Isso porque, conforme mostrou Darcy Ribeiro, temos muitas afinidades e desafios semelhantes. E também porque a sociedade brasileira só se enriqueceria interagindo com culturas diversificadas e riquíssimas, como as dos pequenos países do Mar do Caribe, do Suriname ou da Jamaica, por exemplo.

²⁰⁰ “Caribes negros” era como os europeus chamavam povos de ilhas caribenhas de colonização tardia que provinham, evidentemente, da mescla de africanos escravizados em fuga e indígenas arawak e karib. São Vicente e Granadinas foi um dos últimos territórios colonizados, por volta de 1700. Sua cultura - auto-denominada “garífuna” - tem sido ressignificada pelas novas gerações. Essas informações estão em “São Vicente e Granadinas, um olhar do centro de Abya Yala”, artigo de Briseida Barrantes Serrano, publicado na Nossa América nº 57, p 59.

²⁰¹ Joseph Chatoyer (? a 1795), também conhecido como Satuyé, foi o primeiro grande líder dos garífunas. Deixou-se influenciar pelos ideais das Revoluções Americana e Francesa. Enfrentou os ingleses de 1772 a 1795, até ser assassinado pelos colonizadores.

²⁰² Toussaint L’Ouverture (1743 a 1803) foi o grande líder revolucionário do Haiti

²⁰³ Revista Nossa América nº 57, p 58.

5.4 Resposta a Darcy: Carta que guia

Vou novamente à *Mão*. Escalo seu pedestal. Olho em volta e “lavo os olhos” no conjunto arquitetônico: para onde aponto as lentes vejo linhas sinuosas e composição harmoniosa. Poucos elementos perfazem um jogo entre cheios e vazios em prol da utopia latino-americana. E, no entanto, quanta oposição não despertou. Abro o celular e procuro a imagem do editorial do JT, então um jornal importante, intitulado “Um Memorial digno do babaquismo marxistóide”, de 16 de agosto de 1988. Ele dá uma informação errada.

E uma das “obras de arte” inicialmente previstas, a escultura de uma imensa mão com os dedos entreabertos e a palma virada para a cima, acabou sendo à última hora cancelada, uma vez que poderia simbolizar um ato de mendicância ou a velha tradição das ditaduras latino-americanas de praticar retóricas anti-imperialistas e de pedir, a fundo perdido, ajuda externa dos países por elas considerados... imperialistas.²⁰⁴

O editorialista está falando exatamente sobre a *Mão*, na qual me encontro. Quanta desinformação e sarcasmo eivado de equívocos! Mal sabia ele que esta obra de arte, de um dos criadores mais celebrados do século XX, tornar-se-ia talvez o mais importante monumento de São Paulo, símbolo da cidade reconhecido na América Latina, e um lugar de memória coletiva dos latino-americanos. Só isso não tem preço. Imagino Darcy Ribeiro rindo sem paciência da pequenez do autor do “babaquismo marxistóide”. O antropólogo não deve ter perdido tempo escrevendo ao Jornal da Tarde. Igualmente, imagino que aquela carta de 1990 de Darcy Ribeiro, endereçada a Orestes Quécia, ficou sem resposta do governador. Pelo menos não encontrei qualquer devolutiva ou algo que o valha no acervo da Fundar. Sento-me e apoio as costas no punho da *Mão*. Puxo da mochila o caderno de capa vermelha. Abro-o calmamente e escrevo uma resposta a Darcy, 33 anos depois:

Memorial da América Latina, 28 de janeiro de 2023

Caro Darcy,

Você não me conhece. Não deu tempo. Cheguei ao Memorial apenas três anos após a sua partida. Sobre o desaparecimento, guardo comigo suas palavras, “enfrentei a vida com coragem, inocência e gozo. Sabendo sempre que o inevitável é o melhor, encarei os infortúnios como pontes para o desconhecido”²⁰⁵. Graças a você o Memorial nasceu grande,

²⁰⁴ “Um Memorial digno do babaquismo marxistóide”. Editorial do Jornal da Tarde de 16 de agosto de 1988.

²⁰⁵ RIBEIRO, Darcy. **Vida, minha vida**. Coleção Darcy no Bolso. Brasília: Editora Unb e Rio de Janeiro: Fundar, 2010.

ambicioso, buliçoso.

Gozoso, até.

Sonhoso, eu diria, para usar um neologismo que talvez você goste.

A bem da verdade, devo dizer que seu projeto para o Memorial fracassou, pelo menos até agora. No entanto, a integração em si, essa ideia-mãe é pouco questionada. Os hispano-americanos sempre quiseram essa união, embora de maneiras conflitantes. São nostálgicos dos ideais de Simón Bolívar. Nós, os brasileiros, passamos a acalentar esse sonho nos anos 1990. Creio que o Mercosul e o Memorial da América Latina tenham a ver com essa mudança cultural.

É de se perguntar por que o apelo à união ainda tem essa força, como se fosse uma panaceia dos males sociais, políticos e econômicos que nos afligem. Você estava certo, Darcy. Atualmente, quando o poder hegemônico vê seu projeto de globalização abalado pela formação de novos blocos econômicos, que questionam a primazia do dólar, parece que o imperativo da integração regional se intensifica. Ecoa o grito do Libertador, na “Carta da Jamaica”, quando ele deseja que seja formada na América Latina a “maior nação do mundo”.

O Memorial precisa saber ouvi-lo.

Na sua última carta a Orestes Quércia, provavelmente escrita em março de 1990, você lista o que precisaria ser feito para o Memorial fazer sentido e não perder a razão de ser. Infelizmente, item por item, tudo o que você solicitou não foi atendido. A justificativa recorrente das autoridades instituídas é que são providências, programas e projetos demasiadamente caros. Argumentam que a verba tem que ir para gastos com a saúde, a educação, a moradia e a segurança. Separam a cultura das outras instâncias da vida. Não entendem que cultura é tudo o que o homem faz. Não percebem que você pensou o Memorial como um complemento à educação formal, sem as amarras e cobranças da escolarização regular. O Memorial seria um chamariz, um polo de atração de tudo o que o restante da América Latina tem de melhor. Pelo Memorial não ser uma universidade, mas sim uma espécie de interface aveludada entre as três universidades públicas paulistas, ele se coloca numa posição mais aberta e dialógica. Não está fechado em si mesmo, não fala para seus pares e, por isso mesmo, pode enxergar demandas que não vedadas ao mundo acadêmico.

Mas o Memorial não poderia ter sido feito assim, às pressas, numa corrida algo quixotesca contra o tempo. Lavasse o tempo que fosse preciso, havia de se estruturar, antes, discutir com seus pares, planejar cada detalhe do funcionamento dos diversos equipamentos do complexo cultural. Havia de se garantir ao Conselho Curador real autonomia para, de

fato, indicar ao governador uma lista tríplice de candidatos a presidente do Memorial e a diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina. E havia de se exigir do Conselho Curador que se empenhasse em escolher para esses cargos personalidades de vulto, em sintonia com o espírito latinoamericanista do Memorial que vem de você. A dimensão (continental) do papel representativo do presidente do Memorial e a dimensão intelectual do diretor do CBEAL deveriam ser tal que ficasse explícito o que está garantido por lei: a autonomia do Memorial. No entanto, Darcy, isso nunca aconteceu. O que normalmente vemos são os diretores do Memorial se entregarem a uma vontade desmesurada de agradar o governador. Isso porque enxergam o Memorial, não como uma fundação pública, cuja autonomia é determinada pela legislação, mas como mais um órgão público do governo estadual.

Se me permitir, caro Darcy, gostaria de “responder” ponto por ponto sua missiva, juntando às “respostas” algumas reflexões desprezíveis. Você arrazoa que a água aflora há um metro e meio da superfície no terreno onde o Memorial foi construído. E que, por isso, e dado a pressa do empreendimento, não se conseguiu construir a galeria no subsolo da Biblioteca da América Latina. Faz-se necessário, então, um prédio anexo, que você propõe no item 1 da sua carta da seguinte maneira: “Essa complementação deverá assumir a forma de uma torre, que Oscar Niemeyer já desenhou, e cuja edificação é imperativa. Nela é que se contará com o depósito para 250 mil livros, um auditório de 250 lugares, e quatro outros de cem cada um, a direção e administração da Biblioteca e do Salão de Atos, bem como as 24 cabines de leitura, som e imagem, destinadas aos estudiosos que no Memorial farão suas teses de doutorado sobre temas latino-americanos”. Pelo que depreendo, essa nova torre seria erguida, não nos atuais 84 mil m² do conjunto arquitetônico, mas na área externa, atrás da biblioteca, onde à época existia a Vila da Fepasa (ou então na antiga área de estacionamento do Metrô, na qual hoje tem um prédio de uma universidade particular). Não era um delírio construtor, mas uma necessidade conectada ao seu projeto de fomento à pesquisa e divulgação do conhecimento. Hoje sabemos que esse tipo de expansão é uma providência comum em instituições culturais incrustadas na urbe. É a solução para a falta de espaço. As bibliotecas e os museus crescem para fora, incorporam prédios ao redor, como aconteceu com a Biblioteca Mário de Andrade e o Museu do Ipiranga (Paulista). No caso da sua biblioteca, meu caro Darcy, isso nunca se concretizou. Seu acervo não cresceu como poderia. Eram 30 mil volumes no começo dos anos 2000 e hoje são 50 mil. O aumento se deve, não a uma política consistente e planejada de aquisições e atualizações, mas a doações de bibliotecas particulares que tinham a ver com alguns temas latino-americanos.

No item dois você propõe que seja construído um “depósito ou armazém” para o Pavilhão da Criatividade, “porque há mais de um século não se concebe um museu sem” o que atualmente chamamos de reserva técnica. De fato, o Pavilhão da Criatividade, que hoje leva seu nome, não tem uma reserva técnica. Faz falta. No item seguinte, você recomenda “estender a área útil do Pavilhão da Criatividade, pelos sete metros do que é hoje o corredor, criando outra área. Lembre-se, Governador, que o maior êxito do Memorial é esse Pavilhão, que atrai dezenas de milhares de pessoas todos os fins de semana, porque o artesanato popular é uma linguagem na qual todos se identificam, o que justifica plenamente sua ampliação”. Essa ideia faz sentido. Maureen me disse que os países latino-americanos não representados no Pavilhão reclamam, querem ver seu artesanato exposto ali. Para isso, é necessário que se amplie o espaço construído com o mesmo partido arquitetônico. No entanto, veja o que aconteceu: o Pavilhão da Criatividade diminuiu de tamanho! Ele que tinha 150 metros de comprimento e dez de largura perdeu cerca de 40% do seu traçado original. E o projeto expográfico do arquiteto Antonio Marcos da Silva, assessorado por Jacques e Maureen Bisilliat, não existe mais. A mostra permanente atual é muito menor. O que é mais triste: quem visita o Pavilhão não sente mais aquela onda luxuriante e sinestésica que emanava do jeito barroco que estava exposta a coleção de arte popular. Para agravar, as peças retiradas da exposição estão mal acomodadas numa reserva técnica improvisada. Esse encolhimento se deu na gestão de João Batista de Andrade, dois anos após o desligamento de Maureen Bisilliat (ela saiu em 2011 e ele entrou em 2013). Mas o que fizeram com os 40% de área útil subtraído do Pavilhão, você vai me perguntar. Bom, foram divididas em duas salas: O Espaço Multiuso, de 387,0 m², inaugurado em janeiro de 2016 com a exposição Vila do Chaves (não o líder bolivariano, mas o comediante mexicano); e a Sala Gabo, de 248 m², inaugurada em 1º de março do mesmo ano com a exposição Ouro: Espírito e Natureza de um Território, do artista colombiano Pedro Ruiz. O Espaço Multiuso recebeu em seguida a exposição Rá-Tim-Bum, o Castelo, e depois Batman 80: A exposição. As três cobravam ingresso, pois foram produzidas por uma agência privada. Nunca antes havia sido necessário pagar para visitar o Memorial. Quanto ao Espaço Multiuso, desde 2016, seu principal uso é a locação como apoio a grandes eventos privados no Memorial. A Sala Gabo é mais voltada a exposições temporárias, mas também está à disposição para locação, caso haja interesse. Como você vê, Darcy, o Pavilhão da Criatividade encolheu e parte do que era seu espaço original, hoje, está no cardápio de ofertas comerciais do Memorial. Talvez pelo fato do Pavilhão se esparramar pela Praça da Sombra, onde há feiras gastronômicas, entre outros eventos, as duas novas salas são muito procuradas para fins comerciais. E você sabe que até

mesmo o que restou do Pavilhão correu o risco de ser desmontado! Na curta gestão interina de Irineu Ferraz, em 2017, falou-se em transferir o que sobrou do acervo do Pavilhão da Criatividade para a Galeria Marta Traba! A primeira vez que ouvi essa história foi pela boca da museóloga Marlise Corsato, que havia sido contratada por Ferraz. Ela também era a favor de retirar o painel Etnias - do Primeiro e Sempre Brasil do corredor subterrâneo da Entrada Nobre e instalá-lo atrás da Galeria Marta Traba. Penso que nos dois casos o que se queria era abrir espaço para facilitar a locação. Por sorte, ambos os projetos não deram certo, porque o interino Irineu Ferraz, após um ano na presidência, foi removido pelo Conselho Curador.

Ah, sim, Darcy, Maria Bonomi criou um novo painel, o Etnias - Do Primeiro e Sempre Brasil, e o instalou no lugar da obra de Sérgio Ferro que, como você sabe, foi vandalizada logo após ser instalada, em 1990, e retirada do local. Coisa bonita de ver e sentir, Darcy, em barro, bronze e alumínio, Bonomi dialoga com o seu olhar antropológico sobre as múltiplas culturas do nosso continente.

No primeiro ano de vida do Memorial, foram programados shows com estrelas da música latino-americana que lotavam a “Aula Magna, que funciona como auditório”. Você percebeu que muita gente não conseguia ingresso gratuito e ficava na “fila da esperança” do lado de fora. Para resolver esse problema, você propõe a transformação de parte do grande estacionamento do Memorial (portão 15) em uma “Praça da Apoteose, que dará espaço para que 60 mil pessoas transformem o lugar no umbigo de São Paulo, amandi-amado por todos os paulistanos”. Bem, isso não aconteceu. Toda a área permanece sendo estacionamento. Mas, curiosamente, o local que se transformou numa Praça da Apoteose é a nossa Praça Cívica, onde fica a “Mão” de Niemeyer. O espaço recebe, principalmente, certos festivais privados de músicas pop, nacional ou internacional, com ingressos voltados para a classe média. Nada de música latino-americana, nada de uma programação produzida por nós. A Praça Cívica se tornou a responsável pela maior parte da receita própria do Memorial. Para que o público exterior não veja o que está acontecendo dentro sem pagar, os produtores dos festivais tapam a Praça em toda a sua extensão com chapas de metal fixadas na grade. Niemeyer talvez considerasse isso um acinte.

Darcy, acho essa ideia do Museu da Forma muito boa. Está lá no item quatro da sua carta, em que você diz: “Meu coração pede também um complemento que coroaria o Memorial como a expressão maior da América Latina, com a construção do Museu da Forma, integrado por reproduções de fibra de vidro das obras máximas da escultura latino-americana, que é o ponto mais alto da criação artística”. Você quer aproximar as

esculturas mesoamericanas anteriores a Cristóvão Colombo às “criações supremas do Aleijadinho” e ao templo de Machu Picchu - por meio de réplicas construídas especialmente para esse fim. Seria uma forma de proporcionar aos brasileiros que não podem fazer turismo no exterior uma ideia da riqueza de nossas culturas. Tudo isso ficaria numa nova edificação construída na antiga Vila da Fepasa, nos fundos do Memorial. Acho a iniciativa ótima, desde que, além da exposição permanente, houvesse um espaço dinâmico para interatividade - oficinas sobre arte antiga e popular, cursos sobre as culturas pré-colombianas etc. É o mesmo que penso sobre o Pavilhão da Criatividade. Infelizmente, Darcy, aquele terreno foi ocupado por prédios de apartamentos. Sim, Darcy, a área envoltória de 200 metros no entorno do Memorial não mais impede legalmente que se construa prédios comerciais. A lei foi alterada e a especulação imobiliária come solta. O nome oficial disso é Outorga Onerosa do Direito de Construir, liberado para a região. Na Barra Funda há um boom de edificações residenciais que escondem o nosso Memorial.

A segunda parte da sua carta, Darcy, “outro capítulo das minhas angústias”, como você diz, não é mais sobre prédios para o Memorial, mas sim sobre o que fazer com os existentes. Segundo você, “cada uma das edificações foi planejada para cumprir um certo objetivo, perfeitamente especificado”. Em seguida, você alerta para o perigo de “abandonar esse programa para deixar o Memorial entregue às improvisações” que, “ocasionalmente, podem até ser geniais, mas que habitualmente o afundariam na mediocridade”. Receio ter que concordar com você mais uma vez.

Você começa abordando essa ideia de universidade aberta “sem alunos e sem professores porque pertence a todos os professores e todos os alunos”. Agora entendo porque o formato institucional da Fundação é tão específico. Você a formatou para facilitar esse objetivo. A instância máxima de poder do Memorial é o Conselho Curador do qual são membros natos os reitores da USP, Unicamp e Unesp, mais o presidente da Fapesp e os Secretários de Estado da Cultura e da Ciência e Tecnologia (que a cada gestão muda de nome; hoje se chama Secretaria de Desenvolvimento Econômico). Há ainda três membros indicados livremente pelo governador. Convenhamos que este é um Conselho Curador talhado para apoiar uma iniciativa como a sua. É este Conselho Curador que envia duas listas tríplices ao governador para a escolha do diretor presidente da Fundação e do diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL). Ou seja, não é o presidente do Memorial quem escolhe o diretor do CBEAL. O presidente do Memorial tampouco pode demitir o diretor do CBEAL. Qualquer mudança tem que passar pelo Conselho Curador. Há um equilíbrio de poder, um jogo de equivalências aí. Em outras palavras, a vocação do

Memorial para ser um centro de estudos da América Latina fica evidente quando vemos que, em tese, o diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina tem autonomia e estatuto respaldado pelo próprio Conselho Curador do Memorial, instância na qual participam os reitores das três universidades públicas de São Paulo e o diretor da maior agência de fomento à ciência do país. Esses dirigentes do mundo acadêmico não teriam preconceitos com “a universidade aberta” ou dificuldades em “realizar, a cada mês, sem faltar nenhum, um seminário de balanço crítico do saber”. Ao contrário, o Conselho Curador do Memorial, através do seu diretor do CBEAL, teria todo o interesse em organizar “esses seminários [que] deverão trazer a São Paulo os quatro maiores especialistas da América Latina, e seus quatro equivalentes brasileiros, para discutirem o estado de seu campo de ação”, discussão essa que depois poderia ser transformada em livro pelo próprio Memorial. Darcy, você realmente montou um arcabouço que vincula as universidades, as secretarias e Fapes, grande órgão de pesquisa do Estado, ao Memorial. Era só uma questão de vontade política para o que você planejou se efetivasse.

Pena, Darcy, que nada disso nunca aconteceu. Desconheço que tenha havido uma única vez que o Conselho Curador se reunira para compor uma lista tríplice e indicá-la ao governador. É pura formalidade vazia. Na realidade, é o próprio governador que escolhe o presidente do Memorial. Diretamente. Depois, apenas formalmente, o Conselho Curador o referenda. E faz isso por meio de uma lista tríplice, em que apenas o escolhido previamente pelo governador tem chance. Os outros dois, podem ser qualquer um, estão lá apenas para constar. Com o diretor do CBEAL acontece algo semelhante. A diferença é que, neste caso, quem o escolhe é o próprio presidente do Memorial. A lista tríplice apresentada pelo Conselho Curador é um jogo de cartas marcadas. É como se o governador do estado abdicasse desse direito e apenas confirmasse o indicado pelo presidente do Memorial. Talvez isso reflita a pouca importância que o governo dá ao CBEAL. É um jeito de esvaziá-lo. Como já disse e repito aqui, a lista tríplice é proforma. Ninguém liga para o primeiro parágrafo do artigo 12 do decreto nº 30.553, de três de outubro de 1989 (que consolida a Lei 6472 de 28 de junho do mesmo ano), que “aprova os estatutos da Fundação Memorial da América Latina”. Lá reza, como você sabe, que “o Diretor Presidente e o Diretor do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina serão nomeados pelo Governador do Estado, o primeiro com mandato de quatro anos, entre profissionais de nível superior que exerçam atividades afins com a Fundação, escolhidos em listas tríplices elaboradas pelo Conselho Curador”.

O decreto diz que apenas o presidente do Memorial tem mandato de quatro anos. O

mandato do diretor do CBEAL é indefinido. Isso porque o cargo tem a ver exclusivamente com o fomento do saber. Enquanto a presidência do Memorial é uma função representativa, portanto, mais política, do diretor do CBEAL se espera que seja um intelectual reconhecido por seus pares e que faça um bom trabalho. Se assim for, não há motivos para ser trocado. Eu diria, Darcy, que você era talhado para o cargo, não fosse seu projeto de se tornar Senador da República, cuja candidatura você lançou logo em seguida.

No início dos anos 1990 não havia o processo de internacionalização das universidades que vemos hoje. Seu projeto fazia sentido. No meu entender, continua fazendo, embora, se houvesse uma iniciativa política de retomá-lo, seria necessário rediscuti-lo. Não daria para segui-lo ao pé da letra. Apenas como exemplo, você indica a participação dos “quatro maiores especialistas da América Latina e seus quatro equivalentes brasileiros” nos seminários internacionais de atualização do estado da arte de diferentes saberes. Por que prefixar o número de participantes? Esse e vários outros pontos são exemplos de que, neste caso, a indicação precisa, específica e rígida mais atrapalha do que ajuda. Seria preciso flexibilizá-las. No entanto, é indiscutível que o Memorial tem tudo para ser o lócus privilegiado para encontros presenciais latino-americanos, por mais que o espaço virtual e a digitalização da vida possam acolher muitas das suas ideias. Seu projeto foi elaborado em 1988, antes da queda do Muro de Berlim, do fim do comunismo real no Leste Europeu, e do início da nova fase da globalização econômica liberal e ascensão da China como superpotência. E antes que os estudos sobre a América Latina se tornassem um campo do saber com direito a departamento nas universidades brasileiras. A ideia era que as universidades públicas paulistas, e por meio delas, as demais latino-americanas, despejassem no Memorial o conhecimento em primeira mão para que seguissem a trajetória científica de comprovação e falseabilidade por seus pares. De alguma forma, você se antecipou pensando num jeito dos saberes circularem mais e melhor e fortalecerem a luta do subcontinente por soberania. Esses são objetivos que, ontem como hoje, para serem encaminhados, precisam de vínculos entre os sujeitos que só o encontro face-a-face proporciona. A interação virtual, hoje indispensável, seria um coronário, uma prolongação e enriquecimento dos processos cujas sementes teriam sido lançadas no solo simbólico do Memorial.

No item dois da segunda parte da sua carta, Darcy, você pede para que seja mantida “a outorga dos prêmios de US \$100 mil (...) porque se destina a elevar São Paulo à condição de juiz da qualidade da produção nos campos das artes, ciências, humanidades e letras”. Bom, como você sabe, seu prêmio só foi outorgado mais uma vez, em grande estilo, é verdade, mas só mais uma vez. O sertanista e etnólogo Orlando Villas Boas recebeu o Prêmio

Estado de São Paulo das mãos de ninguém menos do que Fidel Castro. Você estava lá, eu sei. Vi na filmagem de Maureen, você conversando em português com o líder revolucionário cubano quando ele passava sobre a maquete de Gepp e Maia no Pavilhão... Que pena! O Memorial perdeu a oportunidade de se tornar uma referência para o mundo artístico, cultural e científico da América Latina. A história do prêmio Nobel está aí para provar o que uma iniciativa desse tipo - premiar “aqueles que durante o ano anterior fizeram o maior benefício para a humanidade” (ou para a América Latina, no nosso caso) - pode trazer para o país e a região (Suécia e Noruega, na Escandinávia, no caso do Nobel). Duvido que um profissional de marketing possa calcular o valor agregado à imagem desses países com a premiação. Em vista disso, o gasto seria irrisório para o Erário estadual. Tanto é que, em 2007, o governador José Serra criou o Prêmio São Paulo de Literatura, que oferece R \$200 mil para o autor do “melhor romance do ano” e R \$200 mil para o autor de “melhor romance de estreia”. E isso não foi visto como absurdo. É preciso não temer pensar grande.

Sua carta ao governador Orestes Quéricia também aborda a urgência dos “dois concursos anuais do Memorial”. Sua sugestão é que o Memorial receba três intelectuais latino-americanos para que eles escrevam “uma obra para a qual tenham se preparado a vida inteira”, que seria publicada pelo Memorial. Os autores receberiam, durante um ano, o valor correspondente ao “salário mais alto da USP mais 20%”. Essa bolsa-escritor seria muito bem-vinda. Várias instituições no exterior adotam-na. “O segundo concurso destinava-se a ter imensa repercussão”. Consiste em selecionar “cartas escritas por intelectuais jovens e recém-formados” para um intercâmbio entre hispano e luso-americanos. Além de selecionar “os paulistas que visitarão o resto do nosso país sem outro compromisso que o de se desprovincializar, se informar e formar outras gerações”. Você detectou muito bem o provincialismo dos paulistas, que se acham donos do Brasil, mas não o conhecem.

Finalmente, Darcy, depois de repetir que “Oscar Niemeyer está sempre a dizer que o Memorial foi o projeto que mais o aquiesceu em seu próprio coração”, você expressa o desejo de “continuar vinculado a esse empreendimento incomparável, na condição que o eminente governador decidir”, e complementa, (...) “Nos preocupa supremamente ter alguma influência sobre o andamento e o destino do Memorial (...) porque ele é também um sonho nosso, que queremos ajudar a florescer e defender dos riscos de uma secura de ideias, que o faria murchar para sempre”. Darcy, essa sua carta termina em tom melancólico. Falando em seu nome e no de Oscar Niemeyer, você pede que de alguma forma vocês dois permaneçam envolvidos com a estruturação do Memorial. Mas nada aconteceu. Não tivemos a consultoria de dois gigantes da nossa cultura. Você e Oscar viraram a página e seguiram em frente. E o

Memorial se afundou na decadência sem ter conhecido o apogeu. O que fazer?

Resta-nos lutar contra a “secura de ideias”. As sementes foram lançadas. Quem sabe não é chegada a hora delas eclodirem?

Receba meu abraço cordial (e simbólico)

Eduardo Rascov”

5.5 As Américas para além da latinidade

Fecho o caderno de capa vermelha. Me levanto. Estico as pernas. Decido caminhar feito um filósofo peripatético a cismar pela esplanada oscárica em direção ao Auditório Simón Bolívar. Gostaria de continuar escrevendo a Darcy Ribeiro, mas não sei o que dizer. O ideal seria iniciar um diálogo com outros pensadores latino-americanos que levasse a repensar e a ressignificar o Memorial da América Latina, mais ou menos na linha do que disse a socióloga Adelia Maria Miglievich-Ribeiro, uma das principais estudiosas da obra de Darcy Ribeiro, e coordenadora do Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento da Universidade Federal do Espírito Santo. No artigo “A crítica pós-colonial a partir de Darcy Ribeiro: Uma releitura de **O povo Brasileiro**”, ela arrazoa:

Certamente, os fatos passados são impagáveis e não se apagam. Podemos, contudo, ressignificar fatos e acontecimentos. O que do passado pode ser mudado é a carga moral, o seu peso de dívida. Os acontecimentos do passado permanecem abertos a novas interpretações, como também podem se inaugurar novos projetos, enquanto a história das mulheres e dos homens não se encerrar. Assim, também, suspeito que a história, recontada aqui, pelas ciências sociais latino-americanas, tem na condição de periferia não a suspeição de seu discurso, ao contrário, chances mais efetivas de rever a narrativa hegemônica acerca do mundo e recriá-lo nas ações significativas na história. Ora, os povos colonizados perseguem (...) a luz própria, como condição de sua libertação. A busca da compreensão da sociedade brasileira e o desejo de intervir nos rumos de seu desenvolvimento marca incontestavelmente há mais de um século o esforço intelectual brasileiro de produção de modelos interpretativos de nossa modernidade e dos desafios a ela postos. Darcy Ribeiro foi partícipe deste empenho de interpretação do Brasil.²⁰⁶

Inegavelmente, o Memorial da América Latina faz parte deste esforço de Darcy Ribeiro em intervir no Brasil. Seus textos e suas ideias circularam pela América Latina, e para além dela, e certamente impactaram na produção das ciências sociais latino-americanas dos anos 1990 para cá. Fazer uma cartografia deste diálogo é, certamente, um processo longo, que extrapola os limites deste estudo. É preciso, no entanto, dar o primeiro passo. Mas por onde começar?

²⁰⁶MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria. “A crítica pós-colonial a partir de Darcy Ribeiro: Uma releitura de *O povo Brasileiro*” IN *Realis* - Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Pós-coloniais <https://periodicos.ufpe.br/revistas/realis/article/view/8734/8709> (acessado em 15.01.2023).

O cubano José Martí foi um dos que atendeu ao chamado de Simón Bolívar. Poeta, jornalista, professor, político e líder revolucionário, ele participou das lutas pela independência de Cuba em relação à decadente potência colonial espanhola. Em 1891 Martí publicou *Nuestra América*, por meio do qual – vazado numa linguagem poética de vanguarda - convocava não só os cubanos a lutarem por sua emancipação, mas igualmente a todos os outros povos ibero-americanos (se contrapondo ao *America first* da doutrina Monroe de 1823). Exilado nos EUA, morando em Nova York por mais de dez anos (“ Viví en el monstruo, y le conozco las entrañas”), ele havia detectado um novo perigo colonizador representado pelo imperialismo norte-americano. Para José Martí, as repúblicas hispano-americanas que haviam nascido nas primeiras décadas do século XIX conservaram as instituições autoritárias da época colonial. Suas elites eram influenciadas pela doutrina “civilizatória” e “modernizante” do argentino Domingo Faustino Sarmiento que, em 1845, lançara *Facundo, ou civilização e barbárie*, que discutia a identidade (sul) americana sob o ponto de vista do embranquecimento da raça. Em suma, como Darcy apontou tão bem, o que eles queriam é europeizar a América e a questão identitária estava presente em nosso continente pelo menos desde o início dos processos de independência.

Para o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (ver nota 37), Martí iniciou na América Latina um movimento de “contra modernidade” e “anti-colonização” que reúne saberes locais ancestrais, “contra hegemônicos” e voltados para a emancipação. Não à toa Darcy Ribeiro sugere que a revista publicada pelo Memorial se chame Nossa América/Nuestra América. Com essa origem, ela está destinada a vazar o conhecimento corrosivo citado acima. O escritor boliviano René Zavaleta é um exemplo desta linha de desenvolvimento do pensamento latino-americano que escapa à subserviência representada por Sarmiento e com poderosos representantes atuais. Exilado no México, Zavaleta pensou a Bolívia como uma justaposição de diferentes poderes culturais e seus respectivos modos de produção, o que ele chamou de “abigarrada de sociedad” (algo como sociedade variada). Ele não pleiteava a “ocidentalização” ou “modernização” do país em um processo civilizatório que espelhasse as elites europeizadas. Sabia da potencialidade das civilizações andinas.

A socióloga boliviana Silvia Rivera Cosicanqui retomou esse conceito “abigarrado” para nomear o mundo andino, no qual convivem diferentes culturas, sem se fundirem. A sociedade abigarrada de Cosicanqui não se furta ao conflito e carrega a tensão em seu cerne. Nem poderia ser diferente, ela argumenta, devido à própria história colonial da região. A convivência tensa pode ser rica e profícua porque induz ao movimento, à transformação. Esse fluxo descentralizado do pensamento (não eurocêntrico) bem poderia inspirar o Centro

Brasileiro de Estudos da América Latina. É preciso refletir sobre a relação atual do Memorial com a sociedade brasileira e latino-americana à luz do pensamento contemporâneo do Sul. Os povos subjugados não aceitam mais a condição subalterna. É o que ouvimos dos líderes dos povos indígenas e dos líderes das lutas antirracistas, entre outros extratos sociais. É preciso aprofundar a reflexão e agir levando em conta que vivemos numa sociedade abigarrada (“que não apresenta harmonia na combinação das cores”, segundo o Dicionário Michaelis, entre outras acepções). O mito da miscigenação pacífica do povo cordial precisa ser combatido.

Essa ideia, no entanto, parece entrar em conflito com o que Darcy Ribeiro pregava. Seu estudo sobre a formação do povo brasileiro incorporava ideias presentes nos escritos de Gilberto Freyre sobre a miscigenação, embora sem o tom benevolente e supremacista de colonizador europeizante. Darcy dizia que o Brasil era privilegiado por ver nascer um “povo novo”, em que pese a dor atroz de parto, diferente de todos os outros, uma nova civilização mestiça e tropical. Essa civilização veio da *desindianização* do indígena e da *desafricanização* do africano, povos submetidos que, aqui, se tornaram ninguém. Esse não ser, essa *ninguendade*, se mescla aos dominadores europeus, que por sua vez também se *deseuropeízam*. Essa transculturação - sob a égide (“escudo”, em grego) dos dominadores - é o que cria o “povo novo”.

Na revista Nossa América nº 60, lançada em 2022, dedicada totalmente ao centenário de Darcy Ribeiro, Adelia Miglievich-Ribeiro aproxima essas ideias de uma pensadora brasileira contemporânea a Darcy Ribeiro, mas com a qual, até onde se sabe, ele não dialogava: Lélia Gonzalez. Ambos criticaram o mito da democracia racial, mas por caminhos diferentes:

A tese darcyniana acerca dos “povos novos” da América, que se erguem da segregação e da assimilação racial e vêm a florescer como “novas humanidades”, torna-se mais bem compreendida no diálogo com a intelectual negra feminista Lélia Gonzalez, que morreu em 1994. Intérprete do pensamento social brasileiro, ela nos provoca a pensar na América afrocentrada, a “Améfrica”, como uma civilização inédita, submetida ao doloroso processo de transculturação - na metáfora de Darcy, um “moinho de gastar gente”. Em “A categoria político-cultural de amefricanidade”, artigo publicado no livro *Primavera para rosas negras*, Lélia aponta que “todos os brasileiros (e não apenas os ‘pretos’ e ‘pardos’ do IBGE) são latinoamefricanos produzidos nas diásporas²⁰⁷”.

Enquanto o antropólogo imaginava uma utopia latino-americana, no marco dos estados nacionais surgidos no século XIX, que enfim conquistariam soberania, e dentro da

²⁰⁷ MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. **O Novo Mundo em Darcy Ribeiro e Lélia Gonzalez: as dores do parto**” Revista Nossa América, nº 60, Memorial da América Latina, p 86

tradição marxista que o formou, Leila Gonzalez edifica uma “epistemologia negra que desconstrói as fronteiras nacionais para explicar a distribuição generalizada dos negros em todas as Américas, fruto das diásporas” e vai além (Nossa América, nº 60, p 87):

Lélia Gonzalez prefere o marcador da ancestralidade para designar os povos diaspóricos, sem associá-los a nacionalidades(...) Sua “epistemologia negra” desconstrói as fronteiras nacionais para explicar a distribuição generalizada dos negros em todas as Américas, fruto das diásporas. Aos olhos de Lélia, a amefricanidade é uma categoria antirracista porque o termo amefricanos serve “para designar a todos nós” (...) Não somos africanos nem povos ameríndios em sentido puro; menos ainda somos europeus. Isto implica que, no processo de *desafricanização*, como diz Darcy, há que se enxergar os *amefricanos* de Lélia, vitimados duplamente pela miséria e pelo racismo ou vice-versa. Para Lélia, combater a naturalização das hierarquias raciais e a desumanização do “não-branco” implica investir na cura da “neurose cultural” que associa a América Latina à branquitude. Combate esse em dialogia com o enfrentamento de um tipo de modernização que até hoje condena os povos colonizados à condição de *proletariado externo*, premissa de Darcy.²⁰⁸

Pode-se dizer que o pensamento de Darcy Ribeiro está contido na episteme de Lélia Gonzalez, é uma parte dele, mas não o esgota. Gonzalez se atreve a pensar as Américas para além da latinidade. Este é um exemplo do potencial do diálogo de Darcy Ribeiro com outras matrizes de pensamento, que pode frutificar no Memorial da América Latina.

O que falta ao Memorial é vontade política e imaginação criadora para repensar os seus planos iniciais. Não nos mesmos termos, porque o mundo mudou desde então, o papel das universidades se ampliou e o ir e vir de estudantes e professores se intensificou. Ao mesmo tempo, o fenômeno da digitalização de todas as esferas da vida comprime o espaço-tempo de tal forma que apresenta novos desafios, problemas e possibilidades. Hoje, por exemplo, é muito mais fácil ter interação com os intelectuais latino-americanos. Todas as entidades da sociedade e até mesmo cada pessoa, individualmente, é produtora de conteúdo audiovisual e textual na internet por meio das redes sociais. No entanto, o silenciamento de lugares de memória coletiva - como deveria ser o Memorial - persiste. Isso não é por acaso, nunca foi, como escreveu Le Goff. "Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (Le Goff, 1990, p 426).

O Memorial da América Latina poderia exercer um papel relevante no encaminhamento de questões relacionadas aos latino-americanos nos campos político,

²⁰⁸ Idem ibidem p 87

econômico, social e cultural. Especialmente esse último. Poderia fomentar projetos de pesquisa, análise, interpretação e formulação de propostas para alguns dos problemas multiculturais da região. Seus fundamentos históricos remontam ao “libertador” Simón Bolívar, passam pelo trágico José Martí, e chegam a pensadores contemporâneos cujos lugares de fala, ao mesmo tempo em que criticam o eurocentrismo, contribuem para a reconstrução de saberes que haviam sido excluídos. Isso porque, como dizia Darcy, “As teorizações oriundas de outros contextos eram todas elas eurocêtricas demais e, por isso mesmo, impotentes para nos fazer inteligíveis. Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum” (Ribeiro, 2015, p 12).

Em frente ao Auditório Simón Bolívar (a Aula Magna, de Darcy), reabro o caderno de capa vermelha. Preciso anotar as palavras do educador Anísio Teixeira sobre o antropólogo: “Darcy Ribeiro é realmente uma inteligência-fonte e em livros desse tipo é que se sente à vontade. Considero Darcy Ribeiro a inteligência do Terceiro Mundo mais autônoma de que tenho conhecimento”. (Nossa América, 60, p. 19). Um dos grandes formuladores da educação pública brasileira em meados do século XX, Anísio Teixeira escreveu essas palavras se referindo aos “estudos de antropologia da civilização” de Darcy, que resultaram nos livros **O processo civilizatório, As Américas e a civilização, O dilema da América Latina, Os brasileiros e Os índios e a civilização**. Segundo Darcy, ele escreveu essa antologia para entender o brasileiro, esse “povo novo” que faz parte dos amefricanos de Lélia Gonzalez.

É preciso beber dessa inteligência-fonte para encontrar um jeito de reinventar o Memorial da América Latina. Se trocarmos Caracas por São Paulo e Bolívar por Memorial, talvez um dia faça sentido - para a obra de Quércia, Niemeyer e Darcy - a passagem abaixo de José Martí, publicada na revista dedicada à infância La Edad de Oro. O texto foi lido pelo embaixador de Cuba no Brasil, Adolfo Curbelo, em 27 de janeiro de 2023. Era a cerimônia de inauguração do busto de José Martí, obra do escultor cubano Alberto Lescay, doada ao Memorial da América Latina.

Contam (disse ele) que um viajante chegou um dia a Caracas ao anoitecer, e sem sacudir a poeira do caminho, não perguntou onde se comia nem se dormia, senão como se ia e onde estava a estátua de Bolívar. E contam que o viajante chorava em frente a estátua, que parecia que se movia, como um pai quando um filho se aproxima. O viajante fez bem, porque todos os americanos devem querer a Bolívar como a um pai. A Bolívar e a todos os que brigaram como ele para que a América fosse do homem americano...

Este José Martí de bronze foi instalado na lateral do Auditório Simón Bolívar, a poucos metros do busto do Libertador. Seria o sinal de uma nova “Edad de Oro” do meu

Memorial? Com essa pergunta, finalizo a última nota. Levanto a cabeça e olho em volta. O Memorial me chama mais uma vez. Fecho o caderno de capa vermelha. E parto em busca de resposta.

5.6 Epílogo: Você que sabe

- Você escreve como um francês do século passado.
- Isso é bom ou é ruim?
- Você que sabe.
- Mas isso é um elogio ou uma crítica?
- Você que sabe.

Mantive esse diálogo com o designer e literato Rafael Bezerra, que diagramou este estudo para mim e leu trechos dele. Rafa é um leitor dos meus escritos e uma vez me disse que eu era o único escritor vivo que ele lia. Naquele dia também perguntei se isso era bom ou era ruim e ele me respondeu: “Você que sabe”. Digo isso neste epílogo porque não sei se o que escrevi é uma dissertação ou o que é. Você que sabe, leitor.

O que sei é que o arquiteto Oscar Niemeyer e o antropólogo Darcy Ribeiro aproveitaram o devaneio improvisado e a cumplicidade desorganizada do poderoso Orestes Quércia para criar um complexo cultural difícil de definir, que estava destinado a jogar um papel importante nos planos políticos do governador. Como se sabe, esses planos não se realizaram e, talvez por isso, o Memorial também não tenha alçado voo.

Nos anos 1980 sopravam ventos de redemocratização na América Latina e de união econômica na Europa. Quércia havia observado atentamente a pregação do governador André Franco Montoro, de quem foi vice, em prol da integração subcontinental. E agora queria planar na genialidade de Oscar e Darcy, do Planalto Paulista ao Planalto Central.

“Mas não contavam com a minha astúcia”, dizia Chapolin Dourado²⁰⁹. Astutamente, Niemeyer e Darcy entregaram algo muito maior do que Quércia jamais previra. Muito mais que um monumento em homenagem aos heróis brasileiros e hispano-americanos, o Memorial da América Latina havia de ser um polo artístico, cultural e educacional que atrairia as melhores cabeças pensantes latino-americanas, nas várias áreas do saber, que aqui viriam para ensinar e aprender. O Memorial seria uma espécie de ilha utópica, um paraíso para o qual os intelectuais chegariam de longe, convocados pelo governo paulista para serem premiados e partilharem conhecimento. No interim, repensariam o passado e pensariam o futuro da América Latina.

²⁰⁹ Chapolin Dourado, personagem criado pelo mexicano Roberto Gómez Bolaños, talvez o comediante mais popular da América Latina

Mas antes era preciso saber se, como diria Garrincha, “combinaram com os russos”,²¹⁰ sendo os “russos” o governador de plantão e a burocracia governamental. Levado pelo contagiante entusiasmo de Darcy Ribeiro, Orestes Quércia deve ter dito “sim” a todos os planos ambiciosos do antropólogo. Darcy acreditou e passou a cobrar que eles se efetivassem. Mas, obviamente, o governo do Estado não se estruturou para atendê-los. Este estudo detecta o momento exato em que fica claro a Darcy Ribeiro que ele havia sido iludido. Mostra também como o Memorial da América Latina devia ter sido, mas não foi. E apresenta um Darcy Ribeiro lamurioso que dobra a aposta e faz novos planos e exigências.

O antropólogo sabia que não seria atendido pelo governador Orestes Quércia. Mas quem sabe, no futuro, alguém não retomasse o seu projeto e o lançasse à baila de novo? Quem sabe não seria esta uma boa hora para se iniciar um diálogo e a sociedade dizer, afinal, qual Memorial ela quer? A “Resposta a Darcy” foi inspirada nessas perguntas.

Embora muito aquém do que Darcy Ribeiro sonhava, é inegável que o Memorial tenha dado certa contribuição ao debate latino-americano. Se não foi por outros motivos, foi por sua mera existência física: um gigante como o da Barra Funda não pode passar despercebido. Bem ou mal, ao longo de 33 anos, o Memorial publicou a revista Nossa América, bem como livros sobre a América Latina. Bem ou mal, fomentou o conhecimento. Por isso, neste estudo, valorizei as publicações do próprio Memorial. A maioria das citações vem delas, pois é um exemplo do conhecimento exclusivo que só o Memorial pode construir.

Mas a *pièce de résistance* deste estudo são as fontes primárias apresentadas pela primeira vez ao leitor. Especialmente a pesquisa no acervo da Fundação Darcy Ribeiro se relevou riquíssima. Vale outros estudos – a espera dos pesquisadores - sobre diversos aspectos dos projetos, escritos, planos, correspondência, fotos e objetos da cultura material indígena integrantes da coleção Darcy e Berta Ribeiro.

Nessa dissertação evoquei Darcy Ribeiro, Henri Bergson, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Lélia Gonzalez, Sílvia Cosicanqui e Aníbal Quijano, entre outros, para me ajudarem a encontrar uma voz que fizesse desse contato imediato de terceiro grau comigo mesmo – estudar o Memorial que me intriga há tanto tempo – algo interessante para todos e para qualquer um. Não sei se consegui. Não é uma pesquisa desapegada.

²¹⁰ Contam que na preleção antes do jogo contra a União Soviética, na Copa de 1958, o técnico Vicente Feola instruiu Garrincha a atacar pela direita, driblar três defensores soviéticos, entrar na área, e cruzar para o centroavante fazer o gol. Garrincha olhou para ele, deu um tempo, e então falou: “Tá bom, mas já combinou com os russos?” Histórias como essa, verdadeiras ou não, constroem a ideia do homem simples e sábio, que sapeca lições de vida e de moral aos doutos e poderosos. Muitas vezes, a figura do caipira aparece associada a essa ideia.

O Memorial da América Latina é um monumento que grita em silêncio e prima pelo que não fala. Como todo monumento, é um documento que precisa ser interpretado. Porém, antes de ser um monumento/documento, o Memorial da América Latina é um lugar de memória. O Memorial não é um monumento histórico porque ele ainda não cumpriu sua vocação política: até hoje, não se realizaram nele as grandes cerimônias de unificação latino-americana, previstas (sonhadas?) para o Salão de Atos, após as quais os líderes políticos ocupariam o Parlatório para falar ao povo concentrado na Praça Cívica, em torno da Mão escorrendo o sangue das veias abertas da América Latina. Essa é a vocação política do Memorial, que determinou a sua jornada frustrante até aqui.

Mas, repito, o Memorial da América Latina é um lugar de memória: por baixo do concreto, tem um solo latino-americano preñado de sementes que querem germinar. O Memorial da América Latina deve ser a terra simbólica na qual os *latinoamefricanos* e *abigarrados* possam cultivar as lutas contemporâneas por reconhecimento, identidade e soberania - para quem e para além da latinidade. Para quem no sentido óbvio dos povos originários, que aqui estavam muito antes dos europeus; e para além da latinidade dos estados nacionais que se formaram na América Latina, pois os descendentes dos indígenas originários e dos africanos escravizados estão distribuídos pelas três Américas e pelo Caribe e devem ser pensados em conjunto, como fez Lélia Gonzalez, para quem somos todos *latinoamefricanos*. Um Memorial *Latinoamefricano* é, pois, a utopia de Darcy Ribeiro em ação hoje.

APÊNDICE A – Resumo do orçamento do Memorial, de 2001 a 2022

2022		
dotação	R\$	18.853.698,00
peçoal e encargos sociais	R\$	8.203.727,00
promoção de atividades culturais	R\$	1.309.803,00
Cátedra	R\$	87.600,00
CBEAL	R\$	299.708,00
2021		
dotação	R\$	16.926.064,00
peçoal e despesas sociais	R\$	7.411.589,00
promoção de atividades culturais	R\$	1.082.926,00
Cátedra	R\$	89.222,00
CBEAL	R\$	369.778,00
2020		
dotação	R\$	19.715.291,00
peçoal e despesas sociais	R\$	7.299.243,00
promoção de atividades culturais	R\$	452.555,00
Cátedra	R\$	99.327,00
CBEAL	R\$	493.319,00
2019		
dotação	R\$	17.602.369,00
peçoal e despesas sociais	R\$	7.160.482,00
promoção de atividades culturais	R\$	674.844,00
Cátedra	R\$	9.055,00
CBEAL	R\$	232.462,00
2018		
dotação	R\$	17.342.547,00
peçoal e despesas sociais	R\$	7.311.417,00
promoção de atividades culturais	R\$	938.987,00
Cátedra	R\$	7.456,00
CBEAL	R\$	162.296,00
2017		

dotação	R\$	19.985.664,00
pessoal e despesas sociais	R\$	7.895.768,00
promoção de atividades culturais	R\$	1.235.877,00
Cátedra	R\$	7.680,00
CBEAL	R\$	246.156,00
2016		
dotação	R\$	17.540.731,00
pessoal e despesas sociais	R\$	8.243.025,00
promoção de atividades culturais	R\$	9.416.477,00
Cátedra	R\$	7.018,00
CBEAL	R\$	185.319,00
2015		
dotação	R\$	17.524.967,00
pessoal e despesas sociais	R\$	8.313.615,00
promoção de atividades culturais	R\$	9.852.958,00
Cátedra	R\$	86.712,00
CBEAL	R\$	273.795,00
2014		
dotação	R\$	20.082.714,00
pessoal e encargos sociais	R\$	9.048.293,00
promoção de atividades culturais	R\$	11.941.860,00
Cátedra	R\$	133.100,00
CBEAL	R\$	257.416,00
2013		
dotação	R\$	18.987.606,00
pessoal e encargos sociais	R\$	7.543.426,00
promoção de atividades culturais	R\$	9.750.567,00
Cátedra	R\$	132.097,00
CBEAL	R\$	316.496,00
2012		
dotação	R\$	15.826.088,00
pessoal e encargos sociais	R\$	7.024.017,00
promoção de atividades culturais	R\$	8.672.710,00
Cátedra	R\$	153.000,00

CBEAL	R\$	168.267,00
2011		
dotação	R\$	15.251.163,00
pessoal e encargos sociais	R\$	6.478.426,00
promoção de atividades culturais	R\$	8.264.626,00
Cátedra	R\$	84.267,00
CBEAL	R\$	299.904,00
2010		
dotação	R\$	15.876.711,00
pessoal e encargos sociais	R\$	5.428.519,00
promoção de atividades culturais	R\$	7.466.365,00
Cátedra	R\$	62.996,00
CBEAL	R\$	320.151,00
2009		
dotação	R\$	14.214.114,00
pessoal e encargos sociais	R\$	4.957.402,00
promoção de atividades culturais	R\$	6.937.635,00
Cátedra	R\$	107.389,00
CBEAL	R\$	424.326,00
2008		
dotação	R\$	13.921.593,00
pessoal e encargos sociais	R\$	4.785.072,00
promoção de atividades culturais	R\$	6.808.408,00
Cátedra	R\$	162.903,00
CBEAL	R\$	388.293,00
2007		
dotação	R\$	13.604.684,00
pessoal e encargos sociais	R\$	4.130.620,00
promoção de atividades culturais	R\$	1.772.490,00
2006		
dotação	R\$	12.862.165,00
pessoal e encargos sociais	R\$	4.085.905,00

promoção de atividades culturais	R\$	6.216.636,00
2005		
dotação	R\$	11.096.026,00
peçoal e encargos sociais	R\$	4.085.905,00
promoção de atividades culturais	R\$	1.287.267,00
2004		
dotação	R\$	8.830.727,00
peçoal e encargos sociais	R\$	4.039.569,00
promoção de atividades culturais		R\$ 1.261.119,00
2003		
dotação	R\$	7.785.801,00
peçoal e encargos sociais	R\$	4.246.988,00
promoção de atividades culturais	R\$	439.799,00
2002		
dotação	R\$	8.760.469,00
peçoal e encargos sociais	R\$	4.515.853,00
promoção de atividades culturais	R\$	483.300,00
2001		
dotação	R\$	8.345.673,00
peçoal e encargos sociais		R\$ 4.937.848,00

APÊNDICE B – Compilação do relatório da receita própria de 2017 a 2022

2022 - Receita própria ²¹¹	R\$ 4.000.494,87
2021 - Receita própria ²¹²	R\$ 761.329,37
2020 - Receita própria	R\$ 1.726.610,43
2019 - Receita própria	R\$ 4.432.931,31
2018 - Receita própria	R\$ 5.081.806,15
2	
017 - Receita própria	R\$ 14.191.660,41

²¹¹ A receita própria faz parte do valor da dotação orçamentária apontado no apêndice A, descontados os 30% repassados ao Tesouro estadual, devido à Desvinculação de Receitas regida pela Emenda Constitucional nº 93/2016

²¹² A quarentena fez diminuir bastante a receita própria do Memorial

APÊNDICE C – Relação de atividades do CBEAL em 1989 e 1990**1989**

Março: Seminário Latino-americano da Dívida Externa

Agosto: 1º Seminário Latino-americano de Dramaturgia da Telenovela
Consultoria: Renata Pallotini

Outubro: 1º Seminário Latino-americano de Políticas Públicas para Crianças de Rua - Consultoria: Fulvia Rosemberg

Dezembro: Avant-première do filme **Assassinato sob Custódia**
Presença de Euzhan Paloy, diretora do filme

1990

Fevereiro: 1º Seminário Latino-americano de Dirigentes de Organismos Nacionais de Ciências e Tecnologia - Consultoria: Antônio Carlos Bernardo

Março: 1º Seminário Latino-americano de imprensa
Consultoria: Paulo Markum

Encontro Latino-americano de escritores
Consultoria: Eric Nepomuceno e Homero Ferreira

Encontro com Eduardo Galeano
Consultoria: Eric Nepomuceno

Encontro Raízes negras nas manifestações culturais Brasil/Cuba
Consultoria: Homero Ferreira

Abril: Seminário Latino-americano de Museologia
Consultoria: Waldiza Camargo Guarnieri

Junho: Simpósio Consumo de Bens Culturais na América Latina
Consultoria: Sérgio Miceli

- Julho:** Projeto “Noites de debates” com Grupo de Teatro “El Galpon” –
Uruguai - Consultoria: Homero Ferreira
- Agosto:** Encontro sobre Gênero e Raça na América Latina
Consultoria: Heloísa Buarque de Holanda
- Setembro:** Encontro Latino-americano de Grandes Metrôpoles
Consultoria: Marina Heck
- Outubro:** Reunião preparatória sobre o livro O Neo-Colonial na América Latina
Consultoria: Aracy Amaral
- Novembro:** Seminário Modernidade: Vanguardas artísticas na América Central
Consultoria: Ana Maria Belluzzo
- I Encontro Latino-americano de Humor Brasil – Argentina
Consultoria: Homero Ferreira e Paulo Caruso
- Portugal na abertura do mundo
Consultoria: Fernando Novais
- Dezembro:** Seminário A palavra poética na América Latina: Avaliação de uma
geração - Consultoria: Horácio Costa

APÊNDICE D – Atividades do CBEAL no período de 2019 a 2022

- Curso de português para refugiados com duração de oito semanas em 2019;
- *Lives*, cursos, aulas, seminários e palestras, somando mais de 150 eventos, a maioria online, que atingiram cerca de sete mil pessoas, inclusive do exterior;
- Retomada de editais oferecendo bolsas de pesquisa, 32 no total, distribuídas entre pesquisadores da Cátedra Unesco Memorial da América Latina e pesquisadores do próprio Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL);
- Artigos e cinco documentários audiovisuais produzidos pelos bolsistas;
- Seis edições da revista *Nossa América*;
- Publicação do livro físico **Línguas Ameríndias – Ontem, Hoje e Amanhã**
- Publicação dos seguintes livros digitais:

Cadernos da Cátedra volume 1

Cadernos da Cátedra volume 2

Cadernos da Cátedra volume 3

Obs.: Os artigos foram escritos pelos bolsistas da Cátedra Unesco Memorial da América Latina.

Tradução Humanitária para Refugiados

Obs.: Compilação de textos oferecidos em curso no âmbito da Cátedra Unesco Memorial da América Latina

CBEAL Pesquisa I: Tradução e Interpretação Comunitária

CBEAL Pesquisa II: Migrações Forçadas e Refúgio na América Latina durante a pandemia do Covid-19

Obs.: Ambos constituídos de textos escritos pelos bolsistas do CBEAL

APÊNDICE E – “O último comunista inglês: Diário de Viagem. Objetivo: Entrevistar Oscar Niemeyer”

(Matéria em forma de diário publicada na revista Brasileiros²¹³.)

29 de maio de 2009, sexta-feira

Ele é adepto da ação direta. Não telefonou antes. Chegou na portaria do Memorial da América Latina e disse em bom português, disfarçando o sotaque: “Posso falar com o presidente?” Como assim? Você tem hora marcada? Diante do espanto dos seguranças, usou sua arma secreta: “Sou jornalista inglês”. Ah, bom, então vou te pôr em contato com o nosso jornalista, um minutinho. “Jornalista inglês? Opa, manda o cara subir”, respondi ao telefone. Quem resiste a um jornalista inglês na zona cinzenta das 17 horas de uma sexta-feira? A palavra “jornalista” foi preponderante até aqui. Ser colonizado tem seu lado bom, entende.

O inglês chega ao segundo andar. Tenho-o agora à minha frente, branco, alto, magro, sem nenhum traço de barriga apesar de passar dos 50 anos, cabelos curtos, lisos, castanhos e penteados cuidadosamente para o lado. Camisa quadriculada clara e calças jeans escuras. “Sou o Peter Godfrey”, diz, “jornalista freelance do **Morning Star**, um jornal comunista da Inglaterra”. E apresenta uma carteirinha de imprensa confeccionada pela polícia de Sua Majestade. “Posso falar com o presidente?”

Alguma coisa no Peter Godfrey está fora do lugar. Sinto logo de cara, mas ainda não consigo identificar o que é. Não aparenta o profissional escolado que era de se esperar da centenária imprensa esquerdista britânica. Peter Godfrey é alto, esbelto e maduro, mas com jeito de menino que pede desculpas por estar ali. Agora está tirando um horrível e melequento lenço de pano do bolso e o leva à boca antes de tossir. Depois, limpa o nariz. Está gripado.

Fui sondar o gabinete do presidente do Memorial, Fernando Leça. Lusco-fusco entre o fim da semana e o início do fim de semana. “Presidente, tem um jornalista inglês aí”, tento. “Oh, mande-o entrar, claro.” Deixei os dois lá conversando e fui buscar meus filhos na escola. Quando voltei, uma hora depois, o presidente me contou que Peter Godfrey venera Oscar Niemeyer e por isso o presenteara com alguns livros raros sobre o arquiteto. Foi generoso. Prometera ainda uma entrevista dele com o objeto de sua veneração.

1º de junho de 2009, segunda-feira

²¹³ RASCOV, Eduardo. **O último comunista inglês: Diário de Viagem. Objetivo: entrevistar Oscar Niemeyer.** Texto publicado originalmente na revista Brasileiros, publicação que existiu de 2007 a 2017. Disponível em:

<https://eduardorascov.blogspot.com/2011/07/o-ultimo-comunista-ingles-diario-de.html> Acesso em: 23dez.2022.

Peter Godfrey me liga agradecendo pela força na sexta-feira, se desculpa por não ter me esperado e pergunta algo ansioso se o presidente havia marcado a entrevista com Oscar Niemeyer. Consulto o gabinete e nada ainda. Digo que vou ajudá-lo.

2 de junho de 2009, terça-feira

Logo de manhã reconheço o sotaque no telefone. “Vamos almoçar, preciso falar com você.” Era, claro, Peter Godfrey. Nos encontramos no ambiente oscárico do restaurante por quilo do Memorial, tendo ao fundo uma azulejaria de Athos Bulcão em preto e branco. Peter Godfrey teve dificuldade em escolher o que comer. “Sou vegetariano há 30 anos”, me contou. “Comunista e vegetariano”, disse, revelando o que talvez fosse um laivo de humor inglês: “Não sei bem, mas acho que é Hugo Chávez quem costuma dizer que Fidel Castro e Niemeyer são os dois últimos comunistas do mundo”.

Peter Godfrey disse “muito obrigado” pela intermediação umas dez vezes durante o almoço, mas estava preocupado. “Tenho medo que Vera Niemeyer, que controla a agenda de seu marido, não marque a entrevista até o final desta semana. Na outra, tenho que voltar a Londres, pois meu visto vence.” O jeito é esperar, mas prometo cobrar a secretária do presidente outra vez.

O comunista inglês falava bem o português. Havia estudado espanhol na universidade inglesa quando jovem. “Fiz língua e literatura espanhola e russa em Cambridge. Minha turma era um ano mais velha do que a do Orelhão, o parasita Charles (o príncipe).” Para praticar a língua, fez algumas viagens à Espanha e à América Latina. Nessas oportunidades, juntava coragem e entrevistava personalidades que admirava, como o pintor espanhol Salvador Dalí e o escritor argentino Jorge Luis Borges. Não teve muita sorte com os dois. “Salvador Dalí e sua mulher Gala Éluard foram ríspidos comigo.” E Borges? “Ora, ele chamou os golpistas argentinos de Cavaleiros, o que me deprimiu.”

A primeira viagem de Peter Godfrey à América Latina foi em 1977. Durou um ano. Chegou ao Rio em navio cargueiro. Geisel era o presidente. “Lembro dos espaços em branco nos jornais – acho que em protesto contra a censura. Foi uma época triste nos países do Cone Sul. Pinochet, Videla, Stroessner... O ambiente no Brasil não era tão asfíxiante, mas era ditadura. No albergue juvenil do Rio encontrei uma uruguaia comunista, que fugira de ônibus para o Brasil. Ela estava indo normalmente para o trabalho em Montevideu quando uma colega saiu correndo na rua para avisá-la que a polícia estava no escritório, esperando-a. Ao lado dela, conheci o carnaval carioca, Ouro Preto e Cabo Frio. Depois, ela refugiou-se na França.”

Mas Peter Godfrey se apaixonou pelo Brasil e por sua língua. E começou a estudar português diligentemente. Há pouco mais de dez anos fez sua segunda viagem à América Latina, que durou um ano e

meio – seis meses só na terrinha. A atual é a sua terceira incursão por terras brasileiras, que começou em janeiro de 2009. Como sempre, é ás em curiosidades linguísticas. Quando, sem querer, usei a expressão “isso é só pra inglês ver” ele imediatamente puxou uma cadernetinha e fez anotações. “Só agora decifrei o português”, regozija-se.

Desta feita, Peter Godfrey percorreu as regiões Sudeste, Norte e Nordeste do Brasil. Claro, gosta da Amazônia. Esteve em cidades grandes e pequenas, incluindo a Aldeia Beija-flor, de Rio Preto da Eva, onde, em um processo chamado pelos antropólogos de “reconfiguração étnica”, famílias indígenas das etnias sateré-mawé, tukano, tuiúca, apurinã, baniwa, arara, marubo e maioruna tentam recuperar sua cultura e tradição. “Como em 1978, também este ano eu e o príncipe Charles visitamos o Teatro Amazonas, em Manaus, ao mesmo tempo. Não quis falar com ele, que aparenta ser um personagem saído de uma peça de Boal (era melhor que ficasse ali). Pena que nas duas ocasiões não tinha uma arma para fulminá-lo”, disse, brincando, evidentemente. Naturalmente, o comunista Peter Godfrey não suporta a monarquia: “Somos adultos ou não?”, pergunta-se sobre seu povo.

Como Niemeyer, Peter Godfrey detesta viajar de avião. Em todas as outras viagens para o continente latino-americano, ele se valeu de relações com jornalistas, sindicatos e marinheiros para vir embarcado em navios mercantes. Um deles o deixou em Havana. Na maioria das vezes, trabalhava como um dos marinheiros. Era barato e tinha a ver com seu modo de pensar. Mas nenhuma viagem lhe deu mais prazer como essa que o deixou em Cuba. Nela, foi-lhe pedido que editasse durante a viagem um jornal para os marinheiros. “Foi a primeira vez que fui repórter e editor ao mesmo tempo.”

No Brasil, faz os percursos de navio, trem ou ônibus. Nesse tempo de contato com latino-americanos e especialmente com brasileiros, daqui e de Londres, engendrou uma rede de relacionamentos e bases de apoio. Sempre tem uma casa para ficar. Em São Paulo, por exemplo, está hospedado no seio de uma família comum, que mora para lá de Interlagos. A dona da casa tem crianças que o adoram. Assim ele resume seu itinerário: “Desde Londres, viajei por trem, navio (Lisboa-Santos) e ônibus. Fui de São Paulo para Belo Horizonte conhecer Pampulha, depois Recife – tenho bons amigos lá -, Belém, Macapá (por barco), Manaus (por navio), Porto Velho (navio – Rio Madeira), Rio Branco, Cuiabá, Brasília, São Paulo e o Rio. Sinto-me nordestino, mas não gosto do charque!. Com amigos de lá, visitei uma aldeia wai-wai em Roraima e uma aldeia apurinã na fronteira do Amazonas com o Acre. No Acre, estive em Xapuri, onde morava Chico Mendes, e pesquisei um pouco a situação (não muito boa) dos seringueiros e do desmatamento”.

Mas o repórter freelance comunista e vegetariano Peter Godfrey já conta 58 anos e não tem a mesma energia de antigamente.

Ele confessa que desta vez veio de navio de passageiros. “Odiei, era um luxo desnecessário e repulsivo.” Assim como Niemeyer, Peter enfrenta aviões quando é estritamente necessário. “Não vai ter jeito, vou ter que voltar voando, meu visto expira no domingo. Estou morrendo de medo com a queda desse avião francês.”

Assim como Niemeyer, Peter Godfrey vive em um tempo em que a velocidade era outra. É ligado à França. Vai todo ano à festa do jornal comunista francês l’Humanité. “Mas esse tal de Eurostar, o trem-bala que une Londres a Paris em duas horas e 45 minutos, é horrível. Bons eram os velhos tempos que a gente tinha que viajar duas horas de trem de Londres a Dover. Depois, navegar uma hora e meia até Calais, na França. E de lá, mais três horas de trem até Paris. Somando os intervalos dava quase oito horas de viagem. Agora é rápido, mas a gente não vê mais a falésia branca de Dover, the white cliffs of Dover, como diz uma velha canção popular inglesa. A gente ganhou em tempo, mas perdeu em poesia.”

Peter Godfrey odeia televisão, outra aceleradora do tempo. “Só induz ao consumismo. Toma conta do ambiente, se impõe. Não tenho em minha casa. Mesmo se tivesse filhos, não teria.” No Brasil, ele, que vive circulando em rodoviárias e bares, fica incomodado com a onipresença do aparelhinho, agora de telas planas.

3 de junho de 2009, quarta-feira

Sílvia, secretária do presidente, avisa que Vera Niemeyer finalmente marcou a entrevista para sexta, 5 de junho, às 10h30. Ligo para Peter Godfrey, que se emociona com a novidade. Mas reclama da gripe, que o acompanha há um mês. Explico que ele deve ter entrado em contato com cepas do vírus influenza que não circula no hemisfério norte. Por isso está mais suscetível. Isso o deixa muito assustado. Me conta que quando vê no metrô alguém espirrando ou tossindo sem usar lenço, vai até ela e tenta explicar o perigo que está provocando. “Na Inglaterra, ninguém faz isso”, diz, admirado.

Imagino a cena. Atchim! “Por favor, você não se incomodaria se eu pedisse para não tossir mais sem tapar a boca com um lenço.” Peter Godfrey é antes de tudo gentil e educado. “Assim você evita contaminar outras pessoas neste ambiente fechado.”

- Ora essa, era só o que me faltava a essa hora...

Peter Godfrey ama os proletários, mas é de classe média. “Tive privilégios”, ele diz, “meu pai estava no ramo imobiliário”. Sua avó fugira do antissemitismo polonês e emigrara com a família para a Inglaterra.

4 de junho de 2009, quinta-feira

Um trabalhador do Memorial da América Latina deve ir ao escritório de Oscar Niemeyer pelo menos uma vez na vida. Como o

mulçumano à Meca. Peter Godfrey se ofereceu para pagar todas as minhas despesas até o Rio. “Nada disso”, lhe disse, “nós vamos, mas colonialismo tem limite...”

Peter Godfrey pegou o bus para o Rio logo de manhã. Eu só embarquei no leito da meia-noite. Assim chegaria lá com o dia amanhecendo. Peter Godfrey me ligou de Resende, onde os motoristas dos ônibus da linha São Paulo-Rio param para os passageiros esticarem os ossos. Reclamou da gripe e perguntou se estava tudo bem. Chegando no Rio, me ligou de novo. Indagou se estava tudo bem, se desculpou por ter ido na frente e agradeceu por acompanhá-lo. Daí informou: “Estou no Hotel Rodoviário a R \$45,00 a diária. Fica do lado da estação. Quarto 28. Te espero para gente tomar o café da manhã juntos”. Gostei do meu jornalista-inglês-comunista, judeu, vegetariano-sentimental-carente.

5 de junho de 2009, sexta-feira, manhã

O Hotel Rodoviário fica próximo ao Viaduto Perimetral da Avenida Rodrigues Alves. Fora, barulho infernal de trânsito pesado, ambiente sujo. Dentro do hotel, limpeza e sobriedade. Na portaria, no fim de um longo corredor azulejado, atende um velhinho encurvado e silencioso. Encontro Peter no minúsculo quarto 28. Espalhou suas tralhas pela cama, chão e banheiro. É minucioso e provavelmente tomado por pequenas manias. Procura alguma coisa com estardalhaço. Está ansioso, afinal, prepara-se para visitar seu mestre de 101 anos.

Lacônicos e reflexivos, tomamos o espartano café da manhã oferecido pelo Hotel Rodoviário. E rumamos para Copacabana, Avenida Atlântica, onde fica o escritório de Niemeyer. A entrevista estava marcada para às 10h30. Continuo observando meu amigo inglês, mas agora é cada um por si.

Tocamos o interfone e subimos sem-cerimônia ao provavelmente mais importante escritório da arquitetura mundial. O prédio é discreto, levemente decadente. As poucas pessoas no ambiente fumam sem culpa. A cintilante visão da Baía da Guanabara incomoda, de tão arrebatadora que é. Melhor não olhar para a varanda selada por vidros em curva. O traço de Niemeyer na parede, as estátuas em bronze de Dom Quixote e Sancho Pança, a foto esmaecida de Luís Carlos Prestes, a profusão de livros soltos na mesa central – sim, Peter Godfrey, não há dúvidas, estamos na Iasnaia Poliana do século XXI.

Oscar Niemeyer nasceu em 1907. Um pouco antes, uma personalidade mundialmente famosa recebia peregrinos de diferentes partes do mundo em sua propriedade na Rússia. Eram os primeiros anos do século XX e escritores, intelectuais, filósofos, homens santos, políticos, pessoas comuns, mujiques, todos iam a Iasnaia Poliana conversar com o velho Tolstói. Saíam de lá tocados por sua mensagem cristã-libertária-pacifista-anarquista, que inspirou gente como

Hermann Hesse e Mahatma Gandhi, o movimento hippie, a contracultura e os ambientalistas. Algo parecido acontece com o escritório de Niemeyer atualmente, por onde passam militantes da esquerda mundial, comunistas incorrigíveis, artistas, filósofos, cientistas, poetas e políticos de variadas matizes como Fidel Castro, Hugo Chávez, Lula, José Serra, Aécio Neves...

Enquanto esperamos Niemeyer chegar, Peter Godfrey se debruça, sedento, sobre o mais recente lançamento do mestre, uma compilação das suas principais obras e projetos nos últimos dez anos. Destacam-se o projeto de estádio de futebol para a Copa de 2010 (procuram-se interessados em construí-lo), o monumento a Simón Bolívar, em Caracas, Venezuela, o Centro Cultural Internacional Oscar Niemeyer, em Avilés, Espanha, um teatro para a cidade de Rosário, Argentina, com capacidade para 1.500 pessoas – como no Teatro Ibirapuera, em São Paulo, seu palco se abre para uma praça que comporta 30 mil pessoas – e as obras do ciclo de Foz de Iguaçu: a Universidade Federal da Integração Sul-Americana (Unila), as sedes da Itaipu do Brasil e do Paraguai e do Centro Cultural Holoteca (várias coleções).

Converso com o arquiteto Jair Valera, braço direito de Niemeyer, que nos faz sala enquanto o anfitrião não chega: “Vem gente do mundo todo pedir projetos a Oscar. Fizemos recentemente um trabalho para o Casaquistão. Uma coisa leva a outra. Fidel, por exemplo, pediu uma escultura, depois uma praça para colocar a escultura, um teatro para a praça e agora mais quatro prédios para colocar em volta...”

Um alemão fala alto ao telefone celular e anda de um lado para o outro o tempo todo. Está acompanhado de um fotógrafo. “É um jornalista germânico que pintou aqui sem avisar”, conta Jair. “Ele quer muito entrevistar o Oscar sobre a morte de Moritz Kock um arquiteto do país dele que estava no avião francês. O cara tinha encomendado o projeto de uma praça para a cidade de Postdam. O avião caiu no mar levando o projeto e a maquete. Mas a prefeitura de Postdam anunciou que vai fazer a praça assim mesmo.”

Repentinamente, o alemão para de falar e se faz silêncio no escritório. “Oscar chegou”, anuncia Jair. “Vocês podem entrar.” Somos recebidos em uma sala nos fundos. Estante, livros, mesa de trabalho, velho computador e uma televisão de tela plana encravada na parede oposta. Ele me olha bem nos olhos e diz em voz baixa: “E você quem é?” Entre os dedos, uma cigarrilha. Para se comunicar com Niemeyer, Peter Godfrey e eu tivemos que nos inclinar na cadeira e chegar bem pertinho. Jair acompanhou tudo.

Eduardo Rascov - Venho do Memorial da América Latina e faço minhas as palavras do presidente do Memorial, Fernando Leça, de que a sua presença continua a nos inspirar lá em São Paulo. Meu

amigo Peter é um jornalista do *Morning Star*, antigo tablóide comunista inglês. Ele veio de Londres e percorreu o Brasil, mas não podia ir embora sem antes fazer umas perguntas para o senhor.

Peter Godfrey - Eu sei que você agora está muito ocupado com projetos novos, não? É claro, tem muita continuidade em sua obra, mas eu queria perguntar se você acha que ainda está desenvolvendo novas...

Oscar Niemeyer - Estamos trabalhando, procurando sempre a surpresa. Porque aquela ideia do Bauhaus da arquitetura – de máquina de habitar – era a maior bobagem, a arquitetura pode ser útil e ser bonita. Criar espanto. Nossa arquitetura objetiva atender o programa apresentado, mas a gente quer coisa que cria um pouco, que surpreenda quem vê. É aproximar a arquitetura de uma obra de arte, quando a emoção e o espanto representam a característica principal. Isso é o que me dá mais prazer. A gente procura ter uma arquitetura mais leve, mais solta, com poucos apoios, que ela se faça mais audaciosa e o espaço se faça mais generoso – a gente pode atuar de uma forma nova.

E.R. - E o senhor ainda se surpreende com o resultado de sua criação?

O.N. - Eu não sou mágico, não. A arquitetura é sempre uma surpresa. O passado acabou. A arquitetura hoje é para você utilizar o concreto em toda a sua possibilidade. Não há mais razão para fazer uma arquitetura simples, retilínea, porque no concreto ficou mais fácil.... Antigamente, por exemplo, na Renascença, eles iam fazer uma cúpula e não passavam de 30, 40 metros. Hoje a gente pode fazer com 200 metros. Eu fiz um trabalho grande na Espanha – museu, auditório. O Jair Valera que trabalha muito comigo foi ver a obra. Ficou espantado: hoje a gente pode fazer uma cúpula de 40 metros em um dia...

Jair Valera - A estrutura é feita com um material inflável – pode ser inflado em três horas. Depois, enche de concreto por dentro, o que leva mais 20 dias.

O.N. - Quer dizer, a gente passa pelo terreno de manhã e não tem nada. Quando volta de noite tem uma cúpula. Isso é uma mágica. São tantas as possibilidades do concreto armado – isso é o importante. Eu fiz um estádio agora. São algumas colunas, vigas, que atravessam o estádio, tem quase 200 metros de vão, em cima vidro, embaixo, iluminação.

E.R. - Onde vai ser feito esse estádio?

O.N. - Em lugar nenhum. Fiz só para “brincar” na revista. Nós temos uma revista de arquitetura que mostra bem a nossa maneira de

trabalhar. Sabemos que a arquitetura é importante, mas a vida é mais importante que a arquitetura. Então, essa revista é para mostrar nossa arquitetura, mas, ao mesmo tempo, levar o conhecimento aos mais jovens.

E.R. - É por isso que o senhor planeja desenvolver na sua Fundação uma série de cursos, uma espécie de universidade aberta...

O.N. - Pois é, nós estávamos fazendo a escola em Niterói. A ideia é levar conhecimento ao jovem. O estudante brasileiro entra na escola superior só pensando na profissão. Então ele não lê nada, é uma merda. E quanto ele sai para a vida, é uma criança sem saber os problemas da vida, ele não tem uma posição política... de modo que a nossa preocupação, além da arquitetura, é essa

P.G. - Em sua obra, pode-se dizer que a surpresa, além de ser uma preocupação estética, é um elemento de alegria vital?

O.N. - Claro! Fazer uma coisa nova, diferente. O passado já acabou em arquitetura. Tinha um arquiteto que uma vez me disse uma coisa certa: “Não existe arquitetura antiga e moderna, existe boa e má arquitetura”. A antiga também já foi moderna. Se eu vou fazer um projeto, não quero saber nada do que já foi feito para ele. Começo do zero.

A nossa preocupação é política também, é mudar o mundo. A arquitetura é o nosso trabalho, a gente tem ficado em cima da prancheta a vida inteira, mas a vida é mais importante do que a arquitetura. Importante é fazer o homem melhor. O homem olhar para o outro sem procurar defeitos, todo mundo tem defeito e qualidades, então a gente tem que viver de maneira mais integrada...

P.G. - Entendo. Mas a política se expressa também no desenho?

O.N. - Aqui no escritório, a gente tem que dar o exemplo. Há cinco anos vem um cientista aqui conversar com a gente toda terça-feira. Primeiro ele falava sobre filosofia, história, agora é mais sobre o cosmos. Então a gente sai de uma aula sobre o cosmos se sentindo menor, mais modesto. As coisas não são tão importantes assim, o homem é um fodido mesmo... Mas tem que ser pelo menos leal, se dar bem com os outros. Estamos no mesmo barco...

P.G. - Pensando ainda o elemento político da arquitetura, você não quer uma arquitetura simplificada, não?

O.N. - A arquitetura é uma coisa. A política é outra. É fazer o mundo melhor. O dia em que a gente puder influir na arquitetura vai ser diferente. As casas serão mais modestas, mas os grandes empreendimentos humanos, os teatros, os estádios, os cinemas serão maiores ainda, porque todos poderão acessar. Hoje em dia, o arquiteto

trabalha para o governo, para os ricos, o pobre está fodido, o pobre vê aquilo tudo de longe... Os ricos do Brasil, a elite ignorante, se encerra em cada apartamento de luxo! Os mais pobres estão nas favelas, são olhados por essa elite como gente ignorante, quase inimiga. Isso tende a acabar.

A ciência nos traz a verdade, nos faz tirar a fantasia, mas nos faz pequeninos também. O homem tem que ser realista A vida é uma merda, a gente vive, morre, vê os outros morrerem... Que exista pelo menos o sentimento realista de solidariedade... Outro dia um jornalista me perguntou: “Oscar, qual é a palavra que você prefere?” Eu lhe disse: “Solidariedade”. O cara era do Pasquim, todos meus amigos. Ele emendou: “E a vida?”. Ora, “a vida? É mulher do lado e seja o que Deus quiser”. A vida a gente leva como pode, se surge oportunidade. Me lembro do meu amigo João Saldanha, pessoa muito inteligente, que lamentava: “Você quer fazer uma coisa e acaba fazendo outra”. Assim é a vida do ser humano...

P.G. - Mas você criou belas catedrais...

O.N. - Eu fui criado em uma família católica – era uma casa grande, meu avô veio de Maricato e se estabeleceu no Rio. Sua casa tinha dois andares, a sala de visitas tinha cinco janelas, três para a rua e duas para os lados. Me lembro da minha avó transformando uma das janelas em oratório. E a missa era rezada em casa. De modo que minha família era católica, cheia de preconceitos. Mas quando eu saí para a vida, com 18 anos, eu já tinha esquecido de tudo aquilo. Já pertencia ao grupo Socorro Vermelho, que angariava donativos e roupas para distribuir aos que mais sentem falta. Hoje estou muito afeito a atender os católicos. Os da minha família eram gente muito boa, honestos, eles acreditavam naquilo, mas eu... Mas eu não acredito em nada, é lógico. Nas aulas estamos discutindo como foi o Big Bang, como começou tudo...

P.G. - Mas para desenhar uma igreja...

O.N. - Pois é, me sinto à vontade por causa disso. Inclusive o tema de uma catedral é fantástico, você pode fazer o que quiser. Você tem o problema de luz para resolver. Eu me lembro como gostei de fazer a Catedral de Brasília, com material pré-fabricado, aquelas curvas todas e suspender. O problema de uma catedral para a invenção arquitetônica é muito bom. Eu gosto de conversar com padre. Cada um tem sua crença. Fiz também uma mesquita, eles me deram o programa e eu fiz...

P.G. - Pelo seu sobrenome, eu queria perguntar se tem alguma ascendência judia?

O.N. - Não, meu nome é Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares. Ribeiro e Soares são portugueses, Almeida é árabe. Eu devia

me chamar Oscar Ribeiro de Almeida, porque convivi a vida inteira com meu avô. Mas o nome estrangeiro contou mais. Eu tenho agora vontade de assinar Oscar Niemeyer e Ribeiro de Almeida, pela minha ligação com o meu avô.

P.G. - Eu sei que você escreveu bastante sobre o otimismo e uma atitude realista, mas você tem esperança no futuro em geral, em como está se desenvolvendo a sociedade?

O.N. - O planeta cansou. Daqui a não muito tempo, dentro de 40 anos, as coisas vão mudar muito. O mar pode subir mais de dois metros e todas as cidades litorâneas terão de mudar, o próprio calor pode crescer tanto que, em cima dos apartamentos, a gente tenha de fazer jardins, áreas livres cobertas de vegetação. O problema da água...

P.G. - O problema é a falta de consciência política e social ou é o capitalismo que vende tudo...

O.N. - O capitalismo é uma merda, está decadente, mas nós estamos vivendo um momento que nos permite ter uma certa esperança: o nosso presidente é um operário, é ligado ao povo, é ligado à defesa da América Latina, tão ameaçada. Ele está do lado do grupo do Fidel, do Chávez. É um guerreiro e essa pressão dos americanos que tem nos ameaçado a vida inteira tende a acabar.

E.R. - O que o senhor achou da eleição de Barack Obama?

O.N. - Eu gostei, é uma boa figura. Mas nós não podemos querer demais dele, eu tenho a impressão que ele está tentando fazer o que pode, mas não pode de repente mudar tudo. Mas só criando uma situação favorável a Cuba já mostra que é uma pessoa mais evoluída, porque o Bush é um merda, ameaçou o mundo inteiro.

E.R. - O senhor ainda acredita que o comunismo tem um papel no mundo de hoje?

O.N. - Queremos tão pouco. Queremos que o homem seja igual, de acordo com a capacidade de cada um. Queremos que o homem olhe o outro com fraternidade e não procurando defeito, todos nós estamos juntos no mesmo barco, devemos viver de mãos dadas. Pra que essa briga? O ser humano está cheio de qualidades e defeitos e a fraqueza dele frente ao universo devia fazer o homem mais consciente, mais simples, mais solidário. Mas o sujeito cresce, não lê nada, aprende só os assuntos da profissão dele e vira uma pessoa especializada. Um só fala de arquitetura, outro só fala de engenharia, outro só de medicina...

Nós fizemos uma revista, o nome é Nosso Caminho, cujo pretexto é arquitetura, mas fala de literatura, de filosofia, de tudo para

fazer o jovem mais idealista, para ele ver que está num mundo egoísta e deve tentar melhorá-lo. Acho que a ignorância é a responsável pela reação contra a filosofia. Veja a história, aqueles grandes imperadores sempre travando tantas guerras, quando chega em Karl Marx parece que a vida se ilumina.

P.G. - Você acha que o Brasil está fazendo bastante progresso socialmente?

O.N. - Acho que o Brasil vive um momento bom, o Lula é competente, o Itamaraty atua muito bem. Não é a política externa tradicional, nós não queremos brigar com ninguém, mas nós queremos nossas leis e independência, nossa soberania. Durante o período do Bush, foi difícil. Não somos contra o povo americano, o povo é bom, tem agora o presidente que merece...

P.G. - Só que ainda tem os latifundiários e muita gente sem terra...

O.N. - É. Tem que fazer a reforma agrária, a terra pertence a todos. Hoje o que comanda a reação é o egoísmo, a falta de compreensão da vida, do ser humano mais justo... É o que eu digo a você, nas aulas sobre o cosmos, que temos toda terça, a gente sai achando que o homem é bem menor. Estamos de passagem aqui...

P.G. - A identidade brasileira...

O.N. - A arquitetura é a aplicação da técnica mais avançada, é resolver os problemas. Nós estamos fazendo para Brasília, por exemplo, uma torre de televisão digital de 170 metros, apelidada de A Flor do Serrado. No meio do caminho, a 50 metros do chão, ficará um setor de informações. Depois, restaurantes e um mirante. É uma torre que ninguém fez igual. O projeto na Espanha é importante, tem uma cúpula de 40 metros erguida repentinamente. A gente tem de estar informado. Se fosse fazer pelo sistema normal, demoraria oito meses. A gente como arquiteto tem que estar informado sobre as possibilidades do concreto armado.

E.R. - Como essa arquitetura avançada se relaciona com o cansaço do planeta?

O.N. - Um dia eu quero mesmo fazer uma modificação em Brasília – porque a praça que existe em Brasília, que vai caracterizar a capital, é uma praça pequena, que cruza a rodoviária. Brasília deve ter uma praça para eventos importantes. Mas cada um dá a sua opinião, a gente não pode convencer todo mundo...

P.G. - E você está fazendo bastante coisas em Niterói, não?

O.N. - Um dia eu vi uma foto do local onde seria o MAC e o ponto de vista era tão bonito, o contraste com a curva, com prédios diferentes. Eu disse, vou me dedicar a esse negócio. Atualmente, toda quarta-feira eu vou para Niterói, fico lá o dia inteiro. Pois é, a conversa que tenho com vocês aqui podia ter marcado para lá. Lá, vocês teriam uma ideia da obra, ela ficaria mais conhecida – assim, as verbas são mais fáceis de serem liberadas. Para mim é pesado, sair daqui e passar a quarta-feira dentro de uma cúpula daquela – mas é o sacrifício... Dar o exemplo. A gente se interessa que as coisas sejam bem feitas.

Jair Valera - Oscar tem recebido muitos estudantes também nas obras de Niterói, não é, Oscar?

O.N. - Estou aproveitando para fazer campanha junto à juventude. No primeiro encontro foram 70 estudantes de São Paulo, vieram para uma reunião embaixo da cúpula, conversei com eles, expliquei tudo, eles saíram entusiasmados. Depois veio a mesma quantidade de Brasília e agora virão de Minas Gerais. Se vocês forem a Minas Gerais vão ver que obra importante eu estou fazendo lá. O governo queria fazer o palácio do governo e 40 prédios para as secretarias de estado. Então o terreno ia ter o palácio e uma porrada de prediozinhos em volta. Aí é um caso em que arquitetura e altura se impõem. Em vez disso, fiz dois prédios de 200 metros com todas as secretarias. E ligação direta com o palácio. O terreno pareceu maior. Ficou mais bonito. É uma obra que está correndo muito bem. Quem passa por ela se espanta. Isso é importante. É uma obra monumental. O governador de lá está tomando uma posição feito JK, quer fazer coisas extraordinárias que mudem a cidade.

J.V. - Sem falar na economia. As secretarias todas reunidas economizam. Quando você tem secretarias separadas, precisa de mais gente...

P.G. - Que conselho você dá aos mais jovens?

O.N. - Ler um pouco mais. A leitura é importante, você tem de ler romance, ler o que quiser. Teve um tempo que eu lia muito um escritor francês, George Simenon, que escrevia contos policiais. Me lembro que um dia o pessoal do escritório dizia pra mim: “Você tem que parar de ler esse Simenon, não tem conteúdo nenhum”. Mas aconteceu que eu tava lendo o Sartre, um livro que ele escreveu para Simone de Beauvoir. E nesse livro ele dizia “hoje li três livros de Simenon”. Se Sartre lê três livros de Simenon em um dia, por que eu não posso ler um de vez em quando?

Tem de ler para se informar. As coisas todas se entrelaçam. A ignorância não dá. Nós temos que dar o exemplo. Há cinco anos a gente tem aula de filosofia e cosmos aqui mesmo. É para o pessoal que trabalha aqui, umas dez pessoas.

P.G. - No Brasil tem muita televisão, muita novela, não?

O.N. - Ah, uma merda, novela em geral mostra o mundo pior do que ele é, um grupo de pessoas se agredindo, cenas mais deprimentes... algumas são melhores que outras, mas...

P.G. - É um mundo consumista...

O.N. - É tudo briga por negócio de dinheiro...

P.G. - Você ainda tem alguma ambição não realizada?

O.N. - Não, eu tenho tanto trabalho. Me pediram um projeto até – como é aquele lugar perto da Rússia, Jair? Casaquistão? Uma praça de 300 por 300 metros. De modo que minha arquitetura se fez muito divulgada. Sou obrigado a defendê-la, a explicar aos estudantes como ela é, explicar a arquitetura e principalmente explicar a vida que é mais importante.

E.R. - E o senhor acompanha outros arquitetos?

O.N. - Ah, sim, arquitetos que surgem. Vejo nas revistas. Tem arquiteto bom em toda parte. Mas acho que cada arquiteto deve ter a sua arquitetura. Mas o arquiteto depende muito da oportunidade. Eu tive sorte. Fiz o projeto de Pampulha, fiz uma capela completamente diferente, de modo que teve sucesso. Foi a primeira obra de JK. Foi o sucesso da obra que deu coragem para ele fazer Brasília. Era um problema maior, mas a mesma ideia de fazer uma coisa útil.

P.G. - E a ideia de integração com outras artes?

O.N. - Já em Pampulha, cobri a capela de cúpulas... Fiz como eu bem quis fazer, mas chamei o Cândido Portinari, ele veio e fez a fachada de azulejo. Sempre fui a favor da integração das artes à arquitetura. Na Renascença, veja os palácios, se eles não tivessem a pintura que têm, não teriam tanta importância. Então, a ligação da arquitetura com as artes plásticas é fundamental. Esse teatro que estou fazendo em Niterói ainda não está pronto, eu queria uma fachada de azulejo toda desenhada. Não tinha dinheiro para chamar um pintor, então eu mesmo fiz o desenho. Desenhei as mulheres dançando lá na fachada.

P.G. - Você acha que essa integração arquitetura-arte nasceu com Aleijadinho?

O.N. - Não! Na Renascença já faziam isso. Os egípcios, muito antes. Foi sempre a ideia do próprio artista de fazer uma coisa que ele acha bonito, que deve ser feito. É antiquíssimo.

E.R. - Oscar, o prédio da sede da ONU. Foi um conjunto de arquitetos, mas o senhor atuou também lá. Como foi essa história?

O.N. - Meu projeto foi escolhido por unanimidade. E aí o Corbusier ficou muito triste, ele queria fazer o projeto. Então ele me chamou e pediu se eu podia fazer uma mudança na Praça das Nações Unidas. De um lado tinha um prédio, de outro, outro prédio, e ele pediu se eu podia trazer, no meu projeto, a grande assembleia para o centro do terreno. Eu era jovem, ele era o mestre. Eu concordei. E foi uma merda o jeito que aquele prédio foi feito, a porta que eu fiz desapareceu, ficou o prédio da assembleia grudado em outro prédio mais alto, uma merda.

E.R. - E daí vocês dois assinaram o projeto?

O.N. - É, eu me lembro que um dia, depois daquela coisa toda, eu estava almoçando com ele, e ele me disse “você é generoso, hein...” Eu fiquei lembrando daquele dia que ele pediu para mudar a posição da grande assembleia; que concordei, que ficou um prédio grudado no outro – uma merda. Isso é passado, não me arrependo não, ele estava tão aflito, queria fazer o projeto.

P.G. - As colaborações com outros artistas que você tem feito, escultores, sempre...

O.N. - É, Brasília era com Portinari, Athos Bulcão, Ceschiatti. Ceschiatti tinha muito talento, ele fazia aquelas mulheres bonitas, e Portinari era um desenhista estupendo...

P.G. - Você sempre escolheu muito bem seus colaboradores...

O.N. - É, eu gostava. Di Cavalcanti, por exemplo, eu gostava de trabalhar com ele, porque de todos era o mais inteligente, o mais informado, ele sabia das coisas, era culto. Sujeito muito forte. Me lembro que um dia estava com ele em Paris, andando num táxi. Ele sentia-se bem cansado e disse: “Puxa, Paris... eu gostava de Paris quando era jovem, a gente ia passear com as mulheres e tudo...” O chofer francês olhou pra trás e disse “Monsieur, o outono é a época mais bela da vida, não?”... O chofer sabia das coisas, sujeito inteligente – aqui no Brasil seria difícil ter uma frase desta com um chofer...

P.G. - Para manter o espírito jovem tem que ter uma atitude como a da criança de maravilhar-se, de espantar-se...

O.N. - Acho que a vida é difícil, a gente fica mais velho e vai se despedindo dos outros. A vida não tem muito sentido, não. Mas ela é mais digna se predomina essa vontade de ser útil, de ajudar o outro. O resto, isso de se dar importância é uma merda, ninguém é importante.

P.G. - Mas você mantém o seu entusiasmo?

O.N. - Mantenho. Tenho trabalho, gosto de conversar... o Jair trabalha comigo, por exemplo, ele é arquiteto, me ajuda muito, a gente conversa, discute os problemas, ele é muito bom arquiteto.

P.G. - E a beleza, também é importante para você?

O.N. - Darcy Ribeiro dizia que a beleza e a mulher são fundamentais. É como eu disse a você: A vida? É mulher do lado e seja o que Deus quiser. Que ainda a coisa boa que a gente faz é trepar.

E.R. - Oscar, como é viver 100 anos?

O.N. - É uma merda. É uma merda porque você se despede de muita gente. Por exemplo, eu agora quero ir a Paris. Os meus amigos, com quem eu convivi, todos desapareceram... Tenho boa lembrança da França: quando eu fui pra Paris pegar um trabalho, era o tempo do Jango. Fui me despedir do Darcy Ribeiro, que era ministro de Goulart, e ele me disse: "Oscar, estamos no poder!" Ele estava completamente enganado, nos dez dias que levei no navio, passei de uma democracia popular a um dos regimes mais abomináveis. Foram ao meu escritório e esculhambaram lá... De modo que cheguei na França e a situação era outra no Brasil. Daí, um negócio que me ajudou muito foi o De Gaulle querer me proteger. De Gaulle não, Malraux. Malraux tirou com De Gaulle um decreto que eu podia ficar na França e trabalhar como arquiteto francês.

E.R. - E para a França também foi bom, pois sua obra ficou lá.

O.N. - Eu e alguns amigos ficamos todos lá, trabalhando e pensando no Brasil. Foram 20 anos de miséria e violência. Fiquei lá uns meses. Quando eu voltei, a polícia não me esqueceu, não. No primeiro dia que voltei fui levado pela polícia para fazer declaração disso... daquilo ... mas não sofri nada, não. Alguns amigos meus foram torturados, mas eu nunca sofri isso. Era humilhado. Por exemplo, "escrachavam" o sujeito. Era um salão enorme, cheio de mesas e de policiais. Me pegaram e me fizeram falar com todos os policiais, para eles ficarem me conhecendo. Chamavam isso "escrachar" o cara. Mas tudo bem, a coisa mudou, o Lula está aí, é corajoso, tá ao lado do povo, os que estão contra ele vão se foder, porque ele tem prestígio internacional, ele quer ficar ao lado do Chávez, dessa turma toda. O Fidel e o Chávez estiveram aqui no escritório...

P.G. - Naquela época dos militares você sentiu muito medo?

O.N. - Não. Fui chamado na polícia diversas vezes, mas não sofri nada.

E.R. - O senhor tem até uma foto do Luís Carlos Prestes em seu escritório. O senhor era muito amigo dele? Conte uma estória do Prestes, uma lembrança boa...

O.N. - O Prestes vinha para o Brasil e precisava arranjar uma casa para ficar. Eu comprei um apartamento e dei pra ele. Fiquei muito satisfeito com isso. Quando ele saiu da prisão (em meados da década de 1940) foi para o meu escritório na Rua Conde Lage, no Rio. Disse pra ele, você está fazendo um trabalho mais importante do que eu, fica com esse escritório que eu vou procurar outro lugar. Ele transformou meu escritório em “comitê metropolitano”. De modo que fomos muito amigos, esses fatos todos se entrelaçando. A história do Prestes é fantástica, ele foi pro Sul como militar trabalhar em algumas obras; quiseram fazer modificações, ele não deixou. Mas Prestes viu que pessoalmente não deveria protestar, já estava com ideias comunistas na cabeça. Ele criou a coluna e atravessou o Brasil brigando de fora a fora. É uma figura fantástica.

P.G. - Você ainda é militante comunista?

O.N. - O partido está fraquinho...

E.R. - O PCB tornou-se PPS...

O.N. - É, mas eu não tomei conhecimento disso. O meu é o mesmo partido, do tempo antigo. O partido está menos conduzido neste momento. Não tem influência, o pessoal não tem acesso. Mas vai melhorar. Vai melhorar. Sua filosofia é tão natural.

P.G. - Suas obras surpreendem, deleitam, mas desafiam um pouco a gente...

O.N. - Cada um tem sua maneira de ver, mas elas são lógicas e seguras. A arquitetura usa as técnicas contemporâneas na sua plenitude, atende o programa. Nós não inventamos programa, nós fazemos o que pedem para fazer. Quer dizer, aqui me pedem um palácio em Minas Gerais. Eu sou arquiteto, eu faço plantas, mas eu gostaria de fazer outras coisas...

P.G. - Você escreve também...

O.N. - É, eu escrevo.

E.R. - Como é sua rotina de trabalho?

O.N. - Hoje, por exemplo, atendo quem vem falar comigo pela manhã. E trabalho depois do almoço até onde der.

P.G. - Você fuma muito?

O.N. - Não. Sempre fumei muito pouco, mas agora fumo mais quando estou trabalhando, entre uma dúvida e outra...

E.R. - E essa história do avião francês?

O.N. - Veja esse desastre. O alemão que morreu veio ao Rio porque queria fazer uma capela num parque em homenagem ao pai dele, que era um arquiteto muito bom e famoso. Ia levar o projeto e a maquete. E pronto, morreu. Que merda. Avião... Andei de Concorde e achei ótimo, mas é um desprezo pela natureza botar um avião com 200 pessoas apertadas lá dentro... Viajo de navio, navio não naufraga.

P.G. - Muito obrigado por tudo, os projetos dos últimos dez anos são emocionantes.

O.N. - Quando passarem pelo Rio de Janeiro outra vez e quiserem subir para conversar, é só apertar a campainha.

5 de junho de 2009, tarde

Peter Godfrey saiu certo que havia encontrado um sábio. Nada da ostentação material ou psíquica das celebridades planetárias. Como vai morrer esse homem, distribuindo ensinamento e dando o exemplo? É verdade que Niemeyer já fala editado, repetindo muito de suas frases e ideias que estão dispersas em entrevistas e livros. Muitas vezes Peter Godfrey não conseguia concluir seu pensamento ou a pergunta que ele queria tanto fazer e já o mestre emendava sua reflexão pronta.

Jair Valera explicou que Niemeyer cobra pelo piso da tabela do sindicato dos arquitetos. Se deixarem, ele quer cobrar menos. Ele e os outros arquitetos que trabalham no escritório é que argumentam que assim estariam aviltando a classe. Nos outros países, cobra pela tabela de lá. “Mas quando é um projeto de esquerda que ele acredita muito e se apaixona, daí não tem jeito, não quer cobrar nada.”

Tomamos um lanche no *Apetite Café e Delicatessen* da Rua Rainha Elisabeth, em Copacabana (Peter Godfrey precisava ir ao banheiro e receava ser impedido caso não usasse o restaurante, como é comum em seu país), e rumamos para a Praça Treze, onde tomamos o primeiro catamarã para Niterói. O Caminho Niemeyer nos esperava. É um canteiro de obras que se inicia ao lado de um movimentado terminal de ônibus chamado João Goulart. Somos impedidos de entrar pelo segurança terceirizado Anderson Araújo, que cumpre seu dever. Só com autorização de Celmo Trigger, presidente do Caminho Niemeyer e secretário de Planejamento de Niterói. Mas ele gentilmente explica que as obras começaram, na verdade, há dez anos. O Teatro Popular à nossa frente, por exemplo, foi inaugurado às pressas há três anos, em época eleitoral, mas só agora o prefeito Roberto Silveira Filho resolveu finalizar o projeto... “Não estou

entendendo bem o que você está falando, meu amigo, deixa pra lá”, interrompeu Peter Godfrey, não demonstrando interesse na política miúda nativa. Tinha acabado de estar com Oscar Niemeyer, oras!

O certo é que além do Teatro Popular, a oca da Fundação Niemeyer está lá erguida à espera de verbas para a conclusão. Ao seu lado uma cúpula menor, onde se instalará o Memorial Roberto Silveira (ex-governador). No terreno de 70 mil metros ainda será construído um templo batista (só tem a pedra fundamental) e uma torre de 60 metros em formato de cogumelo com mirante e restaurante. Mais à frente, seguindo o mar, serão erguidos o Museu BR de Cinema e a nova Estação de Barcas de Charitas, esta já depois do ponto em que um OVNI chamado MAC pousou delicadamente e permanece lá olhando para a Baía de Guanabara.

Como processar todas essas informações era o que o olhar de menino envelhecido de Peter Godfrey estava me dizendo. Já sei, ele precisava voltar para o hotel e descansar. Espero que a gripe melhore, amigo. Saí do catamarã e fiquei na Praça Treze. Já era noite. Havia um ajuntamento de gente em frente ao Paço Imperial. Parece que Dudu Nobre e Beth Carvalho iam cantar no Viradão Carioca. Ah, vicissitudes profanas que se interpõem.

As obras de Oscar Niemeyer agora são apontadas para o céu, como as torres e monumentos que tem criado. É como, já no fim da vida, ele quisesse marcar a geopolítica da eternidade. Sua fala tempera a melancolia de quem lembra fatos e pessoas que já passaram, ao viço de quem ainda realiza e ao entusiasmo realista de quem permanece acreditando.

12 de junho, sexta-feira

Último contato de Peter Godfrey, por e-mail:

“Ainda estou no Rio. Ainda no Hotel Rodoviário! Não tive tempo de mudar. Mas felizmente estou melhor de saúde nos últimos dois dias. Um contato holandês está procurando para mim uma passagem para a Europa por navio cargueiro só que o meu visto para ficar no Brasil vence este domingo. Assim é muito possível que eu tenha que pegar um avião.”

Anteriormente, em São Paulo, quando perguntei a Peter Godfrey qual a razão dele permanecer comunista, ele me respondeu com uma palavra: “Solidariedade”. Agora sei o que via desde o início fora de lugar nele. É a solidariedade, algo raro hoje em dia. Chávez errou. Além de Fidel e Niemeyer, há um comunista na Inglaterra.

ANEXO A – Carta de Darcy Ribeiro ao governador Orestes Quéricia [1990?]

Meu caro Governador Orestes Quéricia:

Confesso, Governador, que o coração me aperta de angustia com o que pode suceder no Memorial da América Latina, tão seu. Sem sua vontade, ele não existiria. Tão nosso, de Oscar e meu, que fizemos dele nosso sonho maior. Falando francamente, meu medo mesmo é que, se o senhor não o concluir, ninguém o concluirá. Uma obra assim - o mais importante conjunto arquitetônico da nossa geração - ficaria capenga, seria um desastre. E isso pode ocorrer, porque para cumprir os prazos em que ele teve de ser feito, e por não existir outro terreno, tivemos que escolher aquele, no qual a água aflora a um metro e meio da superfície. Por essa razão, vários componentes indispensáveis não puderam ser feitos. O que poderá ser, no futuro, questionado. Realizar essas obras complementares, absolutamente indispensáveis, é um desafio colocado ao seu governo, para que se justifique plenamente a glória de ter edificado o Memorial da América Latina:

- 1- A complementação da Biblioteca, que deveria ter um sub-solo de 94 x 70 metros, se fosse praticável. Não sendo assim - por causa do lençol de água existente no sub-solo, muito próximo da superfície - essa complementação deverá assumir a forma de uma torre, que Oscar Niemeyer já desenhou, e cuja edificação é imperativa. Nela é que se contará com o depósito para 250 mil livros, um auditório de 250 lugares e quatro outros, de cem cada um, a direção e administração da Biblioteca e do Salão de Atos, bem como as 24 cabines de leitura, som e imagem, destinadas aos estudiosos que no Memorial farão suas teses de doutorado sobre temas latinoamericanos.
- 2- O mesmo ocorre no Pavilhão, que será acerbamente criticado no futuro como uma coisa antiquada, porque há mais de um século não se concebe um museu sem depósito ou armazém. Para isso foi reservada uma área no terreno que o senhor desapropriou para ser o estacionamento do terminal da Barra Funda, do qual o Pavilhão está se apropriando, e onde deverá ficar o grande armazém e a grande área de serviços do Pavilhão e também do Memorial. Recordo aqui que a entrada

nobre do Memorial, desenhada para permitir a visão de toda sua grandeza, se dá pela escadaria, que deve ser subida a pé, pois jamais ninguém deverá entrar de automóvel em seu recinto.

- 3- Um defeito decorrente do êxito do Memorial se deve ao fato de que a Aula Magana, que funciona como auditório, tenha uma ocorrência de público tão grande que, ao ter sucesso, duas mil pessoas lá dentro aplaudem o governador, e lá fora três mil o vaiam. Oscar Niemeyer resolveu essa questão criando o que no Rio de Janeiro chamamos de "Praça da Apoteose", que dará espaço para que 60 mil pessoas transformem o lugar no umbigo de São Paulo, amandi-amado por todos os paulistanos. No mesmo espaço se recomenda também estender a área útil do Pavilhão da Criatividade, pelos sete metros do que é hoje o corredor, criando outra área. Lembre-se, governador, que o maior êxito do Memorial é esse Pavilhão, que atrai dezenas de milhares de pessoas todos os fins de semana, porque o artesanato popular é uma linguagem na qual todos se identificam, o que justifica plenamente sua ampliação.
- 4- Meu coração pede também um complemento que coroaria o Memorial como a expressão maior da América Latina, com a construção do Museu da Forma, integrado por reproduções em fibra de vidro das obras máximas da escultura latinoamericana, que é nosso ponto mais alto de criação artística. O Museu de Antropologia do México já aquiesceu em copiar suas 25 maiores obras; o governo do Peru concordou em que copiássemos o templo de Machu Picchu. Estou certo de que essas obras, junto às únicas capazes de dialogar com elas - as criações supremas do Aleijadinho-darão ao Memorial uma dimensão ainda maior do que a ele já tem. Oscar Niemeyer já desenhou isso, e essa obra deve ser edificada no prédio da Vila da Fepasa, que foi desapropriado para esse fim. Outro Capítulo das minhas angústias, governador, e para o qual peço remédio, diz respeito ao programa de funcionamento do Memorial. Cada uma de suas edificações foi planejada

para cumprir um certo objetivo, perfeitamente especificado. Concordo perfeitamente em que esse programa possa ser mudado, substituído por outro, que possa ser adequado àquele conjunto arquitetônico. O que é inadmissível é abandonar esse programa, para deixar o Memorial entregue às improvisações. Ocasionalmente podem até ser geniais, mas que habitualmente o afundariam na mediocridade. Estou seguro, meu caro governador, de que nesse caso se justificará perfeitamente dizer que o Memorial é um elefante branco ou um obra faraônica, porque sua grandeza e beleza arquitetônica não justificariam jamais o saber que ele existe.

As linhas básicas de ação que iriam fazer do Memorial o que ele deveria ser - a casa da cultura latinoamericana - podem ser assim resumidas:

- 1- Ele será mais importante que as universidades do Estado de São Paulo, ser for a grande universidade sem alunos e sem professores porque pertence a todos os professores e todos os alunos. Para tanto, é preciso que se cumpra o programa de realizar, a cada mês, sem faltar nenhum, de um seminário de balanço crítico do saber. Esses seminários deverão trazer à São Paulo os quatro maiores especialistas da América Latina, e seus quatro equivalentes brasileiros, para discutirem o estado de seu campo de ação. Cada participante fará uma conferência sobre sua própria obra, o que certamente atrairá as atenções de seus colegas brasileiros. As conferências serão depois reunidas num livro, deixando registro desse balanço.
- 2- A outorga dos prêmios de US\$ 100 mil não pode ser interrompida, porque se destina a elevar São Paulo à condição de juiz da qualidade da produção nos campos das artes, ciências, humanidades e letras. No ano passado, demos quatro prêmios. Daqui em diante devemos dar um por ano, nessa ordem, que é a alfabética. Recordo ao governador que corremos o risco de que se tente cometer a cretinice de dar esse prêmio em cruzados. Suponho que os defensores dessa idéia pensem também que o premiado possa ir a uma casa de câmbio trocar esse dinheiro por dólares no mercado negro, e com isso correr o pe

rigo de ser preso na alfândega.

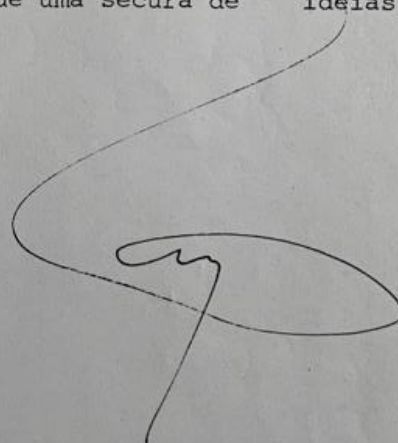
3- É igualmente indispensável regulamentar de imediato, e difundí-las, as bases dos dois concursos anuais do Memorial. O primeiro deles deve ser a três intelectuais latinoamericanas nas condições materiais de escrever uma obra para a qual tenham se preparado a vida inteira, concernente a temas altamente relevantes: uma sobre a América Latina, outra sobre o Brasil e uma terceira sobre São Paulo. Suponho que se deveria financiá-los com o salário mais alto da USP mais 20%, por um período de doze meses, para dar a oportunidade de realizar o que nenhuma universidade do Continente faz: publicar três livros importantes por ano sobre nossos temas e problemas. O segundo concurso destina-se a ter imensa repercussão, e consiste em selecionar, entre cartas escritas por intelectuais jovens e recém-formados, os 10 brasileiros que mandaremos a países latinoamericanos, os hispanoamericanos que virão ao Brasil, e os paulistas que visitarão o resto de nosso país sem outro compromisso que o de se desprovincializar, se informar e formar outras gerações.

Outras tantas bolsas de número tão grande quanto for possível, o Memorial deve dar, custeada por empresas internacionais, para permitir que jovens de nosso país entrem em contato com outras realidades culturais e sociais, nos países de origem dessas empresas.

É óbvio que tratando-se nesse caso de meras candidaturas de pessoas formadas há menos de cinco anos, o indispensável é difundir competentemente o concurso. Em função da excelência dessas bolsas, que chovam cartas na mesa do governador de São Paulo.

- 4- Também me preocupa, senhor governador, a questão da revista do Memorial. Ela foi pensada para ser a tribuna livre, o ponto de encontro das mais altas expressões das artes e da cultura do continente. E no entanto, passado um ano desde a inauguração do Memorial, apenas um número circulou.
- 5- Sabe bem o governador do interesse do qual nos revestimos, Oscar e eu, para atender o honrosíssimo convite que nos fez,

para ajudá-lo no planejamento e na implantação dessa obra. Oscar Niemeyer está sempre a dizer que o Memorial foi o projeto que mais o aquiesceu em seu próprio coração. Eu digo o mesmo, para significar que gostaríamos de continuar vinculados a esse empreendimento incomparável, na condição que o iminente governador decidir. Não nos preocupam salários e ganhos, mas nos preocupa supremamente ter alguma influência sobre o andamento e o destino do Memorial, como vozes que devam ser ouvidas - ainda que não atendidas - porque ele não é só, governador Orestes Quércia, um de seus sonhos realizados: é também um sonho nosso, que queremos ajudar a florescer e defender dos riscos de uma secura de idéias, que o faria murchar para sempre.

A handwritten signature in black ink, consisting of a large, sweeping loop that descends into a smaller, more intricate scribble before ending in a short vertical stroke.

ANEXO B – Carta de Oscar Niemeyer para Maria Angélica Travolo Poputchi, primeira presidente do Memorial da América Latina com cópia para o governador Quércia, de 31.1.1990

São Paulo, 31 de janeiro de 1990

Prezada Angélica

De passagem por São Paulo sinto necessário expor alguns problemas que, a meu ver, deveriam ser esclarecidos no Memorial.

E como não desejo perturbar seu ritmo de trabalho e você para eles não me convocou, dou a seguir os itens que tratam dos mesmos.

São problemas ligados à arquitetura e de interesse comum, o que me deixa à vontade para tratá-los com a franqueza que uma colaboração honesta exige.

1- Ambulatório

Transformar o local de informações num Ambulatório para os funcionários do Memorial me parece absurdo.

Primeiro, porque o local é pequeno para isso; segundo, porque um ambulatório dessa natureza poderia ser construído num outro lugar, evitando uma concentração de funcionários que perturbaria o serviço de informações, muito procurado.

Pelas mesmas razões fui contra balcões de vendas no local.

2- Fernando Lemos é um companheiro que desde os primeiros dias vem trabalhando no Memorial. Daí sugerir sua inclusão no Conselho de Divulgação, responsável que é pelo projeto de identidade visual do Memorial, que éticamente deveria ser respeitado em sua íntegra.

3- Anexo dos Congressistas

A transferência do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos para o Anexo dos Congressistas poderia, a meu ver, esperar a ampliação prevista para o mesmo.

O lugar pretendido é, de acordo com Darcy Ribeiro, indispensável ao bom desempenho dos congressos e outros eventos. A ele o público deveria ter amplo acesso.

4- A escultura doada pelo Suriname continua exposta no Memorial. Desde o início ficou estabelecido que a arquitetura cabe decidir sobre esses assuntos, e como as obras de arte desejáveis já foram compradas, aceitar outras em donativo - em geral ruins - seria criar um problema insolúvel.

5- Propaganda

Lamento os grandes painéis de propaganda colocados por ocasião dos 'shows' no Auditório, prejudicando o conjunto da arquitetura.

A solução proposta, em localizá-los na parte posterior do Auditório - no estacionamento - é mais apropriada.

6- Pintura

Foi estabelecido anteriormente que a pintura externa dos edifícios deveria ser feita de três em três anos. Isso agora se faz indispensável, pois os que visitam o Memorial e tiram fotos para publicação no exterior, começam a deplorar o aspecto lamentável que terão suas fotografias.

E lembro que a execução da pintura não correspondeu às especificações do fabricante, o que garantiria sua manutenção e maior durabilidade.

7- Mobiliário

Com o apoio do Senhor Governador me foi permitido escolher todos os móveis do Memorial entre as linhas mais modernas.

Com tristeza sinto que esta norma começa a ser esquecida. Móveis são transportados de um local para outro contrariando a distribuição programada.

E não posso deixar de lamentar os armários colocados na fachada de seu gabinete, cortando a bela vista da praça, quebrando a harmonia que vem sendo mantida em todo o conjunto.

8- Restaurante

Até hoje o restaurante não foi inaugurado, prejudicando o bom acolhimento ao público que é impedido inclusive de visitá-lo, pois a entrada está obstruída por mesas empilhadas.

E se considerarmos que o restaurante é elemento indispensável ao conjunto, resolver seu funcionamento me parece coisa prioritária.

9- Veículos na Praça

Desde os primeiros dias insisti na importância de que as praças seriam mantidas apenas para pedestres..

Deixar que veículos nela transitem ou estacionem é uma interferência que desvirtua o espírito com que foram concebidas.

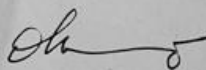
Para evitar tal procedimento o meio-fio foi feito com 20 cm. de altura, ao longo de toda a praça.

4.

Para mim, como arquiteto do Memorial, impedir carros na praça é assunto básico na preservação do meu projeto.

10- É claro que o Darcy deveria fazer parte do Conselho Curador e a Comissão da qual participamos ter objetivos e regulamentação específica que justificassem a nossa presença no Memorial.

É só, Angélica. Quando achar útil e tiver tempo livre, continuarei à sua disposição.

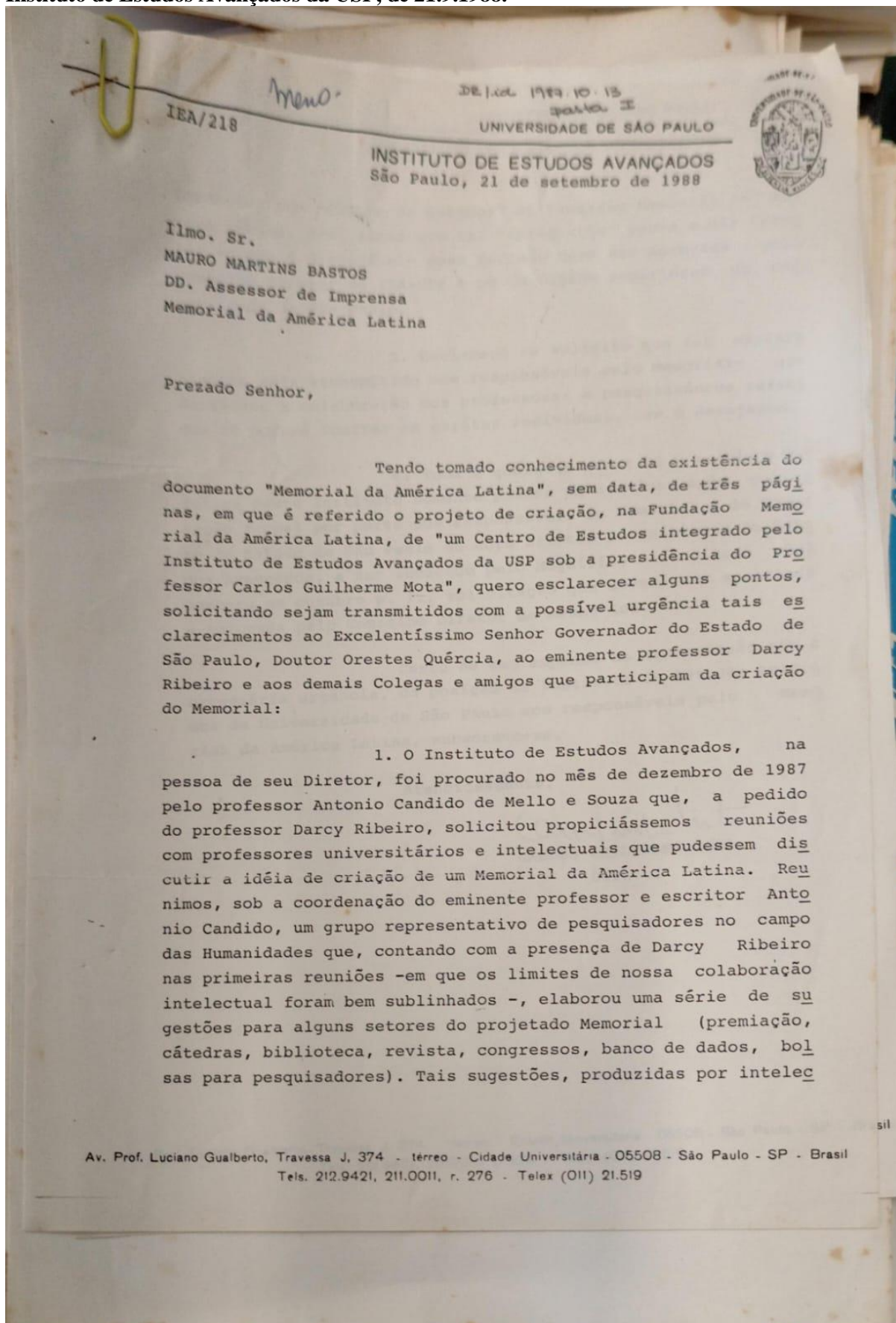


Oscar Niemeyer

c.c. para o Senhor Governador do Estado

Orestes Quêrcia

ANEXO C – Carta de Carlos Guilherme Mota reclamando da atuação de Darcy Ribeiro no Instituto de Estudos Avançados da USP, de 21.9.1988.





SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
RUA LÍBERO BADARÓ 38/13º ANDAR CEP 01008/SP TEL 2571311/R 290

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS



tuais do porte de Antonio Candido, Octavio Ianni, Alfredo Bosi, Aracy Amaral, entre outros, que dedicaram parte de suas férias de janeiro e dias de fevereiro nessa colaboração, foram encaminhadas pelo professor Darcy Ribeiro aos encarregados da criação do Memorial.

2. Meses após a entrega dessas propostas, solicitamos informações sobre o andamento do projeto ao professor Ruy Granziera. Entretanto, nenhuma satisfação sobre o desenvolvimento do Memorial foi transmitida a qualquer membro do grupo, inclusive ao professor Antonio Candido e a este Diretor do Instituto de Estudos Avançados -que aliás não conhecem sequer o local das obras. Nada obstante, tomamos conhecimento do desenvolvimento do projeto através da imprensa e pela indicação mais recente de intelectuais que passam a colaborar ativamente na execução do mesmo -entre eles Fernando Moraes e Eric Nepomuceno, pessoas de grande valor e escritores de reconhecido mérito. Mas sugestões e críticas ao projeto geral como as formuladas anteriormente pela professora Aracy Amaral -que aliás ofereceu colaboração por escrito ao grupo de trabalho acima referido- jamais mereceram resposta.

3. Entendemos que a colaboração do IEA USP -presente também na criação de outros núcleos de pesquisa dentro e fora da USP- cessou àquela altura, até porque nenhuma satisfação -solicitada reiteradamente por este Diretor- foi dada ao IEA-USP pelos administradores do projeto. Meses e meses se passaram sem que nem mesmo o professor Antonio Candido recebesse informação mais concreta do destino de nossas sugestões.

4. Finalmente, apesar de considerarmos importante o fato de apelar-se à Universidade de São Paulo para a elaboração de propostas para um Memorial, registramos nosso desconforto quando constatamos que o Instituto de Estudos Avançados se vê "integrado" sem maiores consultas ou in



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
RUA LÍBERO BADARÓ 38/13.º ANDAR CEP 01008/SP TEL 2571311/R 200

BRASIL 1973 10 13 10:10:10

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS



formações num "Centro de Estudos" da Fundação Memorial da América Latina. Ora, ainda que tal "integração" possa a vir ocorrer -o que é discutível- essa decisão deve ser aprovada pelo Conselho Diretor do IEA-USP e pelos órgãos superiores da Universidade de São Paulo.

5. Esclareço -e solicito que tal esclarecimento seja transmitido aos responsáveis pelo Memorial- que doravante a colaboração dos professores e pesquisadores referidos só poderá ocorrer em caráter individual, se o desejarem.

6. Toda e qualquer eventual colaboração futura deste Instituto somente poderá se efetivar após solicitação formal por parte dos responsáveis do Memorial e do Governo do Estado de São Paulo ao novo Diretor do Instituto de Estudos Avançados, a ser indicado pelo Magnífico Reitor José Góes demberg em outubro p. f., solicitação que deverá ser apreciada e aprovada pelo Conselho Diretor do mesmo Instituto.


Certo de seu empenho na transmissão, com a necessária urgência, da posição do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo aos responsáveis pelo Memorial da América Latina, subscrevo-me,

Atenciosamente,

Carlos Guilherme Mota
CARLOS GUILHERME MOTA
Diretor

ANEXO D – Oferta de réplicas de estelas e estátuas mesoamericanas, de 7.9.1988

Jelid 1987 10 B pasta I



museo nacional de antropología **i. n. a. h. s. e. p.**
 CALZADA M. GANDHI MEXICO 6, D. F.

7 de septiembre de 1988

Dr. Darcy Ribeiro
 Memorial de America Latina
 Copacabana, Río de Janeiro
 P r e s e n t e

En atención a la conversación sostenida con usted en días pasados, me permito presentar a su consideración el proyecto de convenio para la realización de las reproducciones de monumentos mesoamericanos para exhibirse en el Memorial de América Latina.

Anexo también listado y fotografías de la selección preliminar:

1. Estela de la ventilla (no existe molde)	Altura 125 cms. ancho 55 cms.
2. Chalchitlicue (no existe molde)	altura 380 cms. ancho 150 cms. espesor 150 cms.
POSTCLASICO TARDIO	
3. Estela de Xochicalco (no existe molde)	altura 143 cms. ancho 33 cms. espesor 23 cms.
4. Atlante de Tula (sí existe molde)	altura 460 cms. ancho 99 cms. espesor 97 cms.
5. Pilastra de Tula (no existe molde)	altura 460 cms. ancho 54 cms. espesor 54 cms.



museo nacional de antropología
 CALZADA M. GANDHI MEXICO S. D. F.

I. N. A. H. S. E. P.

-2-

6. Tramo serpiente de dos cabezas	altura 54 cms. ancho 91 cms. espesor 42 cms.
(sí existe molde)	
7. Ocelot Cuahuchicali	largo 230 cms. ancho 120 cms. altura 92 cms.
(sí existe molde)	
8. Piedra de Tizoc	altura 98 cms. diámetro 280 cms.
(no existe molde)	
9. Calendario Azteca	diámetro 358 cms. espesor 120 cms.
(sí existe molde)	
10. Coatlicue	altura 350 cms. ancho 130 cms.
(sí existe molde)	
11. Coyolxahuqui	diámetro 325 cms. espesor 37 cms.
(Sí existe molde)	
12. Estela de Monte Albán	altura 147 cms. ancho 76 cms.
(sí existe molde)	
13. Danzante de Monte Albán	altura 123 cms.
(sí existe molde)	
14. Cabeza Olmeca	altura 285 cms. diámetro 211 cms.
(sí existe molde)	
15. Estela de Quetzalcoatl	altura 500 cms. diámetro 45 cms.
(no existe molde)	
16. Adföecente Huasteco	altura 116 cms. ancho 45 cms. espesor 22 cms.
(Si existe molde)	



museo nacional de antropología

i. n. a. h. s. e. p.

CALZADA M. GANDHI

MEXICO 6, D. F.

-3-

17. Dintel de Yaxchilan	largo 183 cms. ancho 60 cms. espesor 24 cms.
(no existe molde)	
18. Estela de Yaxchilan	altura 377 cms. ancho 98 cms. espesor 24 cms.
(no existe molde)	
19. Cruz de Palenque	largo 190 cms. ancho 325 cms. espesor 13 cms.
(sí existe molde)	
20. Estela de Calakmul	altura 412 cms. ancho 153 cms. espesor 36 cms.
(no existe molde)	
21. Chac Mool de Chichén-Itzá	altura 113 cms. ancho 80 cms. largo 156 cms.
(sí existe molde)	
22. Estela de Quirigua, Guatemala	alto 650 cms. aprox ancho 100 cms. aprox
(no existe molde)	
23. Zoomorfo de Quirigua, Guatemala	altura 180 cms. aprox ancho 250 cms. espesor 230 cms.
(no existe molde)	

Como lo comentamos, es importante que se realice por parte de ustedes la selección final para obtener los presupuestos correspondientes, así como el tiempo de entrega, lo anterior en el entendido que de las piezas que existe molde el costo será menor y el tiempo de entrega se reduce.



museo nacional de antropología **i.n.a.h. s.e.p.**
CALZADA M. GANDHI MEXICO 6, D. F.

-4-

Espero que la información le sea útil y espero su respuesta,
reciba un cordial saludo.

Atentamente,

Arq[ui]to. Roberto García Moll
Director del Museo

RGM/bs

ANEXO E – Tabela de preços para cessão dos espaços – 2022 (eventos, fotos e filmagens)



TABELA DE CESSÃO DOS ESPAÇOS – 2022 (EVENTOS, FOTOS E FILMAGEM)				
-----Atividades com venda de ingressos-----				
Espaço	SEGUNDA A QUINTA-FEIRA		SEXTAS, SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS	
	Valor da diária	Diária de Montagem ou Desmontagem	Valor da diária	Diária de Montagem ou Desmontagem
Biblioteca Latino-americana (Mini Auditório)	R\$ 8.800,00	R\$ 2.970,00	R\$ 9.200,00	R\$ 3.105,00
Salão de Atos Tiradentes	R\$ 22.000,00	R\$ 7.370,00	R\$ 23.000,00	R\$ 7.705,00
Praça Cívica e Centro Receptivo (Queijinho)	R\$ 60.500,00	R\$ 20.130,00	R\$ 63.250,00	R\$ 21.045,00
Praça da Sombra (Área Total)	R\$ 33.000,00	R\$ 11.000,00	R\$ 34.500,00	R\$ 11.500,00
Praça da Sombra (Área ao lado da Administração)	R\$ 13.200,00	R\$ 4.400,00	R\$ 13.800,00	R\$ 4.600,00
Praça da Sombra (Área em frente ao Pavilhão da Criatividade)	R\$ 13.200,00	R\$ 4.400,00	R\$ 13.800,00	R\$ 4.600,00
Praça da Sombra (Área em frente ao Auditório Simón Bolívar)	R\$ 13.200,00	R\$ 4.400,00	R\$ 13.800,00	R\$ 4.600,00
Espaço Expositivo Multiuso	R\$ 27.500,00	R\$ 9.130,00	R\$ 28.750,00	R\$ 9.545,00
Espaço Expositivo Gabriel García Márquez (Gabo)	R\$ 13.200,00	R\$ 4.400,00	R\$ 13.800,00	R\$ 4.600,00
Auditório Simón Bolívar (Plateias A e B + Foyer)	R\$ 59.400,00	R\$ 19.800,00	R\$ 62.100,00	R\$ 20.700,00
Auditório Simón Bolívar (Plateia A + Foyer)	R\$ 49.500,00	R\$ 16.500,00	R\$ 51.750,00	R\$ 17.250,00
Auditório Simón Bolívar (Somente Foyer)	R\$ 49.500,00	R\$ 16.500,00	R\$ 51.750,00	R\$ 17.250,00
Sala dos Espelhos	R\$ 6.600,00	R\$ 2.200,00	R\$ 6.900,00	R\$ 2.300,00
Anexo dos Congressistas (Pavimentos Superior e Inferior)	R\$ 18.600,00	R\$ 6.200,00	R\$ 20.460,00	R\$ 6.820,00
Anexo dos Congressistas (Somente Pavimento Superior)	R\$ 12.400,00	R\$ 4.100,00	R\$ 13.640,00	R\$ 4.510,00
Anexo dos Congressistas (Somente Pavimento Inferior)	R\$ 12.400,00	R\$ 4.100,00	R\$ 13.640,00	R\$ 4.510,00
Galeria Marta Traba	R\$ 24.200,00 (exposição de 01 a 15 diárias consecutivas)			
	R\$ 38.500,00 (exposição de 15 a 30 diárias consecutivas)			
	R\$ 11.000,00 (período montagem e/ou de 10 diárias consecutivas)			
-----Atividades sem venda de ingressos-----				
Espaço	SEGUNDA A QUINTA-FEIRA		SEXTAS, SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS	
	Valor da diária	Diária de Montagem ou Desmontagem	Valor da diária	Diária de Montagem ou Desmontagem
Biblioteca Latino-americana (Mini Auditório)	R\$ 8.000,00	R\$ 2.700,00	R\$ 8.800,00	R\$ 2.970,00
Salão de Atos Tiradentes	R\$ 20.000,00	R\$ 6.700,00	R\$ 22.000,00	R\$ 7.370,00
Praça Cívica e Centro Receptivo (Queijinho)	R\$ 55.000,00	R\$ 18.300,00	R\$ 60.500,00	R\$ 20.130,00
Praça da Sombra (Área Total)	R\$ 30.000,00	R\$ 10.000,00	R\$ 33.000,00	R\$ 11.000,00
Praça da Sombra (Área ao lado da Administração)	R\$ 12.000,00	R\$ 4.000,00	R\$ 13.200,00	R\$ 4.400,00
Praça da Sombra (Área em frente ao Pavilhão da Criatividade)	R\$ 12.000,00	R\$ 4.000,00	R\$ 13.200,00	R\$ 4.400,00
Praça da Sombra (Área em frente ao Auditório Simón Bolívar)	R\$ 12.000,00	R\$ 4.000,00	R\$ 13.200,00	R\$ 4.400,00
Espaço Expositivo Multiuso	R\$ 25.000,00	R\$ 8.300,00	R\$ 27.500,00	R\$ 9.130,00
Espaço Expositivo Gabriel García Márquez (Gabo)	R\$ 12.000,00	R\$ 4.000,00	R\$ 13.200,00	R\$ 4.400,00
Auditório Simón Bolívar (Plateias A e B + Foyer)	R\$ 54.000,00	R\$ 18.000,00	R\$ 59.400,00	R\$ 19.800,00
Auditório Simón Bolívar (Plateia A + Foyer)	R\$ 45.000,00	R\$ 15.000,00	R\$ 49.500,00	R\$ 16.500,00
Auditório Simón Bolívar (Somente Foyer)	R\$ 45.000,00	R\$ 15.000,00	R\$ 49.500,00	R\$ 16.500,00
Sala dos Espelhos	R\$ 6.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 6.600,00	R\$ 2.200,00
Anexo dos Congressistas (Pavimentos Superior e Inferior)	R\$ 15.900,00	R\$ 5.300,00	R\$ 17.490,00	R\$ 5.830,00
Anexo dos Congressistas (Somente Pavimento Superior)	R\$ 10.600,00	R\$ 3.500,00	R\$ 11.660,00	R\$ 3.850,00
Anexo dos Congressistas (Somente Pavimento Inferior)	R\$ 10.600,00	R\$ 3.500,00	R\$ 11.660,00	R\$ 3.850,00
Galeria Marta Traba	R\$ 20.000,00 (exposição de 01 a 15 diárias consecutivas)			
	R\$ 35.000,00 (exposição de 15 a 30 diárias consecutivas)			
	R\$ 10.000,00 (período montagem e/ou de 10 diárias consecutivas)			

ANEXO F – Regulamento geral de uso dos espaços



MEMORIAL

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
REGULAMENTO GERAL DE AUTORIZAÇÃO DE USO DOS ESPAÇOS

ANEXO I

1. O presente Regulamento estabelece normas e procedimentos a serem observados quando da Autorização de Uso de espaços do **Complexo Cultural Memorial da América Latina** e seus equipamentos, em especial as formas e condições de utilização por terceiros.
2. Para efeito deste Regulamento "Autorização de Uso" é o ato unilateral discricionário e de natureza precária, por meio do qual a Fundação Memorial da América Latina faculta a terceiros o uso de áreas de seu complexo cultural para ocupação episódica e de curta duração.
3. A utilização dos bens sob administração da Fundação Memorial da América Latina é de caráter oneroso como regra, e somente dar-se-á a título gratuito em situações excepcionais, mediante decisão de Diretoria Executiva e nas hipóteses permitidas em lei.
4. O instrumento para outorga da Autorização de Uso é o Termo de Autorização de Uso ou outro que o substitua, onde estarão estabelecidas as áreas a serem utilizadas, sua destinação, as condições de utilização, a remuneração devida, o prazo de vigência previsto, podendo ser revogada a qualquer tempo, sem ônus para a Fundação.
5. **ESPAÇO FÍSICO**
 - a. A Fundação Memorial da América Latina autorizará a terceiros o uso dos espaços físicos e equipamentos do **Complexo Cultural Memorial da América Latina**, na forma do presente Regulamento e do respectivo Termo de Autorização de Uso (TAU) e seus Anexos.
 - b. O(s) espaço(s) e equipamentos serão entregues após vistoria conjunta e a formalização e assinatura do **Documento de Vistoria de Entrega dos Espaços** pela **OUTORGADA**.
 - c. O(s) espaço(s) e equipamentos serão restituídos pela **OUTORGADA** à Fundação mediante nova vistoria conjunta e após a formalização e assinatura do **Documento de Vistoria para Devolução de Espaços**, tanto pela OUTORGADA quanto pela Fundação.
6. **RESPONSABILIDADES DA FUNDAÇÃO**
 - a. Manter a disposição da **OUTORGADA** o(s) espaço(s) e equipamento(s) cedido(s) conforme competente Termo de Autorização de Uso, em condições adequadas de uso e conservação.
 - b. Realizar 01 (uma) visita prévia aos espaços para apresentação, antes da formalização da proposta, agendada junto à Gerência de Relações com o Mercado, e até 03 (três) visitas técnicas de produção após aprovação do evento, com no máximo 2h (duas horas) de duração, a ser agendadas com a Gerência de Produção da Fundação, não sendo realizadas visitas quando de montagens, eventos e desmontagens nos espaços cedidos.
 - c. Acompanhar a organização e produção do(s) evento(s), prestando todas as informações necessárias à sua realização e indicando formalmente responsáveis técnicos, conforme planilha de produção a ser fornecida pela **OUTORGADA**.
 - d. Os serviços de limpeza e segurança patrimonial serão disponibilizados na forma deste Regulamento.
 - e. A Fundação não se responsabilizará, de forma alguma, durante a montagem, o evento e a desmontagem, pela vigilância e segurança dos bens, inclusive equipamentos pertencentes à **OUTORGADA**, seus empregados, prestadores de serviços, contratados, convidados ou público em geral.
7. **RESPONSABILIDADES DA OUTORGADA**
 - 7.1. Cumprir e fazer cumprir todos os prazos e condições fixadas no Termo de Autorização de Uso, neste Regulamento Geral de Autorização de Uso de Espaços do Complexo Cultural Memorial da América Latina, e, quando for o caso, no Regulamento de Uso do Auditório Simón Bolívar, dando ciência destas informações às equipes próprias, de seus fornecedores, terceirizados, contratados em geral, inclusive se responsabilizando pelo cumprimento dos prazos e normas.

Fundação Memorial da América Latina

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 – Barra Funda – CEP: 01156-001 – São Paulo – SP.

PABX: 11 3823-4600

www.memorial.org.br



7.2. USO DE ELETRICIDADE

- a. A Fundação fornecerá energia elétrica suficiente para o uso normal dos equipamentos básicos instalados em suas dependências, além de casas de força para regulação da sua utilização segura. Caso a **OUTORGADA** necessite de energia adicional, deverá contratar o fornecimento através de geradores, cuja capacidade será dimensionada conforme a demanda, solicitando sempre formalmente a autorização das Gerências Técnica e de Produção da Fundação, para o devido acompanhamento.
- b. A Fundação dispõe de geradores para uso emergencial, em caso de queda de energia, que acionarão as iluminações de emergência, sinalizadores e bombas.
- c. A Fundação, para a aprovação da instalação e uso de energia adicional, exigirá a apresentação de laudo de engenheiro responsável, juntamente com o documento comprobatório do profissional, a cargo da **OUTORGADA**, cabendo a esta eventuais despesas decorrentes das providências que se fizerem necessárias.
- d. A Fundação não se responsabilizará, perante a **OUTORGADA** ou terceiros, por qualquer problema ou prejuízo decorrente de falha, interrupção ou queda de energia fornecida pela concessionária de distribuição e transmissão.

7.2. ACESSO E USO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS

- a. A **OUTORGADA** não poderá transferir ou ceder a terceiros a autorização concedida, no seu todo ou em parte, não podendo os espaços ser usados para outro fim, se não o estabelecido no Termo de Autorização de Uso e eventuais Aditamentos.
- b. Qualquer autorização de uso de espaço, gratuita ou onerosa, no(s) local(is) previstos para o uso da **OUTORGADA**, para demonstração, apresentação ou venda de produtos e/ou serviços seus ou de terceiros, dependerá de autorização expressa da Fundação, na forma do respectivo Termo de Autorização de Uso.
- c. A **OUTORGADA** realizará vistoria prévia conjunta, com os técnicos indicados pela Fundação, do(s) espaço(s) e equipamentos constantes do Termo de Autorização de Uso firmado, devendo ser firmado o **Documento de Vistoria de Entrega dos Espaços**.
- d. A **OUTORGADA** deverá acatar as orientações e determinações dos responsáveis técnicos designados pela Fundação, para acompanhar e supervisionar a montagem, o evento e a desmontagem, até a entrega final dos espaços.
- e. A **OUTORGADA** deverá apresentar à Fundação, com antecedência mínima de 15 (quinze) dias corridos, toda a documentação pertinente e necessária à realização do evento, inclusive técnica, especialmente as Autorizações e Comprovantes de Recolhimento das taxas e custas devidas a:
 - i. Direitos autorais à Sociedade Brasileira de Autores (SBAT), ao Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), à Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), ao Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de São Paulo (SATED) ou organismo competente;
 - ii. Tributos municipais, estaduais e federais, se houver;
 - iii. Autorização da Vara da Infância e da Juventude, nos termos da legislação vigente.
 - iv. Implantações, projetos elétricos, hidráulicos, estruturais, cenográficos, de sonorização e iluminação, entre outros, assim como apresentar atestado técnico e RRT (Registro de Responsabilidade Técnica) ou ART (Anotação de Responsabilidade Técnica) do responsável técnico especializado, juntamente com o documento comprobatório do responsável e comprovante de pagamento do documento emitido, referente a qualquer execução de serviço realizado no evento, seja de montagem das estruturas, instalações elétricas e hidráulicas, instalação de geradores, material ignífido, instalação de equipamentos de som e luz adicionais, painéis de LED, projetos, etc.
- f. Apresentar, se for o caso, até 20 (vinte) dias antes do período de autorização de uso, o protocolo de solicitação do Alvará de Autorização de Eventos Temporários junto à Prefeitura do Município de São Paulo. E, até 03 (três) dias antes, o próprio Alvará, com validade para a data do evento, sob pena de não ser autorizada a realização do mesmo.
 - i. Do Alvará, deverá constar o público estimado, ou seja, a expectativa de pessoas que irão frequentar o local, durante o período total do evento.
- g. Caberá à **OUTORGADA** limitar o público presente à capacidade de lotação estabelecida para os espaços cedidos, garantindo acesso prioritário a idosos, gestantes e portadores de deficiência, na forma da lei.

Fundação Memorial da América Latina

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 – Barra Funda – CEP: 01156-001 – São Paulo – SP.
 PABX: 11 3823-4600
www.memorial.org.br



- h. Caberá à **OUTORGADA** providenciar, quando de eventos com controle de acesso de público, o AVCB – Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros, e apresentá-lo à Fundação em até 24 (vinte e quatro) horas antes da realização do evento.
- i. A **OUTORGADA** deverá respeitar as normas e diretrizes internas da Fundação, especialmente o Termo de Autorização de Uso, seu(s) Anexo(s) e respectiva planilha de produção.
- j. Qualquer alteração pretendida pela **OUTORGADA**, com relação ao acordado no Termo de Autorização de Uso firmado, dependerá de prévia autorização da Fundação e deverá ser formalizada por meio de Termo de Aditamento específico.
- k. A **OUTORGADA** deverá providenciar a autotaxação indicativa do evento, nos termos da legislação vigente.
- l. Apresentar a programação do evento à Gerência de Produção no prazo fixado em reunião de produção.
- m. Dar ciência imediata e por escrito à Fundação, de qualquer anormalidade que verificar durante o período de uso dos espaços.
- n. Zelar pelos espaços cedidos e seus equipamentos, obrigando-se ao ressarcimento de eventuais danos e/ou prejuízos, mesmo que causados por terceiros contratados, convidados ou público presente, até 24 (vinte e quatro) horas após solicitação, independentemente de notificação judicial.
 - i. A **OUTORGADA** reconhece que o local é tombado pelo Patrimônio Histórico e abriga diversas obras de arte, fixas ou temporárias, e assumem total e integral responsabilidade por danos causados por seus representantes, empregados, contratados, terceirizados, público convidado e terceiros em geral.
- o. Responder, integralmente, por todos os custos relativos ao evento, inclusive o pagamento de tributos, seguros de quaisquer espécies, contribuições sindicais e previdenciárias, além das despesas concernentes à publicidade, direitos autorais e tudo mais quanto previsto em lei, isentando a Fundação, solidária ou subsidiariamente, e qualquer responsabilidade delas decorrentes.

7.3. COBRANÇA DE INGRESSOS E BILHETERIA

- a. A Fundação poderá autorizar a venda de ingressos pela **OUTORGADA**, na forma do respectivo Termo de Autorização de Uso.
- b. Quando da cobrança de ingressos pela **OUTORGADA**, devem ser preservados os descontos para estudantes e idosos, além de outros garantidos por lei.

7.4. USO, MONTAGEM E DESMONTAGEM DOS EQUIPAMENTOS

- a. Caberá à **OUTORGADA** cumprir rigorosamente os horários determinados pela Fundação para o uso, a montagem e desmontagem dos eventos, assumindo total responsabilidade pela tarefa, restabelecendo os equipamentos em perfeito estado de funcionamento, e os espaços cedidos na sua configuração original.
 - i. A Fundação designará a Gerência de Produção e Gerência Técnica para supervisionar e aprovar o recebimento dos equipamentos e/ou espaços acima referidos, após vistoria conjunta com a **OUTORGADA**, quando será firmado o **Documento de Vistoria para Devolução dos Espaços**.
- b. O uso dos equipamentos cedidos à **OUTORGADA** pela Fundação obedecerá aos critérios estabelecidos neste Regulamento, bem como no competente Termo de Autorização de Uso e seus anexos.
 - i. O uso e/ou instalação de materiais ou equipamentos, pela **OUTORGADA** ou por terceiros sob sua responsabilidade, deverá ser previamente solicitado à Fundação que, em caso de aprovação, disciplinará os procedimentos necessários por meio de sua Gerência Técnica.
 - ii. Todo evento deverá ser montado, nos espaços disponibilizados, dentro das áreas previamente definidas pela Fundação, respeitados os gabaritos em planta, e no caso de descumprimento, a **OUTORGADA** poderá aplicar sanções.
 - iii. A Fundação poderá utilizar o(s) espaço(s) cedido(s) para as suas atividades institucionais durante todo o período da montagem e da desmontagem do evento, sem interrupção de seus trabalhos.
- c. É terminantemente proibido perfurar o chão das Praças para fixação de estruturas, sendo necessária a utilização de contrapesos para a estabilidade das mesmas.

Fundação Memorial da América Latina

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 – Barra Funda – CEP: 01156-001 – São Paulo – SP.
 PABX: 11 3823-4600
www.memorial.org.br



- d. É terminantemente proibido utilizar colas, adesivos e/ou fitas colantes que possam deixar resquícios nos pisos dos espaços do Complexo.
- e. Não serão permitidas a instalação ou fixação de materiais e/ou estruturas nos prédios, grades, bancos, vidros, sancas de iluminação, postes, mastros, árvores e demais estruturas do Complexo, nem tampouco nas obras de arte.
- f. É terminantemente proibido serrar e/ou lixar materiais nas dependências internas do Complexo.
- g. É terminantemente proibida a utilização de produtos inflamáveis (quaisquer tipos de gases, álcool, gasolina, etc.) e a realização de shows pirotécnicos e/ou queima ou uso de fogos de artifício, nos termos da Lei Municipal nº 16.675/2017.
- h. É terminantemente proibida a distribuição de latas, garrafas e/ou copos de vidro para o público do evento, conforme orientações de segurança da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Bebidas somente em copos de papel ou plástico.
- i. É terminantemente proibido o uso de produtos fumíferos (cigarros, charutos, cachimbos, dentre outros), nas áreas internas e sob as marquises, nos termos da legislação vigente.
- j. O horário de montagem e desmontagem deverá respeitar os prazos estipulados no Termo de Autorização de Uso.
- k. A FUNDAÇÃO não fornece, sendo, portanto, itens de responsabilidade da OUTORGADA:
 - Equipamentos de sonorização, iluminação e audiovisual, nem equipe técnica para montagem, operação e desmontagem;
 - Geradores;
 - Serviços de telefonia e internet;
 - Serviço de bilheteria (bilheteiros, porteiros, indicadores, recepcionistas, assim como equipamentos, impressoras e insumos necessários para operação);
 - Serviços de segurança;
 - Serviços de Recepção;
 - Serviços de limpeza, coleta de lixo e caçambas;
 - Serviços médicos e bombeiro civil;
 - Serviços de alimentos e bebidas;
 - Insumos para banheiros, copa, ambulatório, etc.

7.5. RESPONSABILIDADES LEGAIS

- a. A **OUTORGADA** responderá por todos os ônus trabalhistas, previdenciários, fiscais e comerciais resultantes de seu empreendimento, arcando com todas as despesas decorrentes da autorização concedida, inclusive publicidade.
 - i. A **OUTORGADA** assume total responsabilidade decorrente de suas ações ou gestões relativas ao competente Termo de Autorização de Uso perante quaisquer terceiros, que nada poderão pleitear ou exigir da Fundação, judicial ou extrajudicialmente, quer solidária, subsidiária ou alternativamente.
- b. A **OUTORGADA** assumirá integral responsabilidade por danos morais ou materiais que, em decorrência das atividades que desenvolver causarem ao seu pessoal, aos funcionários e ao patrimônio da Fundação, ao público ou a terceiros.

Fundação Memorial da América Latina

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 – Barra Funda – CEP: 01156-001 – São Paulo – SP.
 PABX: 11 3823-4600
www.memorial.org.br



- c. Qualquer dano/avaria causado no(s) espaço(s) e/ou equipamentos da Fundação autorizados para uso da **OUTORGADA**, será de sua responsabilidade e deverá ser sanado/reparado ou substituído, às suas expensas, em até 24 (vinte e quatro) horas, independentemente de notificação judicial ou extrajudicial.

7.6. SEGURANÇA

- a. A Fundação possui equipe de Vigilância e Segurança Patrimonial para preservação de suas dependências, que se reportam e respondem exclusivamente aos responsáveis desta Fundação. Assim, cabe à **OUTORGADA**:
- i. Garantir a segurança dos espaços autorizados, equipamentos, obras de arte e instalações do Complexo Cultural Memorial da América Latina durante todo o período de autorização de uso.
 - ii. Fazer cumprir a proibição da entrada e porte de quaisquer armas, sejam "brancas" ou "de fogo", nas dependências do Complexo Cultural Memorial da América Latina inclusive da equipe de segurança eventualmente alocada, assumindo total responsabilidade por danos causados a terceiros decorrentes da transgressão desta norma.
 - iii. Proibir a entrada, porte, queima e a soltura de fogos de artifício e artefatos pirotécnicos nas dependências do Complexo Cultural Memorial da América Latina, assumindo total responsabilidade por danos causados a terceiros e ao patrimônio decorrente da transgressão desta norma.
 - iv. Proibir a entrada e permanência de ambulantes nas dependências do Complexo Cultural Memorial da América Latina, durante todo o período de autorização dos espaços.
 - v. Designar equipe de segurança, própria ou terceirizada, devidamente identificada, a ser previamente apresentada à Fundação para aprovação, que estabelecerá os limites de sua atuação.
 - vi. Responsabilizar-se pela guarda e conservação de todos os bens, equipamentos, instalações e materiais cujo uso e permanência tenham sido autorizados pela Fundação no Termo de Autorização de Uso e seus anexos.
- b. A **OUTORGADA** deverá apresentar previamente à Fundação, através da Gerência de Produção, a relação do material e/ou equipamento que será trazido e utilizado por ocasião dos eventos, conforme referido Termo de Autorização de Uso.
- c. Em nenhuma hipótese a FUNDAÇÃO se responsabilizará pela guarda de valores, equipamentos, documentos, materiais ou quaisquer bens da **OUTORGADA**, seus contratados, parceiros ou convidados, durante o período cedido para seu uso.
- d. A **OUTORGADA** deverá identificar seus prepostos, funcionários e terceirizados mediante crachá ou pulseira específicos para o evento, conforme planilha de produção, sendo de responsabilidade da **OUTORGADA** o controle de acesso aos espaços disponibilizados e a segurança geral do evento.

7.7. LIMPEZA E CONSERVAÇÃO

- a. A **OUTORGADA** receberá o(s) espaço(s) cedido(s) em condições de uso normal, abastecidos e em adequado estado de conservação e limpeza, devendo a **OUTORGADA** entregar nas mesmas condições.

7.8. SEGURO

- a. As obras e edificações da Fundação estão seguradas contra possíveis danos. Cabe à **OUTORGADA** providenciar o(s) seguro(s) legalmente previsto(s) para a natureza do(s) evento(s) que pretenda realizar no(s) espaço(s) cedido(s), ou ainda, outro, quando exigido pela Fundação, devendo apresentar a(s) respectiva(s) apólice(s) ao Memorial em até 10 (dez) dias antes do início da autorização de uso do(s) espaço(s).

7.9. INSTALAÇÃO DE TELEFONES, INTERNET E DEMAIS TRANSMISSÕES

- a. Qualquer instalação telefônica e/ou sistema de transmissão via rede (Internet) ou assemelhados (rádio, TV etc.), no(s) espaço(s) autorizado(s), será de inteira responsabilidade da **OUTORGADA**, via companhia telefônica ou empresa competente, dependendo do caso, e mediante prévia autorização expressa da Fundação, que acompanhará os respectivos procedimentos técnicos.

7.10. DIVULGAÇÃO E MATERIAL PUBLICITÁRIO

- a. A divulgação do(s) evento(s) por quaisquer veículos publicitários é de total responsabilidade da **OUTORGADA**.



- b. Imagens ou a reprodução total ou parcial de edifícios, obras, marcas e símbolos do Memorial em qualquer material de identificação ou divulgação da **OUTORGADA** somente poderão ser utilizadas mediante prévia aprovação, podendo a Fundação proibir sua distribuição, uso e/ou afixação, sem prejuízo das providências legais cabíveis ao caso.
- c. O transporte, montagem e instalação de materiais publicitários, de divulgação e identificação do evento, tais como faixas, *banners*, *stands*, crachás, bandeiras e afins, nas dependências do Complexo Cultural Memorial da América Latina, deverão ser autorizados pela Gerência de Comunicação Social e pela Gerência de Produção, respeitando os horários, locais, medidas e pesos máximos para cada situação, bem como nos termos da legislação em vigor.
- d. Cabe à **OUTORGADA** desmontar, desinstalar e transportar os materiais acima descritos, sob a supervisão Gerência de Produção da FUNDAÇÃO.

7.11. ATENDIMENTO MÉDICO

- a. Cabe à **OUTORGADA** oferecer serviço de ambulância, atendimento médico e bombeiro civil, hospitalar ou emergencial a ser prestado nos eventos, conforme legislação vigente ou a critério da FUNDAÇÃO, com o acompanhamento da Gerência de Produção.

7.12. COQUETÉIS, ALIMENTOS E BEBIDAS

- a. A Fundação não possui serviço de café, água, cozinha ou similares, nem infraestrutura para coquetéis, ficando a cargo da **OUTORGADA** a contratação desses serviços, desde que previamente autorizada pela Fundação.
- b. É terminantemente proibida a utilização de botijões de gás, fogões e chamas, bem como a preparação de alimentos nas áreas fechadas de todo o Complexo Cultural Memorial da América Latina.

8. ESTACIONAMENTO

- a. **OUTORGADA** contará com até 03 (três) vagas para a organização do evento, durante o período de montagem e de desmontagem, em áreas a serem determinadas pela Fundação, ficando proibido estacionar nas áreas do evento no(s) dia(s) da sua realização.
- b. Os serviços de estacionamento ou manobrista (*valet*) durante a montagem, desmontagem e realização do(s) evento(s), deverão, respeitada a legislação vigente, ser definidos e tratados pela **OUTORGADA** diretamente com a permissionária dos serviços do estacionamento das dependências do Complexo Cultural Memorial da América Latina, e aprovado pela Gerência de Produção da FUNDAÇÃO.

9. CRITÉRIOS DE VALORES DE CAUÇÃO E MULTA DE INFRAÇÃO DO T.A.U.

9.1. CAUÇÃO

- a. Para efeito deste Regulamento entende-se por **caução** o depósito de valor pecuniário em conta corrente da Fundação, que servirá como garantia para cobertura, total ou parcial, de multa e/ou despesas oriundas do descumprimento dos termos do Termo de Autorização de Uso firmado, ou eventuais danos causados pela **OUTORGADA**, por terceiros ou convidados/participantes, por acidente, culpa ou dolo, durante o evento, sua montagem e desmontagem, sem prejuízo de eventual necessidade de complementação de valor.
- b. A caução e seu valor serão fixados no respectivo Termo de Autorização de Uso

9.2. MULTA POR INFRAÇÃO

- a. As multas por infração serão aquelas previstas no respectivo Termo de Autorização de Uso.

10. DISPOSIÇÕES FINAIS

- a. Os casos não previstos neste Regulamento serão resolvidos pela Fundação, ficando a **OUTORGADA**, desde logo, intimado a cumprir suas determinações, sob as penas da lei.

Versão – fevereiro/2020

ANEXO G – Regulamento de autorização de uso do Auditório Simón Bolívar



FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

REGULAMENTO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DO AUDITÓRIO SIMÓN BOLÍVAR

ANEXO II

1. O presente Regulamento estabelece normas e procedimentos a serem observados quando da Autorização de Uso de Espaços do **Auditório Simón Bolívar**, bem como seus equipamentos, em especial as formas e condições de utilização por terceiros.
2. As normas do presente Regulamento deverão ser observadas de forma complementar às constantes no Regulamento Geral de Autorização de Uso de Espaços do Complexo Cultural Memorial da América Latina.
3. Para efeito deste Regulamento, “Autorização de Uso” é o ato unilateral discricionário e de natureza precária, por meio do qual a Fundação Memorial da América Latina faculta a terceiros o uso de áreas de seu complexo cultural para ocupação episódica e de curta duração.
4. O instrumento para outorga da Autorização de Uso é o Termo de Autorização de Uso ou outro que o substitua, onde estarão estabelecidas as áreas a serem utilizadas, sua destinação, as condições de utilização, a remuneração devida, o prazo de vigência previsto, podendo ser revogada a qualquer tempo, sem ônus para a FUNDAÇÃO.
5. Entende-se por “equipamentos” todo e qualquer bem disponibilizado, considerando entre eles o mobiliário, peças de decoração, equipamentos de iluminação, som e audiovisuais, obras de arte, etc.
6. **A empresa ou instituição que receber a permissão de uso dos espaços objeto do presente Regulamento atenderá a toda legislação Federal, Estadual e Municipal aplicáveis às atividades que exercerá nos espaços cedidos, cumprindo as determinações dos Poderes Públicos e o disposto neste regulamento.**
7. **ESPAÇO FÍSICO**
 - 7.1 O espaço objeto deste Regulamento é o Auditório Simón Bolívar, com 1.788 lugares, e é integrado pelos seguintes equipamentos:
 - a. A Plateia “A” é composta de:
 - i. 1.009 lugares, dos quais os 64 lugares da fila “I” são de uso exclusivo da FUNDAÇÃO, portanto proibidos de serem comercializadas, ou cedidos a terceiros, salvo com autorização expressa da FUNDAÇÃO ressalvada no Termo de Autorização de Uso.
 - ii. uma “house-mix” (espaço para mesa de sonorização, iluminação e operadores) em sua entrada, bem como, uma cabine superior de projeção.

Fundação Memorial da América Latina

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 – Barra Funda – CEP: 01156-001 – São Paulo – SP.
PABX: 11 3823-4600 www.memorial.org.br



- b. A **Plateia “B”** é composta de 779 lugares, dos quais os 55 lugares da fila “I” são de uso exclusivo da FUNDAÇÃO, portanto proibidos de serem comercializadas, salvo com autorização expressa da FUNDAÇÃO ressalvada no Termo de Autorização de Uso. A Plateia B não tem “house-mix” nem cabine superior de projeção.
- c. O **Foyer “A”** dá acesso às Plateias “A” e “B”, tem 1.500 m² de área total não mobiliada e possui:
- i. Um espaço de cafeteria com balcão de granito, armários e geladeira, e um espaço de “*bomboniere*”, também de granito, com tampo de vidro e armários;
 - ii. Duas salas VIPs, cuja utilização está condicionada à natureza da sala – recepcionar autoridades e convidados especiais, além de necessitar de autorização expressa ressalvada no Termo de Autorização de Uso, em conformidade com o Termo de Vistoria Prévia;
 - iii. Área específica para instalação de ambulatório ou serviço médico de urgência;
 - iv. Elevador para acesso de idosos, pessoas com mobilidade reduzida e portadores de deficiência.
- d. O **Foyer “B”** tem área total de 96 m², não mobiliado, e contém um elevador para acesso de idosos, pessoas com mobilidade reduzida e portadores de deficiência.
- e. **Anexo ao auditório** com 06 (seis) camarins, sendo 02 (dois) - A e B - com sanitário/chuveiro privativo, 03 (três) menores - C, D e E - e 01 (um) maior - F, todos mobiliados, 01 (um) banheiro masculino e 01 (um) banheiro feminino, ambos com 01 (uma) cabine e 01 (um) chuveiro, e 01 (uma) copa pequena equipada com pia e armário, conforme relação constante de Documento de Vistoria do Espaço.
- f. **Galerias laterais** são os espaços utilizados para o acesso do público às plateias “A” e “B”, que abrigam exposições permanentes da Fundação Memorial da América Latina.
- g. **Espaço de bilheteria**, localizado, do lado direito da entrada do Foyer “A”, composto por balcão de madeira com gavetas, que pode ser cedido, inclusive de forma independente, desde que autorizado de forma expressa pela FUNDAÇÃO no Termo de Autorização de Uso.
- h. **Sala Central de Controle de Incêndio**, localizada do lado esquerdo da entrada do Foyer “A”, sem permissão de utilização, devendo o acesso estar sempre desobstruído.
- 7.2. O Termo de Autorização de Uso especificará de forma nominal quais equipamentos do Auditório serão objeto de autorização de uso, a fim que sejam aprovados pela Diretoria Executiva.



- 7.3. O Auditório abriga obras de arte fixas e temporárias em suas áreas internas e externas, que deverão permanecer nos seus devidos espaços, com preservação de seus entornos, em especial:
- “Agora” painel de relógios de Victor Arruda;
 - “A Pomba” de Alfredo Ceschiatti;
 - A tapeçaria de Tomie Ohtake;
 - Busto de Simón Bolívar de Victorio Macho;
 - “Torso Negro” de Vera Torres;
 - “Ventana Negra” de Enrique Carbajal;
 - Telas de Gershon Knispel e Oscar Niemeyer, nas Galerias Laterais;
 - Ícones da Cultura Latino Americana;
 - Capacete em homenagem ao Corpo de Bombeiros do estado de São Paulo;

8. UTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

- 8.1. Os espaços e equipamentos constantes do Item 7 deste Regulamento serão disponibilizados e discriminados pela FUNDAÇÃO conforme Termo de Autorização de Uso ou outro que o substitua, onde estarão estabelecidas as áreas disponibilizadas e suas condições de uso.
- 8.2. Os elevadores destinados a idosos e portadores de deficiência, deverão ser utilizados apenas para os fins a que se destinam, sempre com acompanhamento de bombeiro, sob responsabilidade da OUTORGADA.
- 8.3. Previamente à utilização do palco, para toda e qualquer montagem e desmontagem, deverá ser providenciada pela OUTORGADA, forração adequada com objetivo de evitar riscos, manchas e possíveis avarias.
- 8.4. É terminantemente proibido perfurar o assoalho, pregar, utilizar colas, adesivos e/ou fitas colantes que possam deixar resquícios no palco, bem como nas poltronas, cortinados e áreas acarpetadas, mantendo o local e seus equipamentos em perfeitas condições de uso e conservação.
- 8.5. É terminantemente proibido utilizar colas, adesivos e/ou fitas colantes que possam deixar resquícios no piso do Foyer “A” e/ou Foyer “B”.
- 8.6. Não serão permitidas montagens e instalação nos espelhos, escadas, rampa, sprinklers, treliças, refletores e nas áreas onde estão as obras de arte do Foyer “A” e “B” e Galerias laterais do Auditório.
- 8.7. É terminantemente proibido serrar e/ou lixar materiais nas dependências internas do Auditório, sendo Foyer, Galerias, Plateias ou Palco.

Fundação Memorial da América Latina

Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 – Barra Funda – CEP: 01156-001 – São Paulo – SP.
 PABX: 11 3823-4600
www.memorial.org.br

III



- 8.8. É terminantemente proibida a utilização de botijões de gás e fogões, bem como a preparação de alimentos nas dependências do Auditório, em especial Foyer “A” e “B”.
- 8.9. É terminantemente proibida a utilização de produtos inflamáveis (quaisquer tipos de gases, álcool, gasolina, etc.) e a realização de shows pirotécnicos e/ou queima ou uso de fogos de artifício, nas áreas e anexos do Auditório Simón Bolívar, nos termos da Lei Municipal nº 16.675/2017.
- 8.10. É terminantemente proibida a entrada de pessoas com bebidas e/ou alimentos nas Plateias “A” e “B”, bem como nas escadas e rampas do Auditório.
- 8.11. É terminantemente proibida a utilização de qualquer tipo de balões infláveis nos espaços cedidos.
- 8.12. É terminantemente proibido lançar ou jogar confetes, serpentinas e papeis picados, de quaisquer espécies, nas dependências do complexo Memorial.
- 8.13. É terminantemente proibido o uso de produtos fumíferos (cigarros, charutos, cachimbos, dentre outros), nos termos da legislação vigente.
- 8.14. A OUTORGADA deverá manter durante todo o período do evento as Rotas de Fuga e Saídas desobstruídas.
- 8.15. A FUNDAÇÃO não fornece, sendo, portanto, itens de responsabilidade da OUTORGADA:
- Equipamentos de sonorização, iluminação e audiovisual, nem equipe técnica para montagem, operação e desmontagem;
 - Geradores;
 - Serviços de telefonia e internet;
 - Serviço de bilheteria (bilheteiros, porteiros, indicadores, recepcionistas, assim como equipamentos, impressoras e insumos necessários para operação);
 - Serviços de segurança;
 - Serviços de Recepção;
 - Serviços de limpeza, coleta de lixo e caçambas;
 - Serviços médicos e bombeiro civil;
 - Serviços de alimentos e bebidas;
 - Insumos para banheiros, copa, ambulatório, etc.;
 - Mobiliário para o Palco e para o Foyer “A” e “B”;



- 8.16. Toda a montagem, desmontagem e o evento serão acompanhados pelas equipes das Gerências de Produção e Técnica da FUNDAÇÃO, que prestarão as informações e orientações necessárias, que deverão ser observadas e respeitadas pela OUTORGADA.
- 8.17. O horário de montagem e desmontagem deverá respeitar os prazos estipulados no Termo de Autorização de Uso, inclusive em consonância com a legislação vigente.
- 8.18. Em caso de alteração da configuração dos mobiliários disponíveis nos espaços disponibilizados, é de responsabilidade da OUTORGADA o retorno à configuração original ao término do evento.
- 8.19. A apresentação, demonstração ou venda de produtos/serviços nas dependências do Auditório, pela OUTORGADA ou por terceiros, dependerá de aprovação prévia da FUNDAÇÃO.
- 8.20. O acesso e trânsito de veículos e pessoas, bem como o uso dos estacionamentos, por parte da OUTORGADA, somente será admitido na forma do Regulamento Geral de Autorização de Uso dos Espaços do Memorial.
- 8.21. O uso de vagas ou espaço de estacionamento de veículos dentro da FUNDAÇÃO na fase de produção e durante o evento será restrito ao número autorizado por esta, de acordo com lista previamente aprovada a livre critério desta. Os casos não atendidos pela FUNDAÇÃO deverão procurar vagas ou estacionamentos disponíveis nas redondezas.

9. TERMOS DE VISTORIA PRÉVIA E FINAL

- 9.1. Será lavrado um Termo de Vistoria Prévia que abará todos os espaços e equipamentos disponibilizados, no qual se descreverão, a exemplo de, mas não limitados, o estado dos pisos, palco, paredes, poltronas, cortinas, luzes, tomadas, vidros, espelhos, teto e carpetes, além das obras de arte, bem como o estado de limpeza dos espaços, que será assinado por responsáveis previamente indicados pelas partes.
- 9.2. Quando da entrega pela OUTORGADA dos locais, deverá ser realizada nova vistoria, imediatamente após o término da desmontagem do evento, cujo resultado será comparado com o Termo de Vistoria Prévia, lavrando-se o Termo de Vistoria Final que, assinado pelos responsáveis indicados pelas partes, servirá como base, juntamente com o relatório pós-evento elaborado pela Gerência de Produção, para a eventual aplicação das penalidades dispostas no respectivo Termo de Autorização de Uso.
- 9.3. O Termo de Vistoria Final também declarará o estado de limpeza dos espaços cedidos, a total retirada legalmente adequada de resíduos produzidos, inclusive de caçambas que deverão ser retiradas no prazo máximo de 24h do término do prazo cedido no respectivo Termo de Autorização de Uso.

10. NORMAS DE ORDEM TÉCNICA

- 10.1. As luzes de serviço das Plateias "A" e "B" e do Palco só poderão ser acionadas por funcionários da FUNDAÇÃO.



- 10.2. O manuseio do ar condicionado do Auditório é de competência exclusiva da Gerência Técnica da FUNDAÇÃO, devendo qualquer necessidade de alteração ou ocorrência ser imediatamente solicitada/comunicada à FUNDAÇÃO.
- 10.3. Todo o sistema de áudio, vídeo e iluminação deverá ser energizado através de geradores, que deverão ser contratados pela OUTORGADA, assim como outros equipamentos que necessitem de energia na montagem, evento e desmontagem do evento, uma vez que não é permitido o uso de energia da casa.
- 10.4. Como as tomadas elétricas do Auditório são de baixa amperagem, seu uso só será permitido após avaliação e autorização da Gerência Técnica da FUNDAÇÃO.
- 10.5. Não é permitido desligar as luzes/refletores do Foyer "A" para utilização de outros equipamentos nas tomadas do espaço.
- 10.6. Os cabos de sinal de áudio, vídeo, iluminação e cabos de energia deverão estar protegidos por passa-cabos (tipo indoor), principalmente nas entradas / saídas, portas, escadas de acesso ao palco e passagem de pessoas, deixando desobstruídas as saídas e rotas de emergência.
- 10.7. Não é permitida a fixação de qualquer equipamento ou objeto nas hastes dos rebatedores fixados no teto, ou no vigamento das estruturas.
- 10.8. A *house-mix* da Plateia "A", localizada na entrada do auditório, será limitada por uni filas (demarcadores de fila e/ou espaço), e os equipamentos como câmeras de filmagem, mesa de som, mesa de luz, *switcher* (mesa de corte) e periféricos deverão estar posicionados dentro da área delimitada.
- 10.9. A Plateia "B" não possui cabine de operação, portanto quando necessário, as mesas de som, audiovisual e iluminação deverão ser posicionadas atrás das poltronas, isoladas do público por uni filas (demarcadores de fila e/ou espaço), devendo ser mantido todo cabeamento protegido por passa-cabos e deixando desobstruídas as saídas e rotas de emergência.
- 10.10. Em caso de perda, extravio, quebra, deterioração ou outra espécie de dano a qualquer dos equipamentos ou acessórios, a FUNDAÇÃO, por meio da equipe de Produção do evento, deverá ser imediatamente informada.
- 10.11. As varas cênicas e as varas de iluminação posicionadas acima do Palco, bem como o painel de controle cênico, só poderão ser manipulados e operados por funcionários da FUNDAÇÃO.
- 10.12. Deve ser respeitado o limite máximo de carga aplicada no palco, de 500 Kg/m², assim como das varas cênicas, de 300Kg/vara. Toda carga deve ser devidamente distribuída, tanto no palco quanto na(s) vara(s) utilizada(s), com a finalidade de aliviar o peso das estruturas no palco de madeira e nas varas cênicas.
- 10.13. Não é permitido colocar, amarrar, fixar ou pendurar estruturas entres as varas de iluminação, nem mesmo adjacentes a elas, sob o risco de prejudicar os mecanismos de acionamento das varas.



- 10.14. No caso das varas cênicas, projetos deverão ser apresentados antecipadamente pela OUTORGADA, para serem analisados pelas Gerências Técnica e de Produção, para aprovação da Fundação.
- 10.15. Caso necessário, os projetores e os canhões seguidores poderão ser instalados na cabine superior, localizada na Plateia "A", porém, estes não poderão ser apoiados no parapeito. Os mesmos deverão estar apoiados em suportes adequados posicionados no interior da cabine.
- 10.16. É proibido transpassar cabos de sinal de qualquer natureza entre a cabine superior e a inferior. A fiação deverá ser transpassada pela coluna da escada caracol e atravessada pelo piso via passa cabos.
- 10.17. A montagem de *box truss* (estrutura modular metálica) e/ou outras estruturas no Palco é limitada a, no máximo, 4,5m de altura, deve ter proteção para não danificar o piso e ter a base no chão, sem perfurações ou fixações. A altura máxima para estruturas no Foyer é de 2,5m.
- 10.18. O uso de máquinas de fumaça deve ser restrito, devido ao sistema de combate a incêndio, composto de sensores a laser e de fumaça, que podem ser acionados. O uso será liberado somente com a densidade controlada a níveis baixos e com acompanhamento das equipes das Gerências Técnica e de Produção.
- 10.19. É terminantemente proibido manter qualquer tipo de material nas passagens de serviço, localizadas nas laterais do Auditório, por onde passam os dutos do ar condicionado, devendo manter o local sempre desobstruído.
- 10.20. Após a descarga dos equipamentos, os cases de transporte deverão ser imediatamente retirados do interior do Auditório e dos espaços cedidos, devendo ser guardados em local próprio externo ao espaço, disponibilizado pela OUTORGADA a seu fornecedor, por meio de tendas ou contêineres, por exemplo.
- 10.21. Qualquer instalação telefônica e/ou sistema de transmissão via rede (Internet) ou assemelhados (rádio, TV etc.), no(s) espaço(s) autorizado(s), será de inteira responsabilidade da OUTORGADA, via companhia telefônica ou empresa competente, dependendo do caso, e mediante prévia autorização expressa da Gerência Técnica e da Divisão de Tecnologia da Informação da FUNDAÇÃO, que acompanhará os respectivos procedimentos técnicos.
- 10.22. A equipe de manutenção deverá ter acesso total ao Auditório, em específico aos quadros de alimentação elétrica, com o propósito de reduzir o tempo de chamado em caso de algum problema elétrico.
- 10.23. Encaminhar, com antecedência de 72 horas antes do início da montagem, as implantações, projetos elétricos, hidráulicos, estruturais, cenográficos, de sonorização e iluminação, entre outros, assim como apresentar atestado técnico e RRT (Registro de Responsabilidade Técnica) ou ART (Anotação de Responsabilidade Técnica) do responsável técnico especializado, juntamente com o documento comprobatório do responsável e comprovante de pagamento do documento emitido, referente a qualquer execução de serviço realizado no Auditório, seja de montagem das estruturas, instalações



elétricas e hidráulicas, instalação de geradores, material ignificado, instalação de equipamentos de som e luz adicionais, painéis de LED, projetos, etc.

11. OBRIGAÇÕES E RESPONSABILIDADES DA FUNDAÇÃO

- 11.1. Entregar, para uso da OUTORGADA, os espaços/equipamentos especificados limpos e em condições de uso, nas datas e pelo período constantes no Termo de Autorização de Uso;
- 11.2. Garantir o pleno exercício das ações autorizadas à OUTORGADA;
- 11.3. Indicar servidor(es) para acompanhar e supervisionar a montagem, o evento e a desmontagem e realizar as vistorias de entrada e entrega dos espaços.

12. OBRIGAÇÕES E RESPONSABILIDADES DA OUTORGADA

- 12.1. Cumprir e fazer cumprir todos os prazos e condições fixadas no Termo de Autorização de Uso, neste Regulamento e no Regulamento Geral de Autorização de Uso de Espaços do Complexo Cultural Memorial da América Latina, dando ciência destas informações às equipes próprias, de seus fornecedores, terceirizados, contratados em geral, inclusive se responsabilizando pelo cumprimento dos prazos e normas.
 - a. A entrada da Produção e equipamentos da OUTORGADA somente será permitida após apresentação da documentação exigida no §10.20 e aprovada pelas Gerência Técnica e Gerência de Produção da FUNDAÇÃO, e da vistoria dos espaços/equipamentos, com a assinatura do Termo de Vistoria Prévia.
 - b. Quando da entrega dos espaços/equipamentos deverá ser realizada nova vistoria, nos termos do item 9 deste Regulamento.
- 12.2. Indicar formalmente responsável pelo acompanhamento do uso e das atividades a serem desenvolvidas nos espaços disponibilizados, bem como para informar e repassar com antecedência para a Gerência de Produção os contatos dos técnicos responsáveis pela montagem / evento / desmontagem, assim como informações das empresas contratadas.
- 12.3. Orientar o público, através de cartazes e áudio, de que é proibido fumar no local, conforme Lei Estadual nº 13.541/2009, bem como, vender, ofertar, fornecer, entregar e permitir o consumo de bebida alcoólica, ainda que gratuitamente, aos menores de 18 anos de idade, conforme Lei Estadual 14.592/2011.
- 12.4. Informar a classificação indicativa do evento nos termos da legislação em vigor, em todas as peças publicitárias veiculadas, bem como na comunicação visual no acesso ao evento.
- 12.5. Orientar o público quanto à proibição de consumir alimentos e bebidas no interior do Auditório, rampas e escadas de acesso, por meio de cartazes e orientação dos seguranças e/ou recepcionistas.
- 12.6. Providenciar a liberação e o pagamento de toda e qualquer taxa de órgãos públicos (Prefeitura, Bombeiros, Companhia de Engenharia de Tráfego, etc.) ou de categoria profissional (ECAD, SBAT, etc.), quando ocorrer tais exigências, e encaminhar cópia dos respectivos comprovantes para conhecimento e arquivo da FUNDAÇÃO.



providenciar a instalação de equipamentos, impressoras de ingresso e demais insumos necessários para a operação.

- 12.16. Contratar serviços de limpeza das áreas disponibilizadas e de seus equipamentos, caçambas, bem como todos os insumos necessários, inclusivos os de banheiro (produtos de limpeza, papel higiênico, sabonetes, desodorizadores, etc.), incluindo o período de montagem, evento e desmontagem.
- a. Durante toda a duração do evento a limpeza deverá ser contínua, em todos os espaços utilizados, de forma a manter os ambientes em perfeitas condições de uso e higiene.
- b. Caçambas de lixo deverão ser instaladas nos locais predeterminados pelos responsáveis indicados pela FUNDAÇÃO, e serem retiradas dentro dos prazos fixados no §9.3 deste regulamento.
- 12.17. Fornecer equipamentos e os insumos necessários, quando da utilização do espaço destinado a Ambulatório;
- 12.18. Abster-se de remover os equipamentos e acessórios de som e luz instalados nas Plateias “A” e “B” e no Palco, bem como não efetuar neles qualquer alteração, além de impedir que terceiros o façam, sem prévia e expressa autorização da FUNDAÇÃO.
- 12.19. Garantir que apenas a FUNDAÇÃO promova montagem, desmontagem, operação e manuseio dos equipamentos de som, luz e audiovisual já instalados nos espaços disponibilizados.
- 12.20. Conduzir os seus negócios de forma a coibir fraudes, corrupção e quaisquer outros atos lesivos à Administração Pública, nacional ou estrangeira, em atendimento à Lei Federal nº 12.846/2013 e ao Decreto Estadual nº 60.106/2014.
- 12.21. Coibir qualquer manifestação política partidária, nacional ou estrangeira, escrita ou falada no evento.
- 12.22. Será conferido franco e irrestrito acesso à segurança patrimonial da FUNDAÇÃO durante a fase de produção e montagem, todo o evento e na desmontagem, bem como aos servidores da FUNDAÇÃO previamente identificados, para fiscalização do cumprimento deste Regulamento.
- 12.23. Conduzir o evento em estrita observância às legislações Federal, Estadual e Municipal, cumprindo as determinações dos Poderes Públicos.

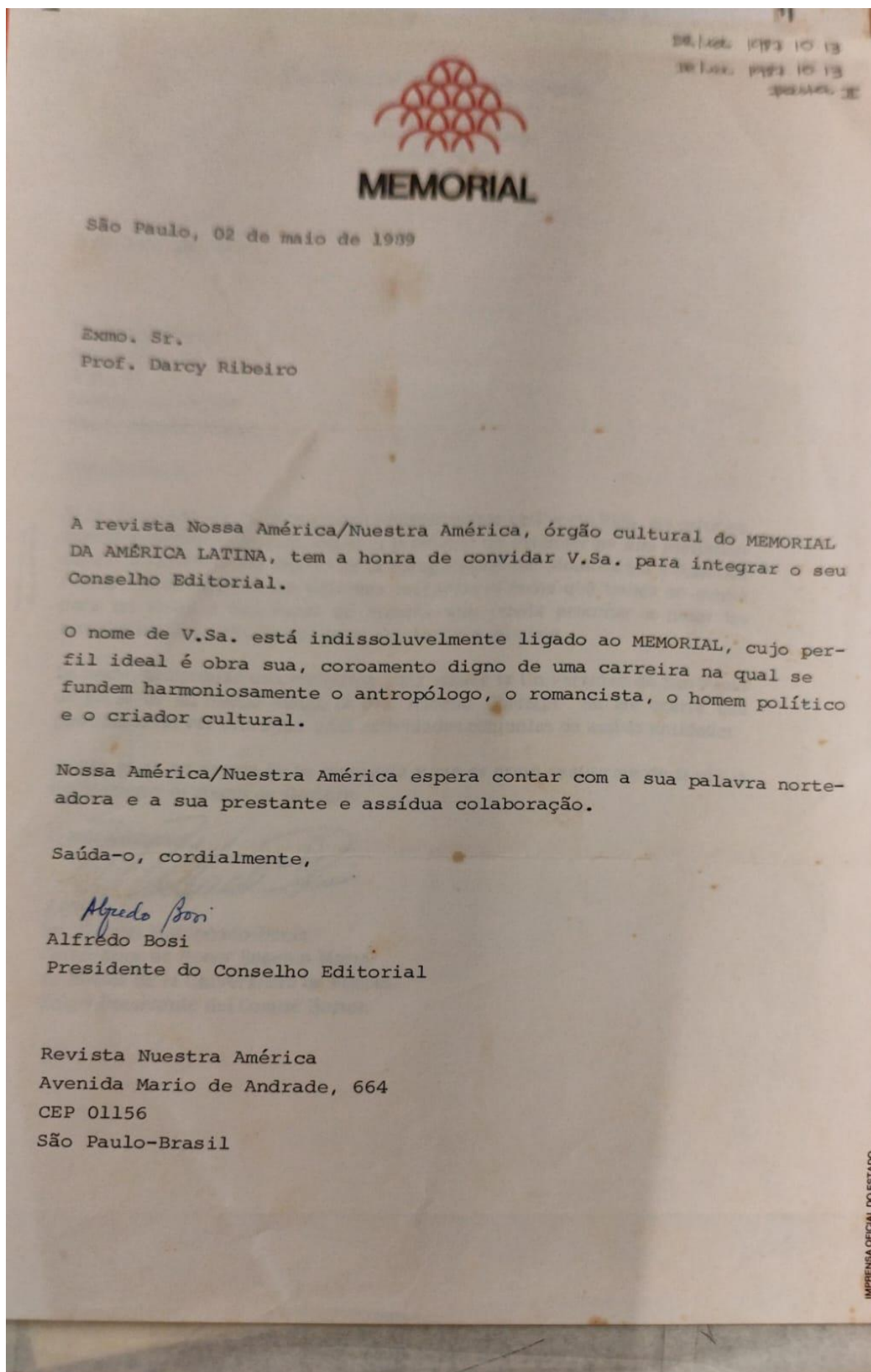
13. DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

- 13.1. Os casos não previstos neste Regulamento serão resolvidos pela FUNDAÇÃO, ficando a OUTORGADA, desde logo, intimado a cumprir suas determinações, sob as penas da lei.

Versão – dezembro 2018



- 12.7. Apresentar, se for o caso, até 20 (vinte) dias antes do período de autorização de uso, o protocolo de solicitação do Alvará de Autorização de Eventos Temporários junto à Prefeitura do Município de São Paulo. E, até 03 (três) dias antes, o próprio Alvará, com validade para a data do evento, sob pena de não ser autorizada a realização do mesmo.
- a. Do Alvará deverá constar o público estimado, ou seja, a expectativa de pessoas que irão frequentar ao local, durante o período total do evento, sendo de responsabilidade da OUTORGADA o controle do público para não haver superlotação.
- 12.8. Providenciar e apresentar, até 24 horas antes do início do período de autorização de uso dos espaços, contrato e/ou declaração de que foi contratado serviço médico/ambulância para atender aos participantes, nos casos de eventos com previsão superior a 200 participantes.
- 12.9. Apresentar a programação do evento à Gerência de Produção no prazo fixado em reunião de produção.
- 12.10. Dar ciência imediata e por escrito à FUNDAÇÃO, de qualquer anormalidade que verificar durante o período de uso dos espaços.
- 12.11. Acatar as orientações e determinações dos responsáveis técnicos designados pela FUNDAÇÃO, para acompanhar e supervisionar a montagem, o evento e a desmontagem, até a entrega final dos espaços.
- 12.12. Zelar pelos espaços cedidos e seus equipamentos, obrigando-se ao ressarcimento de eventuais danos e/ou prejuízos, mesmo que causados por terceiros contratados, convidados ou público presente, até 24 (vinte e quatro) horas após solicitação, independentemente de notificação judicial.
- a. A OUTORGADA reconhece que o local é tombado pelo Patrimônio Histórico e abriga diversas obras de arte, fixas ou temporárias, entre elas as elencadas no subitem 7.11 do Item 7, e assumem total e integral responsabilidade por danos causados por seus representantes, empregados, contratados, terceirizados, público convidado e terceiros em geral.
- 12.13. Responder integralmente, por todos os custos relativos ao evento, inclusive o pagamento de tributos, seguros de quaisquer espécies, contribuições sindicais e previdenciárias, além das despesas concernentes à publicidade, direitos autorais e tudo mais quanto previsto em lei, isentando a FUNDAÇÃO, solidária ou subsidiariamente, e qualquer responsabilidade delas decorrentes.
- 12.14. Contratar e pagar todos os serviços que se fizerem necessários à realização do evento, entre eles: equipamentos de sonorização, iluminação, audiovisual e respectivas equipes técnicas; geradores, telefonia e internet; serviços de segurança; serviço médico e insumos; bombeiro; serviços de limpeza, insumos e contratação de caçamba(s); mobiliários para o palco (púlpito, mesas, porta-banners, etc.) e para o Foyer (mesas, cadeiras, poltronas, sofás, etc.); serviço de alimentos e bebidas para o Foyer e Camarins, etc.
- 12.15. Contratar serviços de bilheteria (venda, bilheteiros, porteiros, indicadores de lugares) e de emissão de ingressos, bem como, quando da utilização da área da bilheteria do Auditório,



MEMORIAL

São Paulo, 02 de maio de 1989

Exmo. Sr.
Prof. Darcy Ribeiro

A revista Nossa América/Nuestra América, órgão cultural do MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, tem a honra de convidar V.Sa. para integrar o seu Conselho Editorial.

O nome de V.Sa. está indissolúvelmente ligado ao MEMORIAL, cujo perfil ideal é obra sua, coroamento digno de uma carreira na qual se fundem harmoniosamente o antropólogo, o romancista, o homem político e o criador cultural.

Nossa América/Nuestra América espera contar com a sua palavra norteadora e a sua prestante e assídua colaboração.

Saúda-o, cordialmente,

Alfredo Bosi
Alfredo Bosi
Presidente do Conselho Editorial

Revista Nuestra América
Avenida Mario de Andrade, 664
CEP 01156
São Paulo-Brasil

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Janeiro de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Janeiro de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Qty Eventos
13 e 14	São Paulo Big Band - ensaios	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	50	1
18 a 27	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	232	1
19	Colação de Grau do Curso de medicina da Faculdade Santa Marcelina	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	1.000	1
TOTAL			TOTAL	1.282	3

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Fevereiro de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Fevereiro de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Qty Eventos
01 a 28	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	619	1
7,8,10,11,21,22	Ensaio da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	350	1
12	Ensaio de Carnaval - Bloco da Anitta	Praça Cívica	Cessão onerosa	10.000	1
13	"Exposição Pilares de 22" - Abertura	Pavilhão da Criatividade e Praça da Sombra	Evento Memorial	97	1
14 a 20	"Um Outro Olhar - Teatro Cego"	Espaço Multiuso	Cessão gratuita	1.027	1
18 e 19	"Solenidade de Colação de Grau" – Millenium Formatura	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	3.600	1
19	Ensaio de Carnaval - Dilsinho e Menos é Mais	Praça Cívica	Cessão onerosa	8.000	1
23	Filmagem e fotos campanha @farmrio	Praça da Sombra e Cívica	Cessão onerosa	10	1
TOTAL			TOTAL	23.703	8

Fabrizio Raveli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Março de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Março de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Qty Eventos
01 a 31	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	2.196	1
1 e 2	Filmagem da série "Beijo Adolescente"	Auditório Simón Bolívar, Praça da Sombra e Praça Cívica	Cessão onerosa	150	1
5	Filmagem Campanha Bitso	Auditório Simón Bolívar e Praça da Sombra	Cessão onerosa	80	1
11	Prêmio Notáveis - CNN	Auditório Simón Bolívar	Cessão Onerosa	250	1
16 e 17	Filmagem Desodorante Nívea	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	120	1
19	Filmagem da série "Beijo Adolescente"	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	150	1
19 e 20	Feira Gastronômica Latino-Americana "Festival do pastel e do açaí"	Praça da Sombra	Cessão onerosa	20.062	1
21 e 22	Ensaio da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	100	1
22 e 24	Curso de Segurança Institucional - Casa Militar	Pavilhão da Criatividade Darcy Ribeiro	Cessão gratuita	16	1
24 a 26	XIX Simpósio Internacional da Sociedade Brasileira de Glaucoma	Auditório Simón Bolívar e Praça da Sombra	Cessão onerosa	1.290	1
27	Rock Brasil - 40 Anos	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	5.000	1
29	"Avant Premiere do Documentário sobre Educação na Pandemia"	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	1.200	1
TOTAL				30.614	12

Fabricio Revesil Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Abril de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Março de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Qty Eventos
1 a 30	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	2.011	1
3	"Rock Brasil - 40 Anos" - Barão Vermelho, Leoni, Léo Jaime, e Bebel Gilberto cantam Cazuzua	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	1.666	1
7 a 9	Formaturas Millenium	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	10.022	1
10	"Rock Brasil - 40 Anos" - Ultraje a Rigor, Titãs, Ira e Camisa de Vênus	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	4.719	1
16	"Pholia 2022"	Praça da Sombra	Cessão onerosa	1.150	1
17	"Rock Brasil - 40 Anos" - Paulo Ricardo, Ce Lee Bratton, Humberto Gessinger e Blitz	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	1.686	1
21	"Rock Brasil - 40 Anos" - Frejat, Nan Reis, Arnaldo Antunes e Marina Lima	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	3.397	1
21	"Comemoração da inauguração da escultura de Geraldo Filme"	Praça da Sombra	Cessão gratuita	250	1
23 e 24	Feira Gastronômica Latino-Americana "Festival do churrasco e da cerveja artesanal"	Praça da Sombra	Cessão onerosa	31.512	1
24	"Yoga no Memorial"	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	80	1
28 a 30	"Fest Club SP 2022"	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	801	1
30	Abertura da Exposição "No Escuro, é permitido sorrir...", da fotógrafa Maureen Bisilliat	Espaço Gabo	Evento Memorial	238	1
TOTAL				57.532	12


Fabricio Raveli Bolzán
 RG: 29.980.878-0
 Diretor de Atividades Culturais - DAC

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Maio de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Maio de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Eventos
1 a 31	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	3.416	1
1 a 31	Exposição "No Escuro, é permitido sorrir...", da fotógrafa Maureen Bisillat	Espaço Gabo	Cessão onerosa	4.290	1
1	Fest Club SP 2022	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	350	1
5 a 27	Ateliê da Exposição Big Heart Parade – Mata Atlântica	Espaço Multiuso	Cessão gratuita	20	1
7	Bloco do Silva	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	8.600	1
10	One Day Seminar	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	900	1
11	Palestra Mario Sergio Cortella - Faça o Teu Melhor! Competência e o Risco da Mediocridade	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	1.730	1
12	UNESP - Cem Anos da Semana de Arte Moderna de 1922	Biblioteca Latino-Americana	Cessão Parceria	62	1
14	Nômade Festival	Praça da Sombra, Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	13.155	1
15	Yoga no Memorial	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	11	1
21	Musclecontest São Paulo - 2022	Auditório Simón Bolívar, Sala dos Espelhos e Anexo dos Congressistas	Cessão onerosa	600	1
21 e 22	Feira Gastronômica Latino-Americana "Festival da Comida Alemão, da Cerveja Artesanal e da Coxinha."	Praça da Sombra	Cessão onerosa	50.704	1
22	Ação beneficente de distribuição de cestas básicas para refugiados e migrantes venezuelanos em São Paulo - Embaixada da Venezuela	Biblioteca Latino-Americana	Cessão gratuita	100	1
27	Coletiva e Lançamento da Exposição Big Heart Parede - Mata Atlântica	Espaço Multiuso	Cessão gratuita	60	1
27 a 31	Exposição Big Heart Parede - Mata Atlântica	Praça da Sombra	Cessão gratuita	VIDE PÚBLICO GERAL	1

Fabricio Revelli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC

29	Festival BOMA	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	1.900	1
TOTAL				85.898	16

Fabricio Revelli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Junho de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Junho de 2022 Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Eventos
1 a 30	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	4.110	1
1 a 30	Exposição No Escuro, é permitido sorrir..., da fotógrafa Maureen Bisilliat	Espaço Gabo	Cessão onerosa	4.771	1
1 a 5	Marina Week 2022	Auditório Simón Bolívar, Anexo dos Congressistas e Sala dos Espelhos	Cessão onerosa	1.542	1
4	Encontro do Programa Realidade Latino Americana	Biblioteca Latino-Americana	Cessão Parceria	20	1
5	Carnaval Andino Yunza	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	7.000	1
7	Sessão Solene do Conselho Universitário para a outorga do título de Doutor Honoris Causa ao escritor moçambicano Mia Couto	Auditório Simón Bolívar	Cessão Parceria	950	1
7 a 30	Exposição Adélio Sarro: 50 anos de Arte	Galeria Marta Traba	Cessão gratuita	1.226	1
9	Anuência do Concurso Público da Secretaria de Administração Penitenciária	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	970	1
11	Arena Pre-Jogos	Praça Cívica e Centro receptivo	Cessão onerosa	12.000	1
11	Seminário Estadual de Segurança Alimentar	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	700	1
11 e 12	Festa Junina no Memorial	Praça da Sombra, área em frente ao Auditório	Evento Memorial	41.410	1
11 e 12	Feira Gastronômica Latino-Americana - Festival de Hambúrguer, Bacon, Feijoada e Cerveja Artesanal	Praça da Sombra (área em frente ao Pavilhão e ao lado da Administração)	Cessão onerosa	61.120	1
14	Better Together	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	600	1
14	Filmagem e Fotos Editorial de Moda FILA BR	Praça da Sombra, Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	25	1

Fabricio Raveli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC

16	Cine Autorama	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	565	1
23	Lançamento de livro comemorativo dos 50 anos de carreira do artista plástico Adélio Sarro	Galeria Marta Traba	Cessão gratuita	255	1
23 a 25	PMU - Parque da Mobilidade Urbana	Espaço Multiuso, Foyer do Auditório, Praça da Sombra, Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	3000	1
25	Afinação LEM – Encontro do curso de licenciatura em música do Instituto de Artes (IA) da UNESP	Biblioteca Latino-Americana	Cessão Parceria	37	1
26	Yoga no Memorial	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	33	1
27	Festival Paulistanxs - Prêmio Samba Rock	Auditório Simón Bolívar	Evento Memorial	533	1
28	Prêmio Melhores do Ano da Gastronomia 2022	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	1.350	1
29	Encontro de Gestores Municipais do Estado de São Paulo	Auditório Simón Bolívar e Praça Cívica	Cessão gratuita	2.500	1
TOTAL				144.717	22

Fabricio Raveli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Julho de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Julho de 2022
Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Eventos
1 a 31	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	5.229	1
1 a 31	Exposição No Escuro, é permitido sorrir.... da fotógrafa Maureen Bisillat	Espaço Gabo	Evento Memorial	6.872	1
1	Fotos campanha publicitária Shooting NK Verão 2022	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	25	1
3	Ação de distribuição de doações e vale-gás da Embaixada da Venezuela a migrantes e refugiados	Espaço Multiuso	Cessão gratuita	110	1
9 e 10	Feira Gastronômica Latino-Americana - Festa Julina	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	47.930	1
13 a 31	V Bienal Internacional Graffiti Fine Art (GFA)	Galeria Marta Traba	Cessão gratuita	5.511	1
15	Reunião Integrada de Secretariados* e "Governo nos Bairros"	Auditório Simón Bolívar e Praça da Sombra	Cessão gratuita	3.000	1
15 e 16	V Bienal Internacional Graffiti Fine Art (GFA) - Workshop	Biblioteca Latino-Americana	Cessão gratuita	60	1
16	Ciclo de Capacitação em Saúde e Praça da Sombra	Auditório Simón Bolívar e Praça da Sombra	Cessão gratuita	1.700	1
16	LabModa* - Oficina de moda para jovens em situação de vulnerabilidade social	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	50	1
28	Coral de Turetsky	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	600	1
31	Festas Pátrias Peru Bicentenário 2022	Praça da Sombra	Cessão gratuita	700	1
	TOTAL			71.787	12

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Agosto de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Agosto de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Eventos
1 a 31	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	2.747	1
1 a 6	Exposição No Escuro, é permitido sorrir..., da fotógrafa Maureen Bisilliat	Espaço Gabo	Evento Memorial	993	1
1 a 7	V Bienal Internacional Graffiti Fine Art (GFA)	Galeria Marta Traba	Cessão gratuita	3.415	1
6 e 7	Feira Gastronômica Latino-Americana - Festival do Morango e da Batata	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	39.952	1
8	Filmagem campanha Fashion Film iLove.e/Wella	Praça da Sombra e Espaço Multiuso	Cessão onerosa	25	1
10	Colação de Grau do Curso de Medicina da Faculdade Santa Marcelina	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	1.000	1
12	Seminário Educação em Rede - Secretaria Municipal de Educação	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	1.020	1
13	Carta de Crédito Associativo - Secretaria Estadual da Habitação	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	1.400	1
13	LabModa+ - Oficina de moda para jovens em situação de vulnerabilidade social	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	38	1
17 e 18	10 Anos da ALCAM - Alianza Latino Americana de Autores y Compositores	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	60	1
17 a 21	Lançamento Swift Carbon MY22	Galeria Marta Traba	Cessão onerosa	2.680	1
18 a 21	Shimano Fest 2022	Praça Cívica, Centro receptivo, Praça da Sombra, Espaço Gabo, Multiuso e Charutaria	Cessão onerosa	46.400	1
22	Lançamento do livro de Ricardo Stuckert "O Brasil no Mundo - 8 Anos de Governo Lula	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	1.000	1
24 e 25	Curso de Segurança Institucional	Pavilhão da Criatividade	Cessão gratuita	8	1
25	Tiffany & Co. Reveal Dinner	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	160	1
28	A Semana de 22 revisitada - UNESP	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	800	1

31	Abertura do XII Congresso Brasileiro de Hispanistas	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	200	1
TOTAL				101.898	17


Fabricio Raveli Bolzan
 RG: 29.080.378-0
 Diretor de Atividades Culturais - DAC

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Setembro de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Setembro de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Eventos
1 a 30	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	2.141	1
3	Corrida Balmnan & Batgirl Run Series	Praça Cívica e Centro receptivo	Cessão onerosa	3.000	1
3 e 4	Feira Gastronômica Latino-Americana - Festival do Camarão	Praça da Sombra	Cessão onerosa	39.081	1
3 a 30	Ensaio Orquestra Brasil Jazz Sinfônica	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	400	1
5	Seminário Banco do Povo	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	600	1
6	Seminários Regionais das Comissões de Mediação e Conflitos	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	350	1
13	Debate dos Candidatos ao Governo do Estado de São Paulo	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	350	1
15	Comemoração ao 211º Aniversário de Independência do México	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	350	1
16 a 18	Coala Festival 2022	Praça Cívica, Centro Receptivo, Galeria, Praça da Sombra, Multiuso, Charutaria e Restaurante	Cessão onerosa	32.000	1
22	Abertura da exposição de cartuns, Angeli por Nós	Espaço Gabo	Cessão gratuita	80	1
23 a 30	Exposição de cartuns, Angeli por Nós	Espaço Gabo	Cessão gratuita	813	1
26, 28, 29	Projeto Porto Voluntário - Hora do Recreio	Biblioteca	Cessão gratuita	60	1
TOTAL				79.225	12


 Fabricio Raveli Bolzan
 RG: 25-080-378-0
 Diretor de Atividades Culturais - DAC

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais – Outubro de 20



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Outubro de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Eventos
1 a 31	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	4.203	1
1 a 31	Exposição de cartuns, Angeli por Nós	Espaço Gabo	Evento Memorial	4.013	1
1 a 31	Exposição interativa 10 Anos Gloob	Espaço Multiuso e Charutaria	Cessão onerosa	15.062	1
1	LabModa+ - Oficina de moda para jovens em situação de vulnerabilidade social	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	50	1
1	Festival Love Love a Festa	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	6.500	1
3	Solenidade de Posse do corpo diretivo do Tribunal Regional do Trabalho 2ª Região	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	700	1
3 a 31	Projeto Porto Voluntário - Hora do Recreio	Praça da Sombra	Cessão gratuita	200	1
10, 11, 18	Ensaio Orquestra Brasil Jazz Sinfônica	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	126	1
5	Fotos Editoria Hering	Praça da Sombra	Cessão onerosa	40	1
6	Mundo Zenvia	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	700	1
8	Festival Sons da Rua	Praça Cívica e Centro Receptivo	Cessão onerosa	9.000	1
8 e 9	Feira Gastronômica Latino-Americana - Festival do Hamburger, da Cerveja e do bacon	Praça da Sombra	Cessão onerosa	22.239	1
10	Prêmio melhores do Ano Música Gospel 2022	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	500	1

CONTINUA

pagina 1

Fabrizio Raveli Boizani
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC



19	XXII Prêmio ABT	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	1.000	1
22 e 23	Festival Clube de Criação 2022	Auditório Simón Bolívar, Anexo dos Congressistas e Sala dos Espelhos	Cessão onerosa	4.000	1
22 e 23	Festival Gastronômico Itinerante Sabores da Terra	Praça da Sombra	Cessão onerosa	12.000	1
27	Globo - Upfront 2023	Auditório Simón Bolívar, Anexo dos Congressistas e Sala dos Espelhos	Cessão onerosa	900	1
TOTAL				81.233	17

página 2

Fabício Raveli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Coordenador de Atividades Culturais - DAC

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais Novembro de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Novembro de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Eventos
1 a 30	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	6.343	1
1 a 13	Exposição de cartuns, Angeli por Nós	Espaço Gabo	Evento Memorial	5.178	1
3 a 5	Festival Mesa SP	Auditório, Anexo dos Congressistas e Praça da Sombra	Cessão onerosa	6.000	1
3 a 29	Projeto Porto Voluntário - Hora do Recreio	Praça da Sombra	Cessão gratuita	180	1
5 e 6	Show em comemoração ao Mês da Consciência Negra	Praça Cívica	Cessão gratuita	13.500	1
5 a 13	Exposição Dia de Los Muertos	Galeria Marta Traba	Cessão gratuita	11.068	1
8 e 9	ABC Cripto	Auditório Simon Bolívar	Cessão onerosa	1.150	1
11	Abertura do 6º Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão	Auditório Simon Bolívar	Cessão onerosa	1.600	1
12 e 13	Feira Gastronômica Latino-Americana - Festival da cerveja artesanal	Praça da Sombra	Cessão onerosa	103.000	1
16 e 17	CX Summit	Auditório, Sala dos espelhos e Praça da Sombra	Cessão onerosa	2.300	1
17, 21 e 22	Ensaio Orquestra Brasil Jazz Sinfônica	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	150	1
19	Corrida Rolling Stone	Praça Cívica	Cessão onerosa	5.800	1
19 a 30	Exposição Latinoamericana Negra Contemporânea	Espaço Gabo	Cessão gratuita	897	1

CONTINUA

pagina 1

Fabricio Raveli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais



21 e 22	Congresso Nacional de Consórcios Públicos	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	200	1
23	Prêmio Polícia Militar da Qualidade	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	700	1
26 e 27	Fórum SP Afro Brasil 2022	Auditório Simón Bolívar	Cessão gratuita	500	1
27	Yoga no Memorial	Anexo dos Congressistas	Evento Memorial	28	1
29	Palestra de Mário Sergio Cortella	Auditório Simón Bolívar	Cessão onerosa	1.780	1
TOTAL				160.374	18

Fabricio Raveli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC

pagina 2

ANEXO I Relatório de atividades da Diretoria de Atividades Culturais Dezembro de 2022



Memorial da América Latina
DAC

Relatório de eventos do mês de Dezembro de 2022

Ação: Promoção de Atividades Culturais

Data	Evento	Local	Status	Público	Eventos
1 a 31	Exposição permanente	Pavilhão da Criatividade	Evento Memorial	1.635	1
1 a 31	Exposição Latinoamericana Negra Contemporanea	Espaço Gabo	Cessão gratuita	1.521	1
1 a 31	Exposição Orixás	Espaço Multuoso	Cessão gratuita	6.490	1
1	Natal Brasileiro, com a Orquestra Brasil Jazz Sinfônica	Audatório Simón Bolívar	Cessão gratuita	500	1
2	Homenagem aos 10 anos da UNIVESP TV, com a Orquestra Brasil Jazz Sinfônica	Audatório Simón Bolívar	Cessão gratuita	500	1
3	Festival Mistura BR	Audatório Simón Bolívar	Evento Memorial	700	1
3 e 4	Festival Gastronômico Latino Americano - Festival da Cerveja, Torresmo e do Baião	Praça da Sombra	Cessão onerosa	32.715	1
3 e 4	21ª Edição do Festival Feira Preta	Praça Cívica, Centro Receptivo e Auditório da Biblioteca	Cessão gratuita	22.000	1
7	Top Destinos Turísticos 2022	Audatório Simón Bolívar	Cessão onerosa	500	1
11	Festival Reggae é Memória	Praça Cívica e Praça da Sombra	Cessão gratuita	3.000	1
12	Solenidade de encerramento ano do Colégio Brasil Canadá	Audatório Simón Bolívar	Cessão onerosa	420	1
12 e 13	Ensaio da Orquestra Jazz Sinfônica	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	160	1
16	Prêmio eSports Brasil 2022	Audatório Simón Bolívar	Cessão onerosa	900	1
17	LabModa+ - Oficina de moda para jovens em situação de vulnerabilidade social	Anexo dos Congressistas	Cessão gratuita	100	1
21	Solenidade de Colação de Grau da Universidade Virtual do Estado de São Paulo-UNIVESP	Audatório Simón Bolívar	Cessão gratuita	700	1
TOTAL:				71.841	14

Fabricio Raveli Bolzan
RG: 29.080.378-0
Diretor de Atividades Culturais - DAC

ANEXO J - Balanço Geral e Relatórios Anexos – Exercício de 2022



FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

**BALANÇO GERAL E RELATÓRIOS
ANEXOS.**

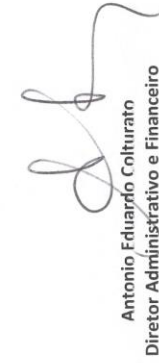
EXERCÍCIO DE 2022

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
C.N.P.J. n.º 61.571.923/0001-98
BALANÇO FINANCEIRO DO EXERCÍCIO DE 2022

INGRESSOS		DISPÊNDIOS			
Especificação	Exercício Atual	Exercício Anterior	Especificação	Exercício Atual	Exercício Anterior
Receita Orçamentária (I)	2.882.714,99	538.297,34	Despesa Orçamentária (VI)	18.012.294,49	15.288.874,54
Ordinária	2.882.714,99	538.297,34	Ordinária	18.012.294,49	15.288.874,54
Recursos Próprios – Administração Indireta	2.882.714,99	538.297,34	Recursos Próprios – Administração Indireta	2.399.939,95	452.793,41
Vinculada			Recursos do Tesouro do Estado Vinculada	15.612.354,54	14.836.081,13
Transferências Financeiras Recebidas (II)			Transferências Financeiras Concedidas (VII)		
Independente da Execução Orçamentária			Independente da Execução Orçamentária		
Recebimentos Extraorçamentários (III)	17.828.656,64	16.370.025,30	Pagamentos Extraorçamentários (VIII)	2.049.064,79	1.948.441,38
Inscrição de Restos a Pagar Não Processados	365.842,07		Pagamentos de Restos a Pagar Não Processados		
Inscrição de Restos a Pagar Processados	1.658.896,82	2.071.220,88	Pagamentos de Restos a Pagar Processados	2.049.064,79	1.948.441,38
Outros Recebimentos Extraorçamentários (Anexo 13) -	15.803.917,75	14.298.804,42	Outros Pagamentos Extraorçamentários (Anexo 13)		
Saldo do Exercício Anterior (IV)	426.444,66	755.437,94	Saldo para o Exercício Seguinte (IX)	1.076.457,01	426.444,66
Caixa e Equivalentes de Caixa	426.444,66	751.388,92	Caixa e Equivalentes de Caixa	1.076.457,01	426.444,66
Depósitos Restituíveis e Valores Vinculados		4.049,02	Depósitos Restituíveis e Valores Vinculados		
TOTAL (V) = (I+II+III+IV)	21.137.816,29	17.663.760,58	TOTAL (X) = (VI+VII+VIII+IX)	21.137.816,29	17.663.760,58

SÃO PAULO, 31 DE DEZEMBRO DE 2022.


Irjo Vassari
CRC/SP - 117.248
Divisão de Contabilidade


Antonio Eduardo Colturato
Diretor Administrativo e Financeiro



Anexo 12 - Balanço Orçamentário
FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
BALANÇO ORÇAMENTÁRIO


EXERCÍCIO: 2022

RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS	PREVISÃO INICIAL	PREVISÃO ATUALIZADA	RECEITAS REALIZADAS	SALDO
RECEITAS CORRENTES	2.716.760,00	2.716.760,00	2.882.714,99	165.954,99
RECEITA PATRIMONIAL	2.695.190,00	2.695.190,00	2.878.777,96	183.587,96
Recargas Imobiliárias	2.490.288,00	2.490.288,00	2.748.657,40	258.369,40
Recargas de Valores Mobiliários	204.902,00	204.902,00	130.120,56	-74.781,44
RECEITA INDUSTRIAL	10,00	10,00		-10,00
Receita da Indústria de Transformação	10,00	10,00		-10,00
RECEITA DE SERVIÇOS	30,00	30,00		-30,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	30,00	30,00		-30,00
Transferências de Instituições Privadas	30,00	30,00		-30,00
OUTRAS RECEITAS CORRENTES	21.500,00	21.500,00	3.937,03	-17.562,97
Indenização e Restituições	20,00	20,00		-20,00
Demais Receitas Correntes	21.480,00	21.480,00	3.937,03	-17.542,97
RECEITAS DE CAPITAL	24,00	24,00		-24,00
ALIENAÇÃO DE BENS	7,00	7,00		-7,00
Alienação de Bens Móveis	7,00	7,00		-7,00
TRANSFERÊNCIAS DE CAPITAL	17,00	17,00		-17,00
Transferências dos Estados	17,00	17,00		-17,00
Transferências DREM p/ Tesouro*			1.117.779,88	1.117.779,88
TOTAL DAS RECEITAS	2.716.784,00	2.716.784,00	4.000.494,87	1.283.710,87
DÉFICIT	13.772.939,00	16.136.914,00	14.011.799,62	-2.125.114,38
TOTAL	16.489.723,00	18.853.698,00	18.012.294,49	-841.403,51

*Receita DREM - Transferida para Tesouro. Valor consignado no demonstrativo para evidenciar o ingresso total do exercício sem o efeito do repasse ao Tesouro do Estado

DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS	DOTAÇÃO INICIAL	DOTAÇÃO ATUALIZADA	DESPESAS EMPENHADAS	DESPESAS LIQUIDADAS	DESPESAS PAGAS	SALDO DA DOTAÇÃO
DESPESAS CORRENTES	16.319.733,00	18.453.698,00	17.681.792,98	17.315.950,91	15.980.529,85	771.905,02
PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	7.493.727,00	8.203.727,00	8.183.756,52	8.183.756,52	7.593.949,34	19.970,48
OUTRAS DESPESAS CORRENTES	8.826.006,00	10.249.971,00	9.498.036,46	9.132.194,39	8.386.580,51	751.934,54
DESPESAS DE CAPITAL	169.990,00	400.000,00	330.501,51	330.501,51	7.025,75	69.498,49
INVESTIMENTOS	169.990,00	400.000,00	330.501,51	330.501,51	7.025,75	69.498,49
TOTAL DAS DESPESAS	16.489.723,00	18.853.698,00	18.012.294,49	17.646.452,42	15.987.555,60	841.403,51
SUPERÁVIT	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
TOTAL	16.489.723,00	18.853.698,00	18.012.294,49	17.646.452,42	15.987.555,60	841.403,51

São Paulo, 31 de dezembro de 2022.


Irjo Vassari
CRC/SP - 117.248
Divisão de Contabilidade


Helvécio C. Vieira
Gerente Financeiro


Antonio Eduardo Colturato
Diretor Administrativo e Financeiro



FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
C.N.P.J. nº 61.571.923/0001-98
BALANÇO PATRIMONIAL DO EXERCÍCIO DE 2022

	ATIVO		PASSIVO	
	Exercício Atual	Exercício Anterior	Exercício Atual	Exercício Anterior
ATIVO CIRCULANTE				
Disponível em Moeda Nacional	1.439.565,75	812.497,97	PASSIVO CIRCULANTE	3.036.728,40
Aplicações Financeiras	1.076.457,01	426.444,66	Obrigações Trabalhistas e Previdenciárias	1.723.276,21
			Provisão de Férias	1.091.112,02
			Salários a Pagar - Folha Dezembro/22	599.533,75
			INSS Retido - 11% - Fornecedores	32.630,44
			Fornecedores e Contas a Pagar	1.059.363,07
			Outras Obrigações de Curto Prazo	256.089,12
Créditos a Curto Prazo	928,14	55.392,51	PASSIVO NÃO CIRCULANTE	34.394.964,01
Aclantamentos de Férias	928,14	55.392,51	Provisões a Longo Prazo	2.763.538,89
			Processos de Recl. Trabalhistas em Andamento	2.763.538,89
Estoques	362.180,60	330.660,80	Outras Obrigações a Longo Prazo	31.631.425,12
Estoque Interno - Almoxxarifados	362.180,60	330.660,80	Sentenças Judiciais/Precatórios	31.631.425,12
ATIVO NÃO CIRCULANTE	46.890.356,49	49.195.038,18	TOTAL DO PASSIVO	37.433.692,41
Imobilizado	46.890.356,49	49.195.038,18	PATRIMONIO LIQUIDO	10.896.229,83
Bens Móveis - Valor Original	7.986.763,13	8.631.935,84	Patrimônio Líquido	12.427.739,53
(-) Depreciações s/ Bens Móveis		188.947,02	Resultado do Exercício	-1.553.414,76
Bens Imóveis - Valor Original	46.211.399,68	46.211.399,68	Ajustes do Ex. Anterior	21.905,06
(-) Depreciações s/Bens Imóveis	7.307.806,32	5.459.350,32	TOTAL DO PASSIVO E PATRIMÔNIO LIQUIDO	48.329.922,24
TOTAL DO ATIVO	48.329.922,24	50.007.536,15	Atos Potenciais Passivos	
Atos Potenciais Ativos			Obrigações contratuais	17.936.923,19
Direitos Contratuais	154.179.031,56	154.179.031,56	TOTAL DO PASSIVO COMPENSADO	27.766.681,68
TOTAL DO ATIVO COMPENSADO	154.179.031,56	154.179.031,56	TOTAL DO PASSIVO COMPENSADO	17.936.923,19

Balanco com base nos valores do Balanco Patrimonial do SIAFEM

SÃO PAULO, 31 DE DEZEMBRO DE 2022.


Irjo Vassari
CPF/SP - 117.248
Divisão de Contabilidade


Antonio Eduardo Coltrato
Diretor Administrativo e Financeiro



FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
C.N.P.J. n.º 61.571.923/0001-98
COMPARATIVO DA RECEITA ORÇADA COM A ARRECADADA - EXERCÍCIO/2022 - ANEXO 10

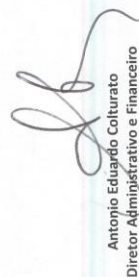
RECEITAS	RECEITA		ARRECADADA	DIFERENÇA	
	ORÇADA	PARA MAIS (+)		PARA MAIS (+)	PARA MENOS (-)
1 - RECEITAS CORRENTES	2.716.760,00	1.311.730,28	4.000.494,87		-27.995,41
13 - RECEITA PATRIMONIAL					
131 - EXPLORAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMOBILIÁRIO DO ESTADO					
1310 - ALUGUEIS E ARRENDAMENTOS					
1310011 - ALUGUEIS E ARRENDAMENTOS - PRINCIPAL	1.743.202,00		2.748.657,40	1.005.455,40	
132 - RECEITAS DE VALORES MOBILIÁRIOS					
1321 - REMUNERAÇÃO DE DEPOSITOS BANCÁRIOS					
13210011 - REMUNERAÇÃO DEPOSITOS BANCÁRIOS - PRINCIPAL	146.954,00		130.120,56		-16.833,44
15 - RECEITA INDUSTRIAL					
150 - RECEITA INDUSTRIAL					
1500 - RECEITA INDUSTRIAL	7,00				-7,00
15000011 - RECEITA INDUSTRIAL - PRINCIPAL					
16 - RECEITA DE SERVIÇOS					
161 - SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E COMERCIAIS GERAIS					
1600 - OUTROS SERVIÇOS	21,00				-21,00
16100111 - SERVIÇO ADMINISTRATIVO/COM. GERAL - PRINCIPAL					
17 - TRANSFERÊNCIAS CORRENTES					
174 - TRANSFERÊNCIAS DE INSTITUIÇÕES PRIVADAS					
1748 - TRANSFERÊNCIAS DE INSTITUIÇÕES PRIVADAS					
17481011 - OUTRAS TRANSF. DE INSTITUIÇÕES PRIVADAS - PRINCIPAL	21,00				-21,00
19 - OUTRAS RECEITAS CORRENTES					
192 - INDENIZACÕES, RESTITUIÇÕES E RESSARCIMENTOS					
1928 - INDENIZACÕES, RESTITUIÇÕES E RESSARCIMENTOS					
19280281 - OUTRAS RESTITUIÇÕES - PRINCIPAL					
199 - RECEITAS DIVERSAS					
1990 - OUTRAS RECEITAS	15.050,00		3.937,03		-11.112,97
19909911 - OUTRAS RECEITAS - PRIMÁRIAS - PRINCIPAL					
*DREM - Desvinculação de Receitas conforme EC nº 93/2016	811.505,00		1.117.779,88	306.274,88	
2 - RECEITAS DE CAPITAL	24,00	0,00	0,00	0,00	-24,00
22 - ALIENAÇÃO DE BENS					
221 - ALIENAÇÃO DE BENS MOVEIS	7,00				-7,00
223 - TRANSFERÊNCIAS DE CAPITAL	17,00				-17,00
TOTAL GERAL	2.716.784,00	1.311.730,28	4.000.494,87	1.311.730,28	-28.019,41

* Receita arrecadada e desvinculada desta Fundação conforme Emenda Constitucional nº 93/2016 - Transferida para o Tesouro do Estado.

SÃO PAULO, 31 DE DEZEMBRO DE 2022.


Irig Vassari
CRC/SP - 117.248


Helvo G. J. C. Vieira
Gerente Financeiro


Antonio Eduardo Coiturato
Diretor Administrativo e Financeiro



FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
C.N.P.J. nº 61.571.923/0001-98

COMPARATIVO DA DESPESA AUTORIZADA COM A REALIZADA - EXERCÍCIO/2022 - ANEXO 11

DESPESAS	AUTORIZADA	REALIZADA	DIFERENÇA
CORRENTES	18.453.698,00	17.315.950,91	1.137.747,09
31 - PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	8.203.727,00	8.183.756,52	19.970,48
319007 - CONTRIBUIÇÃO ENTIDADES FECHADAS PREVIDENCIA	27.023,35	27.023,35	9,65
319011 - VENCIMENTOS E VANTAGENS FIXAS - PESSOAL CIVIL	6.233.227,00	6.225.760,66	7.466,34
319013 - OBRIGAÇÕES PATRONAIS	1.764.918,00	1.752.423,72	12.494,28
319094 - INDENIZAÇÕES E RESTITUIÇÕES TRABALHISTAS	16.085,00	16.085,79	0,21
319096 - RESSARCIMENTO DE DESPESAS PESSOAL REQUISITADO	162.463,00	162.463,00	0,00
33 - OUTRAS DESPESAS CORRENTES	10.249.971,00	9.132.194,39	1.117.776,61
339008 - OUTROS BENEFÍCIOS ASSISTENCIAIS	10.946,00	1.366,18	9.577,82
339014 - DIÁRIAS CIVIL	5.793,00	5.792,96	0,04
339030 - MATERIAL DE CONSUMO	347.240,00	258.743,71	88.496,29
339033 - PASSAGENS E DESPESAS COM LOCOMOÇÃO	71.325,00	50.135,59	21.189,41
339035 - SERVIÇOS DE CONSULTORIA	10.200,00	10.200,00	0,00
339036 - OUTROS SERVIÇOS DE TERCEIROS-PESSOA FÍSICA	257.438,00	233.512,30	23.925,70
339037 - SERVIÇOS DE LIMPEZA,VIGILÂNCIA OUTROS-PES.JURID	2.633.403,00	2.381.978,54	251.424,46
339039 - OUTROS SERVIÇOS DE TERCEIROS-PESSOA JURÍDICA	4.971.301,00	4.297.382,56	673.918,44
339040 - SERVIÇOS DE TI E COMUNICAÇÃO - PESSOA JURÍDICA	310.470,00	287.575,62	22.894,38
339047 - OBRIGAÇÕES TRIBUTARIAS E CONTRIBUTIVAS	68.975,00	61.185,17	7.789,83
339050 - SERVIÇOS DE UTILIDADE PÚBLICA	1.494.400,00	1.475.841,73	18.558,27
339092 - DESPESAS DE EXERCÍCIOS ANTERIORES	252,00	251,03	0,97
339093 - INDENIZAÇÕES E RESTITUIÇÕES	68.228,00	68.227,00	1,00
CAPITAL	400.000,00	330.501,51	69.498,49
44- INVESTIMENTOS	400.000,00	330.501,51	69.498,49
449052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	400.000,00	330.501,51	69.498,49
TOTAL GERAL	18.853.698,00	17.646.452,42	1.207.245,58

SÃO PAULO, 31 DE DEZEMBRO DE 2022.


Irio Vassari
CRC/SP - 117.248
Divisão de Contabilidade


Helvío G. J. C. Vieira
Gerente Financeiro


Antonio Eduardo Colturato
Diretor Administrativo e Financeiro



FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
C.N.P.J. n.º 61.571.923/0001-98
DEMONSTRAÇÃO DA DÍVIDA FLUTUANTE DO EXERCÍCIO DE 2022

	SALDO DO EXERCÍCIO ANTERIOR R\$	MOVIMENTO DO EXERCÍCIO		SALDO PARA O EXERCÍCIO SEGUINTE R\$
		INSCRIÇÃO R\$	BAIXA R\$	
RESTOS A PAGAR				
Restos a Pagar Processados	2.071.220,88	1.658.896,82	2.071.220,88	1.658.896,82
Restos a Pagar não Processados		365.842,07		365.842,07
Sub-total	2.071.220,88	2.024.738,89	2.071.220,88	2.024.738,89
DEPÓSITOS				
Depósitos de Terceiros e Cauções	223.556,18	834.525,15	891.508,98	166.572,35
Consignações Diversas	102.291,66	1.498.563,34	1.478.707,79	122.147,21
Sub-total	325.847,84	2.333.088,49	2.370.216,77	288.719,56
PROVISÃO DE FÉRIAS E ENCARGOS SOCIAIS	1.455.805,59	729.620,72	1.094.314,29	1.091.112,02
TOTAL	3.852.874,31	5.087.448,10	5.535.751,94	3.404.570,47

SÃO PAULO, 31 DE DEZEMBRO DE 2022.


Irjo Vassari
CRC/SP - 117.248
Divisão de Contabilidade


Helvir G. J. C. Vieira
Gerente Financeiro


Antonio Eduardo Colturato
Diretor Administrativo e Financeiro



FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
C.N.P.J. nº 61.571.923/0001-98
DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA

Especificação	EXERCÍCIO 2022	
	Exercício Atual	Exercício Anterior
FLUXOS DE CAIXA DAS ATIVIDADES OPERACIONAIS (I)	737.085,04	-235.439,76
Ingressos	18.686.632,74	14.841.150,78
Receitas Derivadas e Originárias	2.882.714,99	538.297,34
Outros Ingressos Operacionais	15.803.917,75	14.298.804,42
Transferências Recebidas Independentes de Execução Orçamentária (Anexo 13)		4.049,02
Variação em Depósitos restituíveis e Valores Vinculados		
Desembolsos	17.949.547,70	15.076.590,54
Pessoal e Demais Despesas	17.949.547,70	15.076.590,54
FLUXOS DE CAIXA DAS ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS (II)	-87.072,69	-89.504,50
Ingressos		
Alienação de Bens		
Desembolsos	87.072,69	89.504,50
Aquisição de Ativo não Circulante	87.072,69	89.504,50
FLUXOS DE CAIXA DAS ATIVIDADES DE FINANCIAMENTO (III)		
GERAÇÃO LÍQUIDA DE CAIXA E EQUIVALENTES DE CAIXA (I+II+III)	650.012,35	-324.944,26
Caixa e equivalentes de caixa inicial	426.444,66	751.386,92
Caixa e equivalentes de caixa final	1.076.457,01	426.444,66

SÃO PAULO, 31 DE DEZEMBRO DE 2022.


Irijó Vassari
CRC/SP - 117.248
Divisão de Contabilidade


Helvio G. J. C. Vieira
Gerente Financeiro


Antonio Eduardo Colturato
Diretor Administrativo e Financeiro

QUADRO DA EXECUÇÃO DE RESTOS A PAGAR PROCESSADOS E RESTOS A PAGAR NÃO PROCESSADOS LIQUIDADOS

EXERCÍCIO 2022

NOME	INSCRITOS				SALDO
	EM EXERCÍCIOS ANTERIORES	EM 31/12/ DO EXERCÍCIO ANTERIOR	PAGOS	CANCELADOS	
Despesas Correntes					
Pessoal e Encargos Sociais		1.991.173,94	1.969.017,85	22.156,09	0,00
Outras Despesas Correntes		488.994,56	488.273,60	720,96	0,00
		1.502.179,38	1.480.744,25	21.435,13	0,00
Despesas de Capital					
Investimentos		80.046,94	80.046,94	0,00	0,00
		80.046,94	80.046,94	0,00	0,00
TOTAL		2.071.220,88	2.049.064,79	22.156,09	0,00

QUADRO DA EXECUÇÃO DE RESTOS A PAGAR NÃO PROCESSADOS

NOME	INSCRITOS				SALDO
	EM EXERCÍCIOS ANTERIORES	EM 31/12/ DO EXERCÍCIO ANTERIOR	LIQUIDADOS	PAGOS	
TOTAL	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00


João Vassari
CRC/SP - 117.248
Divisão de Contabilidade

São Paulo, 31 de dezembro de 2022.


Heitor G. J. C. Vieira
Gerente Financeiro


Antonio Eduardo Colurato
Diretor Administrativo e Financeiro



1. DIRETORIA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA - DAF

Gerência Financeira - Execução da Receita e da Despesa

1. Orçamento inicial e alterações no decorrer do exercício

O Orçamento da Fundação Memorial da América Latina foi aprovado por meio da Lei nº 17.498, de 29/12/2021, que orçou a receita e fixou a despesa do Estado para o exercício de 2022, e ainda o decreto nº 66.436, de 13/01/2022, que fixou as normas para a execução orçamentária e financeira do exercício de 2022. Foram destinados à Fundação Memorial, Unidade Gestora Orçamentária 121201 - Gestão 12046, vinculada a Secretaria da Cultura, Órgão/12000, os recursos no valor de R\$.16.489.723,00 (dezesesseis milhões, quatrocentos e oitenta e nove mil, setecentos e vinte três reais), conforme abaixo: Pessoal - R\$ 7.493.727,00 | Custeio - R\$ 8.826.006,00 | Investimento - R\$ 169.990,00.

Fonte de Recursos	Dotação Inicial	%	Dotação Contingenciada	Dotação Disponível
Tesouro - Pessoal	7.493.727,00			7.493.727,00
Tesouro - Custeio	6.920.727,00			6.920.727,00
Tesouro - Investimentos	169.990,00			169.990,00
Recursos Próprios - Custeio	1.905.279,00			1.905.279,00
Total	16.489.723,00	-	-	16.489.723,00

No decorrer do exercício houve a abertura de 02 (dois) Créditos Adicionais Suplementares, conforme Decreto nº 66.745 de 17 de maio de 2022 e Decreto nº 66.953 de 07 de julho de 2022, totalizando o valor de R\$ 1.514.975,00, para atender despesas contratuais de serviços em andamento, a realização de ventos culturais e artísticos e aquisição de material permanente. Considerando ainda que a arrecadação de receitas no exercício foi superior ao previsto na Lei Orçamentária, recebemos autorização para abertura de Crédito Suplementar Automático, no valor total de R\$ 849.000,00, lastreado no excesso de arrecadação da receita. Houve também, em 11/12/2022, o bloqueio dos créditos disponíveis de custeio e investimentos decorrentes do do Decreto nº 67.268 de 11 de novembro de 2022, no valor de R\$ 538.354,29. Durante o exercício foram feitas ainda reprogramações entre os elementos de despesa, no valor total de R\$ 3.110.750,00. Assim, após essas alterações orçamentárias, o Orçamento disponível final alcançou o montante de R\$ 18.315.343,71 - conforme abaixo:

2. Orçamento Disponível Final

Fonte de Recursos	Dotação Autorizada Inicial	Créditos Suplementares	Crédito Contingenciado	Crédito Bloqueado	Dotação Disponível Final em 31/12/2022
Tesouro - Pessoal	7.493.727,00	-	-	-	7.493.727,00
Tesouro - Custeio	6.920.727,00	1.284.965,00	-	189.076,36	8.016.615,64
Tesouro - Investimentos	169.990,00	230.010,00	-	53.138,49	346.861,51
Recursos Próprios - Pessoal	-	710.000,00	-	-	710.000,00
Recursos Próprios - Custeio	1.905.279,00	139.000,00	-	296.139,44	1.748.139,56
Total	16.489.723,00	2.363.975,00	-	538.354,29	18.315.343,71

3. Execução Orçamentária
3.1. Receitas



Título	Receita Prevista	Receita Realizada	Receita transferida p/ Superávit	Saldo Realizado	Excesso de arrecadação
Receita Patrimonial					
Receitas de aluguéis	1.743.202,00	2.748.657,40		2.748.657,40	1.005.455,40
Rendimento de Aplicações	146.954,00	130.120,56		130.120,56	(16.833,44)
Receita Industrial					
Receita de Transformação	7,00	-		-	(7,00)
Receita de Serviços	21,00	-		-	(21,00)
Transferências Correntes					
Transferência de Instituições	21,00	-		-	(21,00)
Receitas Diversas					
Demais Receitas Correntes	15.050,00	3.937,03		3.937,03	(11.112,97)
Receitas DREM transferidas	811.505,00	1.117.779,88		1.117.779,88	306.274,88
Receitas de Capital					
Transferências de Capital	17,00	-		-	(17,00)
Alienação de Bens Móveis	7,00	-		-	(7,00)
Total	2.716.784,00	4.000.494,87	-	4.000.494,87	1.283.710,87

*Excesso de arrecadação líquido do repasse DREM: R\$ 977.435,99

3.2. Despesas

Título	Dotação Autorizada	Dotação Disponível Final	Dotação Empenhada	Economia Orçamentária
31 - Pessoal e Encargos	7.493.727,00	8.203.727,00	8.183.756,52	19.970,48
Fonte 001	7.493.727,00	7.493.727,00	7.492.530,81	1.196,19
4043 - Promoção de Atividades Culturais	-	-	-	-
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	7.493.727,00	7.493.727,00	7.492.530,81	1.196,19
5790 - Cátedra Memorial América Latina	-	-	-	-
5791 - Centro Bras. de Estudos da Am.Latina	-	-	-	-
Fonte 004	-	710.000,00	691.225,71	18.774,29
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	-	710.000,00	691.225,71	18.774,29
33 - Outras Despesas Correntes	8.826.006,00	10.249.971,00	9.498.036,46	751.934,54
Fonte 001	6.920.727,00	8.205.692,00	7.789.322,22	506.702,31
4043 - Promoção de Atividades Culturais	90.736,00	783.736,00	683.437,97	100.298,03
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	6.632.211,00	7.261.976,00	6.949.474,74	312.501,26
5790 - Cátedra Memorial América Latina	60.000,00	60.000,00	60.000,00	-
5791 - Centro Bras. de Estudos da Am.Latina	137.780,00	99.980,00	96.409,51	93.903,02
Fonte 004	1.905.279,00	2.044.279,00	1.708.714,24	335.564,76
4043 - Promoção de Atividades Culturais	168.067,00	526.067,00	427.770,38	98.296,62
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	1.606.684,00	1.290.884,00	1.095.162,03	195.721,97
5790 - Cátedra Memorial América Latina	66.000,00	27.600,00	27.600,00	-
5791 - Centro Bras. de Estudos da Am.Latina	64.528,00	199.728,00	158.181,83	41.546,17
44 - Investimentos	169.990,00	400.000,00	330.501,51	69.498,49
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	169.990,00	400.000,00	330.501,51	69.498,49
Fonte 001	169.990,00	400.000,00	330.501,51	69.498,49
Fonte 004	-	-	-	-
Total	16.489.723,00	18.853.698,00	18.012.294,49	841.403,51

4. Execução da Despesa

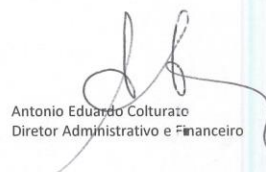


	Despesa Empenhada	Despesa Liquidada	Despesa Paga	Restos a a Pagar
31 - Pessoal e Encargos	8.183.756,52	8.183.756,52	7.593.949,34	589.807,18
Fonte 001	7.492.530,81	7.592.530,81	6.944.031,00	548.499,81
4043 - Promoção de Atividades Culturais	-	-	-	-
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	7.492.530,81	7.592.530,81	6.944.031,00	548.499,81
5790 - Cátedra Memorial América Latina	-	-	-	-
5791 - Centro Bras. de Estudos da Am.Latina	-	-	-	-
Fonte 004	691.225,71	691.225,71	649.918,34	41.307,37
4043 - Promoção de Atividades Culturais	-	-	-	-
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	691.225,71	691.225,71	649.918,34	41.307,37
5790 - Cátedra Memorial América Latina	-	-	-	-
5791 - Centro Bras. de Estudos da Am.Latina	-	-	-	-
33 - Outras Despesas Correntes	9.498.036,46	9.132.194,39	8.386.580,51	1.111.455,95
Fonte 001	7.789.322,22	7.466.607,74	6.406.420,63	1.382.901,59
4043 - Promoção de Atividades Culturais	683.437,97	683.437,97	636.016,16	47.421,81
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	6.949.474,74	6.629.266,75	5.616.501,45	1.332.973,29
5790 - Cátedra Memorial América Latina	60.000,00	60.000,00	60.000,00	-
5791 - Centro Bras. de Estudos da Am.Latina	96.409,51	93.903,02	93.903,02	2.506,49
Fonte 004	1.708.714,24	1.665.586,65	1.330.241,54	378.472,70
4043 - Promoção de Atividades Culturais	427.770,38	427.770,38	363.780,38	63.990,00
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	1.095.162,03	1.052.034,44	833.305,10	261.856,93
5790 - Cátedra Memorial América Latina	27.600,00	27.600,00	25.300,00	2.300,00
5791 - Centro Bras. de Estudos da Am.Latina	158.181,83	158.181,83	107.856,06	50.325,77
44 - Investimentos	330.501,51	330.501,51	7.025,75	323.475,76
5470 - Apoio Técnico e Administrativo	330.501,51	330.501,51	7.025,75	323.475,76
Fonte 001	330.501,51	330.501,51	7.025,75	323.475,76
Fonte 004	-	-	-	-
Total	18.012.294,49	17.646.452,42	15.987.555,60	2.024.738,89

31 de dezembro de 2022.


 Irio Vassari
 CRC/SP - 117.248
 Divisão de Contabilidade


 Helvio G. J. C. Vieira
 Gerente Financeiro


 Antonio Eduardo Colturato
 Diretor Administrativo e Financeiro

NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

DA FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

EM 31 DE DEZEMBRO DE 2022.

1. CONTEXTO OPERACIONAL

A Fundação Memorial da América Latina instituída pelo Governo do Estado de São Paulo, de acordo com a Lei nº 6.472 de 28 de junho de 1989, com personalidade jurídica de direito público dotada de autonomia administrativa e financeira, ora identificada como Gestã 12046 e Unidade Gestora Orçamentária 121201, vinculada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa, tem por finalidade a divulgação e o intercâmbio da cultura brasileira e latina americana e sua integração às atividades intelectuais do Estado.

Os recursos para o exercício 2022 da Fundação Memorial são oriundos de dotações orçamentárias constantes no Orçamento do Estado, conforme Lei nº 17.498, de 29 de dezembro de 2021, que orça a receita e fixa a despesa do Estado para o exercício de 2022, bem como receitas próprias provenientes de locação de serviços ou bens, doações, entre outras.

Orçamento do Estado 2022

Governo do Estado de São Paulo

ÓRGÃO: 12000 - SECRETARIA DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA UNIDADE: 12046 - FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA ESFERA: ORÇAMENTO FISCAL	Valores em R\$ 1,00 16.489.723
---	--

RESUMO DA UNIDADE ORÇAMENTÁRIA

PROGRAMA							
1221 - INTEGRAÇÃO DAS CULTURAS LATINO-AMERICANAS		16.339.723					
2990 - DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES DECORRENTES DE EMENDAS PARLAMENTARES		150.000					
FUNÇÃO							
04 - ADMINISTRAÇÃO		150.000					
13 - CULTURA		16.339.723					
SUBFUNÇÃO							
122 - ADMINISTRAÇÃO GERAL		15.752.612					
127 - ORDENAMENTO TERRITORIAL		150.000					
392 - DIFUSÃO CULTURAL		587.111					
MODALIDADE DE APLICAÇÃO							
040 - TRANSFERÊNCIAS A MUNICÍPIOS		150.000					
090 - APLICAÇÕES DIRETAS		16.339.723					
FORTE DE RECURSO	PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	JUROS E ENCARGOS DA DÍVIDA	OUTRAS DESPESAS CORRENTES	INVESTIMENTOS	INVERSÕES FINANCEIRAS	AMORTIZAÇÃO DA DÍVIDA	TOTAL
TESOURO DO ESTADO	7.493.727		6.929.727	199.999			14.594.444
PRÓPRIOS			1.905.279				1.905.279
TOTAL	7.493.727		8.826.006	199.999			16.489.723

Os recursos da Fonte Tesouro do Estado, destinados a manutenção das atividades da Fundação Memorial da América Latina, totalizaram o montante inicial de R\$ 14.584.444,00 (quatorze milhões, quinhentos e oitenta e quatro mil, quatrocentos e quarenta e quatro reais) e os recursos da Fonte Próprios, decorrentes da arrecadação Própria, totalizaram o montante inicial de R\$ 1.905.279,00 (um milhão, novecentos e cinco mil, duzentos e setenta e nove reais).

Ressalta-se que o ingresso orçamentário das receitas de Fonte 01 - Tesouro do Estado, ocorre na Administração Direta, logo não há o registro de receita orçamentária desta Fonte na Fundação, havendo apenas a execução da despesa conforme previsão na Lei Orçamentária.

2. AS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

As Demonstrações Contábeis foram elaboradas de acordo com as normas de direito financeiro estabelecidas pela Lei Federal nº 4.320, de 17 de março de 1964, e diretrizes fixadas pela Lei Complementar nº 101, de 04 de maio de 2000, que instituiu normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal, bem como, as Normas Brasileiras de Contabilidade aplicadas ao Setor Público emitidas pelo Conselho Federal de Contabilidade.

Compõem as Demonstrações Contábeis os Balanços Orçamentário, Financeiro e Patrimonial, a Demonstração das Variações Patrimoniais, a Demonstração dos Fluxos de Caixa, os anexos respectivos e as Notas Explicativas, elaboradas com dados obtidos por meio da escrituração efetuada no Sistema Integrado de Administração Financeira para Estados e Municípios – SIAFEM/SP.

As informações que compõem as Demonstrações, os Anexos e essas Notas Explicativas abrangem apenas a movimentação da Gestão 12046 – Fundação Memorial da América Latina e respectivas Unidades Gestoras 121201 – Fundação Memorial da América Latina, 121281 – Tesouro e 121284 – Recursos Próprios.

Sendo a Fundação Memorial uma entidade de Administração Pública Estadual, essas demonstrações contábeis integrarão as demonstrações consolidadas do Estado de São Paulo.

2.1. Balanço Orçamentário

Elaborado em conformidade com o artigo 102 da Lei nº 4.320/64 e MCASP – Manual de Contabilidade Aplicada ao Setor Público, demonstra as receitas e despesas previstas em confronto com as realizadas. O déficit orçamentário apurado de R\$ 14.011.799,62, decorre da diferença entre o total das receitas orçamentárias próprias realizadas no montante de R\$ 4.000.494,87¹ e a despesa realizada no exercício, R\$ 18.012.294,49.

Na análise do déficit orçamentário deve-se considerar que:

- I. as receitas orçamentárias de Fonte 001 – Tesouro, não são arrecadadas pela Fundação Memorial da América Latina e dessa maneira não são refletidas nas receitas orçamentárias do Balanço Orçamentário, porém a despesa orçamentária registrada é decorrente da execução orçamentária do exercício e

¹ Estão computados neste montante os valores relativos à DREM – Desvinculação de Receitas que foram arrecadados pela Fundação e repassados ao Tesouro do Estado. Conforme Emenda Constitucional nº 93/2016.




abrange todas as Fontes de recursos (001 – Tesouro e 004 – Recursos Próprios) conforme previsão legal consignada na Lei nº 17.498 de 29 de dezembro de 2021.

- II. não caracteriza irregularidade das contas desta Fundação, conforme define o próprio MCASP², Parte V – Demonstrações Contábeis Aplicadas ao Setor Público:

“Os Balanços Orçamentários não consolidados (de órgãos e entidades, por exemplo), poderão apresentar desequilíbrio e déficit orçamentário, pois muitos deles não são agentes arrecadadores e executam despesas orçamentárias para prestação de serviços públicos e realização de investimentos.”

O Déficit Orçamentário é coberto com recursos repassados pelo Tesouro do Estado, sendo o Memorial uma Fundação Dependente.

Do Orçamento atualizado de R\$ 18.853.698,00, houve uma Economia Orçamentária de R\$841.403,51, resultado da diferença entre a despesa atualizada e a realizada final, sendo:

- R\$ 538.354,29 - relativo ao total de créditos contingenciados/bloqueados no encerramento do exercício (Fonte Própria R\$ 296.139,44 e Fonte Tesouro R\$ 242.214,85);
- R\$ 303.049,22 - relativo a cancelamento de saldos de empenhos e cancelamento de reservas em processos licitatórios não concluídos no exercício.

2.2. Balanço Financeiro

Em conformidade com o artigo 103 da Lei nº 4.320/64 e MCASP – Manual de Contabilidade Aplicada ao Setor Público, o Balanço Financeiro demonstra a receita e a despesa orçamentária, os recebimentos e os pagamentos de natureza extraorçamentária ajustados com os saldos em espécies provenientes do exercício anterior, e os que se transferem para o exercício seguinte.

Os restos a pagar do exercício estão computados na receita extraorçamentária para compensar sua inclusão na despesa orçamentária.

Destaca-se aqui o repasse financeiro efetuado no montante de R\$ 85.503,93 destinado à conta única do Tesouro do Estado, em atendimento a Lei Estadual nº 17.293 de 15 de outubro de 2020, que determinou a transferência do Superávit Financeiro apurado de exercícios anteriores das Fundações ao Tesouro.

2.3. Balanço Patrimonial

Em conformidade com o artigo 105 da Lei nº 4.320/64 e MCASP – Manual de Contabilidade Aplicada ao Setor Público, o Balanço Patrimonial é a demonstração contábil que evidencia, quantitativa e qualitativamente, de forma sintética, o patrimônio.

² 9ª Edição do Manual de Contabilidade Aplicada ao Setor Público – Portaria Conjunta STN/SOF/ME nº 117 de 28 de outubro de 2021, página 495. Válido a partir do exercício de 2022.

As provisões de longo prazo no montante de R\$ 2.763.538,89 representam as ações judiciais em andamento e foram evidenciadas conforme relatório do escritório de advocacia responsável, sendo consideradas as ações classificadas como Prováveis de ocorrer o desembolso.

As outras obrigações de longo prazo no montante de R\$ 31.631.425,12 representam os valores de Sentenças Judiciais/Precatórios e foram evidenciados conforme relatório encaminhado pela Procuradoria Geral do Estado.

Os demais componentes do Balanço não sofreram alterações relevantes e/ou já foram objeto de nota em outro item das notas explicativas.

2.4. Demonstração das Variações Patrimoniais

Elaborada em conformidade com o artigo 104 da Lei nº 4.320/64 e MCASP – Manual de Contabilidade Aplicada ao Setor Público, a Demonstração das Variações Patrimoniais evidencia as alterações verificadas no patrimônio, resultantes ou independentes da execução orçamentária, indicando assim o resultado patrimonial do exercício que neste ano corresponde a uma variação negativa de R\$ 1.553.414,76.

O resultado patrimonial do exercício de 2022 foi negativo devido principalmente as variações diminutivas decorrentes da execução orçamentária.

Por outro lado, as independentes da execução mais relevantes e que compõem o Déficit apontado são as depreciações dos bens móveis e imóveis no montante de R\$ 2.833.965,01 e a atualização da posição de precatórios no montante de R\$ 4.232.582,53.

3. PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

3.1. Receitas e Despesas

As receitas e despesas são contabilizadas de acordo com o artigo 35 da Lei nº 4.320/64:

Art.35. Pertencem ao exercício financeiro:


I- As receitas nele arrecadadas;

II- As despesas nele legalmente empenhadas.

No processamento automatizado pelo SIAFEM/SP são observadas também as normatizações quanto a classificação, codificação e demais aspectos aplicáveis às receitas e despesas, previstos no MCASP e dentre outros.

3.2. Ativo e Passivo Financeiros

Demonstrados pelo valor de custo ou aquisição.



3.3. Disponibilidades

As disponibilidades bancárias são à vista e os investimentos em aplicação de liquidez imediata estão registrados pelo valor de custo, acrescido dos rendimentos auferidos até a data do fechamento do balanço.

3.4. Estoques

Os estoques referem-se a bens de consumo existentes no final do exercício de acordo com inventário de almoxarifado. O critério utilizado para a avaliação dos estoques é o Preço Médio Ponderado Mensal.

3.5. Ativo Permanente – Imobilizado

A contabilidade mantém os registros dos bens móveis representados pelo valor de aquisição, sendo seu controle analítico realizado pelo Sistema de Administração Patrimonial – UNISIS, implantado em 2009.

Os valores de bens móveis abaixo, relativos à posição de 31/12/2022, estão reavaliados e atualizados, conforme Inventário físico realizado pela Empresa Integre Sistemas e Controle de Patrimônio LTDA.

Contas	Taxa de Depreciação	2021	2022
Aparelhos e Instrum. Tec. p/Med. Teste	10%	5.428,15	6.254,22
Aparelhos e Utens. Tipo Doméstico	10%	134.155,11	125.063,49
Equipamentos Combate Prev. Sinistros	10%	37.835,49	34.495,11
Equipamentos para Escritório	10%	19.366,59	16.652,70
Equipamentos p/ Proc. Dados e Microfil	20%	365.317,31	488.458,36
Instrumentos Musicais	10%	30.359,57	24.510,15
Máquinas Ferram. Utens. Lon. Duração	10%	3.247.859,85	3.052.058,59
Aparelhos Utens. p/ Comunic.Sin.Fotoc	10%	207.901,21	198.166,85
Mat.p/Decor.Objetos Arte p/Coleção	10%	73.666,61	48.178,56
Equipamentos de Proteção. Seg. e Socorro	10%	21.721,03	20.278,97
Mobiliário em Geral	10%	3.020.691,27	2.626.238,16
Móveis Ap.Instr. Uten.p/ Clín. Od. Hosp	10%	43.242,80	27.232,44
Material Permanente-Reg. Exec. Espec.	10%	34.989,73	19.043,26
Outros Bens Móveis	10%	1.389.401,12	1.300.132,27
Total dos Bens Móveis		8.631.935,84	7.983.763,13
Bens imóveis			
Edifícios	4%	46.211.399,68	46.211.399,68
Soma		54.843.335,52	54.198.162,81
Depreciação Acumulada		(5.648.297,34)	(7.307.806,32)
Total Geral		49.195.038,18	46.890.356,49

Os bens imóveis utilizados pela Fundação Memorial pertencem à Fazenda do Estado de São Paulo em conformidade com permissão de uso firmada entre as partes em 20/02/1991.




3.6. Depreciação Acumulada

A depreciação foi calculada com base na vida útil econômica estimada dos bens, sendo utilizado o método de cálculo de Quotas Constantes.

Os bens imóveis da Fundação são depreciados à taxa de 4% ao ano.

Ressalte-se que o valor da conta Edifícios refere-se somente a reformas e benfeitorias realizadas nos bens imóveis, cuja propriedade pertence ainda ao Governo do Estado de São Paulo.

3.7. Provisão de Férias, 13º Salário e Encargos Sociais

Contabilizada em obediência ao princípio da competência, as provisões de férias, 13º salário e encargos sociais correspondentes registram o direito adquirido de gozo das férias e 13º salário dos funcionários.

3.8. Contingências

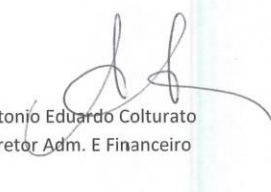
Foram realizadas Provisões para Contingências Trabalhistas e Cíveis em decorrência de circunstâncias que envolvem incertezas quanto ao ganho ou perda de ações judiciais por reclamações trabalhistas movidas contra a Fundação Memorial. Os valores contabilizados estão de acordo com a classificação *provável* apontada em relatório emitido por Zampieri & Luft Advogados Associados, empresa contratada para prestar serviços advocatícios nas áreas trabalhista e previdenciária.

3.9. Ações Trabalhistas/ Precatórios

Existe um estoque de precatórios pertencente a Fundação Memorial da América Latina junto a Procuradoria Geral do Estado contabilizado pelo valor histórico, sendo estes valores tempestivamente atualizados e contabilizados de acordo com relatório emitido pela Procuradoria Geral do Estado.


Irio Vassari
CRC/SP – 177.248
Divisão de Contabilidade


Helvio G. J. C. Vieira
Gerente Financeiro


Antonio Eduardo Colturato
Diretor Adm. E Financeiro

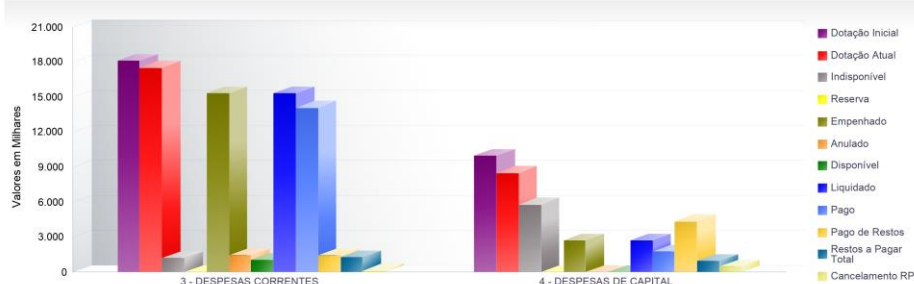
¹ As receitas Orçamentárias são os recebimentos de numerários que ingressam de forma definitiva ao patrimônio, contabilizadas por meio do Sistema Siafem/SP pelo regime de caixa. Já as Receitas Extra orçamentárias são aquelas cujas realizações não se vinculam à execução do orçamento.

² No Balanço Financeiro também estão contempladas as operações de que resultem débitos e créditos de natureza financeira, não compreendida na execução orçamentária.



ANEXO K – Execução orçamentária 2016

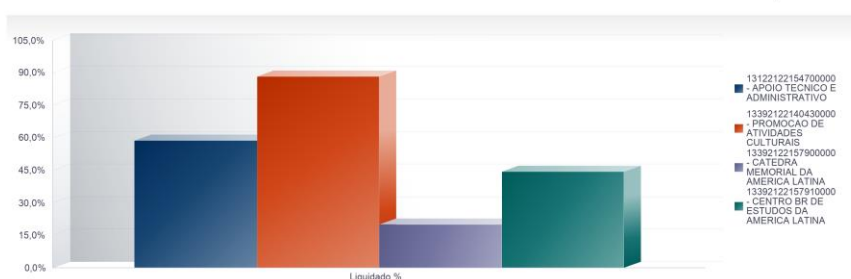
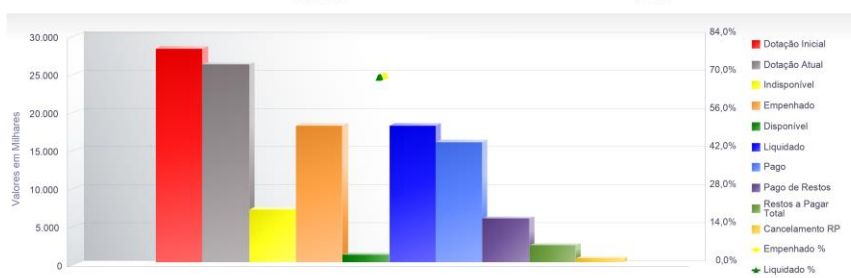
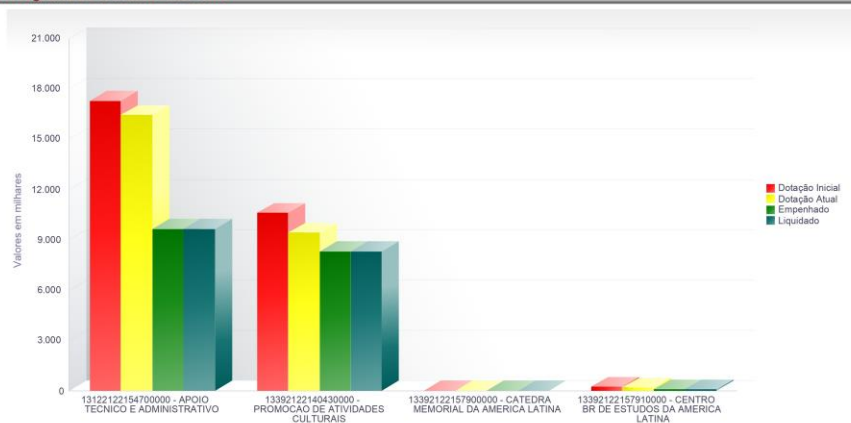
4 - Posição da Execução Orçamentária (Consolidada)



Data Atualização: 22/12/2022

	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Reserva	Empenhado	Anulado	Disponível	Liquidado	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
3 - DESPESAS CORRENTES	18.134.271,00	17.540.731,00	1.211.706,65	0,00	15.315.155,92	1.442.977,37	1.013.868,43	15.315.155,92	14.101.789,04	1.451.988,04	1.278.557,20	108.656,20
31 - PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	8.243.025,00	8.243.025,00	0,00	0,00	7.537.294,15	326.221,21	705.730,85	7.537.294,15	7.082.951,05	478.853,53	454.343,10	0,00
3190 - APLICACOES DIRETAS	8.243.025,00	8.243.025,00	0,00	0,00	7.537.294,15	326.221,21	705.730,85	7.537.294,15	7.082.951,05	478.853,53	454.343,10	0,00
319007 - CONTRIBUICAO ENTIDADES FECHADAS PREVIDENCIA	42.281,00	42.281,00	0,00	0,00	31.136,74	11.144,26	11.144,26	31.136,74	0,00	38.479,70	31.136,74	0,00
319011 - VENCIMENTOS E VANTAGENS FIXAS-PESSOA CIVIL	6.436.880,00	6.436.880,00	0,00	0,00	5.794.009,30	262.926,91	642.870,70	5.794.009,30	5.510.653,64	302.964,45	283.355,66	0,00
319013 - OBRIGACOES PATRONAIS	1.763.864,00	1.763.864,00	0,00	0,00	1.712.148,11	52.150,04	51.715,89	1.712.148,11	1.572.297,41	137.409,38	139.850,70	0,00
33 - OUTRAS DESPESAS CORRENTES	9.891.246,00	9.297.706,00	1.211.706,65	0,00	7.777.861,77	1.116.756,16	308.137,58	7.777.861,77	7.018.837,99	973.134,51	824.214,10	108.656,20
3350 - TRANSF A INST. PRIVADAS SEM FINS LUCRATIVOS	560.000,00	420.000,00	70.000,00	0,00	350.000,00	0,00	0,00	350.000,00	350.000,00	0,00	0,00	0,00
335041 - CONTRIBUICOES	560.000,00	420.000,00	70.000,00	0,00	350.000,00	0,00	0,00	350.000,00	350.000,00	0,00	0,00	0,00
3390 - APLICACOES DIRETAS	9.331.246,00	8.877.706,00	1.141.706,65	0,00	7.427.861,77	1.116.756,16	308.137,58	7.427.861,77	6.668.837,99	973.134,51	824.214,10	108.656,20
339008 - OUTROS BENEFICIOS ASSISTENCIAIS	27.000,00	48.250,00	0,00	0,00	40.588,45	7.661,55	7.661,55	40.588,45	37.396,10	3.024,90	3.192,35	0,00
339014 - DIARIAS-CIVIL	30.720,00	23.040,00	23.040,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
339030 - MATERIAL DE CONSUMO	794.066,00	597.928,00	365.437,82	0,00	231.171,03	3.411,66	1.319,15	231.171,03	214.507,76	7.713,38	16.663,25	0,00
339033 - PASSAGENS E DESPESAS COM LOCOMOCAO	175.852,00	131.889,00	59.487,91	0,00	64.210,24	11.322,69	8.190,85	64.210,24	61.991,90	2.171,10	2.218,34	18,44
339035 - SERVICOS DE CONSULTORIA	51.878,00	38.909,00	1.939,46	0,00	36.969,54	0,00	0,00	36.969,54	14.156,37	24.263,39	22.813,17	4.461,11
339036 - OUTROS SERVICOS DE TERCEIROS-PESSOA FISICA	997.287,00	262.258,00	152.267,39	0,00	106.721,40	8.661,61	3.269,21	106.721,40	105.813,33	30.702,17	908,07	0,00
339037 - SERVICOS DE LIMPEZA,VIGIL E OUTROS-PES JURID	1.160.400,00	2.380.406,00	46.085,25	0,00	2.290.580,54	273.123,37	43.740,21	2.290.580,54	1.940.394,76	261.880,85	350.185,78	15.218,37
339039 - OUTROS SERVICOS DE TERCEIROS-PESSOA JURIDICA	5.212.605,00	4.157.782,00	343.700,54	0,00	3.660.402,87	566.150,90	153.678,59	3.660.402,87	3.352.748,70	518.900,50	372.844,49	67.233,03
339047 - OBRIGACOES TRIBUTARIAS E CONTRIBUTIVAS	82.430,00	82.430,00	4.430,00	0,00	55.287,04	22.712,96	22.712,96	55.287,04	47.355,60	8.146,47	7.931,44	0,00
339050 - SERVICOS DE UTILIDADE PUBLICA	799.008,00	1.154.814,00	145.318,28	0,00	941.930,66	223.711,42	67.565,06	941.930,66	894.473,45	116.331,75	47.457,21	21.725,25
4 - DESPESAS DE CAPITAL	10.000.010,00	8.492.367,00	5.776.794,99	0,00	2.715.566,29	495,72	5,72	2.715.566,29	1.749.071,90	4.347.357,09	966.494,39	491.415,26
44 - INVESTIMENTOS	10.000.010,00	8.492.367,00	5.776.794,99	0,00	2.715.566,29	495,72	5,72	2.715.566,29	1.749.071,90	4.347.357,09	966.494,39	491.415,26
4490 - APLICACOES DIRETAS	10.000.010,00	8.492.367,00	5.776.794,99	0,00	2.715.566,29	495,72	5,72	2.715.566,29	1.749.071,90	4.347.357,09	966.494,39	491.415,26
449051 - OBRAS E INSTALACOES	10.000.000,00	8.372.360,00	5.692.034,90	0,00	2.680.319,38	5,72	5,72	2.680.319,38	1.715.324,90	4.172.197,09	964.994,48	491.415,26
449052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	10,00	120.007,00	84.760,09	0,00	35.246,91	490,00	0,00	35.246,91	33.747,00	175.160,00	1.499,91	0,00
Total Geral	28.134.281,00	26.033.098,00	6.988.501,64	0,00	18.030.722,21	1.443.473,09	1.013.874,15	18.030.722,21	15.850.860,94	5.799.345,13	2.245.051,59	600.071,46

2 - Posição por Programa de Trabalho - Elemento

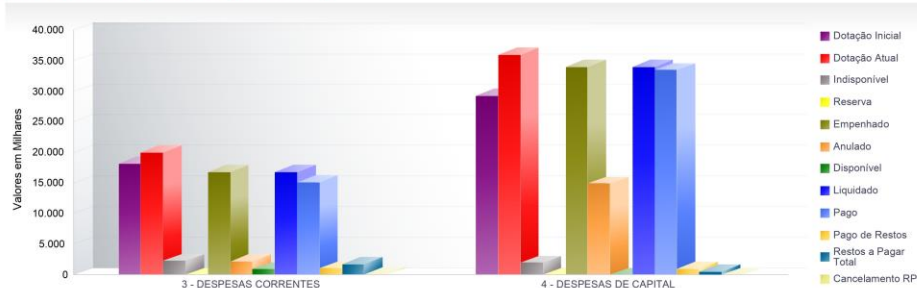


Data Atualização: 04/01/2023

Programa	Programa de Trabalho	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Empenhado	Empenhado %	Disponível	Liquidado	Liquidado %	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
1221 - INTEGRACAO DAS CULTURAS LATINO-AMERICANAS	13122122154700000 - APOIO TECNICO E ADMINISTRATIVO	17.278.457,00	16.424.284,00	6.477.044,75	9.640.495,95	58,7%	306.743,30	9.640.495,95	58,7%	7.916.975,65	5.036.897,48	1.788.710,62	556.211,46
	13392122140430000 - PROMOCAO DE ATIVIDADES CULTURAIS	10.600.960,00	9.416.477,00	404.149,99	8.306.596,16	88,2%	705.730,85	8.306.596,16	88,2%	7.852.253,06	733.054,65	454.343,10	32.910,00
	13392122157900000 - CATEDRA MEMORIAL DA AMERICA LATINA	7.773,00	7.018,00	5.621,48	1.396,52	19,9%	0,00	1.396,52	19,9%	1.396,52	0,00	0,00	0,00
	13392122157910000 - CENTRO BR DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA	247.091,00	185.319,00	101.685,42	82.233,58	44,4%	1.400,00	82.233,58	44,4%	80.235,71	29.393,00	1.997,87	10.950,00
	Total Geral	28.134.281,00	26.033.098,00	6.988.501,64	18.030.722,21	69,3%	1.013.874,15	18.030.722,21	69,3%	15.850.860,94	5.799.345,13	2.245.051,59	600.071,46

ANEXO L – Execução orçamentária 2017

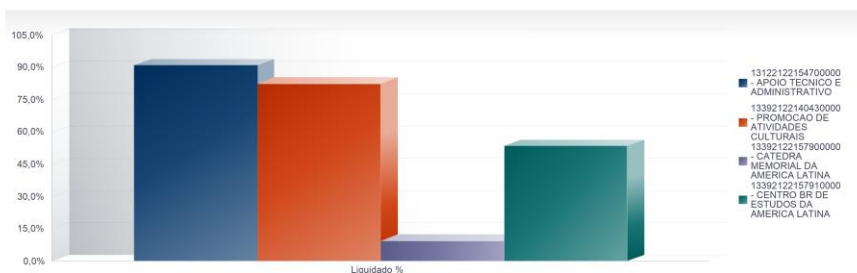
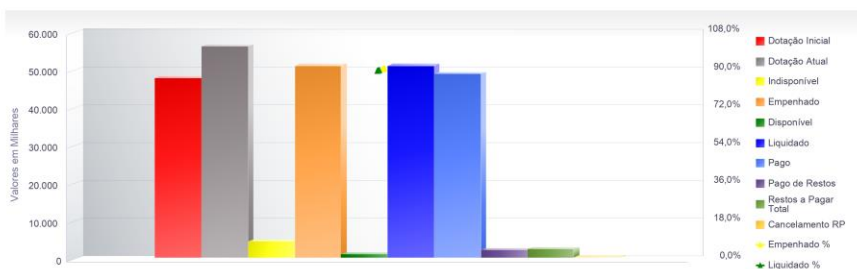
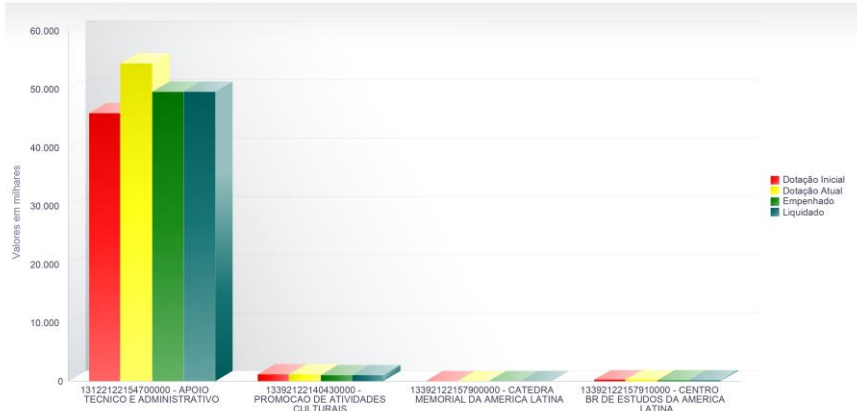
4 - Posição da Execução Orçamentária (Consolidada)



Data Atualização: 22/12/2022

	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Reserva	Empenhado	Anulado	Disponível	Liquidado	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
3 - DESPESAS CORRENTES	18.155.664,00	19.985.664,00	2.268.309,70	0,00	16.785.807,58	2.229.458,81	931.546,72	16.785.807,58	15.139.986,18	1.093.490,18	1.734.724,00	96.164,42
31 - PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	7.895.768,00	7.895.768,00	0,00	0,00	7.132.358,06	619.126,10	763.409,94	7.132.358,06	6.741.261,42	454.343,10	391.096,64	0,00
3190 - APLICACOES DIRETAS	7.895.768,00	7.895.768,00	0,00	0,00	7.132.358,06	619.126,10	763.409,94	7.132.358,06	6.741.261,42	454.343,10	391.096,64	0,00
319007 - CONTRIBUICAO ENTIDADES FECHADAS PREVIDENCIA	36.754,00	36.754,00	0,00	0,00	33.821,43	1.678,57	2.932,57	33.821,43	31.675,56	31.136,74	2.145,87	0,00
319011 - VENCIMENTOS E VANTAGENS FIXAS- PESSOAL CIVIL	6.059.296,00	6.059.296,00	0,00	0,00	5.346.311,62	367.641,12	712.984,38	5.346.311,62	5.093.264,84	283.355,66	253.046,78	0,00
319013 - OBRIGACOES PATRONAIS	1.799.718,00	1.799.718,00	0,00	0,00	1.752.225,01	149.806,41	47.492,99	1.752.225,01	1.616.321,02	139.850,70	135.903,99	0,00
33 - OUTRAS DESPESAS CORRENTES	10.259.896,00	12.089.896,00	2.268.309,70	0,00	9.653.449,52	1.710.332,71	168.136,78	9.653.449,52	8.398.724,76	639.147,08	1.343.627,36	96.164,42
3350 - TRANSF A INST. PRIVADAS SEM FINS LUCRATIVOS	420.000,00	420.000,00	75.000,00	0,00	345.000,00	0,00	0,00	345.000,00	345.000,00	0,00	0,00	0,00
335041 - CONTRIBUICOES	420.000,00	420.000,00	75.000,00	0,00	345.000,00	0,00	0,00	345.000,00	345.000,00	0,00	0,00	0,00
3390 - APLICACOES DIRETAS	9.839.896,00	11.669.896,00	2.193.309,70	0,00	9.308.449,52	1.710.332,71	168.136,78	9.308.449,52	8.053.724,76	639.147,08	1.343.627,36	96.164,42
339008 - OUTROS BENEFICIOS ASSISTENCIAIS	49.200,00	49.200,00	7.380,00	0,00	32.835,60	8.984,40	8.984,40	32.835,60	30.555,35	3.192,35	2.280,25	0,00
339014 - DIARIAS-CIVIL	23.040,00	23.040,00	19.291,98	0,00	3.748,02	0,00	0,00	3.748,02	3.748,02	0,00	0,00	0,00
339030 - MATERIAL DE CONSUMO	345.330,00	405.330,00	115.570,21	0,00	285.762,09	4.092,18	3.997,70	285.762,09	255.274,79	16.663,25	30.487,30	0,00
339033 - PASSAGENS E DESPESAS COM LOCOMOCAO	106.320,00	106.320,00	15.976,82	0,00	88.870,47	11.732,47	1.472,71	88.870,47	86.605,55	2.218,34	2.264,92	0,00
339035 - SERVICIOS DE CONSULTORIA	40.404,00	85.704,00	47.127,46	0,00	38.576,54	0,00	0,00	38.576,54	8.482,39	22.812,74	30.094,15	0,43
339036 - OUTROS SERVICIOS DE TERCEIROS-PESSOA FISICA	257.352,00	257.352,00	160.282,36	0,00	85.163,35	37.006,29	11.906,29	85.163,35	77.580,67	908,07	7.582,68	0,00
339037 - SERVICIOS DE LIMPEZA,VIGIL E OUTROS-PES. JURID	2.399.860,00	2.758.760,00	247.561,97	0,00	2.466.173,61	74.238,28	45.024,42	2.466.173,61	1.990.056,47	314.430,55	476.117,14	35.755,23
339039 - OUTROS SERVICIOS DE TERCEIROS-PESSOA JURIDICA	4.716.632,00	6.054.032,00	1.028.504,88	0,00	4.995.485,99	1.497.506,46	30.041,13	4.995.485,99	4.415.824,13	223.533,13	668.564,46	60.408,76
339047 - OBRIGACOES TRIBUTARIAS E CONTRIBUTIVAS	78.958,00	78.958,00	0,00	0,00	49.312,91	9.187,09	29.645,09	49.312,91	41.759,63	7.931,44	7.553,28	0,00
339050 - SERVICIOS DE UTILIDADE PUBLICA	1.822.800,00	1.851.200,00	551.614,02	0,00	1.262.520,94	67.585,54	37.085,04	1.262.520,94	1.143.837,76	47.457,21	118.683,18	0,00
4 - DESPESAS DE CAPITAL	29.300.000,00	36.017.000,00	1.983.882,64	0,00	34.033.117,35	14.908.753,81	0,01	34.033.117,35	33.513.640,82	966.494,39	519.476,53	0,00
44 - INVESTIMENTOS	29.300.000,00	36.017.000,00	1.983.882,64	0,00	34.033.117,35	14.908.753,81	0,01	34.033.117,35	33.513.640,82	966.494,39	519.476,53	0,00
4490 - APLICACOES DIRETAS	29.300.000,00	36.017.000,00	1.983.882,64	0,00	34.033.117,35	14.908.753,81	0,01	34.033.117,35	33.513.640,82	966.494,39	519.476,53	0,00
449051 - OBRAS E INSTALACOES	29.000.000,00	33.887.000,00	1.557.848,41	0,00	32.329.151,58	13.226.738,44	0,01	32.329.151,58	32.329.151,58	964.994,48	0,00	0,00
449052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	300.000,00	2.130.000,00	426.034,23	0,00	1.703.965,77	1.682.015,37	0,00	1.703.965,77	1.184.489,24	1.499,91	519.476,53	0,00
Total Geral	47.455.664,00	56.002.664,00	4.252.192,34	0,00	50.818.924,93	17.138.212,62	931.546,73	50.818.924,93	48.653.627,00	2.059.984,57	2.254.200,53	96.164,42

2 - Posição por Programa de Trabalho - Elemento

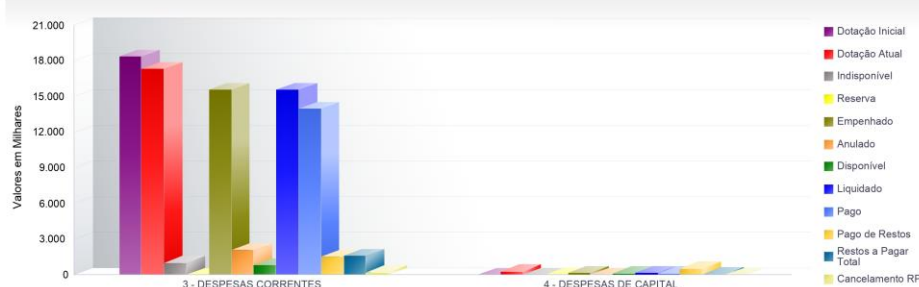


Data Atualização: 04/01/2023

Programa	Programa de Trabalho	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Empenhado	Empenhado %	Disponível	Liquidado	Liquidado %	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
1221 - INTEGRAÇÃO DAS CULTURAS LATINO-AMERICANAS	13122122154700000 - APOIO TECNICO E ADMINISTRATIVO	45.965.951,00	54.512.951,00	3.918.306,41	49.667.939,46	91,1%	926.705,13	49.667.939,46	91,1%	47.664.594,90	1.603.643,60	2.092.247,16	96.164,42
	13392122140430000 - PROMOÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS	1.235.877,00	1.235.877,00	216.027,49	1.018.461,16	82,4%	1.388,35	1.018.461,16	82,4%	927.242,38	454.343,10	91.218,78	0,00
	13392122157900000 - CATEDRA MEMORIAL DA AMERICA LATINA	7.680,00	7.680,00	6.660,00	723,00	9,4%	297,00	723,00	9,4%	723,00	0,00	0,00	0,00
	13392122157910000 - CENTRO BR DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA	246.156,00	246.156,00	111.198,44	131.801,31	53,5%	3.156,25	131.801,31	53,5%	61.066,72	1.997,87	70.734,59	0,00
	Total Geral	47.455.664,00	56.002.664,00	4.252.192,34	50.818.924,93	90,7%	931.546,73	50.818.924,93	90,7%	48.653.627,00	2.059.984,57	2.254.200,53	96.164,42

ANEXO M – Execução orçamentária 2018

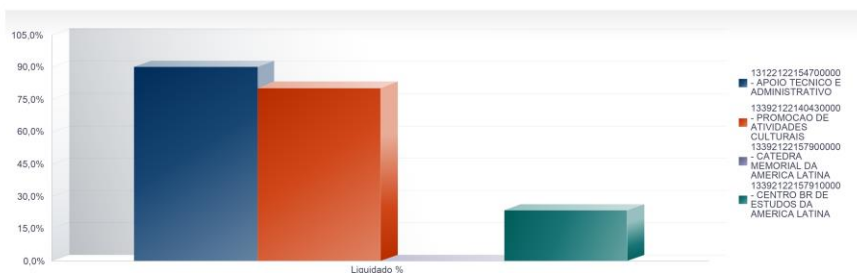
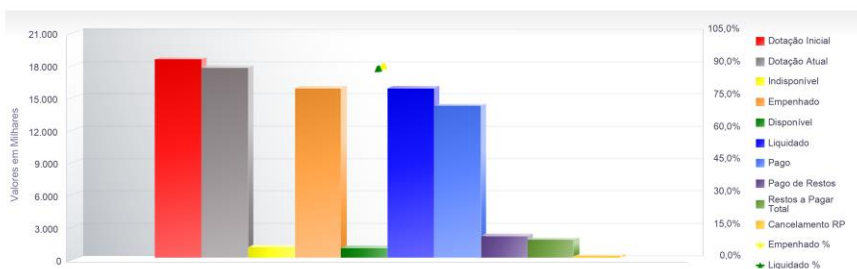
4 - Posição da Execução Orçamentária (Consolidada)



Data Atualização: 22/12/2022

	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Reserva	Empenhado	Anulado	Disponível	Liquidado	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
3 - DESPESAS CORRENTES	18.375.181,00	17.342.547,00	986.206,18	9.800,00	15.564.224,08	2.070.901,66	792.116,74	15.564.224,08	13.971.378,09	1.523.804,02	1.618.619,95	185.146,02
31 - PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	7.311.417,00	7.311.417,00	0,00	0,00	7.010.342,20	328.883,63	301.074,80	7.010.342,20	6.665.082,51	391.096,64	345.259,69	0,00
3190 - APLICACOES DIRETAS	7.311.417,00	7.311.417,00	0,00	0,00	7.010.342,20	328.883,63	301.074,80	7.010.342,20	6.665.082,51	391.096,64	345.259,69	0,00
319007 - CONTRIBUICAO ENTIDADES FECHADAS PREVIDENCIA	34.034,00	34.034,00	0,00	0,00	25.165,00	8.866,19	8.869,00	25.165,00	23.163,81	2.145,87	2.001,19	0,00
319011 - VENCIMENTOS E VANTAGENS FIXAS-PESSOAL CIVIL	5.610.859,00	5.610.859,00	0,00	0,00	5.489.856,40	144.838,24	121.002,60	5.489.856,40	5.275.568,79	253.046,78	214.287,61	0,00
319013 - OBRIGACOES PATRONAIS	1.666.524,00	1.666.524,00	0,00	0,00	1.495.320,80	175.179,20	171.203,20	1.495.320,80	1.366.349,91	135.903,99	128.970,89	0,00
33 - OUTRAS DESPESAS CORRENTES	11.063.764,00	10.031.130,00	986.206,18	9.800,00	8.553.881,88	1.742.018,03	491.041,94	8.553.881,88	7.306.295,58	1.132.707,38	1.273.360,26	185.146,02
3380 - TRANSF A INST. PRIVADAS SEM FINS LUCRATIVOS	350.000,00	200.000,00	0,00	0,00	200.000,00	0,00	0,00	200.000,00	200.000,00	0,00	0,00	0,00
335041 - CONTRIBUICOES	350.000,00	200.000,00	0,00	0,00	200.000,00	0,00	0,00	200.000,00	200.000,00	0,00	0,00	0,00
3390 - APLICACOES DIRETAS	10.713.764,00	9.831.130,00	986.206,18	9.800,00	8.353.881,88	1.742.018,03	491.041,94	8.353.881,88	7.106.295,58	1.132.707,38	1.273.360,26	185.146,02
339008 - OUTROS BENEFICIOS ASSISTENCIAIS	41.820,00	37.638,00	0,00	0,00	30.711,40	2.288,60	6.926,60	30.711,40	28.431,15	2.280,25	2.280,25	0,00
339014 - DIARIAS-CIVIL	7.800,00	7.020,00	7.020,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
339030 - MATERIAL DE CONSUMO	397.222,00	285.505,00	80.950,89	0,00	139.567,83	31.339,49	64.986,28	139.567,83	98.101,73	30.017,41	41.466,10	469,89
339033 - PASSAGENS E DESPESAS COM LOCOMOÇÃO	90.372,00	75.319,00	8.372,59	0,00	50.096,32	28.481,47	16.850,09	50.096,32	47.761,65	2.264,92	2.334,67	0,00
339035 - SERVICOS DE CONSULTORIA	34.344,00	45.910,00	10.633,12	0,00	35.276,88	0,00	0,00	35.276,88	12.640,52	29.783,73	22.636,36	310,42
339036 - OUTROS SERVICOS DE TERCEIROS-PESSOA FISICA	196.593,00	147.444,00	69.440,01	0,00	57.853,47	8.966,29	150,52	57.853,47	35.982,41	7.582,68	21.871,06	0,00
339037 - SERVICOS DE LIMPEZA,VIGIL E OUTROS-PES.JURID	3.382.881,00	3.101.317,00	147.129,28	0,00	2.904.150,84	1.030.574,09	50.036,88	2.904.150,84	2.454.514,17	408.619,75	449.636,67	67.497,39
339039 - OUTROS SERVICOS DE TERCEIROS-PESSOA JURIDICA	4.468.696,00	4.232.925,00	528.855,65	9.800,00	3.379.888,64	528.237,74	324.180,71	3.379.888,64	2.839.297,36	549.756,34	566.365,24	93.034,16
339047 - OBRIGACOES TRIBUTARIAS E CONTRIBUTIVAS	73.114,00	73.114,00	0,00	0,00	50.000,83	9.999,17	23.113,17	50.000,83	43.407,55	7.553,28	6.593,28	0,00
339050 - SERVICOS DE UTILIDADE PUBLICA	1.607.502,00	1.492.716,00	55.209,83	0,00	1.433.058,48	91.389,11	4.447,69	1.433.058,48	1.323.363,21	94.849,02	109.695,27	23.834,16
339088 - DESPESAS C/ TECNOLOGIA E INFORMATICA	413.420,00	332.222,00	58.594,81	0,00	273.277,19	10.742,07	350,00	273.277,19	222.795,83	0,00	50.481,36	0,00
4 - DESPESAS DE CAPITAL	10,00	285.722,00	1.883,45	0,00	151.048,75	9.900,45	132.789,80	151.048,75	118.598,55	519.476,53	32.450,20	0,00
44 - INVESTIMENTOS	10,00	285.722,00	1.883,45	0,00	151.048,75	9.900,45	132.789,80	151.048,75	118.598,55	519.476,53	32.450,20	0,00
4490 - APLICACOES DIRETAS	10,00	285.722,00	1.883,45	0,00	151.048,75	9.900,45	132.789,80	151.048,75	118.598,55	519.476,53	32.450,20	0,00
449052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	10,00	285.722,00	1.883,45	0,00	151.048,75	9.900,45	132.789,80	151.048,75	118.598,55	519.476,53	32.450,20	0,00
Total Geral	18.375.191,00	17.628.269,00	988.089,63	9.800,00	15.715.272,83	2.080.802,11	924.906,54	15.715.272,83	14.089.976,64	2.043.280,55	1.651.070,15	185.146,02

2 - Posição por Programa de Trabalho - Elemento

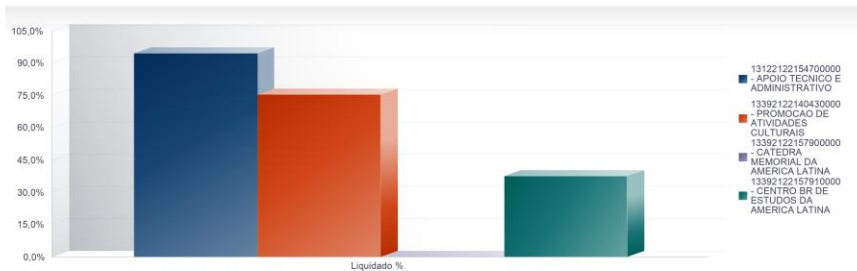
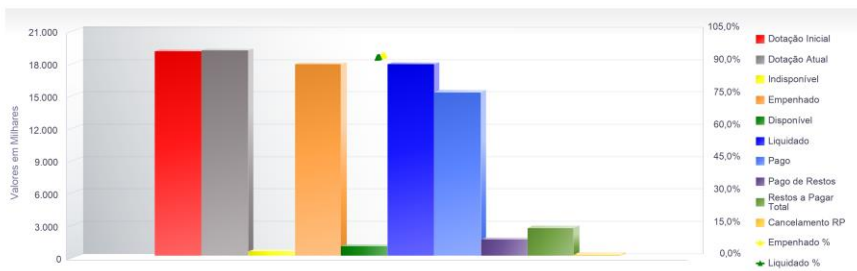
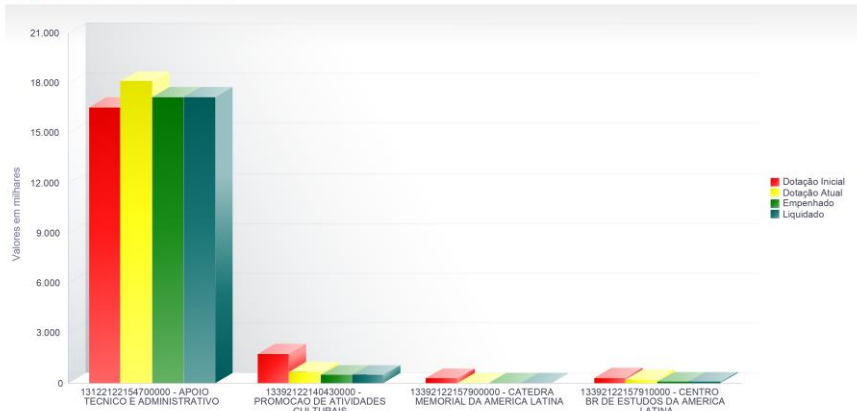


Data Atualização: 04/01/2023

Programa	Programa de Trabalho	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Empenhado	Empenhado %	Disponível	Liquidado	Liquidado %	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
1221 - INTEGRAÇÃO DAS CULTURAS LATINO-AMERICANAS	13122122154700000 - APOIO TECNICO E ADMINISTRATIVO	17.114.933,00	16.519.530,00	825.932,25	14.921.553,10	90,3%	772.044,65	14.921.553,10	90,3%	13.312.540,31	1.907.110,99	1.634.786,75	159.362,21
	13392122140430000 - PROMOÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS	1.043.315,00	938.987,00	74.691,72	755.633,39	80,5%	106.661,89	755.633,39	80,5%	754.593,39	84.444,09	1.040,00	6.774,69
	13392122157900000 - CATEDRA MEMORIAL DA AMERICA LATINA	7.710,00	7.456,00	7.456,00	0,00	0,0%	0,00	0,00	0,0%	0,00	0,00	0,00	0,00
	13392122157910000 - CENTRO BR DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA	209.233,00	162.296,00	80.009,66	38.086,34	23,5%	44.200,00	38.086,34	23,5%	22.842,94	51.725,47	15.243,40	19.009,12
	Total Geral	18.375.191,00	17.628.269,00	988.089,63	16.715.272,83	89,1%	924.906,54	16.715.272,83	89,1%	14.089.976,64	2.043.280,55	1.651.070,15	185.146,02

	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Reserva	Empenhado	Anulado	Disponível	Liquidado	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
TERCEIROS-PESSOA JURIDICA												
449051 - OBRAS E INSTALACOES	0,00	1.123.463,00	1.493,92	0,00	1.121.969,08	0,00	0,00	1.121.969,08	221.028,72	0,00	900.940,36	0,00
449052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	10,00	314.411,00	8,95	0,00	200.457,94	7.780,00	113.944,11	200.457,94	37.321,10	32.450,20	163.136,84	0,00
Total Geral	18.912.577,00	19.040.243,00	393.639,61	0,00	17.755.892,29	1.691.666,48	890.711,10	17.755.892,29	15.156.064,07	1.517.846,98	2.599.828,22	133.223,17

2 - Posição por Programa de Trabalho - Elemento

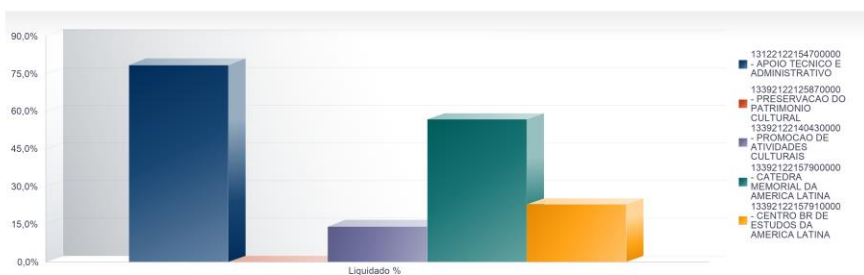
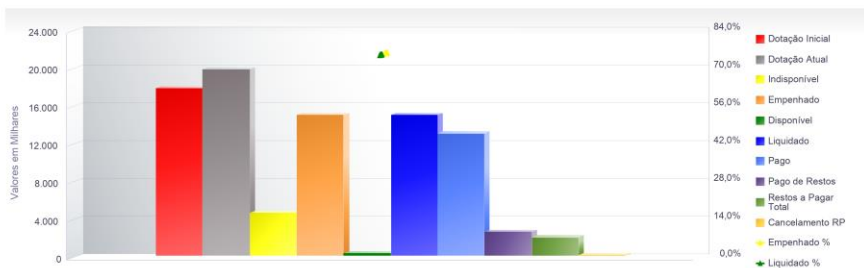
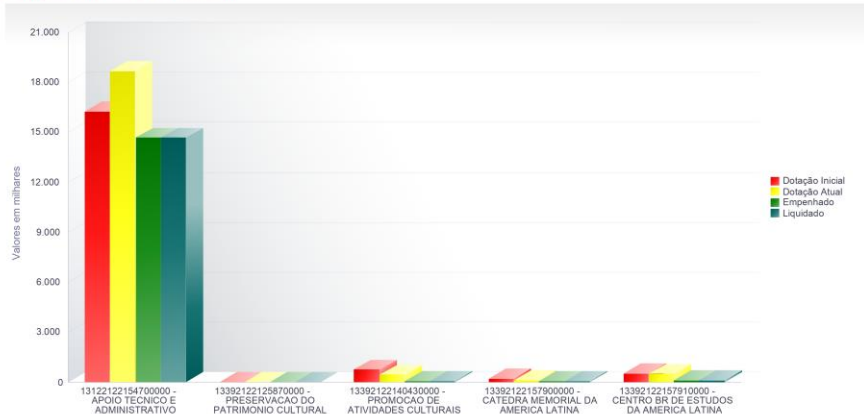


Data Atualização: 04/01/2023

Programa	Programa de Trabalho	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Empenhado	Empenhado %	Disponível	Liquidado	Liquidado %	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
1221 - INTEGRACAO DAS CULTURAS LATINO-AMERICANAS	13122122154700000 - APOIO TECNICO E ADMINISTRATIVO	16.542.401,00	18.123.882,00	175.643,96	17.158.949,21	94,7%	789.288,83	17.158.949,21	94,7%	14.612.183,31	1.502.003,58	2.546.765,90	132.783,17
	13392122140430000 - PROMOÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS	1.757.797,00	674.844,00	144.339,43	509.832,30	75,5%	20.672,27	509.832,30	75,5%	480.051,94	600,00	29.780,36	440,00
	13392122157900000 - CATEDRA MEMORIAL DA AMERICA LATINA	303.350,00	9.055,00	9.055,00	0,00	0,0%	0,00	0,00	0,0%	0,00	0,00	0,00	0,00
	13392122157910000 - CENTRO BR DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA	309.029,00	232.462,00	64.601,22	87.110,78	37,5%	80.750,00	87.110,78	37,5%	63.828,82	15.243,40	23.281,96	0,00
	Total Geral	18.912.577,00	19.040.243,00	393.639,61	17.765.892,29	93,3%	890.711,10	17.765.892,29	93,3%	15.156.064,07	1.517.846,98	2.599.828,22	133.223,17

	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Reserva	Empenhado	Anulado	Disponível	Liquidado	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
449051 - OBRAS E INSTALACOES	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	900.940,36	0,00	0,00
449052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	0,00	10.000,00	2.120,00	0,00	7.880,00	0,00	0,00	7.880,00	0,00	163.136,84	7.880,00	0,00
Total Geral	17.750.301,00	19.725.301,00	4.551.827,07	4.940,00	14.911.855,62	6.014.808,19	261.618,31	14.911.855,62	12.956.479,44	2.527.198,60	1.955.376,18	72.629,62

2 - Posição por Programa de Trabalho - Elemento

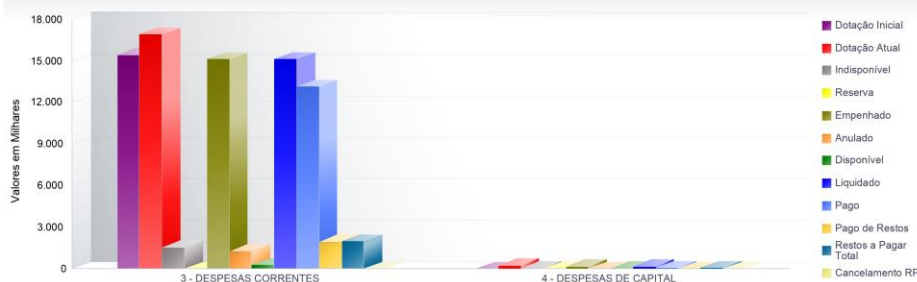


Data Atualização: 04/01/2023

Programa	Programa de Trabalho	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Empenhado	Empenhado %	Disponível	Liquidado	Liquidado %	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
1221 - INTEGRACAO DAS CULTURAS LATINO-AMERICANAS	13122122154700000 - APOIO TECNICO E ADMINISTRATIVO	16.250,155,00	18.680,090,00	3.787,118,27	14.677,506,43	78,6%	215,485,30	14.677,506,43	78,6%	12.836,585,67	2.474,416,84	1.840,920,76	72,349,06
	13392122125870000 - PRESERVACAO DO PATRIMONIO CULTURAL	10,00	10,00	10,00	0,00	0,0%	0,00	0,00	0,0%	0,00	0,00	0,00	0,00
	13392122140430000 - PROMOCAO DE ATIVIDADES CULTURAIS	760,545,00	452,555,00	352,734,85	64,620,85	14,3%	35,199,30	64,620,85	14,3%	36,269,20	29,530,38	28,351,65	249,98
	13392122157900000 - CATEDRA MEMORIAL DA AMERICA LATINA	203,391,00	99,327,00	42,927,00	56,400,00	56,8%	0,00	56,400,00	56,8%	36,160,00	0,00	20,240,00	0,00
	13392122157910000 - CENTRO BR DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA	536,200,00	493,319,00	369,036,95	113,328,34	23,0%	10,953,71	113,328,34	23,0%	47,464,57	23,251,38	65,863,77	30,58
Total Geral		17.760,301,00	19.725,301,00	4.551,827,07	14.911,855,62	75,6%	261,618,31	14.911,855,62	75,6%	12.956,479,44	2.527,198,60	1.955,376,18	72.629,62

ANEXO P – Execução orçamentária 2021

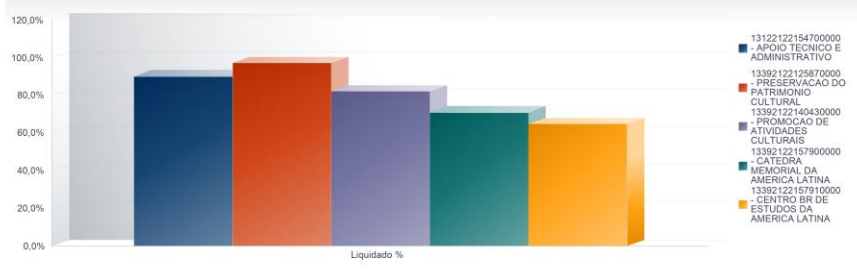
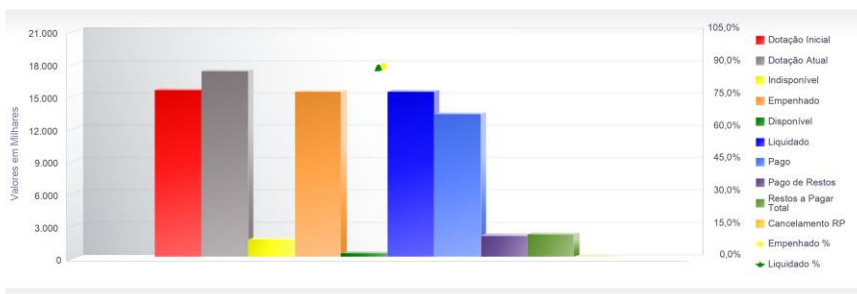
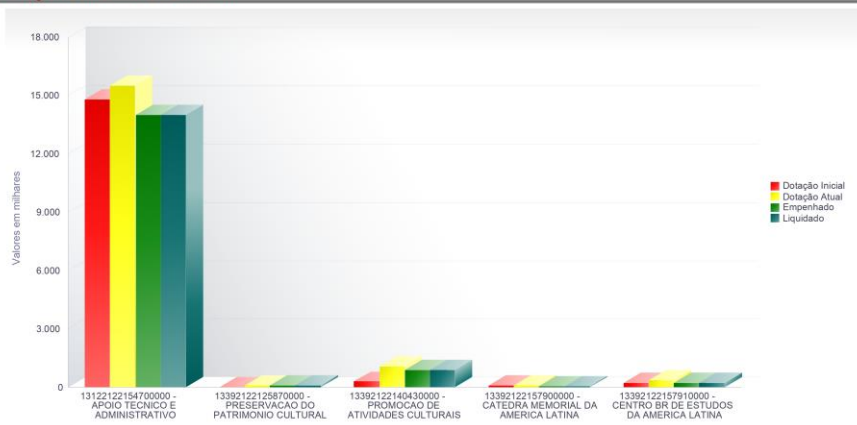
4 - Posição da Execução Orçamentária (Consolidada)



Data Atualização: 22/12/2022

	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Reserva	Empenhado	Anulado	Disponível	Liquidado	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
3 - DESPESAS CORRENTES	15.434.164,00	16.926.064,00	1.532.911,01	0,00	15.127.203,10	1.252.741,44	265.949,89	15.127.203,10	13.136.029,16	1.940.561,38	1.991.173,94	6.934,80
31 - PESSOAL E ENCARGOS SOCIAIS	7.411.589,00	7.411.589,00	0,00	0,00	7.321.884,24	72.344,93	89.704,76	7.321.884,24	6.832.889,68	524.862,87	488.994,56	0,57
3190 - APLICACOES DIRETAS	7.411.589,00	7.411.589,00	0,00	0,00	7.321.884,24	72.344,93	89.704,76	7.321.884,24	6.832.889,68	524.862,87	488.994,56	0,57
319007 - CONTRIBUICAO ENTIDADES FECHADAS PREVIDENCIA	28.239,00	28.239,00	0,00	0,00	25.617,54	2.621,46	2.621,46	25.617,54	23.646,96	2.120,20	1.970,58	0,00
319011 - VENCIMENTOS E VANTAGENS FIXAS-PESSOAL CIVIL	5.581.197,00	5.616.197,00	0,00	0,00	5.564.748,54	50.773,02	51.448,46	5.564.748,54	5.234.884,45	366.880,92	329.864,09	0,00
319013 - OBRIGACOES PATRONAIS	1.618.271,00	1.618.271,00	0,00	0,00	1.593.786,39	18.949,85	24.484,61	1.593.786,39	1.455.106,63	138.101,51	138.679,76	0,00
319094 - INDENIZACOES E RESTITUICOES TRABALHISTAS	69.408,00	30.408,00	0,00	0,00	19.257,77	0,00	11.150,23	19.257,77	19.257,77	0,00	0,00	0,00
319096 - RESSARC. DESP. PESS. REQUISITADO	114.474,00	118.474,00	0,00	0,00	118.474,00	0,00	0,00	118.474,00	99.993,87	17.760,24	18.480,13	0,57
33 - OUTRAS DESPESAS CORRENTES	8.022.575,00	9.514.475,00	1.532.911,01	0,00	7.805.318,86	1.180.396,51	176.245,13	7.805.318,86	6.303.139,48	1.415.698,51	1.502.179,38	6.934,23
3390 - APLICACOES DIRETAS	8.022.575,00	9.514.475,00	1.532.911,01	0,00	7.805.318,86	1.180.396,51	176.245,13	7.805.318,86	6.303.139,48	1.415.698,51	1.502.179,38	6.934,23
339008 - OUTROS BENEFICIOS ASSISTENCIAIS	23.000,00	4.549,00	0,00	0,00	4.548,48	8.677,78	0,52	4.548,48	4.092,42	906,06	456,06	0,00
339014 - DIARIAS-CIVIL	19.000,00	6.000,00	6.000,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
339030 - MATERIAL DE CONSUMO	243.800,00	322.659,00	43.824,14	0,00	267.563,14	24.383,98	11.271,72	267.563,14	103.250,10	94.823,41	164.313,04	0,00
339033 - PASSAGENS E DESPESAS COM LOCOMOCAO	56.320,00	36.056,00	2.798,88	0,00	30.491,14	2.766,19	2.766,18	30.491,14	25.600,32	2.421,29	4.890,82	0,00
339035 - SERVICOS DE CONSULTORIA	10.200,00	10.200,00	0,00	0,00	10.200,00	0,00	0,00	10.200,00	7.650,00	2.550,00	2.550,00	0,00
339036 - OUTROS SERVICOS DE TERCEIROS-PESSOA FISICA	248.000,00	316.062,00	116.000,90	0,00	190.588,53	15.685,88	9.472,57	190.588,53	132.069,50	20.797,22	58.519,03	0,00
339037 - SERVICOS DE LIMPEZA,VIGIL E OUTROS-PES.JURID	2.281.000,00	2.828.142,00	595.063,97	0,00	2.222.288,59	537.117,01	10.789,44	2.222.288,59	1.994.858,80	189.316,27	227.429,79	2.020,02
339039 - OUTROS SERVICOS DE TERCEIROS-PESSOA JURIDICA	3.310.539,00	4.530.951,00	757.653,38	0,00	3.676.640,79	313.334,51	96.656,83	3.676.640,79	2.758.584,52	992.033,88	918.076,47	13,75
339040 - SERVICOS DE TI E COMUNICACAO - PJ	335.000,00	294.220,00	11.569,33	0,00	260.026,12	40.400,91	22.624,55	260.026,12	227.897,46	50.548,81	32.128,66	4.900,46
339047 - OBRIGACOES TRIBUTARIAS E CONTRIBUTIVAS	74.116,00	74.116,00	0,00	0,00	55.617,45	9.382,55	18.498,55	55.617,45	47.202,90	8.419,34	8.414,55	0,00
339050 - SERVICOS DE UTILIDADE PUBLICA	1.421.600,00	1.091.520,00	0,61	0,00	1.087.354,62	228.647,70	4.164,77	1.087.354,62	1.001.953,66	53.882,23	85.400,96	0,00
4 - DESPESAS DE CAPITAL	10,00	236.110,00	45.267,20	0,00	161.671,44	4.929,00	29.171,36	161.671,44	81.624,50	7.880,00	80.046,94	0,00
44 - INVESTIMENTOS	10,00	236.110,00	45.267,20	0,00	161.671,44	4.929,00	29.171,36	161.671,44	81.624,50	7.880,00	80.046,94	0,00
4490 - APLICACOES DIRETAS	10,00	236.110,00	45.267,20	0,00	161.671,44	4.929,00	29.171,36	161.671,44	81.624,50	7.880,00	80.046,94	0,00
449052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	10,00	236.110,00	45.267,20	0,00	161.671,44	4.929,00	29.171,36	161.671,44	81.624,50	7.880,00	80.046,94	0,00
Total Geral	15.434.174,00	17.162.174,00	1.578.178,21	0,00	15.288.874,54	1.257.670,44	295.121,25	15.288.874,54	13.217.653,66	1.948.441,38	2.071.220,88	6.934,80

2 - Posição por Programa de Trabalho - Elemento

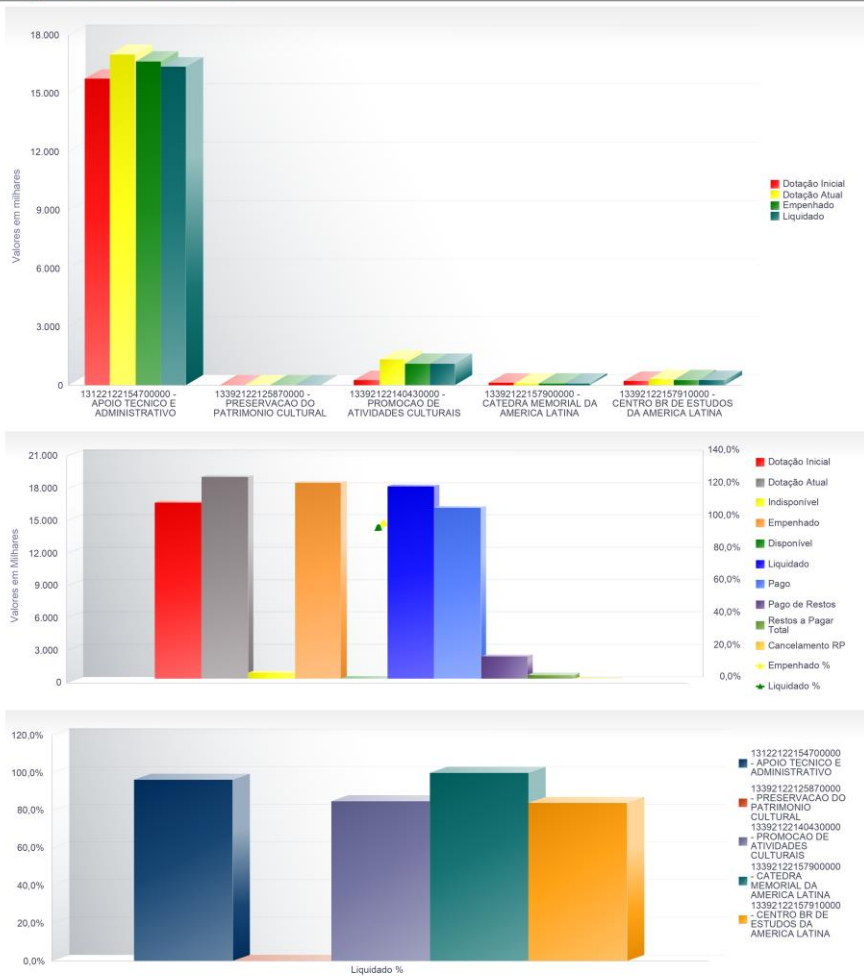


Data Atualização: 04/01/2023

Programa	Programa de Trabalho	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Empenhado	Empenhado %	Disponível	Liquidado	Liquidado %	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
1221 - INTEGRACAO DAS CULTURAS LATINO-AMERICANAS	13122122154700000 - APOIO TECNICO E ADMINISTRATIVO	14.819.386,00	15.530.238,00	1.233.890,80	14.006.871,77	90,2%	289.475,43	14.006.871,77	90,2%	12.141.623,23	1.833.999,71	1.865.248,54	6.921,05
	13392122125870000 - PRESERVACAO DO PATRIMONIO CULTURAL	10,00	90,010,00	2,284,50	87,483,14	97,2%	242,36	87,483,14	97,2%	81,624,50	0,00	5.858,64	0,00
	13392122140430000 - PROMOCAO DE ATIVIDADES CULTURAIS	291,750,00	1.082,926,00	191,628,41	891,297,59	82,3%	0,00	891,297,59	82,3%	837,996,25	28,337,90	53.301,34	13,75
	13392122157900000 - CATEDRA MEMORIAL DA AMERICA LATINA	88,000,00	89,222,00	25,000,30	63,270,56	70,9%	95,114	63,270,56	70,9%	47,789,76	20,240,00	15.480,80	0,00
	13392122157910000 - CENTRO BR DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA	235,028,00	369,778,00	125,374,20	239,951,48	64,9%	4.452,32	239,951,48	64,9%	108,619,92	65,863,77	131.331,58	0,00
	Total Geral	15.434.174,00	17.162.174,00	1.578.178,21	15.288.874,54	89,1%	295.121,25	15.288.874,54	89,1%	13.217.653,66	1.948.441,38	2.071.220,88	6.934,80

	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Reserva	Empenhado	Anulado	Disponível	Liquidado	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
444052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	149.990,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
4490 - APLICACOES DIRETAS	20.000,00	400.000,00	53.138,49	0,00	330.501,51	0,00	16.360,00	150.561,51	7.025,75	80.046,94	0,00	0,00
449052 - EQUIPAMENTOS E MATERIAL PERMANENTE	20.000,00	400.000,00	53.138,49	0,00	330.501,51	0,00	16.360,00	150.561,51	7.025,75	80.046,94	0,00	0,00
Total Geral	16.489.723,00	18.853.698,00	538.354,29	0,00	18.280.231,11	2.710.053,98	35.112,60	16.074.322,92	15.149.350,63	2.048.287,45	777,34	22.156,09

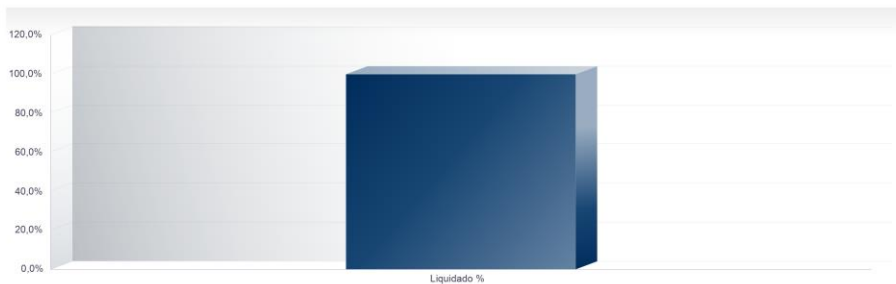
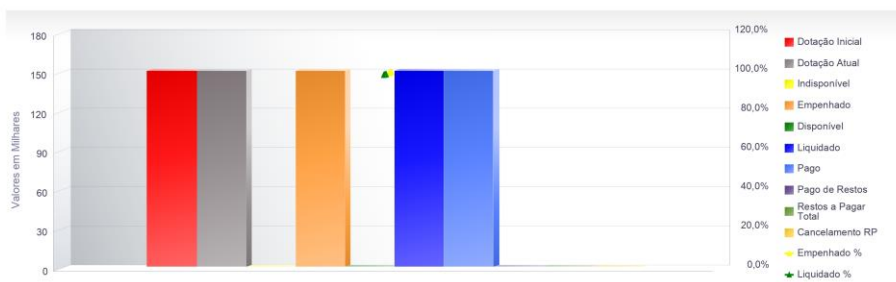
2 - Posição por Programa de Trabalho - Elemento



Data Atualização: 04/01/2023

Programa	Programa de Trabalho	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Empenhado	Empenhado %	Disponível	Liquidado	Liquidado %	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
1221 - INTEGRAÇÃO DAS CULTURAS LATINO-AMERICANAS	13122122154700000 - APOIO TECNICO E ADMINISTRATIVO	15.752.612,00	17.006.587,00	311.343,31	16.660.009,09	98,0%	35.234,60	16.377.937,17	96,3%	14.550.699,98	1.843.257,45	346.937,46	21.991,09
	13392122125870000 - PRESERVAÇÃO DO PATRIMONIO CULTURAL	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0%	0,00	0,00	0,0%	0,00	5.858,64	0,00	0,00
	13392122140430000 - PROMOÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS	258.803,00	1.309.803,00	188.338,09	1.121.464,91	85,6%	0,00	1.111.208,35	84,8%	999.796,54	53.136,34	0,00	165,00
	13392122157900000 - CATEDRA MEMORIAL DA AMERICA LATINA	128.000,00	87.600,00	0,00	87.600,00	100,0%	0,00	87.600,00	100,0%	85.300,00	15.480,80	0,00	0,00
	13392122157910000 - CENTRO BR DE ESTUDOS DA AMERICA LATINA	202.308,00	299.708,00	38.672,89	261.035,11	87,1%	0,00	251.562,29	83,9%	201.759,08	131.331,56	2.506,49	0,00
	Total Geral	16.339.723,00	18.703.698,00	538.354,29	18.130.109,11	96,9%	35.234,60	17.828.307,81	95,3%	15.837.555,60	2.049.064,79	349.443,95	22.156,09

2 - Posição por Programa de Trabalho - Elemento



Data Atualização: 04/01/2023

Programa	Programa de Trabalho	Dotação Inicial	Dotação Atual	Indisponível	Empenhado	Empenhado %	Disponível	Liquidado	Liquidado %	Pago	Pago de Restos	Restos a Pagar Total	Cancelamento RP
2090 - DESENVOLVIMENTO DE ACOES DECORRENTES DE EMENDAS PARLAMENTARES	04127299022720000 - ACOES DECORRENTES DE EMENDAS, EXCETO SAUDE	150.000,00	150.000,00	0,00	150.000,00	100,0%	0,00	150.000,00	100,0%	150.000,00	0,00	0,00	0,00
Total Geral		150.000,00	150.000,00	0,00	150.000,00	100,0%	0,00	150.000,00	100,0%	150.000,00	0,00	0,00	0,00

Referências bibliográficas

- ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver , uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editor Elefante, 2016
- AFONSO, Almino. *Paixão pela leveza*. Nossa América especial. Memorial da América Latina, 2012.
- _____. *Eu, Darcy e a América Latina*. Nossa América nº 60. Memorial da América Latina, 2022.
- ALBUQUERQUE , José Augusto Guilhon (Org). *O legado de Franco Montoro* . São Paulo: Fundação Memorial da América Latina: IMESP, 2008.
- ALEIXO, José Carlos Brandi. “O Brasil e o Congresso Anfictiônico do Panamá” IN Revista Brasileira de Política Internacional, vol. 43, nº 2, Brasília, jul/dez. 2000. ISBN 0034-73290 on line version ISSN 1983-3121
- APARECIDO, José. Jornal Correio Braziliense - editorial sobre José Aparecido.
https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/opinia o/2019/12/11/internas_opini ao,813141/artigo-obrigado-jose-aparecido.shtml.
- AYERBE, Luís Fernando. *Integração Latino-Americana e Caribenha*. São Paulo: Memorial e Imprensa Oficial, 2007.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BHABHA, Homi K. *O lugar da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BISILLIAT, Maureen. Pavilhão da Criatividade Darcy Ribeiro 25 anos/Memorial. Documentário em DVD. Direção: Maureen Bisilliat.
- BOLÍVAR, Simón. *Escritos políticos*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel Difusão Editorial Ltda. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A.,1989
- BRAGA, Márcio Bobik. *Integração e desenvolvimento na América Latina: a contribuição de Raul Prebisch e da Cepal*. São Paulo: Annablume, 2012.
- BRAGA, Márcio Bobik; Figueiredo, de Brites; GANAN, Alexandre. "Simón Bolívar e o Congresso do Panamá: O primeiro integracionismo latino-americano" Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, Rio de Janeiro, v. 9 n.02, p.308-329, 2017. Disponível em
 < <http://www.revistapassagens.uff.br/index.php/Passagens/article/view/141/147> > Acesso em 18.09.2021
- BRUIT, Héctor H. “A invenção da América Latina” . Anais Eletrônicos do V

Encontro da ANPHLAC, Belo Horizonte, 2000. Disponível em:
< http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/hector_bruit.pdf > Acesso em 18.09.2021

CABRAL, Fernando Frank. *A beleza na síntese – Auditório Simón Bolívar*. Nossa América especial, Memorial da América Latina, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Os brasileiros e a nossa América*. Ensaio. Coleção Memo (livro de bolso). São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2000.

CHIAMPI, Irleamar. **A emergência da integração**. Nossa América/Nuestra América n°1, março e abril de 1989.

CRESPO, Regina. "Antonio Candido e a 'nossa América': literatura, história e política" IN SERNA, Jorge Ruedas de la. *Antonio Candido*. Campinas: Unicamp/Memorial da América Latina (2003): 93-114.

DE LA REZA, Germán. “¿Francia fue invitada al Congreso Anfictiónico de Panamá de 1826? Evidencias en el margen de una controversia internacional” IN *Historia Crítica* n.º 72, 2019, p. 27-44.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.

DESCARTES, René. *Regras para a direção do espírito*. Lisboa: Edições 70, 1985 (link para a versão em pdf usada no capítulo 3:
<https://projctophronesis.files.wordpress.com/2010/03/descartes-regras-para-a-direcao-do-espírito.pdf>

DUBÉ, Séastien e THIERS, Consuelo. “Social Group Dynamics and Patterns of Latin American Integration Processes” IN *Revista de Estudos Sociais*, abril de 2017, n° 60, p 25 – 35.

EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez Editora e Editora Autores Associados, 1986.

FERNANDES, Florestan. Entrevista à Mariza Peirano.
http://www.marizapeirano.com.br/entrevistas/florestan_fernandes.pdf .

FISCHER, Lígia Catarina, BARBOSA, Ana Beatriz, ORNSTEIN, Sheila Walbe. *Espaço Urbano e as atividades de comércio e serviços varejistas*. III Colóquio (Inter) Nacional sobre o comércio e a cidade: uma relação de origem. Disponível em:
http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/3_cincci/048-ligia-fischer.pdf

FONSECA, Maria Augusta. SCHWARZ, Roberto (orgs). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

FREITAG, Bárbara. *Itinerários de Antígona: a questão da moralidade*. Campinas: Editora Papirus, 1992.

FUENTES, Carlos. *O Espelho Enterrado. Reflexões sobre a Espanha e o Novo*

Mundo. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *Máximas e Divagações*. Nossa América nº 52, Memorial da América Latina, 2015.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.

GOMES, Sérgio. *Prisão, tortura e morte. Relatos dos companheiros de Vlado na prisão por Sérgio Gomes*. <https://vladimirherzog.org/prisao-tortura-e-morte-relatos-dos-companheiros-de-vlado-na-prisao-por-sergio-gomes/>

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Editora, 1989.

HAMBURGER, Amélia Império. *A Praça*. Revista Estudos Avançados, agosto de 2003, volume 17, nº 48, p. 338 - 343.

HANSEN, João Adolfo. *O que é um livro?* Cotia: Ateliê Editorial, SP: Edições Sesc. Coleção Bibliofilia, v. 1, 2019.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais*. Tese de livre-docência do autor. Tradução: Luiz Repa. Editora 34. 1992. Capítulo 1, p. 29.

IPARRAGUIRRE, Sylvia. *A Terra do Fogo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

KOHLBERG, Lawrence. *De lo que es al o que deve ser: cómo cometer la falacia naturalista e vencerla en los estudios del desarrollo moral*. Buenos Aires: Prometeo Livros, 2009.

LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LELÉ, João Filgueiras Lima. *Beijódromo: o Memorial Darcy Ribeiro*. Organização Fundação Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Fundar, DF: UnB, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude & ERIBON, Didier. *De perto e de longe*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

LIMA, Antonio Carlos Souza. *Um grande cerco pela paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, volume 1, Brasília, DF. Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/livro_vermelho_2018_vol1.pdf

MARREIRO, Flávia. “Cholitas” se atualizam para nova cruzada histórica. Folha de S. Paulo, 19 de outubro de 2008.

MARTÍ, José. “Nossa América”, IN *Nossa América. Antologia*. Tradução Maria Angélica de Almeida Trajber. São Paulo: HUCITEC, 1983.

MARTINS, Luiz Renato. *O Novo mundo - a ideia da renascença*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2003

MENDES DA ROCHA, Paulo. Entrevista a Eduardo Rascov, gravada em vídeo em 9.11.2012.

Módulo. Revista, edição especial nº 100, Rio de Janeiro, 1989.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. O Novo Mundo em Darcy Ribeiro e Lélia Gonzalez: as dores do parto. *Nossa América* nº 60, Memorial da América Latina, 2022.

MONTORO, Franco. *O primeiro estatuto numa bandeja de pizza*. PUC -SP, Jornal Porandubas, edição de agosto de 1979, p 4. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/comunidade-academica/breve-historia-da-puc/entrevista-montoro.pdf>

MONTORO, André Franco. *Perspectivas de integração da América Latina*. São Paulo: O Dia, 1993.

MONTORO, André Franco. *80 anos dedicados à integração da América Latina*. Coleção Memo: Ensaio/Ficção. São Paulo: Memorial da América Latina, 2002.

MORIN, Edgar. *O Problema Epistemológico da Complexidade*. Men Martins: Publicações Europa-América, 2002.

MOTTA, Pedro Mourão Roxo da; BARROS, Nelson Filice de. **Cafajeste. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 6, p. 1339-1340, junho de 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311XRE020615>

NEPOMUCENO, Eric. *Ser como somos*. *Nossa América*, nº 52, Memorial da América Latina, 2015.

_____. “Crônica de um nascimento”. *Memorial da América Latina*. São Paulo: Memorial, 1990.

NIEMEYER, Oscar. *Meu sócia e eu*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992.

_____, *Integração das Artes - Memorial da América Latina*. São Paulo: Memorial da América Latina, 1990

_____, Oscar. *Oscar Niemeyer e Memorial da América Latina - Ideia e a Obra*. Entrevista em vídeo concedida ao Memorial em 27mar.2007

Niemeyer, Cataguases e o Modernismo. http://colcataguases.blogspot.com/p/blog-page_20.html

NORA, Pierre. *Entre Memória e História*. “A problemática dos lugares” IN: Les lieux de mémoire I. La République. Paris: Gallimard, 1984, pág. 18 - 42, tradução de Yara Aun Khoury, publicada no Projeto História. Revista digital do Programa de Estudos Pós Graduados de História, PUC-SP. Acesso 03.02.2020
<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>

POZZI, Pablo et al. *Haciendo Historia. Herramientas para la investigación histórica*. Buenos Aires: Clacso, 2021.

QUEIROZ, Rodrigo. *Memorial da América Latina*. **Revista Nossa América**, edição especial de 2012 dedicada a Oscar Niemeyer, p. 106 e 107.

QUÉRCIA, Orestes. Gravação em vídeo da visita ao Memorial em 07.06.2006. DVD 1 e 2. _____ . Acervo Quércia (anterior a 1989): Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer, Bete Mendes, DVD

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RASCOV, Eduardo et al. *Línguas Ameríndias - ontem, hoje e amanhã*. São Paulo: Memorial da América Latina, 2020

_____. *O legado da ditadura militar em pele viva*. **Nossa América Hoy** nº 4. São Paulo: Memorial, 2014. p 38-40.

_____. *O último comunista inglês: Diário de Viagem. Objetivo: entrevistar Oscar Niemeyer*. Texto publicado originalmente na revista Brasileiros, publicação que existiu de 2007 a 2017. Disponível em:
<https://eduardorascov.blogspot.com/2011/07/o-ultimo-comunista-ingles-diario-de.html>
Acesso em: 23.12.2022.

REBOLLO, Lisbeth & PROENÇA, Marilene et al. *Miradas sobre a América Latina – Primeiro ciclo sobre Educação e Cultura*. São Paulo: Memorial, 2020. Pode ser baixado em <https://memorial.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Miradas-Sobre-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf>.

RIBEIRO, Darcy. Fundação Darcy Ribeiro (Fundar). Acervo de cartas, fotos e documentos

_____. *As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. *O processo civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural, estudos de antropologia da civilização*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

_____. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

_____. *América Latina Nação*. São Paulo: Cadernos do Parlatino nº 13, Parlamento Latino-Americano, 1998.

_____. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.

_____. *Meus índios, minha gente*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *A volta por cima*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *Vida, minha vida*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *O Brasil com problema*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *Falando dos índios*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *Golpe e exílio*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *Lembrando de mim*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *Jango e eu*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *Revivendo o que vivi*. Brasília: Editora UnB, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

_____. *Maíra*. São Paulo: Editora Global, 2014.

_____. *O Brasil com problema*. São Paulo: Editora Global, 2015.

_____. *América Latina: a Pátria Grande*. São Paulo: Editora Global, 2017.

_____. *Diários índios - os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Editora Global, 2020.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen*. Buenos Aires : Tinta Limón, 2015

ROMERO, José Luis. *América Latina: As cidades e as ideias*. RJ: Editora UFRJ, 2004.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura Sousa. *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez Editora, 2006

_____ *Um Discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SARMIENTO, Domingos Faustino. *Facundo o civilización y barbarie*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1993.

_____, *Recuerdos de Provincia*. Buenos Aires: Editorial Sopena, 1938.

SELIGSON, Mitchell. “Apoio popular à integração econômica regional na América” IN revista Opinião Pública, Campinas, outubro de 2000, vol. 6 n°. 2.

SHOZO, Motoyama e YAMIN, Rafael. *Memorial da América Latina, 21 anos*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Darcy Ribeiro - A Razão Iracunda*. Florianópolis: Editora Ufsc, 2015

VESPUCCI, Amerigo. *Cartas de viagem*. Madri: Alianza Editorial, 1986.

VIGEVANI, Tullo, BUENO, Clodoaldo e RAMANZINI, Haroldo. “Uma Perspectiva de Longo Período sobre a Integração Latino-americana vista pelo Brasil” IN Revista Contexto Internacional, vol.36, julho/dez 2014, p.549-583.

ZAVALETA MERCADO, René. *El poder dual en América Latina. Estudio de los casos de Bolivia y Chile*. México: Siglo Veintiuno. 1974.

Publicações e produções audiovisuais do Memorial da América Latina consultadas:

Memorial da América Latina. Vários autores. São Paulo: Memorial, 1990.

Memorial da América Latina.org.br. Site do Memorial.

Memorial em ação. Vídeo institucional de 2005.

Memorial da América Latina. Vídeo institucional de 2007.

Memorial da América Latina e Oscar Niemeyer. Ideia e a Obra. Vídeo de 27 mar.2007

Memorial da América Latina. DVD com a gravação do seminário *Utopia e Identidade Cultural. A América Latina na Obra de Darcy Ribeiro*. 9 dez 2009

Memorial da América Latina 20 anos. Vídeo institucional. Roteiro: Eduardo Rascov.

Nossa América/ Nuestra América. Revista de publicação regular da Fundação Memorial da América Latina, de 1989 a 2022 (a periodicidade varia).

Projeto de Lei nº 293/2001 propondo mudar o nome do Memorial para “Fundação Franco Montoro – Memorial da América Latina”. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=105081>